



"Ele é o segredo  
favorito dela.  
E ela é a sua  
mentira mais doce."

SÉRIE SAINT VINCENT LIVRO 5

# LIES OF HEARTS

u m r o m a n c e n e w a d u l t d e  
ANNIE BELMONT

# DADOS DE ODINRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

## Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e***

***poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir  
a um novo nível."***

**eLivros**.love

Converted by [convertEPub](#)

SÉRIE SAINT VINCENT LIVRO 5

# LIES OF HEARTS

*um romance new adult de*

ANNIE BELMONT

# LIES OF HEARTS

## SÉRIE SAINT VINCENT 5

**COPYRIGHT © 2024 ANNIE BELMONT**

*Todos os direitos reservados*

Esta obra foi revisada conforme o *Novo Acordo Ortográfico*.

Estão proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte desta obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o devido consentimento. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela **lei nº 9.610/98** e punido pelo **artigo 184 do Código Penal**.

Esta obra literária é uma ficção. Qualquer nome, lugar, personagens e situações são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

**Capa:** Larissa Chagas (@lchagasdesign)

**Diagramação:** L. Júpiter

**Revisão:** Camille Gomes, Karen Valentino e Isa Relmo.

**Leitura Sensível:** Isamara Gomes

**Leitura Crítica:** Duda Rodrigues (@dudalendoporai)

**Leitura Beta:** Ana Laura Maniá, Duda Modesto, Eduarda Silva Francisco, Isabella Martins, Karolyne Gonçalves, Larissa Lago, Maria E. Klazer, Marina Maria, Tatiane Brandão, Tan Wenjun, Thais Souza.

**Ilustrações do Casal:** Rhoops (@rhoops.art) e Mare (@wantsgmarie)

Lies of Hearts

[Recurso Digital] / Annie Belmont — 1ª Edição; 2024

+1. Romance Contemporâneo 2. Literatura Brasileira 3. New Adult 4. Ficção  
I. Título

# NOTAS DA AUTORA

*Sejam bem-vindos novamente à  
nossa cidade caótica!*

Oi, eu sou a Annie e quero que saiba, de antemão, que será um prazer compartilhar mais uma vez com vocês um pouco do que Saint Vincent significa para mim.

Antes de tudo, quero dizer, que, por ora, essa é a última vez que dou boas-vindas a vocês. Mas saibam que esse não é o fim. Vocês sempre poderão voltar a Saint Vincent e matar a saudade da cidade que virou nossa segunda casa. E, mesmo que esse seja o último livro dessa geração, ainda temos muitas histórias para contar.

Agora, vamos lá.

Eu ainda não acredito que estou escrevendo o último livro da Série Saint Vincent. Pode parecer bobo, mas não estava pronta para eles. Não imaginava que essa cidade, que foi minha válvula de escape por todos esses anos, também seria a de vocês.

Saint Vincent chegou na minha vida quando me mudei de estado e entrei na faculdade. Quando estava perdida em uma nova realidade e não sabia como lidar com tudo ao meu redor. Eu não sabia nada sobre eles, não sabia que se tornariam a minha segunda família.

Eu não esperava todo o amor que eles receberiam desde Broken Hearts.

Não esperava que me encontrasse na escrita. Nem que conhecesse pessoas que hoje são parte da minha família.

Esse mesmo sentimento me acompanhou quando, ainda nos primeiros capítulos de Broken Hearts, conheci Edmund e Melany. Quando a pirralha infratora do *Annieverso* sussurrou para mim que eu não a conhecia e que, quando a conhecesse, entenderia o porquê dela ser daquela forma.

Ela estava certa. Eu não sabia do que ela era capaz.

Não sabia que ela me mostraria que era tão forte como Logan ou tão perspicaz como a Verônica. Mel me ensinou que, se não correremos atrás dos nossos sonhos, ninguém fará isso por nós. Ela lutou para superar tudo aquilo que a machucava, mesmo que no caminho tenha caído incontáveis vezes.

Em contrapartida, eu não estava pronta para Edmund Blackwell. Ele não falou comigo durante quatro livros, não confiou em mim de imediato. Ed me ignorou. Se escondeu atrás das suas dores e disse que estava tudo bem quando claramente sabia que não estava. Mesmo com todos os meus esforços, ele continuou se escondendo.

Contudo, quando eles decidiram que iriam falar, percebi o motivo pelo qual precisavam me conhecer por completo para me confiar a sua história.

Edmund e Melany estão quebrados. Eles foram machucados pelas pessoas que confiavam e amavam. Eles não acreditam no amor e nem mesmo na esperança. Eles são mentirosos e não escondem isso.

Ed não deseja uma plateia, ele só quer ser enxergado por ela.

Melany não quer o amor, ela só deseja continuar dançando.

Eles são completamente opostos.

E só quero provar a eles que ambos merecem o amor que lhes foram negados.

Então, assim como em Broken Hearts, onde mostrei que perdoar a si mesmo é necessário; em War of Hearts, que devemos continuar mesmo quando o mundo nos diga para fazermos ao contrário; em Masked Hearts, que você é suficiente; e, em Ruined Hearts, que há esperança. Em Lies of Hearts, eu quero te provar que todos nós somos merecedores do amor, seja ele romântico ou não.

Que mesmo que alguém tenha nos feito acreditar que o amor não existe ou que sejamos machucados demais para abriremos o coração para uma nova chance, ainda há esperança. Ainda há algo nos esperando. Então não pare de acreditar, não pare de sonhar. O amor não é apenas dor, ele também é bonito. Ele chega quando menos esperamos.

Dito isso, preciso te lembrar que, assim como nós, **todos os personagens deste livro também cometem erros e são imperfeitos.** Eles sofrem, se arrependem e evoluem. Posso dizer, de antemão, que a história de Melany Underwood e Edmund Blackwell também não é uma história feliz, **ela é dolorosa, crua,** te ensina que às vezes estamos machucados demais para perceber o que nos rodeia.

Então, como em todos os meus outros livros, eu peço que, por favor, leia atentamente a nota de gatilhos disponível na próxima página. E, caso não se sinta confortável com algum dos assuntos listados, por favor, **não** prossiga com a leitura. Sua saúde mental SEMPRE será importante para mim e vale mais do que qualquer entretenimento.

E caso esse seja o seu primeiro contato com a série Saint Vincent, preciso frisar que, mesmo que Lies Of Hearts seja um livro independente, **é absolutamente recomendável que se leia os livros anteriores da série**, que também estão disponíveis na Amazon e no Kindle Unlimited.

Sem mais, desejo a cada leitor uma ótima leitura e que esse grupo que se tornou família, a cidade mais caótica do condado e a universidade mais amada do país, conquiste você!

*Com todo o meu amor,  
Annie Belmont.*

# AVISO DE GATILHOS

## por favor, não pule

Lies of Hearts é um livro sobre aprender que podemos encontrar o amor quando menos esperamos. Pois, às vezes, ele sempre esteve lá. O mundo pode fazer com que não acreditem que somos merecedores desse sentimento, mas no fim, ele sempre mostrará que somos, sim, dignos de amar e sermos amados.

Portanto, LOH POSSUI GATILHOS PARA PESSOAS SENSÍVEIS AOS TEMAS:

**Pensamentos e comportamentos ansiosos e depressivos, crise de ansiedade, alcoolismo (apenas com secundários), sangue, depressão (apenas com secundários), psicose (apenas com secundários), negação e fuga da realidade, manipulação; afastamento, abandono e negligência familiar, relacionamento familiar conturbado, menção a suicídio (sem cenas gráficas, apenas relato), luto; linguagem imprópria e cenas de sexo explícito e implícito.**

Deste modo, a leitura não é recomendada para menores de 18 anos. Com isso, gostaria de alertar que, em algum momento, se precisar de ajuda, ligue para o número 188. O CVV (Centro de Valorização da Vida) realiza apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo de forma voluntária todas as pessoas que querem conversar por telefone.

Novamente, reitero que a sua saúde mental SEMPRE será importante para mim e que vale mais do que qualquer entretenimento. Então, caso você seja

sensível a qualquer um desses assuntos, tenha cuidado e, se necessário, não prossiga com a leitura.

*Se cuide,  
Annie Belmont.*

# PLAYLIST

Ouçã a Playlist de [Lies Of Hearts](#)  
no Spotify.



Para você que fez de Saint Vincent a sua casa.  
Que sempre sentiu que faltava algo.  
Que descobriu que família não é apenas de sangue.  
Que se olhou no espelho e não se reconheceu.  
Que achou que não era digno e continuou, mesmo não  
tendo forças.

*Esse livro, em especial, é para você que me acompanhou  
desde Broken Hearts e que teve seu coração quebrado,  
enfrentou uma guerra, mascarou suas emoções e se  
arruinou.*

E para Annie de 2020, que criou uma cidade sem  
propósito algum.  
Nós conseguimos!  
Saint Vincent é real.

*Ao fim de uma era.  
Obrigada.*

*A que nível de destruição eu estou fadado  
Ao acreditar que ninguém ficaria por mim?*  
**Textos para tocar cicatrizes - Igor Pires**



# PRÓLOGO

*Você sabe que existem várias formas de matar a  
pessoa que você ama*

*A forma mais lenta é nunca amá-la o suficiente  
Você realmente quer saber onde eu estava no dia 29  
de abril?*

*Eu realmente preciso te contar como ele me trouxe de  
volta à vida?*

**High Infidelity | Taylor Swift**

**MELANY UNDERWOOD**

Antes que a minha mãe morresse, ela me disse que a dose que depositamos no amor é o que o difere de se tornar um remédio ou um veneno. Porque ela pode tanto curar quanto matar.

Quando colocamos a dose exata, ela se transforma em remédio. Invade nosso peito, sacia as dores que habitam os lugares obscuros que outras pessoas um dia machucaram e nos cura da solidão.

O amor, quando recebido na dose certa, é o sentimento mais valioso que podemos cultivar.

O problema está quando depositamos uma quantidade insuficiente. Pois, o que deveria se tornar alívio, é o que produz angústia.

É nesse momento que percebemos que ele assume a forma de um veneno. Daqueles que causam uma overdose.

Intoxica cada célula do nosso corpo gradualmente. Nos traz sensações nunca antes desejadas. Até que vira uma bomba-relógio. E sabemos que a cada vez que deixamos injetado em nosso organismo, nós permitimos que nosso corpo adoça.

O amor dos meus pais foi como um veneno.

Eles depositaram poucas doses, tomaram decisões que os destruíram e, no fim, só se transformaram em pessoas adoecidas com três filhos para criar e um lar totalmente disfuncional.

Eles usavam o que restava do matrimônio para se destruírem.

O amor deles me ensinou a nunca desejar esse sentimento.

O amor que eles nutriam era destrutivo.

O amor que eles demonstraram era corrosivo.

E esse mesmo amor destruiu meus irmãos.

*Me destruiu.*

O amor pode ser um veneno.

E é por isso que me recuso a viver o mesmo ciclo que todos eles.

Porque descobri que a ausência desse sentimento pode ser o antídoto que eles não encontraram quando precisaram.

# PREFÁCIO O CASAMENTO

*Porque todos os meus inimigos eram amigos no  
começo*

*Me ajude a me apegar a você*

*Eu fui a arqueira*

*Eu fui a presa*

*Quem poderia me deixar, querido?*

*Mas quem poderia ficar?*

**The Archer | Taylor Swift**

*Melany Underwood*

## **TRÊS ANOS ANTES**

Odiar Edmund Blackwell é fácil.

Irritá-lo é mais fácil ainda.

Não que eu tente isso a todo instante, é apenas natural.

Eu respiro, logo Edmund me odeia.

Eu deveria já ter me acostumado com isso, afinal, nossa aversão sempre esteve escancarada para todos, nem mesmo o namoro de Verônica e Logan melhorou a nossa relação. Contudo, todas as vezes que estamos nessas brigas idiotas, eu me sinto como se tivesse dezesseis anos novamente e estivesse prestes a cometer outro deslize.

O caçula dos Blackwell me faz sentir como uma imprudente.

Ele tira de mim as piores reações e quando isso acontece, nós sempre despejamos as nossas merdas um no outro.

Agora, enquanto caminho pelo salão do casamento de Dylan e Hazel, desejando ir para casa, sei que isso está prestes a acontecer novamente, porque *Andrew maldito* Wright decidiu que seria uma boa ideia sair mais cedo da festa para um encontro que nós dois sabemos que dará errado e me deixou à mercê do meu irmão.

De relance, observo Hazel descer as escadas ao lado da sua sogra e posso dizer que ela é a noiva mais linda que já vi. Os olhos castanhos estão radiantes e todas as vezes que encaro Dylan e ela juntos, uma parte de mim realmente acredita que ainda existe amor para algumas pessoas.

Hazel é luz, mesmo que não perceba mais isso, ela faz bem para todos ao seu redor. Faz até mesmo o mais fechado dos irmãos Blackwell sorrir, o que é algo que me surpreende, já que Dylan prefere uma planta a ter que socializar com qualquer ser humano.

Reviro meus olhos, arrastando o vestido azul até o bar e me inclino sobre o balcão com um sorriso malicioso para o garçom.

— Você pode me dar uma garrafa de champanhe? —  
Pisco para ele.

— Uma garrafa? — Ele ergue uma sobrancelha.

— Exatamente. — Meu sorriso aumenta. — Os noivos querem fazer uma surpresa.

Ele me encara desconfiado, mas agradeço aos céus por estar usando esse vestido de madrinha, o que faz quase todos me darem o que desejo. O homem se vira, pegando a garrafa fechada de *Dom Pérignon*, entretanto, antes que possa me entregar, um braço se estende pelo meu ombro e tudo em mim enrijece.

— Pode guardar a garrafa, Jeff. — A voz rouca de Edmund me faz respirar fundo. — A pequena infratora

aqui e eu estamos indo embora.

Me viro para ele, arrependendo-me no instante seguinte, porque a sua presença é algo que consome todo o ar dos meus pulmões, é algo que não aprecio. Meu rosto se ergue e sou recebida pelo seu olhar intenso.

É como um poço sem fundo.

Uma caixa de Pandora.

Um lugar que eu me perderia se fosse idiota o suficiente.

Contudo, mesmo que eu fosse desprovida de tamanha inteligência e o desejasse, seria perda de tempo, afinal, o idiota à minha frente já deixou claro que não se interessa por ninguém. Às vezes tenho até a impressão de que Edmund está em um celibato.

Ele nunca esteve em um relacionamento.

Não é visto com ninguém.

Ele é um cofre.

Ninguém sabe da vida do caçula dos Blackwell.

O que é completamente diferente dos outros dois, já que a minha cunhada aparece em mais manchetes do que todos nós juntos e Dylan simplesmente achou que seria uma boa ideia anunciar um noivado em rede nacional sem comunicar a noiva.

O homem à minha frente odeia que invadam a sua privacidade.

Odeia que deduzam qualquer coisa sobre a sua vida.

— Você vai ficar me encarando? — Ele ergue uma sobrelha em deboche.

Balanço minha cabeça de leve, expulsando todos os meus pensamentos.

— Como?

— Você está há muito tempo me encarando. — Sua feição se fecha. — Se não te conhecesse, pensaria que está flertando comigo.

Solto uma gargalhada antes que eu possa me controlar.

— Não sonhe muito, nerd. — Reviro os olhos, ainda mantendo meu sorriso de desdém. — Há dezenas de homens aqui que eu preferiria fazer isso.

— Ah, é mesmo? — Ele inclina a cabeça, curioso. — Você tem certeza disso?

Umedeço meus lábios.

— Quer testar a minha teoria?

*Imprudente.*

*Burra.*

*Idiota.*

Com certeza, esses seriam alguns dos xingamentos que Andrew iria gritar para mim se soubesse que estou, nesse momento, pensando em fazer algo com Edmund *babaca* Blackwell.

— Não, obrigado. — Ele cruza os braços em frente ao corpo. — *Seu* irmão estragaria a festa do *meu* irmão assim que qualquer pessoa tentasse algo com você.

— Então você tem medo do meu irmão, Edmund? — Sorrio maquiavelmente.

— Tenho mais da minha irmã. — Ele ergue uma sobrancelha. — Amo Vee o suficiente para saber que não devo irritá-la.

Balanço a cabeça de leve, arrastando meu olhar até onde Verônica sorri para Logan. Meu irmão a encara de uma forma que nunca aconteceu até ela voltar para Saint Vincent.

Ele se tornou alguém frio com a sua partida. Logan quebrou mais corações que qualquer outra pessoa durante os quatro anos longe de Verônica e depois que se acertaram, prometi que nunca faria algo que pudesse atrapalhar a relação dos dois, nunca me colocaria novamente entre eles, mesmo que o que eu tenha feito no passado tenha valido a pena.

Eu chantagearia Verônica de novo, faria com que me treinasse outra vez, porque sei que se não tivesse feito isso, ela continuaria sendo a megera que destruiu

metade das pessoas que ousaram se colocar no seu caminho.

— Você tem razão. — Dou um passo para o lado. — Eu amo meu irmão o suficiente para não irritá-lo.

Sem esperar por uma resposta, desvio dele, indo em direção à pista de dança para esquecer como o olhar de Edmund me fez ter pensamentos que não deveria. Apenas me mantenho longe até que ele deseje ir embora.

Eu posso fazer isso.

Eu o ignorei por todos esses anos.

Fiz isso com maestria.

O odiei por todo esse tempo.

Será fácil ficar poucos minutos sozinha em um carro com ele.

Contudo, quando Hazel e Dylan finalmente vão embora e Ed me lança um olhar entediado que me indica que quer ir também, me afasto dos convidados e sigo até ele, que nem mesmo me dirige a palavra, apenas se vira e caminha até o estacionamento, me esperando ao lado de uma *Ferrari* que faz meus olhos brilharem.

É o carro que sempre admirei quando visitava a cobertura deles.

É um dos inúmeros conversíveis que sou apaixonada.

Porém, antes que ele diga algo, me sento no banco do carona e espero que acelere pelas ruas movimentadas de Nova Iorque. Ed tira o paletó do *smoking*, enrola as mangas até os cotovelos e finalmente fecha as mãos ao redor do volante.

Engulo em seco quando meu olhar percorre cada veia que salta na sua pele quando aperta o aro e acelera. Não desvio o olhar por minutos e me sinto patética ao perceber que estou observando-o dirigir e imaginando cenários que não terminariam de uma maneira agradável.

Provavelmente envolveria suas mãos deslizando pelo meu corpo enquanto me sento no pouco espaço entre o banco e o volante, e em seguida, ele me fodendo da forma mais crua possível.

Pisco assustada pelo caminho que os meus pensamentos me levaram e percebo que ele desacelera quando chegamos perto de um bar movimentado no Brooklyn. Uma expressão confusa toma conta do meu rosto quando o observo estacionar entre dois carros e me encarar.

— Vamos provar sua teoria — afirma, soltando o cinto de segurança.

— Minha teoria?

— Sim, sobre você ter dezenas de homens que preferiria flertar.

— Você só pode estar de brincadeira comigo.

Edmund se inclina, nivelando nossos rostos e seu cheiro faz com que eu precise respirar fundo em busca de oxigênio.

É um aroma com um traço amadeirado. Algo que parece me deixar viciada. Desejando colocar meu rosto na curva do seu pescoço e sentir mais de perto o cheiro que emana da sua pele. Seus olhos se tornam mais escuros e percebo suas pupilas dilatadas.

É o pecado encarnado.

Algo que me destruirá se eu ceder.

É raiva e desejo.

É a minha destruição.

— Você me desafiou, wildcat. — Ele umedece os lábios e acompanho o gesto. — E eu, definitivamente, não nego um desafio.

Meus olhos se semicerram.

— Então você não nega um desafio quando nossos irmãos não estão por perto? — zombo. — Que maturidade a sua, nerd.

— Diga o que quiser. — Ele dá de ombros. — Mas não me desafie mais, Melany. A reputação do meu sobrenome é a prova viva de que não gostamos de sermos desafiados.

— Não sei se te contaram, Edmund, mas estou pouco me fodendo para você e seu sobrenome. — Dou a ele um sorriso frio. — Achei que tinha deixado claro quando chantageei a sua irmã.

— Esse foi o seu primeiro erro.

— Você costuma contar meus erros?

— Não se dê tanta importância. — Sua voz desce um decibel. — Você era uma pirralha até pouco tempo atrás.

Me inclino em sua direção.

Nossos olhos nunca se desviam.

Posso sentir o seu cheiro misturado a um toque de whiskey.

— Dezenove. — Minha voz é baixa. — Essa é a minha idade. E, definitivamente, não sou mais uma pirralha.

— Ainda uma pirralha — grunhe mais para si.

Tensiono a mandíbula.

— Ok, vamos provar a minha teoria.

Me afasto dele, abrindo a porta do carro e saindo em direção ao bar. No caminho, posso perceber que algumas pessoas olham para nós dois com expectativa. Edmund ignora qualquer olhar e eu apenas sorrio para os homens que encaram o decote do meu vestido.

Assim que adentramos, me sento longe o suficiente de Ed e peço uma dose de tequila. De relance, vejo algumas mulheres que tentam chamar a sua atenção e apenas reviro os olhos. Contudo, quando uma loira se senta ao lado dele, me inclino para pedir uma nova dose ao mesmo tempo que alguém se senta ao meu lado e sorri para mim.

— Madrinha de casamento? — questiona.

Viro o rosto em sua direção e sorrio ao perceber o quão lindo é a minha companhia. Cabelos escuros,

mandíbula marcada e um sorriso cafajeste. O combo completo que com certeza é sinônimo de problemas.

— Jogador de hóquei? — devolvo.

— O que entregou? — A voz rouca é desprovida de emoção.

— A jaqueta. Meu ex tinha uma dessa. — Dou de ombros.

— Solteira, então?

Um sorriso nasce em meu rosto.

Direto.

Bonito.

Com mãos grandes.

— Quase isso. — Estendo a mão para ele, sabendo que talvez testar a minha teoria me faça um favor hoje à noite. — Melany Underwood, e você?

— Dominic Allister. — Ele sorri. — Então, você está sozinha aqui?

Abro meus lábios para responder, mas sou impedida quando Edmund para ao meu lado, encarando a minha companhia.

— Na verdade, não — Blackwell responde por mim. — Temos que ir.

— Acabamos de chegar, pelo amor de Deus. — Reviro meus olhos.

— Você testou a sua teoria. — Ele encara Dominic de cima a baixo. — Agora vamos antes que eu ligue para Logan.

Solto um suspiro e percebo Dominic dar uma risada.

— Bem, essa é a minha deixa. — Me levanto. — Foi um prazer, Dominic.

— Quando resolver o seu *quase isso*, você pode me ligar, Melany. — Ele estende um cartão para mim e pisco em sua direção. — Foi um prazer também.

Edmund não me espera e pensando que ficarei sem uma carona para voltar para casa, o sigo, mesmo irritada. Assim que estamos no carro novamente e

Blackwell acelera, apertando o volante com mais força do que o necessário, ergo uma sobrancelha.

— O que caralhos te irritou? — questiono.

— Eu não estou irritado — mente.

— Claro, e eu sou a maldita fada madrinha — devolvo, rolando os olhos. — Você me levou até lá para provar a minha teoria e quando consigo, você faz isso?

— Faço o quê? — indaga, me encarando de canto de olho.

— Estraga o meu momento — praticamente grito.

De repente, Edmund faz uma curva brusca, derrapando a *Ferrari*, e estaciona em um local deserto antes de se virar para mim com um olhar fulminante.

Percebo que se a sua versão calma era atraente, a nervosa é a minha ruína.

Ele me encara por um instante, sua respiração sendo audível.

— E você queria ser a conquista de uma noite? — pergunta, a veia da sua testa saltando. — Você queria uma foda rápida em um banheiro sujo?

— Se minha teoria me levasse a isso, eu pelo menos terminaria a noite bem — devolvo no mesmo tom. — Não me culpe se a loira te achou desinteressante o suficiente para não te querer.

— acredite, ela estava muito inclinada a me dar um boquete no banheiro do bar. — Sua voz sobe um tom.

— E por que diabos você não aceitou?

Ele se inclina, seu nariz quase resvalando no meu.

— Porque não era ela quem estava em minha maldita mente.

Meus olhos se arregalam quando compreendo suas palavras.

Engulo em seco, sabendo exatamente o que isso significa.

— Você quer me beijar, Edmund?

Seus olhos descem para os meus lábios.

Desejo queima.

Expectativa inebria.

— Em todos os malditos momentos que você me provoca, wildcat.

Antes que ele possa dizer algo, eu o puxo para mim e selo nossos lábios em um beijo animalesco.

Não há nada que me impeça nesse momento.

Nenhum dos nossos irmãos.

Eu o beijo como sempre desejei e Edmund tem exatamente o gosto que desconfiei.

Pecado e perdição.

Eu o beijo sabendo que somos errados.

Como se não fôssemos duas pessoas que sempre se odiaram.

Sua mão sobe até meu pescoço e aperta, fazendo-me gemer alto e antes que eu possa dizer algo, Ed me puxa para o seu colo, aprofundando o beijo enquanto me esfrego descaradamente em seu pau, não me importando se alguém nos veja.

— Nós não podemos — sussurro, mesmo não parando o movimento.

— Tarde demais, querida.

Sua mão desce para a borda do meu vestido, enrolando-o até a minha cintura e sinto suas mãos se fecharem em minha coxa enquanto sua língua desliza na minha com firmeza. É como se estivéssemos matando a fome que sempre esteve presente entre nós dois.

É errado, mas ao mesmo tempo é o certo.

Edmund toma tudo de mim.

E faço o mesmo com ele.

Mesmo sabendo que não devemos, mesmo sabendo que isso pode nos colocar em um problema que não estamos dispostos a lidar, eu me pego levando a sua mão até a minha calcinha e sinto seus dedos prontamente se arrastarem pelo tecido encharcado.

Um pequeno gemido escapa dos meus lábios quando movo meus quadris o suficiente para que eu me esfregue em sua dureza. Uma das suas mãos sobe até a alça do meu vestido, arrastando-o pelo meu braço e expondo meu seio, e sinto o ar frio bater contra a minha pele arrepiada.

— Se eu continuar, eu vou te foder aqui, wildcat. — Ele dá um beijo no meu pescoço ao mesmo tempo que tombo a cabeça para trás. — Eu vou te comer e nós dois nunca mais poderemos falar sobre isso.

— Uma noite. — Arqueio contra ele. — É isso que estou te dando.

— Uma noite é o suficiente.

Seu pau endurece ainda mais e minhas unhas arranham sua nuca quando ele se abaixa e chupa meu mamilo erigido para então morder, me fazendo soltar um grito exasperado.

— Merda, Ed... — sussurro quando ele circula meu clitóris por cima do tecido. — Isso é tão bom...

— Você é tão gostosa. — Ele volta a dar mordidas pela minha pele.

Edmund arrasta a minha calcinha para o lado, empurrando um dedo dentro de mim enquanto mantém seu polegar em meu clitóris. E quando começo a montar em sua mão, ele aumenta a velocidade e beija o caminho do pescoço até meus seios.

Não consigo aguentar muito.

Ed me morde, chupa e enfia mais um dedo, fazendo com que meu gemido ressoe pelo carro. E quando ele tira os dedos de dentro de mim, levando até meus lábios e me fazendo chupá-los enquanto sua outra mão desce até sua calça, abrindo o zíper e tirando o seu pau ereto, eu sei que essa noite está apenas começando.

Eu dei a ele uma noite, mas tenho a impressão de que quando sairmos desse carro, nós estaremos

completamente fodidos, porque sinto que não há como superar isso, mesmo que possamos tentar.

— Eu preciso de você. *Por favor* — suplico. — Preciso gozar quando seu pau estiver dentro de mim.

— Imagina se Logan soubesse... — Ed morde minha pele enquanto o vejo pegar sua carteira e retirar um preservativo, rolando-o sobre seu comprimento. — Imagina se ele soubesse que a sua querida irmãzinha está implorando pelo meu pau.

— Você é um idiota de merda! — grito, sentindo a glândula começar a me penetrar.

— Um idiota que você está louca para que foda cada um dos seus...

— Cale a boca — rosno quando empurra dentro de mim, centímetro por centímetro. — Merda, você é tão bom.

— Eu sei, porra. — Ele enrola meu cabelo em punhos, me fazendo encará-lo. — E você parece bem *pra* caralho em volta do meu pau. Apertada, molhada, me desejando.

Ele segura a minha cintura quando seu ritmo aumenta e começo a subir e descer em seu pau enquanto minha cabeça pende para trás. Edmund morde meu pescoço, me marcando quando acelero os movimentos.

— Ed! — grito.

Eu estou completamente ferrada.

Não, é pior.

Porque transar com Edmund deveria estar na minha lista de coisas que eu nunca, *nunca*, faria. Eu não deveria sequer pensar nisso, mas agora, enquanto ele me fode como se precisasse disso tanto quanto precisa de oxigênio, eu sinto como se tudo estivesse certo.

Ele me quer, mesmo que por uma noite.

Eu o quero por agora.

É o suficiente.

Nós só precisamos disso.

Apenas isso.

Pelo menos, era o que eu achava até que ele voltou para Nova Iorque três anos depois.



## TRÊS ANOS

*Ele queria o conforto, eu queria aquela dor  
Ele queria uma esposa, eu estava correndo atrás do que queria  
Perseguindo a fama, ele continuou o mesmo  
Tudo em mim mudou como a meia-noite*

**Midnight Rain | Taylor Swift**

*Edmund Blackwell*

Três anos.

Três anos que vejo minha família apenas em datas comemorativas.

Três anos que o clima frio da França é o meu melhor amigo.

Três anos que evito Saint Vincent.

No início, realmente me questionei se era isso que desejava, se queria estabelecer os meus projetos em um país diferente de onde minha família construiu seu império.

Longe dos meus irmãos e das pessoas que se tornaram a minha família.

Longe de tudo.

Eu cogitei voltar, me estabelecer em Nova Iorque e começar tudo lá.

Entretanto, não poderia, mesmo quando Verônica deixou claro que me socaria se eu estendesse a minha estadia aqui e Jonathan tenha odiado a ideia quando disse que não estava interligando a minha empresa, a Blackwell Enterprise.

Eu os deixei reclamar, fiquei em silêncio enquanto tentavam me convencer a voltar, ignorando as perguntas da mídia sobre o porquê do herdeiro caçula ter se mudado para o outro lado do oceano.

Fiz isso não por orgulho, não por medo ou qualquer outra coisa.

Fiz porque tudo naquele lugar me lembrava Sophie.

Eu a via nos corredores da mansão, sorrindo para mim como se fôssemos cúmplices. A via na varanda da cobertura em Nova Iorque quando dizia que ela conquistaria o mundo. Nas fotos espalhadas pela empresa e nas minhas lembranças.

Em todos os lugares, ela estava lá.

Em qualquer lugar, em qualquer memória.

Cada vez que percebia isso, cada vez que me lembrava do que era capaz, me sentia uma fraude. Alguém que passou anos defendendo uma ilusão. Alguém que defendeu uma pessoa que não era nada do que imaginava. E mesmo com as dezenas de ameaças da Vee, não me importei em deixar claro que não estava voltando para Saint Vincent.

*Não posso ainda.*

*Não consigo voltar.*

*Não depois de tudo.*

Pensar em voltar para a cidade que é o motivo da ruína dos meus irmãos me causa sensações que não estou disposto a assumir ainda. Não depois que Dylan disse finalmente o que Sophie fez, como ela se destruiu gradualmente e, no caminho, tenha nos destruído junto. Custou tudo de mim esconder que todas as revelações me machucaram de uma forma não esperada.

Eu sorri para eles para então entrar no primeiro voo para a França, mesmo sabendo que era uma atitude covarde ou até mesmo egoísta. Eu não esperei que Dylan voltasse da noite de núpcias, não esperei que Verônica tivesse a chance de me convencer a ficar.

Apenas fui embora, avisando aos meus irmãos que meu voo foi adiantado após deixar a única mulher que conseguiu penetrar todas as minhas barreiras em casa, depois de uma noite que prometemos ser a única.

Fiz tudo isso, porque *precisava* disso, precisava de um tempo longe de tudo. Após precisar entender que a garota que segurava o meu lugar nos jantares e me ensinou tabuada, foi a mesma mulher que machucou nossos irmãos.

Foi cruel e doeu como se ela tivesse pegado um revólver e atirado em meu peito.

*Somos nós dois, Ed.*

*Você e eu.*

*Olhe para nós, melhores amigos.*

*Eu sempre vou guardar o seu lugar ao meu lado.*

*Não seja fraco como Dy.*

*Não seja patético como Vee e seu coração fraco.*

*Seja como eu.*

— Posso saber por que está observando essa foto por tanto tempo?

Viro-me em direção à voz suave que ressoa atrás de mim e deixo que um sorriso fraco nasça em meus lábios quando meus olhos fitam minha mãe a poucos metros. Ela joga os cabelos escuros por cima dos ombros e dá passos lentos até onde estou.

Os olhos de cor âmbar, idênticos aos meus, brilham ao passo em que estudam meu rosto.

Amber Blackwell sempre foi uma mulher discreta. Ela não se abala por nada. Ela não perde a compostura. Não se desestabiliza.

Se algo está acontecendo, minha mãe resolve antes que algo saia dos eixos e não se importa em destruir as pessoas para manter nossa família protegida.

— Estou admirando — falo uma meia-verdade. — Você já pensou em se livrar desse lugar?

Ela arrasta o olhar pelas dezenas de artes espalhadas pela galeria e percebo o brilho sumir de seu olhar por um instante, antes de erguer o queixo e sorrir como se não sentisse nada por todos esses presentes.

— Há bilhões de dólares investidos nesse lugar, Edmund — afirma, cruzando os braços frente ao corpo, me fazendo perceber a aliança brilhar. — Eu não seria tão ingênua em me livrar dele.

— Mesmo que isso seja uma lembrança constante do seu casamento?

— Você e seus irmãos me lembram constantemente do meu casamento — ela sorri, unindo as sobrancelhas. — Também acha que deveria me livrar de vocês?

Solto uma pequena risada, me sentindo como um garotinho de seis anos, que pegou o seu *iPad* escondido e se escondeu em seu closet apenas para assistir vídeos sobre meus jogos preferidos novamente. O mesmo garotinho que gritou por ela quando desenhou o primeiro esboço e que se sentou ao seu lado em seu escritório apenas para observá-la trabalhar.

Me sinto o garotinho que sempre foi agarrado à sua mãe.

Que foi o seu porto seguro em um casamento em ruínas.

O seu último filho.

— Você não suportaria ficar sem mim.

— Eu tenho netos agora. — Ela dá de ombros, mas sinto seus olhos brilharem em minha direção. — E acho que eles me darão menos trabalho que você e seus irmãos.

Abro meus lábios para respondê-la, mas o barulho de saltos me faz olhar por cima do ombro e encontrar Verônica caminhando até nós com um sorriso no rosto e um *donuts* colorido em umas das mãos.

Inclino minha cabeça para minha irmã, percebendo que o casaco de inverno mal esconde a barriga acentuada de quatro meses dos gêmeos. Vee ergue uma sobrancelha, parando ao lado de Amber, que se vira e beija sua testa de leve antes de voltar a me encarar.

— Isso é uma calúnia — minha irmã finalmente diz. — Nós não demos trabalho.

— Você se casou com Logan — advirto, encarando sua barriga. — Que odiava a nossa família.

— Ei, você deveria me defender! — Verônica exclama, ofendida.

— Estou constatando os fatos.

— Por que não estamos falando sobre o Dy? Ele chantageou a Hazel. — Ela dá uma mordida em seu doce. — Dylan, sim, foi o problema da família.

— Porque todos nós sabemos que fiz o necessário para conquistar a minha esposa. — A voz rouca do meu irmão me faz suspirar fundo, sabendo que meu sossego acabou. — Ela seria minha de uma forma ou de outra.

Dylan sorri triunfante para nossa irmã e caminha a passos lentos até nós. Ao seu lado, Jayden estuda todo o lugar com curiosidade. Seus olhos focam nas esculturas espalhadas pelo lugar e nos quadros que nem mesmo imagina que valham milhões de dólares. Assim que seu rosto se vira e encontra minha mãe sorrindo para ele, Jay se solta de Dy, correndo em direção a ela, que prontamente se abaixa e o abraça com força.

Fito os dois com um pequeno sorriso no rosto, observando a matriarca da família ajeitando o suéter de lã azul-marinho do meu sobrinho, antes de deixar um leve beijo em sua bochecha e se levantar com ele no colo, mesmo que tenha quase oito anos.

Ninguém interrompe o momento, apenas admiramos o cuidado que Amber tem com o neto. Já que não é novidade que nossa mãe sempre foi apaixonada por crianças, a chegada dele fez com que o lado dela, que se apagou com a morte de Soph, voltasse a brilhar.

— Oi, querido — sussurra ela, ainda sorrindo.

— Você sabia que o vovô vai me levar para ver a corrida de cavalos? — Ele sorri.

Ergo uma sobrancelha ao mesmo tempo que minha mãe encara Dy em uma pergunta silenciosa.

— Ele se ofereceu. — Meu irmão dá de ombros, se virando para mim e Verônica em um tom baixo. — E Hazel permitiu. O que eu poderia ter feito?

— Eu acho que isso é um milagre de Natal. — Verônica sorri falsamente, inclinando a cabeça para o lado. — Olhe que ainda estamos em junho.

Dylan solta um resmungo para nossa irmã e apenas seguro uma risada.

Jonathan não é uma pessoa amorosa.

Na verdade, acho que nosso pai prefere ser isolado da sociedade a ter que lidar conosco novamente. Já que desde que Dylan assumiu a presidência da empresa, ele apenas participou de eventos obrigatórios para a nossa família e se escondeu nessa mansão junto ao seu trabalho.

— Talvez ele seja melhor com os netos — digo, sabendo que é impossível.

— Às vezes acho que o seu QI não é o maior de nós três. — Vee me lança um olhar entediado. — Provavelmente houve um engano em seu resultado.

— Meu nome na *Forbes 30 Under 30*<sup>[1]</sup> por dois anos seguidos sugere o contrário, Vee. — Dou a ela o meu maior sorriso. — Onde está Hazel? Ela costuma ser a minha Blackwell favorita.

— No nosso quarto — Dylan responde, encarando uma das estátuas à sua frente. — Isso é novo, não estava catalogado.

— Jonathan trouxe da China no último mês — minha mãe conta. — Foi um presente, segundo ele.

Verônica encara nosso irmão por um segundo, suspira fundo e se vira para mim com um olhar que conheço bem e odeio desde meus dez anos. Um olhar que significa que ela está prestes a me encurralar em um canto sem nenhum espaço para fuga.

— Mãe, você pode cuidar de Jayden por um instante? — Vee sorri. — Dylan e eu temos que conversar com Ed.

Viro-me para meu irmão, franzindo o cenho enquanto Verônica pega meu braço e começa a me puxar sem nem mesmo esperar por uma resposta, já que sabemos que mamãe levaria Jay com ela de qualquer forma.

Assim que estamos na enorme biblioteca, percebo, de relance, Hazel adentrar o local com um enorme sorriso e vir em minha direção.

— Oi, Ed — Haz diz, inclinando a cabeça e deixando os cabelos escuros caírem para o lado. — Eu senti saudade.

Ela me dá um abraço rápido e se afasta, indo se sentar em uma das poltronas.

— Eu também. — Inclino minha cabeça e solto um meio-sorriso. — Me desculpe por não ter ido te cumprimentar ontem quando chegou, estava em uma reunião importante.

Dylan se coloca atrás do móvel onde sua esposa está, apoiando os braços ao redor dela e se abaixa, beijando o topo da sua cabeça enquanto Vee vai até a outra e se senta, cruzando as pernas.

— Sem problemas. — Sua mão se ergue, entrelaçando-se ao de seu marido. — Dy me explicou e Jayden estava cansado da viagem.

— Como ele está? — pergunto genuinamente.

— Ansioso para passar um tempo com os avós. — O brilho em seus olhos me deixa feliz. — Agora precisamos falar sobre você.

— Você está tramando algo com meus irmãos? — questiono.

— Talvez. — O sorriso dela aumenta. — Deveria nos ouvir. Você sabe que queremos o seu bem.

Arrasto meu olhar até Dylan.

— Merda, sua esposa é parecida com você — grunho, me virando para Dy.

Ele sorri orgulhoso.

— Eu sei.

Verônica pigarreja, chamando a nossa atenção. Solto um bufo, sabendo que ela não desistirá tão cedo do que quer que esteja tramando.

— Comece — ordeno, me jogando no sofá.

— Você está namorando? — ela pergunta.

— Não.

— Se casou?

— Para a sua infelicidade, também não.

— Tem um caso secreto com alguém?

*Você não gostaria de saber.*

— Não tenho tempo para isso.

— Cometeu algum crime?

— Aonde você quer chegar com isso?

— Em uma justificativa pela qual não quer voltar para casa.

Ela solta um suspiro, deixando os ombros caírem e se vira para Dylan que me fita com um olhar calculista. Algo que passei a me acostumar com os anos. É como se meu irmão mais velho estivesse, a todo instante, pensando como solucionar os problemas da nossa família, como se nunca parasse mesmo não demonstrando nada.

Para quem não o conhece, Dylan é apatia.

Para nossa família, ele é fogo puro.

— Você não precisa esconder os motivos, Ed. — A voz suave de Hazel me faz encará-la. Minha cunhada apoia as mãos em suas coxas e se inclina um pouco para frente, nunca desviando o olhar. — Nós vamos te apoiar em qualquer escolha que fizer.

— Vocês já consideraram a possibilidade de que eu apenas não desejo mais morar em Saint Vincent? — Minha voz sai mais dura do que desejei e Dylan une as sobrancelhas. — Sinto muito. Eu só não acho que lá seja minha casa mais.

Verônica suspira.

Hazel afunda na poltrona.

Isso acontece sempre.

É como um monólogo.

Há uma festa comemorativa, nós nos encontramos, eles fazem as mesmas perguntas.

E todas as vezes, sinto que estou decepcionando-os.

Sinto que nunca poderei explicar o porquê de não querer voltar.

Sinto que sou apenas um problema para que eles encontrem a solução, mesmo sabendo que todos só fazem isso porque se importam. Porque estão dispostos a tudo para me ajudar sempre que eu precisar.

— Eu posso conversar com Ed a sós? — Dylan indaga.

Meu olhar segue até ele. Não é um pedido. Todos nós sabemos disso.

Dylan cruza os braços e percebo Verônica respirar fundo, meneando a cabeça com delicadeza. Minha irmã nunca entenderá. Nunca vai compreender que, mesmo que ela tenha conseguido superar tudo, eu não fiz o mesmo. Que ela pode ver Saint Vincent como uma casa, mas eu não.

Eu não vejo mais aquele lugar como o meu porto seguro.

Aquele local é a minha caixa de Pandora.

— Eu ainda destruiria impérios por você, Edmund — Verônica afirma, se levantando e me dando um pequeno aceno. — Espero que nunca se esqueça disso.

Com isso, ela caminha para fora da biblioteca e volto a observar meu irmão. Hazel tem uma de suas mãos em sua bochecha e sorri para ele, antes de dizer algo baixo, fazendo meu irmão prestar atenção apenas nela e relaxar.

Não é segredo para ninguém que Hazel tem meu irmão na palma de sua mão. Mas há algo entre eles que ninguém percebe.

Eles são parceiros um do outro. São a calma. O equilíbrio.

O porto seguro de que meu irmão precisa sempre que o dia o destrói.

E mesmo que não deva, sinto um aperto em meu peito, por saber que ele sempre tem alguém para voltar. Quando o expediente acaba, quando volta para casa, não é recebido por uma cobertura fria e vazia.

— Nós estamos aqui mesmo que prefira lidar com tudo sozinho, Ed. — A voz de Hazel me tira dos devaneios. — Somos família, ok?

Aceno para ela, observando-a sair. Volto a fitar Dylan que caminha até o aparador e serve uma pequena dose de *whisky*, antes de voltar e se sentar no antigo lugar de Hazel.

Meu irmão não fala nada por minutos, apenas cruza as pernas com uma elegância natural e aprecia a sua bebida, estudando meu rosto com calma. Reviro meus olhos, enrolando a manga do pulôver até os cotovelos e, com um suspiro discreto, deixo meus cotovelos caírem sobre minhas coxas ao mesmo tempo em que devolvo o olhar questionador.

— Faremos isso o dia todo? — Quebro o silêncio. — Observar um ao outro?

Sua sobrancelha se ergue e me sinto como se fossemos crianças outra vez, com ele tentando descobrir o que estou escondendo apenas pelo olhar.

— Você está com medo?

— De você?

— De voltar, Ed. — Inclina sua cabeça. — Ninguém vai te julgar se for isso.

— Por que vocês estão tão obcecados com a ideia de que preciso voltar?

— Não estamos obcecados com isso. — Ele leva o copo até os lábios uma última vez. — Estamos preocupados pelo motivo que está fazendo isso.

— Eu já sou adulto, você se lembra disso, certo?

— Você é um Blackwell e nós dois sabemos que nossa família tem a tendência a fugir quando sente medo — ele afirma, dando de ombros. — Nós fizemos isso quando Soph morreu. Mamãe e Hazel fizeram e agora você está fazendo de novo. Não é errado e nem egoísta, mas fugir não vai resolver nada. Não posso ficar sentado e observar você se tornar algo que nunca foi.

A menção à Sophie me faz desviar o olhar.

As lembranças são demais para suportar. É como se isso me deixasse vulnerável demais e odeio essa sensação.

*Ela morreu.*

*Ela escolheu morrer.*

*Ela não era quem eu pensava.*

— Minha empresa está consolidada aqui.

— Nós dois sabemos que todos os seus projetos foram concluídos e, mesmo que seu nome esteja na lista *Forbes* por dois anos seguidos, você se acomodou. E você *nunca* se acomoda com suas metas, Edmund. — Um sorriso frio nasce em seus lábios. — Não minta sobre isso logo para mim. Você quer ficar aqui? Tudo bem. Mas não insulte a minha inteligência quando estou há quase quatro anos na presidência da Blackwell Enterprise e sei de tudo.

— O que você quer, Dylan? — pergunto, levando a mão até meus cabelos, bagunçando-os. — Eu sei que você não viria até Milão apenas para uma festa que mamãe organizou. Nós dois sabemos disso.

— Você veio de Paris. — Ele ergue uma sobrancelha. — Por que eu não poderia vir?

— Porque sempre venho visitar a nossa mãe. — Dou de ombros. — Você não.

— Eu tenho uma empresa para cuidar.

— *Idem*. — Ergo uma sobrancelha. — Agora fale o que quer logo.

Ele meneia a cabeça, estudando meu rosto.

— A Blackwell Enterprise está expandindo o segmento tecnológico e um dos projetos atuais será adentrarmos o mercado de *games*, como você havia sugerido anos atrás para Jonathan. — Não escondo a minha surpresa. — É um mercado hostil e novo para nós. Todo o Conselho continua relutante em aprovar o orçamento estipulado. Então, quero a melhor equipe nisso. Quero os melhores profissionais do mercado para não haver espaços para erros.

— Não me diga que...

— Não há ninguém no mercado melhor do que você, Edmund. — Ele se levanta, indo até a mesa lateral e pegando uma pasta escura. — Quero que você coordene esse projeto, que tome a frente desse investimento. Não confio em mais ninguém para isso e sei que você quer expandir a sua marca pelos Estados Unidos. — Dy estende a pasta em minha direção. — Eu sei que você não aceitou a verba da Blackwell Enterprise no passado, mas quero que repense e leia todas as informações necessárias. Se decidir aceitar, nós podemos ajustar como desejar.

— Eu precisaria estar em Saint Vincent? — É a minha única pergunta.

— Não. Você pode comandar a sede em Nova Iorque — afirma. — Jonathan está ocupado expandindo alguns dos setores pela Europa e nós dois focaremos na América. Você lida com Nova Iorque e eu cuido de tudo em Saint Vincent.

Olho para o meu irmão sem expressar nada. Eu sempre desejei levar os meus projetos para Blackwell Enterprise. O que sempre me impediu era saber que eles seriam geridos por Jonathan.

Porém, ele não está mais no comando.

Dylan está.

E ele está me oferecendo tudo o que desejo.

O controle total.

O acesso a todos os empreendimentos que não tenho acesso daqui.

— Eu preciso ler com calma e pensar no assunto.

Meu irmão acena e me levanto, indo até o aparador, pegando uma taça.

— Não esperava menos que isso.

— Você não está fazendo isso para me fazer voltar, certo? — Sirvo uma taça de vinho. — Não está usando meu sonho para me fazer voltar?

— Eu não seria tão baixo a esse ponto — ele afirma, dando de ombros.

Ergo uma sobancelha, encarando-o.

— Você chantageou Hazel para se casar com você, Dylan — acuso, levando a taça aos lábios. — Você seria baixo, sim.

— E não me arrependo. — Sua voz é firme. — Fiz isso porque precisava ser feito. Mas se quer saber de uma coisa, eu entendi que às vezes precisamos fugir para nos curar, Edmund. Às vezes, estar longe pode ajudar e demorei para entender que o lugar que nos machuca não pode nos curar. Então, não. Não estou fazendo isso para te convencer a voltar. Estou fazendo porque merece e

porque sei que sempre desejou isso e não daria esse projeto para qualquer outra pessoa.

— Por que não me ofereceu antes?

— Porque todas as vezes que nos encontramos, percebi que não estava pronto.

— Para voltar? — Uno as sobrancelhas.

— Para enfrentar seus medos. — Ele sorri. — Você tinha e talvez ainda tenha medo de perceber que está em um lugar que não ama. Em um local que apenas se tornou cômodo para você. Ninguém em Paris se importa se você está bem ou não. Você está fingindo que aquele lugar é seu sonho, mesmo sabendo que nunca foi, Ed.

Abro meus lábios para respondê-lo. Para dizer que talvez ele esteja errado. Porém, nada sai.

Eu nunca ansiei por Paris. Nunca desejei me mudar para o outro lado do oceano.

Nunca amei a cidade como Hazel ama.

Eu gostei do clima frio, sim.

Da paz. Do silêncio.

— Se eu não aceitar?

— O projeto será arquivado.

Uno as sobrancelhas.

— Por quê?

— Porque, como eu disse, você é o melhor. — Sorri. — E não entregarei um projeto de bilhões de dólares na mão de um idiota qualquer. Eu quero um Blackwell na frente dele e, se não for você, não me importo em brigar com o Conselho de novo.

Quase solto uma risada e, quando finalmente encontro minhas palavras, a porta se abre e Verônica entra com uma expressão nada agradável. Os olhos âmbar brilham em um nervosismo que raramente presenciamos, ainda mais agora que está grávida.

— Quanto tempo até que o jatinho fique pronto? — Ela se vira para Dylan. — Ou que eu consiga uma maldita passagem para Nova Iorque?

— Você está bem? — indago.

— Eu pareço bem? — Ela ergue uma sobrancelha.

— Por que você precisa voltar? — Dylan ergue uma sobrancelha. — Logan não voará amanhã para cá?

Ela respira fundo e tenho pena de quem quer que tenha feito algo contra minha irmã.

— Mudanças de planos. — Ela fecha os olhos por um momento. — Preciso voltar antes que Logan mate alguém.

Inclino minha cabeça para o lado.

— Comece a falar — Dy ordena.

— Melany.

*Não pense nela.*

*Não pense naquela noite.*

*Apenas não pense.*

*Eles nunca saberiam.*

*É um segredo protegido.*

Meu corpo todo enrijece e disfarço antes que meus irmãos percebam.

— Use mais palavras para explicar, Vee. — Encaro-os com uma expressão blasé. — Todos nós sabemos que ela sempre está aprontando algo.

Vejo Hazel entrar no ambiente com os olhos arregalados e um *iPad* nas mãos. Minha cunhada caminha até Dylan, entregando o aparelho para meu irmão que lê algo e, mesmo que momentaneamente, também arregala os olhos.

— Logan não vai gostar disso — Dylan afirma.

Franzo o cenho, tentando entender.

— O que *caralhos* está acontecendo?

Verônica me encara.

Hazel solta um suspiro.

— Melany foi pedida em casamento — Dylan afirma.

A taça quase escorrega das minhas mãos e sei que meus olhos se arregalam como os de todos.

Melany Underwood noiva.

Melany fodida, *pirralha*, noiva.

— Melany *o quê?* — Controlo minha voz.

Se eles percebem que meu tom muda, não demonstram.

— O namorado a pediu em casamento no dia do aniversário dela — Hazel conta.

*Ele é um idiota.*

*Ela odeia o próprio aniversário.*

*Ela odeia surpresas.*

— E ela agora é noiva? — Ergo uma sobrancelha.

— É o que a matéria indica — Dylan murmura. — Logan, de fato, vai matar alguém.

Caminho até meu irmão, pegando o tablet de suas mãos e arrasto meu olhar pela manchete, sabendo que algo está errado.

## **EXCLUSIVO! MELANY UNDERWOOD, IRMÃ DA ESTRELA DA NFL, É PEDIDA EM NOIVADO PELO HERDEIRO NOVA-IORQUINO DURANTE JANTAR NA BIG APPLE!**

*Em um jantar digno de Conto de Fadas, realizado em um dos mais renomados restaurantes de Nova Iorque, o herdeiro, Liam O'Brien, surpreendeu a irmã caçula do Quarterback em ascensão, Melany Underwood, com um pedido de noivado emocionante.*

Melany não está sorrindo na foto da matéria.

Ela não está feliz.

Os grandes olhos azuis encaram o anel com uma expressão assustada.

*Porra, acho que nem mesmo deseja toda essa atenção sobre ela.*

— Ela *realmente* aceitou?



## FELIZ VINTE E DOIS ANOS

*Às vezes você simplesmente não sabe a resposta  
Até que alguém fique de joelhos e te pergunte  
Ela teria sido uma noiva tão adorável  
Que pena que ela é fodida da cabeça, disseram  
Mas você encontrará a coisa real, em vez disso*

**Champagne Problems | Taylor Swift**

*Melany Underwood*

Ok.

Eu posso fazer isso.

Não é difícil dizer não.

Não é a pior coisa dizer não para o homem ajoelhado à minha frente.

Nem que todos no restaurante estejam com os celulares levantados e um sorriso de expectativa em seus lábios. Ou que estou prestes a quebrar o coração de alguém e talvez vomitar nos sapatos caros dele.

Ok, é ruim sim.

Merda, é péssimo.

Piora quando a mãe dele me encara com um olhar brilhante na mesa ao lado e o pai dele tem a porra de uma câmera fotográfica erguida em minha direção. É

como um dos episódios de um dos *reality shows* de baixo orçamento que Andrew e eu assistimos quando não desejamos sair do nosso apartamento.

Viro meu rosto por um momento, à procura de algo para distrair o meu futuro ex-namorado enquanto procuro a saída mais próxima para fazer a coisa mais covarde em todos os meus poucos e brilhantes anos de vida, sem me importar com mais nada a não ser implorar para que Andrew me encontre com uma garrafa de tequila.

Logan vai me matar, provavelmente vai matar o homem à minha frente também.

Aidan, sem dúvidas, ajudará.

Merda, acho que até mesmo Levi, Oliver e Dylan irão ajudar meu irmão.

Principalmente quando sei que eles são testemunhas de que Logan odiou o meu relacionamento desde o primeiro instante que os apresentei, quase três anos atrás. Ele deixou claro que, mesmo que O'Brien seja filho de um aristocrata, ele não deixava de ser um atleta mimado e arrogante.

Infelizmente, meu irmão estava certo.

Ele é tudo isso e outras coisas piores.

Ergo meu rosto para onde a transmissão do final do jogo de Logan está sendo reproduzida e rogo para que ele pressinta que a sua *irmãzinha* precisa de ajuda, que ela nem mesmo se importa com o sermão que irá receber por não o escutar. Porém, sei que isso não acontecerá, porque percebo que ele sorri para o jornalista que o parabeniza por mais uma vitória.

Talvez eu possa ligar para as mulheres da minha família.

Verônica, sem dúvidas, não se importaria de me ajudar mesmo estando em Milão. Analu poderá me humilhar, mas está tudo bem, eu devolvo suas ofensas no mesmo nível. Hazel sorriria para mim e não ajudaria

em nada. Às vezes a felicidade dela me irrita, contudo, sei que faria qualquer coisa para me ajudar. E Summer, *pelo amor de Deus*, Summer apenas reviraria os olhos e diria a Liam o quão patético isso é.

— Querida? — A voz de Liam me faz sair dos meus devaneios.

Não posso me casar.

Não posso nem ao menos pensar em dividir a minha vida com outra pessoa.

Eu não queria nem mesmo namorar.

Mesmo sabendo disso, tenho que pensar nos prós e nos contras.

Tudo isso em um minuto.

*Nada de pressão.*

*Vamos lá, Mel.*

1. Liam O'Brien é gentil, me ama e cursa administração.
2. Ele quer uma família.
3. Ele não tem um passado de merda como o meu.
4. Ele é um jogador em ascensão.
5. Ele é feliz.

*Pense em mais motivos para aceitar.*

*Pense.*

*Pense.*

Não há nada na minha cabeça. Todos os motivos que deveriam existir para que eu me case com ele, parecem se resumir a essa lista. Nenhum deles parece ser convincente o suficiente. Mas lista de contras, no entanto...

1. Ele odeia ballet.
2. Ele não gosta dos meus amigos.
3. Ele é um seis na cama.

4. Ele não gostaria de ter uma esposa que prefere o ballet ao casamento.
5. Ele me irrita na maioria do tempo.
6. E eu... Eu não o amo.

Minha mãe me dizia que sempre sabemos quando tomamos uma decisão. Que nunca estamos em dúvida, apenas somos covardes o suficiente em admitir isso para nós mesmos.

Eu já tinha tomado a minha decisão meses antes.

Na verdade, foram anos.

Foi naquele casamento de Dylan e Hazel, dentro daquela *Ferrari*. Quando a pessoa que odeio foi obrigada a me dar uma carona e fui imatura demais para desafiá-lo em uma teoria idiota. Quando tínhamos tudo para nos matar naquele automóvel e não fizemos isso.

Tomei a minha decisão quando percebi que odiava relacionamentos e passei esses três anos em um, mesmo que todos ao meu redor e, até eu mesma, soubéssemos que apenas estava fazendo isso porque O'Brien me trazia sensação de tranquilidade.

Ele era o oposto do que estava acostumada.

Ele não era como meus irmãos.

Meus pais.

Como a minha realidade.

E, mesmo assim, mesmo sabendo que o que desejava era aquilo que Liam estava me oferecendo, não me importei em tomar a pior das decisões e transar com Edmund Blackwell. A pessoa com quem eu jamais deveria ter ficado.

Não foi justo. Não estava certo.

Agora, enquanto estou aqui, observando meu namorado — que *eu* deveria considerar perfeito — se ajoelhar e me pedir em casamento no meu aniversário. *No meu maldito aniversário de vinte e dois anos*. Só consigo pensar que não me arrependo. Não me

arrependo de ter desafiado tudo o que acredito naquela noite e ter me sentido mais viva do que em qualquer outro momento na minha vida.

Balançando a minha cabeça, coloco um sorriso fraco nos lábios e me preparo.

Eu vou precisar de uma justificativa para a minha família.

De um novo número.

Talvez de um novo apartamento.

De ignorá-los nas festas.

E, principalmente, de nunca vir comer aqui novamente.

Seria humilhante ter que observar os funcionários me encarando como se eu fosse uma megera que partiu o coração do namorado.

— Meus joelhos estão doendo, linda. — A voz suave de Liam me faz encará-lo.

*Céus, eu realmente sou uma megera.*

Eu deveria chorar.

Deveria estar arrependida.

Deveria estar tentando arranjar motivos para justificar a minha falta de sentimentos.

Deveria, mas não estou.

Na verdade, estou aliviada.

Aliviada por não precisar mais participar de jogos que nem mesmo entendo.

De ir a jantares onde a comida é péssima.

De fugir das perguntas da minha família sobre meu relacionamento.

— Me desculpe, Liam. — Dou um passo para trás, soltando a sua mão. — Mas eu não posso me casar.

A câmera do Sr. O'Brien cai no chão.

O rosto da sua esposa se torna furioso.

*Oh, merda!*

Aniversários deveriam ser alegres, deveriam ser regados a bebidas baratas e músicas duvidosas. Deveria

ser como o do ano passado, quando Andrew e eu acordamos em Vegas sem nem mesmo nos lembrarmos de como chegamos lá. Aniversários deveriam ser momentos únicos e não pedidos de casamento em restaurantes caros, com pessoas que nunca vi em toda a minha vida.

Se essa é a vida que estaria me esperando caso aceitasse, posso dizer que nunca me arrependerei. Não quando sei que odiaria cada segundo dela.

— Eu sei que é repentino...

— Liam, eu não posso me casar com você. — Tento manter o sorriso em meu rosto.

Que nenhum idiota mande isso para a mídia.

Que Logan nunca saiba disso.

— Por quê?

— Porque não estou pronta para isso — digo uma meia-verdade. — Não quero um casamento. Não quando estou me formando e começando a minha carreira. O ballet é o que desejo, é o que amo, não um casamento. E você deveria me entender, já que está construindo a sua própria carreira no hóquei.

*E, também, porque eu não te amo, não somos compatíveis.*

*Porque você é um seis.*

*E não acredito em casamentos e contos de fadas.*

— Eu largaria tudo por você.

— Eu não. — A verdade salta dos meus lábios, antes mesmo que eu possa segurar. — Sinto muito que tenha feito você pensar o contrário.

— Nós podemos ir com calma.

— Liam, não — suspiro fundo. — Eu não vou me casar.

— Melany. — Ele se levanta, ajeitando a camisa polo.

— Você não pode falar não para mim.

— O quê?

Ergo uma sobancelha.

— Eu sou um O'Brien — refuta, orgulhoso.

— Isso deveria me fazer sentir algo? — questiono, confusa. — Porque não é isso que está acontecendo.

— Estou dizendo que você não vai encontrar alguém melhor do que eu — afirma, dando um passo à frente. — Você sabe que sou o melhor, linda.

*Não, ele não é.*

Porque, se fosse, me apoiaria.

Liam entenderia o porquê de nunca o deixar dormir em meu apartamento.

O porquê de nunca o apresentar formalmente aos meus irmãos e à minha família.

Se ele fosse o melhor para mim, entenderia o porquê de eu ter medo do escuro.

O porquê de odiar dirigir na chuva.

O motivo pelo qual assisto filmes antigos todos os sábados e o porquê dos meus irmãos sempre me ligarem para saber se estou bem.

Ele também saberia de cada coisa que eu amo.

Que corações são a minha obsessão desde a infância.

Que odeio carnes e amo frutas.

Que todas as sextas vou à Broadway e que chocolates são o meu vício.

Se ele fosse o melhor para mim, ele saberia tudo o que eu amo.

Mas ele não sabe.

Porque nunca permiti que ele se aproximasse o suficiente para me conhecer. Não me senti conectada de verdade com ele para isso. Nunca o deixei penetrar o meu coração. Sempre soube que não havia lugar para ele em minha vida. Para ninguém além dos meus irmãos, Vee e o ballet.

— Não, você não é. — Pego minha bolsa, me afastando. — Sinto muito, Liam.

Sem olhar para trás, vou até a saída.

Sem olhar para trás, prometo que nunca mais entrarei em um relacionamento.

E, assim que estou descendo os poucos degraus da entrada do restaurante, encaro os arranha-céus e levo meu telefone até meus ouvidos, esperando que toque algumas vezes antes que a voz rouca do outro lado da linha ressoe.

— *Você está com problemas?*

Tenho vontade de sorrir enquanto ando pelas pessoas ao escutar a pergunta de Logan, sabendo que sua partida acabou minutos atrás enquanto eu rejeitava um pedido.

— Como você soube que se casaria com Verônica?

— *Quando a olhei pela primeira vez, senti que ela era o amor da minha vida* — meu irmão responde, e sei que está sorrindo. — *Por que a pergunta?*

— Acabei de presenciar um pedido de casamento. — Não é uma mentira.

— *E isso fez você se lembrar de mim e Vee?*

— Não, ela o rejeitou. — Solto uma risada fraca. — Você acha que ela foi idiota ao fazer isso?

Ouçõ o barulho de chaves e sei exatamente para onde ele está indo a essa hora.

— *Eu não sei, Mel.* — Sua voz é rouca, despreocupada. — *Se ela o rejeitou, é porque há motivos para isso. Ninguém diz não ao amor.*

— O amor pode ser um veneno — murmuro.

— *Às vezes ele também pode ser o antídoto* — contrapõe.

— Qual dos dois você acha que significou o amor do papai pela nossa mãe?

Não há uma resposta de imediato.

Logan ou Aidan nunca falam sobre nossos pais.

É como um acordo silencioso entre eles e tenho vontade de gritar, de dizer que não sou mais uma criança assustada. Não sou uma garotinha que não entende o que está acontecendo ao nosso redor.

*Eu sei mais que eles.*

*Eu senti na pele.*

*Eu estive lá até o último minuto.*

*Não preciso de proteção.*

*— Você está bem, Mel?*

*Não.*

*Eu acabei de ser pedida em casamento.*

*Eu tenho medo de amar.*

*Eu sou uma fraude.*

*Eu perdi nossos pais.*

*Eu sinto falta deles.*

*Eu me lembro de tudo.*

*— Claro. — Forço um sorriso mesmo que ele não possa ver. — Eu sou sua irmã, lembra? Nada me atinge.*

*— Se atingir...*

*— Você sempre estará aqui para me proteger — complemento, estendendo a mão para chamar um táxi.*

*— Eu sei, Logan.*

*— Eu estou aqui se precisar de qualquer coisa — afirma. Percebo que não há hesitação em sua voz. — Ok?*

*— Eu sei. — Sorrio, sabendo que precisava disso, escutar a sua voz. — Obrigada, Logan.*

*— E, Mel?*

*— Sim.*

*— A mulher não foi idiota.*

*— Por quê?*

*— Porque quando o amor chega, a gente não hesita.*

*— Mordo meu lábio escutando suas palavras. — Não corremos e nem lutamos contra. Quando o amor chega, a gente sabe que nada mais importa, nem mesmo se for errado. Acredito que a mulher sabia disso, mesmo que sem perceber, que o que sentia não era amor.*

*Por um instante, fecho meus olhos.*

*Por um momento, sorrio.*

*Logan está certo.*

*— Ela estava certa, Logan.*

Assim que abaixo o meu celular, observo que do outro lado da calçada há um homem segurando uma câmera fotográfica e sorrindo amplamente para mim. Próximo a ele, minha antiga sogra chora para um jornalista enquanto aponta para mim.

Fecho meus olhos por um instante.

A paz que consegui nas últimas semanas acaba de escorrer pelas minhas mãos e, sem dúvidas, Logan e Verônica irão querer a minha cabeça quando descobrirem sobre isso.

— *De fato, felizes vinte e dois anos, Melany!*



*Tic.*

*Tac.*

É o barulho que me irrita.

É o barulho que escuto há quarenta minutos enquanto espero que a minha última aula do dia acabe. Que os pensamentos de me afundar na banheira do meu quarto com uma taça de vinho e um livro finalmente se tornem realidade.

Eu só preciso suportar mais vinte minutos.

Só preciso disso.

Meu olhar vagueia pela sala quase vazia e, por um momento, penso em mandar uma mensagem para Andrew e obrigá-lo a me acompanhar em um dos shows da Broadway, mesmo sabendo que ele vai odiar cada segundo e só fará isso porque odeia me deixar sozinha.

Andrew Wright é um merdinha egocêntrico, assim como seu irmão, mas ele é o meu melhor amigo desde que, anos atrás, Oliver o trouxe de Milão.

Acho que não posso mais imaginar a minha vida sem ele.

Andi me anima quando as lembranças me atormentam. Ele me leva à apresentação de ballet e na Broadway, mesmo que cochile na maioria do tempo. Ele também ri dos meus pijamas de corações e depois aparece com uma sacola com um novo conjunto e dá de ombros. Meu melhor amigo também tem um problema que compartilhamos: *nós somos as piores pessoas que alguém poderia se apaixonar.*

Ele nunca tentou, já que o último cara que amou apenas desejava um cargo na empresa de seu irmão e eu... Eu estou há quase um dia com meu rosto estampado nas revistas e sites de fofocas por negar o pedido de casamento de um O'Brien.

Quase vinte e quatro horas ignorando meu celular.

Minhas redes sociais.

Minha família.

Tudo.

— Você está fazendo aquela coisa estranha. — A voz de Andrew me assusta.

Dou um sobressalto quando ele para ao meu lado e se inclina, lançando um sorriso galanteador em minha direção. Observo-o puxar a cadeira, se sentando. Minhas sobrelhas se unem ao vê-lo arrastar a mão pelos cabelos castanhos e pegar a minha garrafa de água em cima da mesa.

— Merda, você precisa parar com isso! — xingo, encarando-o com uma feição fechada. — Você não deveria estar aqui.

— É fácil passar pela segurança. — Ele dá de ombros, abaixando o objeto como se fosse normal invadir uma sala de aula.

— Você está morrendo?

— Não?

— Prestes a ser preso? — Tento, de novo.

— Também não?

Uma das suas sobrelhas se ergue.

— Oliver descobriu que batemos o carro dele meses atrás?

— Deus, não — bufa, incrédulo.

— Então qual é o maldito intuito em invadir uma das minhas aulas, Andrew?

— Estou te preparando.

— Para quê?

Confusão toma conta do meu semblante enquanto encaro seus olhos acinzentados

— Logan está na cidade. — Meu sorriso morre.

— Merda — praguejo, me levantando. Pego a minha bolsa e, ignorando o olhar da professora, sigo com ele até a saída. — Me diga que Verônica ainda está em Milão.

— Eu não sei sobre a Vee. Ollie não me diz nada — afirma, virando em um corredor ao meu lado. — Mas, soube que Dylan chegou hoje de manhã, então pode ser que...

— Dylan não me interessa, ele estará mais focado em Hazel do que em fofocar sobre a minha vida para meu irmão. — Levo minhas mãos até meus cabelos, amarrando-os. — Minha preocupação é Logan.

— Você acha que... — Andrew solta um bufo enquanto descemos as escadas de Julliard e ergo uma sobrancelha. — Merda, ele não sabe ouvir um não?

Ergo meu rosto, percebendo Liam O'Brien parado ao lado de um dos seus amigos no último degrau, encarando-me com um sorriso fraco e um maldito buquê de rosas em suas mãos.

Não.

Não.

É a porra de um pesadelo.

— Acho que *não* é uma palavra que não consta no dicionário dele — rosno.

— Eu posso socá-lo se desejar — Andi murmura.

— Fui *eu* quem disse não, Andrew.

— E daí? — Sorri. — Eu sempre quis socá-lo.

Encaro-o enquanto termino de descer os degraus e tento forçar um sorriso de volta, sabendo que soa mais como uma careta desagradável.

Eu odeio flores. E surpresas.

Ou qualquer outra coisa que seja romântica.

Ele deveria saber disso.

— Oi, linda — cumprimenta.

— O que você está fazendo aqui? — pergunto parando à sua frente.

— Te levando para um almoço.

— Nós terminamos, Liam. — Inclino minha cabeça.

Conto mentalmente os segundos para sair desse lugar e fugir do meu irmão.

— Finja que ele não existe — Andi sussurra apenas para que eu ouça. — Ele é insignificante.

— Você diz isso para todo mundo — murmuro de volta.

— E sempre estou certo. — Dá de ombros. — Aliás...

— Vamos lá, Mel — o amigo de Liam responde. — Nós sabemos que você estava apenas surpresa, por isso disse não. Não é, Liam?

— Sim — Liam grunhe. — Nós podemos conversar em particular?

Abro meus lábios para dizer que não.

Que realmente estou atrasada.

Mas, uma pequena cotovelada de Andrew faz com que eu encare por cima dos ombros de Liam e encontre a pessoa que estou evitando desde que algum filho da mãe vazou as fotos do noivado fracassado para a imprensa.

Nossos olhos se cruzam e posso perceber que os deles se semicerram enquanto caminha em nossa direção, como se fosse um maldito rei. Logan não se preocupa com os olhares admirados dos alunos, nem com algumas câmeras erguidas em sua direção.

Não, meu irmão só tem olhos para mim.

E, assim que se aproxima, uma carranca toma conta de seu rosto.

— Você não está atendendo as minhas ligações.

Solto um suspiro no mesmo instante que uma risada nasalada salta dos lábios do amigo de Liam e todos nós o encaramos. Logan ergue uma sobancelha como Aidan sempre fazia quando repreendia alguém que o estressava.

— Acho que agora está explicado o porquê ela disse não, O'Brien — o idiota zomba. — Você tem mais concorrência.

Meu irmão para entre mim e Liam e move seu olhar entre nós, sabendo que há algo de errado. De relance, percebo Andrew segurar uma risada e encarar os dois à nossa frente como se estivessem prestes a morrer. E talvez estejam, porque a forma como meu irmão os encara, não é nada gentil.

— Eu diria para correrem — meu melhor amigo aconselha. — Tipo para a África.

— Concorrência? — meu irmão debocha, cruzando os braços. — Contra vocês?

O amigo de Liam estufa o peito e reviro meus olhos pela audácia patética.

— E quem é você? — questiona, dando um passo à frente.

Oh, não.

*Não. Não. Não.*

Logan solta um sorriso lascivo, enquanto encara os dois de cima a abaixo como se fossem apenas dois calouros idiotas e não jogadores do hóquei em ascensão. Entretanto, seus olhos contém um desdém que apenas meu irmão mais velho poderia ter.

É um que conheço desde criança.

Um que Verônica diz que é o seu favorito, porque sabe que é o momento em que seu marido mostra a todos o porquê ele, um dia, ter sido o rei da SVU e agora um dos capitães mais jovens da NFL<sup>[2]</sup>.

— Logan. Logan Underwood. — Os olhos deles se arregalam quando percebem quem meu irmão realmente é. — Mas você pode me chamar de capitão do *New York Giants*, seu merdinha.

Sabendo que isso pode piorar, solto um bufo alto chamando a atenção do meu irmão, que se vira para mim.

— Logan — chamo, evitando que fotos suas sejam estampadas no jornal mais tarde. — Você precisa de algo?

Meu irmão vira para mim e ergue uma sobrancelha.

— Que você atenda seu telefone quando ligarmos — grunhe e depois se vira para os idiotas. — Saiam daqui. Agora!

— Eu avisei para correrem. — Andrew dá de ombros.

— Você! — Meu irmão aponta para Liam. — Nós vamos ter uma conversa depois.

Liam me dá um último olhar antes de praticamente sair correndo, levando seu amigo junto.

*É por isso que não aceitaria seu pedido, idiota.*

— Estava ocupada. — Volto meu olhar para Logan.

— Ignorando a todos?

— Só você e Aidan. — Dou a ele um sorriso largo. — Então?

— Por que você não me disse que o *maldito* pedido de casamento era seu, Melany?

Lanço um olhar para Andrew.

Um olhar que sempre dirijo a ele quando sei que estamos fodidos.

Um olhar que significa confusão.

Inclinando a minha cabeça para o lado, abro um enorme sorriso para Logan antes de encolher os ombros.

— *Surpresa?*

# 03

## MENTIRAS CONTADAS

*Eu acho que corações como o meu foram feitos para serem quebrados  
Eu sei que pensei que tivéssemos mais tempo  
Quando você saiu não sabia o que eu tinha perdido  
Você só sabe que é amor quando se foi*

**I Tried | Camylio**

*Melany Underwood*

O rosto de Logan é uma máscara de calma.

Ele não grita.

Não questiona.

Não faz nada.

Apenas encara o meu apartamento com uma sobrancelha erguida e um olhar desconfiado. Costumo ver essa versão do meu irmão apenas quando ele está em suas coletivas de imprensa pós-jogo ou nos bailes anuais da família da sua esposa.

Mas agora a sua calma é sufocante. Ela me faz pensar em dezenas de coisas que não desejo. Questionar minhas decisões e me fazer sentir como se tivesse o decepcionado.

— Por que você não me contou? — pergunta finalmente, se escorando na ilha da cozinha.

*Porque eu não queria que soubesse.*

*Porque você saberia de coisas que não te agradariam.  
Porque nem tudo é como parece.*

*Porque eu estou cansada de me sentir como se fosse frágil.*

*Porque eu...*

São tantos porquês que apenas respiro.

Evitei que Logan soubesse de detalhes do meu namoro, fiz com que poucas notícias saíssem e até mesmo aceitei situações que não condiziam comigo apenas para manter o relacionamento disfuncional em sigilo.

— Eu já sou adulta, Logan. — Abro um sorriso, indo até a geladeira e tirando algumas frutas, sentindo minha mão tremer. — Você não precisa saber de tudo que acontece na minha vida.

Ergo-me, respirando fundo e sabendo que ele não pode perceber o nervosismo.

Ele não sabe de nada.

Ele não esteve aqui.

Ele não pode saber como me sinto.

Ele não me viu sorrindo quando pediram para sorrir.

Ou quando fui a jantares que odiei e a jogos insuportáveis.

Ele também não esteve aqui quando...

— Mel?

Giro meus calcanhares, colocando um sorriso no rosto. É fraco. Falso. Totalmente como me pareço nesse momento.

— Você terá que lidar com dois pestinhas em breve. — Deixo as frutas na ilha. — E conhecendo os pais que meus sobrinhos terão, te aconselho a guardar sua preocupação para eles.

Ele não sorri, Logan apenas me encara. Sabendo que estou tentando desconversar.

Meu irmão sabe que há algo errado.

— Você é a minha irmã, sempre vou me preocupar com você.

— Foi uma coisa boba, Logan. — Começo a cortar alguns morangos sem encará-lo. — Não sou a primeira a dizer *não* para alguém e, com certeza, não serei a última. Então, não faça disso uma tempestade.

— Foi um pedido de casamento, Mel. — Ele apoia os cotovelos no granito e me encara, fitando meu rosto com preocupação. — Não foi uma bolsa que comprou ou um carro que ganhou chantageando meu cunhado. Foi algo que poderia mudar sua vida. Algo que você odeia com todas as forças desde criança.

Ergo uma sobancelha.

— Eu gostaria de ganhar um novo carro de Dylan. — Pego algumas uvas e coloco no recipiente. — Ou comprar mais algumas bolsas.

— Mel — grunhe e finalmente ergo o meu rosto. — Não desconverse, eu vi as fotos.

— Ok.

— Eu conheço aquele olhar.

Solto a faca, ouvindo o tilintar dela batendo contra a superfície. Seguro as bordas da ilha encarando meu irmão, que me lança um olhar questionador. Eu não queria que ninguém soubesse. Não queria que o mundo visse como Liam me encarou depois que neguei seu pedido e nem que as pessoas percebessem o quão assustada eu estava ao ver aquele anel.

Eu sorri.

Me mantive forte.

Mas não há como mentir, não para Logan.

Não há como ele não ter percebido o medo em meu rosto. As lágrimas brilhando em meus olhos quando saí do restaurante ou a forma como falei com ele ao telefone.

— Eu não quero um marido. — Começo a cortar as bananas. — Nunca quis um namorado, para começo de

conversa. Todos ao meu redor sabem disso e nunca escondi nada dele — suspiro. — Eu fui clara quando disse que o que tínhamos não era duradouro. Deixei explícito que nunca chegaria a amá-lo.

— Mel.

— Nós tínhamos um acordo, Logan. — Minha voz sobe um decibel. — Nós concordamos que éramos apenas um caso para aplacar a carência que sentíamos às vezes. Eu concordei em fingir que éramos um casal para a imprensa, pelos jogos e pela minha carreira. Nunca houve nada além disso. Esse era o acordo, não um maldito pedido de casamento. Porque ele sabe que *eu* odeio sentimentalismo barato. Odeio todo esse romance que vocês vivem. E, mesmo assim, Liam não me ouviu. Ele quebrou a sua palavra.

— Isso realmente estava claro para ele? — questiona.

— Óbvio, Logan. — Observo-o se inclinar e pegar uma banana. — Eu nunca o iludi. Não dei esperanças de que esperasse mais do que estava disposta a dar. Porque sabia que Liam e eu nunca passaríamos disso. Eu nunca aceitaria estar à mercê de alguém, principalmente em um casamento.

— Você está falando como Aidan — acusa, erguendo uma sobrancelha. — Está agindo como se amar alguém fosse uma sentença de morte.

— Bem, esse é o histórico da nossa família — solto, antes que eu possa segurar, e ergo meu queixo. — Mamãe é a maior prova disso.

Percebo-o tensionar a mandíbula.

— Nossa mãe...

— Definiu por esse sentimento. — Mordo meu lábio e inclino minha cabeça para o lado. — Ela desistiu dos sonhos por alguém que não entendia o amor dela pela arte. Engravidou porque achava que isso traria felicidade para a sua vida. Nossa mãe foi quebrada em seu casamento e não vou permitir que isso aconteça comigo,

Logan. Não vou deixar que alguém me machuque como papai a machucou e nem vou machucar alguém como nossa mãe fez. Nunca vou permitir que alguém me prenda em um relacionamento até que a minha luz se apague. — Fecho meus olhos por um momento. — Eu nunca vou amar alguém que possa me machucar e se isso significa que ficarei sozinha, por mim tudo bem. A solidão é bem-vinda.

Percebo os olhos de Logan se abaixarem até meus braços, onde belisco a minha pele.

Não sinto dor, não sinto nada.

É como se estivesse anestesiada.

Como se apenas soltar essas palavras me fizesse compreender o que minha vida está se tornando. Como tudo o que aconteceu na minha infância me tornou e como estou, a cada dia mais, me parecendo com Laura Underwood, não só na aparência.

Eu estive lá quando meu pai gritou pela primeira vez com ela.

Estive lá quando o álcool se tornou o seu melhor amigo.

Quando os quadros dela perderam as cores.

Quando ele socou Logan e Aidan.

Quando minha mãe me tirou da cama inúmeras vezes e me levou para o seu ateliê.

*Eu estive lá.*

*Eu.*

*Senti.*

*Tudo.*

Os beliscões em minha pele.

O cheiro da tinta que embrulhava meu estômago.

O barulho das garrafas pela casa.

A forma como Logan me empurrava para seu guarda-roupa, tentando me proteger.

Ele foi a minha válvula de escape.

Ele me salvou.

— Mel — sua voz é baixa —, olhe para mim.

— Não fale nada. — Respiro fundo. — Apenas me deixe pensar por um minuto.

Minha mente é um turbilhão de pensamentos. A lembrança da última semana em que vi minha mãe viva me faz apertar a borda da ilha com mais força. Ela me disse naquele dia que eu sempre deveria dançar com elegância e que a nossa família sobreviveria sobre os escombros do caos.

Ela me disse também para ser forte.

Fiz isso por anos.

E não me quebrei.

Não deixei que ninguém chegasse até mim com facilidade. Que ninguém me amasse ou que meu coração frágil e destruído amasse alguém.

Eu me isolei, da vida, do amor, da minha versão verdadeira.

Isso me manteve intacta.

E desde que entendi o que tudo isso significava, comecei a evitar qualquer relacionamento a longo prazo e sentimentos. Comecei a me proteger como ela me ensinou. Logan sabe como tudo o que aconteceu mudou a minha perspectiva.

Ele sabe que são poucas as vezes que permito que as pessoas me conheçam de verdade. Verônica precisou de semanas. Andrew lutou para estar ao meu lado por meses e, até mesmo os amigos de Logan, que agora são minha família, aprenderam como sou e me aceitaram.

Logan sabe disso.

Sabe que usei Liam e outros homens por todos esses anos para aplacar algo que ninguém tem culpa. Eu fiz deles o meu escape. Dei meu corpo sabendo que nunca entregaria o meu coração e, muitas das vezes, como agora, esse foi o motivo pelo qual destruí alguém sem a intenção.

Me tornei quem eu mais desprezava.

Respiro fundo, tentando fazer as lembranças da noite em que minha mãe morreu não tomarem conta do meu corpo.

Eu não fiz nada de errado.

Eu não machuquei ninguém de propósito como eles.

Eu não sou como meus pais.

Eu não sou.

— Inspire. — A voz de Logan me desperta e faço o que pede. — Agora expire. Agora faça de novo.

Faço o que ele pede.

Faço da forma como minha terapeuta me ensinou.

Mas não adianta, as memórias começam a invadir a minha mente.

O medo toma conta do meu corpo.

Mamãe odiava o casamento.

Papai a venerava.

Ela sempre dizia que o amor acabou com a sua carreira.

Ele sempre se sentiu culpado.

Laura Underwood queria o prestígio.

Anthony Underwood, o amor.

Eles eram veneno.

Eles nos quebraram.

Nos fizeram ter medo do amor.

Medo de confiar.

— Eu sou forte, certo? — sussurro, sentindo as palmas das minhas mãos ficarem molhadas de suor. — Eu sou forte *pra* caralho.

— Sim, você é. — Sinto Logan ao meu lado.

*Eu sou forte.*

*Eu sou.*

Ergo meu rosto, abrindo meus olhos e sinto o ar preencher meus pulmões.

— Mas estou cansada de ser, Logan. — Volto meu olhar para ele.

— Você não precisa ser forte sempre, Mel.

— Eu posso ceder quando você está comigo, não posso?

— Sempre, Mel. — Ele beija a minha testa. — Eu sempre vou te proteger.

Logan me puxa para um abraço e aceito de bom grado.

Meu irmão sempre foi meu porto seguro. Ele me segurou quando nossa família desmoronou.

Ele me apoiou quando disse que amava *ballet*, mesmo que aquilo lembrasse à pessoa que partiu seu coração. Ele segurou a minha mão e beijou a minha testa quando me apresentei pela primeira vez. Ele estava lá, na primeira fila, sorrindo para mim e segurando um buquê de flores barato e meus chocolates preferidos.

Logan sempre foi a pessoa que prometi nunca decepcionar.

A pessoa que eu não suportaria machucar.

O meu lugar de paz.

A pessoa que eu sei que destruiria o mundo por mim.

— Eu fui pedida em casamento. — Finalmente me permito entender a complexidade disso. — E eu disse não.

— Eu sei. — Ele sorri e acompanho o gesto. — Como você se sente?

Aliviada.

Feliz.

Livre.

— Com se eu fosse eu mesma.

— Isso é bom. — O silêncio preenche o ambiente por alguns segundos antes que nossos olhos voltem a se fixar um no outro. — Você quer conversar sobre isso?

— Não. — Respiro fundo. — Eu estou bem agora.

— Ok. — Acena hesitante.

— Eu não deveria me sentir mal? — sussurro. — Por negar?

— Depende. — Ele se afasta, segurando meu rosto e o erguendo. — Você o amava?

— Você sabe que não.

O sorriso brilhante de Logan me faz acreditar que tudo está nos eixos.

— Então não, você não precisa se sentir mal. — Respiro fundo mais uma vez. — Ele se ajoelhou?

— Sim, na frente de todos. — Uma careta nasce em meu rosto. — Eu quis sair correndo.

— Ele ao menos sabia que era seu aniversário?

— Gosto de acreditar que não.

— E por que você ainda estava com ele?

— Porque era conveniente. — Dou de ombros, me afastando dele e voltando para o outro lado do balcão. — Por que você está aqui e não em Milão? Os pais de Verônica não estão dando um baile ou algo assim?

Ele se senta na banquetta e me observa mexer com as frutas.

— Eu estou onde você precisa de mim.

— E sua esposa?

Meu irmão solta uma pequena risada.

— Em um voo para cá. — Meu rosto se ergue, encarando-o. — Na verdade...

Antes que ele possa completar a frase, a porta do meu apartamento é escancarada e Verônica e Analu adentram o espaço. Atrás delas, Andrew tem os olhos arregalados e até mesmo eu entendo ele. Ninguém quer lidar com Verônica Blackwell ou Analu Parker.

— Merda — murmuro baixo.

A loira revira os olhos e quando me encara, joga sua bolsa em cima do sofá antes de vir até onde estamos, se sentando ao lado de Logan. Analu inclina a cabeça para o lado, me encarando inexpressivamente, como se estivesse me avaliando. Nem mesmo a barriga proeminente indica que está mais compassiva ou gentil.

Já minha cunhada, não se importa nem mesmo com seu marido. Verônica vem até mim, com os olhos semicerrados e para à minha frente. Enquanto me fita, observo a forma como suas mãos se entrelaçam frente à sua barriga, destacando a aliança de casamento.

— Por que você não nos ligou? — questiona.

Solto um suspiro, sabendo que terei a mesma conversa que tive com Logan.

— Não era nada importante — afirmo.

— É melhor você parar de nos dizer que não é nada, Mel. Porque não é isso que seu ex-namorado está dizendo para a mídia. — A voz de Analu me faz desviar os olhos de Verônica.

— Como é que é? — indago.

Verônica dá volta no balcão, segurando o rosto de Logan e sorrindo.

— Me prometa que não vai fazer nenhuma merda. — Franzo o cenho, confusa. — Pelos nossos filhos, *prometa*.

Meus olhos se desviam para Andrew, que está escorado em um dos armários e me encarando com o semblante preocupado. Meu amigo quase nunca fica desta forma, ele sempre é o raio de sol em pessoa e, apenas por esse motivo, minha preocupação aumenta.

— O que ele fez? — pergunto, encarando Analu.

Analu meneia a cabeça, se levanta e pega o *iPad* em sua bolsa, dando a volta na ilha e parando ao meu lado antes de encarar Logan e Verônica.

— Liam deu uma entrevista para a *People*<sup>[3]</sup> há alguns minutos dizendo que ele desistiu do pedido de noivado porque... — Vee diz e percebo que Logan estreita os olhos. — Porque, segundo ele, você o traiu com praticamente o time de hóquei todo e estava usando a influência dele para conseguir subir o status social e não ficar à sombra do seu irmão.

— Ele falou o quê? — Logan praticamente grita e Vee aperta seus ombros.

— Você vai precisar manter a calma — ela cicia.

— Eu não vou manter a calma quando um filho da puta fala algo assim da minha irmã. — Logan se levanta e Verônica respira fundo. — Eu não me importaria de mandá-lo para o hospital com o rosto deformado.

— O que mais, Lu? — Ignoro meu irmão.

— O time confirmou, Mel. Eles deram apoio ao idiota do O'Brien — Analu responde. — E como o seu nome está ligado ao de Logan, todas as mídias estão espalhando isso.

Sorrio dolorosamente, erguendo meu rosto e encarando meu irmão.

Ele não merece isso.

Logan não merece que sua imagem esteja vinculada à minha. Não merece que eu atrapalhe a sua carreira ou até mesmo o seu casamento.

Ele merece mais do que estou dando depois de tudo o que fez por mim.

Meu irmão destruiu tudo por mim. Ele odiou a mulher que ama por achar que ela me fez mal. Se afastou de Aidan quando percebeu que ele se tornou como nosso pai.

Logan *sempre* me protegeu.

— É mentira — digo exclusivamente para ele. — Eu nunca faria isso.

Eu não o machucaria. Não cometeria esse erro.

— Eu sei. — Ele meneia a cabeça. — Eu confio em você. E se quiser que eu vá até a *People* ou qualquer outra revista desmentir, irei. Farei qualquer coisa, Mel, só precisa me dizer.

Uma risada fraca salta dos meus lábios.

Esse é o meu irmão. Minha metade.

— Eu quero que você aproveite seu casamento e a gravidez dos meus sobrinhos. — Sorrio abertamente para

ele. — Eu posso lidar com um idiota mimado e um boato infundado.

— Você não precisa lidar com tudo sozinha — Verônica afirma. — Você sabe que...

— Vocês são a minha família — completo sua frase. — Eu sei e, por isso, também sei que ficarei bem. Já tive problemas maiores do que esse.

— Levi e eu iremos averiguar tudo — Analu afirma, me encarando. — Prometo que vamos acabar com esse merdinha e toda a família dele por terem feito isso com você. Ninguém machuca a nossa família, Mel.

— Onde Levi está? — sussurro.

Ela me dá um sorriso frio.

— Lidando com os jornalistas que estão lá embaixo. Ele ameaçou três deles se tirassem qualquer foto sua — Andrew responde, encolhendo os ombros. — Acho que ir para as nossas aulas amanhã está fora de cogitação, Mel.

Abro meus lábios para respondê-lo, mas sou impedida por um novo casal que adentra a sala.

— É por isso que vocês irão se mudar para um prédio mais seguro — Summer adverte. — Não tem como ficarem aqui.

Ergo uma sobrancelha para a loira que sorri para mim e Andrew.

Atrás dela, Oliver enrola as mangas de sua camisa social e encara seu irmão com um olhar preocupado. Sum, por outro lado, para ao lado de Analu e me encara com um sorriso fraco.

— Por que nós nos mudaremos?

— Porque não confio na segurança desse prédio. — Ollie se vira para mim e sorri. — Levi mal está conseguindo conter os jornalistas lá embaixo, imagine vocês sozinhos aqui.

Fecho meus olhos.

Eu matarei Liam O'Brien. Não será rápido e nem bonito, mas farei isso com prazer e com um maldito

sorriso no rosto.

— Vocês podem escolher o apartamento — Sum diz.

— Não — Verônica contrapõe. — Qualquer outro prédio perto da universidade deles possui uma segurança medíocre. E, mesmo que seja um pouco longe, a minha cobertura está fechada e é o melhor prédio da cidade, eles podem ficar lá.

— Dylan e Hazel?

— Eles têm a casa deles e Edmund não voltará. Além disso, Logan e eu não ficaremos em Nova Iorque e se ficarmos, preferimos a nossa casa — conta, pegando um copo que Logan entrega a ela. — Então eles podem fazer bom proveito do espaço.

A menção de Edmund me faz revirar os olhos.

É claro que ele não voltaria e todos nós agradecemos por isso.

— Nós somos adultos — contraponho. — Vocês se lembram, certo?

— A sua forma de demonstrar isso é estando na primeira página da *TMZ*<sup>[4]</sup>? — Analu sorri friamente ao perguntar. — E de todos os veículos de comunicação de Nova Iorque?

— Não por opção — grunho. — Lembre-se disso.

— Não muda o fato de que eu disse a verdade. — Os olhos de Parker brilham.

Sabendo que não há como discutir com ela ou com todos, me viro para a única pessoa que me importo com a opinião.

Andrew me encara e dou um passo à frente, observando-o fazer o mesmo.

Nós não pulamos do barco sozinhos. É o nosso acordo.

O que prometemos um ao outro no primeiro dia que nos mudamos.

— Andi? — chamo.

— Você quer ir?

*Não.*

*Eu só quero paz.*

— Não posso deixar que isso te prejudique. — Mordo meu lábio. — Você ama esse lugar.

— Eu sou seu melhor amigo, Mel. — Ele me dá um sorriso brilhante. — Seus problemas são meus também, lembra?

— Promete? — Sorrio.

— Prometo. — Ele me devolve o sorriso. — Você pode me gritar sempre.

Meu amigo dá pequenos passos até onde estou e ergo meu rosto. Os seus olhos cinzentos brilham em uma preocupação genuína.

Ele é a minha dupla há tanto tempo, que não imagino mais a minha vida sem ele.

Andrew me segura quando os pesadelos chegam e eu estou lá por ele quando as lembranças de Brandon o atingem. Nós somos irmãos de alma e sei que faríamos qualquer coisa um pelo outro.

Viro-me para Verônica e Logan que me encaram, esperando pela resposta. São apenas alguns meses até que tudo se resolva e eu não precise fugir da mídia por conta de uma mentira de merda como essa.

— Ok, nós vamos nos mudar para a sua cobertura.

Minha cunhada sorri e meu irmão relaxa.

Me viro para o meu melhor amigo sorrindo também.

Nada irá mudar, será como todos esses anos nesse apartamento.

Apenas Andrew e eu.

A única diferença é que será em uma cobertura com o dobro do tamanho desse loft e em um bairro que visito raramente, já que apenas a elite de Nova Iorque mora naqueles prédios.

Tirando isso, o que de tão ruim pode acontecer?



## DE VOLTA A NOVA IORQUE

*Quando minha hora chegar  
Coloque-me gentilmente na terra escura e fria  
Nenhum túmulo pode segurar o meu corpo  
Eu vou rastejar de volta até ela*

**Work Song | Hozier**

*Edmund Blackwell*

— Quantas dessas você já tomou?

A voz rouca e muito conhecida me faz levar meu rosto e unir as sobrancelhas.

Josh Brown retira o casaco bege de inverno e sorri amplamente enquanto amarra os cabelos castanhos — que agora atingem seus ombros — em um rabo de cavalo e puxa a cadeira à minha frente, enquanto desvio o olhar dos passageiros que andam pelo aeroporto de Paris.

— O suficiente para compensar o seu atraso — resmungo, levando a taça de vinho aos lábios. — Por que demorou tanto?

— Analu e Levi estenderam a reunião. — Ele ergue o braço, chamando uma das garçonetes. — Eles estão

terminando o projeto para abrirem a filial da Parker&Johnson em Londres o mais rápido possível e estou assumindo o projeto.

— Meg estará à frente da filial em Londres? — questiono, quando ele se vira para fazer seu pedido.

— Não, ela está se preparando para voltar para Nova Iorque. — Bataca a ponta dos dedos na mesa. — Você soube?

— Sobre Meg?

— Não, sobre Mel.

Josh se vira, pegando o copo da garçonete e lançando a ela um sorriso pequeno antes de se virar para mim novamente. Ele nem mesmo percebe a forma como meu corpo enrijece à menção a Melany.

Lanço a meu amigo uma expressão blasé, mesmo que tudo dentro de mim não esteja assim.

Eu sei de tudo.

Cada pedaço da história.

Cada matéria que saiu na mídia.

A maldita mentira que aquele merdinha inventou.

— Eu deveria saber algo sobre a cunhada da minha irmã?

Josh abaixa o copo, sorrindo e apenas pego meu celular.

— Ela foi pedida em casamento.

Apoio minhas costas na poltrona e inclino meu rosto, entediado.

— Ah, isso — respondo, revirando meus olhos. — Esse assunto fez com que Verônica voltasse para Nova Iorque antes da festa da minha mãe.

Ele apenas solta uma nova risada e se encosta no assento, cruzando os braços.

— O namorado dela a pediu em casamento no dia do aniversário dela, Ed. — Ele leva o objeto até os lábios. — Quem em sã consciência faz isso?

— Pedir alguém em casamento no dia do aniversário ou pedir *Melany* em casamento? — Ergo meu rosto para ele, lançando uma careta. — Os dois me soam um pedido de socorro ou uma entrada grátis ao inferno.

Meu amigo solta um bufo.

— Você não tinha superado a sua aversão a Mel? — Ele ergue uma sobrancelha.

— Não.

— Um dia você vai precisar me contar o que ela fez para você não gostar dela.

Ela me deixou fodê-la no meu carro.

Três vezes.

Em uma só noite.

Ela me deu a porra de uma entrada ao paraíso e então arruinou todas as barreiras que criei durante todos esses anos.

Melany me deixou obcecado depois que provei do seu beijo. Obcecado por mais.

E me deu aquele maldito sorriso quando a deixei em casa.

O sorriso de quem sabia que tinha ganhado.

O sorriso que poderia colocar toda Nova Iorque aos seus pés.

Agora o que sinto não é aversão.

É ódio.

Ódio por saber que alguém pode ter poder sobre mim sem nem mesmo tentar.

Que fui estúpido o suficiente para perder o controle das minhas atitudes naquela noite.

— Eu soube dos boatos. — Bebo o restante do meu vinho.

Josh, por outro lado, aprecia sua bebida com calma antes de me responder.

— Eu não sei como Vee conseguiu segurar Logan, mas ele estava disposto a matar o babaca por ter tentado sujar a reputação de Melany. — Percebo sua voz se tornar

fria. — Todos nós estávamos dispostos a fazer isso, na verdade. O que nos tranquilizou foi que as notícias sumiram.

— Como? — Ergo a mão pedindo a conta. — Ele se redimiou?

— Ninguém sabe. — Josh pega seu casaco e me levanto assim que entrego meu Amex<sup>[5]</sup>. — Apenas sabemos que todas as manchetes que falavam de Melany foram retiradas do ar em poucas horas e Liam não foi visto desde aquele dia.

— Por que tenho a impressão de que Logan não se acalmou?

— Porque é a Melany. Ele nunca permite que nada a machuque — Josh comenta, distraído. — Ele está mais superprotetor. Na verdade, todos estão e ela está odiando tudo isso.

Aceno, concordando. Ao me levantar, coloco meu casaco preto e caminho em direção à saída do local, para logo depois ir rumo à pista particular.

— Ele vai voltar — afirmo quando começamos a andar.

— Não há como prever isso.

— Eu sei que vai.

— Como?

— Confie em mim, ele vai.

— Ele não seria idiota de fazer isso.

— Ele é um jogador de hóquei, claro que é idiota — resmungo.

Josh não me responde, apenas digita algo em seu celular enquanto caminhamos pelo espaço amplo e meu olhar vagueia pelo lugar abarrotado de passageiros. Assim que estamos no jatinho particular da minha família, observo meu amigo se sentar em umas das poltronas. Quando vejo o assento mais distante, me pego indo até lá.

Descanso minha perna na mesa à minha frente, colocando o óculos de grau com uma armação preta. Tiro meu notebook da bolsa, abrindo-o e pousando em meu colo, antes de clicar no meu novo projeto, enquanto Josh continua discutindo algo em seu telefone.

Assim que nosso piloto anuncia que o voo foi autorizado, acomodo-me, enquanto todos se preparam para o longo voo até Nova Iorque. Observo Paris pela pequena janela, a Torre Eiffel toma conta de toda a paisagem e me pego pensando nas vezes em que a visitei durante a noite, quando o silêncio do meu apartamento me incomodava.

Durante três anos, sobrevivi nessa cidade.

Eu corria pelas ruas durante a manhã.

Visitava os pontos turísticos e revirava os olhos para o clima romântico espalhado por cada esquina, como se fosse um veneno irritante. Por outro lado, também conheci restaurantes, bares e cafeterias que se tornaram os meus lugares favoritos.

Presenciei Dylan e Hazel virem aqui todos esses anos comemorarem o aniversário de casamento e me questionarem sobre a minha escolha de vida, deixando claro o descontentamento em me isolar de todos.

Durante três anos, consegui evitar tudo relacionado à minha família.

Os segredos, as mentiras, o peso do meu sobrenome.

Tudo isso.

Eu fiz o mesmo que minha mãe fez anos atrás. Talvez seja por isso que eu a tenha visitado mais vezes do que o necessário. Eu a acompanhei em seus desfiles e vi o brilho no olhar dela sempre que desenhava uma nova coleção e mandava as peças para Verônica e Hazel.

Vi a sua felicidade voltar pouco a pouco.

Principalmente quando Jayden estava lá.

Quando ele gritava por ela e gargalhava sempre que faziam algo juntos.

Minha mãe encontrou a felicidade após perder um dos seus filhos. Ela encontrou um novo motivo para continuar, ainda que tenha que viver sob o mesmo lar que Jonathan. E durante esse período, entendi porque ela precisou desse tempo. O porquê de ela preferir a quietude da mansão de Milão à vida agitada em Nova Iorque.

Aqui não precisamos nos importar se a mídia estará em cima de nós e dos nossos segredos, porque é como se fôssemos invisíveis. Ninguém se importava se éramos uma das famílias com um dos maiores monopólios da América.

Entendi que aqui eu posso ser apenas Edmund. Não preciso me importar com nada.

Entretanto, agora percebo também que apenas adiei o inevitável.

— Eles sabem que você está voltando?

A pergunta de Josh me faz encará-lo.

— Irão saber quando eu pousar.

— Você não disse a ninguém?

— Não.

— Então vai chegar de surpresa?

— Eu vou mandar uma mensagem.

— Me diga que disse pelo menos a Dylan — comenta, se sentando na poltrona à minha frente. — Ele sempre sabe de tudo.

— Ele está na China. — Digito o código de um dos meus programas. — E quando voltar, já terei me instalado. Irei poupá-lo de querer me ajudar.

Meu amigo solta uma risada e ergo uma sobrancelha.

— Você não comunicou nem mesmo a Verônica?

— Eles me queriam de volta, então estou voltando. — Dou de ombros. — É isso que importa.

— Pelo emprego que te ofereceram — contrapõe.

Dou de ombros de novo, observando todos os esboços dos próximos jogos e percebo que uma das aeromoças

traz nossas bebidas e Josh agradece, enquanto continuo focado nos códigos que aparecem no visor do meu notebook.

— Talvez.

Meu semblante é tomado por preocupação quando percebo algo de errado com eles. Nem mesmo presto atenção nas palavras de Josh, sabendo que qualquer erro pode ser crucial e que isso precisa estar impecável para garantir a funcionalidade do jogo.

— Onde você vai ficar? — ele questiona, de repente.

Levantando os meus óculos de grau, o encaro, confuso pela pergunta.

— Na minha cobertura? — indago, retoricamente.

— Pensei que procuraria outro lugar.

— Por que eu procuraria outro lugar quando tenho a da minha família?

Meu amigo inclina a cabeça para o lado, semicerrando os olhos, e sei que está pensando algo que não irei gostar. Porque essa é a coisa de Josh, ele sempre está pensando em como resolver situações que não possuem resoluções. Ele tenta consertar tudo, desde que se mudou para Londres, anos atrás, e se tornou o meu único amigo próximo.

Josh não se importou em pegar voos durante o final de semana para estar ao meu lado mesmo que sua rotina fosse cansativa. E me esforcei para ser agradável, mesmo que ele tivesse que me observar reclamar de todos.

Ele esteve lá por mim e fomos a única companhia um do outro.

Eu o observei se curar do relacionamento fracassado.

Ele me observou ignorar a tudo e a todos.

Josh Brown foi e continua sendo meu melhor amigo. Uma das únicas pessoas que confio totalmente.

— Você deveria adotar um gato — zomba, levando o copo aos lábios.

— Eu estou com medo de perguntar o motivo deste comentário aleatório. — Uno as sobrancelhas. — Mas a curiosidade se sobressai a razão. Então, por que eu deveria adotar um maldito gato?

— Porque não estarei sempre lá e você vai ficar solitário — afirma, como se fosse o óbvio. — Um gato talvez mude isso.

— Você faz parecer que irei chorar a sua ausência.

— Você vai.

— Não se dê tanta importância. Além disso, para cuidar de um gato, eu teria que me importar com a sobrevivência de alguém. — Pego meu celular, vendo que será um longo voo. — Então isso está completamente fora de questão.

— Aquela cobertura precisa de vida e os gatos não precisam de tantos cuidados assim, eles são bem independentes.

— Talvez eu compre uma samambaia. — Dou de ombros, fazendo uma busca rápida. — Plantas diminuem a ansiedade e algumas até aumentam a produtividade.

— Quem disse isso? — Ele me lança uma careta.

— O *Google*.

Ergo meu notebook em sua direção, mostrando o artigo.

— Você não lembraria de regá-la. — Ele me toma o aparelho e lê o artigo. — Seria um desastre.

— Eu posso construir um robô para isso. — Mostro um sorriso frio.

— Você precisa de convivência com humanos. Não plantas ou robôs.

— Você já me irrita o suficiente, Josh. — Encosto-me no assento e fecho os olhos. — Não preciso de mais estresse quando tenho que me tornar o COO<sup>[6]</sup> da Blackwell Enterprise, em Nova Iorque.

— Então sem plantas e gatos?

— Exato.  
— Você vai se sentir sozinho.  
— Eu gosto de me sentir sozinho. — Sorrio sem mostrar os dentes. — Agora cale a boca, nós temos mais de sete horas de voo.



Ele não calou a boca.

Foram sete horas e vinte e três minutos de um voo torturante.

Onde, em metade dele, meu melhor amigo estava falando sobre algo irritante enquanto eu pensava em qual seria a pena que pegaria se eu descomprimisse o avião ao abrir a porta de emergência no ar e o jogasse para fora.

Josh solta um suspiro cansado quando saímos do jatinho e seguimos pelos corredores do aeroporto JFK<sup>[7]</sup> até a imigração. Assim que finalmente passamos por ela e pegamos nossos passaporte e mala, ele para ao meu lado, me lançando um sorriso.

— Bem-vindo de volta, Ed. — Sua animação me faz erguer uma das sobrancelhas. — Vou precisar passar na empresa dos meus pais e depois vamos sair para beber algo.

— Você diz como se eu quisesse comemorar algo.

— Você eu não sei, mas *eu* irei aproveitar essa desculpa para me embriagar. — Ele me dá um longo sorriso. — Até a noite.

Ergo o braço, chamando por um táxi.

— Não se assuste se eu te ignorar.

Meu amigo sorri, imitando a minha posição. E assim que os automóveis param perto de nós dois, ele segue

até o seu. Contudo, antes de entrar, se vira para mim e solto um suspiro.

— Você não ousaria, Ed — diz, encarando-me. — Conte para Vee e Dylan que você está na cidade. Você não precisa ficar sozinho até decidir tudo. Eles sentem a sua falta.

Vejo a preocupação irradiar de suas pupilas.

Josh pode levar tudo na brincadeira, mas ele me conhece melhor do que ninguém.

Ele sabe o porquê gosto da solidão e o porquê não contei a ninguém que estava voltando. Dylan tem seus problemas e uma família para se preocupar. Verônica está no meio de uma gestação e não merece ter um irmão que lhe dê problemas.

Eles cresceram. Assim como eu.

Não preciso mais que me segurem, porque as lembranças invadem a minha mente, nem que se preocupem se estou bem ou não. Se os pesadelos estão voltando, ou se o sangue ainda é meu gatilho. Se me sinto claustrofóbico sempre que chove ou que a minha preocupação às vezes me faz ter medos que passam os limites.

Eles não precisam se preocupar.

Eu posso lidar comigo, posso cuidar de mim mesmo.

Não sou mais um garotinho de quinze anos.

— Eu vou — minto.

Ele acena e então entramos nos automóveis.

À medida que o táxi avança pelas ruas, as cores dançam ao longo das fachadas dos prédios, criando um espetáculo de luz e sombra. Meu olhar é instantaneamente capturado por essa cena vibrante e me pego imaginando como poderia transformar essa paisagem em uma identidade visual para meu próximo projeto.

Como o que está no computador.

Um jogo que possui apenas um jogador.

Que precisa passar por todos os desafios postos no caminho para chegar até a sua parceira. Eles enfrentam o mundo, se quebram e talvez até mesmo desacreditam, mas, no fim, continuam lá esperando um pelo outro.

É uma das minhas criações favoritas. Meu projeto favorito.

E, mesmo assim, nunca tive a coragem de finalizá-lo.

Balanço minha cabeça quando o carro para em frente ao enorme edifício no *Upper East Side* e me inclino, entregando o dinheiro ao motorista antes de pegar minha mala e seguir até a entrada. Cumprimento o porteiro que conheço há anos e continuo o trajeto até o elevador privativo da cobertura.

Assim que as portas se fecham, me encosto na parede de metal, esperando até que meu andar chegue e, por um minuto, imagino como poderei dormir por longas horas até que meu *Jet Lag* acabe e finalmente possa dizer a Dylan que estou aceitando a sua proposta.

No entanto, ao passar pelas portas metálicas que se abrem novamente e adentrar o saguão da cobertura, meu corpo se imobiliza ao som da melodia de uma música clássica e lenta ecoando pela casa.

Deixo minha mala de lado, tendo a certeza de que alguém invadiu a cobertura. Caminho em direção ao barulho, observando como a cada passo, o som aumenta. Assim que estou no corredor do antigo estúdio de dança de Vee, a música é trocada e as notas lentas de *Angel by the Wings* de *Sia* começam a ecoar pelo espaço.

Escoro-me na porta de vidro, observando a garota girar no centro da sala sem perceber que agora possui companhia. Seus olhos estão fechados, sua boca entreaberta e os cabelos pretos estão soltos. A cada movimento, eles caem pelo seu rosto.

Abaixo meu olhar até o *collant* preto que molda cada curva de seu corpo e nas sapatilhas que lhe dão a estabilidade que precisa. Sua perna se ergue ao mesmo

tempo que o refrão chega e seu corpo se inclina para o lado enquanto começa a girar. A luz suave do estúdio parece abraçar cada movimento dela, transformando cada passo em uma obra de arte em movimento.

A irmã caçula do meu cunhado.

Meu pior pesadelo.

Meu segredo.

Meu erro irrevogável.

Melany Underwood, a personificação da graça.

Sua dança é perfeita. Seus movimentos são impecáveis.

Ela é deslumbrante.

Os músculos de seu corpo se contraem e relaxam em perfeita sincronia, enquanto executa os passos com uma precisão impressionante. Seus pés deslizam pelo chão com uma leveza quase etérea, como se estivesse flutuando. E quando abre os braços, jogando a cabeça para trás e erguendo uma perna, girando-a com delicadeza, antes de pousar novamente e reiniciar os movimentos, me pego apreciando como tudo ao redor dela parece desaparecer.

Nada mais importa. Apenas ela e a sua dança. Como sempre foi desde que a conheço.

Percebo que nunca tinha visto-a dançar desta forma antes e me pego pensando que poderia ficar horas e horas observando-a fazer isso e não me cansar.

Porque Melany é arte. Arte intrínseca e única. Magia pura.

Daquelas que nem mesmo percebemos que ficamos horas observando porque estamos fascinados demais apreciando cada instante. Mel é um conjunto de tudo aquilo que desprezo e, ao mesmo tempo, admiro.

— O que *caralhos* você está fazendo aqui? — O seu grito me faz sair dos meus devaneios.

Ergo o queixo, deixando que minha expressão se torne entediada, mesmo que eu não me sinta dessa forma.

Olhos azuis agora me fuzilam. Uma expressão confusa toma conta de seu rosto.

Nunca me esqueci da forma como seu rosto é lindo. Como ela une as sobrancelhas quando está nervosa.

Nem que cruza os braços frente ao corpo quando está insegura.

Nunca esqueci nenhuma parte dela.

E isso me atormenta. Todos os malditos minutos.

— Eu posso te perguntar o mesmo — afirmo, me desencostando da porta e colocando as mãos no bolso da minha calça antes de dar poucos passos até onde ela está e sorrir amplamente. — Já que você claramente está invadindo a minha casa, *wildcat*.

# 05

## NOVO COLEGA DE QUARTO

*E, meu bem  
Eu estou lutando contra o fogo  
Só para chegar perto de você  
Podemos queimar alguma coisa, meu bem?  
E eu correria por milhas só para sentir o gosto*

**Love On The Brain | Rihanna**

*Melany Underwood*

Olhos semicerrados.

Cabelos pretos.

Meu tormento.

Edmund foi, por três anos, a personificação de uma noite que nunca deveria ter existido. Ele viveu em minha mente quando não deveria e odiei cada segundo disso. Porque prometemos que aquilo deveria ter sido apenas uma noite, apenas um momento de insanidade.

E, agora, ele está aqui.

Em Nova Iorque.

Na minha frente.

Me encarando como se eu não fosse digna de estar nesse lugar.

Abaixo meu olhar calmamente, deixando uma expressão de desdém tomar conta do meu rosto e percebo que ele veste seus pulôveres ridículos e ainda tem a mania de brincar com os dedos inconscientemente quando está perdendo a paciência.

Edmund percebe meu olhar desagradável sobre ele e começa a caminhar em minha direção de uma forma tão arrogante que me dá vontade de revirar os olhos e chutar as suas bolas sem remorso nenhum. Ele leva as mãos até os cabelos, bagunçando-os, antes de me esquadrihar dos pés as cabeças, soltando um sorriso petulante.

— Você quer começar a explicar? — indago, franzindo o cenho e empinando meu nariz. — Ou vamos continuar nisso o dia todo?

— Explicar exatamente o quê? — Une suas sobrancelhas, colocando as mãos nos bolsos frontais de sua calça escura. — Porque, na verdade, quem me deve uma explicação é você, já que é a única que invadiu a *minha casa*.

Suspirando fundo, descruzo os braços e passo por ele, caminhando até a cozinha, ignorando-o antes que Verônica encontre o irmão dela no pronto-socorro mais próximo.

Depois de uma longa semana lidando com os cochichos, as fofocas implantadas e a minha pouca paciência para não socar a cara de qualquer um que tentava defender Liam, não está nos meus planos lidar com um idiota como Edmund.

Porém, antes mesmo que eu possa chegar ao meu destino, posso ouvir seus passos atrás de mim e solto um bufo, sabendo que não conseguirei me livrar dele tão cedo.

Assim que paro, procuro meu celular no balcão da cozinha, sabendo que esse foi o último local que o vi e ignoro totalmente a sua presença.

Entretanto, meu olhar se cruza com o de Edmund que está parado do outro lado da ilha, me encarando de uma forma que não compreendo.

— Ok, o que você quer? — Apoio minhas mãos nas bordas do balcão.

— Uma explicação — responde.

— Sobre eu estar na *minha* casa? — Ergo uma sobrelancelha.

Ele se aproxima, apoiando suas mão no granito.

— *Sua* casa? — devolve, pateticamente. — Tem certeza?

— Absoluta.

— Até a última vez que conferi, não era o seu sobrenome que estava nas escrituras. — Ele solta uma risada patética. — Então?

Inclino minha cabeça, fazendo meu cabelo cair para o lado e expor meu pescoço esguio. O olhar de Edmund desce, lentamente, até lá e percebo suas pupilas se demorarem na pele desnuda. Mesmo odiando, a memória de como seus lábios traçaram cada parte do meu corpo, principalmente esse lugar em específico, toma conta de mim.

A forma como sua mão se fechou em meu pescoço e seus lábios percorreram minha pele.

As mordidas que me deixaram marcada por dias.

A forma como me senti sempre que seu pau me preenchia.

Tudo.

Cada maldito momento.

— Ligue para sua irmã e tire suas dúvidas — finalmente respondo, sabendo que minha voz sai mais rouca do que o normal. — Na verdade, ela sabe que o irmãozinho perfeito dela voltou para a cidade ou você continua sendo um covarde?

Ele sorri e se inclina, nivelando nossos rostos e tudo ao nosso redor parece não existir mais. Minha mão se

apoia no granito de forma com que eu precise ficar na ponta dos pés, para não fraquejar sob seu olhar.

Edmund não diz nada, tampouco eu.

Nós ficamos assim, apenas nos encarando.

Posso perceber que a onda de amargura que me invade também está escancarada em suas pupilas. Se eu me inclinar um pouco mais, nossos narizes irão se esbarrar e poderei sentir o cheiro de seu perfume caro. Porém, não sou estúpida o suficiente para fazer isso.

Não quando entendo que tenho mais a perder do que ele.

Meu olhar se fixa na cor de seus olhos, na forma como são âmbar, como os de seus irmãos. Mas há uma diferença no dele que poucos percebem. Uma diferença que apenas quem o encarar por muito tempo entenderá e, sem dúvidas, nunca mais verá da mesma forma.

Os olhos de Edmund Blackwell me lembram o pôr do sol.

Eles possuem uma beleza deslumbrante que deveria acalmar, que quando se observa por muito tempo, temos a sensação de que nada poderia nos machucar. Mas, no meu caso, é totalmente ao contrário. E agora que me encontro perdida nesse olhar, vejo apenas a falsidade, o egoísmo e a frieza que se escondem por trás dessa fachada.

Edmund não é um mocinho como todos acham.

Ele não é a calma como sua família o pinta.

Ele é fogo puro. Como um vulcão em erupção.

— Você ainda é uma pequena infratora, *wildcat*?

Estalo a língua no céu da boca, deixando meus devaneios de lado e relaxo meu rosto antes de erguer uma sobrancelha.

— Depende, você ainda é um merdinha egocêntrico, *nerd*?

— Para sua infelicidade, sim. — Seu tom desce um decibel. — Satisfeita?

Uma careta toma conta do meu rosto.

— Eu deveria ficar satisfeita?

— Eu não sei. — Seu semblante é tomado por arrogância. — Mas você está me encarando como se estivesse a ponto de me assassinar.

Meu olhar se desvia para o conjunto de facas na lateral do balcão.

— Talvez eu esteja.

— Três anos e você ainda mantém esse ódio?

*Sim.*

*Cada maldito segundo.*

— É curioso como você imagina que eu poderia nutrir ódio por você. — Um sorriso sarcástico nasce em meus lábios quando suas sobrancelhas se unem. — Porque para isso acontecer, Edmund, eu precisaria ter sentido algo por você em primeiro lugar. — Umedeço meus lábios e observo como sua mandíbula tensiona.

Mesmo com a minha resposta, ele não se afasta.

E ainda continua me encarando.

— Você ainda é uma péssima mentirosa, wildcat.

Ele me lança um sorriso de escárnio.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu sou dono desta cobertura — comunica. — A resposta que, de fato, desejo é o motivo pelo qual você está aqui.

— Eu moro aqui. — Semicerrou os olhos. — Há quase um mês.

Ele não diz mais nada. Apenas me encara como se estivesse vencendo essa discussão.

— Ok. — Ele projeta sua língua para fora, lambendo os lábios antes de sorrir com indiferença. — Quanto tempo levará para se mudar?

Encaro-o, incrédula.

*Não.*

Impossível.

Ele não está fazendo isso.

Não está me expulsando.

— Como é que é? — Minha voz sobe um decibel.

Soltando uma lufada de ar, ele revira os olhos, entediado.

— Quanto tempo levará para você arrumar um novo apartamento, Melany?

Incrédula, é assim que me sinto.

Na verdade, estou emputecida. Pronta para assassinar o caçula de uma das maiores famílias do país sem remorso algum e sorrir em seu enterro enquanto todos choram.

— Eu não vou me mudar.

— Não?

— Não. — Mostro um largo sorriso enquanto aperto a borda da ilha, sentindo meus olhos faiscarem de raiva. — E se você tentar me expulsar, vou cortar as suas bolas e dar aos porcos sem compaixão alguma. E acredite em mim, Edmund, tenho uma longa lista de contatos no meu celular que me ajudariam a esconder seu corpo sem nem mesmo hesitar.

Percebo uma sugestão de sorriso em seus lábios.

É insensível. Frio. Impiedoso.

Típico dele.

— Você está me ameaçando, Melany Underwood?

Jogo meus cabelos para trás e me inclino um pouco mais, fazendo nossos rostos quase se escorarem.

— Estou te dando um aviso amigável, Edmund Blackwell.

Os olhos ardentes do idiota deslizam brevemente sobre meus lábios, despertando a raiva que se mistura com uma sensação de que desprezo quando se trata dele.

Começo a ponderar o quanto Logan poderia me odiar se, por um acaso, eu decidisse infligir algum dano ao irmão de sua esposa.

Nos encaramos outra vez e engulo em seco, sabendo exatamente o que emana de seu olhar.

Odiar Edmund é fácil, *sempre foi fácil*.

Nós nunca nos importamos com a existência um do outro. Entretanto, agora, parece que sempre o conheci, que cada parte dele é memorável para mim e odeio isso com todas as minhas forças.

Assim que abre os lábios para me responder, Edmund é impedido pelo barulho das portas do elevador se abrindo e barulhos de passos ressoando até onde estamos. Mesmo com isso, não nos movemos.

— Mel, você não vai acreditar. — A voz de Andrew soa longe e, ao mesmo tempo, perto. — Olha o que eu trouxe...

Assim que viro para onde meu melhor amigo está agora, sua sobrancelha se ergue e seu olhar desvia entre mim e Edmund.

Andrew inclina a cabeça, franzindo as sobrancelhas e percebo seu semblante ser tomado por confusão.

— Oi, Andi. — Forço uma voz tranquila, me afastando do balcão. — Você chegou na hora certa.

— Eu deveria perguntar o que está acontecendo aqui? — Andrew questiona.

— Não, apenas dê boas-vindas ao nosso novo colega de quarto. — Sorrio friamente, andando até onde ele está. — E não se surpreenda se ele tentar te expulsar como fez comigo.

— Ele fez *o quê?* — Andrew arregala os olhos.

— Perdeu os modos. — Sorrio ingenuamente e encaro Edmund sobre meus ombros. — Mas isso não é algo que me surpreenda vindo dele.

Dou passos lentos até Andrew, beijo sua bochecha e sigo até as escadas, rumo ao meu quarto, ignorando a conversa que os dois começam e o olhar de Edmund, que queima as minhas costas a cada degrau que subo.

Isso não pode ser verdade.

Ele não voltou.

Não depois de três anos.

Não agora.

Verônica não faria isso.

Ela não me colocaria no mesmo lugar que seu irmão sabendo do nosso histórico.

Logan não permitiria.

É apenas uma coincidência de merda que preciso resolver o mais breve possível.

Porque não há nenhuma possibilidade de Edmund e eu dividirmos o mesmo teto.



Eu nunca fui a maior apreciadora dos sábados.

Na verdade, de nenhum dia do final de semana.

Na metade deles, estou bêbada ou treinando até que o cansaço tome conta de mim. Porém, é em dias como estes, quando o tempo se fecha e a chuva toma conta de Nova Iorque, que me tranco no meu quarto.

Antes, havia Doc para me fazer companhia, entretanto, depois que Hazel se mudou, perdi meu companheiro que amava comer minhas sapatilhas. Às vezes, até mesmo Andrew se deita ao meu lado e adormece em quinze minutos.

Mas hoje, mesmo que eu tente negar, sei que apenas estou fazendo isso por não desejar encarar Edmund por um dos corredores ou ter uma possível briga que irá acabar com o resto do meu dia. Não até que eu tenha uma resposta do que *caralhos* está acontecendo e do porquê Verônica não me disse que o seu irmão também estaria aqui.

Se soubesse, nunca teria aceitado quando ela propôs que me mudasse, mesmo que isso significasse que

arriscaria trombar com um jornalista medíocre na saída do meu prédio ou que Liam batesse em minha porta com aquele sorriso de merda e um buquê horrendo nos braços.

Isso seria mais fácil de lidar do que com o homem que está em um dos quartos.

— Você não pode ficar escondida entre seus cobertores para sempre. — A voz de Andrew, seguido do barulho da minha porta se fechando, me faz cobrir a minha cabeça com um travesseiro. — Estou falando sério.

— Eu posso tentar. — Ele puxa o travesseiro do meu rosto.

Pego o controle remoto, ignorando-o. Aumento o volume da televisão, escutando a voz de Sandra Bullock e Ryan Reynolds<sup>[8]</sup> brigando por um pedido de casamento que sei de cor e que sou completamente obcecada.

— Vamos lá, Mel. — Escuto seus passos pelo quarto. — Me conte logo.

— Contar o que exatamente?

— O porquê está escondida.

Reviro meus olhos, me ajeitando na cama e virando meu rosto para a TV.

— É *sábado*, Andi — sussurro, evitando seus olhos e ele finalmente compreende. — Eu não estou escondida aqui por ele, estou aqui por *ela*.

*Porque é o único momento que me permito sentir a sua falta.*

*Porque é o meu dia favorito.*

*Porque sinto falta dela.*

Andrew fica em silêncio encarando-me e, de repente, caminha até onde as cortinas estão abertas e as fecha, antes de voltar até a cama.

Uno as sobancelhas, observando-o tirar os sapatos e levantar o enorme edredom de coração para se deitar ao

meu lado e se aconchegar entre os travesseiros.

— O que você está fazendo?

Andrew toma quase todo o espaço da minha cama e franze o cenho ao se deparar com o filme que está pausado na enorme TV à nossa frente.

— Estou sendo seu melhor amigo e não deixando você se afundar sozinha nas memórias como faz todos os sábados, mesmo que isso signifique assistir comédias românticas. — Ele sorri, encarando a televisão. — Alguém já te disse que você é uma fraude?

— Não, você é o primeiro louco a supor isso. — Jogo uma almofada nele. — Mas, mesmo que não me importe, porque acha isso?

— Você assiste filmes de romances e odeia qualquer demonstração de amor. — Sua risada preenche o espaço. — Na verdade, acho que você, Mel, é a inimiga número um desse sentimento.

— Eu não odeio o amor. — Desvio o olhar. — Odeio que as pessoas usem dele para justificar seus erros. É diferente.

— Você quebrou o coração de O'Brien. E de outros que não iremos comentar.

Uma careta toma conta de todo o meu rosto.

— E não me arrependo — defendo-me. — Eu os avisei desde o início e não tive nenhuma culpa se eles foram idiotas o suficiente para alimentar uma ilusão patética.

— Deus, você às vezes se parece com Analu — ele zomba. — Então, como você e Ed conseguirão dividir o mesmo espaço sem tentar se matarem? Ou eu precisarei me preparar para uma Terceira Guerra Mundial?

— Não iremos dividir o espaço. — Retorno o olhar para televisão, focando na forma como Margareth se ajoelha no meio de uma calçada e faz o tão famoso pedido de casamento. — Ele odeia Nova Iorque e, se precisar, farei da sua vida um inferno até que volte para o outro lado do oceano.

— Ele odeia?

— Sim — afirmo, não o encarando.

— Pode ser um erro e ele esteja apenas de visita.

Tenho vontade de revirar os olhos.

— Não acho que seja apenas uma visita, Andrew — digo, me ajeitando. — Não pela forma como ele está se esforçando para me expulsar daqui.

Meu amigo, se inclina para me encarar e une as sobrancelhas, desconfiado.

— Por que você se incomoda tanto com o fato dele ter voltado?

— Porque sei que vai ser um erro — afirmo, veemente.

— Por quê?

Não conte a ele.

Não conte a ninguém.

— Porque... — Mordo o meu lábio inferior, reconsiderando minhas opções. — Você promete não me julgar?

— Você matou alguém?

Tenho vontade de gargalhar, sabendo que essa é a nossa coisa.

— Não?

— Está prestes a ser presa?

— Eu estou com cara de quem está prestes a ser presa? — Encaro-o, com uma das minhas sobrancelhas erguidas.

— Ok, certo. — Ele me dá um sorriso. — Mas, eu sou seu melhor amigo, não posso prometer isso. Eu sempre irei te julgar por algo, tipo quando usou aquela saia Dior horrível.

— Prometa, Andrew Wright — grunho, perdendo a paciência.

Andi me encara desconfiado e quase me sinto uma criança novamente.

Nunca falei, de fato, as palavras em voz alta. Acho que na minha memória congestionada, se acreditasse que

aquela noite não existia, que não passou de uma ilusão, de um sonho que às vezes tenho quando estou delirando de febre, ela de fato seria apenas um tipo de sonho que parece real demais.

Mas o problema é que não foi um sonho.

Nem uma ilusão.

Eu cometi um erro.

Um erro irreparável.

E agora o motivo do meu erro e das minhas lembranças está aqui.

A poucos metros.

— Ok. Nós não pulamos do barco sozinhos, Mel. — Sua voz abaixa. — Agora fale logo, está me deixando preocupado.

Ok.

Eu posso fazer isso. É apenas uma frase.

— *E transeicomEdmundnocasamentodeDylan.*

Andrew me encara mais confuso do que antes e tenho vontade de bufar.

— O que *caralhos* você disse?

— Não me faça repetir — suplico. — Por favor.

— Se você quiser a minha ajuda, você terá. — Andrew me lança uma careta. — Agora, pelo amor de Deus, fale pausadamente.

— No casamento de Dylan e Hazel você saiu mais cedo — lembro-o, semicerrando os olhos. — Você me deixou sozinha para ir em um encontro que foi uma merda.

— Não me julgue de ter feito isso quando, pelo que me lembro, você acordou no dia seguinte como se uma versão menos gostosa de Edward Cullen tivesse atacado seu pescoço, Mel — se defende, erguendo uma sobancelha. — Agora me diga o que isso tem a ver com a situação atual.

— Estou tentando chegar nesse ponto, então não me interrompa, porra. — Respiro fundo. — Verônica obrigou

Edmund a me dar uma carona. Eu o desafiei, nós brigamos e, não sei como e nem quero saber, nós acabamos transando no carro dele.

Andrew não diz nada.

Apenas abre os lábios, perplexos.

Seus olhos estão tão arregalados que tenho medo.

E apenas fico encarando-o.

*Um.*

*Dois.*

*Três.*

— Retiro o que disse.

— Sobre o quê?

— Sobre a pessoa que atacou seu pescoço ser menos gostosa que Edward Cullen. — Meu amigo me lança um sorriso cheio de dentes e eu fecho os olhos, contando até dez. — Edmund é superior.

— Seja meu amigo responsável por um momento — sibilo, tampando meu rosto com as mãos. — Me diga que cometi um erro.

— Seu erro foi não ter me dito isso antes. — Ele solta uma pequena risada. — De dez a zero quanto foi?

— Vinte? — respondo, encolhendo os ombros.

— E depois?

— Depois do quê? — Franzo o cenho.

— Depois que vocês transaram uma...

— Três — corrijo-o, engolindo em seco. — Foram três vezes.

— Puta merda. — Seus lábios se entreabrem e eu lanço uma careta em sua direção. — Ok, serei o amigo responsável. Então, depois que vocês transaram *todas* essas vezes, o que aconteceu?

Por um momento, me permito lembrar daquela noite.

Como ele me beijou, como não nos importamos com nada a não ser como nos desejávamos.

Como não queríamos que o amanhecer chegasse.

— Então ele me disse que aquilo foi um erro, que deveríamos esquecer tudo e me deixou em casa. — Dou a ele um sorriso frio. — E depois disso ele pegou o primeiro voo para Paris como se achasse que eu estaria correndo atrás dele como uma maldita obcecada. Satisfeito?

Andrew não diz nada por um momento.

Ele apenas encara meu rosto e me sinto patética novamente.

Nós prometemos uma noite um ao outro.

Nós cumprimos com isso.

— Você começou a namorar Liam menos de um mês depois do casamento.

Dou de ombros, sabendo que ele está tentando juntar as peças.

— Isso não tem nada a ver com meu relacionamento com Liam — afirmo, levantando. — Nós já tínhamos algo antes.

— Eu sei, ele odiou que você não o convidou para ser seu par.

— Então não tente achar que meu relacionamento disfuncional tem alguma ligação com o que aconteceu. — Paro no centro do meu quarto, colando a mão na cintura. — Eu cometi um erro e agora tenho que arrumar uma forma de me livrar dele.

Porque eu não posso ficar perto dele.

Porque o odeio.

Odeio que ele me lembre alguém que não desejo.

Odeio que ele me faz sentir algo que prometi nunca mais sentir.

Odeio que ele sabe como me desarmar.

Odeio tudo o que representa Edmund Blackwell.

— Mel?

Balanço a cabeça, voltando meu olhar para o meu melhor amigo.

— Você sabe que não precisa se sentir assim.

Ele sabe.

Eu sei.

Solto um pequeno sorriso sem mostrar os dentes, tentando convencer a nós dois que estou bem. Mesmo que não me sinta assim, não pelo idiota que ocupa alguns dos quartos, mas pelas lembranças que começam a inundar a minha mente.

Os gritos da minha mãe sempre que meu pai tentava ser suficiente para ela.

A voz fria de Aidan depois que ele entendeu que odiava aquela situação.

Como minha mãe pintava com raiva e me dizia que eu deveria dançar com elegância, porque a nossa arte sempre se basearia nisso e que sem ela sempre seríamos substituíveis.

Eu fiquei na ponta dos pés por horas, tentando ser como ela me disse para ser.

Eu dancei, mesmo quando meu corpo me pedia para parar.

Também tentei pintar, mesmo sabendo que não tinha o talento para isso como Logan tinha para desenhar. Eu fiz tudo para mostrar a ela que mesmo que seu casamento fosse seu erro incorrigível, nós éramos suficientes.

*Eu era suficiente.*

*E deveria ser suficiente para ela.*

Mas mesmo com todas as minhas tentativas, minha mãe escolheu outra coisa.

Antes disso, ela me fez prometer que *eu* sempre seria suficiente para mim.

Nunca deixaria um homem me machucar como papai a machucou.

Que ninguém nunca me faria me sentir insuficiente.

*Ninguém me alcança.*

*Ninguém me machuca.*

*Ninguém é páreo para mim.*

— Eu não sinto nada relacionado a ele, Andi. — Coloco um enorme sorriso em meu rosto. — Edmund foi uma transa insignificante, como qualquer outra, e quanto antes me livrar dele, melhor. Posso seguir com a minha vida.

Meu amigo me encara por alguns segundos. Não diz nada e eu agradeço por isso.

Pois prefiro lidar com o silêncio do que com as verdades nunca ditas.



## **EU AINDA QUEBRARIA TODAS AS REGRAS**

*Como podemos não falar sobre família  
Quando a família é tudo que nós temos?  
Tudo o que passei  
Você estava lá, ao meu lado*

**See You Again | Wiz Khalifa feat. Charlie Puth**

*Edmund Blackwell*

— Você está em Nova Iorque desde quando?

A voz desconfiada de Dylan me faz erguer o rosto do livro que leio em sua mesa.

Ele adentra a sala, arrumando a abotoadura de seu terno e me lança um olhar questionador. Assim que para ao lado de uma das poltronas, a sugestão de um sorriso em seus lábios me indica que mesmo que ele esteja pensando em me dar um soco por não o avisar que estava voltando, Dy está feliz em me ver.

Meu irmão costuma ser a pessoa mais calculista e fria desse lugar, mas quando se trata da nossa família, ele se torna o oposto do que todos conhecem. E pela forma como me encara, consigo enxergar o garoto que me apoiou em qualquer oportunidade.

— Menos de quarenta e oito horas. — Levanto meus óculos de grau.

— E por que só agora estou sabendo disso?

— Porque eu precisava me instalar antes de você ser um merdinha arrogante. — Dou de ombros, me escorando em sua cadeira. — Se serve de consolo, Vee ainda não sabe.

Ele ergue uma sobrancelha, indo até a lateral do escritório e se servindo de uma dose de whisky.

— Você sabe que ela irá querer te socar quando souber, certo?

— Eu sei. — Dou de ombros. — Por isso, marcamos um jantar essa noite.

— Achei que Vee estaria em Saint Vincent. — Dy ergue uma sobrancelha. — Verônica precisa parar de ficar intercalando.

— Ela me disse algo sobre ser a última vez que pisa nessa cidade antes dos gêmeos nascerem. — Ele anda pela sua sala e nem mesmo me expulsa da sua cadeira. — Por que você demorou tanto na reunião? Eu estou há quase uma hora te esperando.

— Colocando dessa forma, até me faz pensar que você não aproveitou todo esse tempo para mexer em nosso sistema operacional, memorizar tudo o que precisa saber ou identificar todas as falhas que precisam ser consertadas — afirma, me lançando um olhar curioso. — Já se situou de tudo?

Um sorriso nasce em meu rosto por ele me conhecer tão bem.

— Estou quase. — Levanto-me, ajeitando a manga da minha camisa social. — Há mais alguns departamentos para conferir e testar todas as funcionalidades. Mas já identifiquei falhas o suficiente para saber que teremos trabalho a fazer e que demitiremos algumas pessoas.

Ele dá de ombros, não se importando.

— Temos trabalho? — Seu rosto é tomado por uma

expressão zombeteira. — Você finalmente decidiu me dar uma resposta.

Encosto-me na borda da mesa, fitando seu rosto.

— Talvez.

— Então me deixe reformular a pergunta que estava prestes a te fazer.

— Vá em frente.

— O seu significado de se instalar é reservar uma suíte presidencial e ficar lá até enjoar da cidade? — indaga, sentando-se no sofá lateral e observando a cidade. — Ou é se mudar definitivamente para Nova Iorque e aceitar o acordo que te propus?

— O meu significado de me instalar significa voltar para a nossa antiga cobertura e descobrir que ela está servindo de casa para dois universitários — Ergo uma sobancelha. — Você sabia disso?

— Vee comentou algo.

— E você não se importa?

— Eu tenho um império para administrar, um filho de oito anos que decidiu aprender equitação como você e uma esposa que está pensando em ter mais um filho — Dy suspira. — Você realmente acha que me importo com Verônica cedendo uma cobertura para Andrew e Melany morarem?

Sento-me ao seu lado, observando os inúmeros arranha-céus à nossa frente.

— Então você não se importa?

— Não, Ed. — Ele cruza os braços frente ao corpo. — Por que você está tão incomodado?

— A pergunta correta é qual a probabilidade de Vee e Logan surtarem quando eu disser que estarei dividindo o apartamento com Melany?

Dylan me encara com uma sobancelha arqueada.

— Você está falando sério? — questiona, curioso. — Pensei que você compraria outro apartamento.

— Não. — Brinco com meus dedos. — Você sabe o que

aquele local representa para mim.

Dylan solta um suspiro, encarando a vista da cidade.

— De qualquer forma, depois do que aconteceu nas últimas semanas, Logan está mais preocupado em manter Mel longe de problemas do que com quem ela divide o apartamento — meu irmão afirma, não dando importância. — Além disso, eles confiam em você e sabem que não seria estúpido de se envolver com Mel.

Engulo em seco, desviando o olhar, sabendo que meu irmão conseguiria tirar a verdade de mim se ele percebesse a forma como meu semblante é tomado por algo que chega a ser culpa.

Sei que contaria a ele que fui idiota, sim, em me envolver com ela há anos atrás.

E que, mesmo que eu nunca tenha dito, aquela noite foi um dos motivos pelo qual eu fui embora para o outro lado do oceano, que mesmo com todo esse tempo sem ter algum contato, quando a reencontrei, foi como se algo tivesse acendido em meu peito.

Porém, apenas dou de ombros, sabendo que mesmo que tenha cometido esse erro irremediável, não estou disposto a errar de novo.

— Irei falar sobre isso com ela no jantar — anuncio.

— Certo. — Ele finalmente se levanta. — Agora podemos falar sobre a proposta que te fiz em Milão?

— Por favor.

— Então?

— Eu estou aceitando, Dy — Sorrio para meu irmão. — Contanto que você me dê o cargo de COO da Blackwell Enterprise, em Nova Iorque.

Meu irmão se escora na sua mesa e ao lado dele percebo a foto que ele, Hazel e Jayden tiraram no último Natal. Eles estão sorrindo um para o outro, sendo a família perfeita que merecem ser.

— E por que eu deveria fazer isso? — questiona, me tirando dos meus devaneios.

Dylan abandonou a pose de irmão mais velho e colocou a de CEO, fazendo com que eu me levante, erga a minha postura e imite a sua, assim como Jonathan nos ensinou.

Caminho com calma até a poltrona à sua frente e me sento, observando como ele estuda todos os meus passos. Mesmo que uma parte de mim ainda guarde rancor de Jonathan, não posso dizer que ele não fez o seu papel com maestria.

Meu pai nos ensinou a sermos implacáveis. A lutar mesmo quando todos acham que não estamos fazendo isso.

Ele nos ensinou a mover o tabuleiro com calma e precisão.

Por isso, enquanto encaro Dylan, sei que ele pensa o mesmo, porque a forma como me fita é repleta de orgulho.

— Porque eu sou um Blackwell e se *eu* for assumir qualquer cargo na empresa da *minha* família, não será como um subordinado — digo, minha voz soando tão profissional que até mesmo meu avô se orgulharia. — Eu estou largando todos os meus projetos em Paris e me dedicando exclusivamente a Blackwell Enterprise. Então, se você, de fato, quer o melhor profissional à frente do novo projeto, também desejo o melhor cargo que se adeque a mim.

Dylan abre um sorriso típico do CEO da Blackwell Enterprise.

— Você finalmente entendeu quem você é, Ed. — Há orgulho em seu tom.

— Eu sempre soube, Dy.

— O cargo será seu. — Ele cruza os braços, nem mesmo escondendo o triunfo em seus olhos por saber que voltei. — Eu estarei boa parte em Saint Vincent e você terá toda a liberdade para gerenciar a sede de Nova Iorque, contanto que participe das reuniões comigo e

Jonathan. Nós três iremos alinhar todos os projetos e faremos com que as três sedes trabalhem simultaneamente.

— Ele não vai interferir.

— Nosso pai não deseja pisar em Nova Iorque tão cedo — constata e nem precisamos estender o assunto quando sabemos os motivos. — Então se há algo com que não precisa se incomodar é com ele tentando atrapalhar nosso projeto.

Um sorriso nasce em meu rosto.

É um sorriso que poucos conhecem.

Um daqueles que meu irmão sabe que apenas abro quando estou ansioso para algo. A ansiedade e a adrenalina correm sob minha pele por saber que, nesse momento, estou prestes a realizar todos os meus malditos desejos em colocar a Blackwell Enterprise no setor que sou completamente apaixonado.

— De fato, essas são as *boas-vindas a Nova Iorque* que eu esperava.



Verônica tem um sério problema. Ela nunca chega no horário certo.

Nem mesmo me surpreendo quando pego uma taça de vinho e observo-a adentrar o restaurante quase meia hora depois do nosso combinado.

— Por que *caralhos* fui a última a saber que você está em Nova Iorque? — A voz suave dela faz um sorriso genuíno nascer em meus lábios.

Minha irmã entrega o casaco de inverno para o garçom e deixa a bolsa *Hermès* na cadeira ao lado. Levanto-me, fitando sua barriga que parece cada dia maior e meu sorriso aumenta.

— Porque sabia que você surtaria — digo.

Ela me puxa para um abraço antes que eu possa pensar. Meus braços afagam suas costas e nem mesmo nos importamos que estamos no meio de um restaurante com dezenas de pessoas nos encarando.

Eu a aperto como se ela fosse meu porto seguro. E ela me segura como se não desejasse me soltar.

— Você voltou?

— Eu voltei, Vee — sussurro. — E pelo amor de Deus, não chore.

Ela se afasta, lançando-me uma careta antes de sentar e pegar o cardápio.

— Eu ainda tenho controle sobre isso. — Ela dá de ombros.

— Logan disse que você chorou porque ele chegou atrasado em um jantar — zombo, observando-a semicerrar os olhos. — Qualquer que seja o xingamento, guarde para o seu marido. Onde ele está, aliás?

— Jantando com Melany — responde, lendo o cardápio. — Ele está um pouco preocupado com ela depois do que aconteceu. Mel é complicada quando se trata de sentimentos e Logan tenta ajudá-la com isso.

— Complicada como? — Tento não demonstrar curiosidade.

— É um assunto deles, Ed. — Vee se vira para o garçom, fazendo o pedido e então volta a atenção para mim. — Então, você disse que queria falar comigo sobre algo?

Encaro-a, engolindo em seco.

— Eu estou voltando a morar na cobertura da nossa família — solto.

O sorriso em seu rosto morre pouco a pouco e os olhos âmbar se fixam em meu rosto.

— Melany e Andrew estão lá. — É a sua única resposta.

— Eu sei. — Encosto-me na cadeira. — Eu encontrei

com Melany quando cheguei.

— Eu deveria ter te comunicado, mas não imaginava que voltaria — ela suspira. — Devo me preocupar?

Ergue uma sobrancelha.

— Com o que exatamente?

— Você e Melany no mesmo lugar, tentando se matar.

— Vee nunca desvia o olhar. — Eu amo vocês dois, mas sei que não se suportam. E não quero ter que vir até aqui resolver problemas de duas pessoas adultas quando estou prestes a dar à luz a duas crianças que irão precisar de mim, Edmund.

Eu observo a forma com que a preocupação nubla todo seu rosto.

Verônica não merece ter que se preocupar comigo ou com Melany. Podemos mesmo lidar com essa aversão que paira entre nós dois. Além disso, não pretendo colocar mais coisas na balança de problemas da minha irmã para que ela dê conta.

Por esse motivo, estendo a mão por cima da mesa e sorrio para a pessoa que sempre lutou por mim, sabendo que farei de tudo para nunca a decepcionar, e entrelaço nossos dedos.

— Você não precisa se preocupar — prometo, encarando seus olhos. — Melany e eu chegaremos a um acordo a qualquer momento. E prometo que se não conseguirmos conviver naquele apartamento, irei sair de lá antes que a situação piore, ok?

Vee meneia a cabeça, concordando.

— Aquela cobertura também é sua, Ed — ela afirma, encarando-me com um brilho no olhar. — Se as coisas não funcionarem, Logan e eu iremos arrumar outro lugar para Mel.

— Nós iremos conversar sobre isso. — Dou de ombros. — De qualquer forma, não se preocupe.

— Melany não é uma pessoa fácil de lidar. — Percebo-a hesitando. — Sei que vocês possuem uma aversão

mútua, mas apreciaria muito se não destruíssem aquele lugar.

— Eu não faria isso — resmungo. — Jonathan me faria pagar a reforma.

Uma risada salta dos lábios de Vee.

— É sério, Ed. — Ela abre um sorriso.

Dou uma risada suave e os olhos de Verônica brilham ao notar.

Tanto ela quanto eu sabemos que momentos assim são raros e acontecem apenas quando estou com ela ou Dy.

— Eu sei, Vee.

— Deveria deixar as pessoas verem esse seu lado tranquilo, Ed — ela diz, de repente. — Eu me lembro que você costumava ser como a Mel antes de tudo. Costumava ser a pessoa mais alegre daquele lugar. Ninguém estava triste na sua presença e sinto muito que tenha parado de ser assim.

Solto sua mão, me encostando na cadeira. A visão que Vee tem de mim é totalmente oposta ao que me lembro, porque não consigo me recordar do que é sentir alegria genuína há tanto tempo, que às vezes me questiono como seria voltar a deixar esse sentimento fazer morada em meu peito.

Porque, muitas das vezes, não sei como é sentir algo além de apatia pelas coisas e me questiono se a morte de Sophie conseguiu tirar até isso de mim. Se fui tão fraco e patético por apenas ceder à escuridão e ter me acomodado na minha dor sem que ninguém conseguisse me tirar de lá.

Eu vi Verônica descontar na adrenalina e Dylan se tornar indiferente e egoísta.

Mas eu? Eu apenas me estagnei.

Apenas vi todos ao meu redor superarem suas dores, enquanto eu congelei a minha.

— Eu apenas cresci, Verônica. — Dou a primeira

desculpa que me vem à mente, fingindo que suas palavras não me atingiram. — Então, como você pretende contar a Logan?

— Eu pensarei em algo. — Ela sorri e sei que não devo questionar.

— Apenas não me dê detalhes.

— Não pretendo. — Vee dá de ombros. — Apenas sejam civilizados e tentem não se matar enquanto eu estiver em puerpério. Logan assassinaria os dois se isso acontecesse, e realmente preciso de paz quando Atena e Noah chegarem.

— Eu sei. — Meneio a cabeça. — Ele continua tentando te fazer ficar em casa?

— Ele é um idiota superprotetor desde que descobrimos a gravidez. Preciso chutar a bunda dele pelo menos duas vezes ao dia por lotar meu celular de ligações. — Mesmo com a reclamação, posso ver o amor em seu olhar. — Agora vamos falar sobre a loira que está te encarando desde que chegamos aqui.

Ergo meu rosto, procurando pela mulher que minha irmã disse e encontro-a do outro lado do restaurante ao mesmo tempo que o garçom traz nossos pedidos.

Um sorriso se estende pelo seu rosto e apenas balanço a cabeça, desinteressado.

Ela é linda, mas não me desperta nada.

Nem desejo, antipatia, nada.

É apenas mais um rosto desconhecido.

— Jesus, você precisa transar. — Volto meu olhar para a minha irmã. — O quê?

— Pelo bem da minha sanidade, nunca mais fale isso — peço, lançando a ela uma careta. — É estranho.

— De qualquer forma, você precisa de uma namorada. Quando foi a última vez que você namorou?

Suspiro fundo.

— Nunca?

— Nem mesmo na França? — Seus lábios se

entreabrem quando nego. — Me diga que foi a encontros, ou que pelo menos se relacionou com alguém além de seus computadores.

— Josh conta?

— Sair para beber uma vez ao mês não é um encontro, Edmund.

— É tudo questão de semântica, Verônica.

Levo a taça até meus lábios, ingerindo o líquido.

— Eu irei te apresentar algumas amigas.

Engasgo com o vinho e arregalo os olhos.

— Nem ouse.

— Por quê?

— Porque suas amigas são casadas com os *meus* amigos.

Corto o bife, observando-a revirar os olhos.

— Estou falando de algumas bailarinas que estão na academia de *ballet*.

— Não sei se percebeu, Vee, mas você é a única bailarina que tenho afeição.

— Qual é o seu problema com elas?

*Todas me lembram dela.*

— São insuportáveis — afirmo, dando de ombros.

— Você deveria ser mais gentil.

— E você deveria parar de se importar com a minha vida amorosa.

— Eu sou a sua irmã, sempre vou me importar com a sua vida amorosa, mesmo que ela seja inexistente — afirma, voltando sua atenção para o jantar. — Você vai fazer vinte e seis anos, Edmund, está na hora de se relacionar com alguém.

— Não, obrigado.

— Irei arrumar um encontro para você — diz, sem se importar com a minha resposta. — Próxima sexta está bom para você?

Ela solta uma risada alta quando meus olhos se arregalam, chamando a atenção de algumas pessoas.

— Não ouse.

— Deus, pela sua reação você a assustaria.

Reviro meus olhos.

— Primeiro de tudo que eu nem mesmo apareceria no encontro.

Ela tomba a cabeça soltando uma risada e eu aprecio o som.

Verônica sempre foi a minha melhor amiga. Ela esteve lá por mim quando desenvolvi meu primeiro jogo, me aplaudiu quando ganhei a minha primeira premiação e me apoiou quando nos deitamos sob as estrelas e disse a ela todos os meus sonhos.

Vee me segurou quando tudo ao nosso redor ruiu e não deixou que nada me machucasse, mesmo que isso significasse receber a dor por nós dois. Agora, percebo que sempre farei o possível para manter esse sorriso em seu rosto, mesmo que isso signifique aturar sua cunhada irritante durante esses meses.

— Vee?

Seus olhos brilhantes encontram os meus.

— Sim?

— Eu ainda quebraria todas as regras por você. — Devolvo o que ela me disse em Milão.

— Eu sei, Ed. — Seu sorriso é brilhante. — É bom te ter de volta.



## REGRAS DE CONVIVÊNCIA

*E nunca tive alguém para chamar de meu, oh não  
Estou tão acostumado a compartilhar  
O amor só me deixou sozinho  
Mas eu fico confortável com o silêncio  
Encontrei paz na sua violência  
Não há como me mostrar que não adianta tentar*  
**Silence | Marshmello feat. Khalid**

*Edmund Blackwell*

Algumas pessoas dizem que recebemos o carma que merecemos.

Eu não acreditava nisso, até entrar na cobertura da minha família e descobrir que a garota que nublou todos os meus pesadelos durante anos é a nova hóspede daqui. Além de ter que prometer à minha irmã que conseguiríamos chegar a um acordo para manter uma convivência agradável.

Mas isso fica completamente fora de questão quando a pequena infratora escolhe, dentre todos os inúmeros quartos, o que fica ao lado do meu. O que significa que a todo momento que nos esbarramos no corredor, Melany

faz questão de proferir alguma ofensa em minha direção, sem nem mesmo se importar.

Então, eu não acreditava em carma. Não até receber Melany Underwood como o meu.

Agora, enquanto pego minha xícara de café e a levo aos lábios, observo-a adentrar a cozinha segurando uma bolsa esportiva com detalhes de corações e vestida no típico traje composto pelo *collant* e a saia preta. Tenho vontade de respirar fundo por saber que a minha manhã não começará em pleno silêncio.

— Você continua aqui.

Encaro-a, erguendo uma sobrancelha e a vejo colocar suas coisas na ilha, se movendo pelo enorme local, como se eu fosse uma visita indesejada, mesmo que essa seja a *minha* casa.

— Para a sua infelicidade, sim. — Pego a caneta do tablet, deslizando-a pela tela. — Você já tem alguma ofensa para mim antes mesmo das nove horas?

Melany solta um bufo, não respondendo. Passa por trás de mim, movendo-se com uma eficiência tranquila antes de parar ao lado da máquina de café, colocando uma cápsula, fazendo com que o cheiro de chocolate invada a cozinha e uma careta tome conta do meu rosto.

— Não. — Ela dá de ombros. — Eu irei poupá-lo dos meus comentários.

— Que atencioso da sua parte. — Dou-lhe um sorriso falso.

— Mas gostaria muito de saber para quando devo organizar a festa.

— Que festa? — Ergo uma sobrancelha.

— Da sua despedida de Nova Iorque.

Um sorriso largo toma conta de seu rosto.

— Não se incomode — digo, sarcasticamente. — Eu não estou indo embora.

— Não? — Decepção toma conta do seu tom.

— Não.

— Que pena.

Reviro meus olhos, ignorando-a. Abaixo meu olhar para a tela, sabendo que o silêncio que preenche o ambiente não durará muito tempo. Contudo, para a minha surpresa, Mel não diz nada.

Nenhuma outra provocação. Nenhum comentário sarcástico. Nada.

É como se ela apenas entendesse que não há como me expulsar e começasse apenas a ignorar a minha presença, como estou fazendo com ela. Entretanto, assim que volto a encará-la, observo como está encostada na ilha e segura a borda de leve para se firmar. Seu rosto está erguido em direção à luz que invade o ambiente, os olhos estão fechados e os cabelos escuros caem em cascatas pelas suas costas.

Percebo que a luz que entra pela janela adjacente banha seu rosto, iluminando-o, destacando o colar de corações em seu pescoço. Tenho a impressão de que o próprio sol se inclina para iluminar seu caminho e o mundo inteiro desacelera para apreciar sua beleza.

Porque nesse instante, mesmo que eu odeie admitir, Melany parece uma pintura viva.

Uma daquelas que parecem angelicais à primeira vista e nos tiram o fôlego.

Antes que eu possa me segurar, a caneta desliza pela tela do *iPad*, movendo-se livremente, traçando linhas e formas com uma concentração que me surpreende. Surpreendo-me porque há meses que não consigo desenhar nada, já que a minha criatividade parece ter estagnado após o meu último projeto.

Eu começo a esboçar um desenho que, de imediato, não percebo muito bem o que é, apenas continuo movendo o objeto pela tela como se fosse impossível parar, até que noto que minhas mãos capturaram sua imagem.

O nariz arrebitado, a boca entreaberta, os olhos

fechados.

Cada traço, cada sombra, cada detalhe.

Por um instante, não acredito no que estou vendo.

Me recuso a acreditar.

É impossível.

E, mesmo assim, é fascinante.

— Bom dia. — A voz alegre de Andrew me faz bloquear o tablet no mesmo instante e encará-lo com uma sobrancelha erguida. — Por que estão em silêncio?

Ela finalmente abre os olhos e seu olhar se fixa em meu rosto.

Não é calma que encontro. Nunca é.

Melany Underwood é, e sempre será, o oposto disso.

Ela é como veneno. Doce, irremediável e mortal.

Seu olhar confirma isso, me fazendo perceber que posso lidar com sua raiva. Posso lidar com a nossa aversão e com tudo ao nosso redor. Contudo, o que não desejo lidar é com o que está oculto atrás de suas íris brilhantes e de seu temperamento hostil.

— Pergunte ao nosso *colega de apartamento* — ela zomba, me tirando dos meus pensamentos. — Ele é o motivo do silêncio desse lugar.

Franzo o cenho, ajeitando a minha postura.

— Eu *ainda* estou te incomodando, wildcat?

Ela estala a língua no céu da boca.

— Muito.

— É uma pena que não me importo. — Sorrio, pegando a minha xícara. — Mas se quiser, posso conseguir uma *ótima* empresa de mudança para você.

Seus olhos se tornam gélidos e tenho vontade de sorrir triunfante.

— Acho que já tivemos essa conversa sobre você me expulsar.

— Não estou te expulsando. — Volto a me concentrar no meu café. — Estou dando opções amigáveis para você desocupar o imóvel da *minha* família.

— Infelizmente é meio que impossível — Andrew intervém e viro meu rosto para o irmão caçula de Ollie que caminha até Mel, dando um beijo em sua cabeça. — Preciso ir mais cedo para a universidade, mas irei te encontrar à noite. Nós vamos a um novo bar, ok?

— Você dirige — ela afirma. — Preciso ficar bêbada depois dessas duas semanas.

— Deixe comigo. — Um sorriso se abre em seus lábios e seu olhar se volta para o meu. — Tente não nos expulsar até eu voltar, por favor. Não haverá ninguém para te defender caso Mel tente te assassinar.

Melany não responde, apenas dá de ombros e sua atenção é transmitida toda para sua bebida.

Enquanto Andrew não espera por uma resposta minha, apenas pega suas coisas, dá um breve aceno e sai a passos rápidos até o elevador.

Assim que a cozinha recai em um silêncio profundo de novo, meu olhar se ergue até onde ela está parada, me estudando com uma expressão nada agradável.

— O que ele quer dizer com *meio impossível*? — Quebro o silêncio.

Melany não responde de imediato e solto um suspiro, antes de levar a mão até a minha mandíbula e passar o dedo pela minha pele, esperando por uma resposta.

— Verônica e Summer desocuparam o nosso apartamento dois dias depois que nos mudamos e não temos como voltar para lá nem mesmo se desejássemos. — Dá de ombros, levando a xícara aos lábios. — E todos nós sabemos que não é fácil achar um apartamento que agrade a Oliver e Logan. Não em um tempo recorde como você quer nos dar. Satisfeito?

— A família dele tem inúmeras propriedades na cidade.

— Nenhuma delas Oliver acha segura o suficiente para morarmos. — Observo Mel me lançar um olhar desafiador. — Alguma outra ideia para nos expulsar

daqui, gênio?

— Centenas delas — devolvo, me encostando na banquetta. — Que tal você...

— *Que tal* você ligar para a sua irmã e resolver esse maldito assunto. — Melany me corta, semicerrando os olhos. — Porque realmente estou perdendo a paciência.

— Não preciso ligar para minha irmã resolver os meus assuntos, Melany.

— Nesse caso, *eu* farei isso por você. — Ela ajeita a sua postura, me dando um olhar de desgosto. — Não temos mais idade para brigar como crianças, Edmund.

— Você não precisa ligar para Verônica — afirmo.

Não é preciso de mais nenhuma palavra, porque está escancarado na forma como seus lábios se curvam em um sorriso petulante. A mulher à minha frente nunca deixou as coisas passarem despercebidas e isso foi o que me chamou atenção nela desde sempre.

Melany Underwood sempre me causou fascínio. Ela sempre é inteligente o suficiente para aproveitar todas as oportunidades ao seu redor. A mulher que me encara com um semblante vitorioso não cedeu nem mesmo quando era uma pirralha.

Ela chantageou minha irmã.

Depois, conseguiu algo do meu irmão sem nem mesmo mover um dedo.

Mel é como uma caixa de surpresa, mas também é uma força inquebrável.

Ela é um presságio, um sonho proibido.

*A porra* do meu sonho proibido.

— Você já fez isso — constata, me tirando do meu devaneio. — E ela não irá me tirar daqui.

Mas isso não é necessário.

Não quando está explícito em seus olhos como ela está adorando tudo isso.

Melany me encara com um semblante que conheço desde que ela nos derrubou na piscina da propriedade

dos meus pais anos atrás e me culpou por aquilo, mesmo que a culpa tenha sido exclusivamente dela. É um olhar cheio de segredos e triunfo, mas também com um ar curioso, daqueles que adoraria desvendar os motivos ocultos.

— Na verdade, ela estava de acordo em te tirar daqui — conto, me levantando. — Então acho que você deveria tomar cuidado, porque poderia ligar para ela e dizer que estou de acordo com você saindo daqui.

— É mesmo? — Seus olhos se semicerram.

Dou passos leves em sua direção e um sorriso fraco toma conta de seu rosto.

— Sim.

Melany me encara por alguns segundos, arqueando a sobrancelha.

— Então, já que vocês conversaram sobre a minha estadia aqui, você quer dizer que posso ligar para ela e dizer o real motivo pelo qual nenhum de nós dois deseja dividir um apartamento? — Ela sorri.

Meus olhos se semicerram pela forma como ela sorri.

— Você não ousaria — digo, baixo.

Seu sorriso aumenta.

— Na verdade, *nerd*, ousaria, sim. — Ela pega o telefone na bolsa e o encara. — Eu poderia muito bem deixar escapar para Vee e Logan, no meu jantar com eles, o que o irmãozinho perfeito da minha cunhada fez há três anos comigo. Não acho que Logan gostaria de saber tudo o que aconteceu, mas posso arriscar.

— Alguém já te disse que é uma filha da mãe?

— Todos os dias. — O sorriso brilhante dela me irrita.

— Na verdade, para fazer jus a esse título, ainda usaria o meu noivado e diria o quanto estou machucada pelo término recente e que você está ameaçando revelar o meu pior erro para me expulsar daqui.

— Você não teria coragem de fazer isso.

Aproximo-me mais, ficando à sua frente.

— Você quer apostar, Edmund? — Melany ergue o rosto, me lançando um sorriso que chega a ser cruel e inclina a cabeça para o lado, antes de umedecer os lábios e cruzar os braços.

O movimento faz com que meus olhos desçam pela extensão de seu pescoço desnudo até a clavícula e por fim, no topo de seus seios. A lembrança de como chupei, mordi e marquei cada centímetro de sua pele durante aquela noite escorrega pela minha mente antes que eu possa me segurar, fazendo com que minha garganta fique seca.

A imagem de seus lábios nos meus.

Das minhas mãos em seu corpo.

De como enrolei seus cabelos em punhos.

Cada. Maldita. Memória.

— Não brinque comigo, Melany. — Meus olhos encontram os dela.

— Por que não?

— Você sabe o porquê.

Inclino-me, colocando minhas mãos ao lado de seu corpo e faço com que nossos rostos fiquem nivelados ao ponto de que a imensidão de azul se torne a única coisa no meu campo de visão.

— Alguém já te disse que mulheres grávidas têm várias oscilações repentinas e intensas de humor? — questiona, sarcástica, nem mesmo percebendo como meus olhos estudam cada centímetro da sua pele. — Agora imagine quando eu começar a chorar enquanto digo tudo isso a ela. Vale lembrar, Edmund, que Vee não é uma pessoa calma, tampouco gentil quando está nervosa.

Paciência.

Uma virtude que sempre tive e que sempre me orgulhei.

Mas que desaparece quando se trata de Melany.

Ela sempre teve o poder de me atormentar, mesmo

em silêncio. De tirar todo o meu controle sem nem mesmo tentar. Ela sempre foi o meu *carma*, mesmo quando éramos adolescentes. Mesmo quando tudo o que queria era calma e silêncio, ela conseguia fazer a minha pior versão vir à tona.

— Alguém já te disse que sou parecido com Verônica quando estou nervoso?

O seu sorriso aumenta. É calculado e lindo, o que me deixa ainda mais irritado.

— Eu sei. — Seus olhos se semicerram. — E não me importo.

Não respondo de imediato. Apenas fico encarando-a.

Quando voltei para Nova Iorque, nunca imaginei que teria um embate com a cunhada irritante da minha irmã em menos de quarenta e oito horas em solo americano. Nem que teríamos que dividir um teto. Mas agora que estou aqui, parado em frente a ela e me questionando quais problemas eu teria se deixasse toda a raiva que Melany me causa extravasar do meu corpo, percebo que é impossível continuarmos com isso.

— Eu não irei te dar um carro. — Inalo profundamente.

Um vinco se forma entre suas sobrancelhas.

— Por que *caralhos* eu precisaria de mais um carro?

— É isso que você pede quando tenta chantagear a minha família.

— Eu não pedi um carro a Verônica — contrapõe. — E a *Lamborghini* que Dy me deu, foi benéfico para nós dois.

— Não, você não pediu um carro a Vee, você fez pior. — Minha voz salta dos meus lábios friamente. — Você foi egoísta o suficiente para obrigá-la a te treinar, mesmo sabendo que isso lembrava à nossa irmã morta. Mesmo que ela tenha deixado claro que não estava pronta e que isso fosse um dos motivos dos seus pesadelos.

Respiro fundo ao lembrar da forma como presenciei Vee se definir pela culpa, pelos pesadelos que a acompanhou após a nossa volta a Saint Vincent. Pelas

vezes que ela fez com que seu corpo fosse levado ao limite apenas para esquecer tudo.

Eu estive lá.

Cada segundo.

Eu vi como tudo a machucou.

Os olhos de Melany se tornam frios como se estivesse acertando-a.

Como se ousar insinuar que machucou Verônica a ferisse mais do que qualquer outra coisa que já falamos um para o outro. Principalmente quando sei que ela e Logan são tudo para a mulher à minha frente.

— Não tente me culpar por algo que eu não tinha e não *tenho* culpa, Edmund. — Ela ergue o queixo. — Porque se você trazer essa briga à tona, terei que lembrá-lo de como a sua família destruiu a minha. E nunca tente insinuar que eu machucaria Vee quando ela é uma das únicas pessoas que amo.

— Não preciso trazer o passado à tona para dizer que não simpatizo com você.

— Você faz parecer que me importo com a forma como você se sente em relação a mim. — Ela umedece os lábios e acompanho o gesto, lembrando de seu gosto. — Quando, na realidade, estou pouco me fodendo para a sua existência. Você é insignificante para mim, Edmund. *Sempre foi.*

Mesmo odiando, um sorriso nasce em meus lábios.

É falso.

Obsceno.

Frio.

Seus olhos queimam, inebriam.

— Pelo que me lembro, você se importa o suficiente com a minha existência, já que vai dizer a minha irmã e meu cunhado que fomos no banco do meu carro, wildcat. E também quando me deixou te comer em todas as posições naquele quarto de hotel. — Ela engole em seco e observo como sua garganta ondula. — Ou estou

enganado?

Seus olhos estão nos meus.

Eles são tão inebriantes que me pego estudando a tonalidade.

É um azul cristalino.

Vívido.

Quente e perigoso como o inferno.

Percebo que é o meu tom favorito.

— Uma coisa não tem nada a ver com a outra — ela rebate, baixo.

— Mas é a verdade, não é? — Passo a língua pelo meu lábio inferior, observando seu olhar acompanhar o movimento, e sorrio de forma gélida, antes de voltar meu olhar para o seu. — Eu tenho uma proposta para te fazer.

— Não irei transar com você de novo.

Uno minhas sobrancelhas.

— Ainda bem, porque você é a última pessoa com quem desejo transar.

Percebo seu olhar vacilar por um momento.

— Fale logo o que quer, Edmund.

— Já que nenhum dos dois vai sair daqui, vamos fazer um acordo. — Minha oferta a faz erguer uma sobrancelha. — Nós vamos ignorar a presença um do outro até resolvermos essa situação.

— Um acordo de paz? — questiona, surpresa.

— Sim.

— Deixe-me ver se entendi. — Ela respira fundo — Você está me propondo um acordo que eu vou ficar fora do seu caminho e você vai ficar fora do meu?

— Sim.

— Haverá um contrato? — ela indaga, dando de ombros.

— Por que precisa de um maldito contrato?

— Porque eu não confio em você. — Uma careta se forma no seu rosto. — E porque estou preocupada demais em me formar para ficar pensando se você irá

mudar de ideia ou algo do tipo. Se quer que eu aceite um acordo, me dê um contrato para assinar.

— Ok. — Cruzo meus braços frente ao corpo. — Vou mandar meus advogados redigirem um.

— Ótimo. — Inala profundamente antes de se afastar e pegar sua xícara. — Nosso acordo se limita a viver pacificamente nesse apartamento. Sem fingir que simpatizamos um com o outro.

— Exatamente — afirmo, meneando a cabeça.

— Certo. — Melany estuda o meu rosto por um momento. — Nós vamos criar regras básicas de convivência para ter um ambiente minimamente agradável.

— Você *nunca* é agradável, Melany.

— Na verdade, eu sou, *sim*. Minha falta de simpatia se limita apenas a você — ela rebate, me dando um sorriso enorme. — Com as outras pessoas eu sou quase um anjo.

— Compreendi isso quando fui a sua única vítima naquela piscina.

— É uma pena você não ter se afogado quando caímos.

— Quando você me derrubou — corrijo-a e a observo revirar os olhos.

Ela passa por mim e se senta.

— Quer fazer as honras? — questiona.

— Não, pode começar.

Sento-me à sua frente, inclinando-me e apoiando os cotovelos na ilha e observando-a.

— Ok. Primeira regra: sem trazer qualquer mulher sem avisar — começa, me encarando. — O que você faz fora daqui não é problema meu, mas não quero me esbarrar com algum caso seu e achar que estamos sendo invadidos ou me deparar com alguém pelado no corredor.

— O mesmo vale para você e Andrew? — questiono.

— Você não precisa se preocupar com isso. — Ela brinca com a borda da xícara. — Nós nunca trazemos

ninguém para cá. É um acordo mútuo.

Penso em perguntar o motivo, mas apenas aceno de leve, concordando.

— Sem festas, confraternizações ou qualquer coisa do tipo. — Melany revira os olhos. — Eu odeio qualquer tipo de festividade ou interação que não seja com a minha família e amigos próximos.

— Sem invadir a minha privacidade — ela devolve. — Meu quarto é território proibido.

— Eu irei ignorar a sua presença, você fará o mesmo comigo.

— Nunca mexa nos meus livros. — Ela aponta um dedo.

— E você nos meus jogos — contraponho.

— Nunca apague todas as luzes da casa. — Seu pedido me pega de surpresa.

— Por quê?

— Não vem ao caso. — Ela dá de ombros. — E a regra principal: nunca falar sobre o que aconteceu há três anos de novo.

— Algo mais? — indago.

— Não. — Ela solta uma respiração. — Você?

— Não vamos dizer nada do que acontece aqui para Verônica — concluo, sem desviar os olhos dela. — Vee precisa de paz e eu preciso me estabelecer. Não conseguirei fazer isso com ela preocupada com nós dois brigando todas às vezes que nos encontrarmos.

Melany imita a minha posição, apoiando os cotovelos no balcão.

— Verônica não faria isso — murmura.

Ergo uma sobancelha.

— Verônica sabe que você é um problema ambulante, Mel.

— Então você está com medo de que *eu* me torne um problema para *você*? — Sua pergunta deveria sair sarcástica, mas seu tom é rouco.

Tão rouco que abaixo meu olhar para seus lábios brevemente e observo-a umedecer os lábios vermelhos e carnudos que clamam por atenção. Por um beijo que destruirá todas as minhas barreiras.

E mesmo me odiando, desejo me inclinar um pouco mais e selar nossas bocas.

— Você já é um problema para mim há anos, wildcat.

— Eu posso lidar com isso. — Ela ergue a mão entre nós dois. — Temos um acordo, Edmund?

Não faça isso.

Não seja idiota.

— Temos, Melany.



## INATINGÍVEL

*Eu também iria me querer  
Querido, por favor, acredite em mim  
Eu vou fazer você passar pelo inferno  
Só para me conhecer, sim, sim*

**Greedy | Tate McRae**

*Melany Underwood*

Quando criança sempre observei a minha mãe dizer que desejava alcançar a fama.

Ela era talentosa e até mesmo deixava claro que seus quadros eram o seu verdadeiro amor. Algo que ninguém poderia tirar dela, nem mesmo quando morresse. Então, conseqüentemente comecei a desejar a fama também.

Queria dar a ela tudo o que não consegui. Queria que ela me visse como sua arte brilhante e impecável, já que todos os seus quadros eram desprovidos de emoção.

Porém, o meu desejo pelas artes é outro.

Meu sonho e minha esperança sempre foi pelo reconhecimento como bailarina.

Agora que tenho isso, não consigo compreender o porquê ela desejava tanto.

Na verdade, a cada dia que vejo meu rosto estampado em qualquer revista ou página de fofoca, só consigo pensar que prefiro a paz e a calma que possuía quando ainda era apenas uma bailarina na academia de dança em Saint Vincent.

Lá eu não era a irmã da estrela do NFL.

Nem cunhada da herdeira dos Blackwell.

Ou ex-namorada do filho de um aristocrata bilionário.

Eu era apenas a Mel.

Agora, enquanto arrasto meu olhar pela pista de dança de uma das maiores baladas de Nova Iorque, levo meu drink até os lábios e me questiono quando deixei que a minha vida saísse do meu controle. Quando deixei que todos esses boatos infundados sobre mim ditassem como eu deveria agir ou que não fosse mais a garota que se mudou para essa cidade atrás de um sonho.

— Você está encarando o garçom e ele está ficando assustado. — A voz de Andrew me faz desviar o olhar e fixá-lo nele. — Quer compartilhar seus pensamentos?

Observo-o abrir os primeiros botões da sua camisa azul e me dar um sorriso de canto, antes de puxar a banqueta ao meu lado e fitar todos ao nosso redor com uma careta profunda. Meu amigo escora um dos cotovelos no balcão e se senta de lado, estudando meu rosto.

— Você está atrasado. — Bufo um resmungo. — Achei que não viria mais.

— Tive uma reunião de última hora com o reitor da NYU. — Ele leva a mão até os cabelos, bagunçando-os. — Desculpa.

— Está tudo bem? — Levo a taça aos lábios.

— Melhor impossível. — Percebo seu sorriso aumentar.

— Por que não está na nossa cabine de sempre?

Deixo meus ombros caírem, erguendo o rosto para o segundo andar e observando o nosso lugar ocupado por dois convidados indesejados. Josh — um dos melhores

amigos do meu irmão —, está ao lado de Edmund. Eles conversam entre si, sem se importarem com qualquer um ao redor deles.

— Porque decidi ficar bêbada e não poderia fazer isso com Josh me encarando como se eu ainda fosse uma adolescente — resmungo, virando o restante da minha bebida. — E estou cumprindo meu acordo com Edmund *fodido* Blackwell.

Andrew suspira fundo, erguendo um braço para o barman e ele prontamente deixa quatro doses de tequilas em cima do balcão antes de se afastar para atender os outros clientes.

— Você tem certeza de que isso vai dar certo?

Ele me passa uma dose.

— Ficar bêbada ou fechar um acordo com o nerd idiota?

— O acordo — meu amigo afirma, descrente. — Isso realmente vai funcionar?

— É a única opção.

— Isso é uma ideia de merda — constata.

— Não é. — Preparo-me para levar a bebida aos lábios. — Faremos funcionar. Além disso, nós temos você lá para apaziguar caso algo saia do controle. Tudo dará certo.

Ele meneia a cabeça, concordando.

— Sobre isso. — Percebo a hesitação em seu tom. — Nós precisamos conversar, mas acho que você vai precisar beber antes que eu comece a te contar.

Ele engole em seco ao mesmo tempo que uno as sobrelhas, estranhando como me encara preocupado.

— Você matou alguém?

Ele solta uma risada, pegando a sua bebida.

— Não?

— Estamos prestes a ser presos?

— Isso vai depender de como você vai reagir ao que irei te contar.

— Por quê? — Inclino minha cabeça, fitando sua expressão. — É tão ruim assim?

— Não surte, ok?

— Fale logo antes que eu realmente faça isso, Andrew.

— Eu fui convidado para participar de um programa de pesquisa de quatro semanas na Universidade de Lyon. Houve uma reunião hoje e me disseram que meu histórico acadêmico é impecável e como sou fluente em francês, sou o que eles procuram — ele diz tão rápido que mal processo suas palavras. — É uma oportunidade única para a minha carreira e eles... Pare de me encarar assim.

Pego a tequila, em silêncio, e a levo até a minha boca, sentindo a queimação em minha garganta, ao passo que engulo o líquido com uma rapidez sobrenatural. Andrew acompanha meus movimentos com os olhos preocupados, sabendo que preciso processar o que me disse.

*Andrew vai para Lyon.*

Repito o movimento, sentindo o álcool começar a acalmar.

*O meu melhor amigo está indo embora.*

*Mais um.*

*A única pessoa que confio.*

*A pessoa que esteve ao meu lado nesses três anos.*

*Não haverá noites de quebra-cabeças ou de filmes que ele odeia.*

*Andrew não vai estar aqui.*

*Ele vai embora.*

Ergo o braço pedindo por mais algumas doses antes de pegar o último *shot* e beber, virando-me para a pista de dança e escutando a música silenciar um pouco dos meus pensamentos. As pessoas sorriem umas para as outras e desejo estar assim, desejo estar alheia aos meus problemas e alheia a tudo o que acontece ao meu redor.

*A minha vida está sendo uma sucessão de surpresas e nenhuma delas é agradável.*

*Fui pedida em casamento e rejeitei.*

*Tive meu nome exposto nos tabloides por isso.*

*Tenho um colega de apartamento indesejado.*

*Agora... Agora meu melhor amigo está indo para outro país.*

Uma sucessão de acontecimentos.

Uma bola de neve que não consigo resolver.

De novo, todas as coisas negativas ao meu redor estão fora do meu controle de uma forma irreversível.

— Mel?

Respiro fundo.

Uma.

Duas.

Três vezes.

— Me dê um minuto, Andi.

Minhas palavras soam tão baixas que me surpreendo, e assim que o barman coloca as doses sobre o balcão, não espero que Andrew continue falando, apenas as viro uma atrás da outra, sabendo que me arrependerei amanhã.

Não posso ser egoísta, não com a única pessoa que estive comigo.

Não posso pensar apenas em mim nessa situação, porque sei que Andrew merece essa oportunidade. Porra, ele merece o mundo todo. Entretanto, o mero pensamento de estar sozinha me assusta, de saber que ele não estará no quarto ao lado e que não me segurará quando os pesadelos voltarem, me corrói.

*Quatro semanas.*

Isso não é muito.

Eu sei e entendo que Andrew merece isso, que será algo vantajoso, não apenas para sua carreira. É muito mais que isso. Meu melhor amigo merece o mundo todo

e ajudarei a conquistá-lo, assim como sei que me ajudaria.

— Você vai voltar, certo? — Minha voz é tão frágil e odeio isso.

*Eu posso ser vulnerável perto dele.*

*Ele é a minha metade.*

— Sim, Mel. — Sua voz desce um decibel. — São apenas quatro semanas.

Sorriso sem mostrar os dentes, tentando me convencer de que tudo vai dar certo.

Ele vai voltar.

Ele não está me abandonando.

Está tudo bem.

*Você consegue, Mel.*

*Apenas sorria.*

*Você sempre conseguiu tudo.*

— É o seu sonho. — Mordo meu lábio, antes de erguer o queixo e encará-lo com um sorriso brilhante. — Mesmo que eu tenha sido pega de surpresa, quero que saiba que estou feliz e orgulhosa de você, Andi. Quero que saiba também que estou te apoiando em qualquer decisão que tomar. Se você decidir ir, irei te levar ao aeroporto e chutar a sua bunda para não chorar. Eu vou fazer o que for necessário para te ver feliz.

É a verdade.

Mesmo que meu coração doa, nunca seria tão egoísta a ponto de não o apoiar apenas por medo de ficar sozinha. Sempre fomos nós dois por tanto tempo que não consigo imaginar a minha vida sem ele. Mas sei que Andi está prestes a realizar um dos seus sonhos.

Isso iria contra tudo o que somos.

— Promete?

— Prometo.

— Eu não estou te abandonando, ok? — Ele puxa a minha mão e a entrelaça na sua, sabendo que preciso disso. — Se você precisar de mim, pegarei o primeiro

avião para Nova Iorque. Eu sempre vou estar a uma ligação de distância, Mel.

— Eu sei e digo o mesmo. Só tente não precisar, porque realmente não saberia como ir até Lyon e muito menos falar francês. — Solto a respiração que nem mesmo percebi que estava prendendo e escuto sua risada. — Agora nós vamos comemorar.

Andi solta uma risada e ergue o braço pedindo mais algumas rodadas de tequilas enquanto me abraça fortemente. Seu cheiro me acalma e sinto que tudo vai ficar bem, que mesmo que tenhamos um oceano entre nós, ainda continuaremos a ser melhores amigos.

Quando o garçom deixa as doses em nossa frente e levo uma delas aos lábios, já não queima como as anteriores. Até mesmo posso sentir todo o meu corpo e mente relaxando e minha cabeça meio zozna. Contudo, é quando viro o último shot, puxo Andrew até a pista de dança, onde a melodia de *In The Name Of Love* começa ecoar pelo local lotado de pessoas, que tudo ao meu redor some.

Eu esqueço todas as minhas preocupações.

Meu namoro fracassado.

Meus problemas pessoais.

O fato de que Andrew está indo para o outro lado do oceano.

E que será apenas Edmund e eu naquele apartamento.

Nada disso é importante.

Nada pode me atingir.

Fecho meus olhos, jogando meus braços para cima e tombando a cabeça para trás, sabendo que preciso abafar um pouco dos meus pensamentos. De repente, a música pulsa em meus ossos e sinto como se, a cada batida, ela se sincronizasse com o ritmo acelerado do meu coração.

Meu vestido preto abraça minhas curvas, o tecido leve rodopia ao meu redor enquanto me movo e sorrio amplamente. Erguendo meu rosto, meus cabelos caem como uma cortina de seda, deslizando sobre meus ombros e acompanhando cada movimento que faço.

As pessoas começam a me acompanhar. Tudo parece entrar nos eixos, e sinto que o álcool me faz sorrir mais do que desejo, enquanto pulo a cada batida da melodia.

Ao meu lado, Andrew faz o mesmo e lança um sorriso gigante em minha direção. Seus olhos brilham de uma forma que até mesmo sob a névoa bêbada, consigo perceber que são malditamente lindos.

— Mel?

— Hum?

— Obrigada por me apoiar. — Vejo seu sorriso crescer.

— Eu sou sua melhor amiga, Andrew Wright.

— Você é a minha irmã, Melany Underwood. — Seu dedo mindinho se ergue assim como Jayden faz com Hazel todas as vezes que vão prometer algo. — Seus problemas são meus problemas.

— Seus problemas são meus problemas.

Ele solta uma risada, se aproxima e beija a minha testa antes de ir até o balcão.

Penso em acompanhá-lo, entretanto, faço a pior escolha para o momento e olho para cima, diretamente para onde as cabines privadas da boate estão e encontro o olhar frio do irmão da minha cunhada em mim.

As mangas do Blazer preto estão enroladas até os cotovelos e ele me encara com a mandíbula tensionada. Edmund segura a borda do parapeito de vidro e a forma como sua expressão é blasé, me faz pensar que é um maldito rei.

Posso perceber que ao seu lado, uma herdeira da elite nova-iorquina o encara com um interesse que chega a ser patético porque Edmund não se importa com nada ao seu redor. O merdinha egocêntrico está ocupado demais

me encarando como se eu fosse uma inconveniência indesejada para perceber que metade das mulheres ao seu redor o desejam.

Reviro meus olhos, girando meu corpo em direção ao bar no mesmo instante em que Andrew me entrega um drink colorido. Mesmo sabendo que deveria parar, pois já noto todo o meu corpo cansado, tomo todo o drink sentindo o olhar de Edmund queimando em minhas costas e o ignoro, como sempre faço quando estamos no mesmo lugar.

Ele não deveria estar aqui.

Ele odeia festas.

Na verdade, Edmund odeia qualquer tipo de ser humano.

— Preciso falar com um conhecido — Andi diz, de repente, e solto uma risada sabendo o que isso significa. — Você ficará bem?

— Claro. Estarei te esperando aqui. — Ergo minhas mãos e danço. — Ou em alguma parte desse lugar... talvez eu vá falar com um conhecido também.

Lanço a ele um sorriso malicioso e volto a minha atenção para a melodia de *Renegade* que começa a ecoar nas caixas de som e me viro de costas, sorrindo para um homem de olhos escuros que me encara do outro lado da pista de dança.

Ele se aproxima lentamente e, então, nossos corpos começam a se mover juntos em um mar de energia. Suas mãos se fecham em minha cintura e me sinto como se fosse uma ilha paradisíaca, um ponto focal de intensidade e graça. O desconhecido se aproxima mais e posso sentir o calor de seu hálito na parte de trás do meu pescoço, contudo meu rosto se eleva até onde Edmund está e percebo o fogo inebriar seus olhos.

Quente.

Poderosa.

Inatingível.

É assim que me sinto enquanto observo-o tensionar a mandíbula e segurar a borda do parapeito com força ao mesmo tempo que ergo a minha mão para trás até os cabelos do meu parceiro e sinto os lábios deles contra a minha pele.

Viro meu corpo para longe de seu olhar e movo-o com fluidez, sentindo cada pelo do meu corpo se arrepiar ao passo que começo a balançar de forma quase que etérea. Meus quadris se movem com uma sensualidade natural e a melodia da música se infiltra em meu âmago, fazendo meus olhos se fecharem, me permitindo apreciar cada segundo.

Eu penso em como sempre amei dançar.

Em como a música parece ser a minha melhor amiga.

Em como os lábios do meu parceiro poderiam ser substituídos por outros lábios.

Lábios macios que teriam o gosto de vinho.

Lábios que pertencem à pessoa que odeio.

— Você deveria dançar assim sempre — a voz do homem ressoa, mas não me causa nenhum tipo de eletricidade. — Você é perfeita.

Olho-o por cima dos ombros.

Ele é até bonito, mas seria um cinco.

Um cinco e uma perda de tempo.

Um problema que não valeria a pena.

— E você deveria ficar quieto — afirmo.

Ele me lança um sorriso que quase me faz revirar os olhos. Porém, antes que eu possa começar a me mover novamente, olho para frente e percebo Edmund caminhando entre todas as pessoas e vindo na minha maldita direção.

Seus olhos são frios como gelo, seus punhos estão fechados e seus lábios estão franzidos. Ele é a personificação de perigo e essa constatação faz toda a minha pele se arrepiar. Blackwell dá passos lentos até

finalmente estar perto de mim e encara a minha companhia com insignificância.

— Eu a soltaria se fosse você — diz, friamente.

— Você é algo dela?

Reviro meus olhos pela pergunta.

Os olhos de Edmund recaem em mim.

— Sou mais do que qualquer um chegará a ser.

Meus olhos não se desviam dos dele.

Eu sinto cada palavra em meu ser.

Cada sílaba oculta ali e, o pior de tudo, *eu* acredito nisso.

Minha antiga companhia dá um passo para trás e some entre as dezenas de pessoas, deixando-me sozinha com um idiota que possui um ego maior do que o de qualquer outra pessoa nesse local e apenas ergo meu rosto, fitando como me estuda com raiva.

Meus olhos descem por cada centímetro da sua pele. Tudo nele é tão perfeito que me irrita. Contudo, são as pintas que eu não prestava atenção antes que me fascinam.

São quatro, para ser mais exata.

Três delas estão um pouco acima de sua bochecha e a última perto de seu olho.

Elas são lindas.

Me lembram algumas constelações.

Estou alucinando.

Sim.

É a única explicação.

Todo o álcool em meu organismo é responsável por me fazer reparar nas pintas de Edmund.

— Você espantou a minha companhia, *nerd*. — Lanço a ele um biquinho dramático. — E eu estava começando a gostar dele.

Ed cruza os braços, o movimento faz as veias saltarem e meu olhar recai ali, lembrando como tracei cada parte de sua pele naquela noite com a minha boca e em

como esses mesmos braços me apertaram enquanto ele me comia em todas as posições que encontramos naquele quarto de hotel.

Engulo em seco antes de umedecer meus lábios, jogando todos esses pensamentos pecaminosos para o fundo da minha mente antes de dar um passo à frente e abrir um sorriso sensual, acabando com a nossa distância.

— Você costumava estar melhor acompanhada, wildcat.

Culpo novamente todo o álcool em meu corpo por achar o tom rouco de suas palavras gostoso o suficiente para achar que poderia passar horas ouvindo-o falar e não me cansaria.

— Ele era bonito — contraponho.

— Ele só queria te comer. — Percebo a sua mandíbula tensionar.

— Talvez eu desejasse que ele fizesse isso. — Minha voz sai um pouco arrastada e ergo o dedo, passando a minha unha pela borda de seu blazer. — Talvez eu desejasse uma foda rápida no banheiro desse lugar onde qualquer um poderia me ouvir, mas você acabou com isso.

Ele trinca os dentes, segurando o meu pulso.

— Você é melhor do que uma conquista barata em uma balada medíocre, wildcat. — Sua voz é fria, mas tudo em mim parece esquentar. Ele se inclina e sinto seu cheiro invadir meu nariz. — É só para constar, ele ou qualquer um nesse lugar nunca te levaria para uma foda rápida em um maldito banheiro imundo.

Ergo meu rosto, encarando-o e sou recebida por olhos brilhantes que me lembram uma das constelações que vi durante a minha ida ao observatório da cidade.

— Por que diz isso?

— Porque antes mesmo de alcançarem o toalete, eu teria destruído o que ele chama de reputação e carreira.

— Sua ameaça é breve, calma. — Eu preciso apenas de cinco minutos para fazer isso acontecer.

— Você não seria tão filho da puta.

— Você quer testar a *minha teoria*? — indaga, usando a mesma frase de três anos atrás.

— Eu vou me virar e você vai sumir da minha vista antes que eu chute suas malditas bolas. — Meus olhos se tornam frios. — E isso, Edmund, não é uma ameaça vazia.

Ele sorri.

Não é calmo.

Nem compassivo.

— Alguém já te disse que você fica linda quando acha que pode me ameaçar?

Abro meus lábios, perplexa e me culpo, outra vez, por estar alcoolizada a ponto de achar que suas palavras são reais.

— Apelando para flertes patéticos? — devolvo, baixo.

— Não estou flertando, estou constatando fatos.

Ele dá mais um passo à frente.

— Deixe-me constatar um fato também. — Ergo o rosto, percebendo que demoro para focar em tudo ao meu redor porque estou distraída demais com seus olhos. — Você é um idiota.

— Sim, você tem a mania de sempre constatar isso. — Ele solta um suspiro. — Além disso, você está bêbada.

— Talvez.

— Venha, vou te levar para casa.

— Não preciso de uma babá.

— Ótimo, porque não pretendo ser uma. — Ele dá de ombros. — Agora vamos.

Reviro meus olhos, sorrindo para ele e levanto o dedo do meio antes de me virar e caminhar até o bar, pegando mais um drink e sabendo que esse, com certeza, será o meu último porque assim que volto a caminhar, sinto o salão girar e sei que isso não é um bom sinal.

Giro meus calcanhares, um pouco cambaleante e sigo entre as pessoas rumo aos banheiros em busca de Andrew. Sei que é pouco provável que ele esteja lá, entretanto, preciso de sua ajuda para chegar em casa já que dirigir está totalmente fora de cogitação.

Contudo, assim que viro em um corredor praticamente vazio e estou perto do meu destino, Edmund aparece na minha frente de novo, mas dessa vez sua expressão é tempestuosa. E apenas solto um bufo entediada por saber que não tenho forças e nem ânimo para aturá-lo agora.

Abro meus lábios para dizer a ele para voltarmos com as nossas malditas brigas amanhã, contudo não tenho tempo, porque Edmund simplesmente retira o blazer com cuidado, deixando a blusa preta enrolada até os cotovelos e dá um passo à frente.

— Eu tentei do jeito convencional. — Ele se abaixa à minha frente, pegando a tira do salto e o retirando. — Mas você é malditamente teimosa.

— O que *caralhos* você está fazendo? — praticamente grito quando ele tira o outro.

— Te ajudando a não sair na capa do *TMZ*. — Edmund se levanta, ficando à minha frente. — De novo.

Estalo a língua no céu da boca.

— A sua forma de me ajudar é roubando a porra dos meus sapatos?

Percebo a sugestão de um sorriso tomar seu rosto.

— Eu não estou roubando seus preciosos saltos, estou me precavendo caso tente me chutar com eles. — Sua voz é calma, calma demais para alguém que está com meu *Saint Laurent* favorito nas mãos. — Agora, tente não fazer um escândalo, wildcat.

Ele não espera por uma resposta.

Eu acho que não poderia dar uma.

Porque Edmund *fodido* Blackwell faz algo que eu jamais imaginaria.

Ele segura a minha cintura, me ergue e me joga sobre seus ombros, fazendo com que a minha visão seja apenas a da sua bunda redonda e do chão branco. Penso em chutá-lo, esmurrar suas costas, mas tenho a impressão de que se fizer isso, esmagarei meu rosto no piso lustrado abaixo de mim.

— Me coloque no chão, seu nerd idiota — grito, mesmo sabendo que é em vão. — Agora!

— Quando chegarmos no meu carro.

Sinto Edmund cobrir minha bunda com o blazer antes de me segurar com uma mão e com a outra carregar meu sapato enquanto segue pela saída de emergência onde um segurança apenas acena para ele e abre a porta.

— Se isso fosse um sequestro, você seria um péssimo segurança, seu merdinha — grito para o segurança, sabendo que minha voz sai um pouco mais enrolada do que imaginava. — Me coloque no chão, Edmund.

— Mesmo se fosse um sequestro, ele não me pararia porque esse lugar é parte das propriedades da minha família, Melany — Ed conta, indo em direção ao estacionamento privativo. — Me surpreende você ser tão ingênua em achar que eu deixaria alguém me impedir de algo.

Trinco os dentes.

Maldita seja a família Blackwell e seu ego.

— Eu deveria ter imaginado depois do que seu irmão aprontou.

— Você se refere a ele se casar?

— Chantagear. — Sinto meus olhos pesarem. — Esse é o termo certo.

— Ele fez o que era necessário para ter a mulher que ama. — Percebo que estamos chegando perto de uma Lamborghini Veneno. — E Dylan seria capaz de qualquer coisa pela minha cunhada.

Edmund finalmente me coloca no chão e cambaleio um pouco para trás, tentando me firmar mesmo que seja difícil. Minha vista está nublada, minhas pernas parecem ter virado gelatina e apenas percebo que me encosto em Edmund quando ele abre a porta do passageiro, joga meu salto e seu blazer no banco de trás e dá espaço para que eu me sente.

Mesmo relutante, faço o que ordena e observo-o se inclinar sobre meu corpo, prendendo o cinto de segurança antes de me encarar por alguns segundos e fechar a porta, dando a volta no carro em uma rapidez impressionante.

Ele liga o motor e dá ré, colocando-nos na estrada em poucos segundos. Esfrego meus braços, sentindo o frio de Nova Iorque contra meu corpo e me arrependo pela escolha de roupa.

— Você faria? — sussurro em um impulso, sentindo que estou sonolenta. — Digo, você também faria qualquer coisa?

— Pela minha cunhada? — questiona, confuso.

— Por alguém que ama. — Minha voz é tão baixa que me surpreendo.

Edmund me encara de esgueira e, de repente, para o carro no acostamento de uma via movimentada, arriscando causar um acidente, mas percebo que não se importa.

Ele apenas ergue o braço para trás, puxando o seu blazer e colocando-o sobre mim antes de voltar a dirigir. Percebo o ar, de repente, ficar mais quente e meu corpo mais relaxado. Se eu não estivesse tão bêbada, diria que Edmund também dirige de forma mais lenta.

— Eu acho que faria mais do que isso. — Ele aperta o volante com força. — Acho que queimaria o mundo pela pessoa que amo.

Viro minha cabeça em sua direção, fixando meus olhos nele e estudando o motivo pelo qual está sendo tão

gentil, mas percebo que estou falhando totalmente em mantê-los aberto.

*Eu queimaria o mundo.*

É mentira.

Todos mentem.

Todos dizem o mesmo e depois aprisionam esse amor em uma gaiola de ouro.

É o ciclo das coisas.

É isso que sempre presenciei.

— Você está me encarando como se eu fosse portador de uma doença contagiosa — Edmund afirma quando não digo nada e ergue uma sobancelha. — Devo me preocupar?

Sinto meu corpo ficar um pouco mais leve.

Talvez eu não devesse ter bebido aquela sequência de shots.

Talvez eu não devesse ter saído de casa.

Talvez eu apenas deva dizer ao homem à minha frente que ele é lindo além da razão.

Não.

Isso não.

— Sim, você sempre deve se preocupar.

Reviro meus olhos e custo a voltar a abri-los.

— Nesse caso, não me importo.

Percebo que ele estacionou, mas aqui está tão confortável.

Tão quentinho.

Tão longe dos meus problemas.

— Pela forma como te encaro? — Minha pergunta não passa de um fio de voz.

— Sim.

Mesmo sonolenta percebo que ele umedece os lábios.

— Por quê?

Acho que se passa alguns segundos.

Que posso estar alucinando.

Ou dormindo.

Não sei.

Edmund não me responde e estou cansada demais para pedir por uma resposta.

Apenas fecho meus olhos e então sua voz flutua baixa e cheia de uma emoção que não compreendo.

— Porque assim eu sei que você me procura como te procuro.



## VOCÊ NÃO É CONFIÁVEL

*Eu poderia te amar de olhos fechados  
Te beijar com uma venda  
Te entender*

*Eu posso te segurar com minhas mãos amarradas  
Te mostrar que sou o cara certo  
Para te entender*

**Figure You Out | VOILÀ**

*Edmund Blackwell*

Eu nunca achei que tiraria alguém de algum lugar.

Principalmente que carregaria em meus ombros a cunhada da minha irmã que só causa problemas, e a levaria para casa como se isso fosse algo normal em meu cotidiano.

Agora, enquanto caminho com um projeto de Melany Underwood adormecida em meu colo — que se recusou a acordar quando a chamei —, me questiono quando comecei a tomar atitudes por impulso ou quando comecei a ser tão patético como metade da população.

Suspiro fundo, deixando esse pensamento de lado e percebo que as luzes da cobertura estão todas apagadas.

Mesmo adormecida, o corpo de Melany sente a mudança brusca, porque ela se encolhe em meu colo, procurando por um lugar seguro e, surpreso comigo mesmo, aperto-a contra meu peito, passando meus dedos pela sua omoplata tentando confortá-la enquanto procuro rapidamente o interruptor.

Os cabelos escuros caem pelo seu rosto, escondendo sua expressão e Mel se agarra ao meu blazer como se fosse sua tábua de salvação, me indicando que pesadelos rondam o seu sono.

— O que fizeram com você, wildcat? — sussurro, sabendo que é em vão.

Meus olhos se fixam no rosto adormecido e me atento na forma como a seguro, constatando que sempre odiei que qualquer pessoa me tocasse, da mesma forma como odeio tocar as pessoas. Entretanto, parece certo tê-la em meus braços, parece certo que o calor do meu corpo a aqueça.

Subo lentamente os degraus até estarmos nos corredores dos quartos e penso em acordá-la. Mas, pela forma como se aninha em meus braços, constato que não acordará tão cedo. Sabendo que estou quebrando a regra em nosso acordo, abro a porta de seu quarto sendo recebido pela decoração totalmente diferente do que esperava.

Há porta-retratos com fotos de todos os nossos amigos e sua família, medalhas e coroas de competições de ballet, alguns livros e filmes antigos espalhados pelo lugar. Não há nada que remeta à personalidade que sempre me chamou a atenção.

Contudo, é fascinante, é algo que claramente Melany esconde de todos. E se não fosse pelo enorme edredom branco com corações desenhados que chama a minha atenção, acharia que adentrei o lugar errado.

Balanço a cabeça e caminho até a cama, colocando-a com cuidado e puxando o edredom sobre seu corpo.

Mesmo que seja errado, me pego observando-a mais do que o necessário e analisando sua expressão tranquila, como seus cabelos caem pelo travesseiro e a forma como seus lábios se entreabrem com a respiração lenta.

Melany é a epítome de problemas, mas é inegavelmente deslumbrante.

Mesmo adormecida, ela consegue parecer uma deusa.

Mesmo adormecida, ela consegue ser a dona dos meus pensamentos.

Ela pisca, de repente, e todo meu corpo enrijece, assim como minha respiração fica presa em minha garganta.

— Ed? — Sua voz é fraca e suave. — Você pode me fazer um favor?

Inclino minha cabeça, percebendo que ela não abre os olhos.

*Qualquer coisa.*

*Sempre.*

— Posso, Mel.

Espero sua ofensa, seus xingamentos, qualquer coisa. Entretanto, sou surpreendido quando nada disso vem, ela apenas se vira, se ajeitando no colchão e puxa o edredom, quase cobrindo o seu rosto.

— Não apague as luzes, por favor.

Quero perguntar o motivo pelo qual o escuro a apavora.

Quem a fez mal, porque ela é tão fechada ou o motivo pelo qual odeia seu aniversário. Quero perguntar tantas coisas, porém apenas respiro fundo, me contenho e dou um passo para trás.

— Nunca deixarei que elas se apaguem, wildcat.

Tenho a certeza de que ela não entende o que digo porque sua respiração voltou a ficar fraca e ela nem mesmo se mexe. Aproveito o silêncio para observar uma

última vez o único lugar que guarda toda a sua personalidade.

Todo o lugar que me faz querer conhecê-la.

Não a mulher que desfere palavras frívolas em minha direção ou que sempre está pronta para o combate. Mas a pessoa que tem fotos e livros espalhados pelo quarto e uma pilha de filmes de romances antigos.

Finalmente saio dali e vou até a porta ao lado tentando me livrar das sensações que Melany me causou desde que saímos daquela festa. Assim que tomo um banho rápido, pego meu notebook e meu *iPad* e desço até o primeiro andar, me jogando no sofá com a imagem dela em meu colo e algo em mente.

Algo que não deveria fazer.

Algo que sei que talvez me arrependa mais tarde.

Sabendo que dormir não é uma opção para o momento, então, começo a minha procura de informações. Consigo acesso aos dados do edifício que moramos e observo a planta da cobertura, estudando o sistema de iluminação para conseguir desenvolver o que preciso. De início é um trabalho que demanda mais da minha atenção do que imaginava, mas, quando percebo, estou colocando meus óculos, apoiando os pés na mesa de centro e digitando todos os códigos necessários.

Em algum momento da noite me levanto, pego uma xícara de café e trago mais alguns equipamentos para a sala. Entretanto, não consigo parar. Não quando a ideia está em minha mente, não quando sei que cada componente precisa funcionar perfeitamente. Nem mesmo me atento que passo horas testando diferentes tipos de sensores de luminosidade e desenhando um novo sistema em meu tablet.

Nesse instante me sinto vivo, sinto como se todas as minhas inspirações estivessem voltadas após anos acomodado ao ponto de não desejar criar algo.

Deslizo a caneta pela tela outra vez, criando uma forma de que os sensores de movimento e luzes sejam programados para detectar a necessidade de iluminação e desenvolvo um sistema de *backup* para caso falte energia.

Eu faço algo que não deveria.

Crio um projeto para alguém que odeio apenas porque não desejo vê-la sofrer.

Mexo meu pescoço, incomodado quando percebo que os primeiros raios solares aparecem nas enormes janelas e que passei mais tempo do que o esperado nesse sofá, já que todo o meu corpo e mente agora estão pedindo por descanso.

— O que você está fazendo? — A voz suave de Melany me faz erguer o rosto.

Ela está parada na base da escada e ergo uma sobrancelha quando desvia o olhar, olhando para as cortinas abertas e evita meus olhos. Uno as sobrancelhas observando a maneira como respira fundo e concluo que não há sinal de ressaca.

Ela apenas parece confusa.

Talvez cansada.

Não sei.

— Trabalhando — respondo meia-verdade. — Onde está Andrew?

Ela dá de ombros, indo até a cozinha. Levanto-me, seguindo-a por saber que preciso de uma xícara de café e encaro como caminha pelo enorme local.

— Ele me mandou uma mensagem dizendo algo sobre dormir na casa de um amigo e que Josh foi *muito* prestativo em avisá-lo que você me tirou daquela festa como um *neandertal* — ela diz de costas para mim e arrasto meu olhar pelo seu corpo, percebendo que está usando um dos seus uniformes de treino. A forma como a saia molda a curvatura de sua bunda me faz encarar o

lugar por mais tempo que o necessário. — Você pode parar de olhar para a minha bunda?

— Não estou olhando — minto, ultrajado.

— Sim, você está.

— E, não, eu não te tirei de lá como um *neandertal*. — Sento-me na banquetta ignorando sua acusação verdadeira. — Te tirei como uma pessoa comum faria.

— Você espantou meu companheiro de dança, Edmund.

— Você deveria me agradecer por isso.

— E me jogou na porra dos seus ombros.

— Você não cooperou.

— Alguém já te disse que todos temos livre-arbítrio?

— Isso é tudo questão de semântica, wildcat.

Mel solta uma lufada de ar e, desistindo da conversa, pega um pote com frutas — que percebi ser um dos seus lanches favoritos pela manhã — e se senta na banquetta à minha frente, fincando um garfo em uma banana.

— Você ao menos dormiu?

— Que horas são? — questiono, mesmo que o tablet esteja ao meu lado.

— Seis e meia.

Dou de ombros, encarando seu rosto.

— Então, não, não dormi.

— Você não deveria virar noites assim.

Ergo uma das minhas sobrancelhas pela frase.

— Você está preocupada com a minha saúde, Melany?

— Solto um sorriso convencido em sua direção. — Achei que você não possuía sentimentos para se preocupar com alguém.

Observo como cruza os braços frente ao corpo, me lançando um olhar desprovido de emoção.

— Não possuo — chia, me devolvendo o sorriso. — E não se iluda achando que me preocupo com você.

— Então você não me ajudaria caso eu fosse atropelado? — zombo, umedecendo meus lábios e

percebendo que seu olhar recai neles.

Ela apoia os cotovelos no mármore e percebo que os azuis de seus olhos brilham.

— Eu provavelmente seria a pessoa que te atropelou, Edmund.

Mesmo não querendo reprimo uma risada, sabendo que ela realmente seria capaz disso.

— Não acredito nisso.

— Isso é um problema exclusivamente seu. — Ela dá de ombros, levando um morango aos lábios. — Aliás, o que você estava fazendo lá? Sempre achei que odiasse festas ou pessoas em geral.

— Eu odeio. — Dou de ombros.

— Qual deles?

— Os dois. — Nem mesmo hesito. — Festas são apenas uma desculpa patética que pessoas vazias usam para tentar aplacar algo que lhes faltam. E pessoas em geral são... inconvenientes ou estão apenas interessadas em algo que temos.

Melany ergue uma sobrancelha, como se eu fosse algo que não entendesse.

Seus olhos me estudam com uma curiosidade genuína e odeio como tenho a impressão de que pode me ler apenas com um olhar, como se apenas por me fitar desta forma tivesse o poder de destruir tudo o que mantive protegido. De repente, ela meneia a cabeça e se levanta, indo até a máquina de café e retira uma xícara de lá.

Percebo de imediato que não cheira ao seu típico chocolate-quente que intoxica todos os lugares dessa casa.

É um cheiro completamente diferente e que me surpreende.

Café.

Algo que ela odeia e eu amo.

— Tome. — Ela me estende o objeto para mim.

— O que é isso?

— Meu obrigada por ter me trazido em casa, mesmo que eu não desejasse. E por não desenhar um bigode com uma caneta permanente em meu rosto enquanto estava dormindo. — Ela me dá um sorriso e apenas continuo encarando o seu rosto. — Você pode pegar essa xícara antes que eu me arrependa e jogue o líquido em você?

— Estou me questionando se esse agradecimento é genuíno ou se você colocou algo aí — afirmo, erguendo uma sobrancelha. — Você não é confiável.

— Talvez eu tenha colocado laxante.

— Eu não duvidaria.

— Por quê?

— Porque você é perversa, wildcat.

Há um brilho em seu rosto que me cativa.

É diferente.

Talvez seja alegria ou eu estou ficando completamente maluco.

Balanço a cabeça e levo a xícara aos lábios, reprimindo um gemido quando percebo que é um dos melhores cafés que já tomei. Ela poderia ganhar até mesmo dos de Paris e eu poderia tomá-lo todos os dias.

Merda, eu poderia tomá-lo para sempre e acho que mesmo assim não enjoaria.

— E ainda assim você está bebendo — afirma, orgulhosa.

Dou de ombros, apreciando a bebida.

— Meus pais sempre me disseram que gosto de coisas peculiares.

Meu olhar recai no dela.

Eles agora têm um tom mais escuro que o normal.

— Devo me preocupar?

— Não sei exatamente ao que você está se referindo.

— Seus gostos peculiares.

*Não vá por esse caminho.*

*Não vá.*

— Depende. — Inclino minha cabeça. — Você está curiosa?

Ela me lança um sorriso fraco, malicioso.

— Envolve chicotes, algemas e talvez um dildo colorido?

— Eu deveria saber o que é um dildo colorido?

Vermelho.

É a cor de suas bochechas no momento.

E algo que nunca imaginaria que aconteceria com Melany Underwood.

— *Hum*, acho melhor não. — Ela leva a sua própria xícara aos lábios. — Você é muito certinho para isso.

Mas o problema é que eu sei.

Sei perfeitamente e, pela forma como me encara, também sei que ela está tendo o mesmo pensamento que eu. Porque, mesmo que não seja certo, mesmo que eu odeie isso, estou imaginando-a na minha cama com um maldito dildo colorido entre as pernas e gemendo meu nome.

Talvez eu a deixaria até mesmo brincar com ele quando a comeria de quatro. Ou enquanto a chupava e estocava nela, ao mesmo tempo, vendo como sua cabeça tomba para trás e como apertaria seus seios.

*Merda.*

Não deveria mesmo ir por esse caminho.

— Ótimo. — Minha voz soa um pouco mais forte do que esperava. — Acabamos por aqui?

— Já sei, talvez você tenha uma queda por BDSM? — Sua pergunta é zombeteira.

*Jesus Cristo.*

— Não. — Reviro meus olhos tomando mais um gole. — Preciso conversar com Logan sobre o que você anda lendo ou praticando?

— Não, pelo amor de Deus. — Seu sorriso é diabólico. — *Role-play*<sup>[9]</sup>, talvez?

— Meu Deus, não.

— Certo, vamos mais a fundo então. — Percebo que ela solta uma risada fraca. — Você tem cara de quem gosta de...

— Acho que você sabe exatamente do *eu* gosto, Melany — interrompo-a antes que essa conversa vá para um lugar que nenhum dos dois conseguirá suportar. — Obrigado pelo café, mesmo que esteja horrível e que tenha me dado a certeza de que seria uma péssima barista.

Ela abre os lábios, ultrajada.

— É por isso que não gosto de você.

— Por que falo a verdade?

— Porque é um merdinha egocêntrico. — Ela se vira pronta para me deixar sozinho, tento a todo custo não encarar sua bunda outra vez e falho no processo. — E um ingrato.

— Você está começando a aumentar a sua lista de ofensas contra mim — constato com um meio-sorriso. — Devo me sentir honrado?

Ela me encara por cima dos ombros.

Deus, a forma como sua boca se abre em um sorriso grande e brilhante deveria ser considerado crime e talvez um pecado gravíssimo.

— Não. — Seus olhos brilham. — Você deveria estar preocupado.

— Por quê?

— Porque dizem que a próxima etapa depois das ofensas sempre é o assassinato.

Uma risada salta dos meus lábios enquanto ela apenas me encara como se eu fosse uma anomalia.

— Tenha um bom dia, wildcat.

— Não vou desejar o mesmo *pra* você, nerd. — Ela se vira e quando está fora da minha visão, continua: — Porque talvez eu tenha realmente colocado laxante no seu café.

\*\*

Ela não colocou.

Mas isso não me impediu de pesquisar todos os remédios que poderiam anular os efeitos caso tivesse colocado.

Jogo minha cabeça para trás, fechando meus olhos e girando a minha cadeira enquanto penso em como isso é completamente idiota e no que *caralhos* foi essa manhã. Se foi apenas um surto coletivo de que Melany e eu conseguimos passar quase meia hora sem tentar nos matar ou ofender um ao outro, ou se podemos chamar isso de um progresso em nosso acordo.

Mesmo não sabendo a resposta, olho para o meu computador percebendo que já se passa das dezoito horas e encaro as dezenas de personagens ali, tentando calcular uma forma de finalizá-los até o próximo final de semana e mandá-los para o restante da equipe.

Contudo, meu plano falha quando minha porta é aberta e Josh entra, sem se importar com nada e se joga na cadeira à minha frente.

— De dez a zero, qual a sua animação para me acompanhar em algo?

Ergo uma sobrancelha.

— Pense no maior número negativo que conseguir. — Giro minha caneta, observando-o me lançar uma certa.

— Essa será a sua resposta.

— Não é uma balada.

— Você disse isso da última vez — grunho. — A resposta continua sendo não.

— Se serve de consolo, você não vai precisar enfrentar pessoas te encarando.

Cruzo os braços, erguendo uma sobrancelha.

— O que exatamente isso significa?

— Que preciso de uma companhia para ir comigo em uma apresentação.

Minha face se torna confusa, Josh raramente participa de alguma apresentação, principalmente se ela for filantrópica ou algo do tipo. Meu amigo, na verdade, prefere uma festa regada à bebida do que ter que encarar todos os engomadinhos da alta sociedade que apenas desejam conseguir favores ou algo para amaciar o ego.

— Não estou indo a um baile.

Giro minha cadeira, voltando a minha atenção para o monitor e meu amigo solta um suspiro entediado.

— Não é um baile — reafirma.

— É o que, então?

Um sorriso enorme nasce nos lábios dele.

— Você vai descobrir se vier comigo.

— Você precisa urgentemente arrumar uma nova companhia e me deixar em paz, Josh — resmungo, enviando meu último *e-mail* do dia e desligando tudo. — Espero que pelo menos tenha vinho bom nesse lugar.

Ele solta uma risada nasalada enquanto pego as minhas coisas e o sigo para fora da Blackwell Enterprise, ignorando tudo ao meu redor e focando nas últimas mensagens que Dylan me mandou sobre o aniversário de nove anos de Jayden em duas semanas. Sei que Haz deseja todos juntos e que até mesmo meus pais virão de Milão para a comemoração.

Assim que estamos em frente ao meu carro, ele dá volta e se senta no banco do carona enquanto me ajeito atrás do volante e dou partida, nos colocando no trânsito caótico de Nova Iorque.

— Então, aonde estamos indo? — questiono. — Se você me levar a algum lugar com música alta e pessoas, eu irei te socar.

— Relaxe, é apenas para o novo empreendimento da minha família.

Josh me dá o endereço e ergo uma sobrancelha quando estaciono poucos minutos depois diante de um

enorme teatro. A fachada exhibe colunas e luzes iluminam as escadarias de mármore.

Arrasto meu olhar até as portas de madeira maciça, observando que estão abertas e seguimos em silêncio até o saguão praticamente vazio.

— Por que diabos você está comprando um teatro? — questiono, erguendo uma sobrancelha.

— Não estou. — Ele murcha os ombros. — É a minha mãe que está cogitando adquiri-lo e me pediu para vir até aqui para visitar o lugar e dar a minha opinião.

— E a sua ideia era me arrastar com você? — Reviro meus olhos. — Pelo amor de Deus, Josh, eu tenho trabalho a fazer.

Atravessamos o saguão, até as cabines privativas e no caminho observo como toda a decoração me lembra os bailes dos meus pais e não duvido que esse ano será tão glamouroso como o do ano passado que claramente faltei.

— Há uma apresentação e não queria vê-la sozinho — ele finalmente me responde. — Agora pare de reclamar e me ajude a não dormir durante os próximos quarenta minutos.

Assim que chegamos na nossa cabine, percebo que não há muitas pessoas e que isso não é uma maldita apresentação e, sim, um ensaio privado para a equipe.

Meu amigo fecha as cortinas de veludo vermelho e se senta em um dos assentos estofados. Assim que me ajeito no meu lugar, percebo que tenho a vista privilegiada do palco onde todos começam a se prepararem.

— Você não me disse que era a porra de um ensaio geral — resmungo, me encostando no banco.

— Ótimo, posso dormir tranquilo e você me diz depois o que aconteceu. — Ele sorri fechando os olhos. — Minha mãe vai adorar saber que visitamos o edifício e amamos.

Meu olhar repousa no palco que está com as cortinas fechadas e então uma música lenta ecoa enquanto os gritos do diretor fazem com que alguns bailarinos fiquem com os olhos arregalados.

Num primeiro momento acho que nada acontecerá, que será apenas os bailarinos tentando acertar uma dança, contudo, não é. No instante seguinte, a melodia muda e os acordes se tornam mais graves enquanto o cenário é totalmente alterado para imitar um castelo. Um casal de bailarinos entra e as primeiras notas da composição que reconheço ser de Tchaikovsky<sup>[10]</sup> ecoam no teatro e prendem a minha atenção.

Eles giram em perfeita sincronia.

É lindo.

Mas é a bailarina que consome toda a atenção da dança.

Vestida em um tutu branco, ela parece flutuar sobre o palco, cada movimento executado com uma precisão quase sobrenatural. O tempo parece parar enquanto observo seus passos delicados e a leveza com que se move. Seus braços desenharam arcos perfeitos no ar e seus olhos expressam uma profunda emoção.

O mundo ao meu redor desaparece, e tudo o que existe é a dança dela.

Ela se move com tanta delicadeza que nem mesmo seu parceiro consegue se sobressair a ela.

É como se soubesse que esse lugar é a sua casa, seu lugar seguro.

E me pego tão fascinado pela cena que levanto, escorando a mão no parapeito da cabine e encarando-a como se estivesse caindo em seu feitiço. Porém, quando seu rosto se ergue no momento de um giro elaborado, minha respiração fica presa em minha garganta.

Porque a bailarina em questão não é qualquer uma.

É a pessoa que habita meus pensamentos.

Melany.

E a dança que está performando no momento é a mesma que um dia a vi dançando na academia de dança em Saint Vincent. A mesma que sempre desejei saber o motivo pelo qual sempre gostou.

A música atinge uma nota alta e Mel faz uma série de giros rápidos, terminando em uma pose que emana força e vulnerabilidade.

Meus olhos estão vidrados e percebo que estou segurando a respiração.

Mesmo sabendo como ela dança, me pego deslumbrando.

Mesmo que já tenha a visto dançar, eu aprecio como se fosse a primeira vez.

Ela desliza pelo palco como se estivesse flutuando. Seu corpo se move com uma fluidez que parece desafiar a gravidade. Os olhos dela brilham sob as luzes, concentrados e intensos, mas com uma suavidade que faz meu coração acelerar.

Nem mesmo o diretor fala algo. Ele está tão impressionado quanto eu.

Melany gira, os braços se estendem em uma linha perfeita. Meus olhos seguem cada passo, cada arabesque<sup>[11]</sup>, sem piscar. Nem mesmo acho que respiro.

Todas as batidas do meu coração parecem se sincronizar com a dança.

Perfeita.

Fascinante.

Incomparável.

É assim que eu a vejo.

— Eu não sabia que você gostava de ballet. — Josh aparece ao meu lado e mesmo assim não me movo. Acho que não poderia. — Aquela é a Mel?

Meus olhos não desviam dos dela e nem mesmo desejo porque estou concentrado demais com a

sequência de giros que faz antes de parar em uma pose perfeita.

— Sim — finalmente respondo, baixo.

— Ela sempre foi boa — Josh afirma com orgulho.

Mas ela não é só boa. Ela é mais que isso.

Melany é perfeição e talento puro.

É a personificação da graça e da beleza.

Melany Underwood é arte.

Daquelas que deveriam ficar guardadas na sala de mamãe em Milão com todos os tipos de segurança a protegendo. Que são únicas e inatingíveis e nos deixam obcecados.

*Me deixa obcecado.*

Por um momento, o tempo parece parar.

Quando Melany se curva em uma reverência final e todos os seus colegas explodem em aplausos, ela ergue o rosto diretamente para onde estou como se sentisse meu olhar e nossos olhos se encontram.

Quente.

Proibido.

Inesquecível.

É assim que me sinto ao nos encararmos.

É totalmente diferente de como me senti essa manhã.

— Nós deveríamos ir embora — digo, ainda a encarando.

O ensaio do próximo ato continua com os outros bailarinos, mas estou perdido no momento.

Melany não desvia o olhar também. Nenhum de nós consegue quebrar a conexão. Mesmo de longe, percebo que seu peito sobe e desce, sua respiração está ofegante, e segundos depois, ela apenas se vira, saindo do palco acompanhada do seu parceiro e algumas bailarinas.

Não consigo dizer nada. Não consigo me afastar.

É como se sentisse uma das minhas barreiras querendo romper.

E isso me assusta.

Porra, me aterroriza como nunca.

— Você está bem, Ed?

*Não.*

Não quando estou perto dela.

Não quando acho que meu coração pode sair pela boca.

Não quando conto a mesma mentira todos esses anos.

— Você não pode comprar esse teatro.



## PROMESSA

*Não, você pode me culpar?  
Eu não nasci assim  
Mas pessoas machucadas machucam pessoas  
Eu preferiria ser sem coração  
Do que ter meu coração em pedaços*  
**Born Without a Heart | Faouzia**

*Melany Underwood*

Eu senti o seu olhar antes mesmo de levantar a minha cabeça.

E depois o observei sair do teatro antes de alguém me puxar pelos bastidores.

Edmund não deveria estar aqui. Ele não deveria presenciar esse ensaio.

Contudo, havia algo na forma como me encarava. Algo que, se eu fosse ingênua o suficiente, diria que poderia até mesmo significar fascínio. E mesmo odiando, mesmo tentando entender o porquê ele estava no meu lugar e no meu ensaio favorito, apenas fiquei ali, no centro no enorme palco, encarando-o com todos os meus colegas batendo palmas ao meu redor e mostrando-me que

consegui.

Que após meses ensaiando até que o cansaço fosse meu único companheiro, finalmente tinha provado que mereço ser a primeira bailarina na apresentação.

Eu lutei por isso por quase um ano. Ensaiei mais do que seria saudável. Algumas vezes, meu pé até mesmo sangrava quando passava do limite. Todavia, valeu a pena. Pois o olhar que Camilo Durand — um dos maiores maîtres da atualidade — me lançou quando finalizei a dança, me deu a certeza de que estrelarei a sua próxima peça.

— Bravo, Mel! — Ele bate palmas quando chega no meu camarim. — Você é a minha maior joia nessa temporada.

Tento sorrir com orgulho por suas palavras, mas o aperto em meu coração faz o sorriso que nasce em meus lábios ser apenas singelo e fraco.

— Eu fico feliz por saber disso, Sr. Durand — afirmo, passando a mão pelo tutu.

— Você se forma em poucos meses na Julliard. — Ele inclina a cabeça para o lado. — E se esse espetáculo for o sucesso que estamos prevendo, você terá a sua ascensão em nosso mundo, Mel. É a sua chance de ouro, querida, não a desperdice.

*Você sempre deve dançar com elegância, Mel.*

*O mundo forçará você a dar mais que está disposta por ser mulher.*

*Lembre-se disso.*

*Lembre-se do que perdi.*

— Eu não vou, Sr. Durand. — Minha respiração muda o compasso.

— Eu sei. — Ele me dá um aceno breve. — Sempre soube que você era a minha *Odette*<sup>[12]</sup> perfeita.

Ele se vira, saindo do camarim e me deixando sozinha. Por um momento, apenas giro meus calcanhares e apoio as mãos na mesa, observando meu reflexo no espelho.

Os olhos iguais aos da minha mãe me fazem ter memórias que não desejo.

A forma como ela foi mudando de uma mulher amorosa para uma pessoa vazia, me atormenta todos os dias. Logan e Aidan receberam dela a sua melhor versão. A versão que pintava ao lado deles, cantava, sorria e cozinhava as suas comidas favoritas.

Mas eu? Eu recebi a versão quebrada da minha mãe.

A versão que percebeu que o casamento não era o mar de rosas que sonhava e que preferia pintar a ter que lidar com o fracasso que meu pai se tornou aos seus olhos.

O casamento deles, que um dia foi perfeito, se transformou em cinzas. E ela usou essa mesma tonalidade nos seus quadros e me fez sentar ao seu lado todos os dias enquanto dizia que o amor era veneno, que nunca deveria querer esse sentimento porque ele nunca sustentaria meus sonhos. Ele apenas me destruiria como fez com ela.

Eu era a sua única filha mulher.

A sua única esperança de provar que não perdeu tudo.

Minha mãe me fez ser perfeita. Ela me ensinou a pintar e descobriu que eu era péssima nisso. Ela queria a perfeição e projetou seus sonhos fracassados em mim.

Agora, enquanto encaro a cópia idêntica a dela pelo reflexo do espelho, percebo que ela *realmente* conseguiu.

Laura Underwood não foi a maior pintora da sua geração, mas a sua filha está prestes a começar a traçar a sua carreira como uma das maiores bailarinas.

Só que há uma diferença.

Ela me ensinou a querer a fama, mas foi Verônica que me ensinou a amar o ballet.

Vee me mostrou que ele era mais que um mecanismo de defesa contra os meus pensamentos destrutivos e a minha vida. Ela me ensinou a ver beleza nessa arte, a senti-la dentro de mim.

— Melany?

Olho por cima do ombro, encontrando Andrew escorado no batente da porta.

Meu melhor amigo sorri e dá um passo à frente, observando-me.

— Você não deveria estar organizando a sua viagem?

— Não, eu deveria vir buscar a minha melhor amiga para irmos ver uma das suas peças favoritas na Broadway, porque sei que ela sentirá a minha falta — ele diz, sorrindo. — Vamos?

Abaixo meu olhar para as minhas roupas e uno as sobancelhas.

— Me dê apenas dez minutos e podemos ir — afirmo, pegando a minha bolsa e indo até o banheiro. Assim que fecho a porta e começo a retirar minhas roupas, ouço-o se mover e grito: — Como Oliver reagiu quando disse a ele?

— Melhor do que você. — Reviro os olhos mesmo que Andi não possa ver. — Logan disse algo sobre você e Edmund ficarem sozinhos no apartamento?

— Não contei a ele esse detalhe. — Tiro a saia e o collant. — Talvez ele nem mesmo descubra.

Subo o vestido preto que minha cunhada me enviou há alguns dias e percebo que é uma das últimas coleções de sua mãe. Assim que termino de colocá-lo, retiro os saltos da minha bolsa e substituo o lugar pelas minhas

sapatilhas.

De repente, posso ouvir Andrew caminhando até a porta e abrindo-a.

— Você realmente acha que ele não vai descobrir? — Percebo o sarcasmo em seu tom.

— Se ele descobrir, não será por mim. — Abro um enorme sorriso. — Logan sabe que sou adulta e posso me cuidar.

— Não foi isso que ele demonstrou quando suas fotos vazaram. Logan quer você a pelo menos cem metros de distância de qualquer homem. — Meu amigo ergue uma sobrancelha. — E Aidan?

— O que tem meu irmão que parece ter sumido do mapa?

— Como ele reagiu?

— Você realmente acha que Aidan sabe alguma coisa da minha vida? — Solto um suspiro. — Ele preferiria me trancar no porão da casa da tia Audrey do que aceitar que estou dividindo um apartamento com o irmão mais novo da sua ex-namorada morta.

Termino de colocar meus saltos e me ergo, alisando meu vestido.

— Seus irmãos são assustadores, Mel. — Andrew me dá um olhar cheio de significado. — Então preciso saber de tudo antes de te deixar aqui.

— Aonde diabos você está querendo chegar com esse interrogatório?

Ele abre os lábios, depois fecha e então suspira fundo. Seus olhos estudam os meus e ele apenas murcha os ombros.

— Qual a probabilidade de você transar com Edmund Blackwell de novo?

É a minha vez de abrir os lábios e erguer uma

sobrancelha.

Pelo amor de Deus.

Isso só pode ser brincadeira.

— Nenhuma. — Minha resposta é tão firme que até mesmo eu me surpreendo.

Andrew fita meu rosto por um momento, procurando pela mentira e claramente não acha

— Eu sei, mas também não quero te deixar aqui sozinha com algo que pode te colocar em uma confusão.

— Meu amigo solta um suspiro. — E realmente preciso saber que você estará bem comigo longe.

— Eu sei que você se preocupa comigo, Andi, mas não é necessário. — Solto um enorme sorriso. — Eu não cometo um erro duas vezes. É a minha regra, você sabe disso.

Andrew me encara por alguns segundos, antes de relaxar a postura e apenas pega a minha bolsa, se virando enquanto solto meus cabelos e olho para o espelho, ajustando-os no mesmo instante que sinto meu coração palpitar.

— Certo, você ao menos sabe o que está em cartaz que será a minha tortura da semana?

Meus olhos brilham em antecipação.

— Há um musical.

— Pelo amor de Deus, por que você me odeia tanto? — questiona, olhando para cima e reviro meus olhos. — Vamos assistir a um filme normal, talvez uma comédia romântica ou thriller. Menos um maldito musical.

— Pare de ser dramático.

— A última vez que assisti um musical com você, acordei com um projeto de Rei Leão rebolando ao meu lado, Melany. — Ele me lança uma careta. — Isso estragou minhas memórias de infância.

— Era uma coreografia de Hakuna Matata.

— Foi a trilha sonora dos meus pesadelos.

Deixo-o para trás reclamando, enquanto meus pensamentos vão para a nossa conversa anterior. Mesmo sabendo que uma parte de mim não acredita no que prometi ao meu amigo, faço uma promessa bastante perigosa, mas sei que será o melhor para mim e o meu futuro brilhante.

*Edmund Blackwell será o último homem que pensarei em transar de novo.*



Nós chegamos no apartamento por volta da meia-noite.

Andrew apenas beijou minha testa e foi para cama me xingando por obrigá-lo a assistir duas horas de um musical sobre o Fantasma da Ópera, enquanto segui até a cozinha a fim de preparar algo para acabar de vez com a minha fome.

Sabendo que não há nada pronto, vou até a despensa da cozinha e começo a vasculhar todos os armários, já que preferi não comer nada no teatro.

Assim que me ajoelho, observo todas as opções e concluo que temos que ir ao mercado essa semana. Porém, no fundo do armário, há um dos meus biscoitos favoritos. Nem mesmo me surpreendo por estar escondido embaixo de algumas caixas, já que sei que Andrew o roubaria se achasse.

— Merda — xingo, quando ele quase escorrega das minhas mãos.

Quando estou prestes a me afastar, sinto alguém

arranhar a garganta e quase bato minha cabeça quando dou um sobressalto, assustada. Contudo, apenas me apoio em meus joelhos e percebo que o intruso não é meu melhor amigo ou um ladrão, mas, sim, Edmund que está parado à minha frente.

Ele cruza os braços, destacando a blusa surrada da SVU e ergue uma da sobancelha enquanto me observa, curioso. Os óculos de grau sobre o rosto dão a ele um semblante mais fechado do que o normal e preciso respirar fundo quando inclina sua cabeça para o lado e ergue uma sobancelha.

No entanto, percebo que não deveria ter parado nessa posição, porque assim que solto o ar dos meus pulmões, vejo que me encontro de uma forma não tão favorável.

Na verdade, é péssima.

É a pior maneira de terminar a noite.

Porque o movimento faz meu rosto ficar rente ao membro semi ereto de Edmund tapado pelo moletom que não esconde a maldita circunferência. Ergo o rosto para observá-lo novamente e tenho a visão de sua mandíbula cerrada, suas pupilas dilatadas e suas mãos fechadas em punhos.

Merda.

Não é possível.

Meus olhos percorrem a forma como as veias saltam de seus braços.

— Você sempre faz isso? — questiona, de repente.

Balanço a cabeça de leve, confusa.

— O quê?

— Se esgueirar pela cozinha de madrugada como uma pequena ladra?

Umedeço meus lábios e percebo que Edmund acompanha o gesto e tudo em mim começa a esquentar.

Eu realmente preciso sair daqui.

Preciso me lembrar da minha promessa de mais cedo.

Das regras do nosso acordo.

De tudo o que aconteceu.

— Melany? — chama quando não respondo.

— Não — digo me apoiando no armário e percebo que ele estende a mão para me ajudar a levantar e aceito hesitante. — Não faço isso sempre.

Assim que a minha palma se encosta na sua, parece que uma corrente passa por nós.

Mesmo de salto, Edmund consegue ser mais alto que eu. Por isso, levanto o rosto para encará-lo. Para entender a forma como ele me encara.

Desse ângulo, posso estudá-lo com calma.

Os óculos de grau o deixam ainda mais bonito. Há calma agora em seu rosto. E a forma delicada como me encara me causa um sentimento indefinido. Na verdade, acho que talvez sinto raiva por não saber como me portar perto dele, por ele sempre me desconcertar.

Quando éramos inimigos declarados, poderia jogar uma piada frívola em sua direção e ele me devolveria com uma pior. Agora que prometemos viver em paz, não faço ideia do que somos e percebo que tenho medo de descobrir.

— Então qual a sua desculpa para hoje?

Ele não solta a minha mão, percebo que também não afasto a minha.

— Fome? Tédio? — Dou de ombros. — Por que está curioso com isso?

Nós dois ficamos nos encarando por alguns segundos.

Talvez horas, não sei.

Apenas sei que não me movo e muito menos ele.

Ed se inclina um pouco. O âmbar de seus olhos cintila

e sua boca se curva em um pequeno projeto de sorriso ou careta, não sei bem como definir.

— Porque não é todo dia que encontro alguém ajoelhada na minha cozinha.

Meus olhos encontram os seus e percebo que a palma de sua mão está quente.

— Não tenho culpa se reorganizaram a dispensa.  
Semicerro os olhos.

— Me lembre de dar um aumento à governanta. — Seu sorriso aumenta e penso seriamente em quebrar uma de nossas regras e chutá-lo. — Achei que Andrew e você tivessem saído para ir ao teatro.

Dou um passo para trás finalmente liberando a minha mão e ele continua estudando o meu rosto em silêncio, tentando absorver minhas palavras.

— Nós fomos e Andrew comeu algo no caminho para cá — respondo. — Mas não sou muito fã de *fast food*.

Não sei por que conto isso a ele, nem por que ele me encara curioso.

Apenas sei que tudo isso é estranho demais.

— Me deixe fazer algo para você comer, então — pede, me surpreendendo.

— Não é necessário. — Aponto para o biscoito. — Eu posso me contentar com eles.

Edmund revira os olhos.

— Isso é tão prejudicial à saúde como qualquer outro fast food, wildcat. — Ele se vira pegando algumas coisas e então olha por cima do ombro. — Agora fique quieta e venha comigo, vou fazer algo que realmente valha a pena para comermos.

Não é mais um pedido.

Ele se vira, caminhando até a ilha e jogando alguns ingredientes sobre o balcão e procurando por utensílios,

antes de sumir na adega e voltar com um vinho tinto.

— Você costuma cozinhar para as pessoas que você não gosta?

Ele se vira para o armário, pegando duas taças e vindo até onde estou. Em poucos segundos, abre a garrafa e me entrega uma delas, agora cheia do líquido roxo.

— Não saberia dizer já que essa é a primeira vez que faço isso.

Sento-me na bancada, observando-o caminhar de um lado para o outro em silêncio enquanto um cheiro de molho branco se espalha pela cozinha. Edmund o prova e solta um pequeno ruído que vai direto para uma parte do meu corpo que deveria estar adormecida nesse momento.

— Não sabia que cozinava — digo, quebrando o silêncio.

— Morar sozinho em Paris me obrigou a aprender algumas coisas — conta, pegando um pano e limpando as mãos antes de começar a ralar o queijo. — Mas Dy e Ollie são melhores do que eu, sem dúvidas.

— Então preciso me preocupar com uma possível intoxicação alimentar?

— Não me ofenda, wildcat. — Edmund me lança um olhar engraçado. — Eu sou bom em tudo o que faço.

Não respondo.

Porque sei que é verdade.

— Você é egocêntrico. — Bufo, levando a taça aos lábios. — Chega a ser irritante.

— Sinto muito. — Ele me dá um sorriso por cima dos ombros. — É um mal da minha família.

Observo-o jogar o molho sobre a massa que fez há alguns minutos e culpo o vinho por me fazer sorrir quando percebo o que está fazendo. Por desejar poder

observá-lo dessa forma sempre.

Quando ele pega o queijo e começa a espalhar, meus lábios se entreabrem.

É apenas uma coincidência.

Precisa ser.

— Você fez macarrão ao molho branco — sussurro.

— Você gosta? — Ele pega um prato e se vira para mim.

— É a minha comida favorita, Edmund.

É o prato que mamãe sempre fazia.

É o que Aidan e Logan sempre faziam para mim depois que ela morreu.

É o que Audrey sempre tentava replicar e ficava horrível.

Meus olhos estão nos seus e não consigo desviá-los.

Ele me dá um sorriso.

Esse é verdadeiro. Único. Lindo.

*É coincidência. Apenas uma simples coincidência.*

Ed dá um passo à frente, quase se colocando entre as minhas pernas, pega um garfo e enrola na massa. Observo com curiosidade seus próximos passos, mas nada me prepara para quando ele ergue o objeto e leva até a minha boca.

Sem nem mesmo hesitar, abro meus lábios e sinto o gosto delicioso do molho branco e do macarrão.

— Não irei te elogiar, se é isso que está esperando — afirmo, umedecendo os lábios.

Ele enrola mais um pouco da massa.

— Não preciso, a sua expressão satisfeita é o suficiente. — Sua voz é baixa e rouca. — Agora abra a boca de novo.

Mesmo sabendo que não devo, faço o que ele pede e meus olhos se fecham por um instante.

É perfeito.

O gosto.

A forma como a massa quase derrete em minha língua.

Tudo.

Sem perceber, um gemido baixo salta dos meus lábios e assim que volto a abrir os olhos, percebo que Edmund me encara. Seus olhos estão mais escuros que o normal e sei o que ele está pensando, sei que foi um erro aceitar que ele cozinhasse para mim, que me alimentasse e que ficasse tão próximo.

— O nosso contrato está pronto — ele diz, baixo, como se precisasse de algo para se agarrar.

— Ok. — É a única palavra que consigo proferir.

Engolindo em seco, observo-o deixar o prato ao meu lado e dar um passo à frente, se colocando entre as minhas pernas. Ed se aproxima, seus olhos fixos nos meus, intensos, carregados de uma emoção que não consigo decifrar.

Sem nem mesmo perceber, abro-as um pouco mais para que se coloque entre elas. Assim que o faz, ele levanta a mão até meu rosto devagar, hesitante, como se esperasse que eu o afastasse, mas não me movo.

Não com a intensidade que ele me olha.

Não com a forma como sua mão me toca.

Não posso. Não consigo.

— Posso entregá-lo a você amanhã.

Seus dedos roçam meu rosto e prendo a respiração. Sua mão sobe até meu queixo, erguendo-o e não consigo me mover. Não consigo nem mesmo proferir uma única palavra, apenas fico estudando a forma como o âmbar se torna uma cor mais forte, única e que nunca poderei esquecer.

Os dedos dele são firmes e, ao mesmo tempo, gentis, desenhando um caminho suave. Quando finalmente toca meus lábios, é como se uma corrente elétrica percorresse todo o meu corpo. Ed desenha o formato com delicadeza, mas nada em seu olhar me diz que está pensando algo que tenha a ver como a forma que está me tocando.

Porque suas pupilas estão dilatadas.

Seu desejo é quente.

Inebriante.

— Por que você estava no teatro hoje mais cedo? — indago, rouca, tentando tirar meus pensamentos de onde estão chegando.

Sua língua se projeta para fora e acompanho como ele umedece seus lábios e tenho vontade de apertar minhas pernas uma na outra.

— Eu estava com Josh. — Seus dedos traçam novamente meu lábio, mas dessa vez ele coloca o dedão em minha boca e minha língua acaricia, observando como ele engole em seco. — Ele precisava de uma companhia.

— Ok.

— Ok — ele captura meu olhar. — Você é estonteante quando dança.

Meu estômago revira, tenho vontade de puxá-lo para mim.

— É o primeiro ensaio que você me vê dançar.

— Mas não é a primeira vez que te *vejo dançar*. — Não há espaço para mentira em seu tom. — Eu *sempre* vejo você, wildcat.

Meu coração talvez esteja parando.

Talvez.

Talvez.

Apenas talvez.

Sua mão livre aperta a minha coxa e fecho meus olhos, sentindo o seu toque.

Sentindo que nada importa no momento, que estou prestes a quebrar uma promessa que fiz em menos de vinte e quatro horas e de mentir para o meu melhor amigo.

Um pequeno gemido salta dos meus lábios quando ele sobe mais a mão. Não me importo com nada no momento, porque preciso disso, preciso ser imprudente, preciso que Edmund me toque.

— Deus, os sons que você faz. — A sua voz rouca me faz encará-lo. — Me deixa louco.

Errado.

Edmund e eu somos errados.

Mas isso parece certo.

Parece algo que deve acontecer.

— Eu odeio você — murmuro. — Eu sempre odiei você, Edmund.

— Eu sei. Eu sempre soube. — Ele volta a desenhar meus lábios e me pego abrindo-os para dar mais acesso a ele. — E eu penso muito na forma como você me odeia.

— Você deveria dizer que me odeia também.

Ele sorri.

Deus, eu não posso suportar mais.

Eu preciso dele.

Preciso dos seus lábios. Do seu toque. Dele.

— Eu deveria.

— Sim. — Engulo em seco.

— Mas não posso, Melany.

Ele se inclina um pouco e eu acompanho.

Poucos centímetros nos separam.

O ar foge dos meus pulmões e o mundo parece que

pode explodir que não nos importáramos. Assim que nossas testas se encostam e meus olhos se fecham, sei que estou pulando de um precipício. Sei que não haverá mais volta.

Contudo, antes mesmo que nossos lábios possam se encostar, o barulho de algo caindo e Andrew xingando faz com que eu empurre Edmund e pule da bancada, quase quebrando meus saltos no processo.

— Boa noite, wildcat.

Não respondo.

Não consigo.

Apenas cambaleio em direção ao barulho.

Esqueço que quase beijei Edmund Blackwell.

Que quase quebrei a minha maldita promessa.

E durante todo o caminho até meu quarto, concluo que estou ferrada *pra* caralho durante as quatro semanas que Andrew estará fora do país.



## **ATO I - PASSADO**

*Você sabe que eu deixei uma parte de mim em Nova York  
Você sabia que o herói morria, então para que serve o  
filme?*

*Você sabia que ainda dói sob minhas cicatrizes  
De quando eles me destruíram*

**Hoax | Taylor Swift**

*Melany Underwood*

### **PASSADO**

Mamãe sempre foi amante de pinturas.

Ela me dizia que era nos quadros que conseguia expressar o que estava sentindo.

Eu amava observar como ela misturava as tonalidades em sua aquarela e formava tons únicos. Eu amava observá-la sorrir para a sua tela e descobrir que o sol poderia ter um tom mais forte que o amarelo normal e que poderia colorir as estrelas com todas as cores cintilantes ou foscas.

Antigamente, quando ela estava nos seus melhores dias, ela nos pintava.

Na parede da nossa sala, ela pendurou alguns desses quadros. E sempre que passo por aquele cômodo, percebo que ela pintou Aidan de verde, porque ele era o nosso equilíbrio. Logan de azul, porque ele era calma. E o meu me pintou de vermelho, porque, segundo ela, sempre fui fogo.

Ela me dizia que meu espírito nunca se contentaria com o básico, que uma vida como a que temos nunca deveria ser o futuro da única filha mulher que ela teve.

— Nós vamos nos atrasar, Melany — o grito dela me faz suspirar.

Calço meus tênis e me viro, saindo do meu quarto. No caminho até o primeiro andar, posso observar que a porta do quarto de Aidan está entreaberta e Logan provavelmente está em dos seus treinos de futebol.

Dou passos rápidos até o quarto do meu irmão mais velho e observo-o sentado em frente a uma tela em branco. Caminho em sua direção ao mesmo tempo em que ele ergue o rosto e um sorriso nasce em seus lábios.

— Você está fugindo da mamãe de novo? — pergunta quando me aproximo.

Dou de ombros, me sentando ao seu lado.

— Ela quer me levar a mais uma aula de pintura — sussurro, mesmo que ela não possa ouvir. — Eu odeio pintar. É muito triste e os quadros que ela pinta são todos sem cor, sem vida. — Meus olhos se vão para onde ele está pintando e murcho os ombros. — Desculpa.

— Não precisa se preocupar — ele sorri. — Você precisa dizer a ela, Mel.

— Não quero decepcioná-la — digo, mordendo os lábios. — Ela pagou caro naquelas aulas e talvez eu possa gostar, certo?

— Dinheiro é uma coisa que podemos recuperar, o nosso tempo não. — Ele desliza o pincel pela tela, começando um desenho que tenho certeza de que será

lindo. — Se precisar da minha ajuda para contar a ela, você pode me gritar. Sempre vou te proteger, pequena.

Aidan sorri.

Percebo suas covinhas aparecerem e seus olhos azuis brilhantes refletirem.

Mesmo odiando quando ele me chama de pequena, sorrio. Aidan pode ter seus dezessete anos e ser gigante, mas ainda sou considerada alta para a minha idade. Não é todos os dias que meninas de oito anos se destacam nas aulas de ballet.

— Por que vocês estão escondidos aqui? — A voz de Logan nos faz olhar para cima. — Você está fugindo da mamãe? De novo?

Percebo que ele não está julgando, apenas olha para fora do quarto.

Encaro-o e notando que meu irmão traja a jaqueta do New York Giants que papai deu a ele no seu aniversário de quinze anos. Acho que Logan nunca mais a tirou e não me surpreenderia se tivesse prometido que um dia jogaria lá apenas porque é o favorito do nosso pai.

De repente, ergo uma sobrancelha ao observá-lo correr em minha direção.

— O que diabos...? — A voz de Aidan morre quando escuta passos.

Logan pega meu braço, abre a porta do guarda-roupa e me coloca lá com cuidado antes de fechá-la, enquanto começa a fingir que estão brigando por algo.

Preciso segurar a risada pela péssima atuação dos meus irmãos.

Mamãe aparece poucos segundos depois e encarando-a pela fresta da porta, concluo que seu rosto está cansado. Há olheiras sob seus olhos e ela emagreceu nos últimos meses. Mesmo assim, ela é a mulher mais linda que já vi.

Os olhos azuis são como os nossos, cabelos pretos como a noite e é alta o suficiente para parecer uma das

modelos que estampam algumas das revistas que sempre está folheando. Ela até mesmo se parece com uma das mulheres que levam os filhos ao colégio onde Logan estuda. Seu suéter tem uma pequena mancha de tinta e as calças pretas estão desgastadas pelo uso.

— Onde está a irmã de vocês? — ela questiona, olhando entre os dois. — Não ousem mentir.

— Não sabemos — Logan responde, murchando os ombros. — Já tentou o jardim? Ela gosta de dançar lá.

— Melany não tem tempo para dançar, ela tem aulas de pintura — contrapõe e percebo que Logan dá um passo à frente, sorrindo. Ele sempre é a calma dela. — Me diga onde está sua irmã, Logan.

Ele olha para Aidan e sei que pede que nosso irmão mais velho não conte.

Mas Aidan nunca faria isso. Ele sempre me protege. Mesmo quando essa atitude me irrita ou quando acho que está passando do limite por achar que todos irão me fazer mal.

— Pare de obrigá-la a ir a essas aulas. Ela odeia pintar, mãe. — Ele suspira e observo seus olhos caídos. — Você sabe que Mel ama o ballet.

Não.

Não faça isso, Aidan.

Não precisa me defender dela.

Não se preocupe.

E não a faça perder o controle como na última noite que não estava aqui.

— As aulas estão pagas.

— Eu posso trabalhar com papai para repor o dinheiro — diz de repente, e minha garganta se fecha. — Apenas a deixe dançar, você sabe como ela fica quando dança.

Logan dá mais um passo à frente e segura as suas mãos.

O olhar gentil dela me pega. Eu sempre desejo que ela me encare assim, sempre quero ser a pessoa que a

acalma, mas ela não me deixa, porque na cabeça dela, eu sou o futuro que o casamento com papai lhe roubou.

— Eu vou te ajudar com os quadros também, mas não faça Mel ir nessas aulas, mamãe — ele pede com calma, surpreendendo nossa mãe, mesmo que Aidan e eu saibamos que ele odeia falar dessa forma. — Nós podemos fazer isso. Ela tem talento para o ballet, ela vai ser uma estrela quando crescer.

Mas Laura não concorda com eles.

Na verdade, posso perceber que ela gostaria que eu fosse uma estrela na pintura.

Eu posso ver pela forma como seu olhar altera de calma para frieza e suas sobrancelhas se franzem.

Ela está decepcionada que estejam tomando as minhas dores quando ela sempre me diz para nunca deixar que as pessoas façam isso. Quando afirma todos os dias que preciso ser autossuficiente. Que uma hora meus irmãos irão crescer e nenhum deles irá ligar para mim.

Por isso e por não desejar que as duas pessoas mais importantes da minha vida se machuquem por minha causa, suspiro fundo e abro as portas.

— Eu estou aqui, mamãe — digo, caminhando até ela. — Me desculpe pela demora.

*Você é forte, Mel.*

*Você é igual a ela.*

*Você... É apenas uma criança.*

— O que você está fazendo aí? — questiona, unindo as sobrancelhas. — Na verdade, esqueça, nós estamos atrasadas. Você está pronta?

Sorria.

Apenas sorria.

Sorrir conserta tudo.

— Sim, mamãe.

Encaro meus irmãos forçando os lábios para estarem levantados e passo por ela, indo em direção as escadas

até a garagem onde sua velha caminhonete está. Antes que eu possa abrir a porta e me sentar, vejo que a oficina do papai está aberta e, sem pensar duas vezes, corro até lá, orando para que eu possa vê-lo antes que ele viaje outra vez.

— Melany! — o grito estridente quase me faz parar. — Volte aqui. Agora!

Não paro.

Não posso.

Mesmo que eu saiba que ela descontará a sua raiva mais tarde.

Apenas continuo correndo até que finalmente chego na oficina.

— Papai? — grito assim que ultrapasso as portas. — Você está aqui?

*Ele está aqui.*

*Ele precisa estar aqui.*

— Coração? — Sua voz de repente ecoa e tudo em mim se enche de alegria.

Anthony Underwood sai de trás de um dos carros com um sorriso no rosto e se abaixa, abrindo os braços. Quando dou por mim, estou correndo em sua direção e o abraçando.

Meu pai é meu coração.

Ele me aperta como se não me visse há anos, quando está apenas dois dias fora e eu o aperto como se nunca pudesse viver sem ele.

Ele, mesmo triste na maioria dos dias, nunca deixa de me amar.

Ele não me obriga a ser perfeita como mamãe. Ele não me leva às aulas que odeio.

Para Anthony, eu sou apenas o seu coração fora do peito. Sou apenas a sua menininha. Por isso, quando me afasto e ele retira uma pequena caixinha do bolso, sei que faria qualquer coisa para mantê-lo perto de mim.

— O que é isso? — sussurro.

— É o seu presente, coração — afirma abrindo a caixinha.

Nele, há um colar dourado com apenas um pingente de coração.

É lindo.

Perfeito.

— Ele é lindo, papai.

— Você é o meu coração fora do peito, Mel — ele sussurra, tirando da caixinha e colocando no meu pescoço. — Quero que se lembre disso e quando você sentir a minha falta, quando eu não estiver perto de você, quero que se lembre que sempre estarei pensando em você.

— Porque todos os corações do universo são nossos.

— Exatamente — ele sorri. — É o nosso segredo.

— É o nosso segredo, papai.

Mesmo sem saber, papai se torna o responsável por me fazer amar corações.

Porque sei que a cada vez que voltar de viagem, ele trará algo relacionado a corações. Sempre espero ansiosa, como se isso, de certa forma, me deixasse mais perto dele, mesmo que mamãe sempre diga que ele apenas a decepciona. Que se casar foi o seu maior erro.

Para mim, papai não é decepção, ele é o motivo pelo qual ainda sorrio.

Um pigarreio de garganta faz com que ele encare algo acima de mim. Seu olhar que segundos atrás era brilhante, agora é triste, decepcionado e nem mesmo preciso me virar para saber que mamãe está atrás de mim.

— Mel está atrasada — afirma em um tom seco.

Sua voz é tão desprovida de emoção que me pergunto como ainda se amam. Como conseguem manter esse casamento se claramente mamãe se ressentiu de algo e papai a encara como se não a conhecesse?

Eu só queria saber como ajudá-los.

Só queria ser mais perfeita para isso e fazê-los se amarem.

— É sábado. — Meu pai ergue uma sobrancelha.

— Ela tem aulas de pintura aos sábados — informa, impaciente.

— Por que Melany ainda está fazendo essas aulas se claramente não gosta? — Meu pai se levanta e segura meus ombros. — Achei que tínhamos chegado a um acordo sobre você parar de querer que ela ame algo apenas porque deseja isso.

— Estou fazendo o que é melhor para a *minha* filha. Algo que você nunca se dignou a fazer — ela me dá um olhar rancoroso. — Mel não terá o mesmo futuro que...

— Você? — Percebo o tom chateado de papai. — É isso que você quer dizer? Que não deseja que a *nossa* filha termine como você, Laura? Em um casamento que não deseja e longe dos seus sonhos? E morando em um subúrbio ao invés da Parte Alta da cidade?

Não se sinta culpado, papai.

Você deu o seu melhor.

Você é tudo para mim.

— Sim — meus olhos se arregalam. — Não quero que a minha filha se torne alguém como você e eu. Já não basta que eu precise olhar para você e lembrar de tudo o que perdemos, de tudo o que nos transformamos, Anthony. Isso já é desgosto o suficiente.

Me encolho, escutando a voz dos dois aumentarem. Lágrimas preenchem as bordas dos meus olhos, a dor inunda meu coração e o único movimento que tenho é levar minha pequena mão até o pingente de coração em meu pescoço e apertá-lo.

Eles estão brigando por minha culpa.

Eles estão se machucando por minha causa.

Porque não fui perfeita o suficiente.

Porque me escondi.

Porque eu não faço o que mamãe diz.

Eu causei isso, causei mais uma briga.

— Você é egoísta e só pensa em si mesma. — O aperto dele em meus ombros aumenta, e sinto dor, mesmo assim, não me movo e acho que papai nem mesmo percebe que está me machucando. — Você está levando Melany a essas aulas ridículas, forçando-a a aprender esportes que ela odeia e isso tudo para aplacar o vazio que há dentro de você.

— Eu estou fazendo algo por ela — mamãe grita dando um passo à frente. — Algo que não seja fingir que essa vida é perfeita. Quando claramente não é. Olhe para você, que se afunda neste trabalho e em bebidas. Olhe para essa vizinhança, olhe para essa casa e me diga que se é isso que deseja, se é isso que sonhamos quando nos casamos. Se é isso que você me prometeu! Você claramente não nos ama mais. Se amasse, saberia que esse é o melhor para Mel.

— E você ainda me ama? — Ele aumenta o tom e uma lágrima desce pelo meu rosto. — Você ainda me ama acima de seus malditos quadros? Ainda me deseja tanto quanto eu te desejei? Ou você ainda não tem coragem de me dizer a verdade? De dizer que me odeia tanto quanto odeia essa vida.

Não.

Não.

Eu posso ser boa.

Eu posso ser como ela deseja.

Eu posso fazê-la enxergar as cores novamente.

Eu... posso ser perfeita.

Eu só não posso ver o amor de vocês acabando.

Não posso ser a culpada por isso.

— Mamãe... — sussurro.

Seu olhar desce para o meu.

Ela me encara como se estivesse a ponto de abdicar de tudo e fugir.

Talvez ela vá para a casa da tia Audrey em Atlanta. Talvez ela mude para Seattle como é o seu sonho. Ou talvez... ela perceba que eu posso ser perfeita como ela e fique.

Talvez, apenas talvez.

De repente, ela abre a boca para dizer algo, mas a presença de Logan e Aidan faz com que olhe por cima dos ombros, sabendo que eles estão nervosos e decepcionados com os dois.

— Chega! — A voz fria de Aidan ecoa. — Chega, porra!

A expressão de mamãe se torna algo que nunca presenciei e todo o meu corpo gela.

— Eu quem digo chega, Aidan! — Sua voz ecoa em um tom tão alto que me escolho quando ela dá alguns passos rumo a meu irmão mais velho, e não olho mais para ela, por puro medo. — Eu estou cansada. Eu faço tudo por você, abdiquei da minha vida por vocês e não ganho nada em troca. Eu que cheguei ao meu limite.

Abaixo a cabeça, beliscando a parte de dentro dos braços.

Logan não diz nada. Ele não se importa com eles. Tudo o que meu irmão vê sou eu.

E quando vem até mim, me puxando dos braços do nosso pai e me pega no colo, permito que as lágrimas desçam. Mesmo que eu já tenha quase meus nove anos, escondo meu rosto em seu pescoço, sentindo que me aperta enquanto o soluço toma conta do meu corpo.

— Aidan! — papai grita. — Cale a porra da boca! Deixe sua mãe em paz.

Eu quero sair daqui.

Não quero vê-la perder o controle de novo.

Eu posso ceder quando Logan está comigo.

Eu posso chorar.

Eu sei que ele vai me proteger.

— *Shh*, está tudo bem, Mel — Logan sussurra. — Eu estou aqui. Eu sempre vou estar aqui.

Mas ele não fez nada.

Ele não precisa se preocupar.

Ele não precisa agir assim.

*Eu* fui a culpada.

*Eu* os fiz brigar outra vez.

*Eu* fiz com que se amassem menos.

— Eu sou a culpada, Logan — murmuro em seu pescoço. — Eu não deveria ter me escondido. Não deveria ter corrido até aqui.

*Eu.*

*Eu.*

*Eu.*

— Você não tem culpa de nada, você não precisa se culpar. — Ele afaga meus cabelos. — Eu sempre vou protegê-la, ok?

Por um segundo, me permito acreditar.

Por um segundo, eu deixo que as lágrimas caiam.

Mas quando olho para meus pais de novo, me pergunto por que o amor deles machuca tanto.

Por que eles sempre falam de casamento quando parece que se odeiam?

Por que amar dói tanto a ponto de eles fazerem seus próprios filhos mais chorarem do que sorrirem?

Por que sinto que a cada vez que vejo o amor machucar, eu tenho ainda mais certeza de que nunca o desejarei?



## INCOMPARÁVEL

*Você diz que está atingindo seu limite  
Ultrapassando seu limite  
Mas eu sei que você não consegue abandonar (ah)  
Alguma coisa em mim  
Te deixou viciado em meu corpo*

**Fetish | Selena Gomez feat Gucci Mane**

*Edmund Blackwell*

— Você está nos ouvindo, Sr. Blackwell?

A voz da minha analista de sistema ecoa e ergo meu rosto para a enorme tela, onde ela e mais alguns funcionários estão relatando tudo sobre o nosso próximo lançamento.

*Não, não estou.*

*Não acho que poderia.*

— Sim — minto descaradamente. — Podem continuar.

Um dos desenvolvedores começa a sua apresentação, contudo, o meu olhar se desvia para a tela sobreposta à da reunião, sabendo que terei que reler todos os relatórios depois para me situar de tudo. As imagens do estúdio de dança da cobertura ocupam toda a tela do

monitor adjacente e me escoro em minha cadeira, tirando o óculos de grau e observando a cena.

Não deveria fazer isso.

Não deveria invadir a privacidade de alguém como estou fazendo nesse momento.

Até julguei Dylan, quando ele me pediu para fazer o mesmo na época em que estava desesperado por notícias de Hazel, anos atrás. Agora percebo o quão hipócrita sou. Porque não pensei duas vezes em invadir o sistema de segurança de Julliard e o do apartamento, mesmo sabendo que não deveria nem mesmo observá-la dessa forma.

Porém, não consigo me controlar. Não quando o som do estúdio de ballet ecoou por todo o primeiro andar enquanto preparava uma xícara de café horas atrás e continuou até o momento.

Melany nunca dança até tarde depois de passar o dia na universidade.

Ela raramente sai da sua rotina de se deitar antes das onze horas nos dias de semana.

Uma parte de mim, acredita que esteja assim por conta de que Andrew irá para Lyon em dois dias, mas, a outra parte, a que a conhece desde que era adolescente, sabe que a forma como seu olhar é desolado e vazio significa algo mais profundo que isso.

Tirando-me dos meus devaneios, observo a forma como ela fecha seus olhos e abre os braços, girando o corpo e aperta seus punhos. Sua cabeça tomba para trás e concluo que toda a sua expressão corporal é tensa, nada parecido com a bailarina que vi naquele palco ou com a mulher que encontrei nesse mesmo estúdio quando me mudei.

Ela parece vulnerável.

Machucada.

*Triste.*

— O que está acontecendo, wildcat? — sussurro, sabendo que ela não me ouve.

Seu corpo volta a girar, dessa vez mais rápido.

Mais doloroso.

Sua cabeça tomba para trás e sinto como se ela estivesse a um fio de se quebrar.

Quando para novamente, coloca as mãos na cintura, tombando a cabeça para trás e soltando um suspiro profundo. Antes mesmo que eu entenda o que está fazendo, ela volta a girar, dessa vez com uma rapidez eficaz.

Ergo-me, ligo o som da reunião e atrapalho a apresentação de um dos meus funcionários, sabendo que isso vai contra qualquer regra de etiqueta, e suspiro fundo pronto para enfrentar uma equipe nada contente amanhã.

— Peço desculpas, mas precisarei me ausentar — afirmo, não dando brechas para perguntas. — Me enviem todos os relatórios e as perguntas que surgirem que iremos remarcar essa reunião o mais rápido possível.

Ninguém discorda e antes mesmo que possam se despedirem, desligo a chamada e me levanto, enrolando as mangas do pulôver e caminhando para fora do meu escritório. Desço as escadas até o primeiro andar e viro um dos corredores, chegando no estúdio, onde a porta se encontra aberta. Percebo que ela agora voltou a dançar.

Encosto-me no batente, observando-a até calmamente para de girar e se firma nas pontas dos pés, respirando fundo. Suor desce pela sua testa e sua respiração é descompassada, fazendo-me perceber o quão exausta está.

*Diga-me o que aconteceu.*

*Grite comigo.*

*Seja petulante.*

*Qualquer coisa.*

— Estou começando a achar que você está obcecado por mim — afirma ainda de olhos fechados.

*Você está certa.*

*Completamente.*

— Você se dá muito crédito, wildcat.

— Talvez. — Ela se vira com um sorriso no rosto. — Mas me diga, por que está me observando como um assassino em série?

Apenas encaro-a, por alguns segundos antes de me desencostar do batente, colocar as mãos nos bolsos da frente da minha calça e dar passos lentos até onde está. Mel alisa o tutu branco antes de erguer uma sobrancelha e me encarar.

— Eu estava curioso — afirmo, parando perto dela.

— Curioso?

— Sim.

— Por quê?

— Para saber o motivo pelo qual você não está deixando o prédio dormir, já que são quase meia-noite de uma quarta-feira.

Ela inclina a cabeça, unindo as sobrancelhas.

— Você anda muito preocupado com as coisas que eu faço — provoca, soltando os cabelos e meu olhar recai no pescoço esguio. — Há algo que eu deva saber?

— Estou me precavendo caso tenha que pagar uma fiança para te tirar de uma possível prisão se os vizinhos te denunciarem por perturbação de sossego — comento, com um pequeno sorriso. — Satisfeita?

Ela sorri.

*Isso.*

*Continue assim.*

*O seu sorriso é mais lindo que a sua dor.*

— Você se dá muito crédito, nerd — devolve a mesma frase com uma voz doce demais. — Ainda mais por achar que estaria em um dos meus contatos de emergência.

— Isso é algo que precisamos consertar, querida. — Dou mais um passo à frente, nunca deixando de encará-la. — Por que está dançando a essa hora?

Melany estuda meu rosto por alguns segundos, sem emitir nenhum som.

— Estou ensaiando.

*Mentirosa.*

— Essa não é a coreografia que dançou no teatro — contraponho.

— Você não saberia diferenciar minhas coreografias. — Seu sorriso é provocante. — Pelo que me lembro, você odeia bailarinas.

— Eu não odeio bailarinas.

*Eu apenas detesto tudo que me lembra você.*

— Não? — Seu olhar captura o meu.

— Não. — Inclino minha cabeça, semicerrando os olhos. — Eu poderia até dizer que aprecio algumas apresentações.

— Você até faz parecer que já assistiu alguma apresentação sem ser aquele ensaio.

— Eu assisti. — Dou de ombros.

— Quais?

— As suas.

Os olhos dela se enchem de surpresa.

Tenho vontade de soltar uma risada, algo que raramente faço.

— Quantas delas? — desafia, e é a minha vez de sorrir triunfante.

— Se eu responder, você dança comigo? — indago, sarcástico e sem saber de onde *caralhos* veio essa pergunta.

Melany franze o cenho, achando que estou brincando e dá um passo à frente, quase colando nossos corpos. Seu rosto se ergue e vejo o brilho desafiador em seu olhar.

Não há mais o vazio de minutos atrás.

Não há mais a desolação.

É ela de volta.

É o fogo puro em seu olhar e a essência avassaladora em cada passo.

— Você parece ser um péssimo dançarino.

— Você nunca saberá se não tentar. — Minha mão paira entre nós. — Então? O que me diz?

Eu realmente devo ter perdido a cabeça. Devo estar a muito tempo sem dormir para insistir nesse assunto, mas não posso parar. Não consigo nem mesmo se tentasse.

Mel apenas continua encarando meu rosto.

Por um momento, acho que ela irá negar.

Por um mísero momento, a razão que ainda sobra em mim, diz que será o melhor.

Mas ela não faz isso, Melany ergue o queixo e solta um sorriso quase que desafiador.

— Ok.

Umedeço meus lábios e então dou a ela um dos meus maiores segredos.

— Noventa e três apresentações, wildcat — conto baixo.

Sua expressão me indica o quão descrente está e tenho vontade de realmente sorrir para ela. Porém, me abstenho apenas a dar de ombros novamente e esperar pela sua reação.

Ela apenas continua me encarando e, nesse meio segundo, meu corpo é tomado por uma ansiedade que não entendo. Seus olhos se fixam nos meus e quando se abaixa, clica no seu celular e a melodia lenta de *You Are In Love* de *Taylor Swift* ressoa pelo estúdio, antes de sua palma quente entrar em contato com a minha, fazendo-me sentir como se todos os tipos de descargas elétricas estivessem sendo liberadas em meu corpo.

O olhar dela se prende ao meu enquanto minha mão desce até a sua cintura e a outra se entrelaça na sua já levantada. Melany me encara sem proferir nenhuma

palavra, acho que nem mesmo respira quando começamos a rodopiar pelo salão em uma sincronia que me surpreende.

A música parece ser apenas uma cacofonia longe.

O mundo parece que desacelera.

Nos movemos juntos, sem nunca errarmos nenhum passo.

Ela gira para a direita, me soltando e antes que eu possa sentir a falta do seu calor contra o meu corpo, ela rodopia de volta. Sem nem mesmo perceber, minha mão volta a se fechar em sua pele. E como se tivéssemos ensaiado por semanas, nós voltamos a nos movermos.

Juntos.

Em perfeita sincronia.

Inexplicáveis.

Os azuis dos seus olhos não desviam dos âmbar dos meus.

Acho que nem mesmo se quiséssemos desviar, teríamos êxito. Porque estou preso demais na imensidão cristalina e nada mais importa enquanto rodamos pelo salão vazio.

Levo-a outra vez em um giro elaborado e assim que seu corpo volta a ficar colado ao meu, minha respiração fica presa na garganta ao passo que observo a forma como seus cabelos escuros caem pelas suas costas e suas bochechas ficam rosadas.

Melany é linda.

Perfeita. Incomparável.

Merda, se ela me pedisse qualquer coisa, eu daria.

Meu império. Meu desejo. Meu controle.

Tudo.

Melany Underwood teria tudo.

Nesse instante, não há nada nos separando.

Nenhuma distância.

Ela me odeia com todo o seu ser e eu não a suporto por tudo o que representa. Contudo, ainda assim, não

consigo me afastar. Não consigo desviar o olhar do dela porque percebo que há uma infinidade de segredos rondando seus olhos, segredos esses que quero que me conte, que desejo que confie em mim.

*Me diga o porquê está aqui.*

*Me diga o que te fez dançar a essa hora.*

*Me diga o que fizeram com você, wildcat.*

Giramos novamente e quando voltamos a colar nossos corpos, Melany me encara, enxergando o que escondo. Enxergando mais partes de mim do que qualquer outra pessoa foi capaz.

— Por que você está aqui? — inquires, baixo, mudando de assunto.

Por um momento ela me vê.

Me enxerga.

E tenho medo disso.

— Porque a sua música não me deixou terminar minha reunião — minto, girando-a.

Quando ela volta para mim e apoia sua mão em meu ombro, há algo em seu olhar. Algo que não consigo compreender, mas desejo desesperadamente.

— Não minta para mim. — Ergue o queixo.

— Não ousaria.

— Por que você está aqui, então?

*Porque você consome meus pensamentos.*

*Porque estou ficando louco.*

*Porque, porque...*

— Porque você está me evitando. — Dou de ombros.

— E eu odeio ser ignorado.

Ela sorri.

— Eu não sabia que você era tão sensível.

— Não sou.

— Você é. — Ela abaixa o tom de voz. — Mas não se preocupe, irei guardar o seu segredo.

— Você guarda muitos segredos, Melany?

*Fale comigo.*

*Apenas fale.*

— Mais do que se é considerado saudável — brinca, mas percebo o seu olhar ficar mais escuro.

— Não deveria... — começo, mas sou interrompido.

— Cuidado, Edmund — alerta com um sorriso brilhante. — Ou realmente irei achar que você descongelou seu coração e está começando a se importar com as pessoas.

Não sorrio, apenas continuo encarando seu rosto.

Sem avisar, viro nossos corpos e ergo-a para trás, nos inclinado. Faço com que seus cabelos quase encostem no chão e nosso rosto fique nivelado ao ponto de que se eu abaixasse um pouco, nossos lábios se encostariam.

— Não com *as pessoas*, wildcat. — Umedeço meus lábios, encarando a forma como os seus lábios se entreabrem e desejo beijá-la. Deus, eu estou a um passo de esquecer que somos um erro e fazer isso. — Com você.

Não me movo.

Não acho que poderia.

Os olhos dela estão nos meus e parece que o mundo desacelera.

Parece que nada mais importa.

Somos duas pessoas opostas.

Ela é luz, eu sou escuridão.

Certo e errado.

Incompatíveis.

Contudo, neste momento, não me importo com isso porque até mesmo percebo que nunca consegui escolher uma cor favorita, mas se agora me fosse obrigado, sem dúvidas, seria azul.

— Essa é uma bela forma de demonstrar seu ódio.

— Achei que já tínhamos chegado ao consenso sobre esse assunto.

Minha mão acaricia sua nuca e ela fecha os olhos por alguns segundos.

— Mas você não deveria.  
— Eu não *deveria* muitas coisas, Melany.  
Ela finalmente abre os olhos e vejo o universo ali.  
— Tipo?  
— Te beijar está no topo dessa lista. — Inclino-me mais um pouco.  
Quatro centímetros.  
Três.  
Dois.  
Deus, muito longe.  
Seus lábios estão muito longe.  
— Não posso — ela murmura quase contra minha boca.  
Decepção.  
Alívio.  
Dor.  
Sinto tantas coisas que mal consigo compreender.  
— Por quê?  
— Porque eu sou uma bagunça, Edmund. — Melany morde o lábio inferior. — E seja lá o que você quer de mim, não posso te dar.  
Eu a ergo, sentindo o peso das suas palavras.  
Os olhos dela desviam dos meus e nem mesmo percebo quando se afasta em direção à saída. Enquanto fico encarando suas costas e me questionando que tipo de bagunça Melany seria para achar isso de si mesmo.  
E o pior de tudo: *O que caralhos eu quero dela?*



Gerir uma empresa em Paris? Fácil.  
Gerir a sede da Blackwell Enterprise em Nova Iorque?  
Um inferno.

Meu olhar se volta para a enorme sala com os monitores ligados refletindo todos os jogos em desenvolvimento pela empresa. Meus olhos brilham ao passar o olhar por eles e saber que meus designers estão sendo replicados da forma como sempre desejei.

Contudo, mesmo que isso seja o que amo, meu pensamento está a quilômetros de distância. Em um lugar que não deveria e que possui olhos azuis e uma boca que me inferniza desde que voltei.

Eu preciso urgentemente superar isso.

Preciso fazer com que esse desejo pare de queimar em meu corpo.

— Você vai assustar a todos com essa carranca, Edmund. — A voz de Levi me faz erguer uma sobrancelha. — Deveria tentar sorrir.

Atrás dele Logan e Oliver adentram a minha sala sem se importarem em serem convidados.

Meus olhos se fixam no meu cunhado que apenas se joga na cadeira à minha frente e suspira fundo. Os olhos idênticos aos de Mel vasculham a minha sala e não acham nada. Afinal, não há nem mesmo um porta-retrato aqui ou em qualquer lugar da minha casa.

— O que vocês vieram fazer aqui? — pergunto, arrastando meu olhar pelos três.

— Alguém já te disse que você é um péssimo anfitrião? — Oliver questiona.

Logan suspira, encosta a cabeça no apoio da cadeira e fecha os olhos.

— Sim, quase todos os meus funcionários.

— Você deveria começar a relaxar — meu cunhado diz, ainda de olhos fechados. — Ou vai acabar tendo uma síncope.

— Não sou eu que parece que está acabado — digo, encarando-o.

— Tenho uma esposa grávida, uma irmã que só se coloca em problemas e um time de futebol para cuidar —

ele comenta. — Você realmente espera que eu esteja em pleno estado?

— Mel está quieta — Levi afirma, se jogando na poltrona ao seu lado. — Você deveria agradecer.

— Esse é o meu medo — devolve, abrindo os olhos. — Ela toma as piores atitudes quando está quieta. Você não viu que ela literalmente escondeu um namoro disfuncional por três anos?

— Nós sabíamos que ela *estava* com alguém — Oliver contrapõe — Ela só nunca o apresentou para a nossa família e sempre evitava o assunto.

— Por quê? — A pergunta salta dos meus lábios antes que eu possa me segurar.

Eles finalmente olham para mim. Levi solta um suspiro, Ollie se encosta na minha mesa e Logan enrijece os ombros.

— Ela tem... — Ele faz uma pausa procurando pelas palavras certas. — Alguns problemas com relacionamentos.

Sua resposta é tão superficial que apenas meneio a cabeça.

— Certo. — Dou de ombros. — Então o que diabos vocês estão fazendo aqui?

— Oliver tem algo a te dizer — Levi afirma com um sorriso.

Ajeito-me na cadeira observando o melhor amigo da minha irmã.

— E você precisava de uma comitiva para isso? — Cruzo os braços.

— Não me ofenda. — Ollie me lança uma careta engraçada. — Logan queria conversar com você e apenas aproveitei a viagem.

— E Levi?

— Eu apenas estava entediado, já que a minha esposa está voltando de Londres apenas hoje à noite. — Ele me

dá um sorriso brilhante. — Então decidi vir te atormentar enquanto estou em Nova Iorque

Reviro meus olhos e volto a minha atenção para Ollie.

— O que você quer comigo?

Ele desencosta da mesa e me fita.

— Eu irei me casar — afirma, com um sorriso brilhante.

— Summer finalmente decidiu marcar a data? — respondo feliz por ele.

Todos nós sabemos que Oliver teria se casado com Sum assim que se formaram, mas a loira adiou até o momento e depois que descobriram a gravidez, ela protelou até que Peter nascesse, mas pela forma como ele sorri, acho que Sum mudou de ideia.

— Ela quer que a gente se case antes que nosso filho nasça. — Há um tom ansioso em suas palavras. — Então eu vim aqui para te convidar.

— Para o casamento? — Ergo uma sobrancelha.

— Para ser meu padrinho, seu idiota.

Meus olhos se arregalam.

Eu esperava que Levi, Logan e Dylan fossem seus padrinhos. Talvez até Josh, mas nunca me passou pela cabeça que eu também poderia ser. Acho que depois de tanto tempo longe deles, me esqueci como somos, como a nossa família funciona.

— Se foi assim que você pediu Summer em casamento, eu realmente entendo o porquê ela adiou tanto se casar com você — digo sarcástico. — Mas antes que você jogue esse vaso *Lalique* que minha mãe trouxe de Milão, na minha cabeça, quero dizer que vai ser uma honra ser seu padrinho.

Levi tomba a cabeça para trás, soltando uma sonora risada e Logan o acompanha.

— Você é um merdinha como o seu irmão — Ollie xinga, revirando os olhos, mas vejo o brilho divertido em seu olhar.

Por um instante me lembro de como é bom estar perto deles.

Por um momento me permito lembrar de como tudo era antes de saber o que Sophie fez. O que ela tirou de nós durante anos.

— Há outra coisa — Logan diz, de repente.

Meu cunhado se desencosta da cadeira e me encara profundamente.

Ele não tem como saber o que fiz com a sua irmã no casamento do meu irmão.

Nem que eu estava a ponto de beijá-la ontem à noite ou nas outras noites.

Ele não saberia de todas as outras coisas que fiz.

— Que seria? — Forço a minha voz a sair indiferente.

— Eu soube que Andrew vai para Lyon hoje à noite — afirma, nunca desviando o olhar. — Quero pedir um favor.

— Certo. — Meneio a cabeça com calma, mesmo que isso seja a última coisa que estou sentindo. — Sou todos ouvidos.

— Preciso que você fique de olho em Melany por mim. — Ergo uma sobrancelha. — Não estarei em Nova Iorque por conta da gestação de Vee, mas quero que alguém da minha confiança me avise se algo acontecer. Se ela se envolver com alguém que a machucará ou se o filho da puta do O'Brien a procurou. Qualquer coisa que ache importante. E você é a única pessoa na cidade que confio.

Merda.

Merda dupla.

— Melany é adulta — começo, inventando uma desculpa.

— Ela também foi manchete da *TMZ* — Levi intervém com um sorriso e tenho vontade de socá-lo. — E não foi apenas uma vez.

— Ela também viajou bêbada uma vez com Andrew para Vegas e Ibiza — Ollie complementa com um sorriso.

Esqueça socar apenas Levi, porque, na verdade, estou cogitando socar todos os meus amigos. — E nem quero me lembrar do quanto gastaram naquele hotel em Miami.

— Enfim, Edmund, você entendeu. Minha irmã é propícia a causar problemas. — Logan leva a mão aos cabelos, bagunçando-os. — Mas realmente apreciaria se você me mantivesse informado, já que sei que você é a última pessoa que ela imaginaria que eu pediria algo assim ou que cairia no papo dela.

*Deus.*

*Putá que pariu.*

Como vou ficar de olho na irmã do meu cunhado quando o que mais penso é levá-la para a minha cama? Como vou dizer a ele que, pela minha vontade, ela não estará atrás de nenhuma confusão porque estará entretida demais sendo fodida em cada parte daquela cobertura? Como *caralhos* vou aceitar isso quando eu ultimamente só estou pensando com a porra do meu pau?

Eu deveria dizer não.

É o certo.

É o que me manterá longe de problemas.

Mas como o idiota que sou, suspiro fundo e tomo a pior decisão do momento.

— Eu farei isso por você, Logan.

# 13

## ALMAS GÊMEAS

*Se eu estivesse morrendo de joelhos  
Você seria aquele que me salvaria  
E se você estivesse afogado no mar  
Eu te daria meus pulmões, para que você pudesse  
respirar*

**Brother | Kodaline**

*Melany Underwood*

Em todos os filmes e séries que assisti, sempre houve uma dupla de amigos que me chamou atenção.

Eles sempre estavam ali um para o outro. Sempre se protegiam. Foi assim com Meredith e Cristina. Chandler e Joey. Callie e Mark. E dezenas de outros.

Agora percebo que todas as vezes que admirei essas amizades, era porque sabia que também tinha uma. Nunca percebi o quanto Andrew era importante para mim, até que ele me segurou após um pesadelo e esteve ao meu lado mais vezes do que poderia pedir. Até que ele me encontrou um dia vendo um filme em pleno sábado e não fez perguntas, apenas se deitou ao meu

lado e assistiu todas as comédias românticas até que eu caísse no sono.

Ele é a única pessoa que sabe sobre os meus traumas e como me acalmar.

Ele também é o único que permiti que chegasse ao meu coração depois de todas as decepções que tive na vida.

Agora enquanto encaro-o no saguão do enorme aeroporto de Nova Iorque com lágrimas nos olhos e um sorriso fraco, tenho vontade de dizer isso a ele. De que mesmo a um oceano de distância, ele ainda vai continuar sendo o meu melhor amigo.

Porém, sou impedida disso quando o seu olhar, de repente, se arrasta até onde estou parada e um longo suspiro salta de seus lábios. Seus olhos me mostram tudo o que preciso saber, por esse motivo, dou um passo à frente, indo a seu encontro.

— Você realmente vai ficar bem? — pergunta pela milésima vez.

— Sim.

— Eu posso cancelar. — Quase reviro meus olhos. — Não me importaria de fazer isso.

— Eu sei, mas você não vai fazer. — Dou outro passo, colocando as mãos nos bolsos de trás da minha calça jeans e sorrio. — Pare de se preocupar comigo. Eu ainda estarei aqui te esperando daqui a quatro semanas.

— Mel — sussurra.

— Andi.

Ele me encara em silêncio por alguns segundos.

— Eu não sei se consigo ir. Uma parte de mim quer, mas a outra, não sei — sussurra, dando um passo na minha direção. — Acho que estou com medo de não ser o que eles esperam.

Percebo o raro olhar assustado que me lança. Andrew, poucas vezes, deixa que os outros enxerguem atrás de

suas barreiras. Ele, assim como eu, tem medo de que as pessoas o conheçam de verdade e tenham medo de ficar.

Por isso somos irmãos de alma.

Por isso ele sempre vai me entender.

— Eu sei. — Sinto meu peito se apertar ao passo que levo minhas mãos até as suas e as seguro. — Mas, Andi, tentar e *talvez* falhar é melhor do que não tentar e passar a vida toda se perguntando o que teria acontecido. Nunca sabemos o que acontecerá amanhã ou daqui a quinze minutos. A vida é imprevisível. — Ergo o meu queixo, encarando seus olhos. — Você nunca sabe se algo vai dar certo, não sabe se o que te espera lá será o que tanto deseja ou se será como nossa viagem ao México que odiamos... mas *eu* sei que se ficar aqui e perder essa oportunidade, vai se arrepender a sua vida toda. Então entre naquele avião e viva o seu sonho, Andrew.

Ele sorri.

Lágrimas preenchem a borda dos seus olhos.

— Eu te amo. — Sua voz é apenas um sussurro. — Você é a melhor amiga que eu poderia ter.

— Eu sei. — Meu sorriso aumenta mesmo que o peso das lágrimas que não derramarei doa. — Você é a minha metade. Agora vá.

Ele solta uma risada nasalada.

— Você vai me ligar — afirma.

— Todos os dias. — Meneio a cabeça.

— Não irá ver Bonequinha de Luxo sem mim. Seria uma traição.

— Não ousaria. — Solto suas mãos, dando um passo para trás. — Me traga presentes.

— Vários. — Andrew ajeita a bolsa. — Não aceite namorar alguém. Nem entre em um ménage. Ou saia em manchetes que irão te colocar em confusões.

— Você vai perder seu voo, Andi. — Uma pequena risada sai dos meus lábios. — Vai logo.

— Tente não assassinar Edmund também — ele me dá um sorriso. — Nem cair na cama dele, por favor.

Tento não pensar muito sobre esse último pedido, já que estou evitando Ed desde o que aconteceu naquele estúdio. Desde que quase deixei que me beijasse. Não que não desejasse, mas sabia que assim que nossos lábios se tocassem, não haveria mais volta.

— Eu não vou. — Minha voz soa baixa, falsa.

— Não se machuque, Mel. Por favor — sua voz desce um decibel. — Você é a minha metade e eu não suportaria saber que não estou ao seu lado para te ajudar, como estive ao meu lado sempre que precisei — afirma. — Apenas se cuide até que eu esteja de volta e me ligue. A qualquer momento, mesmo se for de madrugada, eu te atenderei.

— Andrew.

— Sim?

— Você vai perder o seu voo e eu serei obrigada a chutar a sua bunda — digo mordendo o lábio inferior. — Mas, antes disso — solto um suspiro —, eu quero que aproveite essas quatro semanas e me traga tantas histórias para conversarmos quando estivermos bêbados. Mostre a Universidade de Lyon quem é o meu melhor amigo, ok?

Ele sorri.

Eu apenas devolvo.

Orgulho irradia do meu coração.

É isso. Ele está indo embora por algumas semanas, mas voltará.

Meu dedo mindinho se ergue observando que ele faz o mesmo e os entrelaçam.

— Seus problemas são meus problemas, Melany Underwood.

— Seus problemas são meus problemas, Andrew Wright.

Então ele me puxa para um abraço e quando se afasta, dá passos para trás.

Meu olhar o segue até a plataforma de embarque e quando se vira e sorri de novo, sei que onde quer que Andrew esteja, ele ainda será a minha metade, o meu melhor amigo. Por esse motivo, antes dele sumir pelo corredor, devolvo o sorriso, acenando de leve e espero que entre no avião e vá em busca do seu sonho.

Observo o lugar por alguns minutos então me viro, suspiro fundo e vou até o meu carro, sabendo que tudo ficará bem mesmo que no momento eu não sinta isso.

No caminho até a minha casa, tento não pensar em como aquele apartamento será sem Andrew e como terei que me acostumar com a sua ausência. De como serão as noites de sábados e minhas idas à Broadway. De como ele não me contrabandeará chocolates em meus intervalos ou como terei que me acostumar em vê-lo apenas por uma videochamada.

Fico tão inerte em meus pensamentos que nem mesmo percebo quando chego no meu edifício. Assim que estaciono, entro no elevador privativo e deixo que o peso do dia recaia sobre meu corpo. Encosto minha cabeça no metal e penso em me arrastar até meu quarto, colocar um filme qualquer até conseguir cair no sono e me preparar para os ensaios de amanhã.

Contudo, meus planos vão por água abaixo quando as portas voltam a se abrir e a figura de quatro mulheres paradas no meio da minha sala me faz erguer uma sobancelha.

Analu está sentada no sofá, vestindo um pijama de cetim preto quase idêntico ao de Hazel, que está ao seu lado com um sorriso enorme. Em pé, segurando uma tigela de pipoca, está Summer ajeitando sua roupa do Homem-Aranha que quase me faz soltar uma risada.

Mas é a visão de Vee, com os braços em frente à barriga enorme atrás do sofá que me faz sorrir. Ela dá um

passo à frente, abrindo um sorriso idêntico ao meu e todo peso do mundo parece desaparecer.

— Oi, pirralha — minha cunhada cumprimenta.

— Eu achei que vocês estavam em Saint Vincent — digo, me aproximando.

Summer dá de ombros.

— Você realmente achou que deixaríamos você sozinha hoje quando sabemos que Andrew está indo para o outro lado do oceano? — a loira questiona, revirando os olhos.

— Estamos onde você precisa de nós, Mel — Hazel diz, pacientemente. — Mesmo que você ainda rejeite as nossas ligações quase todas as semanas.

— Vá se trocar — Analu ordena, erguendo o braço para pegar a tigela de Sum. — Eu não voei mais cedo de Londres para ver você vestindo botas de salto e jeans enquanto estou de pijama.

— Você realmente fez isso? — questiono, descrente.

— Infelizmente.

— O casamento lhe cai bem, Lu — sorrio ao ver a sua careta. — Você até mesmo...

— Não ouse terminar essa frase ou eu terei que usar meu réu primário — me interrompe, apontando um dedo em minha direção. — Vá se trocar. Agora.

Antes mesmo que ela possa dizer mais alguma coisa, solto uma risada e subo as escadas correndo. Eu poderia me lastimar a noite inteira por Andi estar indo embora em outro momento, porque agora eu vou me permitir estar com elas.

Essas quatro mulheres sempre estão aqui para me protegerem.

Elas viajaram horas apenas para me fazer companhia.

*Elas sempre estão aqui por mim.*

Entro em meu quarto com um sorriso no rosto e paro em frente à uma caixa da *La Perla*, erguendo uma sobancelha enquanto me aproximo. Assim que retiro o

laço, um novo sorriso nasce em meus lábios quando percebo que é um pijama e um robe personalizado.

Vermelho contrasta com os poucos corações bordados no tecido. É lindo. Perfeito.

Antes de retirar as peças, percebo que há um pequeno envelope. Com cuidado, desdobro-o e abro um sorriso ao ler as poucas palavras.

*“Eu soube que hoje é noite das garotas e que corações são a sua paixão.  
Espero que se divirta.”*

Não há assinaturas. Nem recibo. Nada.

Também é impossível saber quem é responsável pelo presente, já que a frase foi impressa. Dessa forma, apenas concluo que a única pessoa que entraria em meu quarto e deixaria esse presente seria Andrew antes de sairmos para o aeroporto. Por isso, coloco um novo sorriso no rosto e vou até o banheiro, me trocando em tempo recorde antes de enviar uma mensagem agradecendo e deixar o celular de lado, voltando para as mulheres que me esperam no primeiro andar.

— Você demorou — Analu reclama. — Estou quase escolhendo um documentário criminal.

Reviro meus olhos, me sentando entre ela e Hazel.

— Você não me torturaria tanto assim — zombo.

— Quer apostar?

— Jesus — Hazel chia, puxando o controle das mãos da sua irmã. — Não deixei meu filho com um grupo de homens que provavelmente irão deixá-lo dormir fora do horário para ver vocês brigando por algo que devemos assistir.

— Você deixou Jay com os maridos de vocês? — questiono, ultrajada.

— É a noite das mulheres — Sum contrapõe.

— Jayden é mais importante que a noite das mulheres — digo com uma careta. — Hazel, ligue para Dylan e diga que estou chorando e que ele precisa trazer meu Blackwell favorito aqui.

— Ei! — Verônica exclama.

— Pare de ser ingrata e escolha o filme antes que eu me irrite. — Analu joga o controle em meu colo.

— Você *sempre* está irritada, Analu.

— Sim, *Sherlock*. Agora escolha. — Aponta para TV.

Reviro os olhos, observando-a encarar a televisão com um olhar entediado.

— Sem Jayden então? — indago, dramática.

— Sinto muito, Mel. — Haz encolhe os ombros. — Você terá apenas nós hoje.

Bufo, mesmo que seja apenas drama.

Eu me contentaria com elas sempre. Em qualquer situação.

— Deveríamos assistir Legalmente Loira. — Me viro para Analu com um sorriso brilhante. — Ela se parece com você.

— Eu devo me preocupar com o seu insulto em forma de elogio?

— Não é um insulto — defendo-me.

— Eu tomo como um. — Ela se inclina, pegando o copo de suco na mesa de centro. — Agora escolha logo antes que eu desista de te fazer companhia.

— Nada de comédias românticas — Summer ordena, cruzando as pernas.

— Nem documentários criminais — Verônica complementa.

Acesso em um dos inúmeros canais de streaming, procurando pelo filme em questão e quando o encontro, dou play antes de observar Vee se encostar no sofá adjacente, pegar um tablet e começar a fazer algo. Hazel, por outro lado, vira o rosto em direção a Summer, começando uma conversa baixa enquanto Vee ainda

continua observando o aparelho em seu colo, com uma careta.

De relance, vejo Analu se ajeitar e prestar atenção no filme, mesmo que eu saiba que ela nunca vá admitir que gosta.

— Como você está? — a loira pergunta, baixo.

Arrasto meu olhar, percebendo que ninguém presta atenção em nós.

— Bem? — Minha resposta soa como uma pergunta. — Eu acho.

— Você sabe que não precisa mentir, certo?

Fito o rosto de Analu, percebendo que mesmo que sua expressão não indique nada, ela está preocupada.

— Não estou, só não imaginei que um dia ficaria longe de Andi. — Murcho meus ombros. — Ele é meu melhor amigo e só preciso de um tempo para me acostumar com a ideia de que ele ficará longe por quatro semanas.

— Ou mais — complementa, segurando seu copo. — Se ele realmente for bom, há uma possibilidade de que ofereçam uma bolsa permanente. Você está bem com isso? Com ele mudando os planos de ficar aqui para estudar fora?

*Não.*

Na verdade, nunca parei para refletir sobre isso.

Nunca pensei na possibilidade dele não voltar.

— Se isso acontecer, eu vou ficar bem. Eu sempre vou apoiá-lo a conquistar todos os seus sonhos. — Arrasto meu dedo pelo controle, tentando fingir uma tranquilidade inexistente. — Como está Saint Vincent?

— Caótica como sempre — ela dá de ombros. — Você já pensou em voltar?

— Não. — Engulo em seco. — Eu estou bem aqui.

— Tem certeza?

Arrasto meu olhar novamente até seu rosto, sabendo que ela está me analisando e meneio a cabeça, pronta

para dar-lhe uma resposta. Porém, a voz de Vee ressoa antes que eu possa fazer isso.

— Sabe o que precisamos? — minha cunhada questiona do nada, se levantando.

— Não? — Sum se vira para ela. — E sendo bem sincera, tenho medo de te perguntar o que seria.

— Uma dança. — Um sorriso nasce em seus lábios. — Agora.

Ergo uma sobrancelha pela ideia repentina. Na verdade, é algo tão aleatório que até mesmo Analu franze o cenho, observando Vee se levantar. Mesmo sem entender o motivo pelo qual ela está fazendo isso, me pego sorrindo sabendo que toparia qualquer coisa ao lado delas.

Verônica não espera por uma resposta, ela puxa Hazel e caminha em direção ao estúdio vazio. Summer, Analu e eu seguimos atrás delas e assim que ultrapassamos as portas de vidro, observo-a indo até o aparelho de som e conectando seu celular antes de voltar até onde estamos.

Percebo que paramos em um meio círculo no centro do salão e uma risada salta dos meus lábios quando *What Makes You Beautiful* do *One Direction* começa a ecoar na sala.

Analu revira os olhos e encara Vee que ergue uma sobrancelha para ela.

— Você precisa superar seu amor por essa banda — zomba, entretanto, há humor em suas palavras. — É sério.

— E você superar seu amor por Harry Potter — Verônica devolve com um sorriso.

— Nunca.

— Calem a boca e dancem — Sum interrompe, pegando a mão de Haz. — Nós *realmente* precisamos disso.

Antes que uma delas possa dizer mais alguma coisa, Vee aumenta o volume e todas nós começamos a dançar de uma forma que tenho certeza de que não é a coreografia oficial, se é que ela existe.

Vee segura a minha mão enquanto pula e o sorriso em seu rosto me faz acreditar que tudo realmente está bem. E, apenas, por hoje, acredito nisso.

Acredito que nada pode me atingir porque eu as tenho ao meu lado.

Por um momento, esqueço tudo ao meu redor e foco toda a minha atenção nas mulheres que estão ao meu lado desde sempre. Que me protegem desde que Logan entrou para o grupo delas e não se importaram das vezes que eu as excluía pelo medo.

Olho para Summer, que me ensinou a amar a Marvel. Para Analu que me obrigou a ver Harry Potter com ela — consequente me viciar nessa saga — e para Hazel que me convenceu a maratonar Grey's Anatomy.

Elas estiveram comigo.

Me apoiaram quando disse que precisava me mudar.

Me aplaudiram de pé em todas as minhas apresentações importantes.

Contudo, é quando o meu olhar se fixa em Verônica que meus olhos realmente brilham. Ela foi a pessoa que me salvou mesmo que não saiba disso. Ela foi quem me ensinou a amar algo quando achava que não poderia me apaixonar por nada depois da morte da minha mãe. E foi ela quem transformou a vida do meu irmão quando ele mais precisava, quando ele estava perdido e machucado.

E se pudesse voltar anos atrás, naquele estacionamento, ainda a chantagearia. Ainda faria com que me treinasse mesmo que não desejasse e ainda seria a pirralha que não a deixou desistir mesmo quando todo mundo dizia para fazer isso.

— Obrigada — sussurro quando o seu rosto se fixa no meu.

*Obrigada por ser você.*

*Por amar meu irmão.*

*Por me amar.*

— Eu amo você. — Ela move os lábios sem emitir nenhum som.

Mesmo que a minha mente grite que ninguém poderia me amar, meu coração acredita nas suas palavras porque sei que Vee não está mentindo. Ela nunca me enganaria, diferente de mim que guardo coisas dela apenas por saber que a machucaria.

Desvio o olhar, observando a forma como as mulheres mais importantes da minha vida estão felizes depois de tudo o que passaram. Observo como Sum sorri sem que as amarras do passado a prendam, como Analu encontrou o seu lugar ao nosso lado e como Hazel recuperou o seu brilho. Todas elas encontraram o amor depois de tanta luta. E mesmo que eu não acredite que ele um dia voltará a queimar em meu peito, fico feliz por elas terem conquistado esse sentimento que rara as vezes é lindo.

Um sorriso nasce em meus lábios.

Eu nunca imaginei que um dia me encontraria em uma família tão diferente.

Nunca imaginei que pessoas que chegaram de repente se tornariam únicas.

Agora percebo que não há nada no universo que se compare ao que construímos.

— Mel? — A voz de Vee me faz sair dos devaneios.

— Sim?

— Você está bem? — Sum pergunta.

Passo meu olhar cada uma delas.

— Não. — Inclino minha cabeça para o lado. — Mas eu sei que vou ficar porque tenho vocês ao meu lado.

Elas dão alguns passos à frente e me puxam para um abraço caloroso.

Sinto o cheiro familiar e o toque das mãos delas nas minhas costas é reconfortante.

O mundo lá fora pode até me machucar, mas, aqui, cercada por elas, sinto-me invencível. Com elas ao meu lado, finalmente me sinto protegida, segura, amada.

— Nós sempre estaremos aqui por você, Mel — Haz murmura.

Eu sei. Eu posso sentir.

Elas não mentiriam para mim. Não como ela fez.

Não como ela me deixou naquele lugar.

Fecho meus olhos por um momento, puxando uma respiração.

Eu não estou mais lá.

Não estou no escuro. Nem na chuva ou perdida.

Isso é real.

Elas são reais.

Com os olhos ainda fechados, permito que esse momento se prolongue, permito que o meu medo se esvaia do meu corpo e que as memórias voltem para o fundo do baú.

Eu *sinto* isso.

É real.

Tudo é real.

O amor delas não é uma mentira.

Mas o problema é que minha mãe também estava lá por mim, ela também dizia que me amava e que tudo o que fazia era para o meu bem. E, mesmo que eu saiba que elas sempre irão me proteger, tenho medo de que tudo o que eu luto para afastar volte.

Eu tenho medo de machucá-las como machuquei mamãe anos atrás.

De não ser suficiente como não fui para a pessoa que deveria me amar.



## QUALQUER COISA

*Eu fico obsessiva com você  
Tudo que eu quero é a sua atenção  
Você entra na minha vida e quebra todas as minhas  
regras, é  
O jeito como você me toca  
Bem no meu coração, é, acaba comigo  
Porque eu sei, lá no fundo, que  
Nunca, nunca vai ser a gente, uh, uh, uh*  
**run for the hills | Tate McRae**

*Edmund Blackwell*

— Você já está em casa?

A voz de Melany me faz levantar os olhos e encará-la.

Ela joga os cabelos para trás e esquadrinha meu corpo com calma, reparando meu suéter da Rauph Lauren e calças escuras. Entretanto é a forma como seu olhar vazio ao me encarar me faz erguer a sobrancelha. É como se algo estivesse assombrando-a. Achei que após uma noite com as meninas, ela ficaria bem. Porém percebo que talvez eu esteja enganado.

— Mudanças de planos. — Dou um passo à frente. — Eu soube que você teve companhia ontem.

Ela não precisa dizer porque sei quem estava aqui.

Eu sei de tudo e talvez tenha dito a Vee sobre a viagem de Andrew. E talvez também tenha ficado na empresa para que ela ficasse à vontade com suas amigas.

— Sim. — Um pequeno sorriso nasce em seus lábios enquanto alisa o vestido preto. — Elas nunca me deixam sozinha.

Meneio a cabeça, sabendo que devo sair do caminho dela e deixá-la em paz, mas ainda não desejo. Não quero que esse momento termine.

— Não é muito cedo para usar saltos assustadoramente altos?

*Sorria, Melany.*

*Apenas sorria como sempre faz.*

— Nunca é cedo para usar saltos, Edmund.

— Isso me parece um suicídio lento. — Lanço uma careta.

Ela morde uma pequena risada e pego encarando-a mais tempo do que o necessário.

*Isso, continue assim.*

— Preocupado com a minha segurança, nerd?

— Estou mais preocupado com a pessoa que terá que carregá-los para você.

Percebo-a dar um passo em minha direção com um sorriso perspicaz.

— E o que te faz pensar que estarei acompanhada ou que estou saindo?

Sua língua se projeta para fora e me pego observando-a lambe os lábios com calma.

— Você não é uma pessoa que aprecia a solidão ou o silêncio — digo e ela me lança um olhar desconfiado, enquanto não consigo parar de encará-la. — Na verdade, acho que você desconhece a palavra calma.

— Ao contrário de você, suponho.

— Exatamente.

Observo-a dar mais um passo à frente.

Se ela der mais um, estaremos próximos o suficiente para que eu possa alcançá-la e desejo que recue, que fuja, porque tenho uma maldita promessa para cumprir e ficar perto dela não me ajudará em nada.

— Nesse caso, venha comigo — seu olhar se fixa no meu. Eles são tão brilhantes. Tão perfeitos, *porra*. — Um dia longe de todo o seu mundinho perfeito e silencioso pode te fazer relaxar.

— Acredito que a palavra *relaxar* possui significados diferentes para nós dois.

— Mostre-me então — ela cruza os braços.

— O que eu gosto de fazer para relaxar?

— Sim.

*Jesus.*

— Não acho que seria do seu agrado. — Uno as sobrelhas.

— Nunca imaginei que você fosse alguém que tirasse conclusões sobre outra pessoa com base apenas no achismo — ela zomba, erguendo os lábios em um sorriso tenaz. — É uma decepção, nerd.

Tenho vontade de revirar meus olhos pelo desafio oculto nas entrelinhas de sua frase.

— E eu achei que você não era covarde.

Cruzo os braços em frente ao corpo.

— É um julgamento precipitado da sua parte — ela me dá um sorriso.

— Então por que está me evitando desde a noite no estúdio, Melany?

Ela desvia o olhar por um breve momento.

É rápido, mas a conheço muito bem e sei exatamente o que significa.

— Porque é a nossa regra.

Seu cheiro, de repente, é tudo o que consigo sentir.

É floral. Suave. Totalmente oposto do que se espera dela.

— Nunca imaginei que você um dia seguiria regras.

Passo a língua pelos meus lábios.

— E eu nunca imaginei que você um dia as quebraria.

— Acho que estamos nos surpreendendo. — Dou de ombros.

— Sim, acho que estamos. — Um novo sorriso nasce em seus lábios. — De qualquer forma, me deixe recompensá-lo por ferir suas emoções inexistentes, nerd.

Solto uma risada nasalada, sabendo que devo dizer não.

— E o seu compromisso? — questiono, franzindo o cenho.

— Não é importante. Eu posso adiá-lo para mais tarde.

Percebo que seus olhos se desviam dos meus e que há algo implícito em suas palavras. Porém, apenas meneio a cabeça, sabendo que devo seguir a minha promessa e o único neurônio restante que sobrou desde que a vi dançando naquele estúdio quando cheguei. Contudo, vou contra todo o bom senso em meu corpo e dou um último passo à frente, abrindo um sorriso quase que idêntico ao dela e observando seu rosto.

— Me dê quinze minutos. — Umedeço meus lábios. — Mostrarei a você como eu realmente gosto de relaxar, wildcat.

Melany me encara surpresa e dá um passo para o lado, liberando meu caminho.

— Estarei esperando na cozinha.

Antes mesmo que eu possa dizer algo, ela se vira e caminha em direção às escadas, deixando-me parado no corredor encarando suas costas. Com um longo suspiro e um pensamento de “sou idiota além da razão”, sigo até meu quarto e me arrumo em tempo recorde antes de descer e encontrá-la, sentada na banqueta com um pequeno recipiente com frutas e um Kindle nas mãos.

Ela segura um morango entre os lábios enquanto seus olhos estão focados no aparelho à sua frente. Melany nem percebe que caminho em sua direção a passos lentos e me coloco atrás dela, fixando meus olhos na cena que a deixa tão distraída.

Inclino minha cabeça no mesmo instante que arqueio uma sobancelha ao entender o que realmente está escrito.

— Eu realmente achava que você gostava de fantasia — digo e ela dá um sobressalto, assustada, me encarando sobre os ombros. — Mas estou concluindo que seus gostos são mais... exóticos do que imaginava.

Ela se engasga com a fruta, e preciso reprimir uma risada.

— Não seja um idiota.

— Não estou sendo. — Dou-lhe um sorriso falso. — Mas, me diga, wildcat, você gosta de ser perseguida... — Me aproximo tentando ler o parágrafo que parei. — *Em uma floresta escura e assustadora?*

— Não irei mais com você — ela bloqueia o aparelho.

— Sim, você vai. — Dou de ombros, indo até a geladeira e pegando uma garrafinha de água antes de voltar até onde ela me encara com fúria. — Não te julgo por gostar de romances cheios de conteúdo sexual. Longe disso.

— Deus, eu te odeio tanto — meu sorriso aumenta enquanto ela se levanta.

— Sim, você repete muito isso. — Passo por ela, indo em direção ao elevador. — Agora, vamos?

Melany solta um bufo, me seguindo e assim que estamos presos na enorme caixa metálica, rumo à garagem, ela me dá um olhar de esgueira, desconfiada.

— Aonde você vai me levar?

— Você vai ver quando chegarmos.

— Preciso compartilhar a minha localização com alguém? — inquiri e minha face se torna uma careta

confusa. — Caso você decida se livrar do meu corpo.

Apenas me viro em sua direção e solto um longo suspiro, observando seu sorriso brilhar em um desafio que me faz revirar os olhos pela milésima vez.

— Estou começando a achar que *eu* que estou em perigo quando fico perto de você, querida.

Ela dá de ombros e apenas me escoro na parede de metal, tiro meu celular do bolso e mando uma breve mensagem ao meu secretário, esperando chegar ao térreo logo. Assim que as portas se abrem, caminhamos até a minha *Ferrari* e ela me lança um olhar antes de se sentar no banco do carona, me esperando.

— Então?

— Então o quê? — devolvo, fechando minha mão no volante.

— Para onde vamos?

Volto a minha atenção para o trânsito enquanto saímos do Upper East Side e seguimos rumo a um dos locais que raramente visito.

— A sede de um dos Parker Club.

— Não me diga que você também gosta de arco e flecha.

Acelero pelas ruas, lançando-lhe um olhar cético.

— Não. — Bufo, ultrajado. — Isso é entediante.

— Ótimo.

Assim que o sinal fecha, encaro-a com um sorriso de canto.

— Eu pratico equitação, wildcat.



A Parker Group é dona dos maiores clubes exclusivos do país.

E o complexo do Bronx, abrange uma vasta área com jardins, campos de golfe, quadras de tênis, squash e badminton, estábulos luxuosos e uma piscina aquecida. Sei que cada detalhe foi projetado por Christian depois que assumiu a diretoria da empresa que agora pertence a Analu e Hazel. E que é um dos lugares onde poucas pessoas conseguem o convite para se tornarem membros, possibilitando assim apenas a elite da hierarquia de frequentá-lo.

— Eu não sabia que vinha aqui — Melany comenta, quebrando o silêncio.

Ela arrasta o olhar por todo o ambiente, parando nas quadras de tênis, onde algumas pessoas jogam uma partida.

— Não venho, na verdade. — Caminhamos em direção ao vestiário e vejo uma das funcionárias segurando duas sacolas que pedi que meu assistente enviasse assim que saímos de casa. — A Blackwell Enterprise é uma das investidoras do Clube de Nova Iorque, o que dá a minha família o passe exclusivo. Então, sempre que posso, tento praticar. E você?

— Não muito — ela coloca a mão atrás na cintura. — Prefiro passar minhas horas no estúdio de ballet do apartamento do que praticar esses esportes.

— Por quê?

Seus olhos se desviam dos meus.

É tão breve que outras pessoas nem mesmo conseguiriam perceber, mas estou começando a compreender cada nuance que a compõe e fico cada vez mais curioso para saber o que esconde. O porquê ela não deixa ninguém ultrapassar as suas barreiras.

— Eu às vezes gosto do silêncio.

*Mentirosa.*

*Minha doce mentirosa.*

— Do silêncio? — Encaro-a, erguendo uma sobrancelha.

Melany me dá um pequeno sorriso. É tão falso quanto sua resposta, porque nós dois sabemos que ela nunca amou o silêncio. Na verdade, raras são as vezes que ela gostou de se isolar, de fazer com que o mundo não escutasse sua voz ou percebesse sua alegria, mesmo que eu saiba que é totalmente ilusória.

Mesmo que eu tentasse, que dissesse para mim que não me importava com a existência de Melany, algo sempre me puxava, sempre me fazia observá-la. Sempre me fazia querer saber sobre todos os seus detalhes.

Isso fez com que eu descobrisse que Mel sempre precisou se sentir viva, mesmo que na metade das vezes ela apenas use isso para machucá-la. Para preencher algo que ninguém poderia preencher.

Sempre estar em movimento. Rodeada de luzes. De barulho.

Sempre provar a si mesma que pode fazer algo.

Melany odeia a escuridão, mesmo que a sua vida seja repleta dela.

— Sim — ela encolhe os ombros, respondendo —, o mundo é barulhento demais as vezes, então quando estou dançando, gosto do silêncio que me acompanha. Acho que é dessa forma que realmente sinto a dança.

Meneio a cabeça, sabendo que sua resposta é superficial demais. Porém, assim que chegamos a um prédio de dois andares a funcionária me entrega as sacolas com um sorriso fraco e se vira, seguindo pelo caminho que viemos. Entrego uma delas a Mel que ergue uma sobrancelha enquanto a segura com um olhar confuso.

— O que é isso?

— Seu uniforme — respondo o óbvio. — Ou você quer montar de salto?

— Não achei que necessariamente iríamos fazer isso.  
— Ela me dá um olhar estranho. Quase idêntico ao que me lançou quando a encontrei no apartamento e me

questiono o que ela está escondendo. O que ou quem a machucou tanto.. — Nem que você realmente achava que equitação é algo para relaxar.

Inclino minha cabeça para o lado.

— Acho que já te disse que tenho gostos peculiares.

Ela revira os olhos.

— Estou começando a acreditar.

— Isso é bom. — Sorrio de canto. — Podemos ir ou você ainda tem mais algo a constatar?

— Sim, uma última coisa. — Seu olhar recai para a sacola onde está tudo. — Como sabia o tamanho do meu uniforme?

— Foi um palpite e espero que tenha acertado. — Viro-me, erguendo um braço em direção às escadas. — Vou te esperar aqui fora quando terminar.

Ela me lança um olhar desconfiado antes de se virar e seguir até onde indiquei.

Faço o caminho contrário até o vestiário masculino e agradeço por ele estar vazio. Aproveito para guardar todos os meus pertences e me trocar em um tempo recorde. Assim que saio novamente, me sento em um dos bancos em frente ao prédio e me abaixo para arrumar minhas botas.

Quando estou finalizando a última, um arranhar de garganta me faz erguer meu rosto e engolir em seco. Melany está ali, de pé, o uniforme impecável se ajusta perfeitamente ao seu corpo esguio. A calça justa destaca suas pernas longas e a jaqueta com a logo da Parker Group bordada no peito esquerdo lhe dá um ar de elegância. Seus cabelos estão presos em um rabo de cavalo alto, deixando à mostra seu rosto delicado, mas determinado.

Não consigo desviar o olhar, não com a forma como ela exala confiança e beleza.

Não quando tudo parece desaparecer.

— Acho que você acertou. — Ela segura as luvas de couro.

— Eu sempre acerto.

Levanto-me, ficando a sua frente e passo minha mão pela jaqueta idêntica a dela.

— Já conversamos sobre o seu ego.

— Não foi bem uma conversa quando você estava me xingando. — Dou a ela um sorriso fraco. — Vamos ou teremos que dividir a pista de treino com mais pessoas.

Ela solta um longo suspiro e passa por mim, indo em direção aos estábulos.

O aroma inconfundível de feno fresco e couro tratado me envolve assim que entramos. Os sons suaves dos cascos dos cavalos e os murmúrios dos tratadores preenchem o ambiente. Caminho até o box onde Mel para, observando um cavalo de pelagem marrom.

Ela me olha de relance e sorri fracamente.

— Acho que encontrei o meu — afirma, enquanto dá um último puxão firme nas correias e o trás para fora. — E você?

— Eu tenho o meu favorito — respondo, tentando manter a compostura.

Dirigimo-nos ao outro lado do estábulo, onde meu cavalo nos espera. Assim que paramos em frente ao box, observo o meu companheiro de todas as vezes que venho aqui. Vejo a pelagem branca antes de pegar a sela pendurada na parede e começo a prepará-lo, enquanto Mel observa.

— Ele te conhece — ela comenta, acariciando o focinho dele.

— Digamos que Nico e eu somos amigos.

— Amigos? — Percebo seu tom jocoso. — Desde quando?

— Desde que o comprei em um leilão — digo, ajustando a cilha com cuidado.

— Você comprou um cavalo em um leilão? — ela pergunta, incrédula.

— Uma fazenda de um aristocrata falido para ser mais sincero, que tinha negócios com meu pai. — Encaro-a por cima do meu ombro. — Mas como só queria Nico, fiz um acordo com Chris para deixá-lo aqui.

— E a fazenda?

— Dei de presente de Natal para um dos meus funcionários destaque em Paris.

— Geralmente nós damos um suéter para alguém no Natal, Edmund — ela diz, abrindo os lábios em uma surpresa genuína. — Não uma maldita fazenda.

— Vou manter isso em mente para o próximo Natal. — Dou-lhe um sorriso de canto. — Vamos?

Mel não responde, entretanto, sou surpreendido quando ela conduz seu cavalo para fora do estábulo com uma maestria que não sabia que possuía. O sol da tarde banha o campo de equitação, projetando sombras longas, e assim que Mel percorre o espaço com uma graça natural, subo em Nico, sentindo a familiaridade do movimento.

— Essa é a sua ideia de relaxar, nerd? — fala, com um brilho nos olhos. — Andar em círculos até se cansar?

Solto uma longa risada, seguindo ao seu lado em direção à pista.

— Não. — Paro no centro, observando que somos só nós dois aqui. — *Eu* vou correr pelos obstáculos. Você vai andar em círculos.

— Nos seus sonhos.

— Nos meus sonhos, nós claramente não andamos em círculos, Melany. — Umedeço meus lábios. — Mas não posso permitir que você corra sem que tenha um treino adequado. Logan claramente me socaria.

Melany me encara com uma expressão de escárnio antes de massagear a pelagem do cavalo e faz com que ele venha até perto de onde estou.

— Eu não faria suposições sobre eu não ter treinamento. — Sua voz é cheia de sarcasmo.

— Eu estaria errado?

— Com certeza. — Seus lábios se erguem em um sorriso malicioso. — Eu pratiquei equitação e outros esportes durante alguns anos.

Sua confissão me pega de surpresa.

— Você é uma maldita caixinha de surpresa.

— Eu diria para você agradecer a minha mãe por me obrigar a ter aulas que eu odiava desde criança. — Acho que ela nem mesmo percebe o tom triste que acompanha suas palavras. — Mas pelo menos elas me servirão de algo.

— O que mais você esconde, Melany?

— Você vai ter que me vencer para saber, Ed.

Aproximo-me mais dela, erguendo uma sobrancelha.

— Então você quer apostar?

Seu olhar se fixa no meu e há um brilho que raramente vejo.

É excitação.

Ansiedade.

Fogo puro.

— Qual será o meu prêmio se eu ganhar? —  
questiona.

— Qualquer coisa.

— Qualquer coisa? — Une as sobrancelhas.

— Sim.

— Se eu lhe pedir o seu cartão Amex?

— Você o terá.

Desconfiança nubla suas feições.

— Um carro?

— Posso tê-lo na garagem até a noite.

— Uma estrela?

— Não acho que você faria bom proveito de uma estrela, mas posso providenciar.

Ela solta uma risada e sinto como se meus batimentos cardíacos aumentassem.

— Ok, Edmund. — Ela dá de ombros. — E se você ganhar?

É a minha vez de sorrir e inclinar a cabeça para o lado.

— Se eu ganhar e tenho certeza de que irei. — Coloco as luvas de couro arqueando a sobrancelha. — Você me deve algo e quando eu for cobrar, não poderá negar.

— Apenas isso?

— Sim.

— Por que não consigo confiar em você?

— Porque realmente não deve — alerto-a, com um sorriso diferente. — Então?

Ela coloca suas luvas antes de sorrir friamente para mim.

É claro que Melany não iria se opor a um desafio.

— Nós temos uma aposta, nerd. — Suas palavras me fazem sentir vivo. — E espero que você esteja pronto para perder.

— Eu nunca perco, querida.

Melany solta uma risada e apenas a encaro.

Mas o que ela não sabe é que o que está em jogo é mais do que ela deseja.

Eu não quero apenas ganhar, eu *preciso*.

# 15

## ERRO COLOSSAL

*Mas o que você faria se eu te tocasse agora?  
O que você faria se nós nunca fôssemos descobertos?  
O que você faria se nós nunca fizéssemos barulho  
Porque eu te vejo esperando no fim do corredor  
E posso te imaginar comigo contra a parede*

**I Can See You | Taylor Swift**

*Melany Underwood*

Eu sempre fui impulsiva.

Minha mãe me dizia que esse era o meu pior defeito.

Porque sempre que eu fazia algo sem pensar, todos ao meu redor sofriam com as consequências. Logan, uma vez, levou a culpa porque fugi para o estúdio da cidade depois que mamãe disse que eu não era boa o bastante. Aidan teve que trabalhar o dobro no verão e meu pai sempre estava discutindo com ela porque eu recorria a ele quando odiava as aulas que me colocava.

Sempre coloquei aqueles que amo em algum tipo de problema.

Agora, percebo que estou prestes a cometer uma coisa semelhante porque convidei a última pessoa com quem eu deveria fazer algo para me fazer companhia.

Ter chamado Edmund para vir comigo foi um erro. Porque sei que não deveríamos estar perto um do outro. Na verdade, deveríamos manter distância e apenas socializarmos civilizadamente naquela cobertura, não conhecermos um ao outro, praticando equitação ou dançando juntos durante uma madrugada.

Mas hoje, depois de uma longa noite de pesadelos que mal consegui dormir, vê-lo naquele corredor como se a sua noite também tivesse sido uma merda, me fez querer convidá-lo para se distrair, mesmo que saiba que é uma péssima ideia.

— Você realmente sabe o que está fazendo?

Sua pergunta me tira dos meus devaneios.

— Óbvio. — Viro meu rosto em sua direção. — Não se preocupe, nerd, eu me divertirei com seu Amex.

— Você diz como se praticasse há anos, quando nós dois sabemos que você só tem olhos para o ballet, Melany — ele ergue uma sobrancelha. — Ainda dá tempo de desistir.

— Eu nunca desisto de algo.

— Não sei se devo achar isso corajoso ou idiota.

— Acho que estou começando a entender o porquê você quase não tem amigos — afirmo, puxando as rédeas e percebendo que estamos andando devagar pelo espaço.

— Por favor, não me deixe curioso. — Sua voz é regada a sarcasmo.

— Seu ego ocupa muito espaço na sua vida — digo, lançando a ele um olhar afiado. — Ninguém gosta de estar perto de pessoas assim.

— Você faz parecer que eu me importo com o que os outros desejam ou acham de mim. — Seu sorriso me irrita e não sei bem o porquê. — Na verdade, essa é exatamente a diferença entre nós.

— Há uma diferença entre nós?

— Além do óbvio? — Uma careta toma conta de sua face.

— Engraçadinho. — Reviro meus olhos.

— Voltando ao ponto principal. — Ele me encara por um segundo antes de fitar os obstáculos. — Eu não preciso agradar ninguém, Melany. Nem me importar com o que acham de mim. Se eu quero algo, vou atrás. Se as coisas valem a pena, luto por elas. E para que alguém consiga a minha atenção, elas precisam ser algo para mim e meu ciclo social é extremamente curto e selecionado a dedo. — Seus olhos encontram os meus. — Já você...

Lanço a ele um olhar que poderia descongelar icebergs.

— Eu o quê?

— Você parece que vive atrás de algo, Melany. — Edmund ajeita o couro de sua luva, sem nunca desviar o olhar. — Você parece que espera que algo aconteça para justificar o motivo pelo qual precisa tanto suprir esse vazio. Você quer ser enxergada, quer que as pessoas ao seu redor saibam que você é forte e que é independente. Mas usa isso mais para provar a si mesma que está bem, do que para qualquer outra coisa.

Suas palavras são como um soco no estômago.

O couro das minhas luvas parece que irá rasgar pela forma como fecho meus punhos nas rédeas e sinto como se ele enxergasse por trás das minhas muralhas. Como se mesmo que eu tentasse, nunca conseguirei proteger meus segredos dele.

— E você constatou isso quando? — zombo, mas minha voz não soa sarcástica como desejo. — Durante os três anos que evitou a todos ou durante o tempo que estamos dividindo o apartamento?

— Desde que te vi pela primeira vez, anos atrás.

Viro meu rosto em sua direção novamente, sentindo mais do que desejo expressar.

Edmund é sinônimo de perigo para mim.

Porque ele me lê como uma poesia. Desnuda o caos que escondo.

Ele é a última pessoa que eu imaginava que veria todas as coisas que se acumulam no cofre que mantenho só para mim. E sei que se um dia permitir alguém entrar, não será bonito. Não quando esse lugar é cheio de memórias cruas, feridas e objetos perfurantes.

Por esse motivo, deixo tudo de lado e apenas lanço um sorriso a ele — o mesmo que lanço a todos que odeio e que desejo longe de mim —, me virando novamente para os obstáculos, preparando-me para deixá-lo para trás e vencer.

— Você terminou o seu monólogo ou ainda preciso fingir que gosto de te escutar falando merda? — Meu sorriso aumenta quando percebo que ele tensiona a mandíbula. — Então?

Ed continua me encarando por alguns segundos.

— São duas voltas — finalmente diz, desviando o olhar. — Se os completar primeiro, você ganha. Se não, eu venço. É fácil e prático.

O seu olhar segura o meu e sinto como se ele estivesse se escondendo tanto quanto eu. Mas Edmund está certo, há uma grande diferença entre nós dois. Uma diferença escancarada que pode ser a nossa salvação.

— Eu *realmente* vou me divertir muito com o seu Amex, nerd.

Ele me dá um sorriso canalha, típico de um Blackwell, e começa a se ajeitar.

— Vamos ver, wildcat — provoca.

Poucos segundos depois, estamos correndo.

Sei que Edmund é um rival à altura e que essa competição não será diferente.

Porém, mesmo que tenha anos de experiência e que eu não tenha praticado desde que me mudei para Nova Iorque, me recuso a perder. Meu coração bate acelerado

e a adrenalina corre pelas minhas veias. Assim que solto as rédeas e o cavalo dispara em direção ao primeiro obstáculo, um suspiro salta dos meus lábios.

É como se, por um momento, a minha mente estivesse se acalmando. Mas ainda não é o suficiente. Nunca é. Por isso, aumento a velocidade, inclinando-me sobre o cavalo e observando, pelo canto do olho, Edmund manter-se ao meu lado.

Sua técnica é impecável mesmo que eu perceba que ele esteja um pouco fora de forma. No entanto, sei que está determinado a vencer, e sei que não será fácil ultrapassá-lo. Aperto meus punhos, olhando para frente, e esqueço-o por um momento, me lembrando de quando minha mãe me obrigou a ter essas aulas mesmo quando não tínhamos como pagá-las.

Ela vendeu quadros, trocou favores e me obrigou a ser quem eu odiava apenas para que eu pudesse ter uma educação como os herdeiros da Parte Alta tinham. Frequentei as mesmas aulas, estudei no mesmo colégio que Logan, depois que ele conseguiu uma bolsa de estudos por conta de futebol, e sorri quando ela ordenava.

Eu era o seu futuro, mesmo que Logan fosse a estrela da nossa família.

Eu era a sua válvula de escape, mesmo que me machucasse.

*Você não tem talento para a pintura.*

*Você é como seu pai.*

*Você é uma decepção.*

*Venha, querida, nós vamos visitar a tia Audrey.*

*Você não pode fazer barulho, ok?*

*Mamãe vai cuidar de tudo.*

*Nunca deixe que um homem te destrua.*

Lágrimas que nunca deixarei cair nublam meus olhos. Meu aperto aumenta junto à maneira como conduz o cavalo pelos obstáculos. Ela me tirou tantas coisas por

conta do seu amor e da sua necessidade de provar que merecia mais. Me machucou mesmo quando dizia que me amava.

Aumento a velocidade, sentindo-o se preparar para um salto.

*Mel, você está bem?*

*Mel?*

*O que você fez, querida?*

Memórias que sempre forço para esquecer me fazem desacelerar enquanto Edmund avança, ultrapassando-me no último obstáculo.

Assim que cruzo a linha de chegada, logo atrás dele, minha respiração está ofegante e misturada entre exaustão e arrependimento.

Minhas mãos tremem enquanto observo-o se virar em minha direção, seu sorriso diminui quando percebe a expressão em meu rosto, mas nem mesmo consigo dizer algo ou apenas implicar que ele me venceu apenas porque estava distraída.

Todo o meu corpo é tomado por lembranças que raramente permito que venham à tona.

Por isso, abro um sorriso sem mostrar os dentes e sigo até a lateral da pista, onde desmonto e entrego o cavalo para um dos funcionários enquanto retiro as luvas e sigo até o vestiário.

Eu sabia que isso era uma má ideia.

*Ouçá-me, Mel.*

Sabia no instante em que ele me disse o que praticava.

*Há sempre duas opções.*

Mesmo assim quis ir em frente.

*Você pode deixar que as pessoas te quebrem.*

Quis provar que as memórias não ditam o meu futuro.

*Ou você pode quebrá-las primeiro.*

Mas, como sempre, estava completamente enganada.

— Melany?

Não paro de caminhar quando a voz de Edmund ressoa atrás de mim.

Acho que nem mesmo conseguiria, não quando não confio em mim para ficar perto dele. Para ele dizer algo que não poderei devolver na mesma medida porque estou ocupada demais lidando com a minha mente.

Apenas continuo andando, pronta para colocar uma distância entre nós. Estou a poucos metros da entrada principal e percebo que não há quase ninguém deste lado do clube.

— Me deixe lastimar o meu fracasso, nerd — digo por cima dos ombros.

Posso sentir a sua presença atrás de mim e cada vez que me aproximo da escada que leva ao vestiário feminino penso no que as pessoas pensariam se, por acaso, eu começasse a correr para fugir dele.

Eu posso fazer isso.

Posso chegar lá antes que ele me alcance.

Edmund não seria idiota de invadir o vestiário feminino e nem desejo isso.

Eu estarei segura lá.

Entretanto, não preciso me preocupar com isso, porque antes de alcançar o primeiro degrau, a sua mão se fecha em meu braço e ele me vira em sua direção, colando nossos corpos.

Abro os lábios para dizer algo, mas sou arrastada até as portas duplas do vestiário masculino e percebo que há dois homens terminando de se vestir. Quando notam a nossa presença, ambos erguem uma sobrancelha.

— Saíam — Edmund ordena e eles o encaram como se soubessem quem o merdinha que me segura é. — Agora, porra.

Nenhum deles fala algo, apenas pegam as suas coisas e praticamente correm até a saída, fechando a porta e nos deixando sozinhos. Tenho vontade de xingá-los, de questionar o que *caralhos* o homem ao meu lado tem

para todos o respeitarem como se ele fosse o maldito presidente dos Estados Unidos.

Porém, apenas tento sair do seu agarre, enquanto Edmund mal espera a porta se fechar e nos vira, fazendo com que minhas costas batam na parede e um de seus braços se apoiem acima da minha cabeça.

— Me solta... — começo, mas sou interrompida.

— O que *caralhos* está acontecendo? — Sua voz é fria. Olhos âmbares.

Mandíbula tensionada.

Tudo nele é a epítome da perfeição.

Tudo nele é algo que odeio.

— Me solte — grunho novamente. — Agora.

Um longo suspiro salta dos seus lábios.

Uma fúria contida queima silenciosamente em seus olhos.

Ressentimento profundo e implacável está escancarado em suas pupilas.

É a perfeição pura.

Seus lábios estão entreabertos e percebo que ele solta o ar desenfreadamente, como se estivesse tentando se controlar para não fazer algo que irá se arrepender.

— Comece a falar, Melany.

— Você quer a porra de um parabéns por ganhar? Quer uma estrelinha de melhor atleta? — Minha voz sobe um decibel. — Ou quer uma coroa por ter me vencido na porra de uma corrida com obstáculos? Cresça, Edmund, e me deixe em paz.

— Não — rosna e percebo a forma como ele trinca os dentes. — Eu quero saber o que aconteceu para você estar agindo assim desde que te encontrei naquele corredor mais cedo. Na verdade, desde que te vi naquele estúdio de madrugada como se algo tivesse te machucado.

Estalo a língua no céu da boca e semicerro os olhos.

— Não se meta na minha vida — grito, respirando fundo.

— Comece a falar e talvez eu pare de fazer isso.

— Pare de agir como se fôssemos a porra de confidentes.

Me preparo para empurrá-lo, mas ele junta meus pulsos e ergue meus braços, colocando-os acima da minha cabeça enquanto se inclina um pouco para frente, nivelando nossos rostos.

— acredite em mim, wildcat... — Sua voz é uma carícia gélida contra a minha bochecha. — Eu *nunca* desejaria ser isso para você.

Dói, cada sílaba proferida dói.

Mesmo assim, não demonstro, não o deixo me atingir totalmente.

— Bom. — Tento abaixar meu braço, mas ele me impede. — Porque eu *nunca* deixaria você ocupar um lugar na minha vida.

— Mentirosa. — Ele se inclina um pouco mais, lançando-me um sorriso de canto. — Porra. Tão malditamente linda e mentirosa.

— Me solte.

— Fale primeiro.

— Não. — Viro meu rosto a fim de encará-lo. — E pare de achar que você vai tirar algo de mim. Te convidar foi um erro.

— Sim e você está cometendo vários deles ultimamente.

Fecho meus olhos por um momento.

Um segundo.

Só preciso disso.

— Deus, eu te odeio tanto — sussurro, voltando a abri-los.

Ele sorri.

É um sorriso de predador.

Algo que raramente percebo.

Edmund é tão calmo. Tão centrado que dificilmente me lembro que ele é como os homens de sua família. Ele não pede, ele toma. Edmund não precisa de nada, ele tem o mundo aos seus pés, mas, por algum motivo, eu sou o seu objeto de desejo. Por algum motivo, chamei a sua atenção e agora estamos prestes a cometer mais um erro.

Um erro colossal.

Estratosférico.

E percebo que estou ansiosa por isso.

— Bom. — Sua voz é tão baixa. Tão convidativa. — Porque prefiro lidar com o seu ódio do que com a forma humilhante como te desejo desde que te vi naquele casamento.

Meus olhos estão nos seus.

Seus olhos descem para os meus lábios.

Não há mentiras.

Não há nada.

Somos apenas nós dois aqui.

— Merda — sussurro.

Então, seus lábios estão nos meus.

Ele toma tudo de mim para si como se tivesse o direito.

E eu dou de bom grado.

O beijo é feroz, áspero, cheio de uma intensidade quase dolorosa. Sinto a pressão dos seus lábios contra os meus. A urgência em nossos movimentos é tão palpável que me pego soltando pequenos ruídos, como se estivéssemos tentando resolver toda a tensão acumulada durante anos entre nós.

Seu toque é ao mesmo tempo possessivo e desesperado.

Nós lutamos um contra o outro.

Estamos desesperados para aplacar tudo o que guardamos durante todo esse tempo.

Ed solta meus pulsos e, sem esperar, passo a mão pelo seu ombro até chegar em seus cabelos, puxando-os enquanto ele me ergue, fazendo minhas pernas serpentearem por seus quadris e me pressionar contra a parede. Ergo meu rosto, dando mais acesso a ele ao passo que o beijo se aprofunda, tornando-se mais selvagem e voraz.

Mesmo sabendo que alguém pode entrar aqui, todo o bom senso parece que some do meu corpo, porque me pego esfregando contra ele. Sentindo suas mãos subirem até a minha bunda, me esfrego novamente contra a sua protuberância dura.

Há um fogo que nos consome.

Ele sabe que eu o desejo.

Que tudo em mim clama pelo seu toque.

Uma chama intensa que parece queimar tudo ao nosso redor.

Ele ainda tem gosto de pecado e perdição.

E ainda sei que somos errados.

Mas parece que tudo se alinha nesse instante.

Tudo parece certo.

Sem julgamentos. Sem regras. Apenas nós.

Quando finalmente nos afastamos, ainda ofegantes, sinto o gosto dos seus lábios nos meus. Meus olhos se abrem lentamente, encontrando os dele. Estão tão perto que percebo que, o castanho brilhante e inesquecível, me encara de uma forma totalmente diferente, e sei que acabamos de pular de um penhasco sem volta.

Não há mais como negar.

Não posso mais.

— Acho que precisamos colocar mais uma cláusula em nosso contrato — sussurro.

Umedeço meus lábios e percebo que Edmund acompanha o gesto.

Seus olhos queimam.

Desejo inebria.

Deveria ser considerado crime o jeito como ele me encara.

— Você já o assinou. — Sua voz soa tão suave que mal reconheço. — Mas me conte, qual seria a cláusula que você pretendia colocar?

Meu rosto se ergue, permitindo que nossos olhos fiquem rentes e parece que nada mais faz sentido.

Âmbar e azul.

Fogo e gelo se encontram.

É como uma colisão das nossas emoções conflitantes.

— Sobre sermos proibidos de nos tocarmos. — Minhas palavras são baixas, tão baixas que quase não ouço. — Deveríamos acrescentar isso.

Percebo que Edmund desvia o olhar e engole em seco.

E medo corre pelo meu corpo.

Quando ele volta a me encarar, há algo ali.

Algo que não consigo compreender e tenho pavor de descobrir.

— Não.

— Por quê?

— Porque eu não conseguiria cumpri-la nem mesmo se isso custasse a empresa da minha família.

Nossos rostos estão próximos.

Seu cheiro é tudo o que sinto.

O calor dos seus braços é mais aconchegante do que qualquer lugar que eu tenha estado.

— Você me daria a empresa da sua família? — brinco, mesmo que meu coração esteja batendo descompassadamente.

Ele não sorri.

Edmund nem mesmo respira.

E a sua resposta causa mais medo em mim do que qualquer outra coisa.

— Estou começando a achar que há poucas coisas que eu não lhe daria, wildcat.



## NÃO POSSO PROMETER NADA

*Eu preciso de você e eu odeio isso  
Você está preso entre um sonho  
E uma cena de filme  
De alguma forma, você sabe o que eu quero dizer  
Quando a escuridão se transforma em névoa  
Eu simplesmente não consigo resistir  
Por que eu sou um tolo por você*  
**fOoL fOr YoU | ZAYN**

*Edmund Blackwell*

Melany me ignorou por dois dias.

Ela saiu mais cedo para seus treinos e se trancou no quarto antes que eu chegasse em casa. Foi a porra de um martírio. E, agora, que pude sentir o seu gosto novamente, que me lembrei de como ela pertence aos meus braços, não consigo esquecer.

Não *quero* esquecer.

E isso me assusta.

Me assusta pra caralho.

O barulho da trovoada me tira dos meus devaneios. Pisco algumas vezes, voltando a realidade, enquanto giro

a cadeira para a minha mesa. Pego meu notebook e ligo a tela adjacente. Depressa acesso todos os sites de meteorologia confiáveis, mesmo sabendo o que nos espera para essa noite.

*Chuva forte.*

*Tempestade iminente.*

*Voos cancelados.*

*Possível nevasca.*

Cada frase que leio me faz acessar as imagens da câmera de segurança da cobertura, procurando pela pessoa que domina meu pensamento. A encontro parada de frente para as portas de vidro da varanda com um cobertor leve enrolado em seu corpo magro e os cabelos soltos caindo pelas suas costas.

Levanto-me, seguindo pelo corredor até o primeiro andar, parando somente para ajustar o aquecedor e caminho até onde ela ainda se encontra. Desço os degraus com calma e Mel apenas vira o rosto por cima dos ombros, me lançando um olhar rápido, antes de voltar a encarar a cidade banhada pela chuva forte.

Não digo nada, tampouco ela.

Mesmo que sua expressão corporal seja tensa, Melany é como uma pintura viva contra a paisagem à sua frente. Ela se destaca mesmo com as dezenas de luzes noturnas e a chuva que cai pela cidade.

*Ela é a minha pintura favorita.*

Assim que paro ao seu lado, percebo que ela aperta o tecido contra o seu corpo como se ele fosse um escudo para qualquer perigo e a qualquer momento a chuva fosse adentrar a cobertura e machucá-la.

— Achei que estivesse fora — ela murmura.

— Não há outro lugar que eu queira estar. — Coloco as mãos no bolso da minha calça. — Você está me evitando.

*De novo.*

— Estou.

— Há um motivo para isso?

Ela me dá um sorriso sem mostrar os dentes e percebo o quão longe seu pensamento está. Seu olhar, de repente, se volta para a cidade e inclina a cabeça para o lado, fazendo com que o cabelo caia pelas suas costas.

— Você sabia que algumas pessoas consideram a chuva como uma benção?

Sua pergunta é tão baixa que quase não ouço quando paro ao seu lado.

Não há sarcasmo. Nem mesmo alegria. Ela é apenas um vazio.

Mel, mesmo que tenha suas armaduras baixadas pela primeira vez e que não se importe em deixar isso evidente, é como se todas as lembranças tivessem puxado-a para dentro da sua cabeça e tenho medo de que não consiga alcançá-la. Tenho medo de que as lembranças do passado a tenha levado tão longe desta vez que mesmo que eu esteja aqui, ela não consiga perceber.

Eu quero que ela me veja.

Quero que saiba que desejo saber sobre a sua parte bonita, mas também a parte feia.

Aquela que poucas pessoas conseguiriam entender.

*Está tudo bem, Mel.*

*Eu estou aqui.*

*Eu sempre estou aqui.*

— Algumas pessoas usam os fenômenos naturais para justificar algumas coisas frívolas. — Observo o mesmo lugar que ela. — O universo é composto por padrões. Mas nem sempre os padrões significam o mesmo para todos. Algumas coisas podem ser benção para alguns e destruição para outros.

Melany não me responde de imediato.

Ela apenas solta um pequeno suspiro, se ajeitando no cobertor e encarando a chuva.

— E em qual lado você está? — sussurra, ainda encarando a chuva. — Das que acreditam que ela é benção ou destruição?

— Destruição, claro.

— Então você não gosta de chuvas? — indaga, quase em um sussurro.

Inclino minha cabeça no mesmo instante que o céu se ilumina com um novo relâmpago e percebo que se segura para não dar um sobressalto.

— Estou começando a odiar.

Ela me dá um olhar de esgueira, arqueando a sobrancelha.

— Por quê?

Meu corpo se vira totalmente em sua direção e percebo que agora ela me encara.

Nossos olhos se fixam um no outro e sinto tudo ao mesmo tempo.

— Porque ela é uma ameaça para as pessoas que me importo.

Os lábios de Mel se inclinam para cima em um sorriso fraco. Falso.

Tenho vontade de me aproximar, de dizer que estou aqui, que *não* pretendo ir a lugar algum e que pode contar comigo, mesmo que eu não entenda o porquê diabos me sinto assim quando se trata dela e nem o motivo dela ainda ter essa aversão por mim.

— Você não pode fazer nada contra ela — brinca, sem humor.

— Eu posso tentar.

Melany me encara por alguns segundos e quando acho que vai me dizer algo, ela apenas se vira, caminhando até o enorme sofá e se senta olhando para a TV onde uma comédia romântica está sendo reproduzida.

Observo-a por alguns segundos, sabendo que deveria me virar e voltar para o meu quarto, que deveria manter a distância depois do que aconteceu naquele vestiário.

Mas algo me prende no lugar. Algo me impede de me afastar quando sei que ela não está bem.

Mel encosta a cabeça no sofá e concentra-se no filme, embora eu saiba que nada do que está sendo reproduzido ali realmente a prende, mesmo que adore filmes desse tipo.

— Eles me lembram Oliver e Summer. — Sua voz suave corta o silêncio.

Dou um passo à frente, sabendo que não conseguirei voltar para o segundo andar. E agradeço por poupar meus esforços em saciar meu desejo por saber quem ela é atrás das suas barreiras.

— Devo ficar curioso pelo motivo?

— Não sei. Talvez? — Seus ombros murcham. — Mas a protagonista contrata um garoto de programa para fingir ser seu namorado.

— Certo. — Umedeço os lábios, sentindo uma expressão confusa tomar conta do meu rosto. — Nesse caso, eu deveria te perguntar se a Sum contratou um garoto de programa? E esse garoto de programa era o melhor amigo da minha irmã?

Ela solta uma pequena risada e parece que todo o meu peito alivia.

Mesmo que eu não entenda, sei que ela está um pouco melhor.

*Continue assim, linda.*

— Não, idiota — diz, entre as risadas. — A parte de fingirem um namoro. Isso sempre me lembra deles, da forma como se apaixonaram. Eles me fazem acreditar que talvez esses filmes tenham um pouco de verdade.

— Alguém já te disse que você é uma fraude?

Ela levanta o rosto, me encarando com uma careta.

— Não acho que essa frase deveria ser dita para a mulher que divide o apartamento com você. — Ela se ajeita no sofá e percebo que me aproximo. — Mas, por favor, continue.

— Você assiste comédias românticas e diz não acreditar no amor.

Desde que a conheço, Mel é apaixonada por essas histórias e talvez seja isso que me cause tanta curiosidade nela, talvez seja o fato de que ela é improvável e que acumula tantos gostos tão peculiares que a torna a criatura mais fascinante de todas.

— Eu nunca disse que não acredito.

— Você deixa escancarado o seu desgosto por ele em qualquer oportunidade. — Ergo uma sobancelha. — Então?

Recebo apenas o silêncio. No entanto, seus olhos ainda estão nos meus. Ainda brilham com algo que não consigo decifrar. Algo que me faz querer descobrir cada nuance que a compõe.

— Porque a maioria das pessoas sempre dizem que vão amar até a eternidade, até que se cansam. — Sua voz é gélida, desprovida de emoções. — Até que o primeiro obstáculo é posto na frente dela e ela prefere pular do barco a enfrentar aquilo ao lado da pessoa que disse tantas vezes que a ama. Amar deveria ser provado em atos, não apenas palavras. Mas, no fim, eles apenas confundem desejo com amor. Apenas querem algo para suprir a necessidade daquilo que lhes faltam. E às vezes elas nem mesmo percebem que isso pode machucar pessoas inocentes.

Encaro-a por alguns segundos, absorvendo suas palavras.

*Amar deveria ser provado em atos.*

Por um longo momento não consigo responder nada. Não acho que poderia. Não quando tudo em minha mente está processando suas palavras.

— Quem te machucou a ponto de você acreditar nisso, wildcat?

Ela me dá um sorriso.

Não é um sorriso típico dela.

Esse é tão doloroso que sinto em meu âmago, tão cruel que sinto vontade de acabar com a pessoa que mostrou a ela o lado feio do amor.

— Aqueles que deveriam me amar.

Suas palavras doem. Cortam. Dilaceram.

Penso em dizer algo. Dizer qualquer coisa para distraí-la, mas não consigo desviar o olhar. Não consigo nem mesmo me mover. Não quando seus olhos estão em mim. Quando parece que o mundo está desacelerando e o azul de seus olhos é o único tom que importa.

Mel desvia o olhar, encarando uma caixa em cima da mesa de centro e sei que não deseja continuar falando sobre esse assunto. Automaticamente uma das minhas sobancelhas se arqueiam e me inclino sobre a mesa de centro, observando que a caixa é um quebra-cabeças do Van Gogh. Com cuidado, pego-a entre minhas mãos e sinto a textura áspera da imagem na tampa.

— Não sabia que gostava — digo, encarando a caixa e pensando em suas palavras.

— Quebra-cabeças são sempre os meus companheiros em noites de chuva — confessa e viro meu rosto em sua direção, surpreso. — Eles prendem a minha atenção o suficiente para que eu não perca o controle.

— Quanto tempo demora para montar?

— Depende.

Percebo que se livra do cobertor e se inclina, assim como eu.

— Do quê?

— De quanto tempo vai durar essa chuva.

— Se ela durar a noite toda?

Ela desvia o olhar, mexendo as mãos inquietamente.

— A noite toda eu demorarei para montá-lo, então.

O significado implícito em suas palavras me atinge de tal forma que faz minha garganta se fechar. Ela irá montá-lo a noite toda apenas para não dormir. Melany

ficará aqui apenas porque o seu medo é maior do que qualquer coisa que ela possa enfrentar amanhã.

Eu quero perguntar o que aconteceu com ela exatamente. Quero ligar para Logan e obrigá-lo a me dizer ou até mesmo subir até meu quarto e invadir o prontuário médico dela e todas as informações sobre a morte de seus pais.

Porém, se eu fizer isso, tudo o que ganharia seria ela me odiando mais do que o já faz. E mesmo sabendo que tenho duas reuniões importantes amanhã e alguns testes de software para fazer, me pego levantando e seguindo até a cozinha preste a fazer algo que apenas fiz anos atrás com a minha irmã.

Assim que chego até a geladeira, retiro algumas coisas e preparo alguns lanches antes de ir até a adega e pegar um dos vinhos tintos que Jonathan provavelmente me deserdaria por saber que estou pegando.

— O que você está fazendo?

A voz de Mel me faz olhar sobre os ombros enquanto pego duas taças.

— Algo para comermos enquanto te ajudo a montar o quebra-cabeça. — Volto a minha atenção para os queijos.

— Você pode levar o vinho?

— Você não precisa.

— Não preciso, mas quero. — Meu olhar segue até ela.

— Você pode tentar me expulsar, mas não irá adiantar. Então é melhor aceitar que não te deixarei sozinha essa noite.

— Por que está fazendo isso?

— Porque gosto de quebra-cabeças. — Um sorriso fraco nasce em meus lábios. — E gosto da ideia de te vencer.

Mel estreita os olhos e abre a boca para me responder no mesmo instante que um novo relâmpago clareia o céu, iluminado mais a cozinha. Seu olhar assombrado vai de mim até as enormes janelas de vidro e quando volta a

me encarar, observo-a engolir em seco e beliscar a parte de dentro do seu braço.

— Ok — sussurra, pegando a garrafa. — Você pode me fazer companhia, só... tente não chorar quando perceber que sou melhor no quebra-cabeça que você.

Ela diz como se não se importasse com a minha presença, mas a forma como seu corpo relaxa me faz perceber que, de todas as coisas que deseja, passar essa noite sozinha não era uma delas.

Assim que seguimos até a sala, me sento em frente à mesa de centro, servindo o vinho, e coloco a tábua na lateral enquanto ajudo-a separar as peças.

Por alguns minutos, nós estabelecemos um silêncio confortável enquanto começamos a montar. Nenhum dos dois diz nada e percebo que seu olhar desvia toda hora para a vidraçaria, onde a chuva piora.

— Você não tinha um encontro com uma supermodelo para estar hoje? — indaga, sem me encarar. — Ou talvez um baile glamouroso para ir?

— Há um temporal lá fora e não estou desesperado a ponto de sair atrás de alguém durante uma chuva. — Pego a minha taça, girando-a antes de levar aos lábios. — Na verdade, acho que você está me confundindo com você.

— Estou?

— Sim. Você *sempre* está acompanhada de alguém. Ou com alguma conquista que as páginas de fofoca gostam de comentar — encaro-a sobre a borda da taça. — Às vezes soa desesperador.

Ela estala a língua no céu da boca me lançando um olhar fugaz.

— Você acompanha notícias sobre mim, nerd?

*Sim, todas.*

— Não se dê tanto crédito. — Abro um sorriso na sua direção, pegando outra peça. — Então você desistiu de jogadores de hóquei?

— Óbvio.

— Por quê?

— Eles são idiotas.

— Acho que eles são mais do que isso.

Ela move outra peça e acompanho o movimento.

— Eu sei, mas eles não merecem meu tempo. — Melany respira fundo, terminando um extremo no quebra-cabeça. — Eles não merecem que eu passe mais um segundo me importando com a existência deles. Não depois do que fizeram apenas para ajudarem um jogador mimado que está com o ego destruído.

Viro-me em sua direção no mesmo momento que ela se inclina para pegar um pedaço de queijo gorgonzola. Seu cabelo solto praticamente encosta em meu rosto e posso sentir o cheiro floral que emana dele.

É perfeito.

Único.

Meu favorito.

— Então você costuma dar o seu tempo a muitas pessoas?

Ela solta um meio sorriso.

— Estou dando ele a você no momento.

*Finalmente.*

— Devo ficar contente por isso?

Seus olhos sobem até o meu.

— Com certeza. De qualquer forma, não costumo dá-lo a muitas pessoas. Acho que já tive a experiência suficiente para saber que o meu o tempo é valioso demais para desperdiçá-lo com qualquer um.

Minha mandíbula tensiona e meus olhos se estreitam. Melany nem mesmo percebe, já que sua atenção está no jogo.

— Você deu *três* anos de sua vida para alguém que não merecia.

Ela solta uma risada e me dá um olhar de relance enquanto pega um controle e roda pelos canais de

streaming. Logo a abertura tão conhecida de Uma Linda Mulher<sup>[13]</sup> começa a ser reproduzida, fazendo com que finalmente me encare.

— Você faz parecer como se eu tivesse cometido um crime por ter namorado alguém.

Levo as mãos até meus cabelos, bagunçando-os.

— Talvez tenha. — Dou de ombros. — Você é propícia a isso.

— Alguém já te disse que você é uma péssima companhia?

Um barulho faz com que desvie o olhar do meu até a janela fechada.

— Você. — Puxo sua atenção para mim novamente. — Todos os dias.

Ela me dá um olhar demorado.

E mesmo que tente esconder com seu sorriso lindo e suas respostas sarcásticas, sei que Mel tem partes quebradas em lugares que ninguém nem mesmo imagina que exista.

— E você nunca me pediu para parar.

— Porque sei que sempre que você diz isso é porque está mentindo.

Melany sustenta o meu olhar por um momento.

— Você deduz muito sobre mim.

Sua mão desliza pelo jogo, pegando outra peça.

— Deduções são baseadas em suposições. — Meu olhar se fixa na lateral do quebra-cabeças, onde estou finalizando uma pequena parte. — E nunca faço isso. Eu constato fatos.

— Eu diria que você é estranho.

— Novamente, meus gostos são peculiares.

— É por isso que você nunca namorou?

Ela ergue uma sobrancelha.

— Você está acompanhando notícias sobre a minha vida amorosa, wildcat?

Ela morde os lábios e uno as sobrancelhas pelo rumo da conversa.

— Sua família é tipo a realeza americana. — Dá de ombros, não negando a minha pergunta. — Todos querem saber o porquê o herdeiro mais cobiçado nunca apareceu acompanhado de nenhuma mulher. Alguns até dizem que você odeia pessoas o suficiente para assustar todo mundo.

— Estariam certos. — Nem mesmo hesito. — Eu odeio.

— É por isso que você nunca namorou? — questiona, de novo.

— Não, eu nunca namorei porque estou mais ocupado em aumentar a fortuna da minha família do que me preocupar com um relacionamento. — Dou de ombros. — Sem contar que não sou uma pessoa adepta a toques físicos, o que limita a minha interação com as pessoas.

Ela meneia a cabeça como se entendesse minhas palavras e me questiono se é assim com ela também. Quero saber se também segura todos os seus segredos pelo medo de que possam destruir o que sobrou.

— Continue falando. — Sua voz é baixa, mas percebo o tom ansioso nelas.

— Você é uma coisinha curiosa, sabia?

— Não me julgue por querer saber o motivo pelo qual você odeia a humanidade.

Ela ri baixinho.

O som é tão contagiante que me perco na forma como seus olhos brilham.

Por um instante, esqueço tudo. Por um momento, me questiono se fossemos outras pessoas, em um universo paralelo ou em uma galáxia diferente, se ainda seríamos nós. Se eu ainda teria a dádiva de conhecê-la.

Abro meus lábios para respondê-la, mas antes que eu tenha a oportunidade, um barulho alto faz com que ela dê um sobressalto e encare a cidade. Por um instante, Mel não diz nada e acho que ainda está bem, que o medo

já se esvaiu do seu corpo e que vai voltar a sorrir. Contudo, ela se levanta, deixando tudo para trás e caminha até poucos centímetros das enormes janelas.

Medo percorre todas as minhas veias e quando me aproximo, parando ao seu lado, ela se vira para mim, engolindo em seco, e ergue o olhar. O azul que sempre está brilhante, agora é assombrado. Os lábios que sempre são convidativos, estão franzidos.

Há vulnerabilidade ali.

Um medo que já presenciei.

Tenho vontade de puxá-la para mim.

De dizer que tudo ficará bem. Que *eu* farei com que fique bem.

— As luzes vão se apagar — sussurra, tão baixo que quase não ouço.

Dor.

Medo.

Apreensão.

É isso que está em cada sílaba que profere.

É isso que está escancarado em seu rosto.

— Não vão.

— Você não sabe. — Sua voz é apenas um fio. — Você não pode prever.

Dou um passo à frente, reprimindo a vontade de erguer meu braço e tocar seu rosto.

— Eu posso, linda.

Seu rosto se vira novamente para as janelas ao mesmo tempo que um clarão irrompe o céu e antes mesmo que ela consiga processar o que está fazendo, Mel se agarra ao meu corpo, escondendo o rosto em meu peito coberto pelo moletom. Minhas mãos automaticamente circulam seu corpo apertando-a e escuto sua respiração se acalmando ao passo que faço círculos com as pontas dos dedos em suas costas.

Nesse momento nada mais importa.

Nem mesmo a chuva ou o resto do mundo.

Apenas ela.

— Respire — instruo-o com as carícias. — Apenas respire. — Ela faz o que peço e sorrio fracamente quando ela começa a se acalmar, deixando um beijo no topo de sua cabeça. — Eu estou aqui. Ninguém vai te machucar mais.

Por minutos Melany apenas respira fundo e me segura como se eu fosse a única proteção que ela possui. E não me importo de me manter desta forma, não quando isso a acalma. Porém, quando ergue o rosto até os meus, eu sei que o momento se foi.

Ela me dá um sorriso triste e seu rosto se vira novamente para as janelas e quando percebe o que acontece ao nosso redor, sua boca se entreabre.

Todas as luzes da cidade se apagaram por conta da tempestade.

Nova Iorque toda está na completa escuridão.

Menos a nossa cobertura.

Menos nós dois.

É o meu sistema de iluminação funcionando. É o resultado de algumas noites não dormidas que valeram a pena porque sei que agora ela nunca mais estará no escuro, mesmo quando todos estão, Mel sempre estará segura.

— Como?

Sorrio, colocando uma mecha de seu cabelo atrás da orelha.

— Eu sou um gênio, lembra?

Um pequeno sorriso agora estampa seu rosto e parece que meu coração vai explodir a minha caixa torácica. Dou mais um passo à frente, quase colando nossos corpos, quase puxando-a como fiz naquele banheiro e beijando cada parte do seu corpo.

— Você é um nerd.

Seus olhos brilham.

— Também.

Ela dá mais um passo.

— E você fez isso.

Não é uma pergunta.

— Eu apenas criei um sistema de iluminação, a chuva...

— Edmund? — chama, me interrompendo.

Uno as sobrancelhas pela forma como Melany olha para mim com um brilho que ilumina a noite escura.

É lindo. Magnífico.

— Sim?

— Cale a boca.

E antes que eu possa respondê-la, ela me puxa selando nossos lábios.

É completamente intenso.

É como se um feitiço nos envolvesse.

Ela tem gosto de sonho e perdição.

Tem gosto de ser totalmente *minha*.

O mundo ao nosso redor desaparece lentamente.

Cada carícia dos nossos lábios é uma promessa silenciosa. Eu sinto a maciez da pele de Mel sob meus dedos, junto com o aroma do seu perfume suave.

A sensação é indescritível.

Seguro o rosto delicado dela entre minhas palmas, querendo absorver cada detalhe ao mesmo tempo que um som sai dos seus lábios. Sua mão sobe até meus cabelos, puxando-os enquanto nos viro e dou passos lentos até a parede mais próxima, onde encosto e aprofundo o beijo.

Não é um beijo carinhoso. Ele é totalmente idêntico ao que sentimos em relação um ao outro. É um beijo punitivo, repleto de sentimentos confusos e raiva.

Raiva por sabermos que não podemos mais nos controlar.

Por sabermos que sempre fomos inevitáveis. Que a desculpa de apenas uma noite nunca deveria ter

acontecido, pois sabíamos que quando acontecesse, nós estaríamos a um passo da ruína.

Ela consome minha mente. Me destrói para qualquer outra pessoa.

Eu a beijo com devoção.

Mostrando que mesmo que não deva, ela é o meu sonho proibido.

E Mel me beija como se eu fosse sua redenção.

É tão fora do comum. Mas, ao mesmo tempo, é a coisa mais correta que já me aconteceu em anos.

Nós somos opostos.

Incompatíveis.

Mentirosos.

Mesmo assim me pego obcecado por cada parte sua.

Sua boca pede passagem com a língua e um gemido involuntário sai baixinho dos meus lábios. Puxo seu lábio inferior entre os dentes, arrastando minha unha pela sua nuca enquanto sua cabeça tomba para trás, dando-me todo o espaço que necessito.

— Eu não posso mais parar, linda. — Arrasto minha boca até seu pescoço. — Seu gosto, seu cheiro, droga, você por completo. Tudo isso me tira do controle e eu não posso mais viver sem isso.

Minha mão sobe até seu queixo e ergo meu rosto, observando suas pupilas dilatadas. E a forma como sua respiração é profunda. Como nada poderia nos parar no momento.

— Eu não posso prometer nada, Edmund.

Nada.

Ela não pode me prometer nada.

Nem mesmo se quisesse.

Nem mesmo se implorasse.

— Mas você pode me dar o que eu quero.

Arrasto minha boca novamente pelo seu pescoço, sabendo que estou assinando o pergaminho da minha morte, quando ela reclina sua cabeça e me dá, de bom

grado, mais espaço. Melany não é a porra do anjo que a pintam, ela é o meu purgatório, meu desejo mais obscuro, minha destruição.

— E o que você quer?

— Você. — Outro beijo. — Tudo o que está disposta a me dar. — Mais um beijo. — Sua boceta perfeita. Sua bunda. Seus lábios. Cada parte do seu corpo. É isso que eu quero, wildcat.

Sua respiração fica presa em sua garganta. No entanto, sinto seu aperto aumentar e um sibilo reverberar pelo espaço. Assim que volto a encará-la, seus olhos estão nos meus e há tudo o que preciso saber ali.

Melany me quer.

Ela me deseja tanto quanto a desejo.

Não há como fugir.

Ela é a minha maldição mais doce e eu sou seu veneno mais letal.

Sua língua se projeta para fora, lambendo o lábio inferior, deixando um pequeno sorriso que diz muito sobre ela.

É um sorriso inexpressivo.

Um sorriso que, apesar de eu não entender, ainda parece conter todas as drogas que me deixaram viciado desde o primeiro momento.

— Você pode ter tudo, menos o meu coração.

Algo em mim se sente um pouco decepcionado por isso.

No entanto, estou disposto a ter tudo o que puder.

Tudo o que ela quiser me dar.

Estou prestes a dizer que aceito suas condições, que mesmo que tudo em mim me indique que isso é um erro, estou disposto a tê-la, quando o toque do seu celular reverbera pela cobertura, nos tirando do torpor em que nos encontrávamos.

Melany dá um passo para trás, engolindo em seco e se vira, indo em direção ao sofá e apenas continuo encarando-a sabendo que não há mais volta.

— Oi, Andi. — Sua voz reverbera pelo espaço. — Não. Eu estou bem, não há com que se preocupar.

Viro-me, deixando-a conversar com Andrew e subo as escadas, indo em direção ao meu quarto onde sei que não cometerei um erro irreversível de dizer a ela que a quero mais do que qualquer outra coisa em minha vida e que não me importo em fazer o que for necessário para tê-la.



## ATO II - PASSADO

*Eu teria morrido pelos seus pecados  
Em vez disso, eu simplesmente morri por dentro  
E você merece prisão, mas não vai cumprir pena*  
**The Smallest Man Who Ever Lived | Taylor Swift**

*Melany Underwood*

### PASSADO

Mamãe não come há dias.

Na verdade, ela nem mesmo sai de casa.

O azul dos seus olhos se tornou opaco e suas respostas mais vazias do que o normal. Ela também diz algumas coisas que não entendo e outras que me fazem sentir medo.

Papai também a olha como se não a reconhecesse mais e ela o encara como se quisesse voltar no tempo e nunca o tivesse conhecido.

Muitas vezes, dói observá-los.

Dói ver no que estão se transformando.

E quando a briga deles começa, eu fico em silêncio.

Todos os dias. Em qualquer oportunidade.

Às vezes até danço o meu repertório favorito no meu quarto quando eles estão gritando um com o outro. Nas outras vezes, quando meus irmãos estão fora e eles começam arremessar os objetos nas paredes, sussurro a composição que performei no recital passado. Eu também me belisco quando mamãe me leva até seu ateliê, onde ela sempre diz coisas sem sentido.

Eu também choro baixinho no meu quarto.

Também peço todos os dias que os gritos cessem.

E tento ser perfeita como ela deseja.

Mas... nunca é o suficiente.

Principalmente agora que meus irmãos estão em Atlanta, passando férias na casa da tia Audrey e fiquei para que nossa mãe não se sinta sozinha como anda se sentindo ultimamente. Mesmo que isso signifique que não posso sair para brincar ou para dançar.

Logan odiou a ideia de termos sido separados mesmo que seja apenas por alguns dias e, às vezes, desejo pedir para ele voltar, desejo que perceba que não estou bem desde a briga deles na oficina meses atrás.

Eu apenas quero o meu irmão.

Ele é o único que pode fazer tudo isso parar.

É o único que pode acalmar a mamãe quando ela não está bem.

Mas Logan não está aqui. Ele volta apenas na próxima semana.

Suspiro fundo, alisando o tutu rosa e percebo que o tempo lá fora é chuvoso, me indicando que não poderei sair para dançar no jardim ou correr até a casa na árvore da nossa vizinha para me esconder. Mesmo assim, ajeito meus cabelos e me viro, indo até o primeiro andar, onde sei que encontrarei a mamãe deitada no sofá chorando ou perdida em pensamentos.

Porém, assim que estou no último degrau, uma música calma ressoa pelo ateliê e um sorriso nasce em meu rosto quando escuto a risada fraca. É uma risada

que poucas vezes ouço e que me faz sorrir. É a minha favorita.

*Ela está bem hoje.*

*Ela não vai me machucar ou se machucar.*

Mamãe fica feliz quando sua criatividade volta ou quando algum antigo amigo dela entra em contato para dizer que irão expor seus quadros em alguma galeria onde ela poderá chamar atenção de pessoas importantes. Talvez esse seja um desses dias e talvez ela me leve até o teatro da cidade para comemorarmos. Talvez se lembre que me ame, que sou importante tanto quanto seus quadros.

Abro as portas de madeira, encontrando-a sentada em frente a uma tela pintada totalmente preta. Meu sorriso morre lentamente e dou um passo à frente, colocando as mãos para trás e observando a forma como continua rindo enquanto pincela, não percebendo que estou aqui.

— Mamãe? — chamo, baixinho.

Ela pausa o pincel, erguendo o rosto e o vira em minha direção.

— Querida — diz com um sorriso que não acho mais brilhante. — Venha cá.

Papai diz que quando ela está assim, não devo atormentá-la.

Logan e Aidan nem mesmo sabem disso, eles acreditam que ela está bem.

Eles não sabem que há dias que não a reconheço.

Que tenho medo.

Tia Audrey, um dia, me contou que sou a única que pode ajudá-la porque ela me ama como nunca amou ninguém. Que posso ajudá-la como papai não pôde. Que sou a sua única esperança, mas não quero ser isso. Não quero sentir medo dela, nem entrar aqui e observar seus quadros tristes.

Mesmo que papai e tia Audrey confiem que ela nunca me faria mal.

Mas eu não confio. Não gosto da forma como ela fica às vezes, não quando sei que essa não é a minha mãe.

Pelo menos não a de verdade.

— Por que a tela está toda preta?

Puxo um banquinho e me sento ao seu lado.

Eu só preciso sorrir.

Só preciso ser boa e ajudar para que fique bem.

Só isso. É fácil. Meu amor por ela pode ajudá-la.

*O amor cura tudo.*

— É assim que me sinto, querida.

Meus olhos se semicerram ao encarar a tonalidade.

Preto. Feio. Sem vida.

Mamãe costumava brigar por tudo, mas ultimamente, quase nem fala.

Isso me deixa preocupada e odeio saber que estarei sozinha com ela até o final das férias. Odeio saber que às vezes nem mesmo sai do seu quarto porque está triste demais ou porque papai a irritou.

— Por que você se sente assim, mamãe?

Ela pega sua aquarela, trocando o pincel e substituindo o preto pelo cinza.

— Porque eu perdi tudo aquilo que amava.

Coloco a minha mão em seu antebraço.

— Logan, Aidan e eu estamos aqui. — Solto um pequeno sorriso. — Você não nos perdeu. Você *nunca* vai nos perder, mamãe.

Ela me dá um sorriso e volta a pintar.

Por minutos, não me responde.

Por minutos, apenas continua pintando e sussurrando a melodia de uma música antiga. Meu olhar vasculha cada centímetro do ateliê que tanto ama e percebo que a maioria dos seus quadros perderam as cores. Não há mais as pinturas que papai dizia que eram

o motivo pelo qual se apaixonou por ela ou os retratos que costumava pintar de mim e meus irmãos.

É como se Laura estivesse apagando a si própria lentamente.

Todos agora são abstratos.

Alguns imitam sombras. Outros são árvores secas.

Não há felicidade. Nem amor. Nada.

— Você sabia que eu deveria ser a maior pintora dessa geração, querida?

Engulo em seco, alisando a ponta do meu tutu que se destaca no mar de pinturas melancólicas.

— Você ainda é a maior para mim. — Sorrio, mesmo que eu não sinta felicidade.

Ela me dá um sorriso, passando outra vez o pincel pela tela.

— Não é o suficiente.

Encolho-me com a sua resposta.

Eu deveria ser o suficiente.

Logan e Aidan *deveriam* ser.

— O que seria suficiente para você, mamãe?

Ela me lança um olhar de esgueira.

Não quero saber a sua resposta, acho que até tenho medo.

— Tudo aquilo que perdi desde que me casei.

Suas palavras são desprovidas de emoções.

— E eu, mamãe?

— Você é uma decepção, querida.

Dor.

É isso que sinto quando escuto suas palavras.

É isso que ela inflige em mim todas as vezes que não está bem.

Papai me disse que o médico comentou que ela confunde a realidade às vezes, que mamãe não age como *ela mesma* porque tem algo errado consigo. Mas ninguém nunca me diz o que realmente aconteceu com ela e o porque mudou conosco.

— Eu posso melhorar.

— Eu sei, meu amor. — Sorri para a sua arte. — Mas você não tem talento para a pintura. Você é como seu pai.

— Mas Logan e Aidan têm. — Forço um pequeno sorriso. — Eles são incríveis como você.

— Você deveria ser incrível como eu, querida — murmura e me encolho ainda mais, beliscando o interior dos meus braços ao ponto de deixar pequenas marcas. — Você é quem deveria carregar meu legado, não meus meninos. Meus meninos deveriam ser como Anthony. Apenas isso. Mas você? Você deveria ser meu diamante.

— Eu ainda posso ser. — Minhas palavras são quase como uma súplica. — Se isso significar que você vai melhorar, eu vou ser boa nisso. Eu vou me esforçar muito.

Olho para as aquarelas e depois para o tutu que estou vestindo.

Eu amo o ballet, mas amo mais a minha mãe.

E quero que ela me ame assim também.

Quero que ela volte a sorrir para mim, quero ter a versão que meus irmãos tiveram antes do seu casamento ter se transformado nisso.

*Apenas quero que ela me ame.*

— Nenhum esforço compensaria a sua falta de talento, Mel.

Laura nunca esconde o quanto odeia que eu não tenha o mesmo talento que ela.

Ela nem mesmo percebe que isso me machuca, já que está focada demais desejando algo que nunca terá, para se preocupar o suficiente conosco.

Eu deveria saber que ela não está bem.

Essa não é a minha mãe.

É como um fantasma dela.

Alguém que não gosto.

— Mamãe?

Sua cabeça se vira para o lado em um movimento quase que mecânico. Ela me encara por alguns segundos, acariciando a minha bochecha, mas é como se não estivesse me vendo ou me sentindo de verdade. É como se estivesse olhando para algo além de mim.

Por isso, sei que ela está perdida em seu próprio mundo.

Um mundo que papai e eu odiamos.

— Sim, querida.

— Você ainda vai me amar mesmo quando não se lembrar mais de mim? — sussurro, mordendo os lábios, sabendo que preciso saber. — Você ainda vai pintar os quadros que costumava pintar? Você ainda vai amar corações como eu amo?

Minha voz é embargada e sei que estou quase chorando, mesmo sabendo que ela odeia isso. Mesmo que eu saiba que ela não secará as lágrimas que ousarem descer pelo meu rosto.

*Por favor, mamãe.*

*Por favor, volte para mim.*

*Eu estou aqui.*

*Eu sempre vou estar.*

*Apenas me ame.*

*Apenas seja minha mãe.*

— Por que você diz isso?

— Porque papai me disse que você não está bem — digo baixinho, enquanto uma lágrima rola pela minha bochecha. Dizer essas palavras dói, olhar para ela me quebra. — E talvez você realmente não esteja, mamãe.

Ela, um dia, me amou.

Ela, um dia, me protegeu.

Um dia, ela foi a minha pessoa favorita.

— Pobre menina tola — sussurra, estalando a língua no céu da boca. — Deixe-me te dar um conselho, querida.

Ela solta o pincel, fazendo com que ele caia no chão em um baque que ecoa por todo o ateliê. Encolho os ombros, sentindo calafrios por todo meu corpo, e desejo não ter descido, não ter entrado aqui quando sabia que ela não estava bem e que papai não estará em casa tão cedo.

Eu não deveria ser tola.

Não deveria ser fraca.

*Não.*

*Não.*

*Não.*

*Eu posso sair.*

*Posso chegar ao meu quarto.*

*Posso estar segura e ligar para o Logan.*

Levanto-me, pronta para sair correndo até meu quarto e me trancar lá. Porém antes que eu possa dar um passo à frente, ela se levanta e segura meu queixo, fincando suas unhas grandes e afiadas em minha pele delicada. Sei que se apertar mais um pouco, um filete de sangue escorrerá pela minha pele.

— Você nunca deve acreditar no que os homens dizem, querida. — Ela inclina a cabeça para o lado e seus olhos vazios me assustam. — Você tem que se lembrar que...

Ela *não* vai me machucar.

Ela é a minha mãe.

Ela me ama.

E apenas está em dos seus dias ruins.

Apenas isso.

Ela logo se recuperará.

O amor vai me salvar. Papai sempre diz que ele salva tudo.

— Mamãe... — Tento puxá-la de volta à realidade.

— Não me interrompa, querida. É deselegante e você não pode ser deselegante. Você é a minha pérola, a minha garotinha. — Seu aperto aumenta e ela semicerra

os olhos, me lançando uma careta desagradável. — E por isso eu quero que se lembre que você não pode deixar que as pessoas te quebrem. Você deve quebrá-las primeiro.

Eu não entendo suas palavras.

Não consigo.

Não quando a dor zumba em minha cabeça e o vazio em seus olhos me assusta.

A forma como ela segura o meu queixo dói tanto que lágrimas descem pelo meu rosto e um soluço ecoa no ateliê.

— Você está me machucando, mamãe.

Ela sorri.

Não é verdadeiro.

É totalmente diferente.

É amedrontador.

É como se a minha mãe nem mesmo estivesse ali.

Como se a mulher que está me encarando fosse qualquer outra pessoa, menos a que cantou para mim quando era menor, que pintou quadros coloridos e me levou para a escola.

— Você não vê, querida? — Seu aperto fica mais forte e uma lágrima desce pelo meu rosto. — Ele sempre destrói tudo. Ele sempre leva aquilo que há de mais bonito em nosso coração. Ele é o mal que existe na nossa vida e não posso permitir que a minha menina sofra com ele.

— Ele quem, mamãe?

— O amor, Melany — sussurra, olhando de um lado para o outro. — O amor destrói tudo, cada partezinha que protegemos. Cada momento que achamos único. Cada coisa importante. Ele não é como nos contos de fadas. O amor é veneno, querida. É uma mentira inventada pelos nossos corações.

Ela fala tão rápido que mal consigo entender o significado das suas palavras.

De repente, mamãe olha para o lado de novo, me solta, pega outro pincel e puxa uma tela em branco. Ela vira meu rosto em direção à sua aquarela e o medo toma conta do meu corpo ao mesmo tempo que o pavor me faz estremecer quando ela mergulha o objeto na tinta preta, criando um coração deformado.

Antes que eu possa entender, ela desenha espinhos, facas e até mesmo frascos de veneno ao redor do coração.

É mórbido.

Feio.

Totalmente diferente do que ela sempre pintou.

— Ele me tirou tudo — ela murmura para si. — Ele me prendeu em uma gaiola de ouro que enferrujou. Me destruiu e vai te destruir se eu não o impedi-lo. — Seu pincel pressiona a tela com força. — Ele é uma erva-daninha. Ele é todo o mal existente.

Suas palavras não fazem sentido.

Nada faz.

Tento me levantar quando percebo que ela está perdendo o controle como rara as vezes faz e até penso em correr para fora do ateliê para pedir por ajuda, para que alguém não a deixe se machucar como da última vez.

Porém, antes que eu possa dizer mais alguma coisa, ela se levanta apressada, segurando o meu cotovelo e me levando até o sótão escuro da nossa casa.

*Não.*

*Por favor, não.*

*De novo, não.*

— Mamãe...

— Silêncio, querida — pede, baixinho. — Ele pode nos encontrar.

Meus olhos se enchem de lágrimas.

Ela não vai fazer nada.

Ela me ama.

O amor pode superar tudo.

— Não há ninguém, mamãe. — Engulo em seco. — Papai não está aqui, nem meus irmãos. Somos só nós duas.

— Fique quieta.

Eu faço isso.

Mesmo que eu queira gritar, me mantenho quieta.

Mesmo que o medo tome conta de mim, eu não faço nenhum barulho.

Ela vai perceber logo que não há perigo.

Ninguém a machucará.

— Mamãe...

— Minha linda garotinha. — Ela me senta em um banco e tusso quando inalo a poeira do local. — Você confia na mamãe, certo?

Não.

Não quando ela não está agindo como ela mesma.

Não quando não reconheço a pessoa que está à minha frente.

— Sim, mamãe.

Mas é mentira.

Uma mentira que me diz que terá grandes consequências.

É uma coisa que aprendi a fazer com ela.

— Mamãe vai deixar você aqui quietinha e vai ver como pegar aquilo que a machucou, ok? Eu não vou deixá-lo te machucar. Ninguém vai machucar a minha princesa. Apenas fique aqui — diz, baixinho. Sua voz é tão aguda, tão diferente que me encolho, mordendo o meu lábio inferior. — Eu volto logo, minha bailarina. Apenas fique aqui.

Não há luz aqui.

Não há nada.

Ela não pode me deixar aqui sozinha.

Não.

Não.

*Não.*

— Mamãe...

Ela me leva até o fundo do sótão, me deixa sentada.

— Você não pode fazer barulho, ok?

Mas eu quero fazer.

Quero que as pessoas saibam que ela não está bem.

Que *eu* não estou bem.

Mas ninguém acreditaria em mim.

Ninguém ouviria uma criança.

— Por favor, não, mamãe.

— *Shhh*, mamãe vai cuidar de tudo.

Mas ela não pode.

Eu não posso suportar.

— Mamãe...

Ela não me escuta.

Ela não me tira daqui.

Ao contrário, Laura se vira, sai do sótão e tranca a porta, me deixando no escuro.

No meio de móveis descartados e teias de aranhas. Não há como me mover, não há nem mesmo como respirar. Sinto lágrimas grossas descerem pelo meu rosto e minha respiração falha a cada segundo que um barulho ressoa pela casa.

— Eu sou forte — murmuro, baixinho, entre os soluços. — Eu posso ajudá-la.

*Mas não sei como.*

Cruzo meus braços, beliscando a parte de dentro novamente para saber que ainda estou bem, que isso é real e que o escuro não irá me fazer mal. Me encolho no canto, tremendo quando percebo que o lugar não é aquecido.

Eu vou ficar bem.

Eu preciso ficar bem.

Isso é apenas uma brincadeira dela.

Apenas uma forma dela me dizer que tudo ficará bem.

No entanto, não é.

Porque mamãe não volta.

— Mamãe, por favor — grito, já sem forças.

Eu grito por horas.

Grito para que ela me solte.

O escuro me causa medo.

O barulho que os ratos fazem me assusta.

— Eu vou ser boa, mamãe — sussurro quando já não tenho mais força.

Eu vou.

Eu posso ser.

Mas ela não me ouve.

Ela não vem.

Ela me deixa no escuro por horas.

Ela ouve meus gritos, ouve o meu choro e mesmo assim não me deixa sair.

Eu sinto baratas e até mesmo ratos passarem pelo meu pé.

Mas ela não vem.

Ninguém vem me ajudar.

Eu grito quando um barulho ecoa no andar de baixo.

Encolho-me no chão quando começa a esfriar e estou apenas com o tutu rosa e um collant que já não é o suficiente para me aquecer. Nenhum deles pode me esquentar, não quando a temperatura caiu mais do que o esperado para a noite.

Dói.

Respirar dói.

Manter meus olhos abertos dói.

Tudo dói.

— Mamãe, por favor! — chamo quase sem voz.

Mas ninguém me ouve.

Ninguém poderia.

Meus olhos se fecham por um minuto.

Talvez horas.

Não sei.

Quando volto a abri-los de novo, ainda é escuro.  
Ainda estou aqui sozinha.

No entanto, acho que ouço a porta se abrir, alguém vem até mim e sou apertada em braços fortes que possui um cheiro forte de bebida que embrulha meu estômago.

Me faz encolher ainda mais.

Todo o meu corpo dói.

Minha cabeça parece que vai explodir e odeio saber que papai brigará com a mamãe por ela ter feito isso. Que eu serei o motivo da briga deles *de novo*.

— Coração? — Sua voz é suave e percebo o tom embargado nela. — Sinto muito.

Mas por que ele está se desculpando?

Ele não fez nada.

Papai não estava lá.

Ele não fez nada.

— Papai...

— *Shhh*, meu amor — murmura contra a minha têmpora. — Apenas descanse, papai vai cuidar de tudo.

E realmente faço isso.

Adormeço em seus braços e me permito esquecer o que aconteceu.

Ela me ama.

Ela apenas não estava bem.

Mas tudo em mim se quebra quando acordo no outro dia e mamãe não se lembra de nada.

Papai disse que eu adormeci enquanto brincava de esconde-esconde.

Logan e Aidan nem mesmo souberam do que aconteceu.

Mas eu sabia.

Eu nunca esqueci.

Eu senti na pele.

Eu chorei naquele sótão escuro.  
Eu senti os ratos no meu pé.  
O frio contra meu corpo.  
E o medo está presente nos meus pesadelos até  
hoje.



## CONVITE INESPERADO

*Eu queria poder te deixar me amar agora  
Eu queria, eu queria, eu queria, eu queria, eu  
Eu queria, eu queria, eu queria, eu queria, eu  
E sempre que fica muito verdadeiro  
E sempre que eu sinto como se estivesse sabotando  
Eu começo a fugir novamente*  
**Let You Love Me | Rita Ora**

*Melany Underwood*

Eu não deveria ceder.  
Não deveria deixar Edmund Blackwell chegar até mim.

Não deveria *desejá-lo* por inúmeros motivos.

1. Ele claramente é o meu oposto.
2. Ele é cunhado do meu irmão.
3. Ele é mais velho que eu.
4. É alguém que passei boa parte da minha vida odiando.
5. Nossas famílias mal se suportam.
- ~~6. Ele é um dez.~~

Odiá-lo sempre foi fácil.

Ignorá-lo sempre me pareceu ser a melhor opção.

Eu sabia que se permitíssemos assumir o que desejávamos, seria a nossa ruína.

Eu vivi isso por três anos. Ponderei nossas decisões naquela noite e me arrependi por ter sido tão impulsiva.

Mas, agora, tenho a certeza de que não é apenas a nossa aversão, de que não magoariamos apenas nós dois se caso nos permitíssemos esse momento. E tudo isso, todos os momentos que me lembram da tensão que temos, me deixa presa em um canto que não consigo resolver ou jogar para o fundo do baú.

Eu me sinto prestes a cair.

Prestes a decepcionar pessoas que eu amo.

Mas o problema disso tudo, é que estou ansiosa por isso. Não estou me importando com os problemas futuros se isso significar que Edmund me beijará como me beijou na noite passada.

Suspiro fundo, alisando o conjunto Chanel preto e calço meus saltos antes de me virar e seguir até o primeiro andar, sabendo que o encontrarei lá e direi que precisamos resolver essa situação o mais rápido possível. De preferência antes da minha reunião com a minha coreógrafa e com a minha publicitária. Ou melhor, antes que voemos para Saint Vincent em quatro dias para o aniversário de Jayden.

— Eu estou completamente ferrada — sussurro assim que alcanço as escadas e desço lentamente. — Porra. *Muito* ferrada.

— Por que a irmãzinha do meu amigo estaria muito ferrada?

Dou um sobressalto quando o dono da voz rouca entra no meu campo de visão assim que piso no último degrau e sorri amplamente em minha direção, dando-me a visão perfeita de seus olhos castanhos.

Josh Brown.

O homem que sempre esteve com meu irmão a vida toda, que se mudou para o outro lado do mundo para realizar seu sonho assim como Andi.

Uma das pessoas que sei que moveria o mundo se eu pedisse.

Seu sorriso se alarga e percebo que é genuíno. Daqueles que sempre abre quando está ao redor das pessoas que ama. Josh, inclina a cabeça para o lado e me estuda com curiosidade antes de cruzar os braços frente ao corpo destacando a camisa de linho azul.

— Então? — instiga, quando apenas o encaro.

— Você não deveria estar em Londres? — desconverso com um sorriso tenso.

*Não me diga que irá ficar.*

*Não aqui.*

*Não até que Edmund e eu resolvamos tudo.*

— Deveria, mas voltei para um evento na cidade e para o aniversário de Jayden — conta, dando um passo à frente. — Agora pare de desconversar e me diga o porquê a minha Underwood favorita está ferrada. Quem devemos matar ou colocar na prisão?

*Jesus Cristo.*

Abro os lábios para respondê-lo, para inventar qualquer desculpa.

Como direi que estou ferrada porque beijei o melhor amigo dele no Parker Club? E que também passei a noite toda ao seu lado e o beijei *de novo* e disse que ele poderia ter tudo que quisesse? Ou que também tenho sonhos nadas decentes com Edmund e neles eu claramente não sou a irmãzinha de Logan?

— Ela atrai problemas como se fosse um imã. — A voz rouca de Edmund ressoa atrás de mim e todo o meu corpo se arrepia. A lembrança de como ele sussurrou aquelas palavras há poucas horas. Como perdi o controle depois de saber o que ele fez. *Deus, eu preciso sair*

*daqui.* — Você ainda está surpreso que ela esteja ferrada por algo?

Viro meu rosto, lentamente deixando meu pensamento de lado e encaro o lugar onde ele está encostado. A lateral das suas costas se apoia no batente do corredor que liga à cozinha e vejo que ele tem um pano de prato em seu ombro.

Os olhos dele brilham com um desafio velado que Josh nem mesmo perceberia se tentasse e percebo que os cantos de sua boca lutam para não se erguerem em um sorriso desafiador. Abaixo meu olhar, com calma, fitando a sua camisa de colarinho branco com um suéter preto por cima.

*Merdinha.*

*Fodido Blackwell.*

Reprimo um revirar de olhos e abro um sorriso em sua direção.

— Alguém já te disse que você se veste como um idoso?

Forço uma careta de desdém e escuto Josh segurar uma risada.

— Felizmente, você é a primeira. — Ele une as sobrancelhas.

Mordo o lábio, segurando uma risada.

— Felizmente?

— Sim.

— Por quê?

— Porque se outra pessoa ousasse dizer isso, ela provavelmente não estaria viva até o final da frase — diz sem expressão alguma e coloca as mãos nos bolsos frontais da calça azul-marinho.

Semicerro os olhos e me viro para Josh com uma expressão derrotada.

— Me diga, por favor, que você está aqui para convencê-lo a voltar para a Europa.

O amigo de Ed solta uma risada nasalada e dá um passo para trás, levando as mãos até os cabelos e bagunçando o pequeno rabo de cavalo.

— E eu achando que vocês estavam começando a se dar bem.

— Nunca — dizemos em uníssono.

Encaro Ed, por um momento, em uma conversa silenciosa e solto uma lufada de ar antes de passar por ele e seguir em direção à cozinha, sabendo que não posso ficar perto dele por muito tempo sem deixar escancarado em meu olhar que estou pensando no que aconteceu na noite passada.

No entanto, ouço passos assim que estou prestes a alcançar a geladeira e sei que ambos estão atrás de mim. Mesmo assim, apenas sigo até ela e pego minha salada de frutas, antes de puxar uma baqueta e me sentar, ignorando a presença dos dois.

— Então como estão conseguindo sobreviver? — Josh inquire, curioso.

Finco o garfo em um cubo de manga e o levanto, observando como a fruta é mais convidativa do que essa conversa, antes de encarar os dois que agora estão andando pela enorme cozinha. Edmund se vira, pegando algumas cápsulas e claramente com nenhuma intenção de responder a Josh que se escora na ilha, me lançando um sorriso.

— A base de um contrato — esclareço, depois de um longo momento.

Brown arregala os olhos, enquanto Ed apenas caminha até a máquina de café e enrola o suéter escuro até o cotovelo. Observo seus braços levemente musculosos, com veias salientes que desenhavam caminhos intrigantes na pele. Minha mente viaja até a madrugada passada em que tive vontade de traçar cada pedaço dele enquanto o beijava.

*Você.*

*Tudo o que está disposta a me dar.*

Deus, eu vou enlouquecer.

— Vocês realmente fizeram isso? — Josh questiona, descrente e me tirando dos meus devaneios impróprios. — Assinaram um maldito contrato?

Dou de ombros, voltando a minha atenção para a minha salada de frutas enquanto ouço Edmund soltar um suspiro irritado e se virar para nos encarar.

— Pensando agora, eu deveria ter insistido em um acordo de confidencialidade também — Ed zomba assim que sua atenção se fixa em mim. — Você parece que desconhece a palavra sigilo comercial.

— Não sabia que estávamos escondendo um acordo benéfico.

— Não vejo onde esse acordo é benéfico para mim, já que preciso te suportar. — Ele ergue uma sobrancelha e volta a encarar Josh que nos observa em silêncio. — O que você realmente está fazendo em Nova Iorque?

Pressiono os lábios juntos, formando uma linha fina, enquanto decido não refutar sua resposta petulante. Não quando provavelmente terminará conosco quebrando mais uma cláusula do nosso contrato e um possível atraso para a minha reunião.

No entanto, Josh suspira fundo, caminha até o armário e pega uma xícara, se servindo do café que Edmund acabou de preparar.

— Haverá um baile da empresa da minha família amanhã — diz, se sentando ao meu lado e brincando com seu café sem encarar seu amigo. — Na verdade, o propósito dessa festa será anunciar que meus pais estão se divorciando.

Meus olhos se arregalam e minha boca se entreabre, capturando o impacto de suas palavras enquanto giro minha cabeça, com calma, até que estou encarando-o como se tivesse me dito algo impossível.

— Seus pais irão se divorciar? — indago, incrédula.

— Acho que terei que me acostumar com essa expressão até amanhã à noite — zomba, mas percebo o toque de tristeza em suas palavras. — Mas de qualquer forma, eles irão. Mamãe tem um caso extraconjugal e papai quer assumir a amante.

Tento e claramente falho em não demonstrar que estou perplexa mesmo não conhecendo bem seus pais. A família de Josh sempre foi mais reservada. Mesmo que Logan seja próximo dele, nunca me interessei em saber mais sobre a dinastia Brown, apenas sei que eles quase não participam de eventos e quando participam, se mantêm à distância.

— Como você está lidando com isso? — Ed questiona, levando a xícara aos lábios.

O rosto de Edmund não me entrega nada, mas posso perceber que está tenso pela sua mandíbula pouco tensionada e pela forma como seus olhos se tornam mais escuros.

— Eu não me importo, na verdade. — Josh dá de ombros, pegando seu celular e girando-o na mão. — Isso sempre foi inevitável. Eles não se amam há muito tempo e acho que o melhor a se fazer é tentar encontrar a felicidade separados. Eu posso ficar bem com eles não sendo um casal, o que não posso mais suportar são as discussões sempre que estou em casa e a forma como fingem que ainda sentem algo um pelo outro.

Suas palavras me pegam desprevenida.

Meu olhar por um momento se abaixa até o colar em meu pescoço e me pego levando minha mão esquerda até o pingente de coração que contém uma pequena rachadura por conta do acidente. Mesmo que eu tente não demonstrar, uma dor irrompe meu peito e custa tudo de mim para não demonstrar que estou entrando em meu labirinto de memórias que sempre me mantêm refém.

Se meus pais tivessem feito isso, será que teríamos o mesmo fim?

Se eles não fossem tão orgulhosos, será que meus traumas seriam menores?

Se eles tivessem se separado, mamãe teria se cuidado melhor e evitado as crises?

E papai ainda teria se afundado na bebida?

E meus irmãos ainda se amariam?

Aidan teria se destruído por um amor fracassado se tivesse sido criado com uma base familiar estável?

Logan não precisaria se preocupar comigo todos os dias?

E eu ainda teria algo para oferecer que não seja apenas o meu corpo?

O tilintar de um porcelanato sendo colocado à minha frente me tira dos diversos questionamentos que me prendiam. Edmund colocou uma xícara de chocolate quente à minha frente e me encara com um olhar diferente, quase que preocupado.

De imediato, forço meus lábios para cima em um sorriso falso.

— Você está bem? — pergunta quando Josh se levanta e vai até a máquina de café. — Você...

— Eu estou bem — interrompo-o. — E também estou atrasada.

Levanto-me, ignorando a dor ainda presente em meu peito e dou passos lentos até a pia, deixando a xícara cheia da bebida que sou apaixonada, sabendo que todo o desejo de comer sumiu. Contudo, assim que me viro para os dois novamente, percebo Josh levar as mãos até os cabelos e os amarrar em um pequeno coque.

— Antes que você vá, Mel, preciso dizer algo.

Meu corpo gela e desvio minha atenção até Blackwell.

Ele não sabe.

Ninguém poderia saber.

Apenas preciso respirar.

— Ok.

— Eu preciso que você e Ed estejam presentes no baile. — Deixo meus lábios ligeiramente abertos, aliviada e sem saber como responder. — Vocês são os únicos que conseguirei suportar naquela festa, mesmo que isso signifique que talvez eu tenha que apaziguar a sua possível briga.

Meu olhar escorrega até Edmund que ainda me encara de uma forma que não deveria.

Não depois do que aconteceu naquele banheiro. Ou ontem. Ou naquela maldita noite. Porém, isso não se trata do que desejamos. Não se trata de como nos sentimos.

É algo maior. Mas, mesmo assim, sinto que iremos cometer um grande erro se formos nesse baile, principalmente porque sei que metade da elite nova-iorquina estará lá e estou evitando esse lado da sociedade desde que o pedido fracassado de casamento foi assunto em todas as mídias.

Abro meus lábios para negar e dizer que Edmund será uma companhia melhor do que eu — mesmo que seja mentira —, mas sou interrompida quando o idiota solta um pequeno arranhar de garganta e me encara.

— Nós iremos. Se você precisar de nós, nós estaremos lá — Ed afirma e desejo assassiná-lo no mesmo instante. — E não se preocupe, Melany e eu podemos conviver por uma noite. Não é, Mel?

Eu não apenas desejo matá-lo, eu irei fazer isso.

Com facas. Fogo ou qualquer coisa que possa infligir uma dor excruciante.

Depois irei ligar para alguém e jogarei o maldito corpo no mesmo lago que convenci Analu a afundar aquele carro horrendo de Mike Burhan. Não, eu farei pior. Eu vou cortá-lo em pedacinhos e jogar seus malditos restos mortais aos porcos.

Decapitar um corpo deve ser fácil. Pelo menos é o que os programas criminais que sempre assisto com Andrew dizem. Veneno também poderia ser uma alternativa menos bagunçada e eu acho que adoraria observar Edmund sufocar até a morte.

— Mel? — Josh me chama, interrompendo meu pensamento homicida.

Balanço a cabeça, triste por não ter a oportunidade de colocar tudo o que acabei de imaginar em prática e sorrio.

Eu realmente estou ferrada.

*Pra caralho.*

— Claro, estarei lá por você.



— *Você vai em um baile?* — a voz de Andrew ressoa pelo meu closet enquanto observo as dezenas de vestidos pendurados. — *Com Edmund e Josh?*

Giro meus calcanhares em direção ao *iPad* e suspiro fundo antes de passar a mão pelo penteado que passei quase uma hora fazendo com ajuda de um tutorial no Youtube.

— Algo assim. — Franzo o nariz, puxando dois cabides e os levantando em direção ao tablet que está posicionado em cima da ilha de mármore. — Escolha.

Meu amigo franze o cenho, estudando as duas peças e, por um momento, desejo apenas vestir um dos meus inúmeros pijamas de corações e me acomodar na minha cama com um filme de comédia romântica como companhia.

— *O preto, sem dúvidas. Ele foi desenhado pela minha madrinha e vai ficar lindo em você.* — Meu melhor

amigo leva uma taça aos lábios e me lança um sorriso. — *Agora, comece a me explicar.*

Solto um suspiro, deixando o outro vestido de lado e parando em frente à tela com o que escolheu, antes de suspirar fundo e caminhar até a lateral do closet onde tiro meu robe e começo a me arrumar.

— Os pais de Josh vão anunciar o divórcio nesse baile e não há nenhum dos nossos amigos na cidade além de Edmund e eu. Por isso estou acompanhando-os. Vou dar apoio a um dos nossos amigos, Andi. Mesmo que eu odeie bailes assim e odeie estar perto de Blackwell, farei isso por Josh — digo, deixando meus ombros caírem, me aproximando da tela novamente e percebo que meu amigo apenas me encara por um momento com uma expressão preocupada. — O que foi? Você acha que é uma péssima ideia?

Ele engole em seco e automaticamente minhas sobancelhas se unem.

— *Não, não é isso.*

— Então o que é?

— *Estou apenas receoso porque você pode encontrar com o Liam. A família de Josh tem negócios com a dele, então é provável que ele esteja lá também, Mel.* — Meu corpo enrijece e sei que ele percebe. Sei que está apreensivo com a forma como irei lidar ao encontrar o meu ex-namorado depois de semanas. — *E, merda, eu gostaria de estar aí para enfrentá-lo ao seu lado. Eu queria estar aí para socá-lo da forma como merece depois do que fez com você.*

— Eu sei me cuidar, Andi.

— *Eu sei. Mas isso não significa que eu não me importe com você.* — Ele solta um longo suspiro. — *Apenas se cuide, ok?*

Encaro a tela por alguns segundos em silêncio.

Não tenho medo de encontrar Liam. Não tenho medo de enfrentá-lo. Na verdade, fui muito complacente

em deixá-lo para lá depois de tudo o que me fez. No entanto, não sei como seguraria meu punho caso ele tentasse falar comigo.

Seria uma péssima ideia ser presa por agredi-lo em um baile de gala.

— Eu posso lidar com um herdeiro mimado que não sabe se colocar no seu lugar. — Abro um sorriso. — Agora me conte como está Lyon enquanto eu termino de me arrumar antes de o merdinha dos Blackwell venha me dizer que estou atrasada. *De novo.*

Andi solta uma risada antes de se encostar em seu sofá e começar a me contar sobre tudo o que está fazendo na universidade enquanto tomo meu tempo tentando fechar o vestido e não tendo sucesso. Mesmo com a luta para não estragar a peça, tento ao máximo prestar atenção sobre a forma como fala sobre amar o clima europeu e como fez amizades.

Andi está feliz. Mais feliz do que um dia presenciei e mesmo que meu mundo seja uma bagunça sem ele, sei que tomou a decisão certa em buscar o seu sonho.

Passo todos os minutos seguintes escutando meu amigo dizer sobre a sua vida em outro país enquanto me sinto uma merda por esconder dele o que está acontecendo aqui.

Não digo que beijei a pessoa que passei anos odiando.

*Duas vezes.*

Que Edmund também criou um sistema de iluminação para que eu nunca ficasse no escuro.

Nem que esteja claramente tentada a beijá-lo de novo. Ou que passo metade do meu tempo fantasiando as formas como ele pode me foder em todos os cômodos dessa casa. Que eu permitiria que ele repetisse cada coisa que fizemos naquele hotel anos atrás e que claramente estou perdendo o juízo.

Não digo nada e me sinto uma péssima amiga por isso.

Mesmo que eu saiba que Andi nunca me julgaria.

— Nós vamos nos atrasar, Melany. — A voz rouca e inexpressiva de Ed me faz revirar os olhos. — E realmente não pretendo chegar lá depois do anúncio, já que o intuito é estar lá por Josh.

Reprimo um palavrão, sabendo que isso não ajudará em nada e apenas giro meus calcanhares e sorrio tensamente para meu amigo que está tentando não soltar uma risada pela voz de Edmund.

— *Essa é a minha deixa.* — Ele se inclina, pegando seu tablet. — *Se divirta, ok?*

— Sempre. — Meus olhos brilham. — Te ligo amanhã.

— *E, Mel?* — Andi solta um sorriso singelo. — *Seus problemas são meus problemas.*

Inclino ligeiramente a cabeça para o lado, observando como ele sorri.

— Seus problemas são meus problemas, Andi.

Sem mais, ele desliga.

Com um longo suspiro, giro meu corpo em direção à porta e abrindo-a, esperando que o corredor esteja vazio. Entretanto, não está. E acho que nem mesmo respiro quando meu olhar encontra o de Edmund escorado na parede adjacente.

Por um instante, o mundo parece parar.

Por um instante, eu não vejo mais nada.

Ele está impecável.

Seus cabelos estão levemente bagunçados de um jeito propositalmente despretensioso. O smoking preto abraça seu corpo, destacando sua postura elegante. A camisa branca impecável contrasta com o tecido escuro e a gravata.

Seus olhos se arrastam por todo o meu corpo, estudando-me com calma assim como faço com ele.

E por um instante me pergunto o que ele vê.

O que está oculto em suas pupilas.

O que não está dizendo.

— Você já terminou? — indaga, seu tom saindo mais rouco do que esperava.

— Do quê exatamente?

— De me foder com os olhos.

Ergo uma sobrancelha, soltando um suspiro.

— Preciso de ajuda — digo, entredentes, me virando e voltando para o closet. — Não consigo fechar o zíper e, *infelizmente*, você é o único que pode me ajudar com isso.

Paro em frente ao espelho e observo-o caminhar até estar atrás de mim.

Seu olhar se crava no espelho, capturando o meu e preciso de tudo para não engolir em seco pela forma como estamos. Ed, lentamente, ergue suas mãos até a curva da minha cintura e segura o zíper do meu vestido, puxando-o com cuidado para cima.

Cada centímetro da subida parece aumentar a tensão entre nós.

Seus dedos roçam na minha pele exposta, um toque leve, mas carregado de eletricidade. E tudo em mim queima, tudo parece prestes a explodir em milhões de estilhaços.

Fecho meus olhos por um instante, sentindo o calor de suas mãos, a suavidade do toque contrastando com a forma como meu coração bate desenfreadamente. Assim que alcança minhas omoplatas, suas mãos hesitam por um momento, como se estivessem tentando absorver cada detalhe daquele toque, antes de finalmente se afastar.

— Impressionante.

Meus olhos se abrem, encontrando os seus.

O silêncio, de repente, se torna ensurdecedor, e a sala parece ter encolhido ao nosso redor. Cada

movimento, cada respiração, é amplificado.

Sinto a ligeira subida e descida dos meus ombros enquanto respiro, e me pergunto se ele pode ouvir meu coração batendo tão alto quanto eu posso senti-lo. Me questiono o que ele faria se eu me virasse e beijasse-o novamente.

Tudo em mim clama por isso.

Tudo em mim está prestes a ceder.

Posso ver a mesma mistura de ansiedade e expectativa em seus olhos.

Lindos.

Frios.

Perfeitos.

— O que é impressionante?

Meus olhos caem para o meu vestido e sinto um arrepio ao ver o reflexo.

Por segundos apenas me encaro.

O vestido preto longo abraça meu corpo perfeitamente e meus olhos se tornam vazios ao perceber o quão parecida com *ela* estou nesse momento. O corpete sem alças destaca meus ombros e meu colo, e a saia volumosa se abre em um elegante formato, onde uma fenda lateral revela uma parte da minha perna.

É perfeito.

Algo que nunca imaginaria ter.

Algo que está acima de qualquer uma peça que um dia imaginei usar.

Abro meus lábios para dizer que concordo com ele, que esse vestido pode ser comparado a oitava maravilha do mundo, mas sou interrompida pela batida estridente na porta.

— Você, wildcat. — Ele se inclina, tocando meu pescoço. Tenho vontade de dar um passo para trás e me encostar em seu peito. — Você é impressionante.

Engulo em seco.

Nunca deixando de encarar seus olhos.

Acho que nunca poderia deixar.

Ele me mantém presa, mesmo que não esteja fazendo nada.

Edmund tem tanto poder sobre meu corpo que me assusta.

Cada átomo, cada célula, sabe o que fazer quando ele se aproxima.

É aterrorizador.

Os cantos da minha boca se erguem ligeiramente, enquanto tento a todo custo, colocar uma expressão de escárnio em meus olhos para que ele não perceba o quão abalada estou.

— Eu acho que você claramente está sonhando demais, nerd.

Edmund se inclina mais. Ficando perto de mim.

Perto demais para o bem da minha sanidade.

Perto demais para que eu possa sentir o seu cheiro amadeirado.

Ele abaixa o rosto, fitando-me de uma forma que poderia fazer o céu cair na terra antes de resvalar sua boca na extensão do meu pescoço.

Não é sutil.

Não é gélido.

É como o calor de mil sóis.

Como um vulcão em erupção.

É inebriante.

Desconcertante.

Insano.

— Nos meus sonhos, linda, você fica ainda mais impressionante quando meu pau está enterrado em sua boceta e seus gritos preenchem meu quarto todas as vezes que te faço gozar.

Engulo em seco ao mesmo tempo que ele se afasta.

Acho que nem mesmo consigo caminhar.

Eu não deveria ir por esse caminho.

Não deveria mesmo.

Não posso.

Mas a linha foi cruzada há muito tempo e sei que será impossível resistir. Porque depois desse baile, tenho a impressão de que nada será como antes.



## MINHA RUÍNA

*Conheço todos os seus segredos  
Eu conheço todas as suas mentiras  
Eu sei onde você os mantém  
Enterrado profundamente  
Não, você não pode esconder*  
**Secrets and Lies | Ruelle**

*Edmund Blackwell*

Eu me tornei a epítome do controle depois de tudo o que aconteceu com a minha família.

A personificação de equilíbrio e sensatez.

Aprendi a reprimir as minhas emoções. A nunca esperar que o destino traga surpresas que não estou preparado e a desejar apenas aquilo que está predestinado a ser meu. Se eu não mantiver as esperanças, não há com o que me decepcionar.

Sempre foi assim para mim.

Até que, algum momento, entre a volta de Verônica a Saint Vincent e o agora, me peguei desejando a irmã do meu cunhado. A mesma que é o sinônimo de problemas,

que odeia tudo o que represento e me tira da minha zona de conforto sem se importar.

Aquela que me lembra de todos os pecados da minha família e de todas as cicatrizes que carregamos. Que me faz lembrar que odiei o sobrenome Underwood por muito tempo. Que alimentei esse ódio todas as vezes que via minha irmã chorar e sempre que o dia nove de janeiro chegava e minha mãe cedia ao sofrimento, se isolando do outro lado do mundo.

Por anos, não me importei em odiar tudo o que a caçula dos Underwood representava. Porém, agora, enquanto observo-a caminhar pelo enorme salão do hotel cinco estrelas onde está acontecendo o baile dos Brown, percebo que talvez eu tenha caído em desgraça pela única mulher que não deveria. Que Melany, além de me lembrar tudo o que odeio, também habita cada espaço da minha mente, me deixando totalmente obcecado desde que meus lábios tocaram os dela anos atrás.

Ela esteve lá quando eu não desejava. Ela morou em meu pensamento por tanto tempo que acho que nem mesmo saberia como seria a minha vida, se não pensasse, a todo instante nela.

Suspiro fundo, levando a taça de Merlot aos meus lábios e observo todo o ambiente abarrotado de pessoas insuportáveis que apenas estão atrás de talões de cheque e uma posição na pirâmide hierárquica. De relance, observo que toda a elite nova-iorquina compareceu ao evento, o que fará com que o anúncio dos pais de Josh percorra todos os próximos eventos que acontecerão.

— Você parece mais nervoso do que eu que terei que lidar com toda imprensa mais tarde e acionistas que irão querer o coração do meu pai quando as ações começarem a despencar. — A voz de Josh me faz desviar

a atenção dos convidados e encará-lo. — Quer me dizer o que está te tirando do sério?

Uno as sobrancelhas.

Tudo.

Cada maldito segundos desde que vi Melany naquele vestido.

Desde que a beijei e ansiei por mais.

— Não há nada — minto, levando a bebida até minha boca.

— Eu te conheço há mais tempo do que qualquer um aqui, Ed — meu amigo afirma, segurando a haste de sua taça. — Então comece a falar antes que eu te irrite mais do que o necessário.

Suspiro fundo, levando as mãos até minha gravata e a afrouxando.

Meus olhos rapidamente percorrem todo o espaço em busca de uma saída para que eu não precise contar o real motivo pelo qual estou a um passo de perder toda a minha paciência. Entretanto, meu olhar se fixa na única pessoa que chama a atenção desse lugar, mesmo estando em um mar de vestidos caros e cores que irritam meus olhos.

Ela se destacaria em qualquer lugar.

Em qualquer momento.

Porra.

Melany é a mulher mais encantadora desse lugar e todos podem perceber isso.

Basta apenas ela sorrir e piscar aqueles lindos olhos azuis que qualquer merdinha tentaria lhe dar o que pedisse.

O meu carma joga a cabeça para trás, soltando uma risada e percebo que sua atenção está na companhia à sua frente que apoia suas mãos em seus cotovelos de leve. Minha mandíbula tenciona quando percebo que ele consegue escutar o som de sua risada e

apreciar como os olhos dela se enrugam quando está rindo verdadeiramente.

Ela joga os cabelos para trás, dando a ele um visão de seu decote e o idiota se aproxima com calma, sussurrando algo para ela que franze ligeiramente o cenho, mas não o afasta. Na verdade, Mel apoia sua mão no antebraço dele e diz algo que o faz sorrir.

Mesmo que o meu rosto esteja pacífico, não é assim que me sinto.

— Por que Dominic Allister está aqui? — indago, antes mesmo que eu possa segurar e percebo que meu tom é mais duro do que almejava.

Josh segue meu olhar e percebo um pequeno sorriso nascer em seus lábios.

— Ele é um dos maiores jogadores de hóquei da NHL e a empresa da minha família patrocina alguns dos jogadores da sua equipe, em especial ele — conta e a admiração em sua voz me irrita ainda mais. — A pergunta que *eu* deveria fazer é o porquê diabos Dominic está te irritando.

— Ele não está.

— Sim, e eu sou a fada madrinha — zomba, sarcástico. — Desembuche.

Viro meu rosto em direção ao meu amigo que me encara com um olhar estranho.

Penso em dizer a ele o motivo pelo qual Allister está entrando para a minha lista de possíveis adversários, que eu poderia destruir o que ele chama de carreira em poucos segundos ou que se ele chegar mais um centímetro perto dela, estarei quebrando a porra dos seus joelhos.

Todavia, apenas suspiro fundo e percebo que meu vinho está quase no final, o que me indica que será impossível passar por todo esse martírio sem estar bêbado.

— Digamos que ele tem algo que desejo muito — digo cautelosamente, girando meus calcanhares e indo em direção ao bar. — E eu odeio me sentir ameaçado.

Sem esperar por uma resposta, caminho até meu destino entregando a taça para o barman que meneia a cabeça antes de ir buscar mais uma dose. Aproveito o momento para observar todo o ambiente iluminado por imensos lustres de cristal que pendem do teto alto, as paredes são revestidas com painéis de madeira escura e esculpidos, intercalados por espelhos dourados que fazem o espaço parecer ainda mais grandioso.

Uma demonstração patética de poder e dinheiro.

De relance, fito os pais de Josh movendo-se pelo salão com uma graça ensaiada. E percebo que a cada canto que olho, posso ver empresários influentes, filantropos e socialites — que estampam as páginas das revistas de moda e negócios — tentarem a todo custo chamar atenção de uma forma tão escancarada que me causa ânsia.

No entanto, é a visão de uma pessoa que odeio com todos os meus átomos que me faz desencostar do balcão, esquecendo a minha bebida, e atravessar o salão, mantendo a postura confiante. Cada passo que dou, parece ecoar no mármore e posso sentir os olhares curiosos.

Quando finalmente fico frente a frente com ele, estreito meus olhos, observando como o filho da puta é ligeiramente mais baixo que eu, mas compensa com um sorriso sarcástico estampado nos lábios e os olhos escuros brilhando em arrogância.

— O que você está fazendo em Nova Iorque? — questiono, minha voz firme, mas controlada.

Ele inclina a cabeça levemente e leva as mãos até os cabelos quase castanhos, perfeitamente penteados para trás.

Patético.

Liam O'Brien é totalmente patético.

— Blackwell — cumprimenta ainda mantendo o sorriso em seu rosto. — Você já foi mais receptivo.

Sua mão se ergue e apenas abaixo meus olhos observando a audácia do idiota antes de observá-lo trincar os dentes quando percebe que não tenho intenção de tocá-lo.

— Não me faça repetir — grunho, baixo o suficiente para que apenas ele ouça. — Responde a minha pergunta antes que eu perca o resto da minha paciência.

— Ou você vai fazer o quê? — refuta, arrastando o olhar até Mel. — Devo contar à minha ex-noiva o porquê de ter desaparecido da vida dela?

— Ela *nunca* foi sua noiva — rosno, dando um passo à frente. — Melany nunca vai ser *sua* e isso é a porra de uma promessa. Agora pare de me enrolar.

Ergo uma sobrancelha, quando seu sorriso aumenta.

— Nós dois sabemos o porquê ela não foi. — Ele dá um passo adiante. — Nós dois sabemos que se você não tivesse feito o que fez, Melany estaria usando o anel da minha família, tendo os meus herdeiros e carregando o meu sobrenome. — Raiva toma conta de mim, tudo que penso é em socá-lo. — E mesmo que odeie saber que estão morando juntos, que está mantendo-a longe de mim, eu sei que você nunca a terá como eu a tive. E você me odeia porque sabe que no fim, quando ela descobrir tudo, ela vai ser minha de novo. Ela vai te odiar como odiava ou pior do que isso, e eu vou usar disso para mantê-la longe de tudo o que você representa.

Fecho minhas mãos em punhos, contando mentalmente até dez.

Se eu perder a minha paciência, tudo irá acabar antes que eu tenha êxito.

Se eu agir errado logo agora, irei perder o que quero.

Contudo, se o matar, ninguém nem mesmo saberia a que ele se refere. Por isso, dou-lhe um sorriso amigável, mas há uma intenção clara de ameaça por trás do meu olhar.

— Esse é o meu último aviso para ficar longe. — Não desvio o olhar do seu. — Se você ousar respirar perto dela, olhar em sua direção ou tentar qualquer contato. Diga adeus aos dias no ringue. Se você disser uma palavra, eu destruo o império de merda da sua família e coloco todos os segredos sujos que escondem na Times Square. — Dou mais um passo. — Eu vou arruinar tudo o que ama se você fizer algo que a coloque contra mim. Acabarei com o que resta da reputação da sua família e vou fazer isso com um sorriso no rosto. Então te aconselho a sair de Nova Iorque, de novo, antes que eu mesmo te expulse daqui.

— Você não poderia...

— Eu sou um Blackwell, posso fazer o que eu quiser.

Liam me dá um olhar carregado de desdém antes de me encarar dos pés à cabeça.

— Você acha que eu tenho medo do seu sobrenome?

— Não é do meu sobrenome que precisa ter medo, é de mim. — Por um breve momento, seus olhos me mostram que, por baixo da sua postura irritante, há apenas um idiota. — Porque eu vou enterrar você e sua carreira sem mover um músculo sequer e, no fim do dia, vou apreciar o meu feito com uma taça de vinho ao lado da *minha mulher*.

Seus olhos se tornam furiosos pela última sentença e meu sorriso aumenta.

Porém, sem que ele consiga responder algo, sinto o perfume de Melany antes mesmo que ela pare ao meu lado, fuzilando seu ex-namorado de uma forma que até mesmo meu pai teria medo.

— O que você está fazendo aqui? — Sua pergunta é regada a veneno e sorrio por isso. — Na verdade, como você tem coragem de aparecer aqui?

— Oi, Mel — ele diz com uma calma que me irrita.  
— Nós...

— Não me chame pela forma como meus amigos me chamam, você não é digno disso. — O olhar dele vai de mim até ela e tenho vontade de puxá-la para mais perto, mas apenas me contento em relaxar meus músculos e deixar que uma expressão vitoriosa tome conta do meu rosto. — Agora comece a dizer o porquê estou tendo o desprazer de te ver.

— Eu...

— Você é insignificante. Sempre foi e sempre continuará sendo — interrompo-o, sabendo que ele não merece a sua atenção. Ele *nunca* irá merecê-la. — Saia daqui antes que eu faça com que te joguem fora como o lixo que é.

Ele me fita com raiva antes de encarar Mel novamente. Seu olhar suplicante me indica que ele está disposto a tudo para ter um momento com ela. Contudo, antes que o idiota possa dizer algo, giro nossos corpos e saio de perto de sua presença.

Assim que chegamos no centro do salão, minha mão repousa suavemente na cintura dela, enquanto a outra segura sua mão com delicadeza. Seus olhos brilham furiosamente, refletindo as luzes ao nosso redor e sei que Mel está prestes a se afastar.

Porém, assim que ela dá um passo para trás, os primeiros acordes de *Secrets and Lies* começa a ressoar e sem entender o motivo, levo-a até onde os casais começam a se alinhar para dançarem.

— Não ouse — ela murmura.

Sorrio.

É tão falso quanto essa noite.

Nada em mim é verdadeiro nesse momento ou em qualquer outro.

Eu sou um aglomerado de mentiras. Sou tudo o que falam que um Blackwell é. E mesmo assim, não suporto a ideia de a mulher em meus braços saber que sou uma fraude, que a pessoa que ela está começando a conhecer é totalmente diferente.

— Apenas fique quieta e dance, wildcat — murmuro, baixo, sentindo meus pensamentos se aquietarem por alguns minutos. — Todos estão nos olhando e Josh não precisa que estraguemos ainda mais a sua noite.

Ela tensiona a mandíbula, fincando suas unhas em meu paletó quando começamos a nos mover juntos ao ritmo da música. Não noto nada ao nosso redor, é como se o mundo estivesse parando para que possamos aproveitar esse mísero momento antes de a realidade bater com força em nossos rostos.

Assim que a giro, percebo que estamos praticamente imitando os passos que fizemos no estúdio do nosso apartamento. Mel me segura como se sentisse que estamos prestes a cair, como se o mundo fosse apenas um resquício do que representamos.

Seus olhos encontram os meus quando o refrão ecoa e percebo que cada passo nosso é sincronizado. Cada giro é uma coreografia perfeita que parece ter sido ensaiada por anos.

Sinto o tecido macio de seu vestido deslizar contra o meu terno enquanto giramos pelo salão. E gostaria que a música nunca acabasse, que sempre ficássemos assim, que nada pudesse me tirar dela. E tenho a impressão de que aqui o mundo é melhor, mesmo que seja por um momento finito.

O olhar dela se prende ao meu enquanto minha mão desce até a sua cintura e a outra se entrelaça na sua já levantada. Melany me encara sem proferir

nenhuma palavra, acho que nem mesmo respira quando começamos a rodopiar pelo salão em uma sincronia que me surpreende.

— Não o deixe entrar na sua vida de novo — sussurro, quando ela volta de um giro e ergue uma sobancelha. — Ele não te merece.

A música é apenas uma cacofonia distante. Apenas uma melodia que serve como plano de fundo para a forma como nos encaramos.

O mundo parece que desacelera.

Ela é tudo o que vejo.

— Não faça isso — diz, erguendo o rosto e me dando acesso à imensidão azul de seus olhos. — Não finja que se importa.

Azul cristalino.

O mesmo tom das águas do oceano da casa de praia que sou apaixonado.

A minha cor favorita.

— Não me importo — minto. Porra, ela é tudo o que me importo há tanto tempo. — Mas Logan odiaria saber que estou deixando a sua irmãzinha foder com o ex que praticamente a tachou como uma vagabunda.

Raiva pura brilha em sua expressão.

*Isso, querida, me odeie.*

— Eu não preciso que me lembre disso — grunhe, franzindo os lábios. — Além disso, não preciso foder com ele quando posso ter quem eu desejar, nerd.

Sorrio quando ela gira para a direita e rodopia de volta, fazendo com que minha mão volte a se fechar em sua pele. Mesmo que tudo dentro de mim queime pela sua frase, não deixo que ninguém perceba.

Que *ela* não perceba.

— Então você quer Dominic Allister?

Ela franze o cenho, confusa.

Eu espero ansioso pela sua resposta.

Espero pacientemente.

— Dom é meu amigo.

— Ele, com certeza, não te quer como amiga.

Percebo que algo a atinge de imediato e me arrependo pelas minhas palavras.

— Por quê? — Sua cabeça se inclina para o lado. — Eu não sou boa o suficiente para ser considerada uma amiga?

— Porque você é boa *demais* para ser apenas uma amiga, linda. — Umedeço meus lábios, observando como ela acompanha o movimento. — Você é inacreditável. Cada parte sua e isso deixaria qualquer homem maluco.

Os azuis dos seus olhos não desviam dos âmbar dos meus.

É errado.

Mas também é tão certo.

Eu me lembro do gosto dos seus lábios.

Da forma como ela me segurou quando a beijei.

Tudo.

Cada parte dela inebria os meus sentidos.

— Incluindo você?

— Eu principalmente, querida — Inclino-me, sentindo o cheiro de seu perfume. — Na verdade, estou começando a achar que sou o único dessa lista.

— Por quê?

— Porque eu seria capaz de matar qualquer pessoa que se ache digno de você. — Minha mão aperta a sua cintura. — Você foi feita para ser minha, wildcat. Mesmo quando nos odiávamos, mesmo quando queria que você sumisse da minha frente e mesmo quando lutamos um contra o outro. Em qualquer momento, você *sempre* deveria ter sido minha.

Acho que nem mesmo se quiséssemos desviar o olhar, teríamos êxito.

— Você foi embora por três anos.

Percebo algo em seu tom.

— Eu fui.

— Você nunca voltou.  
— Você sabe que voltei.

Ela não me responde. Eu não peço uma resposta.

Apenas ficamos nos encarando. Tomando coragem para dizermos o que nunca tivemos coragem. Apenas encaro a única mulher que conseguiu me colocar de joelhos sem nem mesmo tentar. Que me deixou obcecado quando tudo o que eu desejava era estar longe dela.

Percebo que a música parou e que somos apenas nós dois no centro do salão.

Mesmo sabendo que não deveria, me afasto, seguro sua mão e puxo-a até a saída, rumo à recepção onde ignoro todos e sigo até o gerente, exigindo uma suíte presidencial, antes de entregar meu cartão e pegar a chave de acesso.

Não penso muito quando volto a caminhar com Melany confusa ao meu lado até o elevador privativo, agradecendo aos céus por não precisar expulsar ninguém que esteja subindo para a ala privativa do hotel.

Eu não deveria fazer isso.

Não deveria perder o controle de novo.

Não deveria fazer o que estou prestes a fazer.

— *Aquilo* não deveria contar como isso. — Ela engole em seco, finalmente dizendo algo e meu sorriso aumenta. — Não fale mais sobre isso.

Ainda há quarenta e três andares.

Ainda há tempo de fazê-la desistir.

Ainda dá tempo de que eu desista.

Mas não quero. Não posso. Não consigo mais.

— Impossível. É a minha memória favorita. — Aproximo-me dela. — Nunca me peça para não falar sobre o que aconteceu.

— Está no nosso contrato.

Mais um passo e meus sapatos tocam os saltos caros dela.

— Não, wildcat, a noite do casamento de Dylan está no nosso contrato. — Apoio minha mão ao lado de sua cabeça, deixando que um sorriso escorregue pelos meus lábios. — Não o que fizemos no casamento do *seu* irmão com a *minha* irmã.

Ela fecha os olhos e sua boca entreabre.

Deus.

Essa mulher é a perdição pura.

É a minha perdição.

O meu ponto de descontrole.

— Aquilo não deveria ter acontecido — murmura ainda com os olhos fechados. — Nós não deveríamos ter acontecido de novo.

Aproximo-me mais, apoiando o outro braço ao seu lado e resvalando meu lábio em sua bochecha.

A textura da sua pele contra a minha? Meu paraíso.

O som baixo que solta? Minha música favorita.

Melany é perfeita.

Perfeita para mim.

— Eu discordo — sussurro, beijando o canto dos seus lábios e então abaixo os beijos até seu pescoço. — Eu teria te comido de qualquer forma no casamento da Verônica. E não me arrependo de ter te interceptado naquele corredor, te levado para um quarto e feito você gritar enquanto todos os nossos amigos estavam no andar de baixo e seu namorado te ligava incansavelmente. — Mais um beijo. — Não me importo que você atendeu aquela ligação enquanto eu te fodia de quatro e muito menos quando fui o primeiro a estar na sua bunda.

Ela abre os lábios e aproveito para lambê-los enquanto escutamos o barulho do elevador subindo.

Temos poucos andares.

Poucos segundos de sanidade.

— Foi um erro.

— Diga de novo. — Sorrio, abaixando meu rosto e beijando seu pescoço. — Mas diga como se realmente acreditasse nisso, linda.

Ela tomba a cabeça para trás ao mesmo tempo que uma das minhas mãos alcança a abertura da fenda de seu vestido e dedilho lentamente o interior de suas coxas até chegar na sua calcinha de renda que está encharcada.

Ainda sorrindo, passo meu dedo pelo tecido molhado ao mesmo tempo que mordo de leve o seu pescoço, desejando marcá-la como minha.

— Ed...

— Silêncio, linda. — Arrasto a renda para o lado, desejando estar de joelhos para ela. — Me deixe matar a saudade da minha boceta preferida.

Enfio um dedo em sua abertura e observo a forma como ela abre um pouco mais as pernas, me dando total acesso a algo que me foi privado por muito tempo. Melany ergue o braço segurando minha nuca e seus olhos se abrem, ficando nos meus ao passo que começo um movimento lento de vai e vem que faz com que um som saia da sua boca perfeita.

— Merda...

Sorrio, me aproximando e beijando o topo de seus seios, antes de tirar meus dedos de dentro dela. Ouço-a reclamando e sorrio, dando um passo para trás e encarando-a enquanto ergo meus dedos molhados até a boca e passo a língua por toda a pele molhada pela sua excitação.

Divino.

Meu paraíso.

Minha destruição.

Meu sonho proibido.

Esse é o gosto de Melany Underwood.

— Deliciosa, assim como me lembrava. — Passo minha língua pelos meus lábios, pegando cada resquício

do gosto dela antes de me aproximar e colocar a minha mão ao redor do seu pescoço, erguendo o seu rosto e puxando-o para mim. — Você me privou tanto tempo do seu gosto, wildcat. Você o deu para outras pessoas mesmo sabendo que odeio que toquem no que é meu. Você me transformou em uma versão que muitos odiaram. Que *eu* odiei por muito tempo. Agora, querida, você vai entender o porquê te disse que vou pegar o que está pronta para me dar. — Resvalo um beijo rápido no canto dos seus lábios. — Eu vou adorar romper cada partezinha da sua petulância, assim como fez comigo. E eu vou *amar* cada segundo que estiver enterrado em você e ainda mais amanhã quando te observar mal conseguindo andar quando estiver perto dos nossos amigos.

Os olhos de Melany estão nos meus.

Percebo que amo a forma como estou sendo refletido.

— Você nunca vai conseguir me quebrar — ela rosna no mesmo instante que as portas metálicas se abrem. — Porque não há mais partes para isso.

Sorrio, me afastando dela e abrindo os braços.

— É isso que vamos ver — afirmo, sabendo o que ela deseja. — Decida se quer ficar ou não, querida.

Melany não se move.

Tampouco eu.

Nós dois ficamos nos encarando por segundos que mais parecem horas.

— Eu ainda te odeio. — Ela dá um passo à frente.

— Você sempre diz isso. — Lambo meus lábios observando como o vestido que minha mãe desenhou fica perfeito nela. — E estou começando a acreditar que está tentando se convencer disso e não a mim.

— E você é um idiota.

— Um idiota que vai te comer com a melhor vista de Nova Iorque.

Então, antes que possa retrucar, ataco seus lábios.

Eu os devoro.

Pego cada parte dela para mim.

Não me importo com mais nada.

Apenas que seu gosto é como o meu Oásis.

Meu purgatório.

Meu declínio.

E cada vez que minha língua toca a sua, percebo que Melany Underwood será a minha ruína e eu vou apreciar cada segundo dessa queda inevitável.



## INIMIGOS COM BENEFÍCIOS

*Ligue e eu vou sair correndo  
Sem fôlego agora*

*Você tem esse poder sobre mim, minha nossa  
Tudo o que eu amo reside naqueles olhos  
Você tem esse poder sobre mim, minha nossa  
A única que eu conheço, a única em mente*

**Power Over Me | Dermot Kennedy**

*Edmund Blackwell*

Eu sempre precisei *de mais* quando se tratava de sentir algo.

Sempre ansiei por sentir mais do que conseguia.

Eu corri mais risco do que qualquer outro Blackwell para estar onde estou. Construí a minha carreira e fiz com que meu nome fosse citado em mais revistas do que qualquer outro integrante da minha família.

Contudo, nada foi suficiente. Nada me fez sentir vivo outra vez.

Até que beijei Melany Underwood. Até que a maior pirralha de Saint Vincent se sentou em meu banco do carona e me olhou com aqueles brilhos sedutores e um

sorriso malicioso nos lábios. Até que cai nas suas armadilhas e nunca mais consegui sair.

Agora, enquanto empurro a porta atrás de nós, girando-nos e prensando suas costas contra a superfície de madeira, sinto como se todo o meu corpo fosse tomado por algo inominável.

Seguro sua nuca e tomo seus lábios como se eles fossem a minha perdição ao mesmo tempo que me inclino, não suportando a ideia de estarmos longe. Suas mãos se fecham na minha gravata, puxando-me mais para si e sorrio contra sua boca quando percebo a urgência com que me ataca.

Tudo o que precisamos está explícito em cada toque, em cada beijo e em cada vez que nos afastamos para tomar fôlego.

É glorioso.

Inigualável.

Como alcançar as estrelas.

Me abaixo, beijando seu queixo e arrasto minha língua por cada parte exposta do seu pescoço. Acho que nada se compara ao que sinto quando me afasto um pouco, ainda com Melany em meus braços, e encaro seu rosto perfeito antes de dar um passo para trás, deixando o cartão de acesso cair em um pequeno baque e me sentar no chão, puxando-a até que se acomode em meu colo e suas pernas fiquem dobradas em cada lado do meu corpo.

— O que diabos... — ela murmura quando a ajeito.

— Silêncio, amor. — Sorrio, deixando um beijo em seu queixo, depois outro no canto dos seus lábios. — Me deixe apreciar você antes que eu te foda em cada parte dessa suíte.

Melany inclina-se para frente, segurando meu pescoço e ergo meu rosto, fazendo nossos olhos se encontrarem. Seu corpo se ajusta perfeitamente ao meu

e sinto como se todo o mundo estivesse parando apenas para nos observar.

O universo aquieta.

Somos apenas nós dois em um silêncio absoluto.

Como se nada pudesse nos atingir nesse momento.

Duas pessoas que estão cansadas de negar a atração que sentem um pelo outro.

Duas pessoas que já não se importam em pular de um precipício. Não quando a dor de não fazer isso é maior do que o pensamento de não o fazer.

Engulo em seco quando percebo que a minha necessidade por ela transcende o físico. É quase que irreal. Nem mesmo consigo acreditar que conseguiria sobreviver em um mundo onde Melany não pertencesse a mim.

— Me diga para não fazer isso, wildcat — murmuro, arrastando a mão até a fenda de seu vestido e tocando em sua coxa com delicadeza. — Me diga para sair de perto de você. Para me lembrar do maldito contrato que me fez assinar para me manter longe. Apenas. *Porra*. Me mande parar. — Meu olhar percorre até sua boca, onde ela projeta sua língua para fora e lambe os lábios. — Seja uma boa garota e me mande embora, porque se você não fizer isso, se não me chutar para longe, eu não vou te deixar ir. *Não posso te deixar*.

Eu deveria ser uma boa pessoa.

Eu deveria deixá-la ir.

Mas esse sempre foi o meu problema quando se trata de Melany.

Nunca me importei em ir contra tudo o que defendo para tê-la. Nunca me importei de quebrar as minhas próprias regras e destruir meus princípios. Lutei de forma suja, cobreí favores, destruí legados e agora estou pronto para reivindicar a última coisa que falta para que ela seja oficialmente minha, mesmo que nem mesmo imagine.

Mesmo que ela ache que isso seja como das últimas vezes que a beijei e deixei que fugisse até a sua concha protetora. Que a observei me ignorar até que realmente acreditasse que estava a salvo do que somos.

Mas o que Melany não sabe é que não consigo soltá-la. *Não poderia me afastar.*

— Não posso — sussurra. — Não posso mais.

Basta apenas isso.

Apenas duas palavras para que minha sanidade caia por terra.

Meu rosto se ergue.

Inclino-me, beijando o canto de seus lábios e quando volto a me afastar, percebo que seus olhos estão nos meus.

Minhas mãos descansam suavemente em sua cintura e observo como suas íris refletem a luz da cidade, e tudo o que consigo pensar é como sou um maldito filho da puta por tê-la, mesmo sabendo que não deveria estar tocando-a.

— Droga, você não imagina o que quero fazer com você — murmuro contra seus lábios, descendo a minha mão até seu pescoço e fechando-a na pele suave, sentido seu ponto de pulsação. — Deus, o que eu imagino fazendo. O quanto sonhei em estar com você de novo e a sua boceta perfeita. A maneira como você grita meu nome quando está preenchida pelo meu pau.

Melany sorri.

É lindo.

Ela é linda como uma maldita deusa.

Qualquer outra definição não faria jus a ela.

— Você me desejou? — questiona, movimentando seu quadril e fazendo sua boceta roçar contra meu pau duro. — Você me imaginou tomando seu pau tão fundo na minha garganta como da última vez? Me imaginou de quatro enquanto todos os nossos amigos estavam no andar de baixo? — Ela se aproxima, lambendo minha

boca antes de soltar um sorriso artiloso. — Você também me imaginou enquanto fodia qualquer uma por aí?

É a minha vez de sorrir ao perceber a intensidade silenciosa em seu olhar.

Ela nunca teve chance de fugir de mim. Tampouco eu dela.

— Cada. Maldito. Dia. — Aproximo seu rosto do meu, meus olhos queimando como brasas. — Você não imagina o quanto eu queria foder a sua bunda de novo sempre que pensava que aquele merdinha lá embaixo a tinha quando eu, mesmo do outro lado do oceano, só esperava você perceber que é minha.

Tensiono a mandíbula, quando percebo que seu sorriso aumenta.

Ela ama isso.

Ela *sempre* amou.

Melany sempre foi minha perdição e eu sou o seu deus obcecado e possessivo.

— Não me culpe por ter seguido a minha vida.

— Você não seguiu, querida. — Mordo seu pescoço, deixando uma marca arroxeadada ali. — Porque se realmente tivesse feito isso, teria aceitado aquele pedido patético. — Mais uma mordida, dessa vez mais forte e me afasto, fechando minha mão ao redor de de sua pele. — Então me diga, por que você não quis ser a nova Sra. O'Brien? Por que não se tornou apenas mais uma socialite? Por que não aceitou aquele anel que não tinha nem mesmo uma pedra à sua altura?

Minha mão em seu pescoço é melhor do que qualquer outra joia.

Porra, é perfeito.

Sorriso quando meu aperto aumenta e sei que se pressionar mais um pouco, posso impossibilitar o ar de adentrar seus pulmões. Mesmo assim, Mel ainda sorri.

Impecável.

— Eu ainda poderia dizer a ele que desejo ser a sua esposa. — Seus olhos brilham. — Ainda poderia...

Aperto mais seu pescoço, sentindo todo o meu controle romper e seus olhos se tornarem um tom mais escuro.

Filha da puta.

Maldita filha da puta perfeita.

— *Nunca*. Você nunca seria esposa dele. — Mordo seu lábio inferior, sem desviar o olhar do dela. — E para cada ano que me manteve longe do que era meu, eu vou te punir. Cada vez que eu entrar em você, saiba que quero possui-la. Cada. Maldita. Parte. Sua. — Meus olhos se semicerram quando ela engole em seco. — O que você mostra para todos e o que esconde sob esse seu sorriso. Não vou parar até que seja total, completa e inegavelmente minha. Não vou parar até que eu desvende cada segredo que nunca contou para ninguém, até que aceite de uma vez por todas que sempre será eu.

Giro nossos corpos, fazendo suas omoplatas baterem no piso gelado e seu vestido subir um pouco, dando-me a visão de suas pernas torneadas.

Arrasto lentamente a palma da minha mão, sentindo a maciez de sua pele e me ajoelho entre suas pernas, segurando o seu tornozelo com delicadeza antes de erguê-lo e me inclinar para beijar sua perna, enquanto ouço seu suspiro.

Meu lábio toca sua pele, deixando uma mordida leve e marcando-a da forma como sempre desejei, como sonhei desde que a tive pela primeira vez. Continuo fazendo isso até que estou no meio de suas coxas e Melany arfa assim que meus dedos cravam sua pele.

Inclino-me, quando ela me dá total acesso a sua boceta encharcada e sorrio assim que seguro a fenda do seu vestido com as duas mãos e forço o tecido, rasgando-o totalmente, até que ela esteja apenas com

uma minúscula calcinha de renda e os olhos ardendo de fúria.

— Eu vou te matar — rosna, se apoiando seus cotovelos. — Eu juro que vou...

Antes que tenha a chance de proferir a sua ameaça, me inclino para frente, puxando suas pernas até que esteja totalmente aberta para mim e arrasto a calcinha para o lado, lambendo a sua boceta.

Porra.

Perfeito.

O meu gosto favorito.

Nem mesmo o melhor doce de Paris se compararia a ela.

Levanto seus quadris a fim de elevá-la. Seus joelhos se curvam, no mesmo instante, e minha língua se arrasta por toda a sua boceta.. Ouço Mel soltar um grito e rebolar deliciosamente contra meu rosto, enquanto sua mão se fecha em meu cabelo, fazendo-me apertar sua pele de uma forma que deixará mais marcas.

Giro minha língua, esfregando-a em um ponto sensível e pegando tudo o que ela está me dando antes de me afastar um pouco apenas para lambe os lábios e sorrir descaradamente quando um som rouco e delicioso salta de sua boca.

— Porra, eu nunca vou me cansar de te chupar. — Abaixo-me dando outra lambida e aprecio o seu gemido. — De te foder. De ter você. Eu *nunca* vou me cansar de você.

— Eu ainda quero te matar — grita, quando introduzo um dedo dentro dela, observando sua cabeça tombar para trás. — Você acabou de rasgar o meu vestido preferido.

— Me diga quanto ele vale.

Abaixo-me novamente, passando minha língua com calma pela sua fenda outra vez e ouvindo-a gemer.

— O quê? — responde entre fôlego e arqueia as costas quando aumento a velocidade que meu dedo entra e sai. — Merda. Isso é tão bom. Não pare.

— Eu sei, linda. Agora seja uma boa garota e me diga o quanto ele vale, amor. — Insiro mais um dedo e seu grito reverbera pelo espaço. — Apenas me diga o valor.

Levantando a sua perna direita, apoio-a em meu ombro antes de me inclinar e chupá-la outra vez. Intercalo minhas lambidas com as penetradas enquanto ela se esfrega contra meu rosto e arqueia as costas.

Sorrio contra a sua boceta, observando como a imagem dela com a perna levantada, a cabeça jogada para trás e o som dos seus gemidos é melhor do que qualquer coisa que eu tenha conquistado em minha vida.

— Me diga o valor — ordeno, arrastando a língua pelo seu clitóris.

— Você me compraria outro? — pragueja, buscando por mais fricção.

— Eu compraria o mundo todo para você.

Percebo que não estou mentindo.

Se Melany pedisse a minha herança, eu daria.

Se ela quisesse gastar todo o meu império, eu sorriria e o entregaria de bandeja.

Porra. Qualquer coisa seria dela, mesmo que isso me trouxesse uma guerra.

— É exclusivo — finalmente diz. — E foi um presente.

Assopro seu clitóris e lambo outra vez. Minha língua se arrasta por toda a sua extensão e concluo que nada seria tão gostoso quanto o seu gosto.

Merda, eu poderia prová-la durante a minha vida toda e mesmo assim não enjoaria.

Mel me fascina ao mesmo tempo que me enlouquece.

Ela me tem sem nem mesmo entender o que isso significa.

Corpo. Alma. Tudo.

Ergo-me, segurando suas pernas e giro seu corpo, fazendo-a ficar de quatro, com a bunda inclinada para mim. Enrolando seu cabelo em punho, puxo-a até que suas costas fiquem prensadas contra meu peito e me abaixo, apoiando meu rosto na curva de seu pescoço.

— Eu conheço a estilista, querida — murmuro, arrastando a língua pela pele do seu pescoço. — E irei te dar um closet inteiro com novos modelos desenhados por ela. E se, mesmo assim, não for o suficiente, há uma cópia do meu Amex em nosso apartamento. É seu. Qualquer coisa que quiser é sua, wildcat.

Meus dedos traçam a curva de seus seios e subo lentamente meu polegar até seu mamilo erigido, apertando-o antes de me abaixar e tomar um em meus lábios. Chupo com veemência antes de mordê-lo, sabendo que deixará uma marca, e me abaixo um pouco mais, beijando sua barriga e arrastando minha língua por toda sua pele até chegar na sua boceta encharcada.

Sorrio contra sua intimidade, sentindo-a me dar mais espaço para acariciá-la com a minha língua e arrasto meu dedo para dentro dela, desejando que seja logo o meu pau.

— Ed — grita, chamando pelo meu nome com urgência quando aumento os movimentos. — *Por favor.*

Me deleito com seus suspiros e xingamentos enquanto arqueia contra mim.

Me deleito pela forma como a faço gritar.

Me deleito com tudo o que me dá.

— Você fica tão gostosa gritando como uma vadia, linda. — Sorrio, resvalando seu clitóris. — Grite meu nome de novo e talvez eu te deixe gozar.

Ela o faz, inúmeras vezes.

Deus, o som disso...

É incrível. E meu. *Totalmente meu.*

Seguro a bochecha de sua nádega, me abaixando e lambendo. Sinto o seu corpo enrijecer quando arrasto minha língua por toda extensão apreciando seu gosto salpicando em meus lábios.

— Ed, por favor — grita, esfregando-se contra meu rosto.

Pressiono meu polegar em sua outra entrada, esfregando-o com calma e sinto-a enrijecer suas costas antes de se derreter em minha boca. Acrescento mais um dedo em sua boceta e aumento o movimento chupando forte o suficiente para que seu grito reverbere por toda a sala enquanto engulo cada gota do seu orgasmo. As pernas dela tremem e sua respiração fica descompassada quando começa a se recuperar.

Porra.

Linda.

Perfeita.

Fascinante.

Minha mão acaricia sua bunda antes de desferir um tapa forte, ouvindo-a gemer e me encarar sobre os ombros. Sem nunca desviar o olhar, levo meus dedos até o nó da minha gravata, desatando-o e um sorriso nasce em meus lábios quando Melany se ergue e vira-se em minha direção com um sorriso malicioso nos lábios.

Suas mãos sobem até meu paletó e puxa para baixo, retirando-o com uma velocidade impressionante. Assim que ele cai no chão, com um gesto brusco e intencional, ela puxa a camisa para os lados, fazendo os botões voarem em várias direções.

— Estamos quites agora.

Solto uma risada nasalada quando ela se aproxima, sorrindo e me inclino, tomando seus lábios nos meus em um beijo tão voraz que logo suas mãos sobem até meus cabelos, puxando os fios com força. Nos inclino e deito-a

no chão ao mesmo tempo que suas pernas circulam o meu quadril.

Nada em nosso toque é gentil.

Nada é calmo.

Nunca é.

Mesmo assim é como se fossemos um oásis no meio do deserto.

Seu toque é firme e seguro, mas ainda assim carregado de uma suavidade que faz minha pele arrepiar. Ela se afasta um pouco, os olhos brilhando de desejo e uma pitada de travessura, enquanto nossos olhares permanecem presos um no outro.

— Me diga que você não vai me evitar amanhã — ordeno, segurando a gravata com uma mão e me inclino, beijando seu ombro assim que nos sento. — Me diga que não vai ser uma pirralha covarde e irá me ignorar quando eu terminar de te foder.

Pego seus pulsos, acariciando-os delicadamente e levando-os para trás. Melany inclina a cabeça para o lado, dando-me acesso ao seu pescoço e aproveito para arrastar a minha língua por toda a sua pele, enquanto começo a enrolar a gravata ao redor de seus pulsos.

— Se eu disser que irei?

— Então eu irei te amarrar naquela cama e te foder até que não consiga dançar por uma semana. — Sorrio, sentindo a pulsação intensa de seu pulso contra os meus dedos. — E quando você estiver indo se encontrar com seu irmão mais velho, farei questão de te encher do meu esperma para você lembrar que mesmo que ele nunca supere a aversão pela minha família, a irmãzinha dele ama sentar em meu pau.

— Você é um idiota.

Ela trinca os dentes e sorrio ao mesmo tempo que aperto a gravata levemente, apenas o suficiente para sentir a resistência da seda contra sua pele. Levanto-me,

erguendo minhas mãos até seu queixo, virando seu rosto em minha direção.

Lentamente, ajudo-a ficar de joelhos e me inclino até que meus lábios resvalam os seus antes que a beijo com força, erguendo a outra mão e desfazendo o penteado para envolver os fios em punho e apertá-los apenas para escutar o som delicioso que sai de sua boca.

— Sim, você diz muito isso — murmuro, enquanto abaixo minha calça. — Você quer meu pau na sua garganta, wildcat?

Ela sorri quando me afasto, retirando meus sapatos e então minha cueca cai junto à calça e levo minha mão esquerda até meu pau, bombeando a base enquanto me aproximo, ergo seu rosto para cima, observando-a passar a língua pelo lábio inferior enquanto me observa.

— Por favor.

Aproximo-me, sorrindo deliberadamente e observo Melany apertar as pernas enquanto continuo bombeando, lentamente, em uma tortura deliciosa. Ergo a minha mão livre, até seu lábio e traço meu polegar lentamente, desenhando o formato de sua boca e observando a forma como se abre, projetando sua língua para fora e chupando-o com calma e maestria como se mostrasse o que realmente deseja fazer com meu pau.

— Seja uma boa garota e abra a boca para mim, linda — ordeno, tensionando a mandíbula por não aguentar ficar longe dela. — Me mostra o que essa boquinha bonita sabe fazer.

Ela assente, então coloca a língua para fora e envolve seus lábios ao redor da minha extensão. Mel começa lentamente, enquanto relaxa a garganta e gira sua língua ao meu redor sem nunca deixar de me encarar.

A sensação de sua boca me envolvendo é tão quente que um arrepio percorre meu corpo. Minhas mãos se fecham em punho ao redor de seu cabelo e tomo o

controle para mim, aumentando o ritmo, de forma que seus seios balancem a cada vez que me leva tão fundo que observo-a controlar para não perder o pouco fôlego.

Mel pisca, seus olhos lacrimejando pela força e por conta do meu tamanho. Um sorriso predatório toma conta dos meus lábios quando minha garota não pede para que eu pare, ao contrário, ela me toma mais fundo e esfrega as pernas uma na outra enquanto lambe, se delicia e toma um ritmo que me faz pender a cabeça para trás.

— Porra, linda — grunho, entredentes indo mais fundo em sua garganta. — Olhe só para você tomando o meu pau como uma verdadeira putinha. Você é perfeita, amor. Totalmente.

Prendo meus dedos com mais força entre seus cabelos, forçando-a que me encare ao passo que fodo sua boca com raiva e desespero. Quando ela tenta esfregar as pernas uma na outra de novo, levo meu pé até sua boceta e esfrego sua intimidade, sentindo-a montar o meu pé ao passo que seus olhos brilham e meus movimentos se tornam mais desenfreados.

O lindo caos que ela é.

A dona do meu controle.

A única pessoa que consegue me tirar do equilíbrio.

Melany é a exceção às minhas regras.

É o barulho que infiltra meu silêncio.

Ela lambe, chupa e brinca com minhas bolas, enquanto engole meu pau e me faz lembrar o porquê sou obcecado em cada parte dela, o porquê fiz todas as atrocidades para que fosse minha.

Ela é a minha perdição.

Meu veneno mais letal.

Meu segredo favorito.

Meus impulsos ficam mais frenéticos quando começo a empurrar com mais força, prestes a explodir em sua boca. Mel usa sua língua para a fricção e

lágrimas brilham em seus olhos enquanto sinto arrepios em meu corpo e me perco.

Meu orgasmo me atinge, queimando cada parte de mim.

É selvagem, duro e intenso.

Melany começa a engolir cada gota, entretanto, antes que possa terminar, me afasto observando meu esperma descer pelo canto de sua boca e alguns respingos cair entre sua clavícula e o vale de seus seios.

É a visão do paraíso.

No entanto, antes que possa se recuperar, me abaixo para desamarrar seus pulsos, segurando sua cintura e selo sua boca na minha, sentindo meu gosto em seus lábios. Levanto-me, puxando-a para o meu colo e caminho até a parede mais próxima, sem nunca desgrudar nossos lábios.

Sorrio assim que apoio suas costas na parede e levo minha mão até seu seio, apertando enquanto ela se esfrega descaradamente em mim e suas mãos se enrolam em meu pescoço, firmando-se.

Meus olhos se fixam nos dela e não preciso de mais nada.

Esqueço os bilhões em minha conta.

Meu sobrenome.

A empresa.

Tudo.

Nada vale mais que Melany Underwood.

Engulo em seco assim que constato isso e solto uma longa respiração, juntando seus braços e erguendo-os até acima de sua cabeça enquanto me inclino um pouco para frente, nivelando nossos rostos.

— Eu preciso sentir meu pau dentro de você — grunho contra a sua bochecha. — Porra, acho que se eu não fizer isso agora, perderei a cabeça.

Tomos seus lábios em um beijo feroz, áspero. Sinto a pressão dos seus lábios contra os meus e a forma como

se esfrega tão deliciosamente contra mim que a ponta do meu pau resvala em sua entrada fazendo um grunhido saltar dos meus lábios.

— Eu não aguento mais — murmura contra minha boca. — Eu preciso de você. *Por favor.*

A urgência em nossos movimentos é tão tangível que em um impulso rápido, afasto-nos da parede indo até a minha calça abandonada e retiro minha carteira, onde há um preservativo. Sigo até o quarto com vista para a cidade e coloco-a na cama para arrastar o látex pelo meu membro duro.

Puxo Melany para a borda do colchão, me colocando entre suas pernas e me inclino, cobrindo seu corpo com o meu. Seus olhos estão nos meus quando levo meu pau até a sua entrada e preencho-a, fazendo um gemido alto escapar dos nossos lábios em sincronia.

— Porra, perfeita.

Trinco os dentes, quando empurro com mais força. A urgência cresce dentro de mim, fazendo seus seios balançarem ao ponto das suas unhas se fincarem em minhas mãos quando aumento o ritmo, ouvindo a cabeceira da cama bater estrondosamente contra a parede.

Merda.

É a minha perdição.

Meu ritmo intensifica quando ela engasga no momento em que seu clitóris bate contra a minha virilha e continuo empurrando para dentro dela.

— Edmund...

Deus, a forma como meu nome salta dos seus lábios.

Magnífico.

Incrível.

— Sim, amor.

— Mais forte — grita quando junto seus pulsos de novo, colocando acima de sua cabeça e estoco com força

dentro dela. — Isso, meu Deus, assim mesmo.

Inclino-me e sua boca se funde à minha a cada vez que me impulsiono dentro dela e escuto seus gemidos em nosso beijo.

É desleixado.

Quente.

Solto suas mãos quando sua língua se entrelaça com a minha na mesma velocidade que sua boceta engole meu pau. Suas mãos deslizam pelo meu corpo, arranham minha nunca e seguem até meu ombro, onde crava suas unhas em minha pele e um grunhido salta dos meus lábios.

— Porra! — grito, meus dentes afundam na lateral do seu pescoço e suas pernas circulam o meu quadril. — Minha. Completamente minha. — Mais uma estocada. — E quero que saiba que ninguém mais toca em você. Ninguém olha ou te deseja, porque você é minha, porra. Sempre foi e não me force a fazer mais merdas para te ter, wildcat. Porque eu queimaria a porra do mundo para isso.

— Eu ainda te odeio.

— Ótimo, pode continuar me odiando contanto que sempre me deixe enterrar meu pau em você. — Tensiono a mandíbula saindo dela e girando seu corpo para que fique de quatro para mim e com a bunda empinada. — Deus que saudade que eu estava de foder essa bunda gostosa.

As mãos dela se fecham no lençol e sorrio quando seguro às suas costas e a curvo, me projetando atrás dela, voltando a estocar com impulso, observando sua bunda bater contra mim de forma com que o som se torne a minha cacofonia favorita em todo o universo.

Levo minhas mãos com calma até a sua bunda, massageando com carinho antes de estapeá-la com força, apreciando o som reverberar pelo quarto.

— Isso é por você ser uma pirralha de merda. — Estapeio sua bunda com uma força que a faz gritar, ao mesmo tempo que a minha outra mão sobe até a sua entrada traseira e circula com calma. — Isso é por você ter deixado outro filho da puta te tocar. — Mais um tapa, dessa vez vejo-a abaixar a cabeça e morder o lençol ao passo que a minha mão desce com pressão em sua nádega direita. — E esse, é por você ter me evitado sempre que te beijava, por ter me privado de sua boceta e dos seus sons.

Circulo novamente a sua bunda, sorrindo quando ela afasta as pernas para mim. Preciso me esforçar para não retirar meu pau de sua boceta e enfiar em sua bunda como da última vez. Por isso, apenas enrolo seu cabelo em punho e puxo-a para mim, fazendo suas costas encostarem em meu peito.

Minha mão sobe até seu pescoço, fechando na pele macia e sorrio quando sinto seus batimentos tão acelerados como os meus. Virando o seu rosto em minha direção, um novo sorriso toma conta dos meus lábios e os olhos dela brilham.

— Você é realmente uma vagabunda safada, não é, linda? — sussurro, prendendo o seu lábio inferior contra os meus lábios. — Você está louca para que eu foda a sua bunda.

Ela sorri.

A cretina sorri amplamente e aprecio o momento.

— Sim.

— Porra, você será a minha morte. — Estoco mais uma vez, ouvindo seus gritos. — Mas eu não farei isso hoje. Não quando preciso acabar com a sua boceta primeiro, quando preciso provar tudo o que perdi nesses anos e você me dará de bom grado. Como a boa pirralha que sempre foi quando se trata de mim. Não é, linda?

Continuo estocando nela e fecho meus olhos, controlando a minha respiração.

Melany é a pessoa mais perigosa e fascinante que já conheci.

Ela é perfeita.

Nós dois juntos somos perfeitos.

— Ed... — choraminga quando percebo que está chegando em seu ápice. — Eu preciso... Por favor.

Sorrio.

— Me responda primeiro.

Diminuo os movimentos e ela grunhe em frustração.

— Eu vou.

Lambo meus lábios, puxando seu cabelo com força e encostando minha boca em sua orelha.

— E você nunca mais vai deixar outra pessoa tocar no que é meu, ok? — Mais uma estocada. — Nunca mais vai dançar com jogadores idiotas ou com qualquer outra pessoa que tente te ter, porque eu não vou ser complacente outra vez, amor. Eu não me importaria de destruir tudo para ter você de novo.

Observo seu corpo enrijecer e seu rosto se virar em minha direção. Nossos olhos se encontram por um instante antes de sua língua atacar a minha quando dou um impulso mais forte, mais fundo e suas paredes se contraem.

O orgasmo vem para nós dois como uma explosão, tomando conta do nosso corpo.

É intenso, deliberado e completamente alucinante.

O corpo dela relaxa contra o meu e parece que o mundo todo se acalma.

Somos apenas nós dois.

Apenas Mel e Ed.

Minha testa cai em seu ombro, nossas respirações se misturam e tudo em mim pede por uma maldita noite de sono.

Por um momento, enquanto tento manter a minha lucidez, sinto que tudo ficará bem. Que quando

acordamos amanhã não estaremos em uma nova guerra ou em um embate onde terei que vestir a minha armadura novamente.

— Ed?

Levanto meu rosto por um instante, observando que ela já me encara.

— Sim.

— Eu tenho algo para te propor.

Umedeço meus lábios ao mesmo tempo que semicerro meus olhos.

— E o que seria?

— Inimigos com benefícios.

Ela está sorrindo para mim enquanto propõe a coisa mais absurda que já ouvi.

Ela está sorrindo e apenas nisso que consigo prestar atenção.

Linda.

Perfeita.

Arte viva.

— Amanhã nós iremos falar sobre isso.

Porque não posso pensar nisso agora.

Porque quero mais do que apenas ser um inimigo com benefício.

Eu quero tudo, porra.

— Por quê?

— Porque agora eu vou te foder de novo.



## SAINT VINCENT - PARTE I

*É você, é você, é tudo por você  
Tudo o que faço  
Eu te digo o tempo todo  
O paraíso é um lugar na Terra com você  
Me diga todas as coisas que você quer fazer*

**Video Games | Lana Del Rey**

*Melany Underwood*

Segundo a ciência, nós possuímos cerca de cem bilhões de neurônios.

Dezesseis bilhões deles se encontram no córtex cerebral, que é a sede de funções como consciência, raciocínio lógico e abstrato.

Nesse exato momento, me questiono se os meus estão falhando. Porque o que está acontecendo não pode ter sido algo real. Algo que repeti mesmo sabendo que não deveria. E, o pior de tudo, algo que eu não consigo me arrepender. Porém, quando sinto a respiração relaxada de Edmund abaixo de mim e uma clareza adentrar o quarto, sei que não é mais um sonho ou um delírio.

É real.

Totalmente real.

Um resmungo baixo salta dos meus lábios quando abro meus olhos devagar, piscando com calma, e observo que minha cabeça está apoiada em seu peito nu e suas mãos transpassam minha cintura, praticamente prendendo-me no lugar.

Não há como me mover sem acordá-lo.

Não há como fazer uma fuga eficaz.

*Merda.*

*Merda.*

*Merda.*

— Pare de se mover. — Sua voz sonolenta me faz erguer o rosto. — Eu estou tentando dormir.

Nossos olhares se encontram, e por um instante, há uma compreensão silenciosa. É como se Edmund entendesse o pânico que cresce dentro de mim e mesmo assim não se move um centímetro para me permitir sair de seu aperto.

Minha cabeça pende um pouco para trás, observando seus olhos um pouco mais claros do que o normal e a maneira que seus lábios se curvam em um pequeno sorriso. Automaticamente arrasto meu olhar pelo seu rosto, observando as suas covinhas ficarem evidentes e a forma como a pele ao lado dos seus olhos enruga. Me pego fascinada novamente pelas suas pintas espalhadas.

Deus, Edmund é perfeito.

Malditamente perfeito.

Engulo em seco, sabendo que devo desviar o olhar e me afastar, porém, não consigo.

— Você está me encarando de uma forma que está me deixando preocupado. — Uma de suas sobrancelhas se arqueia. — *Muito* preocupado.

— E como seria? — Forço minha voz para sair o mais suave possível.

— Com calma, quase que relaxada. — Observo, de relance, ele levantar suas mãos e colocar uma mecha do meu cabelo atrás da orelha, acariciando meu rosto com uma gentileza que desconheço. — E você *nunca* é calma. Não comigo pelo menos. Menos quando está tentando planejar meu assassinato.

— Talvez eu esteja.

— Duvido muito. — Ele me dá um sorriso. — Então por que está me encarando assim?

Não respondo, acho que nem mesmo poderia. Apenas tento sair dali, mas sou impedida pelo seu aperto. Meu olhar se fixa no dele novamente e sinto sua mão se apoiar na curva da minha lombar, arrastando o dedo pela minha pele lentamente.

De repente, a lembrança de como ele me fodeu diversas vezes até a exaustão me faz fechar os olhos por um instante, tentando recuperar o controle das minhas ações, antes que eu cometa mais um erro que me colocará em apuros.

— Você deveria me soltar — digo, baixo, finalmente desviando o olhar do seu. — Temos um voo para pegar em poucas horas.

— Não antes que fale sobre o que queria me propor ontem à noite.

*Inimigos com Benefícios.*

A memória reverbera em minha mente enquanto reflito no que caralhos estava pensando quando propus isso para ele. Eu realmente não estava pensando com clareza, não estava em sã consciência já que meu único intuito era me recuperar de uma das melhores noites da minha vida.

— Não estava falando sério — sibilo, baixo e tento, sem êxito, sair de seus braços. — Digamos que foi um delírio pós-orgasmo.

Edmund sorri e gira nossos corpos na cama, cobrindo o meu completamente, impedindo de que eu

possa sair e me esconder no banheiro até me recuperar da noite que tivemos.

No entanto, fixo meu olhar no dele quando leva uma de suas mãos até meus lábios, traçando o formato da minha boca da mesma forma como fez na noite passada e me lança um sorriso cheio de malícia.

— Você é malditamente linda e mentirosa, wildcat.  
— Ele se abaixa, deixando um beijo em minha bochecha e se afasta um pouco, voltando a me encarar, com um sorriso perverso. — Vamos tentar de novo. O que você queria dizer com a parte dos benefícios?

— Não — suspiro fundo. — Apenas esqueça.

— Tarde demais — contrapõe, ainda com o maldito sorriso nos lábios. — Eu tive sua boceta de novo e pretendo ter muitas vezes ainda. Então comece a falar mais sobre esse novo acordo antes de realmente perdemos nosso voo para o aniversário do meu sobrinho e eu tenha que explicar para Dy o porquê não compareci.

Sabendo que Edmund não me deixará sair daqui, arrasto meu dedo pela sua pele nua e observo como se arrepia enquanto me fita descaradamente.

— Um acordo benéfico — começo e ele se abaixa, beijando meu queixo. — Sem qualquer tipo de sentimento. Será apenas sexo. Nada mais que isso.

Ele estuda meu rosto com uma expressão que não consigo decifrar, então, de repente, se afasta e percebo seus olhos estreitarem e sua boca franzir.

— Você quer me usar como uma foda casual sempre que estiver entediada?

Quase solto uma risada pela forma como joga a pergunta na minha direção em um tom enojado e tensiona a mandíbula como se a ideia de sermos isso não o agrade.

— Estou dizendo que podemos tirar proveito da atração que sentimos um pelo outro sem precisarmos nos ameaçar de morte a cada cinco palavras. — Minha

mão sobe até seu pescoço e morde meu lábio quando ele inclina a cabeça. — Podemos resolver nossos problemas na cama, já que não sabemos como conversar civilizadamente quando estamos a sós.

— Nós somos civilizados o suficiente quando sua boca está na minha.

— Isso não significa que não penso em socá-la quase todos os dias.

— Então você pensa muito em mim? — Seu sorriso se torna malicioso.

— Pelo amor de Deus, foque no assunto principal.

— Ok. Se eu aceitar, significa que se você me irritar eu poderei te curvar na ilha da nossa cozinha e te chupar até que meu nome seja a única palavra que consiga proferir? — questiona, baixo, deixando um beijo em meu pescoço. — Ou que quando você for uma pirralha petulante, posso foder a sua boca até me cansar?

*Deus.*

A imagem dele realizando todas essas coisas inundam a minha mente, faz com que tudo dentro de mim se agite e uma vontade interminável de esfregar as minhas pernas tome conta do meu corpo.

— Quase isso. — Minha voz é rouca.

— Eu gosto da sua proposta. — Ele se abaixa um pouco, beijando minha clavícula. — Continue falando, linda, talvez eu até concorde com isso.

Abro minhas pernas dando espaço para que ele continue descendo e pendo minha cabeça para trás quando ele alcança o topo do meu seio. Ed arrasta sua língua até meu mamilo sensível e o mordisca, me fazendo arfar e afundar minhas unhas em seus ombros.

— Ainda haveria regras — digo, mordendo meus lábios assim que sua mão aperta o outro seio e gira o polegar pela aréola, arrancando de mim um sibilo baixo. — Oh, Deus!

O cretino sorri contra minha pele antes de começar a me chupar e descer uma das mãos até minha boceta sensível. Ele dedilha até a minha entrada, passando seu polegar e um sorriso enorme nasce em seus lábios quando percebe que estou completamente encharcada.

— Fale sobre as regras, wildcat — ordena, voltando a dar atenção aos meus seios. — Me deixe saber exatamente o que você espera de mim.

— Será apenas sexo. — Suspiro quando sua língua gira ao redor do meu mamilo. — Nada mais que isso. Não espere sentimentos da minha parte ou declarações patéticas.

— Você deixou isso claro diversas vezes. E não pretendo que se apaixone por mim. — Ele escorrega um dedo para dentro de mim e eu agarro seus cabelos com força. — Eu posso te ter sempre que eu desejar?

Não respondo de imediato, não quando o tenho indo e vindo com indicador e sentindo-o espalhar minha umidade antes de continuar o movimento de vai e vem, estimulando minha boceta.

Não consigo pensar em mais nada.

É um desespero deliciosamente agonizante.

É tão gostoso. Tão perfeito.

— Menos aos sábados. — Minha voz sai mais seca do que esperava. — Meu Deus, isso é tão bom.

— Eu sei, linda — murmura contra meu mamilo, enquanto aumenta a força de suas estocadas. — Agora me diga o porquê não posso te comer aos sábados?

— Não vem ao caso. — Ergo o quadril, buscando por mais fricção. — Apenas não espere sexo aos sábados.

Ele levanta o rosto, estudando a minha feição com calma, antes de manear a cabeça e voltar a beijar a minha pele.

— Ok. Eu ainda terei você por seis dias da semana. — Ed se abaixa um pouco mais, beijando o vale entre

meus seios e aumentando os movimentos. — Posso lidar com isso. Mais alguma coisa?

Deus.

Quando adiciona um segundo dedo, solto um grito, abrindo ainda mais as pernas e o som de seus movimentos, entrando e saindo de dentro de mim, é como a oitava maravilha do mundo.

— Ed... — sussurro, entre fôlegos. — Meu Deus!

Edmund sorri diabólico, antes de subir novamente, nivelando nossos rostos, e provocar minha entrada para então levar o dedão até meu clitóris.

— Por mais que ame o som que você faz quando grita meu nome, não é a resposta que eu desejo agora. — Sua boca roça a minha orelha, enquanto sua voz me atinge. — Agora, wildcat, me diga quais as outras regras.

*Jesus Cristo.*

Gemo quando ele volta a aumentar o ritmo, encontrando meu ponto G e um grito sai dos meus lábios ao mesmo tempo que puxo seu rosto e selo nossos lábios em um beijo furioso. Nossas línguas se enroscam e assim que precisamos de ar, Edmund se afasta e sorrio para ele.

— Usaremos o quarto de hóspedes — afirmo, observando seus olhos se tornarem mais escuros. — Meu quarto continua sendo território proibido. Ninguém entra lá.

— Não. — Ele volta a bombear dentro de mim com força e acrescenta um terceiro dedo. — Não vou te foder onde outras pessoas dormem. Eu quero você na minha cama, no meu espaço e com seu maldito cheiro por todos os meus travesseiros. Isso é inegociável.

Não há espaço para discordar e percebo isso explícito em suas íris.

— Ok. Ninguém pode saber. — Minha mão escorrega até seus cabelos e me inclino, mordendo o seu pescoço da mesma forma como fez comigo. —

Principalmente nossos irmãos. Eles têm mais coisas para se preocuparem e nossas famílias ainda não são melhores amigas. Então acredito que não lidarão bem em saber que temos um caso.

— Não quero nenhum deles atrás de mim tentando me socar. Além disso, meu pai provavelmente sairia de Milão para chutar a minha bunda se soubesse que estou fodendo a caçula dos Underwood. — Ele meneia a cabeça. — Outra coisa. Sem Dominic Allister.

— Dom é meu amigo.

— Dom? — desdenha, diminuindo o ritmo e me fazendo lamentar. — É assim que você o chama?

— Ele é casado, Edmund. *Muito bem-casado.*

Percebo o resquício de surpresa em seu olhar e solto uma risada.

— Dominic Allister é casado?

— Sim, ele é. — Sua feição relaxa e lambo meus lábios, quando ele voltar a bombear dentro de mim. — Mas...

— Pare de falar de outro homem enquanto você está nua para mim e meus dedos estão dentro de você.

— Ele se abaixa, deixando um beijo rápido em meus lábios. — O que me lembra de acrescentar uma regra.

— Que seria?

— Eu quero exclusividade. — Sorri, umedecendo os lábios. — Enquanto esse acordo durar, quero você só para mim. Esqueça suas transas insignificantes, suas danças infelizes com desconhecidos e esqueça os jogadores de hóquei, porra. — Ele se abaixa, beijando meu pescoço com força. — Enquanto estivermos nesse acordo, você é minha. Totalmente minha. E eu certamente não irei te dividir. — Nossos olhos se encontram e um olhar perigoso toma conta do seu rosto. — Casado ou não, Melany, ninguém toca em você. Ninguém respira perto de você ou te olha de forma

inapropriada. Porque não me importaria de destruir alguém, eu já fiz isso por menos.

Meus olhos estão nos seus.

Não há nada ali que me mostre que ele está brincando.

Cada palavra é tão real quanto esse acordo que estamos forjando.

— O mesmo para você?

— Eu não estive com ninguém durante esses três anos. — Meus olhos se arregalam pela sua confissão e percebo que ele solta uma risada fraca. É rápida, mas é perfeita e adoro o som dela. — Você realmente acredita que irei querer alguém agora que finalmente tenho o que desejo?

Edmund não transou com ninguém durante todo esse tempo.

Ele esteve ao redor de mulheres lindas, mas não dormiu com nenhuma delas.

— Impossível.

— Eu não minto.

— Você não esteve com ninguém? — repito suas palavras, perplexa. — Durante todo esse tempo, você não transou com ninguém?

— Entre outras coisas.

Dá de ombros, acariciando meu clitorís.

— Por quê? — indago, ainda em choque.

— Porque ninguém era interessante o suficiente. — Ele sorri e arrasta seu dedo pela minha pele, causando arrepios. — Agora vamos à minha última regra.

— Que seria?

— Eu quero uma dança — ele pede e ergo uma sobancelha. — Você terá o melhor sexo da sua vida e eu terei uma dança sempre que desejar.

— Me ver dançar é um fetiche seu? — Sorrio, provocando-o.

— Você por inteira é um fetiche meu, wildcat.

Encaro seu rosto por um momento, sem saber como chegamos a isso.

Como nós dois saímos de não suportamos um ao outro para fecharmos um acordo com benefícios que pode muito bem destruir a pouca paz que construímos nesse meio tempo?

No entanto, decido deixar tudo isso para lá e sorrir em sua direção, antes de levar a minha mão até o seu rosto, acariciando sua bochecha e morder os lábios assim que suas estocadas aumentam e sinto meu orgasmo chegando.

— E não seja tão egocêntrico, você não é o melhor sexo na minha vida.

É uma mentira tão descabida que nem mesmo ele acredita.

Seus olhos brilham e um sorriso predatório toma conta de seus lábios.

Eu estou ferrada.

Muito.

Deliciosamente ferrada.

— Não?

— Não. — Estalo a língua no céu da boca antes de lambe meu lábio inferior. — Você foi um sete. Talvez um sete e meio.

Ele ri.

Edmund Blackwell ri para mim.

E Deus, é lindo e totalmente delicioso de ouvir.

— Preciso mudar isso então, linda.

Ele retira seus dedos e estou prestes a xingá-lo. No entanto, antes que eu tenha a oportunidade, Ed se vira, pegando um preservativo e rolá-lo pelo seu membro. Logo depois segura minhas coxas e se ergue, levando o seu pau ereto até a minha entrada e solto um gemido quando entra lentamente em mim.

Minhas unhas arranham suas costas a cada impulso.

Meu controle já não me pertence.

Somos apenas ele e eu.

Duas pessoas que não deveriam ceder a isso.

Edmund aumenta a velocidade de seus impulsos como se tivesse sido privado do meu corpo por tanto tempo que agora quer reivindicar cada parte dele.

E eu permito isso, até mesmo suplico.

Levanto meu rosto até que minha boca se fecha em seu pescoço e chupo a pele, deixando um chupão que não deveria, mas percebo que anseio. Um novo sorriso nasce em seus lábios ao mesmo tempo que ele ergue o meu quadril, estoca com mais agilidade e meus gritos se tornam impossíveis de segurar.

É perfeito.

Monumental.

Estratosférico.

E sei que não sairemos deste quarto tão cedo.

— Ed... — Arfo, quando ele aumenta o ritmo.

Uma de suas mãos resvala meu mamilo, para então beliscá-lo antes de descer até meu clitóris, massageando-o e empurrando seu membro mais fundo em minha boceta. Minha cabeça tomba para trás e mordo meu lábio inferior sentindo-o me destruir para qualquer um que venha depois dele.

— Sim, querida?

Ele traz meu corpo para frente e para trás, rápido.

Porra, é magnífico!

— Nós vamos nos atrasar.

Minhas unhas se arrastam pela sua nuca e minhas pernas circulam seu corpo, puxando-o para mim e obrigando-o a ir mais fundo ao mesmo tempo que sua língua ataca a minha.

Quando ficamos sem ar, minha cabeça cai na cama, nossas respirações se misturam e um sorriso cruza seus lábios.

Os olhos âmbar brilham como constelações quando encaram os meus.

E percebo que Ed me olha com fome de quem me quer até a alma.

É um olhar recíproco.

E tenho a plena certeza de que Edmund Blackwell sem dúvida é a personificação do meu fim.

— Eu sei, é o meu intuito aqui.

— O nosso voo.

— Eu tenho um jatinho.

Ele pisca para mim e morde meu queixo antes de distribuir inúmeros beijos pelo meu rosto.

— Merdinha egocêntrico.

— Deus, eu adoro quando você me xinga assim. — Satisfação toma conta do seu olhar. — Agora me deixe te comer até você parar de mentir sobre eu não ser a melhor transa da sua vida.



## SAINT VINCENT - PARTE II

*Se o mundo inteiro estivesse assistindo, eu ainda  
dançaria com você  
Dirigiria por rodovias e cruzaria atalhos para estar com  
você*

*O tempo todo, a única verdade  
É que tudo me lembra você*

**This Town | Niall Horan**

*Melany Underwood*

Chegamos em Saint Vincent com quatro horas de atraso.

Nós teríamos tido tempo de embarcar antes se Edmund não tivesse me mantido na cama mais do que o necessário e não tivesse subornado um dos seus funcionários para nos enviar roupas novas.

O que realmente me fez viajar ao lado de Edmund no jatinho particular da Blackwell Enterprise e resultou nele me puxando para o quarto de descanso e me fodendo durante as três horas de viagem.

Agora enquanto caminho com ele ao meu lado pelo aeroporto de Saint Vincent, com o corpo totalmente dolorido por tudo o que aconteceu desde a noite anterior,

tenho a certeza de que ele não me tocará até que voltemos para Nova Iorque.

Não quando tudo em mim pede por uma boa noite de sono.

Um banho quente que seja longe o suficiente do pau de Edmund.

— Fique na mansão da minha família — sua voz me tira dos devaneios assim que chegamos ao estacionamento.

Viro meu rosto em sua direção com uma sobrelanceira arqueada..

— Por quê?

— Porque assim eu posso te comer enquanto todos dormem. — Ele para de puxar a mala e se vira para mim com um pequeno sorriso. — Além disso, Jay vai adorar ter a pessoa favorita dele durante todo o final de semana. Apenas fique lá.

Inclino minha cabeça para o lado, observando seus olhos tomarem um brilho diferente.

Eu nem mesmo deveria cogitar isso.

Não quando tenho mil coisas para fazer até a nossa volta em três dias.

— Não posso. Eu tenho que passar um tempo com Aidan e Audrey — digo, fechando minha mão na alça da mala. — E preciso dormir mais do que duas horas.

— Você pode dormir na mansão, há camas lá.

— Dormir quer dizer que você não estará entre as minhas pernas, Edmund.

Ele revira os olhos.

— Seria um bônus me ter entre suas pernas. — Ele me lança um olhar sedutor.

— Minha resposta continua sendo não.

— Por quê?

— Porque eu realmente estou dolorida, Ed. — Inclino minha cabeça e percebo seus olhos perderem o

brilho e serem tomados por algo que talvez seja preocupação. — Apenas preciso descansar.

— Merda, linda, me desculpe — diz, dando um passo à frente, mas recua antes que possa me tocar. — Atrás de você.

Olho por cima do ombro, encontrando Logan e Aidan vindo em nossa direção e agradeço aos céus pelo meu casaco de inverno tapar todas as marcas deixadas em meu corpo na noite anterior. Seria constrangedor ter que explicar aos meus irmãos o porquê parece que fui atacada por um vampiro durante a minha vinda.

— Mel? — A voz rouca e cansada de Aidan faz com que eu me vire totalmente em sua direção. — Está tudo bem aí?

Meus olhos focam no meu irmão mais velho.

Os olhos azuis e frios de Aidan recaem em Edmund ao meu lado e percebo a forma como ele tensiona a mandíbula pela nossa aproximação.

— Por que não estaria? — Sorrio, observando-o me encarar como se esperasse algo diferente. — Eu estou bem, Aidan.

Desvio o olhar até Logan que tem um pequeno sorriso em seu rosto direcionado para Ed, enquanto Aidan se limita apenas a manear a cabeça e ignorar a sua presença.

Solto a minha mala, caminho até que estou entre os braços de Logan e ele me abraça fortemente, como se não nos víssemos há tanto tempo. É familiar, quente e protetor.

É como Logan Underwood sempre foi.

Minha pessoa favorita em todo universo.

Alguém que eu sempre prometi nunca machucar, mas que percebo que talvez farei isso por não conseguir me controlar. Assim que me afasto, o encaro com um enorme sorriso no rosto.

— Oi, pirralha.

— Oi, Lo. — Meu sorriso aumenta. — Eu senti saudades.

— Eu sei, você me ama demais — zomba, beijando a minha testa e se afastando. — Aidan quer falar com você e eu preciso falar com meu cunhado ranzinza.

— Você vai me encontrar na casa da tia Audrey?

— Sempre. — Meu irmão se vira para a pessoa que nem mesmo imagina que estava me beijando há poucos minutos. — Oi, Ed.

— Me diga que Verônica não quer a minha cabeça?

Logan solta uma risada dando um passo na direção.

— Me diga que a minha irmã não te irritou durante a viagem.

Reviro meus olhos quando a feição brilhante de Edmund recai em mim e percebo o olhar maquiavélico.

— Não, ela foi bem silenciosa dessa vez. Até parecia que tinha algo impedindo-a de falar. — O ar fica preso em minha garganta quando entendo o que ele quer dizer com isso. — Você veio para me dar uma carona?

— Era isso ou sua irmã cortaria a minha cabeça.

— É típico dela.

Edmund mantém os olhos em mim e só desvia quando percebe que Aidan o encara friamente. Decido que isso é muito para lidar e apenas dou um passo na direção dele que sempre foi contra a minha aproximação com a família de sua ex-namorada e abro um sorriso.

*Não perceba nada, Aidan.*

*Não faça nada.*

*Apenas olhe para mim.*

— Oi, Aidan. — Sorrio, mesmo que me doa saber quem ele se tornou.

Esse não é o garoto que me protegeu.

Que lutou as minhas lutas por mim.

Que esteve lá quando eu precisei.

— Oi, Mel. — Ele abre os braços e me pego indo em sua direção, da mesma forma como fazia quando era criança e buscava por abrigo. — Eu senti saudades.

O ar fica preso em minha garganta com a sua confissão.

Aidan quase nunca demonstra seus sentimentos.

Ele raramente me deixa olhar por trás de suas armaduras e odeio isso. Odeio que me sinta como uma estranha quando se trata dele, principalmente quando passei metade da minha vida sob sua proteção e correndo para ele sempre que as coisas saiam do controle. Odeio que Sophie — a única mulher que, um dia, chegou a amar — o tenha destruído para outras pessoas.

Porque agora é como se esse homem que me abraça fosse apenas uma casca do meu irmão.

— Eu também. — Afasto-me, colocando um sorriso falso no rosto. — Eu soube que você reabriu a oficina.

Ele coloca as mãos nos bolsos frontais.

Ele é a cópia de Anthony Underwood e dói olhar para ele.

*Você a matou.*

*Você machucou a sua mãe.*

*Você a deixou doente.*

— Sim. — Há um toque de alegria em sua resposta. — Ela está crescendo mais a cada dia.

*Mas não deveria.*

É o que quero dizer. É o que sinto.

Mesmo que seja egoísta, mesmo que eu saiba que Aidan não tem culpa das lembranças que aquele lugar me trás, ainda assim, não consigo ficar feliz por ele estar abrindo uma parte da caixa de pandora da nossa família.

Reabrir aquela oficina é relembrar toda a raiva da nossa mãe, todas as vezes que encontramos papai bêbado naquele lugar depois da morte dela.

É reviver todas as discussões deles e as minhas piores memórias.

Meu pesadelo.

*Tudo.*

— Mel? — A voz de Logan me faz voltar à realidade. Forço um sorriso, percebendo o olhar de Edmund em mim.

É totalmente diferente da forma como ele me encarou no hotel e no avião. É como se ele odiasse estar aqui e me ver desta forma. Não suportando isso, me viro para Logan com uma expressão tão forçada que dói.

— Eu estou cansada — digo uma meia-verdade. — Nós podemos ir.

— Claro. Irei levar Ed até a mansão e posso te buscar na casa da tia Audrey depois. — Meneia a cabeça. — Vee quer que você fique conosco.

Ouçó Aidan praguejar atrás de mim e sei que ele não concorda com isso.

— Tenho que passar um tempo com a nossa tia. — Pisco, sabendo que ele odeia isso também. — Ela deve estar lotando todo o meu telefone. Mas prometo ir visitar vocês amanhã.

A decepção toma conta do olhar de Logan e odeio isso.

Odeio magoá-lo.

— Ok. — Ele dá um passo à frente e beija minha testa. — Aidan vai te levar até ela. Me ligue assim que estiver chegando.

— Eu irei.

Meu olhar vagueia até Ed e percebo que ele se afasta sem olhar para trás.

Ele vai em direção ao SUV parado e, quando abre a porta, se vira e me encara por alguns segundos antes de entrar no automóvel e me deixar com meu irmão mais velho que parece odiar cada instante que tem que suportar a presença de um Blackwell.

— Achei que tivesse se resolvido com a família da Verônica — digo, esperando por uma resposta diferente e me viro com uma sobrancelha. — Achei que todos nós tivéssemos superado o que aconteceu.

— Suportar o casamento de Logan porque ele ama Verônica e simpatizar com eles é totalmente diferente de superar. — Ele pega a minha mala e seguimos em direção ao apartamento. — Nem todos conseguimos perdoar o passado, Mel.

— Você deveria tentar — falo, assim que chegamos ao seu carro. — Já faz anos que tudo aconteceu e apenas você lástima o passado. Ninguém vai te devolver o que Sophie te tirou, mas isso não significa que precisa odiar todos ao seu redor porque decidiram viver em paz.

Sei que minhas palavras o machucam.

Sei que ele odeia a forma como falo.

Mas estou tão cansada dele achar que todos tiveram culpa quando a única pessoa que destruiu ambos os lados está morta.

— Algumas coisas você nunca vai entender.

— Nem você — devolvo me sentando no banco do carona. — Nem tudo é simples, Aidan.

Ele me dá um longo olhar antes de suspirar fundo e começar a dirigir rumo a Parte Baixa da cidade.

Me encosto na janela, sabendo que ele não me responderá e não tentarei forçá-lo. Não quando sei o que o passado representa para nós dois.

— Como está Nova Iorque?

Sorrio e, pela primeira vez, percebo que é real.

— Incrível. — Viro meu rosto em sua direção. — Eu serei solista pela primeira vez em uma apresentação, Aidan.

— Eu sei. — Um novo sorriso toma conta de seu rosto. — Estou me organizando para ir te ver com mais frequência, Mel.

— Eu ficarei feliz.

— Há outra coisa que queria falar com você.

— Ok.

— É sobre a nossa mãe.

Todo o meu corpo enrijece.

De repente, sinto frio e belisco o interior do meu braço.

Me sinto novamente naquele sótão e depois naquela chuva.

— O que aconteceu?

*Não me diga.*

*Não fale nada.*

*Não me lembre.*

*Não me machuque.*

*Apenas, não me lembre dela.*

— Eu encontrei algo enquanto limpava o antigo ateliê dela.

Ergo uma sobrancelha, confusa.

As memórias congestionam minha mente e sinto tudo o que não me permito sentir.

Dor. Decepção. Impotência. Saudade.

— O quê? — praticamente gaguejo. — Aidan...

— É algo para você, Mel.



Meu pai dizia que sempre que estivesse com medo, eu deveria pensar nas dezenas de corações que ele me trouxe. E que se o medo fosse demais, eu poderia apertar o colar que me deu antes da nossa vida ruir.

Às vezes acho que todo o meu amor por corações vem disso.

Às vezes gosto de acreditar que durante a sua dor, ele ainda me protegeu. Mesmo que no final dela, ele

tenha se tornado uma pessoa irreconhecível pelo que a perda do seu verdadeiro amor fez.

Ninguém nunca entendeu o meu fascínio por corações.

Ou motivo pelo qual durmo com pijamas de corações.

A verdade por trás disso, é que apenas faço porque penso que Anthony poderia me proteger do medo do escuro, sempre tenho um colar de coração quando vou me apresentar, porque ele me dizia que sempre estaria na primeira fileira.

Eu sempre amei meu pai.

Até mesmo quando ele me odiava.

Até mesmo quando me culpou pela morte do amor da sua vida.

Eu o amei mesmo que tenha se perdido no luto.

Mesmo quando se tornou uma pessoa que não era confiável.

Isso é algo que nunca contei a ninguém. Nem mesmo a Logan.

Agora, enquanto observo a casa que passei boa parte da minha vida, me questiono o que teria acontecido se aquela noite não tivesse selado o destino de toda a minha família.

*Se eu não tivesse selado o destino da minha família.*

Meu olhar se arrasta até a janela, onde costumava me sentar para observar as estrelas sempre que mamãe tinha uma crise e papai tentava acalmá-la, depois para a janela que Logan sempre fugia para participar das corridas ilegais no parque de diversões. Por fim, finalmente encaro a porta que se abre e todo meu corpo enrijece.

Cabelos escuros. Olhos azuis e um sorriso totalmente diferente do que *ela* me daria se estivesse

aqui. Audrey ajeita o cardigan em seu corpo magro e caminha até as poucas escadas, vindo em minha direção.

— Mel, querida. — A voz suave da minha tia me tira do meu torpor.

— Não sabia que você estava morando na antiga casa dos meus pais — digo, sabendo que ela me repreenderá pela saudação. — Por que estamos aqui?

Não quero estar aqui.

Não quero entrar e dar de cara com o meu passado.

Eu só quero voltar para Nova Iorque.

Só quero que o barulho da cidade não me deixe relembrar as vezes em que o silêncio foi o meu melhor amigo. Quando o escuro se tornou meu pior pesadelo e minha família foi se desintegrando a cada vez que papai escondia a situação da minha mãe e me forçava a mentir para todos ao meu redor.

*Respire, Mel.*

*Apenas respire.*

— Não é assim que cumprimentamos nossa família, Melany! — Seus olhos se semicerram. — Mas estamos aqui porque houve um problema com a encanação da minha casa e Aidan me convidou para passar alguns dias aqui.

Balanço minha cabeça, tentando não deixar que meus pensamentos tomem conta de mim e observo-a sorrir, colocando o cabelo atrás da orelha.

— Ok. — Força minha voz a sair calma.

— Venha, eu irei fazer o seu prato favorito enquanto me conta como estão os seus treinos.

Ela nem mesmo percebe como estar aqui me deixa desconfortável, que as memórias que estão em todos os lugares sufocam-me. Mesmo assim, apenas sorrio quando vem até mim e me puxa para um abraço.

Deveria ter sentimento de lar.

Deveria ser tudo, menos desconfortável.

Engulo em seco e finalmente percebo que Aidan está escorado no antigo carro de Logan me encarando como se desconfiasse que não estou bem em ficar aqui. Mesmo assim, ele apenas meneia a cabeça, pega a minha mala e adentra a casa como se esse lugar não fosse o nosso purgatório particular.

Dou um passo hesitante, subindo os degraus e nem mesmo presto atenção ao que a minha tia está falando. Meu olhar se arrasta pelos porta-retratos espalhados pelo ambiente, pelo cheiro de tinta que embrulha meu estômago e, antes que perceba, cruzo os braços, beliscando o interior deles

*Ela não está aqui.*

*Ela não pode mais me machucar.*

— Mel?

Coloco um sorriso no rosto, encarando o olhar preocupado de Audrey e apenas dou um passo à frente, tentando não demonstrar o que as lembranças dessa casa fazem comigo.

— Eu estou um pouco cansada — digo, sabendo que estou frisando isso muitas vezes hoje. — Preciso de um banho e já desço para comermos. Ok?

Ela sorri tensa, sabendo que estou tentando fugir.

— Claro, descanse e depois desça.

Afasto-me, não sabendo quanto tempo mais conseguirei manter o sorriso no rosto antes que as memórias acabem comigo. Subo os degraus, lentamente, tentando não deixar que o passado caia sobre mim e as lágrimas desçam pelo meu rosto. Aperto meus punhos sentindo minha unha forçar contra a minha pele e meu peito dói.

Inspire.

*Vamos viajar, querida.*

Expire.

*Feche os olhos, Mel.*

Inspire.

*Mamãe, eu estou com medo.*

Expire.

*Você é a minha esperança.*

Inspire.

*Você dança tão bem, querida.*

Não permito que as memórias me façam quebrar, não agora. Não quando estou conseguindo conquistar tudo o que sempre sonhei. Não quando a minha vida está finalmente entrando nos eixos depois de anos reprimindo o que aconteceu durante os últimos meses de vida dela.

— Melany?

Viro-me em direção à porta aberta do quarto de Aidan e o vejo me observando da mesma forma como fez lá fora.

— Você não mudou nada aqui — digo, baixo e inexpressiva. — Parece que essa casa parou no tempo.

Ele coloca as mãos nos bolsos frontais e dá alguns passos até onde estou.

— Você odeia esse lugar — afirma, fitando meu rosto com calma. — E estou começando a me perguntar o que você não nos contou.

Minha respiração fica presa na garganta.

*Diga a ele.*

*Conte o que todos têm medo.*

*Fale sobre a doença da mamãe.*

Mas não consigo. Não quando todos os momentos que rondam a minha cabeça me indicam que se eu fizer isso, estarei acabando com a memória que meus irmãos têm dos nossos pais e isso não é justo, não quando eles já têm lembranças demais para lidarem.

— Eu apenas não me sinto mais em casa. — Sorrio e percebo que estou cansada de sorrir, de fingir que estou bem o tempo todo. — Você me disse que encontrou algo para mim?

— Encontrei. — Ele inclina a cabeça para o lado, percebendo que estou tentando mudar o rumo da nossa

conversa. — Mas agora não sei se devo te entregar.

Franzo o cenho, confusa.

— Por quê?

— Porque são cartas que a mamãe escreveu para você. — Meu corpo todo enrijece. — E você, claramente não se sente bem aqui, temo que isso te deixe pior ainda.

— Acho que posso decidir sobre isso por mim mesma — digo, mesmo que o medo tome conta de todo o meu corpo. — Não sou mais criança, Aidan, não me trate como uma. Posso lidar com os meus problemas sem que você ou Logan sempre intervenham.

— Não é isso que pareceu.

— Como é?

— Eu vi a forma como Blackwell e você interagiram naquele aeroporto. — Sua frase faz com que todo o meu corpo paralise. — Não parecia que você abominava a existência dele como sempre disse para mim.

— Nós dividimos um apartamento, Aidan, é claro que interagimos o suficiente para não tentarmos matar um ao outro. — Percebo meu erro no momento que profiro as palavras. — Aidan...

— *Vocês o quê?*

— Se você fosse uma pessoa presente na minha vida saberia o motivo pelo qual estou morando com o cunhado de Logan — grunho, respirando fundo. — Me dê as cartas.

— Diga que está brincando e que não está morando com um maldito Blackwell.

— Não estou brincando e não estou com paciência. — Coloco as mãos na cintura e ergo o rosto. — Pare de me encarar como se isso fosse me assustar ou achando que tem algum controle sobre a minha vida, porque é patético.

Aidan dá um passo à frente, semicerrando os olhos e solto uma lufada de ar impaciente pela forma como

está agindo.

— Se ele encostar um dedo em você, eu estou pouco me fodendo para o casamento de Logan. Não me importarei se isso fará com que nossas famílias voltem a brigar, eu apenas irei te proteger como não consegui fazer no passado — diz e posso perceber que não há espaço para brincadeira. — Apenas fique longe, ok?

*Bem, tarde demais.*

Como ficar longe depois de tudo o que Edmund e eu fizemos naquele quarto? Ou no avião? Bem, como dizer ao meu irmão que a pessoa que ele claramente quer longe de mim me fez gozar até que eu implorasse para dormir? Que me fodeu de todas as formas que estou tão dolorida que apenas quero descansar um pouco?

— Pare de agir como se fosse meu pai. — Minha voz sobe um decibel quando finalmente saio dos meus devaneios. — Pare de achar que você tem controle sobre a minha vida. Não tem nada acontecendo entre Edmund e eu. Nós apenas dividimos um apartamento porque não posso me dar ao luxo de procurar por outro quando estou prestes a estrear como solista e me formar. E, se você realmente se importasse, saberia que isso é o menor dos meus problemas ultimamente. Então pare antes que eu o tire da minha vida sem me importar se isso te machucará.

Aidan tensiona a mandíbula quando percebe que não estou acatando nenhum dos seus pedidos e que claramente não me importarei em chutar a sua bunda se me irritar mais um pouco. Contudo, ele apenas gira os calcanhares, indo até seu quarto e me deixando no meio do corredor com uma dor de cabeça iminente junto a uma raiva que se estende por todas as minhas veias.

Quando penso em me virar e finalmente encarar todas as memórias dentro do meu antigo quarto, ele volta com uma caixa colorida e a deposita em meus braços, antes de me lançar um olhar conciso.

— Eu não quero agir como nosso pai ou tentar ter controle sobre você, Mel. Eu apenas te amo o suficiente para saber que você é a única coisa que aquela família não vai destruir. Que eles não irão tirar de mim. — Sua voz é tensa, mas preocupada. — A única pessoa que me importo e não vou deixá-los te machucarem. Apenas me prometa que vai ficar longe deles.

Percebo o medo irradiar suas pupilas.

Algo que raramente meu irmão mais velho demonstra. Algo pelo qual sempre achei que ele nem mesmo era capaz de sentir depois de tudo.

Mesmo que eu odeie isso, sei o porquê se sente assim e odeio tudo o que *ela* fez com ele. O quanto *ela* tirou dele e que nunca mais poderá recuperar.

— Eu não sou a Sophie, Aidan — finalmente digo, mas percebo que a minha voz é baixa. — Eu não sou a pessoa que te machucou.

Minhas palavras o atingem de uma forma que me arrependo.

Mas a dor às vezes é necessária.

— Você nunca poderia ser.

Sorrio, dando um passo à frente e erguendo o meu rosto.

— Então pare de jogar seus medos em mim. — Sorrio sem mostrar os dentes. — Pare de achar que todos são como ela. Sophie morreu e sinto muito por isso. Mas, por favor, pare de me colocar no meio de algo que não tenho responsabilidade. Não vou ficar no meio de uma briga que existe apenas na sua cabeça. Logan está feliz e aconselho você a começar a procurar a sua felicidade também.

Dou um passo pra trás, virando-me em direção ao meu quarto. Meu coração dói por cada palavra proferida, mas sei que ele precisava disso. Precisava entender que o mundo não gira em torno do seu passado.

— Logan está feliz, mas você finge estar, Mel. —  
Sua voz baixa faz com que todo o meu corpo enrijeça. —  
Eu só me questiono o que mamãe fez para te tornar  
nessa pessoa.

Olho por cima dos ombros.

Minha respiração se torna descompassada, mesmo  
que eu tente não demonstrar.

— Por que acha que ela fez algo comigo?

— Porque eu vi como você olhou para o caixão  
dela.

Meu coração para por um momento.

*Não, impossível.*

Ele nunca saberia.

Não há como saber.

— Como eu olhei?

Ele dá uma pausa e me encara como se refletisse o  
peso de suas próximas palavras.

E eu espero.

São minutos incontáveis.

Minutos que acho que nem mesmo respiro.

Minutos que tenho certeza de que ele desbrava  
todas as lacunas das mentiras que contei durante todos  
esses anos.

— Como se estivesse aliviada.



## IGUALARIA A VOCÊ

*Temos todo esse tempo em nossas mãos  
Podemos até cancelar nossos planos, sim  
Eu poderia ficar aqui a vida inteira  
Então, tranque a porta e jogue a chave fora  
Não posso mais lutar contra isso, somos só você e eu*  
**Stuck with U | Ariana Grande feat. Justin Bieber**

*Edmund Blackwell*

Algumas pessoas dizem que herdei a personalidade de Jonathan Blackwell.

E nunca levei isso como um elogio. Não quando sabia das coisas que meu pai fez e acabaram machucando todos ao nosso redor. Quando ele foi um dos motivos pelo qual minha mãe quase nunca vem para essa casa e se isola para que ninguém a veja sofrendo.

Ele também é insensível, introvertido e, acima de tudo, obcecado.

Obcecado pelo seu império, sobrenome e por Amber Blackwell.

Desde a minha infância, sabia que meu pai odiava ter que lidar com qualquer ser humano que não fosse

ela. Jonathan não se importou em destruir todos que tentaram derrubá-lo apenas porque não nasceu na Parte Alta da cidade ou de ignorar os babacas que puxam seu saco sempre que podem.

Ele também não se importou em destruir aqueles que ousaram machucar minha mãe no passado ou de qualquer pessoa que ele achasse que prejudicaria um de nós.

Agora, enquanto giro minha taça de vinho e observo-o conversar com seu chefe de segurança enquanto mantém o olhar na mamãe que está do outro lado do jardim, sentada com Hazel, começo a compreender o motivo pelo qual ele fez tudo isso.

O motivo pelo qual ele foi contra todos os princípios para colocar nosso sobrenome no topo da hierarquia. E o motivo pelo qual ele sempre deixou claro que Amber é sua maior prioridade, mesmo que ela o odeie com todas as suas forças desde que sua ambição sobressaiu a qualquer sentimento de anos atrás.

Mas a cada vez que ele dirige seu olhar até ela, eu entendo.

Cada vez que ele faz o mundo se curvar aos pés dela, eu não o julgo.

Acho que nem mesmo conseguiria, não quando estou prestes a fazer o mesmo com uma certa bailarina que me ignora desde que chegou horas atrás e passou o tempo todo evitando qualquer pessoa que não seja Theo ou Jayden.

— Você poderia disfarçar, sabe? — A voz de Vee me faz desviar o olhar e encará-la por cima da borda da taça. — Eu sei que você não é o maior apreciador da presença de Melany. Mas você me prometeu tentar ser mais gentil.

Minha sobancelha se ergue ao encarar minha irmã se sentando ao meu lado, folheando uma revista de maternidade. Tento não demonstrar que ultimamente aprecio a presença da sua cunhada mais do que qualquer

outra. Ou, pior, que o olhar que estou dirigindo a ela representa tudo, menos antipatia.

— É impossível — minto, girando a taça novamente e me encostando no sofá, permitindo-me relaxar. — Aliás, eu pensei que ela ficaria com a tia dela. O que aconteceu para que mudasse de ideia?

Verônica desvia o olhar da revista, forçando um sorriso e encara Mel por um instante antes de voltar a me fitar com uma preocupação que reconheço desde criança.

Um sentimento que ela dirige a poucos e que me faz fitar a pessoa que mora em meu pensamento e obrigá-la a me dizer o que está acontecendo, mesmo sabendo que eu ouviria um audível “*vá se foder*”.

— Eu estava com saudade dela e Logan a convenceu a passar esses dias conosco — Verônica mente e meus olhos se semicerram assim que percebo como tenta não me encarar. — Além disso, Jay vai adorar ter mais tempo com ela. Hazel me disse que ele pergunta da Mel todos os dias.

Sei que suas palavras não são mentiras, mas posso perceber que mesmo que Melany esteja sorrindo para Theo e Jayden do outro lado da piscina, há algo a incomodando.

Algo que poucos entendem, mas que está explícito em cada parte do seu rosto.

— Tia Mel! — Jay grita quando ela gira com ele e uma risada salta dos seus lábios. — Eu já sou grande.

— Então você não precisa mais de mim? — indaga, colocando a mão no coração e observo Doc, o cachorro de Hazel, pular nas pernas de Jay. — Venha, Theo e Doc, vamos deixar o *Sr. Grandão* sozinho.

De relance percebo Hazel sorrir em direção a eles.

— *Não! Não!* Eu não gosto de ficar sozinho — ele grita e ela solta uma risada.

Melany para de correr, coloca uma das mãos na cintura e com a outra pega Doc, antes de olhar para o céu forçando um sorriso. Mesmo com a alegria de segundos atrás, ainda posso ver como seu corpo enrijece, como ela tenta não demonstrar que algo mexe com ela.

Triste.

Perdido.

Completamente o oposto do que ela é.

— Ed? — A voz de Verônica me faz voltar a encará-la.

Balanço a cabeça, afastando-me do transe e encaro a minha irmã com uma sobrancelha arqueada.

— Então isso significa que ela estará na mansão até voltarmos para Nova Iorque? — indago, lançando uma careta que não condiz com o que realmente estou sentindo.

Ela solta um suspiro, virando a página de sua revista.

— Sim. — Seu rosto se ergue vagarosamente em minha direção. — Mas Oliver me disse que assim que Andrew voltar, eles terão um apartamento disponível já que todo o alarde sobre Melany passou.

Tento e falho em não demonstrar como a novidade me pega de surpresa.

— Não é necessário.

Minha irmã me lança um olhar desconfiado.

— Achei que estaria dando pulos de alegria pela novidade.

Eu deveria fazer isso, eu realmente deveria.

Mas a ideia de não tê-la no mesmo espaço que eu, me irritando, comendo suas frutas e assistindo seus filmes estúpidos ou até mesmo dançando altas horas da noite quando acha que ninguém percebe, é aterrorizante.

— Eu mudei de ideia, na verdade. Não acho sensato eles se mudarem apenas porque somos

obrigados a nos aturar — afirmo, tentando mostrar indiferença em meu tom de voz. — Nós somos adultos, podemos conviver em paz.

— Ok. — Ela inclina a cabeça para o lado, me olhando como se quisesse ler meus pensamentos. — Mas se você a perturbar, serei obrigada a chutar a sua bunda, Edmund.

— Não pretendo.

— Acho bom, porque eu não estou brincando.

Há algo implícito em suas palavras e mesmo que eu ameace todo o seu precioso closet, Vee não me contaria. Não quando se trata de proteger Melany.

Sabendo que minha irmã não falará nada, apenas me limito a observar todos e perceber que nosso pai agora caminha até onde mamãe está sentada sozinha e se escora na poltrona adjacente a dela, estendendo um copo de água com limão para ela, uma das suas bebidas favoritas.

No entanto, quando ela o observa, tensiona a mandíbula, provavelmente desejando que fosse outra pessoa.

— Você acha que ele quis vir por vontade própria? — questiono, antes que eu possa me segurar — digo, você realmente acha que ele veio nos visitar porque sentiu saudade?

Verônica me encara com uma das sobrancelhas erguidas.

— Quem?

— Jonathan.

— Não sei dizer. Ele ama Jayden, mas não deixaria Milão apenas por um aniversário. Ele está aqui porque não deixa que mamãe viaje sozinha há anos. — Ela suspira fundo e leva seu suco até a boca. — Como está a sua estadia em Nova Iorque?

— Entediante — minto, desviando um olhar ao perceber que ela tenta mudar de assunto. — Por que ele não deixa que ela viaje sozinha?

— Pelo que aconteceu na última gravidez dela, Ed. Engulo em seco.

Nunca falamos disso.

Ninguém nunca teve a coragem de falar sobre o parto que mamãe quase morreu.

— Você acha que ele a ama?

— Obsessão e amor são duas coisas totalmente diferentes. — Ela pega um álbum de fotos em cima da mesa e solta uma lufada de ar. — Nem sempre a junção desses dois sentimentos é boa.

— É o caso dos nossos pais?

— Isso é algo que apenas eles poderiam te responder.

Meneio a cabeça, concordando. Houve uma época que acreditei que Jonathan amava algo além da Blackwell Enterprise, algo além do dinheiro e tive esperança de que, de fato, fosse real.

Mas agora percebo que talvez eu realmente seja tão parecido com ele que chego a me assustar. Meu olhar, de repente, procura por algo que não consigo compreender e fito o objeto em suas mãos.

— Por que você está olhando para nossas fotos de infância?

— Não sei. — Seu sorriso se torna fraco. — Nostalgia, talvez?

— Diga-me a verdade, Vee — sussurro quando percebo que ela franze os lábios. — Te conheço o suficiente para saber quando algo está preocupando-a.

— Eu tenho medo, Ed.

Suas palavras me pegam desprevenido.

— Preciso apenas de um nome e no máximo uma hora para acabar com a pessoa que te fez sentir dessa

forma — afirmo, abandonando minha bebida e focando toda a minha atenção nela.

— Não preciso desse tipo de proteção.

— Sei disso e por isso quase nunca me intrometo nos seus assuntos.

Minha irmã solta uma pequena risada e sinto como se o mundo estivesse mais leve.

— Às vezes esqueço que você não é mais o pirralho que eu precisava defender. — Seus olhos se tornam brilhantes e mesmo que ela nem mesmo imagine que estava falando sério, um sorriso nasce em meus lábios. — Tenho para mim que Atena e Noah serão como nós.

Meu olhar se volta para minha irmã que agora fita nossos pais.

— Não serão — digo, me ajeitando em minha cadeira. — Porque para eles serem como você, Dy ou eu, eles teriam que ter uma família disfuncional. Teriam que se importar mais com o dinheiro do que com o amor. E isso é algo que meus sobrinhos não terão, não quando eles têm você e Logan como pais.

Vee sorri.

É um sorriso tão lindo e contagiante que sinto algo em meu peito.

Algo que raramente me permito sentir porque sei o que significa.

— Às vezes tenho medo de errar.

— Você vai errar. — Dou de ombros. — Assim como todos os pais fazem, mas a diferença é que quando perceber que cometeu um erro, vai se desculpar e tentar ser melhor. Essa é você, Vee, e isso é uma das coisas que mais amo em você.

— Além do meu ótimo gosto para roupas.

— Além do seu *péssimo* gosto para roupas — zombo.

Ela tomba a cabeça para o lado soltando uma risada e volta a me fitar com os olhos brilhantes. No

entanto, antes que possa dizer algo, seu olhar recai para o meu colarinho e suas sobranceiras se erguem.

Abaixo minha taça, observando como ela estuda meu pescoço e, por um momento, me questiono o que caralhos a minha irmã está encarando.

Então, um sorriso se espalha pelo seu rosto.

É totalmente diferente de segundos atrás.

Esse é um sorriso típico de Verônica Blackwell.

— Nunca imaginei que um dia perguntaria isso —  
cicia, baixo com um brilho malicioso nos lábios. — Mas o  
que estou vendo em seu pescoço é um chupão, Edmund  
Blackwell?

Meu corpo todo enrijece enquanto forço minha  
expressão a continuar desinteressada.

*Putaque me pariu.*

— Quem tem um chupão? — A voz de Oliver me faz  
suspirar fundo.

— Ed — minha irmã reafirma se inclinando para o  
seu melhor amigo como se fosse a melhor novidade do  
século. — Meu irmão finalmente está se relacionando  
com algo que não seja computadores.

Jesus.

Eu, sem dúvidas, escolheria a força a ter que ficar  
aqui por mais um segundo.

— Ed tem um chupão? — Hazel, aparece atrás de  
Oliver com os olhos arregalados.

— Me diga que é verdade — Summer aparece  
radiante ao lado de Analu.

— Me diga que não perdi a aposta. — Parker se  
senta do outro lado. — Por favor.

Meu olhar se volta para minha irmã que ainda tem  
um sorriso orgulhoso no rosto.

— Eu devo questionar o que caralhos ela quer dizer  
com aposta? — Meu olhar segue até Analu que pega um  
copo de vitamina que Levi estendeu para ela. — Você  
sabe de algo, Johnson?

— Claro. Minha esposa e eu apostamos que você continuaria virgem até a nossa aposentadoria. — Ele dá de ombros, levando a sua bebida aos lábios. — Infelizmente, nós perdemos pela primeira vez na vida.

— Eu disse que ele perderia antes dos trinta — Vee comemora como uma mãe orgulhosa. — Todas as mulheres gostam de um nerd.

— Eu ainda estou aqui — grunho, incomodado.

— Ótimo. — Oliver me lança um sorriso brilhante. — Assim você pode nos dizer quem é a responsável por tal milagre.

De relance, percebo que Logan e Melany se aproximam de onde todos nós estamos. E o olhar da irmã caçula do meu cunhado recai em mim. Ela encara nossos amigos por um instante antes das suas sobrancelhas se erguerem.

— O que está acontecendo? — Logan pergunta, beijando o topo da cabeça de Vee. — Por que você está sorrindo dessa maneira?

Meu olhar não desvia de Melany que pega uma bebida que um dos funcionários entrega a ela e se escora no banco mais longe possível de mim, fingindo prestar atenção no celular.

— Edmund finalmente perdeu a virgindade! — minha irmã diz e sou obrigado a encará-la com uma sobrancelha erguida. — O quê? Era pra ser um segredo?

Reprimo um sorriso quando o barulho de alguém se engasgando faz com que a atenção de todos desvia-se de mim para Melany que expele todo o vinho e Summer, preocupada, bate de leve em suas costas.

— Tudo bem, Mel? — Logan pergunta e inclino a minha cabeça para o lado.

— Perfeitamente bem. — Ela tenta se recompor. — Acho que bebi um pouco rápido demais. Podem continuar com o assunto desinteressante sobre a possível vida sexual dele.

— Possível? — Umedeço meus lábios. — Não é isso que Vee acha.

— Eu não acho, tenho certeza — minha irmã me interrompe. — Olhe o tamanho do chupão. Quem fez queria deixar um recado bem claro. Além disso, com a forma como está reagindo, Mel, apenas me confirma que Edmund realmente levou alguém para o apartamento.

— Como eu poderia saber se o evito sempre que posso?

— Um barulho, talvez? — Sum abre um sorriso.

— A vida dele não é interessante o suficiente para que eu preste atenção, Sum. — Ergo uma sobrancelha com o desdém que está presente em cada sílaba. — E, para ser sincera, eu sinto muito pela garota que tenha caído no papo de alguém como ele.

— Você é amargurada assim desde sempre ou piorou quando seu ex-namorado te colocou nas capas de revista por conta de um escândalo, wildcat?

Tenho vontade de abrir um sorriso quando ninguém nem mesmo percebe que ela tensiona a mandíbula, mas seus olhos brilham.

— Edmund! — Verônica grunhe.

— O quê? — Giro a taça de vinho nas minhas mãos com delicadeza, sentindo o líquido dançar suavemente contra as bordas. — É a verdade.

— Você está cuidando muito da minha vida, nerd. — Melany lambe os lábios inferiores e eu daria tudo para prová-los nesse momento. — Chega a ser patético.

— Ei! Vamos voltar ao assunto principal — Hazel se intromete, com uma animação que até mesmo Dylan estranharia, mas todos sabemos que é apenas para intervir em uma possível briga. — Quem é ela?

— Ou ele — Levi complementa.

— Ninguém que conheçam. — Levo a taça aos lábios. — Agora parem de falar sobre isso.

— Jamais. — Oliver sorri para mim. — Isso está mais interessante do que as nossas vidas pacatas. Agora comece a falar quem nós devemos agradecer antes que comecemos a apostar sobre isso.

— Apostar? — questiono.

— Sim. — Summer passa as mãos pelo ombro de seu noivo. — Eu tenho uma suspeita de pode ser a gerente de Marketing da Blackwell Enterprise. Todos vimos como ela te encara.

Meu olhar se desvia rapidamente e percebo que Melany mantém seus olhos fixos nos meus e nada ali é calmo. Na verdade, percebo o fogo cruzar suas pupilas da forma como sempre faz quando deseja decapitar a minha cabeça.

— Então você flerta com funcionárias, nerd? — questiona, mas percebo o veneno cruel em suas sílabas.

— Eu achei que o assunto fosse desinteressante para você, wildcat.

— Não quando percebo que vai contra as regras que tanto ama. — Ela umedece os lábios. — Então?

— Eu não quebraria as regras da empresa por uma mulher.

— Merda — Levi solta um praguejo. — Talvez a herdeira dos Mayfield? Ela sempre teve uma queda por você.

Cruzo meus braços me lembrando vagamente da mulher em questão na balada onde retirei Melany como um *neandertal* apenas porque estava bêbada e se esfregando em um desconhecido qualquer.

— Eu não estou desesperado a ponto de aceitar alguém que está apenas atrás do meu sobrenome.

— Pare com todo esse falso moralismo — Analu ordena. — Eu tenho mais o que fazer do que tentar adivinhar algo sobre a sua recente vida sexual.

Me ergo, observando a forma como eles me encaram e dou de ombros.

— Eu diria para vocês começarem a tomar conta da vida de vocês. — Ajeito minha blusa de linho e começo a caminhar até a entrada lateral.

— Então realmente há uma pessoa? — Vee indaga feliz.

Olho por cima dos ombros, diretamente para Melany e desvio antes de alguém perceber algo.

Ainda há um fogo em suas íris.

Ainda há tudo o que desejo dela.

— Sempre houve uma pessoa, Verônica. *Sempre.*

Sem mais, volto a caminhar diretamente até a biblioteca sabendo que Melany Underwood sem dúvidas irá tentar arrancar as minhas bolas mais tarde por conta desse momento e percebo que estou ansioso por isso.



— Por que não estou surpreso de que você está escondido aqui?

Levanto o rosto do livro que estou lendo há poucos minutos e arqueio uma sobrancelha quando percebo meu pai caminhando até onde estou sentado.

Jonathan ajeita a camisa de botões antes de servir uma dose de whiskey e se sentar na poltrona em frente a que estou. Fito-o, percebendo como ele apenas encara o ambiente entediado antes de voltar a me observar.

— Precisa de algo? — questiono, deixando o livro ao meu lado e ajeitando meus óculos. — Ou está apenas fugindo de todos?

Ele abaixa o olhar até onde deixei o objeto e franze o cenho enquanto lê o título.

— Romance?

Inclino minha cabeça para o lado sem mover um músculo da minha expressão.

— Estou tentando novos gêneros — minto.

Não digo a ele que é um livro que roubei da minha colega de quarto enquanto ela descansava no jatinho. Nem que estou cogitando questioná-la se me permitirá comê-la da mesma forma que o protagonista faz com a mocinha depois de passarem uma noite em um hotel.

— Ok.

— Novamente, você precisa de algo?

Percebo o desconforto em sua expressão e até mesmo acho engraçado como ele, claramente, não sabe como agir perto de um de nós, já que evita Saint Vincent assim como nós o evitamos.

— Eu soube que você pediu para que limpassem a casa em Hamptons. — Ele cruza o braço frente ao corpo. — Devo questionar o motivo?

Meu corpo todo enrijece pela menção à casa que meus avós deixaram para mim e meus irmãos antes de morrerem. Diferente de todos os outros patrimônios da nossa família, a casa de veraneio é um dos únicos lugares que guardam memórias verdadeiras de todos os Blackwell.

Foi onde criei minhas melhores memórias e aonde vou quando minha mente está turbulenta demais.

É, em outras palavras, o meu porto seguro.

— Não sabia que agora você monitorava todas as propriedades — contraponho, incomodado.

— Eu monitoro meus filhos, é diferente.

Ele leva o copo até os lábios.

Seus olhos se desviam dos meus até que ele encara a foto do casamento dele que está do outro lado da sala, antes de voltar a me encarar como se nem mesmo tivesse percebido que deixou um resquício de emoção transparecer.

— Estou pensando em passar alguns dias lá.

— Você quer dizer que está indo fugir como fez quando foi para a França?

Tensiono a mandíbula sabendo que ele demorou muito para me questionar sobre isso, já ignorei todas as suas ligações e quando visitei mamãe, garanti que não estivesse na cidade.

— Não sabia que você ainda guardava mágoa por ter te ignorado sempre que solicitava a minha presença. — Levanto-me indo até o aparador e pegando uma bebida mais forte. — Achei que fosse incapaz de sentir algo.

— Você está confundido o meu aborrecimento com mágoa.

— Há uma diferença?

— Sim. — Ele dá de ombros. — Sempre há uma linha tênue.

— E qual é seu intuito aqui?

— Você é COO da sede de Nova Iorque. — Sua cabeça se ergue e ele me lança um olhar demorado. — Um cargo que abdiquei desde que soube que estava pronto para assumir. Mesmo que tenha aceitado uma proposta mediana para trabalhar do outro lado do oceano e que nós sabemos que você aceitou apenas para manter todos longe.

— Eu diria que tirei muito proveito dessa *proposta mediana*, já que meus ativos foram cotados como um dos maiores da Europa e meu nome estava em mais listas de investimentos do que qualquer outro membro do seu Conselho. — Dou-lhe um sorriso inexpressivo e meu pai nem mesmo move um músculo. — Devo continuar?

— Você é meu filho, não esperava menos. — Ele ergue uma sobrancelha. — O que me surpreende é que ainda assim aceitou voltar para a Blackwell Enterprise e assumir um cargo que nunca se interessou. Você tinha deixado bem claro que não desejava ter sua carreira vinculada a nossa empresa.

— Não colocaria dessa forma. — Dou de ombros, me encostando. — Eu não desejava ter meus projetos geridos por você quando nunca me deu motivos para confiar.

É a vez dele sorrir e apoiar a mão em sua perna cruzada, destacando a aliança de casamento.

— Por essa razão, estou começando a me questionar se você aceitou porque realmente desejava ou houve motivos que não disse para o seu irmão ou para mim.

Semicerrou os olhos, observando a forma como seus olhos brilham.

Jonathan Blackwell não chegou ao topo à toa. Ele sabe ler qualquer um.

Meu pai entende cada nuance que compõe as pessoas e usa isso a seu favor.

Foi dessa forma que ele enganou meu avô, foi assim que conseguiu se casar com a mamãe e percebo que é isso que está prestes a fazer comigo.

Foi assim que ele se tornou um dos maiores lobos de *Wall Street*.

Por esse motivo, sorriu friamente ajeitando a minha postura enquanto caminho até o sofá novamente e me sento com uma das pernas cruzadas, o fitando com uma curiosidade que poucos entenderiam.

— Eu aceitei porque nós dois sabemos que sou um gênio.

— Nunca disse o contrário.

— Até porque seria incontestável.

Levo o copo à boca.

— Uma vez eu disse a Dylan que às vezes temos que pegar aquilo que o mundo nos nega de uma forma que nem sempre será honrosa. — Suas palavras percorrem meu âmago. — Agora estou começando a me questionar se não foi você quem seguiu esse conselho.

Se ninguém percebeu o que estava aprontando enquanto todos nós não víamos.

Não respondo de imediato.

Não porque não desejo, mas porque entendo cada uma de suas palavras.

— Por que acharia isso?

— Você é um Blackwell. — Ele me lança um sorriso frio. — E não me surpreenderia se fizesse algo que eu faria se estivesse na sua posição.

— Isso me igualaria a você.

— Você é meu filho, Ed. — Ele se levanta, abandonando o copo. — Desejando ou não, você se iguala a mim em mais quesitos do que qualquer outra pessoa. Eu só espero que o que quer que esteja tramando, não machuque um dos seus irmãos, porque aí, sim, terá se transformado em algo que não me orgulharei.

— Você não se orgulharia porque isso me faria ser a sua cópia?

— Também. — Sua resposta sincera me pega desprevenido. — Porque se você for esperto, vai perceber o quanto toda a nossa família perdeu porque não medi esforços para ter o que desejava.

— Colocando dessa forma, até parece que está arrependido.

— Arrependido não, desesperado.

— Pelo quê?

— Para ter a sua mãe de volta.

Ele se vira indo em direção à saída sem esperar por uma resposta.

No fundo, agradeço por isso porque nem mesmo tenho uma.

Não quando sei que ele está falando sério desde que abdicou da empresa que tanto lutou para construir, apenas para se mudar para Milão.

Mas o que me preocupa é que ele não está errado sobre as outras coisas. E mesmo que não demonstre, e que não vá se intrometer como eu estava imaginando, Jonathan sabe o que estou fazendo. Sabe sobre tudo o que fiz desde que voltei para Nova Iorque.

— Merda — praguejo, baixo.

Eu sempre odiei quando as pessoas diziam que eu era parecido com ele.

Sempre tentei ser o seu oposto porque sabia que, no fim, meu pai sempre machucava aqueles que dizia amar.

Fiz isso até que percebi que era inevitável.

Assim como Dylan, sou uma extensão dele.

Eu herdei seus piores defeitos, aqueles que as pessoas nem mesmo imaginam que existam. Aqueles que eu jamais confessaria para alguém.

Meu pai, de fato, me ensinou a ser inabalável.

Inatingível.

Mas também me mostrou o que poderia destruir meu mundo.

Ele deixou claro que o que poderia me levar ao paraíso também poderia ser a minha ruína.

Assim como foi a dele.

Assim como ele não previu.

Contudo, Jonathan só esqueceu de me ensinar como não destruir tudo o que construí e amo porque a minha obsessão se tornou maior do que o meu bom senso.



## SÓ DESSA VEZ

*E eu sei que você acha que pode escapar  
Você tem medo de acreditar que eu sou a pessoa certa  
Mas não posso simplesmente deixar você ir embora*

*Eu deixaria o mundo queimar  
Deixaria o mundo queimar por você*

**Let The World Burn | Chris Grey**

*Melany Underwood*

Em um dos episódios da minha mãe, ela me disse uma vez que pensou em se jogar da ponte de Saint Vincent que divide a Parte Alta da Parte Baixa.

Laura não fez isso, mas pensou.

Acho que ela pensava muito em desistir, principalmente quando voltava de suas crises e percebia que havia me machucado de alguma forma ou que Aidan e Logan poderiam descobrir que ela estava cada vez mais doente.

Ela também se degradou cada vez mais a cada momento que percebia que papai tentava fazê-la ser a mesma pela qual se apaixonou. Agora entendo que ela não me dizia isso por conta da sua doença, dizia isso porque já estava morrendo por dentro.

Minha mãe já não suportava mais viver da forma como estava vivendo.

Ela não era fraca ou covarde.

Só estava cansada.

Cansada da sua mente ser o seu próprio inimigo.

Cansada de odiar o que sua vida se tornou.

Ela só não percebeu que eu era apenas uma criança quando ouvi isso.

Que sua voz angustiada vive em meus piores pesadelos. Todas as noites quando tento ficar mais do que cinco minutos no escuro ainda posso sentir os ratos em meus pés e sua voz estridente dizendo que logo voltaria. Também posso sentir a chuva caindo sobre meu corpo durante aquelas seis horas que esperei pelo socorro.

Eu ainda posso sentir tudo.

*Diga a eles que sinto muito.*

Ainda posso escutar os gritos que ninguém ouviu.

*Diga a eles que eu os amava.*

O barulho da chuva caindo e do meu corpo todo molhado.

*Diga ao seu pai que ele merecia mais.*

O meu alívio quando os olhos dela se fecharam.

*Diga para si mesma que eu te amei.*

*E sempre se lembre que nunca quis te machucar, querida.*

— Mas você machucou, mãe — sussurro, me enrolando na manta fina. — Muito.

Minha garganta se fecha e percebo que cruzo meus braços enquanto me afundo na poltrona e belisco o interior dos meus braços lembrando da noite que ela morreu, da mesma noite que assombrou meu sono hoje e me obrigou a sentar na varanda do quarto onde Logan e Verônica me colocaram depois que disse a eles que não gostaria de ficar na antiga casa dos meus pais.

Nem mesmo o vento frio aplaca a dor em meu peito.

E eu odeio cada segundo.

Odeio que não posso achar um estúdio para conseguir descarregar todos os pensamentos que giram em minha mente e não me deixam descansar.

Meu olhar se desvia para a cidade à minha frente, sabendo que mesmo que uma parte de mim ame Saint Vincent, a outra parte sempre se ressentiu por tudo o que aconteceu aqui.

Por todas as vezes que gritei, mesmo em silêncio, para alguém perceber que eu não estava bem. Que eu nunca estive bem. Pelas vezes que me perguntava onde estava o homem que me protegeu quando o amor da sua vida me machucava.

Aonde estavam todos?

Aonde estava o amor no qual todos falavam sentir por mim?

Nem mesmo consigo parar quando percebo que minhas unhas afundam em minha pele. Não consigo expulsar os pensamentos que reverberam a minha mente nesse instante.

No entanto, assim que sinto minhas mãos começarem a tremer, meu celular apita ao meu lado, me obrigando a levantar meu rosto e uma das minhas sobrancelhas se arqueiam quando percebo que já se passa da uma da manhã e que todos já foram dormir.

Mesmo sabendo que pode ser algum engano ou apenas Andi me enviando alguma foto, pego o aparelho, abrindo o aplicativo de mensagens e franzo o cenho ao perceber quem é.

***itsedmundblackwell:*** *você esqueceu o seu livro dentro da minha mala.*

***itsedmundblackwell:*** *ele é interessante.*

***itsedmundblackwell:*** *MUITO interessante.*

Meu corpo relaxa e meus olhos se semicerram quando percebo que Ed anexou a foto da capa do livro que eu estava lendo antes que ele me arrastasse para o quarto de descanso do jatinho.

***itsmelanyunderwood:*** e você não me entregou por quê?

***itsedmundblackwell:*** porque você está me evitando desde que chegou.

***itsedmundblackwell:*** eu estou começando a gostar de física quântica por conta dele. E me questionando quando a protagonista vai deixar o mocinho foder ela. Ela claramente quer isso, está se fazendo de difícil.

***itsmelanyunderwood:*** você odeia qualquer coisa que seja ficção.

***itsmelanyunderwood:*** agora, me devolva.

***itsedmundblackwell:*** eu odeio, mas estou estudando seus desejos.

***itsedmundblackwell:*** Diga-me, wildcat, você sempre teve queda por livros assim?

***itsedmundblackwell:*** Esqueça essa pergunta, na verdade, eu gostaria de saber se me deixará te foder de quatro no labirinto da mansão ou talvez eu te coma na sala de espelhos.

***Itsmelanyunserwood:*** eu vou te matar.

***itsedmundblackwell:*** sim, você me ameaça todos os dias.

***Itsmelanyunserwood:*** e vai ser lento. MUITO LENTO.

***itsedmundblackwell:*** você nunca gosta de lento.

***Itsmelanyunserwood:*** *Você está tentando fazer uma piada?*

***itsedmundblackwell:*** *depende. Estou conseguindo te fazer sorrir?*

Mesmo que ele não saiba, deixo que um sorriso nasça em meus lábios, odiando a forma como conseguiu fazer com que meus pensamentos evaporassem apenas com uma mensagem idiota no meio da madrugada.

***Itsmelanyunserwood:*** *não.*

***itsedmundblackwell:*** *mentirosa.*

***Itsmelanyunserwood:*** *vá dormir, nerd.*

***itsedmundblackwell:*** *não posso, estou obcecado por um livro.*

***itsedmundblackwell:*** *só há um defeito nele.*

***Itsmelanyunserwood:*** *qual seria?*

***itsedmundblackwell:*** *a protagonista não é tão gostosa quanto você.*

***Itsmelanyunderwood:*** *pare de flertar comigo.*

***itsedmundblackwell:*** *impossível.*

***Itsmelanyunderwood:*** *você é péssimo fazendo isso.*

***itsedmundblackwell:*** *sim e você fica linda quando mente pra mim.*

***itsedmundblackwell:*** *agora vá até o closet e vista a peça que deixei separada.*

***itsedmundblackwell:*** *Depois desça até a cozinha, tenho algo para você.*

Mesmo sabendo que não devo, e que estou sendo patética, vou até o *closet* encontrando um traje de balé perfeitamente embalado. O vestido rodado branco é tão perfeito que quando o pego, nasce um pequeno sorriso em meus lábios.

É verdadeiro.

O primeiro desde que cheguei.

Por isso, poucos minutos depois e sem pensar muito sobre isso, estou totalmente vestida com um traje parecido com que ensaiei no teatro que passei todos esses anos e que Edmund me viu dançando naquela vez.

Sigo até o corredor, olhando para os dois lados e percebendo que tudo está vazio antes de caminhar pelo lugar silencioso e descer as escadas.

Poucos segundos depois, encontro Edmund escorado no corrimão vestindo apenas com um dos seus pulôveres, que nunca diria a ele que o deixa gostoso, e uma calça de linho clara.

Ele coloca as mãos nos bolsos frontais e me lança um sorriso malicioso quando arrasta o olhar por todo o meu corpo.

— Você é um idiota.

— Sim. — Ele inclina a cabeça para o lado. — Você costuma frisar muito isso.

— Por que você me pediu para vestir isso a essa hora? — indago quando me aproximo dele. — Não me diga que você tem fetiche por transar enquanto estou vestida para uma apresentação de balé.

Ele coloca as mãos nos bolsos frontais e estuda meu rosto com calma.

— Eu teria fetiche em transar com você até mesmo se estivesse vestida em um saco de batata, wildcat. — Ele me lança uma pequena piscadela e reviro meus olhos. — Achei que já tínhamos deixado isso claro.

— Estou começando a acreditar que é um viciado em sexo.

— Sexo com você — me corrige.

— Jesus, você é impossível. — Dou um passo à frente e decido encerrar essa conversa antes que nos ataquemos no meio do hall da casa dos pais dele. — Por que não dormiu ainda?

— Tinha que finalizar um escopo de um novo jogo — conta e me surpreendo pela sinceridade. — E por que você ainda está acordada?

*Porque tive um pesadelo.*

*Porque tive medo das luzes se apagarem.*

*Porque estar na minha antiga casa me fez relembrar coisas que não suporto.*

*E porque sei que Aidan está chateado comigo depois que pedi a Logan para passar o final de semana aqui e não com ele e a tia Audrey.*

— Porque o quarto de visitas que vocês me deram tem uma péssima cama — minto, dando de ombros. — Sinto muito pelas visitas que dormiram naquele quarto.

Edmund não acredita na minha resposta.

Acho que nem mesmo eu acreditaria se os papéis fossem invertidos.

— Levarei sua reclamação para a governanta da minha família.

— Muito obrigada — zombo quando percebo o sarcasmo em suas palavras.

— Mas sempre haverá a opção de dormir na *minha* cama se desejar.

Reviro meus olhos, descendo o último degrau e ficando perto o suficiente dele para observar seus olhos sob os óculos de grau que adornam seu rosto.

Edmund já é lindo diariamente, mas quando está com eles, é quando realmente se torna perfeito.

Um nerd mais parecido com um deus grego vindo direto do Olimpo.

— Há um real motivo para ter me feito vestir isso? — desconverso, sabendo que se continuar apenas o

encarando, acabarei beijando-o.

Ele umedece os lábios e acompanho sua língua se movendo pelo lábio de uma forma que me lembra como me lambeu enquanto tentava segurar meus gemidos naquele avião com toda a equipe.

— Além de você ficar divina nele?

— Sim, além disso.

Ed sorri amplamente, erguendo o braço e colocando uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha. O toque inebria, queima e faz com que cada célula do meu corpo se agite.

— Bem, digamos que estou cobrando a minha parte do nosso acordo. — Suas palavras são como carícias contra a minha pele. — Agora vamos, eu ainda tenho *algo* para você.

Eu deveria me afastar.

Deveria me virar e subir quando sei que a poucos metros Verônica e Logan estão dormindo e que do outro lado da mansão está Hazel e Dylan. Tudo ao redor cheira a problema, tudo pode ruir se formos descuidados o suficiente para eles descobrirem o que estamos fazendo pelas suas costas.

Porém, mesmo sabendo disso, não faço o que o meu pensamento ordena.

Não conseguiria nem mesmo se tentasse.

Minhas pernas parecem estar grudadas no chão e meu corpo paralisado ao passo que Edmund se abaixa e ergo o rosto, observando sua feição intensa e que me dá uma vontade de colidir nossos lábios ferozmente e inundar todas as minhas veias.

No entanto, antes que eu possa, de fato, fazer algo, Ed me lança um olhar intenso e seus orbes me prendem no lugar. Minha língua se projeta para fora e arrasto-a pelos meus lábios, ao mesmo tempo que sua mão desce até a minha cintura, apertando e me puxando para mais perto.

Seu cheiro consome todo o meu espaço.  
Nossas respirações estão descompassadas.  
Poucos centímetros nos afastam.

Talvez seja isso que necessito.

Talvez ele possa me fazer esquecer dessa noite.

— E o que seria? — sussurro, por fim, tão baixo que quase não ouço.

Edmund sorri.

É um sorriso lindo.

Único.

Raras são as vezes que o presenciamos sorrir dessa forma.

E percebo que estive ansiando por isso mais tempo do que seria adequado.

— Venha comigo. — Sua mão se fecha na minha.

— Não me faça me arrependar, nerd.

— Nunca.

Meu olhar se move para o segundo andar e espero que ninguém sinta a minha falta, porque antes mesmo que eu possa pensar em algo, Edmund me puxa para um dos corredores laterais.

Eu nunca prestei atenção em como o lugar é desnecessariamente grande. Nós entramos em uma sala de estar e meus olhos são atraídos pela escada que dá acesso ao andar subterrâneo da mansão. Minha mão se fecha no corrimão de metal frio e a cada descida percebo que Ed fica mais relaxado.

Nós não trocamos nenhuma palavra assim que descemos.

Não quando estou ocupada demais observando cada peça de arte espalhada pelo ambiente e as dezenas de quadros pendurados, mostrando-me que a família Blackwell, de fato, detém um império que nem mesmo tentam esconder.

— Onde estamos indo? — sussurro como se alguém fosse nos achar aqui a qualquer momento. — E por que

diabos eu nunca vi essa parte da casa?

Ele me dá um sorriso de esgueira assim que paramos e me viro, observando o ambiente ainda maior do que esperava.

Mas não há nenhum corredor ou quarto.

É totalmente diferente do que eu esperava.

Meus lábios se entreabre quando percebo o jardim à nossa frente.

É indescritível.

Magnífico.

— Porque era o lugar favorito da minha avó — ele finalmente me diz. — E só a minha família tem acesso a esse lugar.

Solto sua mão, dando um passo à frente e observando o espaço escondido atrás de uma fileira de ciprestes altos, quase como se quem o projetou desejasse mantê-lo em segredo. Ao atravessar um arco de hera, sou recebida por um labirinto de flores silvestres e caminhos de pedra cobertos de musgo.

É um lugar que parece existir fora do tempo, protegido do mundo lá fora.

Se eu fosse uma criança, poderia dizer que estamos entrando no país das maravilhas. Porque não há outra definição para o lugar que Edmund me trouxe. Não quando tudo aqui parece irreal demais.

No centro do jardim, há uma pequena construção, quase imperceptível à primeira vista, cercada por trepadeiras.

Quando me puxa, levando-me até lá, sou surpreendida pelo que vejo.

Não é uma extensão do jardim.

Nem uma sala com mais artefatos ou peças caríssimas.

É um estúdio. Um estúdio de balé.

As paredes, do chão ao teto, são revestidas com espelhos. O piso de madeira clara é suave sob meus pés

descalços, perfeito para os meus ensaios de balé.

— Eu não sabia que ela gostava de balé como Vee.

Mesmo de costas, sinto Edmund se aproximar. Suas mãos sobem lentamente pela lateral do meu braço arrancando-me pequenos calafrios. Nem mesmo percebo que viro meu rosto para o lado encontrando-o me encarando como se nada mais importasse.

— O jardim era dela, o estúdio é meu — responde com calma. — Eu o construí.

Meus batimentos cardíacos, de repente, estão acelerados.

Nada mais parece importar nesse instante.

— Eu achei que você odiasse balé — murmuro.

Ele sorri.

*De novo.*

E eu adoro cada segundo.

— Eu também achava. — Edmund segura a minha cintura e gira os nossos corpos. Minhas mãos instantaneamente seguram seus ombros e inclino a cabeça para o lado. — Eu já te disse que você fica linda vestida de bailarina?

Reprimo uma risada e observo o lugar.

É tão lindo que não consigo imaginar quanto tempo ele levou para construir.

— Por que fez esse lugar?

— Um dia talvez eu te diga — Edmund tira um pequeno aparelho do bolso e um som lento começa a ressoar pelo ambiente. — Agora fique quieta e me deixe aproveitar a minha dança.

De repente, as batidas fortes de *Let The World Burn* de *Chris Grey* nos fazem mover pelo espaço. Nossos olhares se encontram quando giramos e sinto como se todo o peso do mundo já não fosse mais importante.

Nesse instante, não há pesadelos. Nem memórias dolorosas.

Edmund silencia a minha mente.

Ele pega toda a minha dor e a apazigua.

— Me diga o que te assombrou o dia todo, wildcat.

Minha mão afunda em seu ombro e desvio o olhar, sabendo que não poderia dizer. Que mesmo com a pequena paz entre nós, não seria suficiente para ele entender a bagunça que eu sou. Que as peças que tentará juntar estão incompletas.

— Você está reparando muito em mim, nerd — digo, tentando não deixá-lo perceber que estou querendo afastá-lo de uma parte minha que não desejo mostrar a ninguém. — Acho que precisamos rever nossas regras.

Edmund não sorri, não devolve a provocação.

Ele apenas continua me encarando enquanto a música chega no seu refrão e sinto como se o ar tivesse um toque cálido, e a madeira do piso sob meus pés parece mais viva, quase pulsante com a energia do momento.

— Eu sempre reparo em você, linda.

Não respondo. Não acho que poderia.

Edmund me gira outra vez e sua mão aperta a minha cintura quando uma das minhas pernas se ergue para trás, dando-me estabilidade e elevo meu rosto, fazendo com que nossos olhos se encontrem.

— Fale comigo — ele murmura.

— Por quê?

— Porque o som da sua voz acalma a minha mente turbulenta.

Suas palavras me atingem de uma forma que não esperava.

Elas adentram meu âmago e jorram sentimentos que prometi manter adormecidos.

Engulo em seco, sabendo que isso é um erro. Um maldito erro irreversível que não poderei me recuperar e tento dar um passo para trás, não tendo êxito, porque Ed me puxa para si, erguendo meu rosto e fazendo com que nada mais importe.

— Não faça isso. — Suspiro baixinho. — Não me faça acreditar que deseje mais do que posso te dar.

Dói dizer essas palavras.

Tudo dói.

— Só dessa vez.

Confusão toma conta do meu semblante.

— Só dessa vez o quê?

— Me permita cuidar de você. — Ele leva a mão até o meu rosto, acariciando-o. — Eu não quero saber o que te fez mal. Não quero que me dê mais. Apenas quero fazer o possível para te ver bem. Então me deixe fazer isso.

Eu deveria dizer não.

Deveria me afastar pelo bem dele.

Porém, Ed gira nossos corpos da mesma forma que fez quando dançamos no estúdio da cobertura e sinto o calor de suas mãos firmes me segurando. Estamos tão próximos que consigo ouvir sua respiração se misturando com a minha, ritmada, como se estivéssemos em perfeita sincronia.

— Às vezes eu sinto que você é uma pessoa totalmente diferente do que mostra para os outros. — Me pego sussurrando quando volto de um giro. — Você não é apenas essa pessoa quieta e inexpressiva.

A barra de balé que normalmente uso para apoio agora serve de ponto de equilíbrio para nossos movimentos, mas é seu toque que realmente me dá segurança.

— Às vezes eu sinto que você é mais do que uma bailarina perfeita — ele devolve e um sorriso nasce em seus lábios. — Você me deixa curioso e ao mesmo tempo fascinado.

Os espelhos ao nosso redor refletem a cena de uma maneira quase etérea.

Vejo o brilho nos olhos dele, o contorno forte de seus braços que me sustentam, e a forma como meu

corpo se curva em direção ao dele, como se fosse a única direção natural a seguir.

A sala parece ter parado no tempo, cada detalhe – desde a textura do meu vestido de balé até a leveza de seus passos – amplificado pelo silêncio ao nosso redor, exceto pelo suave ranger da madeira.

— Nós somos dois mentirosos, Ed — murmuro e ele se aproxima mais um pouco.

— Eu gosto da ideia de sermos iguais em algo.

Engulo em seco e seu olhar recai para a minha garganta que ondula.

Tenho a sensação de que esse momento é de pura conexão.

Somos mais do que apenas duas pessoas que precisam aplacar seus sentimentos.

Somos um amontoado de memórias.

Somos desejo cru.

Somos opostos.

Cada movimento, cada toque é como uma promessa não dita.

— Eu preciso de você.

Seus olhos se tornam mais escuros.

O desejo estampado em seu olhar toma conta de todo o meu corpo.

É inebriante.

No reflexo, vejo não apenas a mim mesma, mas nós dois.

Edmund e eu.

Opostos. Incompatíveis. Mentirosos.

Mas mesmo assim, é como se, por um instante, o estúdio tivesse se transformado em um mundo só nosso.

— Eu sei, linda. — Se aproxima resvalando seu lábio no meu. — Eu esperei muito tempo para te ouvir falando isso.

Então antes que eu possa respondê-lo, Ed me beija.

Ele toma meus lábios como se estivesse a ponto de querer queimar o mundo por mim.

Nossas línguas dançam uma contra a outra enquanto Edmund dá passos comigo até meu corpo ser pressionado contra o espelho e ele me segura contra si fazendo um mix de emoções inundar todas as minhas veias.

É perigoso.

Inebriante.

Proibido.

Todos que jamais podem saber sobre isso estão perto de nós e mesmo assim não nos importamos. Nada importa nesse momento a não ser nós dois. E sinto como se Edmund e eu fosse tudo o que posso ver e ouvir.

Não há nada nos impedindo.

É o jeito que ele e eu deveríamos ser.

Sem recriminações, sem arrependimentos.

Só nós.

Nós e nossos segredos.

# 25

## MEU MAIOR TRIUNFO

*Eu amei você perigosamente  
Mais do que o ar que eu respiro  
Sabia que bateríamos na velocidade que estávamos indo  
Não importava se a explosão me arruinasse  
Baby, eu amei você perigosamente*

**Dangerously | Charlie Puth**

*Edmund Blackwell*

Eu sabia que nada seria como antes quando trouxe Melany para esse lugar.

Não quando ela é a única coisa em meu pensamento.

Quando sei que sou capaz de fazer o possível e o impossível para tê-la, mesmo que isso signifique aceitar o acordo idiota que ela me propôs.

Agora, enquanto meus lábios se chocam com os dela, sei que a nossa queda é inevitável. Não há como nos parar. Como *me* parar. Nem mesmo toda a minha família que dorme a poucos metros.

Eu a beijo, urgente, quase desesperado.

Dessa vez, não é como os outros.

Eu coloco tudo aquilo que evitei dizer a ela.

Tudo o que está oculto nas penumbras da minha alma.

Mesmo com tudo isso ao nosso redor, ainda somos apenas nós.

Enrolo minha mão em seu pescoço, sentindo sua pulsação e ouvindo-a suspirar quando sua língua se choca contra a minha e toma todo o nosso fôlego.

Melany me dá um sorriso antes de puxar os fios do meu cabelo como se o mero pensamento de pararmos agora fosse nos destruir e eu a beijo com devoção.

Como se a mera ideia de não fazer isso, me fizesse sentir vazio.

Melany Underwood é o meu maior triunfo.

E ela nem mesmo imagina isso.

Seus dedos descem gradualmente até chegar à borda do meu pulôver, juntando o tecido e o puxando para mais perto, fazendo nossos corpos colidirem ao mesmo tempo que uma das minhas mãos apertam sua cintura e a outra procura pelo zíper.

— Merda. — Ela arfa contra meus lábios. — Eu odeio quando você usa isso. Quando está com essa roupa idiota.

Sorrio, passando a língua pelo seu lábio inferior.

— E eu amo quando você mente para mim.

Me afasto um pouco contemplando a visão perfeita dela.

— Não estou mentindo.

— Então me diga, wildcat, por que você *odeia* tanto meus suéteres?

Ela ergue o rosto, lançando-me um enorme sorriso perspicaz.

— Porque assim rouba toda a atenção do ambiente para si. Você faz com que as pessoas te desejem e eu me torno uma garota idiota — pragueja, baixo. — Principalmente porque me desconcerta e eu odeio isso.

Meus olhos brilham pela sua confissão e junto seus pulsos acima de sua cabeça, antes de dar um passo à frente, acabando com a nossa pouca distância. Com delicadeza, começo a deslizar meus dedos pelo corpete do tutu, sentindo a sua textura suave, enquanto desprendo as alças, revelando a pele dela aos poucos.

O tule cai enquanto meus olhos seguem cada movimento. Inclinando-me, deixo meus lábios roçarem seu ombro e Mel suspira enquanto minha atenção automaticamente recai para seus seios.

Perfeita.

Porra, deslumbrante.

— Então deixe-me te contar algo, querida. — Abaixo-me, sussurrando e deixando um beijo na sua bochecha. — Você tem a minha atenção vinte e quatro horas por dia. Quando não está sendo uma pirralha irritante que tira a minha paciência e me faz querer te curvar e bater na sua bunda até que comece a se comportar, você está fodendo o meu pensamento. — Outro beijo, agora em seu pescoço. — Porra, basta apenas você existir e o mundo deixa de ser importante. Nada me manteve tão cativo quanto você, linda. E eu me ajoelharia e imploraria por você mesmo que isso fosse humilhante para o meu sobrenome.

Melany me encara como se eu estivesse entregando o mundo aos seus pés.

E ela sabe que teria se assim o desejasse.

Então antes que possa dizer mais alguma coisa, Melany me puxa, selando nossos lábios novamente em um beijo feroz. Cheio de sentimentos que apenas nós dois conseguimos compreender.

Eu dou tudo a ela, tudo o que eu sempre desejei.

Meus desejos.

Minha raiva.

*Minha obsessão.*

E ela me beija com punição, como se realmente odiasse que eu consuma seus pensamentos da mesma forma que faz comigo.

Sinto o calor das suas mãos sobre as minhas quando nossos dedos entrelaçam como se fossem uma extensão dos meus. Melany os aperta enquanto desconta todas suas frustrações em mim, assim como faço. Sua língua se projeta para fora, arrastando-se pelos meus lábios e um sorriso nasce nos seus.

Mesmo presa, ela ainda tem controle.

Mesmo que eu tente negar, ela me tem.

Com esse pensamento em mente, me inclino de novo beijando-a com fúria, por saber que deixou outra pessoa tocar aquilo que sempre deveria ter sido meu desde o início. Com necessidade por ter passado tempo demais privado de seu gosto e com avidez por saber que finalmente a tenho. Mesmo que seja em termos patéticos e que eu precise lidar com regras que nem mesmo deveriam existir.

Mordo seu lábio inferior e Melany devolve na mesma medida, fincando suas unhas em minha pele causando uma leve sensação de dor ao ponto que sibilo em sua boca e pressiono-a ainda mais no espelho enquanto desço as carícias pelo seu pescoço, clavícula e, por fim, por seus seios nus.

O ar se torna uniforme e solto nossas mãos, descendo uma delas até seu pescoço esguio e meus dedos se fecham na pele macia.

A sua pulsação descontrolada, praticamente idêntica à minha, desperta em cada célula do meu corpo, uma intensa vontade de repetir o movimento da nossa última noite juntos. Aperto minha mão com força necessária para impedir o ar de correr pelos seus pulmões e lambo meus lábios quando percebo que ela ama cada instante disso aqui.

Mel não se abala, abrindo um sorriso argiloso em minha direção antes de tombar a cabeça para trás, dando-me total acesso a ao seu pescoço para continuar asfixiando-a.

Assim que alivio o aperto, minha boca se fecha em seu mamilo sensível e erigido, mordendo-o com força ao ponto de ouvi-la soltar um grito abafado que me faz sorrir contra a sua pele antes de passar a língua para diminuir um pouco da dor que causei.

— Ed. — Arfa, arqueando-se para mim.

Sorriso contra o seu seio enquanto lambo, chupo e volto a morder na mesma proporção, fazendo a gritar um pouco mais alto. Minha mão resvala na sua pele e pega o outro seio, apertando-o.

— Silêncio, amor — grunho contra sua pele perfeita. — Seu irmão odiaria saber que estou prestes a te foder a poucos metros da janela do seu quarto. — Lambo seu outro mamilo, sorrindo quando ela solta um resmungo. — Na verdade, o que você acha que ele faria se soubesse que a sua irmãzinha perfeita está praticamente implorando para ser fodida como uma puta?

Minha língua volta a chupar e deixar marcas em seu seio o reivindicando para mim.

— Você é um maldito filho da puta! — ela rosna e meu sorriso aumenta.

Minha mão desce até sua calcinha, afastando-a para o lado e molhando meus dedos com sua excitação antes de enfiá-los nela em um movimento de vai e vem.

Deus, a forma como ela recebe meus dedos deveria ser considerada uma das oito maravilhas do mundo.

— Sim e já chegamos à conclusão que amo quando você me xinga assim — murmuro, voltando a dar mais uma longa lambida em seu seio esquerdo. — Merda,

linda, eu mal comecei a te tocar e você já está encharcada.

Em um movimento rápido, adiciono outro, observando-a soltar um grito e montar meus dedos com uma necessidade que faz meu sorriso crescer. Meus dedos continuam a trabalhar em sua entrada e meu dedão escorrega para seu clitóris, esfregando-o com avidez.

Perfeição pura.

O topo do meu maldito mundo.

— Isso é tão bom. — Ela arfa, se esfregando em meus dedos. — Não pare, lindo.

Sorrio ao som do apelido e sinto sua mão descer até o zíper da minha calça, abaixando o tecido junto a minha cueca e liberando meu pau. Fecho meus olhos por um momento quando ela gira o dedo pela minha glândula, antes de começar a bombeá-lo, apertando-o com força e me dando a visão da cabeça toda molhada pela minha excitação.

*Jesus.*

O som escorregadio dos meus dedos ao mesmo tempo em que ela me masturba é indescritível. Uma mistura de paraíso e inferno. Meus dedos entram e saem com avidez, fazendo-me sentir de uma forma tão indescritível que me faz perder o controle.

De repente, me afasto ouvindo-a reclamar pela perda do meu toque.

— Fique nas pontas dos pés e coloque uma de suas pernas na barra, linda — ordeno e seus olhos brilham quando percebe o que desejo. — Agora fique aí e só se mova quando eu deixar.

Ela me encara pelo reflexo com um olhar regado a desafio.

— Se eu não fizer?

— Eu vou te foder até *eu* gozar e não irei deixar que *você* goze. — Sorrio, me levantando. — E se você ousar terminar o que começamos, vou te arrastar para a mansão, te dobrar sobre a mesa de jantar e espancar a sua bunda até que aprenda a seguir as regras correndo o risco de qualquer um entrar e te ver entregue a mim.

Ela morde o lábio inferior e admiro a forma demoníaca que seus olhos brilham em antecipação. Caminho em direção ao armário na lateral do estúdio e tiro uma pequena bolsa que deixei ali mais cedo, voltando para onde ela está se posicionando como ordenei.

A bunda de Melany fica empinada em minha direção enquanto ergue a perna, esticando-a sobre a barra e me dando a visão perfeita de sua boceta encharcada. Assim que me aproximo dela, retiro minha roupa observando como ela acompanha cada movimento com um sorriso malicioso e fica na ponta dos pés com a perna que está apoiada no chão.

Me abaixo com calma, bombeando meu pau e me inclino, deixando inúmeros beijos pela sua pele até que estou ajoelhado atrás dela como um súdito à sua espera. E, porra, eu não me importaria de servi-la.

Porque Melany é a minha rainha.

Minha deusa.

Minha mulher.

Apenas minha.

Inclinando-me, deposito um beijo no interior das suas pernas e sorrio quando arrepios tomam conta de todo o seu corpo. Minha mão acaricia sua nádega antes que um tapa ressoe pelo estúdio seguido do seu grito.

É magnífico.

Um som quase tão perfeito quanto seus gemidos.

Levo minha mão até os lábios de sua boceta, abrindo-os e me curvo antes de devorá-la sem um aviso

prévio. Arrasto minha língua por toda a sua extensão, circulando seu clitóris e sugando em dois tempos entre rápido e fraco; o jeito ideal para ouvir Melany gritar, enquanto firma uma de suas mãos na barra e sua cabeça tomba para trás, fazendo seus cabelos caírem pelas suas costas. De repente, ela começa a rebolar deliciosamente contra meu rosto, esfregando-se em busca de fricção e minhas mãos se agarram em suas coxas, firmando-a no lugar.

Ela é perfeita.

Cada parte dessa mulher que tira o meu juízo é incrível.

— Ed, meu Deus... — gagueja, perdida em seu êxtase. — Não pare.

— Nunca, amor. — Dou mais uma longa lambida, sentindo seu gosto. — Sua boceta é perfeita. Porra, eu nunca vou me cansar de te chupar.

Ela move a perna, ajeitando-se e se abrindo ainda mais para mim. Gemendo contra sua intimidade, adiciono dois dedos enquanto meu polegar acaricia seu clitóris e minha boca toma tudo o que ela está me dando.

Sorrio, sabendo que a tenho exatamente onde desejo e me afasto, levantando e guiando minhas mãos até minha boca para chupar todos os resquícios da sua excitação.

— Merda, não pare — gagueja de novo, nervosa, e se prepara para soltar a barra. — Não seja um filho da puta agora.

Mas não faço isso.

Não quando desejo a sua fúria.

Quando sei que o que está prestes a vir é melhor do que qualquer outra coisa que fizemos.

— Mova-se e eu realmente vou ser um filho da puta, wildcat. — Levo minha mão até meu pau, acariciando-o. — Agora fique quieta.

Abaixo-me, pegando a bolsa e retiro de lá uma alga de metal, girando-a em minha mão com um olhar maléfico e deixando que um sorriso gélido tome conta dos meus lábios.

Volto a me aproximar, calmamente, apreciando a forma ansiosa que ela se inclina, praticamente arrastando sua boceta pela barra em busca do seu próprio orgasmo, e assim que paro atrás dela, resvalo meu lábio no pescoço de Mel e encaro-a sobre seus ombros.

— O quê... — começa, mas levo meu dedo até sua boca, interrompendo-a de terminar.

Ela passa a língua pelo meu dedo, mostrando-me o que faria com meu pau e desejo obrigá-la a ficar de joelhos e me chupar com força antes de enfiar tão fundo em sua boceta que ficaria mais dolorida do que quando chegamos a Saint Vincent.

No entanto, apenas me inclino adicionando mais um dedo a sua boca e passo a língua pelo lóbulo da sua orelha.

— Me diga, querida. — Umedeço meus lábios sem nunca deixar de sorrir e retiro meus dedos de seus lábios. — O que vem primeiro, as algemas ou o vibrador na sua bunda?

Melany não me responde de imediato.

Ela apenas me encara pelo reflexo enquanto me abaixo, deixando beijos pelo seu ombro e uma das minhas mãos se arrastam até a sua barriga, desenhando círculos até descer lentamente até sua boceta molhada e afastando seus lábios antes que meu dedo anelar comece a acariciá-la.

— Ed, por favor — suplica quando arrasto meus dedos até a sua entrada —, eu só preciso...

Observando a maneira que ela se arqueia para trás, apoiando sua cabeça em meu ombro enquanto

meus movimentos aceleram ao ponto dela esquecer o restante de sua frase e gemer alto o suficiente para o som reverberar por todo o espaço.

Assim que estou satisfeito, seguro seu queixo, fincando minhas unhas em sua pele e viro seu rosto em minha direção, tomando seus lábios contra os meus desleixadamente.

É urgência pura.

Desejo que consome cada parte do meu organismo.

Nossas línguas começam uma guerra por um controle onde ambos não desejamos ceder.

— Eu te fiz uma pergunta, linda — refuto quando ela não me dá uma resposta.

Afasto-me e seus olhos brilham.

Azul cristalino.

Uma imensidão impressionante.

Minha cor favorita.

— Algemas — seu sussurro é tão baixo que quase não ouço.

Abaixo-me, lambendo sua pele antes de destravar a alga e prender em seu pulso e a outra extremidade na barra.

Um novo sorriso nasce em meus lábios enquanto a esquadrinho.

Bochechas coradas, cabelos bagunçados, lábios vermelhos pelas mordidas por tentar segurar seus gritos e pupilas dilatadas.

Melany Underwood é a minha destruição.

— Perfeita — digo, deixando um beijo na curva do seu pescoço.

Volto a me afastar, caminhando até a bolsa e retirando um plug de aço com uma joia de diamante cravejada. De relance, observo Melany soltar um sorriso

lascivo quando pego a peça e passo lubrificante sem nunca desviar o olhar do dela ao caminhar de volta, lambuzando também a sua bunda.

Deslizo o meu mindinho até a sua entrada, antes de penetrá-la com calma e um suspiro salta dos seus lábios quando começo um movimento de vai e vem. Percebendo então que Mel não oferece mais resistência, acrescento mais um.

Com calma, passa alguns minutos apreciando a forma que meus dedos entram e saem com facilidade e seus suspiros aumentam quando começo a acelerar o ritmo, fazendo-a segurar a barra com mais força até que a ponta dos seus dedos fiquem brancas.

— *Ed, meu Deus!* — geme, tombando a cabeça para trás.

Sorrio, substituindo meus dedos pela peça e observo como, aos poucos, ela desaparece na sua entrada apertada. Melany rebola, ajustando-se à joia e recebendo-a por inteiro.

Ela tenta abaixar a perna, mas aperto sua coxa, encarando-a intensamente. Underwood se arqueia e me abaixo, voltando a me ajoelhar ao mesmo tempo que pego o controle e ligo as vibrações observando-a se contorcer.

Sua boceta ondula sempre que tenta mover o ângulo do vibrador e meus olhos brilham quando percebo sua excitação descer pelos seus lábios e antes que possa se acostumar, aumento mais a velocidade a cada vez que seu gemido ecoa.

Arrasto um dedo até sua entrada, enfiando nela e quando retiro observo o quão molhado está. Umedecendo meus lábios antes de voltar a chupá-la.

— Você imagina o quão perfeita você está, querida? — sussurro, espalhando sua lubrificação do clitóris por toda a sua boceta, apenas observando-a

fechar os olhos e tentar montar minha mão. — Sabe o quão gostosa você fica com a cabeça jogada para trás, um vibrador na sua bunda e os lábios inchados? O quanto você está parecendo a minha vadia nesse instante?

As costas de Melany arqueiam quando meu polegar alcança sua entrada, afundando-o apenas um pouco e retirando para prová-lo novamente; privando-a de um possível orgasmo.

Aproveito quando ela grita e arrasto minha língua por toda extensão de sua boceta e escuto-a puxando o pulso preso pela algema quando aumento a velocidade das minhas lambidas ao mesmo tempo que o vibrador sobe uma potência.

Eu sei que Melany está em seu limite.

Eu sinto isso em cada parte do meu corpo e amo cada instante.

— Deus, Ed — ela grita. — Eu não aguento mais.  
*Por favor.*

Não é necessário para me fazer parar.

Não acho que poderia.

Inclino minha cabeça, selando minha boca em seu clitóris e findo uma sucção deliciosa que me deixa louco, ao mesmo tempo, que levo meu dedo até a sua entrada traseira, segurando o vibrador e começando um movimento de vai e vem enquanto a velocidade aumenta.

Melany geme e eu sorrio.

Sua perna treme e aproveito tudo o que ela me dá.

Posso sentir que exaustão toma conta do seu corpo.

Prazer do meu quando percebo que ela está chegando aonde desejo.

Ela rebola e minha língua desliza, chupa e aproveita tudo o que está me dando.

— Porra, você é meu paraíso.

Aproveito seus gemidos incontroláveis, seu gosto em meus lábios e a maneira como me sinto sabendo que ela está perdendo o controle *por mim*. Está me dando tudo aquilo que esperei pacientemente. Abro-a ainda mais, dando-me acesso a toda a sua boceta e me deleito com seu gosto.

Como sonhei cada noite em tê-la assim para mim.

Foi meu assunto proibido.

Minha lembrança diabólica.

Agora ela é totalmente minha.

Porra.

*Perfeita.*

— Ed — cicia e eu solto mais um sorriso. — Eu preciso de você dentro de mim. *Por favor*. Eu quero seu pau dentro de mim.

Sabendo que se me pedisse o mundo nesse momento, eu daria, volto a chupá-la até que esteja satisfeito mesmo sabendo que isso é impossível.

Não quando Melany Underwood é minha droga favorita.

A minha obsessão indecifrável.

E só o pensamento de me afastar dela novamente, de não poder tê-la em meus braços, de observar outra pessoa tocando-a gelam as minhas veias e faz com que uma raiva descomunal tome conta de mim.

— Edmund! — Seu grito me traz de volta. — Eu vou te matar se você não entrar em mim agora.

— Relaxe, amor — sussurro, abrindo um sorriso satisfeito por saber que ela nunca perderia a oportunidade de me xingar. — E goze *pra* mim, querida.

Não é preciso mais nada.

Melany arqueia-se, chamando pelo meu nome com urgência, enrijecendo suas costas antes de se derreter em meus lábios. Seu gosto, como sempre, tem o meu

sabor favorito. Tem tudo aquilo que me mantém obcecado desde a primeira vez que a tive.

— Ah! — grita quando engulo cada gota do seu orgasmo, me sinto inabalável. Nada poderia me alcançar neste momento.

Levanto-me, segurando sua cintura e me coloco atrás dela, destravando a algema e massageando seu pulso com carinho antes de girar seu corpo, ficando cara a cara comigo.

— Você é a coisa mais linda que já coloquei os olhos.

Melany sorri.

E é lindo.

Esqueça eventos cósmicos, fases da lua e o sol radiante em um dia de verão.

Nada disso é tão espetacular quanto Melany Underwood sorrindo depois de um orgasmo.

Ela solta um ruído, quando pego o controle, desligo as vibrações e a coloco no chão com um enorme sorriso no rosto. Assim que ela está deitada, cubro o meu corpo com o dela, distribuindo inúmeros beijos pela sua pele até chegar em seu seio onde volto a mordê-los.

Enquanto faço isso, tateio até a bolsa ao nosso lado e pego um preservativo, rolando-o pelo meu pau e ergo sua cintura, fazendo suas pernas circularem o meu quadril. Um gemido salta dos seus lábios quando o vibrador em sua bunda começa a funcionar de novo, agora com mais intensidade.

É tudo o que preciso antes de distribuir beijos e mordidas por toda a extensão da sua pele e empurrar dentro dela, estimulando-a mais. Meu movimento começa ao mesmo tempo que o vibrador toma um ritmo mais rápido, dando-me a oportunidade de fodê-la da forma como desejo.

Suas mãos espalmam meu peito, no entanto, antes que ela possa me arranhar uma segunda vez, seguro

seus pulsos, colocando-os acima de sua cabeça. Ela entende o que desejo e entrelaça nossos dedos ao mesmo tempo que começo a estocar com mais força, sentindo-a em todos os lugares do meu corpo.

É como alcançar o topo do universo.

Como misturar duas matérias que juntas são explosivas.

Dois polos opostos.

E a cada vez que entro nela, tenho a certeza de que jamais seremos apenas *inimigos com benefícios*. Nunca poderíamos ser apenas isso. Não quando cada célula do meu corpo pertence a mulher demoníaca abaixo de mim que me faz ver estrelas.

— Ed — Mel se arqueia, quando o vibrador aumenta a velocidade novamente. — Mais forte, por favor.

Eu acato seu pedido, socando meu pau com força e sentindo um pouco de resistência por conta do vibrador em sua bunda. Porém, isso não impede de Mel girar nossos corpos, fazendo-me ficar por baixo dela e sorrir amplamente em minha direção enquanto me monta.

Seus cabelos caem para o lado e é impossível não retribuir o sorriso que abre nesse instante.

O mundo parece desacelerar.

Os segundos parecem parar.

Nossas respirações se tornam descompassadas.

Somos apenas nós dois.

Nada mais importa.

Como sempre deveria ter sido.

Melany espalma as mãos no meu peito e começa a cavalgar com força, fazendo seus seios balançarem cada vez que empurro dentro dela. Minhas mãos se fecham em sua cintura e um gemido alto salta de seus lábios, ao mesmo tempo que contemplo a maneira como me encaixo perfeitamente dentro dela.

— Porra, desse jeito, amor — rosno quando sinto se apertar contra mim. — Você parece uma maldita deusa assim.

Melany esfrega seu clitóris contra a minha virilha enquanto desacelero o movimento por um momento apenas para observá-la me levar mais fundo.

— Por favor....

— Sim, porra! — rosno, apertando sua coxa com força.

Melany continua me olhando e continuo a penetrando, levando minha mão até seu mamilo erigido e apertando-o com força enquanto ela perde o controle das suas ações e cavalga com desespero.

Eu mostro a ela o que somos juntos.

O que nada poderia separar mesmo que tente dizer ao contrário.

Meus impulsos se tornam desenfreados e nossos olhos se encontram quando percebo que estamos próximos. Que mesmo que tentemos negar, nós não somos mais os mesmos.

Os azuis dos seus olhos se fundem à cor escura dos meus.

O sorriso que nasce em seus lábios ilumina cada parte do meu coração vazio.

Nós nos tornamos um.

Nada pode impedir.

Nem a antiga rivalidade das nossas famílias.

Nem nossos irmãos.

Nem mesmo nós dois.

E Melany sabe disso. Sabe que nós não temos mais volta.

Que cruzamos essa linha anos atrás, no meu carro e depois naquela noite no hotel. Nós fizemos isso quando deixamos que nossos lábios se tocassem mesmo sabendo que isso nos destruiria.

— Esqueça as regras. — Minha voz soa perdida. — Porra, esqueça tudo. Apenas aceite que isso não tem mais volta, querida. Aceite que somos mais do que inimigos. Nós *nunca* fomos isso — digo, sem fôlego. — Você pode dizer que me odeia. Que nunca será minha, mas nós dois sabemos que é mentira. Você nasceu para ser minha, Melany. Você nasceu para ser uma Blackwell. Porra.

Seus olhos se desviam dos meus e aproveito isso para girar nossos corpos, fazendo voltar para baixo de mim. Para onde ela nunca deverá sair.

Uma respiração instável salta dos seus lábios quando atinjo o seu ponto G e percebo-a jogar a cabeça para trás, perdendo todo o controle que ainda resta em seu corpo. E aproveito isso para aprofundar o ritmo.

— As regras sempre vão ficar entre nós, Ed — murmura, e esqueço tudo ao nosso redor.

— É o que você pensa.

Minhas palavras nunca soaram tão verdadeiras quanto agora.

Ela geme alto, se apertando contra mim e sei que está perto. Sua respiração está acelerada e sua pele escorregadia e quente. Mel está tão malditamente linda que não consigo desviar o olhar.

Eu sou dela.

Ela é minha.

Mesmo com mentiras, com acordo e com nossos segredos.

Nada pode nos fazer voltar atrás.

Nem mesmo a ideia dela de não pertencer a ninguém.

— Ed... — rosna e eu sorrio. — Eu vou...

Antes que possa completar a frase, suas paredes internas se apertam em torno de mim e sinto como se todo o meu corpo estivesse se desfazendo.

Uma das minhas mãos desce até seu clitóris, massageando-o, e observo Melany abrir sua boca em um grito silencioso quando o seu orgasmo toma conta de seu corpo e se aperta em meu pau.

— Porra.

Mel não para de se esfregar em mim, aumentando a sensação do meu pau contra a sua boceta e não consigo mais me controlar. Seguro sua cintura, tendo a certeza de que amanhecerá marcada e impulsiono dentro dela com mais força.

Minha mão se arrasta até sua entrada sensível, sentindo meu pau entrar e sair e aprecio a maneira como os barulhos que saltam dos seus lábios se tornam músicas para meus ouvidos.

E antes que eu perceba, gozo com tudo de mim.

Por um momento, apenas consigo ouvir as nossas respirações.

Por um instante, tudo ao nosso redor some.

Apenas Melany existe.

Apenas a mulher que consome todas as células do meu corpo.

Descanso minha testa contra a sua, sentindo seu corpo se acalmar.

É quase irreal.

Como se este momento fosse exatamente onde deveríamos estar, juntos.

— Mel?

O olhar dela se ergue até meu rosto e percebo que eles estão brilhando.

Lindos.

Tão lindos que meu peito aperta.

— Hum?

— Venha comigo para Hamptons.



## VOCÊ ME VÊ ASSIM?

*Meu bem, quando nos tocamos (quando nos tocamos)  
Parece que você foi feito  
Para receber todo o meu amor (todo o meu amor)  
Tudo em você  
Sempre quero mais (sempre quero mais)  
Me apaixonei pela máquina  
Me apaixonei por você*

**The Machine | Reed Wonder feat. Aurora Olivas**

*Melany Underwood*

Meus olhos se abrem, devagar, observando que não estou em meu quarto.

As cortinas estão completamente fechadas, mas posso perceber pelas paredes azuis que esse não é o que estou hospedada desde que cheguei. Meu olhar varre pelo lugar organizado, parando na estante cheia de livros e HQs e automaticamente relembro onde estou e como cheguei aqui.

Enfim, sinto um braço transpassado em minha cintura e, com calma, tento me virar, mas sou impedida quando Edmund me puxa mais contra seu peito,

deixando um beijo casto em minha cabeça e vira o rosto para o lado, voltando a dormir.

Meus olhos focam no relógio na mesa de cabeceira e se arregalam ao perceber que já passa das nove horas. Provavelmente todos já estão se preparando para o aniversário de Jayden ou terminando o café da manhã.

Calmamente, retiro a mão de Edmund da minha cintura, tentando, mais uma vez, me libertar do seu aperto, mesmo não tendo sucesso. Ele solta um suspiro e pisca com calma, obrigando-me a erguer meu rosto para observá-lo me estudar com uma expressão carrancuda.

— Você ao menos poderia ser mais silenciosa? — indaga, sonolento. — Há pessoas que gostariam de dormir aqui.

Ergo uma sobrancelha.

— Nós estamos atrasados — resmungo, revirando os olhos.

— Eu deveria estar preocupado com isso, por quê?

— Porque é o aniversário do seu sobrinho? — pergunto, ultrajada. — Jesus, Edmund!

— O aniversário dele é apenas a tarde, Jay odeia acordar cedo. — Ele desvia o olhar para o lado, pegando seu celular e franzindo o cenho. — Além disso, ninguém me ligou, então estamos bem.

Confusão toma conta do meu rosto.

— Eles te ligariam?

— Sim. — Seu olhar segue até meus lábios. — Minha mãe gosta de notificar meus atrasos para o café da manhã quando está aqui. Às vezes até acho que faz isso para não perder o costume.

— Então você costuma se atrasar sempre?

— Eu costumo *não* aparecer. Mas ela ainda tenta me fazer participar. — Ele ergue uma sobrancelha. — Agora podemos voltar a dormir? Ou você ainda vai continuar surtando antes do meio-dia?

Deixo minha cabeça cair em seu peito nu e solto um suspiro.

Ele é impossível.

É a única explicação.

— Eu nem deveria estar aqui.

— Você gostou muito da ideia quando te carreguei até essa cama depois do que fizemos no estúdio. E pelo que me lembro essa era uma das nossas regras. — Sua voz é cheia de sarcasmo e apenas solto um novo suspiro, observando-o desistir de lutar contra mim. — Você não vai me deixar dormir, né?

— Não. — Umedeço meus lábios. — E pare de ser um merdinha arrogante. Você praticamente me arrastou até aqui quando eu disse que não iria viajar contigo.

Pegando-me desprevenida, Edmund gira nossos corpos até que estou por baixo dele assim como a última vez que dormimos juntos.

— Eu não tinha terminado com você ainda. — Ele me lança um sorriso de canto. — E nem desisti da ideia de te levar comigo.

— Por que deseja tanto a minha companhia nessa viagem?

Edmund hesita, algo que raramente acontece.

— Porque poderemos transar em uma praia.

Encaro seu rosto, percebendo que há mais do que está me contando e tento me afastar mais uma vez.

— Desista dessa ideia, tenho que ensaiar para a minha apresentação. — Ele me aperta mais um pouco, levando uma das suas mãos até meu rosto. — E espero que tenha aproveitado a nossa noite, porque você não vai mais me tocar até voltarmos para Nova Iorque.

— Nem você acredita nas suas palavras, wildcat.

— Idiota — rosno, tentando outra vez, me afastar. — Agora me ajude a sair daqui, porque preciso chegar até meu quarto e convencer Logan de que não passei a noite em claro atrás de problema.

— Se problema significa você sendo fodida por mim, ele, com certeza, não saberá. — Tenho vontade de socá-lo agora. — A não ser que você invente de colocar um dos minúsculos biquínis, aí sim você procurará por um problema.

— Logan não se importa com o que eu visto.

— Ele, não. — Ele se abaixa, beijando meu queixo.  
— Eu, sim.

Abro minha boca para mandá-lo ir para o inferno, mas uma batida na porta enrijece todo o meu corpo. Meu olhar se ergue para o rosto de Edmund que me encara confuso também e abre os lábios para dizer algo. No entanto, antes mesmo que ele tenha sucesso, a porta é aberta e por instinto ele me empurra para debaixo do enorme edredom.

Prendo pateticamente a minha respiração, escutando passos e oro para que o volume do corpo de Ed junto aos inúmeros travesseiros e o edredom gigante, não entreguem que estou escondida entre as suas pernas como uma maldita fugitiva.

— Você está atrasado. — A voz rouca de Dylan me faz apertar os olhos.

*Merda.*

*Merda.*

*Merda.*

*De todas as pessoas, teria que ser logo o irmão mais velho dele.*

*Logo a pessoa que nunca deixa nada passar despercebido.*

— Digamos que eu estava ocupado — Edmund zomba e percebo que ele se encosta na cabeceira. Pela forma como seus músculos tensionam, tenho certeza de que ele acaba de cruzar os braços. — Além de me dizer o óbvio, você deseja mais alguma coisa?

Tranquilo.

O filho da mãe está tranquilo enquanto eu preciso respirar com calma para que seu irmão não descubra que estou aqui escondida e totalmente nua.

— Hazel me obrigou a vir aqui te arrastar até o café da manhã.

— Ok. — No entanto, Ed não faz nenhum movimento para se levantar. — Por que você está se escorando na minha mesa?

— Há algo que eu gostaria de discutir com você.

Puta que me pariu.

Não é real.

Não pode ser.

Dylan não vai começar a discutir negócios quando estou tampada apenas por uma coberta e morrendo de calor. Talvez eu tenha um síncope, morra de falta de ar ou algo semelhante. Talvez também eu assassine Edmund Blackwell mais tarde.

— Você não acha que é um péssimo momento para isso?

— Você não parece animado para descer, então...

— Ok, diga logo o que deseja — Edmund grunhe, suspirando fundo.

Eu irei, de fato, matá-lo. Calmamente.

Vou apreciar cada instante que ele gritará.

Porque não é possível que seja tão babaca ao nível de conversar com o seu irmão quando ele pode me ver aqui caso a coberta mude de ângulo ou se eu me mover um pouco.

— Eu recebi alguns documentos me informando sobre o fim dos patrocínios para alguns times de hóquei.

— Meus olhos se arregalam quando as palavras de Dy ecoam no quarto silencioso. — Você sabia disso?

— Fui eu que solicitei.

— Por quê?

— Há esportes mais interessantes para investirmos.

Mesmo não podendo ver, sei que Dylan está encarando-o como se suspeitasse que houvesse motivos ocultos por trás de sua resposta superficial.

Mesmo assim, posso ouvir ele se mover pelo quarto, escorando-se em algo.

— Então, deixe-me ver se entendi. — Percebo que o tom da voz dele tem um toque de sarcasmo. — Você, que nunca se importou com esportes, decidiu que estamos patrocinando modalidades desinteressantes?

Não.

Não.

Ele não pode ter feito isso.

Edmund não seria tão idiota a esse ponto.

— Sim — diz, simplesmente. — Agora você pode sair daqui e me deixar levantar ou pretende me ver sem roupa também?

Há uma pausa e, por um segundo, acho que Dylan está fora do quarto. Então antes que eu possa me mover, Edmund coloca a mão sobre o edredom me parando e ouço um praguejo.

— Você está estranho — Dy afirma.

*Sim, Sherlock.*

*Ele está estranho porque estou praticamente com a cara no pau dele.*

*E porque você está me impedindo de sair desse quarto.*

Tenho vontade de soltar uma risada pelo pensamento, no entanto, ouço apenas Edmund soltar um longo suspiro antes de se mexer com cuidado na cama.

— E você está em meu quarto enquanto estou pelado, Dylan — Ed devolve, suspirando fundo. — Diga a Hazel e a mamãe que vou descer em breve.

— Ainda voltaremos a conversar sobre esse assunto — ordena e percebo que não há espaço para negar. — Aliás, você, por acaso, sabe onde está Melany?

— Por que eu saberia onde está a irmã irritante de Logan?

Arrasto minha mão até seu pau semi ereto e aperto, observando como seu corpo dá um pequeno sobressalto e um suspiro salta de seus lábios.

— Porque Verônica está procurando por ela.

Meu corpo inteiro enrijece, sabendo que se Vee está atrás de mim, significa que ela e Logan perceberam que não dormi na ala deles e que nem estava no meu ensaio diurno que sempre faço desde que comecei a dançar ballet.

— Diga a Vee que ela provavelmente foi até a academia de Emmy, ela sabe que Melany ensaia todas as manhãs. — A forma como Edmund diz me surpreende. — E ela odiaria ensaiar com muitas pessoas aqui. A pirralha gosta de espaço e, mesmo que me surpreenda, de silêncio.

Dylan não responde e por um momento acho que nem mesmo respiro.

*Ele não pode me ver.*

*Tudo está sob controle.*

De repente, o barulho da porta sendo aberta e logo após fechada, relaxa todo o meu corpo. Antes mesmo que eu possa afastar o edredom, Edmund faz isso por mim, me puxando para o seu colo de forma que é impossível realizar minha fuga.

Respiro fundo tentando não perder minha cabeça nesse momento.

— Não surte — ordena e minhas mãos se apoiam em seus ombros.

— A porta estava aberta. — Engulo em seco e meus olhos se erguem até os seus. — Alguém poderia ter nos pegado. Porra, alguém praticamente nos pegou. E Logan... Ele poderia ter entrado aqui e ter flagrado nós dois juntos. Ele poderia ter entrado para perguntar algo e...

— Respire, wildcat. — Me interrompe e fecho os olhos por um minuto. — Está tudo bem, apenas respire.

O ar ao meu redor parece pesado, comprimido.

Meu peito se aperta, e cada batida do meu coração ecoa nos meus ouvidos, abafando tudo ao meu redor. Mas, então, sinto a mão dele tocar a minha, quente e firme, desenhando pequenos círculos em minha pele que faz toda a minha atenção se voltar ao seu rosto.

Ed não diz mais nada.

Ele apenas me encara, esperando que eu fique mais tranquila.

É o suficiente.

— Não trancamos a porta — murmuro e mordo o lábio inferior. — Alguém poderia ter entrado.

Edmund sorri e apenas mantém o olhar sobre o meu.

— Estávamos muito ocupados para nos preocuparmos com a porta, linda. — Ele se aproxima, deixando um beijo em meu queixo. — Além disso, Dy é o único que teria a coragem de entrar aqui sem me falar antes. E mesmo que tivesse te visto, ele nunca diria nada.

— Por quê?

— Porque ele é meu irmão.

— Não. — Meneio a cabeça quando arqueia a sobrancelha. — Por que ele é o único que tem a coragem de entrar aqui?

— Porque eu nunca deixei ninguém entrar em meu espaço. — Há algo em seu olhar. — A não ser você.

Meus olhos estão nos dele.

O silêncio entre nós não é vazio, é repleto de uma calma que começa a infiltrar-se nas minhas veias, suavizando o tumulto dentro de mim.

— Por quê?

— Não acho que você queira saber — murmura, sua voz baixa como uma brisa suave, carregada de uma

paz que começa a abrandar meus pensamentos. — Não ainda pelo menos.

Inclino minha cabeça para o lado, enquanto ele inspira profundamente, e eu sigo o movimento.

— Você realmente encerrou os patrocínios?

Seu braço se move lentamente, envolvendo meus ombros, e me puxa para mais perto. Minha cabeça descansa contra seu peito, onde o ritmo constante do seu coração ressoa.

É uma posição tão íntima que deveria me assustar, mas percebo que tem o efeito contrário. E isso é estranho porque eu sempre gostei do silêncio, porém a minha mente nunca parou de fazer barulho. Não até ele chegar. Não até o único som que comecei a desejar era o das batidas do seu coração.

Estar assim com Edmund Blackwell me acalma.

— Sim — sussurra, os dedos dele desenhando círculos leves nas minhas costas. — E também solicitei a demissão de Liam O'Brien da equipe.

Minha boca se entreabre.

Não é possível.

— Eu não preciso que lute as minhas batalhas por mim, Edmund — resmungo, sabendo que uma tempestade interna começa a se agitar. — Nós não somos amigos ou confidentes para que tenha de se intrometer em meus assuntos.

Ele me afasta um pouco, abrindo um sorriso assustador.

É malicioso e, principalmente, cheio de segredos.

— Ser seu amigo ou confidente é a última coisa em minha mente, wildcat. — Edmund se aproxima deixando um beijo casto em meus lábios e nos vira, levantando-se. — Agora vamos descobrir uma forma de te tirar do meu quarto sem que a minha família te veja.

Mesmo tendo mil coisas para dizer, apenas meneio a cabeça.

Mesmo sabendo que eu não deveria, me viro pegando a sua camiseta e vestindo.

Assim que me levanto, meu olhar recai na parede adjacente. Me pego caminhando até lá, observando as dezenas de capas de *HQs* penduradas ao lado de algumas capas de jogos que contém seu nome.

Mas não é isso que prende a minha atenção.

É a pintura, ou melhor, um esboço delicado, desenhado diretamente sobre o gesso.

Minha respiração se prende por um instante quando reconheço as figuras traçadas ali.

Sou eu, em uma pose de ballet enquanto ele me segura com firmeza.

Dou mais um passo, erguendo o rosto e observando todos os detalhes, a maneira como Edmund capturou a tensão dos meus músculos, a curva graciosa do meu braço, e até o jeito como minha expressão parece concentrada.

É a nossa dança.

É como dançamos a primeira vez.

Mas o lugar não é o estúdio da cobertura.

É o que ele me mostrou ontem. Onde me fez dançar com ele.

Engulo em seco quando meus olhos vagam pelas linhas que compõem sua própria figura ao meu lado. Há algo nos traços que me chama a atenção. Algo que não consigo compreender. Por isso apenas observo a forma como delineou seu rosto como se estivesse completamente focado em mim, em me sustentar, em garantir que eu não caia.

— Mel...

Não respondo.

Não acho que poderia.

Ele não deveria ter feito isso.

Não deveria...

— Você me vê assim? — A pergunta sai num sussurro, quase inaudível.

Sinto uma onda de emoções me invadir.

Nunca imaginei que ele me veria assim, ou que teria a habilidade de capturar essa visão com tanta destreza.

Aproximo-me da pintura, quase sem acreditar, estendendo a mão para tocar os contornos, mas paro antes de fazê-lo. Medo toma conta do meu corpo quando me lembro que anos atrás alguém também me desenhou, alguém também me fez sentir especial e me fez acreditar que me amaria.

*Não dê poder a eles, querida.*

*Não deixe que cheguem até seu coração fraco.*

*Pinturas representam aquilo que amamos.*

*Mas também o que odiamos.*

Edmund está atrás de mim agora e posso sentir o calor de sua presença. Sua mão se estende até onde a pintura está e todo o meu corpo parece enrijecer. Memórias tomam conta do meu corpo e tenho vontade de perguntar se um dia chegar a permiti-lo se aproximar, ele também usará do seu amor por desenhos para me machucar.

Se quando se cansar, descontará suas frustrações em mim.

Se caso me apaixonasse, ele me quebraria.

Se me destruiria se eu estivesse à sua mercê.

— Sim — Ed finalmente responde, a voz baixa, como se estivesse compartilhando um segredo. — Você está em meu pensamento mais tempo do que alguém acharia saudável. E às vezes odeio isso. Odeio como você me faz sentir patético por desejar algo que não deveria ser meu.

Minhas emoções transbordam, e por um momento, tudo o que consigo fazer é ficar olhando para o desenho, absorvendo cada traço, cada sombra. A forma como os

olhos dele estão apenas em mim. E como eu o encaro como se fôssemos únicos no mundo.

Esse esboço não é apenas arte.

É uma expressão silenciosa de algo que vai além das palavras.

— Você não deveria...

— Não continue — diz, mas sai como uma súplica.

— Me deixe pensar que sou mais do que um caso sórdido para você, linda.

Finalmente, viro-me para ele, meus olhos buscando os seus, e encontro um olhar que é, ao mesmo tempo, tímido e intenso.

É totalmente diferente do homem que todos conhecem.

Nesse momento, ele não é o herdeiro da Blackwell Enterprise.

Nem o meu inimigo com benefícios.

Ou a pessoa gélida que todos conhecem.

Ele é apenas o homem que me beija com fervor, que me encara intensamente e que me faz cometer loucuras como dormir em seu quarto mesmo sabendo que todos ao nosso redor odiariam saber que temos algo.

Sinto um nó na garganta, mas consigo abrir um pequeno sorriso.

E mesmo sabendo que não deveria, que estou cedendo apenas pelo calor do momento, dou a ele algo que sei que almeja.

— Eu irei com você para os Hamptons, nerd.

Edmund apenas sorri.

E eu mantenho meu olhar nele.

Sabendo que não deveria, que estou fazendo o que a minha mãe me disse para nunca fazer.

Estou começando a sentir algo por alguém.

Ou melhor, pela pessoa que era o meu inimigo.



wantsmarie  
twitter/instagram



## ALGUMAS DORES SÃO INCURÁVEIS

*Quanto mais velha fico, mais eu vejo que  
Meus pais não são heróis, eles são como eu  
E amar é difícil, nem sempre funciona  
Você apenas tenta o seu melhor para não se machucar  
Eu costumava ficar brava, mas agora eu sei  
Às vezes é melhor deixar alguém ir*

**Older | Sasha Alex Sloan**

*Melany Underwood*

Meu olhar se ergue na direção das crianças correndo de um lado para o outro.

O fato de que Hazel não nos deixou beber até o final desse dia me faz querer sair em busca do bar mais próximo, de uma festa que me fará esquecer o que vi, do motivo que estou evitando todos desde que consegui sair daquele quarto.

Porém quando meu olhar recai no garotinho de olhos escuros que sorri de canto para mim, sei que não poderia fazer isso. Mesmo que minha mente esteja turbulenta. Mesmo que tudo em mim seja uma bagunça. É por ele que estou aqui.

— Você está estranha. — A voz de Jayden me faz franzir o cenho.

Jay leva a mão até o cabelo escuro, bagunçando-os.

— Estranha como?

— Quieta — Theo responde por ele. — Você quase nunca está assim.

Inclino minha cabeça observando os dois garotos que se encaram como se fossem confidentes. Mesmo com a diferença de idade entre os dois. Theo e Jayden se tornaram melhores amigos desde a primeira vez que se viram.

Jay foi a alegria que Theo precisava.

Theo foi a luz que Jay nunca imaginou ter.

Mesmo completamente opostos, eles são melhores amigos.

São as minhas pessoas favoritas no universo junto com Andi.

— São problemas de adultos — murmuro, sorrindo.

— Mamãe diz que não há problemas que não possamos resolver — Jayden conta no mesmo tom. — Nós somos Blackwell.

— Você é um Blackwell — devolvo. — Eu sou uma Underwood, lembra?

Jayden e Theo trocam um olhar que me faz erguer uma sobrancelha. O irmão de Analu apenas dá de ombros, ajeitando seus óculos antes de me encarar novamente.

— Tio Ed também está sozinho como você — o Blackwell mirim afirma. — E eu vi como ele te olhou.

*Jesus Cristo.*

Cancele a ideia dos dois serem meus favoritos.

— Ele te olhou como Lev olha para a minha irmã — Theo sussurra, passando as mãos pelos cabelos escuros. — Os olhos dele brilham como uma Estrela do Norte.

— Pare de comparar as coisas às estrelas, eu não sei reconhecer todas — Jayden o adverte e tenho

vontade de sorrir. — Compare a xadrez.

— Você é péssimo nisso.

— Meu pai disse que estou melhorando — afirma, orgulhoso. — E quando terminar de aprender serei o melhor de todo o mundo. Em tudo o que faço, eu serei.

— Você já é o melhor Blackwell para mim — brinco e me viro para Theo. — E você é o melhor Parker. Mas não diga aos pais de vocês, eles tendem a ser ciumentos.

Eles sorriem e acenam com calma, se virando para mim.

— Você sabia que tio Lev está construindo um observatório para mim? — Theo indaga e seus olhos brilham. — Ele me disse que ficará pronto até o final do mês.

Sorrio, sabendo que ele é completamente apaixonado por estrelas.

— Você me deixará ir até lá quando ficar pronto?

— Você responderá as minhas perguntas sobre as constelações?

— Sempre.

Sua cabeça se inclina para o lado em um longo sorriso.

— Então você e Jay serão os únicos que poderão ir comigo. — Ele sorri brevemente. — Mas Jayden pode ser chato às vezes, tá?

Jay o encara, perplexo.

— Cara, é o meu aniversário — questiona, cruzando os braços. — Aliás, tia Mel?

— Sim?

— Você também pode ir comigo nas minhas aulas de equitação quando estiver na cidade? — ele me questiona, tímido. — Eu quero que você me veja antes de levar o papai para me assistir.

— Por quê?

— Porque eu quero ser tão bom quanto ele.

— Você já é, querido. — Puxo os dois para um abraço apertado. — Vocês dois são as melhores pessoas em todo o Universo e nunca acreditem o contrário, ok?

Ambos meneiam a cabeça, concordando antes de se afastarem.

Por um momento, apenas mantenho a minha atenção nos dois que correm até onde estão sendo servidos os refrescos e percebo que em nenhum momento eles se separam. Quando alguém puxa Jayden, ele volta para Theo em poucos segundos e quando Jayden se isola porque começa a se sentir mal, Theo é o primeiro a perceber.

Eles são como Levi e Hazel.

Como Logan e Summer.

Dylan e Analu.

Josh e Edmund.

Verônica e Oliver.

Andrew e eu.

Almas gêmeas destinadas a serem melhores amigos.

— Por que você está sozinha aqui? — A voz suave de Summer me faz desviar os olhos.

Encaro suas íris brilharem quando ela se senta em uma das espreguiçadeiras ao meu lado e observa as inúmeras crianças que correm de um lado para o outro.

— Estou aproveitando meu último dia com vocês.

Sum sorri, ajeitando o casaco de inverno.

— A sua forma de aproveitar é observar todos de longe?

— Digamos que estou evitando Logan e Vee me questionando se estou bem pela milésima vez desde que acordaram. — Dou a ela um pequeno sorriso.

— Eles estão preocupados, você decidiu passar o final de semana aqui.

Meneio a cabeça, sabendo que ela está certa. Principalmente quando Logan me encarou preocupado

quando pedi para que me buscasse na antiga casa dos nossos pais.

Porém, esse não é o motivo pelo qual estou afastada de todos. Mas sim, os meus pensamentos turbulentos sobre a minha constatação de mais cedo. Sobre como estou caindo em algo que prometi nunca deixar chegar até mim.

Ergo meu rosto, observando todos os nossos amigos pelo jardim da mansão Blackwell e admiro a forma como sorriem uns para os outros. Até mesmo Analu que antes odiava demonstrar sentimentos, agora sente-se confortável o suficiente para deixar que todos percebam que ela finalmente está bem. Para Levi que faz Hazel gargalhar de algo enquanto entrega um copo de suco para a melhor amiga.

Do outro lado, Verônica sorri para algo que Oliver diz e percebo quanta saudade eu estou de Andrew. Da forma como apenas ele consegue me entender, consegue extrair o melhor de mim. Por fim, meus olhos se elevam até Edmund que está sentado ao lado de Dylan e com um Ipad em mãos.

Ele ignora todos ao seu redor enquanto desliza o *pencil* pela tela.

O sol da tarde banha a lateral de seu rosto e destaca os óculos de grau, fazendo-o parecer mais jovem, mais relaxado. Quando Amber diz algo, obrigando-o a erguer seu rosto, posso perceber um pequeno sorriso tomando conta da sua boca.

É tão rápido, mas é perfeito.

Algo que poucas pessoas conseguiriam prestar a atenção.

— Como foi para você entender que estava deixando de fingir que gostava de alguém para perceber que o amava? — A pergunta salta dos meus lábios antes que eu possa me segurar e não entendo o motivo pelo qual o faço.

Summer dá uma pequena risada, pousando a mão na barriga que começa a aparecer.

Seus olhos vão até Oliver que, por um momento, desvia a atenção de Verônica para sorrir para a sua noiva.

— Doloroso — conta, mas posso perceber o sorriso em seu rosto. — Eu quase perdi a pessoa que eu amo, porque estava absorta demais na minha dor pra perceber isso. E Oliver estava tão machucado pelo seu passado que também não percebeu que nos marcamos no caminho.

Engulo em seco, lembrando de tudo o que passaram.

— Algumas dores são incuráveis — sussurro, brincando com a borda do meu vestido.

— Na verdade, às vezes a gente só está perdido demais para entender que nenhuma dor é incurável. Nós nos perdemos nela, nas lembranças dolorosas, que nem mesmo percebemos que a nossa vida ainda *deve* continuar. Estagnar por isso não é superá-la, é apenas mentir para si mesmo sempre que olhar no espelho. É afastar aqueles que nos amam porque nosso medo é maior do que o sentimento que nutrimos.

— E se o motivo da sua dor foi quem deveria te amar? — indago em um murmúrio.

— Então a pessoa não te amava, Mel — Sum diz, baixinho. — O amor não é sobre dor. O amor é suavidade, mesmo que às vezes enfrente turbulências. Ele cura feridas que não foi o responsável. Ele é muito mais do que nos mostraram no passado.

— Eu gostaria que as pessoas entendessem que nem todos acham o amor bonito. — Desvio o meu olhar, observando como meu irmão sorri para Vee. — Amar alguém é uma dádiva, mas há pessoas que não compreendem isso e acabam machucando os outros. E, às vezes, eu olho para vocês e me sinto mal porque uma

parte de mim acredita que o amor um dia acaba e que vocês vão sofrer por isso como todos ao meu redor sofreram. — Mordo meu lábio. — E eu gosto muito de vocês para presenciar isso.

Sum se inclina um pouco e segura a minha mão, meus olhos se erguem e fixam nos dela onde há um brilho.

— Hazel e Dylan brigam. Levi e Analu discutem sempre que não concordam um com o outro. Verônica e Logan também possuem seus problemas e Ollie e eu sempre temos algum embate — ela conta, inclinando a cabeça para o lado. — E em nenhuma dessas brigas, o amor deixa de ser amor, porque sabemos que nem sempre estaremos certos, nem sempre o mundo seguirá como desejamos, mas se tivermos alguém para nos ajudar a entender toda essa loucura que é, acreditamos que vale a pena.

Um pequeno sorriso nasce em meus lábios, mas percebo que minha garganta se fecha.

— E se ele realmente me machucar? — sussurro.

— Então você terá quatro mulheres que te amam para te segurar se cair. — Suas palavras são tão verdadeiras que me pego sorrindo. — Você vai ter todos esses homens que chamamos de amigos para destruir a pessoa que te machucar e, se não for o suficiente, nós iremos jogar outro carro em um lago. Mas saiba que, independentemente de tudo, nós sempre estaremos aqui por você, Mel.

E eu acredito.

Porque mesmo que talvez nunca esteja pronta para um amor romântico.

Eu sempre terei o amor da minha família.

Dos meus melhores amigos.

E isso é tudo o que importa para mim.



## QUATRO DIAS

*Não tenho muita certeza de como me sentir quanto a  
isso  
Algo no seu jeito de se mexer  
Faz com que eu acredite não ser possível viver sem você  
Isso me leva do começo ao fim  
Quero que você fique*  
**Stay | Rihanna feat. Mikky Ekko**

*Edmund Blackwell*

Ergo a cabeça de encontro a TV da sala de embarque onde passa uma reprise de algum *TED Talks* falando sobre a ideia de que ser autossuficiente é totalmente absurda. Tendo em vista que necessitamos de trocas com outras pessoas para absolutamente tudo.

Das coisas básicas às mais complexas estamos conectados uns aos outros.

O amor, por exemplo, pode ser uma troca mais do que sustentável em nossas relações interpessoais.

Balanço a cabeça, desviando a atenção da tela para encarar meus amigos. As palavras da palestrante reverberam em minha mente.

Para mim, existem dois extremos: um é de que podemos amar alguém para ser feliz, e o outro é de achar que somos completamente autossuficientes e que não precisamos de ninguém conosco.

Ao escutar suas palavras, não compreendi o sentido, pois, na minha concepção, os dois extremos nunca poderiam coexistir. Eu posso amar a minha família a ponto de destruir qualquer coisa para eles, mas nunca acreditei que poderia amar alguém romanticamente como todos ao meu redor o fazem.

No entanto, agora que me despeço deles no aeroporto de Saint Vincent, percebo que talvez não seja completamente mentira. Talvez uma parte de mim esteja começando a acreditar que mesmo em suas imperfeições, as pessoas conseguem desenvolver tal sentimento e escolheriam viver esse amor infinitas vezes. Estando dispostos a reviver cada alegria, cada dor, cada detalhe desse sentimento por toda a eternidade.

— Edmund?

A voz de Verônica me faz encará-la, afastando todos os meus pensamentos. Minha irmã joga os cabelos para trás, antes de me encarar com um olhar contente.

— Sim?

— Obrigada.

Um sorriso toma conta de todo o seu rosto.

— Pelo quê?

— Por ter voltado a sorrir. — Suas palavras me pegam desprevenido e apenas continuo encarando-a atrás de uma explicação. — Eu sei que não tenho nada a ver com a sua vida, nem pelo motivo que te fez sorrir mais vezes do que sorria antes, mas sempre serei grata pelo que quer que tenha trazido o meu irmão de volta.

Suas palavras atingem o meu âmago.

Traição percorre as minhas veias e, por um momento, apenas encaro seu rosto.

Me culpo por ter desejado a única coisa boa que Saint Vincent deu a ela, quando tudo ao nosso redor era ruína. Por saber que eu deveria confiar nela e dizer o que me fez voltar a sorrir, nada mais é do que a pessoa que a fez voltar a dançar. Que uma parte de mim sabe que o que estou fazendo é errado.

No entanto, a covardia e o egoísmo tomam conta de mim.

Mesmo sabendo que deveria contar para ela, ainda não estou pronto para abdicar do pouco que tenho com Melany. Não posso perder o que desejei por tanto tempo e, correndo risco dela me odiar quando souber de tudo, apenas forço meus lábios para cima.

— Eu te amo, Vee — respondo, dando um passo à frente. — Às vezes tenho a impressão de que nunca falei isso o suficiente.

Sua cabeça se inclina para o lado e seus olhos se enchem de lágrimas.

Acaricio seu rosto com suavidade, me lembrando de tudo o que ela enfrentou para estar aqui agora. Como se a dor por perder Sophie tivesse nublado toda a sua felicidade assim como fez comigo.

— Entre naquele avião antes que eu comece a chorar, seu nerd ranzinza — ordena e solto uma risada. — Até o fim, ok?

— Até o fim.

Aproximo-me, beijando o topo da sua cabeça antes de me virar e encontrar Mel parada a poucos metros onde se despede de Logan. Meu cunhado sorri para ela, entregando algo que a faz encarar por alguns segundos antes de se afastar e caminhar em silêncio até o avião que nos espera.

Ela passa a mão nervosamente pelo *cropped* azul que combina perfeitamente com o cardigã, revelando um toque de pele acima da calça de cintura alta.

— Você está bem? — sussurro quando estamos a sós.

Ela se vira para mim com uma sobrancelha arqueada.

— Claro — mente e tenho vontade de pressioná-la para me dizer o que está acontecendo. — Apenas cansada.

Não tenho tempo de questioná-la outra vez porque antes mesmo de abrir a boca, uma das aeromoças se aproxima e começa uma breve conversa com ela, que segue até o seu lugar, me deixando parado encarando suas costas.

Melany se senta, aceitando a taça que a funcionária lhe estende, e puxa um livro, ignorando todos à nossa volta.

— Sr. Blackwell? — o capitão me chama, fazendo-me desviar a minha atenção.

— Sim?

Viro-me para ele, enrolando meu suéter até meus cotovelos.

— Nós recebemos a nova rota de voo e gostaria de avisar que está tudo como o senhor ordenou. — Meneio a cabeça concordando. — Há uma conexão de poucos minutos programada para Nova Iorque e depois partiremos para a ilha da sua família nos Hamptons.

— Minha família sabe?

— Apenas que pousaremos em Nova Iorque.

— Certo. — Viro meu rosto, para onde Melany está.

— A previsão de pouso no aeroporto privado em Hamptons precisa ser antes de anoitecer. Não quero que a minha companhia se sinta desconfortável por estarmos viajando à noite.

— Sim. — Ele dá um passo para trás. — Nós recebemos as suas solicitações e adicionamos kits de iluminação para caso ocorra algum imprevisto. Mas, até

então, chegaremos em nosso destino na hora programada.

— Ok. Obrigado.

— Tenha uma ótima viagem, senhor.

Observo-o se afastar antes de me virar, caminhando rumo à poltrona de frente para Melany. Ela nem mesmo percebe quando me sento, puxando meu notebook para a mesa entre nós e encarando-a com uma expressão confusa.

De onde estou, tenho uma visão privilegiada, posso ver cada expressão que se desenha em seu rosto. Seus olhos seguem as linhas e percebo que há uma leve curvatura em seus lábios quando algo não a agrada, e a forma como seus dedos viram a página com delicadeza me faz querer observá-la por toda a nossa viagem.

Por alguns minutos, apenas vejo o modo como está concentrada.

Por minutos torturante, tento e falho em ler os documentos que preciso.

A cada instante, meu olhar se ergue até ela.

A cada segundo, tenho vontade de puxá-la para o quarto privado e ensiná-la a ser menos teimosa e me dizer o que caralhos está acontecendo. O que está rondando a sua mente desde que voltou da casa da sua tia. Ou o motivo pelo qual ela não quis ficar com Aidan durante o nosso pequeno tempo na cidade.

Eu apenas quero que ela confie em mim.

*Uma maldita vez.*

— Eu posso sentir o seu olhar sobre mim, nerd — afirma com o rosto escondido no livro.

— Ótimo, era a minha intenção. — Encosto-me na cadeira. — Agora fale.

— Comece a pedir *por favor* e talvez eu te diga.

— Não sonhe tão alto.

Ela abaixa o livro, finalmente me encarando e meus olhos se fixam no pingente de coração que adorna seu

pescoço.

Há uma rachadura no meio dele que tenho certeza de que não faz parte do design original da joia. Seus olhos seguem até onde encaro e observo como ela respira fundo antes de fazer sua expressão se tornar zombeteira.

— É exatamente por isso que as pessoas não te suportam.

— Por que sou sincero?

— Porque você é egocêntrico.

— Há algum motivo para você ter voltado a ser a mulher irritante de semanas atrás? — questiono, apoiando meus cotovelos na mesa e deixo minha cabeça cair nas mãos. — Porque essa não é a mulher com quem acordei ontem.

Mel respira fundo, imitando a minha posição e percebo que não há raiva em seu olhar, pela primeira vez, consigo notar algo que raramente vejo. Algo que vi apenas uma vez e durante uma noite em que ela confiou em mim mesmo não desejando.

— Por que você está me encarando assim?

— Fale comigo.

— Sobre o quê?

— Sobre o que está te deixando assim. — Minhas palavras são tão preocupadas que me surpreendem. — Me diga se preciso machucar alguém porque te fez mal.

— Você não acha que ameaça as pessoas demais? — indaga, soltando uma risada nasalada. — Isso me preocupa às vezes.

— Então você se preocupa comigo?

— Com as pessoas que você ameaça, na verdade — refuta, dando de ombros. — Então?

Solto um sorriso fraco.

— Eu não ameaço *demais*. — Dou de ombros. — Gosto de achar que protejo aqueles que são importantes para mim.

Ela solta um longo suspiro.

— Então eu sou importante para você?

O timbre de sua voz me entrega que há um medo da minha resposta e percebo que tenho receio de responder.

É como se Melany estivesse me testando de uma forma que não compreendo.

— Desde que ameaçou cortar as minhas bolas e dar como lanche para os porcos.

Mel solta uma risada, relaxando os ombros e, sem perceber, um sorriso nasce em meus lábios.

É tão leve e despreocupado.

É como ter a sensação de ter chegado ao lugar certo.

Como se, por um momento, entendesse que sempre será ela para mim.

Em qualquer universo. Tempo. Estação.

Mesmo com acordos, regras e segredos entre nós.

Eu sempre pertencerei a Melany Underwood mesmo que ela nunca me pertença de verdade. Mesmo que eu esteja roubando um tempo que não deveria ser meu porque me cansei de observá-la de longe.

Mesmo que eu minta para ela todos os dias.

— Deveríamos passar na cobertura.

A voz dela me faz sair dos meus devaneios e percebo que está tentando desconversar.

— Por quê?

— Não acho que as roupas que levamos para Saint Vincent sejam adequadas para passarmos esses dias na casa de veraneio da sua família. — Ela dá de ombros. — E assim poderei comunicar aos meus coreógrafos que precisarei me ausentar por mais alguns dias.

Abaixo meu olhar até o dela, voltando a pegar meu tablet e lançando-lhe um novo sorriso.

— Eu já cuidei de tudo. — Limito minha resposta. — Apenas descanse que estaremos lá em poucas horas.

Como esperado, Melany não faz isso.

Ela apenas deixa o seu livro na poltrona ao seu lado, cruza as pernas e ergue uma sobrancelha, observando meu rosto com calma.

— Por que você quer tanto ir para esse lugar? — Sua pergunta é genuína.

Nunca disse a ninguém o motivo daquele lugar ser tão importante para mim.

Nunca convidei alguém para ir comigo.

Mas, pela primeira vez em anos, relaxo na poltrona e encaro-a antes de pegar o meu copo e levá-los aos lábios, sabendo que o que estou prestes a fazer irá mudar tudo.

Porque irei dizer que o lugar que estamos indo é onde minha mãe sempre visitava antes de tudo acontecer. É uma casa de veraneio escondida em uma ilha particular que pertence à minha família há gerações.

E nenhum dos meus irmãos se importam com ela. O amor de Verônica sempre foi a casa de Saint Vincent enquanto Dylan apenas queria a Blackwell Enterprise. Mas o meu amor? Sempre foi aquele lugar desde a primeira vez que passei minhas férias, desde que Amber me contou que todas as suas memórias felizes pertencem a aquele ambiente.

Agora, tenho a certeza de que o motivo pelo qual sempre fui completamente fascinado por aquele lugar não foi pela beleza ou pelo dinheiro investido. Foi pelo que senti desde a primeira vez que coloquei meus pés ali. Foi onde vi minha mãe sorrir mesmo que as lembranças de Sophie a sufocassem, onde meu pai deixava todo o peso do nosso sobrenome e se tornava um pouco do que um dia chegou a ser.

— Porque é onde todas as pessoas que amo podem ser a sua versão verdadeira.

— Como assim?

— Todos os dias as pessoas desejam saber o que minha família guarda. Todos querem a foto perfeita, a notícia bombástica ou algo para alimentarem a mídia. — Ela se ajeita na poltrona enquanto continuo. — Nós aprendemos desde o berço a lidarmos com a mídia, mas isso não impede de todos tentarem descobrir o porquê não gosto de aparecer nas entrevistas, de posar para fotos ou o motivo que ignoro todos e tudo. — Faço uma longa pausa, sabendo que toda a atenção dela está em mim. — Eu nunca me importei que as pessoas tecessem teorias ou especulassem o motivo que o filho caçula de um dos maiores casais do país se recusava a fazer tudo isso. Ou porque nunca aceitei a valsa do baile anual, já que cada ano é um Blackwell que é responsável por ela.

— Por que você nunca quis?

— Porque nunca é alguém aleatório que está ao nosso lado, Mel. — Desvio meu olhar por um momento. — A única vez que cedemos foi para Oliver e Summer. Nós sabíamos que eles precisavam daquilo, mas após isso eu me senti aliviado por Vee e Dylan sempre assumirem essa responsabilidade.

Ela me encara em silêncio por alguns segundos.

— Então você está me dizendo que não deseja participar da valsa anual do baile da sua família porque não tem uma namorada...

— Não — interrompo-a sabendo que precisarei de uma bebida mais forte após essa conversa. — Estou dizendo que prometi para mim que se um dia dançasse no baile anual, seria com a pessoa que detém todo o meu mundo, assim como meu pai e meus irmãos fizeram.

Mel pisca devagar ao perceber que não estou mentindo.

Ela morde os lábios e sei que está se segurando para não dizer algo.

— Você não deseja? — sussurra.

Franzo o cenho, confuso.

— O quê?

— Dançar com a pessoa que detém todo o seu mundo.

*Eu faço isso.*

*Há semanas.*

*E quando não faço, eu observo-a pelas câmeras.*

— Acho que existem pessoas mais qualificadas do que eu para dançar com *ela*.

Mel umedece os lábios antes de soltar um pequeno sorriso.

— Como sempre, não acho que você tenha razão.

— Por quê?

— Porque você dançou comigo, *várias vezes*, e ninguém nunca tinha conseguido me acompanhar tão bem, Ed. Nós nem mesmo ensaiamos e parecia que você sabia todos os passos das minhas danças. Sabia me acompanhar com perfeição. — Não há sarcasmo, nem mesmo mentiras em seu tom. — Então, eu realmente acho que deveria achar alguém para dançar com você no baile anual deste ano.

Por um instante, não tenho palavras.

Melany Underwood foi, por anos, alguém que achei que odiaria.

Ela odiou a Parte Alta, eu nasci nela.

Ela é cheia de cores enquanto sou preto e branco.

Ela busca a liberdade, eu me prendo à rotina.

Sempre fomos o completo oposto.

No entanto, Melany foi a única que bagunçou todo o lugar que passei anos mantendo organizado. Ela não se importou em me obrigar a quebrar cada uma das barreiras que me mantinham protegido. Nem de me provocar quando todos apenas me tratavam como o garoto machucado após a morte da minha irmã.

Melany me fez quebrar as minhas próprias regras por ela.

Ela me mantém sob seu feitiço sem nem mesmo perceber.

Solto o cinto de segurança e me levanto, apenas para dar poucos passos até onde ela está e me sento ao seu lado, virando meu corpo em sua direção.

Nossos olhos se encontram e percebo que somos duas notas em uma sinfonia.

Melany arqueia uma sobrancelha antes de escorar na poltrona, observando meu rosto com uma genuína curiosidade e me aproximo, levando meus dedos até onde uma mecha de seu cabelo está impedindo-me de encarar seu rosto perfeito.

— Se eu te convidasse, você dançaria comigo?

Sua cabeça se inclina para o lado e aproveito para colocar a mecha atrás de sua orelha. Um gesto involuntário que sempre faço para manter qualquer contato contra a sua pele, para saber que ela está aqui. Ao meu lado. Que não é mais um sonho ou uma miragem das minhas noites de insônia.

— No baile anual?

— Em qualquer lugar, wildcat.

Eu nunca senti medo de ouvir as respostas de outras pessoas.

Nunca tive medo de falar o que penso, mas quando se trata dela, nunca sei como reagir. Não quando ler as suas expressões se torna uma tarefa difícil, quando não consigo imaginar o que se passa na sua linda cabeça, tudo ao meu redor se torna aterrorizador. Às vezes, até mesmo me sinto como uma criança esperando por algo que nem sei se realmente vai acontecer.

— Sim — sussurra, engolindo em seco.

Sua resposta me pega desprevenido.

Seu olhar me desarma.

E já não me importo.

— Me dê esses dias.

— O quê?

— Os dias que vamos passar em Hamptons, me dê eles. — Seus olhos tomam um brilho que não consigo decifrar. — Sem regras. Sem segredos. Sem mentiras. Apenas nós dois.

Melany inclina a cabeça para o lado.

Expectativas tomam conta do meu corpo.

Eu só preciso disso.

Só preciso ter a certeza de que ela está disposta.

De que ainda posso nutrir esperanças de que ela pode ser minha por inteiro.

— E depois? — murmura baixinho.

Abro um pequeno sorriso em sua direção, sabendo o que ela quer dizer com isso.

— Eu farei o que você quiser, linda — sussurro. — Se você me quiser fora da sua vida, eu sairei. Se desejar o apartamento, ele será todo seu e de Andrew. Qualquer coisa que desejar será seu. Apenas me dê esses quatro dias.

Quatro dias antes de voltarmos para a cidade que vai nos destruir.

Quatro dias antes de ela descobrir tudo.

— Você tem certeza disso?

— Absoluta.

Mel fecha os olhos e eu espero.

São segundos angustiantes.

— Eu sou uma bagunça, Edmund.

— Foi exatamente isso que me atraiu em você.

Percebo que uma parte dela ainda hesita.

Porém, mesmo assim, suspira fundo e me dá um pequeno sorriso.

— Você tem seus quatro dias.

Eu só tenho quatro dias.

Quatro dias para provar que eu *sempre* fui dela.

Para provar para mim mesmo que consigo amá-la da forma como merece.

E também para fazê-la perceber que sempre foi minha.

Em todas as dimensões. Através do tempo. Até o fim.



## ME CONTE ALGO

*Se o mundo estivesse acabando, eu gostaria de estar ao  
seu lado*

*Se a festa tivesse terminado e nosso tempo na Terra  
também*

*Eu gostaria de te abraçar só por um momento*

*E morrer com um sorriso*

*Se o mundo estivesse acabando, eu gostaria de estar ao  
seu lado*

**Die With A Smile | Lady Gaga feat. Bruno Mars**

*Edmund Blackwell*

Como previsto, nós chegamos aos Hamptons no fim da tarde.

Mesmo desejando apenas chegar na residência Blackwell e dormir, tivemos que enfrentar uma pequena viagem até o píer onde o iate da minha família estava sendo preparado para nos levar até a ilha.

Foi exaustivo e durante todo o caminho, pude perceber que Mel se forçava a ficar acordada e que o cansaço estava tomando conta de todo o seu corpo.

Agora, minutos depois de ancorarmos, meu olhar se arrasta pelo enorme local praticamente vazio, já que dei folga para todos os funcionários para não ocorrer de que alguém da minha família saiba que a trouxe comigo.

Nostalgia toma conta do meu corpo assim que ajudo Mel a subir no píer de pedra rústica que nos dá a visão completa da ilha. Ela se apoia ao meu lado, arrastando o olhar até a mansão principal, que tem uma combinação de pedra cinza e telhas escuras, com colunas de mármore sustentando a entrada principal. As janelas com molduras de madeira esculpidas. O jardim muito bem cuidado se estende ao redor da casa, com caminhos de mármore que levam a uma fonte elegante.

Ainda é o mesmo lugar que me lembro.

Ainda cheira à minha infância.

— Quando me disse que era uma casa de veraneio, eu esperava no máximo uma casa simples — Mel diz parando ao meu lado. — Não uma mansão saída de um filme da Netflix.

Viro meu corpo em sua direção, erguendo uma sobrancelha.

— Não sei se fico surpreso ou ofendido.

— Eu levaria como elogio. — Franze o nariz. — Mesmo que isso seja um pouco ostentativo demais para uma casa que vocês nem mesmo usam.

— Alguém já te disse que o seu jeito de elogiar é um pouco peculiar?

— Logan diz que é um talento natural — ela abre um enorme sorriso antes de seguir o caminho até a entrada da casa. — Você pode, por favor, me mostrar o quarto de hóspedes?

— O quarto de hóspedes? — questiono, confuso.

— Sim? — Uma das suas sobrancelhas se erguem. — Preciso de um banho e dormir antes que você me puxe para fazer algo que me fará querer te assassinar por não me deixar descansar.

Paro no meio do caminho encarando-a com uma das minhas sobranceiras arqueadas e coloco as mãos nos bolsos frontais da minha calça de linho.

— Em que momento passou pela sua cabeça bonita que eu deixaria você dormir esses dias em um quarto de hóspedes?

— Você pretende que eu durma onde?

— No meu quarto. Mais necessariamente na minha cama e ao meu lado. — Dou um passo à frente, ficando a centímetros dela. — Você me deu esses quatro dias, então isso é inegociável. Qualquer coisa que te mantenha longe de mim é inegociável.

Melany ergue o rosto, encarando-me por um instante.

— Eu acordo cedo.

Ela dá de ombros.

— Eu também — minto.

Minha mão sobe até seu rosto, acariciando-a.

— Eu ronco.

— Mentirosa — murmuro, quase inaudível. — Linda e ainda malditamente mentirosa.

— Ok. — Ela solta uma pequena risada. — Mas eu durmo sem roupas.

Passo a língua pelo meu lábio, abaixando meu olhar até seu rosto e imaginando-a na minha cama completamente nua com a vista da praia atrás de nós e a maresia tocando nosso rosto, trazendo consigo o perfume do oceano.

— Será a visão do paraíso.

— Talvez eu também possa chutar durante a noite.

— Posso prender as suas pernas com as minhas.

Melany morde os lábios delicadamente, segurando um novo sorriso.

— Você não vai desistir, não é?

— Quando se trata de você? — Dou outro passo à frente, eliminando qualquer distância entre nós dois. —

Jamais.

Ela tomba a cabeça para trás soltando finalmente a risada que estava prendendo e antes que eu possa perceber o que estou fazendo, puxo seu corpo contra o meu e seguro seu queixo com delicadeza antes de encarar seus olhos por um instante.

Sem dar tempo de ela pensar muito, selo nossos lábios.

É um beijo calmo, apenas uma promessa do que nos esperará durante esses dias.

É apenas um resquício do que quero que saiba.

As mãos dela sobem até a minha nuca, aprofundando o nosso momento, e Mel pega impulso, pulando em meu colo. Automaticamente, seguro-a e aprofundo o beijo, começando a caminhar até a mansão rumo ao segundo andar.

Melany, em nenhum momento, me solta.

E não desejo isso.

— Eu poderia me acostumar com isso — brinca quando começo a subir as escadas.

— Em te carregar?

Mel não me responde de imediato e só quando estou no corredor do nosso quarto que ergue o rosto, abrindo um sorriso tão lindo que queima tudo dentro de mim.

— Não. — Sua resposta é baixa. — Em ter você só para mim.

Honestidade.

É isso que ela está me dando.

É isso que pedi no avião.

Um sorriso se estende pelo meu rosto e sei que nada poderia tirá-lo nesse momento.

— Bom, porque eu já me acostumei em ter você para mim.

Seus olhos brilham com a minha confissão e aprecio-os ao mesmo tempo que abro a porta e carrego-a

até a cama antes de deitá-la com suavidade e seguir para o banheiro, ouvindo-a se levantar e seguir até onde estou.

— O que está fazendo?

Ela para ao meu lado, observando-me ligar a banheira.

— Preparando o seu banho.

Melany não diz nada enquanto jogo os sais de banho que são idênticos aos que estão em nosso apartamento e vou até o armário, retirando dois roupões de lá e deixando-os na cadeira.

Dou passos lentos até onde Mel ainda está me encarando com uma sobrancelha erguida e paro atrás dela, segurando seu cardigã com delicadeza e ajudo-a tirar, sem nunca desviar o olhar do dela no reflexo do espelho.

— Eu poderia fazer isso sozinha — sussurra, mas não move um músculo sequer para me afastar.

— Sei disso.

— Mas estou gostando das suas mãos em mim.

Aproximo-me, resvalando minha boca em sua nuca e sorrindo quando seu corpo todo se arrepia. Com calma, levo meus dedos até o zíper de seu *cropped*, abaixando-o.

— Ótimo, porque não consigo mantê-las longe de você.

Ela solta uma risada e se vira para mim, deixando o tecido cair no chão. Em silêncio, ergue o rosto ao mesmo tempo que suas mãos se fecham na borda da minha blusa e sou obrigado a levantar os braços, deixando-a me despír da mesma forma que faço com ela.

Poucos minutos depois, estamos os dois nus.

E assim que a puxo para a banheira, colocando-a entre as minhas pernas, sinto como se o mundo estivesse no seu devido lugar. A água morna nos envolve

e a espuma se espalha em pequenos montes ao nosso redor.

Melany encosta no meu peito, relaxando todo o corpo enquanto pego o sabonete e passo delicadamente a esponja em sua pele macia.

— Eu estou começando a entender...

Ela inclina a cabeça levemente, aproveitando o toque. Seus cabelos, úmidos e espalhados pelos ombros, brilham à luz da lua.

— Entender o quê? — refuto, continuando a esfregar.

— O porquê ama esse lugar. — Mel faz uma pausa e espero ansiosamente. — É calmo, silencioso e privado. Não há porque mentir ou fingir ser algo. Ninguém está te vigiando, ninguém está tentando ser melhor do que você.

Com cuidado, lavo os ombros dela, e ela suspira, relaxando ainda mais em meus braços. Sinto seu corpo se aquecer contra o meu.

— Obrigado por ter aceitado vir comigo.

Melany vira o rosto em minha direção e percebo que eu nunca poderia viver sem observar a forma como seus olhos brilham quando me encaram.

— Não há outro lugar que eu queira estar, Edmund.

Me aproximo e beijo seus lábios rapidamente. Minha garota sobe em meu colo, colocando as mãos em meus ombros para apoiar-se com facilidade, e toma a espoja das minhas mãos, começando a me esfregar com calma.

— Me conte algo que ninguém saiba — pede, baixinho.

*Eu sou obcecado por você.*

*Por anos.*

*E estou completamente apaixonado.*

— Eu não voltei para Nova Iorque pelo emprego, voltei por outro motivo.

Seus olhos encontram os meus e sorrio.

— Foi pelo quê?

*Você.*

— Conquistar algo que ninguém me daria de bom grado.

— É uma resposta vaga.

— Então me diga algo que ninguém saiba também.

Melany morde os lábios, parando de esfregar meu corpo, e suspira fundo.

*Confie em mim, linda.*

*Seja corajosa.*

*Abaixe suas armaduras.*

— Eu amo os sábados porque me lembram da minha mãe. — Sua resposta me surpreende. — Era o dia que ela amava porque podia pintar sem que ninguém a interrompesse. E geralmente era o dia em que...

— Quê...?

— Ela estava lúcida.

Sinto a dor em suas palavras. Sinto a forma como é difícil para ela me dizer todas essas coisas e me sinto grato por saber que se sente à vontade para confidenciar algo que a machuca tanto.

Não entendo exatamente a que se refere, mas noto a dor na forma que o faz. Então não a questiono.

— Sinto muito.

— Obrigada. — Desvia o olhar. — Sua vez.

Fecho meus olhos por um instante, sabendo que o que direi, pode criar uma lacuna imensa entre nós dois novamente e que eu não deveria nem cogitar isso. Mas estou tão cansado de guardar tudo para mim, de fingir que não sinto como todos e que a morte de Sophie não me afetou a ponto de me fechar em minha própria concha.

— Sophie foi egoísta em toda a sua vida... — Acaricio seu braço, em busca de algo para me agarrar enquanto finalmente confidencio com alguém. — Ela

manipulou todos nós e machucamos pessoas que não deveriam porque minha irmã não sabia quando parar. E mesmo que eu a ame, que sempre esteja em meu coração, uma parte de mim parou de admirá-la.

— Por quê? — Não há julgamento em sua voz.

— Porque a minha irmã, a minha melhor amiga, a pessoa que me protegeu e sempre guardou as cadeiras ao lado dela nos jantares em família, escolheu a morte do que o amor que sentíamos por ela. Soph preferiu nos destruir a confiar nas pessoas que sempre estiveram ao seu lado. — As palavras saltam dos meus lábios em um murmúrio. — Eu passei tanto tempo amando-a, protegendo sua memória e cooperando com tudo o que a minha família fez para vocês que não consegui olhar para trás e reconhecer a pessoa que ela era de fato.

— A dor muda as pessoas, Ed. — Mel leva a sua mão até meu rosto, acariciando-o. — Quando uma pessoa está perdida em sua própria mente, quando acha que não há mais saída, ela machuca as pessoas ao seu redor e às vezes nem mesmo percebe que está fazendo isso. Ou até acha que está fazendo o bem, quando, na verdade, é exatamente o contrário.

Seguro o rosto dela da mesma forma como faz comigo e, por alguns segundos, apenas nos encaramos. Seus olhos ficam perdidos por um instante e desejo tirar toda a dor que está ali, todas as memórias que a machucaram de forma irreparável.

— Quem te machucou, linda?

Melany não responde.

Ela apenas encara meu rosto.

Dói ver desolação ali.

Me quebra saber que sou impotente.

— Minha mãe. — Ela suspira fundo. — Laura tinha uma doença e a cada vez que os sintomas progrediam, cada vez que se perdia em sua própria mente, ela me machucava um pouco mais. Cada vez que encarava a

mulher que deveria me amar, eu só conseguia sentir medo. E não conseguia pedir ajuda, não conseguia nem mesmo dizer aos meus irmãos, porque mesmo que ela me machucasse, mesmo que me quebrasse, eu ainda a amava. Ainda continuava sendo a minha mãe e todos ao meu redor falavam que eu podia ajudá-la. — Melany solta um suspiro doloroso e tudo dentro de mim sente a sua dor. — Mas não queria ajudá-la, Ed, queria que eles me protegessem. Eu era só uma criança, não podia e nem deveria ter aquela responsabilidade toda em cima de mim.

Antes que possa perceber, me aproximo, puxando-a para um abraço.

Seu queixo se apoia em meu ombro e começo a desenhar círculos nas suas costas com calma, apaziguando tudo ao nosso redor. Deixando-a entender que mesmo que não acredite, estou aqui por ela.

*Eu sempre vou estar.*

Mesmo que não acredite, mesmo que não deseje.

A mão de Mel massageia os fios dos meus cabelos, com delicadeza, como se estivesse encontrando um lar dentro do meu abraço que nunca imaginava que precisava. E eu a aperto, desejando que compreenda que posso ser isso para ela. Eu posso ser seu lar, sua âncora, seu porto seguro.

Eu quero que entenda que desejo levá-la para lugares onde nunca estive, quero beijar cada parte do seu corpo, quero contar o segredo mais profundo da minha alma.

E se, por algum milagre, no futuro, ela me permitir, desejo dividir o resto da minha vida ao seu lado. Desejo acordar e encontrar paz em seus olhos, quero estar nas primeiras fileiras de suas apresentações.

Eu apenas quero Melany Underwood.

Corpo e alma.

Aperto-a contra meu corpo e sinto que nosso abraço ultrapassa a barreira física. Nos tornamos um.

Nada mais parece importar.

É como se as nossas almas se encostassem. Como se finalmente entendessem que se pertencem de forma irrevogável. Toda vez que olhamos um para o outro, derrubamos todos os muros que tentamos construir para nos mantermos longe.

Eu tentei escapar desse sentimento. Eu fugi, lutei contra isso, porque sabia que minhas concepções e idealizações não eram corretas.

Eu sabia que não éramos bons um para o outro.

Sabia e mesmo assim não consegui evitar.

— Sinto muito.

É a única coisa que consigo dizer.

No entanto, tudo em mim clama para ajudá-la de alguma forma.

— Não é sua culpa.

Ela morde o lábio e percebo que segura o choro.

— Eu sei, mas ainda sinto muito por você se sentir sozinha naquela época — murmuro. — Mas agora não está mais sozinha, linda. Eu estou aqui, finalmente estou.

— Por quatro dias.

— Pelo tempo que você desejar, wildcat.

Mel fica em silêncio por longos segundos.

— Não me faça promessas, Edmund. — Há vulnerabilidade em suas palavras. — Por favor.

Sabendo que Mel precisa de qualquer coisa para não se perder em seus pensamentos. Dou a ela algo que meu pai com certeza me socaria por estar dizendo a alguém que não seja meus irmãos, que se a imprensa souber, eu provavelmente seria deserdado.

— Minha mãe não deveria ter tido mais filhos.

Mel se afasta, e observo seus olhos se arregalarem.

— O quê?

— Eu não deveria ter nascido. — Forço um sorriso, mesmo que tudo em mim doa por saber que quase tirei a vida da minha mãe. — A gravidez das minhas irmãs custou muito para o corpo dela. Amber quase não sobreviveu ao parto e Jonathan a fez prometer que não teriam mais filhos, que apenas eles bastavam, mesmo que no contrato de casamento estivesse estabelecido que deveriam ter quatro. Ele estava pronto para abdicar da Blackwell Enterprise se isso significasse tê-la viva ao seu lado. — Desvio o olhar sentindo tudo dentro de mim doer. — Mas poucos meses após o nascimento delas, descobriram que ela estava grávida de novo. E meu pai não queria que prosseguisse, ele apenas a queria saudável.

— Isso não significa que eles não te amem, Ed. — Mel me faz encará-la. — Mesmo com o jeito torto dele, percebo o quanto estão dispostos a proteger vocês. Eu vi de perto o que o seu pai é capaz de fazer por qualquer um de vocês.

— Eu sei. — Suspiro fundo, colocando uma mecha de seu cabelo atrás de sua orelha. — Mas o amor do meu pai pela minha mãe sobressai o seu amor pelos seus filhos. Jonathan sacrificaria qualquer coisa por ela. E ele teria me sacrificado se isso significasse que eu era um risco.

— Sinto muito.

— Não sinta, porque agora eu entendo.

— Entende o quê?

— Que eu também sacrificaria qualquer coisa por você, Melany.

Os olhos dela se arregalam quando compreende as minhas palavras.

Por um momento espero que se levante e saia do meu colo, mas Mel não faz isso. Ela continua me encarando, paralisada, e um pequeno sorriso nasce em

meus lábios por saber que finalmente está processando minhas palavras.

— Edmund...

— Não diga nada, wildcat. — Aproximo-me beijando seu queixo. — Eu te pedi quatro dias, apenas me deixe aproveitá-los e depois pode me mandar para o inferno por não ter conseguido manter a nossa relação apenas como combinamos.

Melany não me responde.

E não peço por uma resposta.

Apenas nos encaramos.

Mas o que ela nem mesmo imagina é que o que acabei de confessar não é nem mesmo a ponta do iceberg de todos os segredos que guardo quando se trata dela.



Há um fenômeno na ilha que amo com todas as minhas forças.

E sempre que estou aqui, faço o possível para conseguir observá-lo.

Por esse motivo, um pouco antes do amanhecer, deixo Melany dormindo em nossa cama e me ajito. Em silêncio, desço até o primeiro andar e me sento em uma das cadeiras de frente para o mar.

Meu olhar desce para o meu relógio e conto mentalmente quantos minutos ainda faltam e para a minha alegria, pouco tempo depois, observo o nascer do sol começar a pintar o céu com tons suaves de laranja rosado.

Um sorriso nasce em meus lábios quando percebo que tudo parece tranquilo.

Todas as peças finalmente estão nos seus devidos lugares.

E o som das ondas quebrando na praia me faz respirar calmamente.

Melany finalmente é minha.

Liam O'Brien não pode alcançá-la.

Aidan Underwood não pode interferir.

Meu futuro na Blackwell Enterprise está consolidado.

Minha vida está como projetei anos atrás.

Como sempre desejei.

— Por que não me acordou?

Depois de alguns minutos sozinho, apenas apreciando a vista, viro meu rosto, encontrando Mel encostada na porta de vidro e não consigo deixar de sorrir ao vê-la. O top preto que está usando é simples e a saia da mesma tonalidade combina perfeitamente com ela.

— Você provavelmente me socaria se eu ousasse fazer isso. — Ela tomba a cabeça para o lado, sorrindo e dando um passo à frente. — Ainda está cedo.

Melany se aproxima

— Eu sei.

— Então por que já está de pé e arrumada?

Antes de responder, Melany se senta no meu colo, de lado, com uma perna apoiada na minha. Uma das suas mãos sobem até meu ombro, enquanto a segura pela cintura, aproximando nossos corpos.

— Porque não encontrei nada menos chamativo para usar. — Ela enruga o nariz de forma fofa. — Além disso, você me prometeu um passeio.

— Depois do café da manhã.

— Detalhes insignificantes — zomba, mordendo o lábio. — O que programou para esses quatro dias?

— Além de te encher de comida caseira e foder pela casa toda? — questiono, abaixando os óculos dela e

observando como eles a deixam gloriosa. — Deus, você é perfeita.

— Sim, além disso. — Mel ignora meu elogio. — O que está pensando?

— Que você é perfeita — digo novamente.

— Pare de ser assim.

— Assim como?

— Diferente. — Ela força uma careta. — Eu gosto de quando você tira a minha paz. Me faz lembrar do porque me sinto atraída.

— Bom, porque eu gosto de lembrar que você é a minha paz.

— Meu nome e paz nunca estão na mesma frase, nerd. — Ela solta uma risada e, Deus, eu amo esse som. — Nunca mesmo.

Suas mãos sobem um pouco mais até o meu pescoço, acariciando-o.

— Mas você é a minha. — Me aproximo, beijando seu queixo. — Você é a minha paz, Melany Underwood.

Ela me encara por alguns segundos.

É um olhar tão diferente que, por um momento, penso que acredita nas minhas palavras.

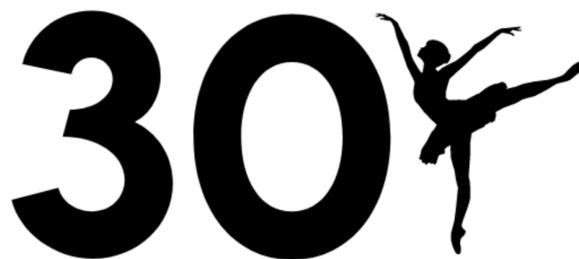
— E você é a minha bagunça preferida, Edmund Blackwell.

Meu sorriso toma conta do rosto.

É verdadeiro. Caloroso. Apaixonado.

— Agora você me leva para conhecer a sua ilha? — indaga quando fico em silêncio.

— Para conhecer a *nossa* ilha, wildcat.



## **CORPO. ALMA. CORAÇÃO.**

*Por você, eu passaria do limite  
Eu desperdiçaria meu tempo  
Eu perderia minha cabeça  
Eles dizem: Ela foi longe demais dessa vez  
Não me culpe, o amor me deixou louca  
Se você também não fica, não está fazendo direito  
Senhor, salve-me, minha droga é meu amor  
Vou usá-la pelo resto da minha vida*  
**Don't Blame Me | Taylor Swift**

*Melany Underwood*

Caminho rumo ao mar, tendo as lembranças da peça que sou completamente apaixonada e das minhas obrigações martelando em minha mente.

Nem a brisa da ilha e o frescor me relaxam.

As memórias, de certa forma, são uma cobrança. Uma culpa.

Todo o meu grupo está em Nova Iorque ensaiando para o momento mais importante das nossas vidas e a única coisa que se sobressai em meus pensamentos é o por que não consigo me afastar de Edmund.

Deveria ser fácil. Eu deveria apenas manter a nossa relação da forma como combinamos. Deveria ter meu foco apenas no ballet como sempre foi. Contudo, sinto que agora estou dançando em círculos; presa em uma repetição infinita.

Isso me assusta.

E o medo me acompanhou durante toda a minha existência.

Tive medo de amar. Confiar. Viver.

Tive medo de dizer aos meus irmãos que a nossa mãe estava doente.

Que eu sabia que nosso pai havia se tornado alcoólatra.

Tive medo de contar qualquer uma dessas coisas. Por isso, todo mundo me acha forte, porque eu sorria quando queria chorar, porque respondia o que todos queriam ouvir e era a personificação de uma garota independente com tão pouca idade.

Todos olhavam para a filha prodígio que sobreviveu a um acidente e se tornou uma bailarina promissora, como se isso fosse um milagre. Todo mundo me encarava com um livro debaixo do braço achando que fazia isso por diversão, quando a leitura era o único escape da minha mente turbulenta.

Eles também diziam que eu tinha a beleza de Laura e o sorriso de Anthony, mas nunca souberam que tinha medo de ter herdado o que eles tinham.

Porém, de todas essas coisas, quando eles falavam que eu era a salvação da minha família, tudo em minha mente se quebrava. Eu me sentia a pior pessoa do mundo, porque era mentira. Todas aquelas coisas eram mentiras.

Eu não deveria salvar ninguém, não deveria ter tantas obrigações.

Apenas deveria ter sido uma criança.

— Mel?

Olho por cima do ombro, observando Ed parado na beira do mar com uma naturalidade impressionante. Seus olhos se semicerram quando percebe que estou parada há muito tempo olhando para a paisagem e apenas lhe dou um sorriso fraco, vendo como o sol realça cada linha dos seus músculos.

Balanço a cabeça, expulsando todas as cobranças que permeiam meu pensamento.

— Você demorou — finalmente digo algo.

*Demorou para voltar.*

*Para me ter.*

*Para me convencer.*

— Não pretendo cometer esse erro novamente. — Ele me lança um olhar casual. — Eu já disse que você fica perfeita com esse biquíni?

— Por que foi você quem escolheu?

Edmund dá de ombros, chegando até onde estou e sorri, colocando suas mãos em minha cintura enquanto as minhas sobem até seu rosto.

— Porque tem corações bordados.

Inclino minha cabeça, confusa.

— Então você é fã de corações?

Ele solta uma risada calma ao colocar uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e se abaixa, deixando um beijo suave em meus lábios.

— Eu sou fã de qualquer coisa que me lembre você.

— Você está amolecendo, nerd.

Ed me ergue e automaticamente entrelaço minhas pernas em sua cintura.

— Talvez. — Minhas mãos sobem até o seu pescoço, a fim de me equilibrar. — Mas quer saber um segredo?

— Com certeza.

— Não me importo de estar *amolecendo*.

Meu olhar sobe até o seu e, por um instante, me questiono se realmente poderia me amar com todas as

minhas cicatrizes, se gostaria dos nossos momentos mesmo sabendo do motivo de eu ter medo de escuro, tempestades ou o porquê não consigo ficar na antiga casa dos meus pais.

Por um instante, me pergunto como seria se a minha vida não fosse composta por tantas mentiras.

— Por quê?

— Porque isso significa que é real. — Suas palavras são tão baixas que aquece cada parte do meu corpo. — Significa que ainda posso sentir algo. Que sinto algo por você. — Ed beija meu ponto de pulsação. — E sou alguém que nunca se importou com a existência da maioria das pessoas, mas quando se trata de você, wildcat, eu me importo com tudo.

Não consigo achar palavras para me expressar.

Não quando passei toda a minha vida procurando uma forma de sentir algo além da culpa e agora percebo que Edmund Blackwell talvez seja o responsável por conseguir isso.

Que a pessoa que passei anos odiando é, na verdade, o meu ponto de paz.

— Você realmente é péssimo com regras, nerd.

Forço um sorriso, sentindo tudo ao meu redor girar.

— Regras que envolvem você.

*Você não vê, querida?*

*Ele sempre destrói tudo.*

*Ele sempre leva aquilo que há de mais bonito em nosso coração.*

*Ele é o mal que existe na nossa vida.*

O silêncio paira entre nós e odeio isso.

Odeio que a memória dela sempre esteja sobre mim.

Odeio que ainda sou assombrada pela sua voz e seu medo em minha psique.

Eu odeio tanto que não consigo me livrar mesmo que eu tente a todo custo. Que todas as vezes que fecho

meus olhos, ainda posso vê-la na minha frente cheia de sangue ou com o olhar perdido.

Odeio ser a criança que apenas queria o amor dela e descobrir como isso me destruiu.

Odeio que agora, mesmo anos depois, talvez tenha a chance de sentir algo novamente e não consigo, porque o meu medo é maior do que qualquer outra emoção que pulsa em meu peito.

Eu odeio tanto ser quebrada.

— Então o que você programou para hoje? — indago, tentando mudar o rumo da conversa e engolindo em seco antes de desviar o olhar.

Edmund percebe a mudança brusca no assunto, mas não diz nada.

— Por que acha que programei algo?

— Porque você nunca fica despreparado para nada.

— Você tem razão.

Ele solta uma risada baixa e apenas concordo com a cabeça, acariciando a pele de seu pescoço.

— Diga de novo, por favor — peço, baixinho.

— O quê?

— Que eu tenho razão — zombo, abrindo um largo sorriso. — Não é todo dia que você assume isso.

— Porque você quase nunca tem.

— Me diga alguma vez então — desafio-o, lançando-lhe um olhar brilhante.

— Você não tinha razão quando disse que eu teria apenas naquela noite.

Volto a encarar seus olhos e eles estão tão brilhantes que nem mesmo a luz solar que nos envolve poderia se comparar a eles.

— Mas era a verdade.

— Não, aquilo era você sendo medrosa.

Afasto-me quando percebo que as suas palavras não são uma brincadeira.

Há algo em seu olhar, algo que reconheço muito bem.

— Você não sabe de nada, Edmund.

Desço do seu colo e começo a caminhar até a areia, rumo ao píer onde o iate está atracado. Percebo que todo o calor de momentos atrás, escapa do meu corpo deixando o frio familiar que percorre as minhas veias e as memórias que assolam meus pensamentos.

Eu não sou medrosa.

Eu não sou como ela.

Não.

Eu sou forte.

Forte *pra* caralho.

— Melany.

Cada passo dói.

*Feche os olhos, querida.*

Eu fiz isso com ela.

*Está tudo bem, eu estou bem.*

Ela não merecia aquele final.

*Está escuro, mamãe.*

— Melany, olhe para mim.

*Mas não consigo.*

*Eu quero, quero encará-lo.*

*Quero dizer tantas coisas, mas não consigo.*

— Isso é um erro, Ed. — Viro-me bruscamente em sua direção assim que chego ao píer. — Você e eu... — Aponto entre nós dois com um longo suspiro. — Sempre seremos um erro. Você não vê?

— O que eu vejo é que você tem medo. Seja lá o que aconteceu no seu passado te quebrou e acha que ninguém deveria sentir algo por você, que não é merecedora desse sentimento. Que qualquer pessoa que se aproxime vai te machucar. — Ele dá um passo à frente, nunca desviando o olhar. — Mas me deixa te contar um segredo, linda. As pessoas vão fazer isso e você também vai machucá-las. Isso é ser humano. Isso é

viver e, mesmo com tudo isso, ainda pode amar. Pode *sentir*. Mesmo com todo o peso do seu passado, você pode se deixar experimentar algo novo.

Solto uma risada amarga, lançando-lhe um olhar afiado.

— Pare de ser tão hipócrita. Pare de achar que tem algum lugar de fala aqui quando  *você* foi covarde para enfrentar os seus problemas. Quando se escondeu de todos e se mudou para o outro lado do oceano. Pare de achar que pode me julgar quando é o primeiro a correr sempre que algo acontece. Você foge, Edmund, e depois volta como se o mundo ainda fosse seu — grito, não me importando mais. — Então, pare de ser a merda de um garoto mimado que acha que sabe tudo. Você não sabe. Até pode ser inteligente, ser um dos homens mais desejados do universo, mas é tão falso quanto qualquer um. Você apenas deseja aquilo que não pode ter. Você gosta do desafio, mas quando é para deixar que as pessoas entrem, você, Edmund Blackwell, é uma fraude.

— Você quer a verdade, Melany?

— Se um dia conseguir me dar ela, eu apreciaria.

— Ok. Aqui está a verdade: não fui embora por conta do luto, problemas pessoais ou por causa da minha família. Fui embora por  *sua* causa — esbraveja, apontando entre nós dois, e percebo uma veia de seu pescoço saltar. — Fui embora porque não aguentava estar na mesma sala que você e querer te beijar o tempo todo. Fui embora porque não suportava a ideia de que você nunca seria minha. Porque era a maldita cunhada da minha irmã. Porque a mera ideia de te machucar, acabaria com Verônica. Eu fui embora porque sabia que, se ficasse, estaria completamente ferrado.

— Por quê? — Minha voz sobe um decibel.

— Porque sou completamente obcecado por você, Melany. Porra, não confio em mim mesmo quando estamos longe um do outro. — Sua confissão me faz

arregalar os olhos. — E sou completamente, irrevogavelmente apaixonado por você, Melany Underwood. E meu amor não é gentil, não é calmo, não é aquilo que você precisa. Eu não sou aquilo que procura, não sou como a merda do seu ex-namorado. Por isso, fui embora, porque sabia que eu realmente *queimaria o mundo* se me pedisse.

Dou um passo para trás, minha respiração ficando presa em minha garganta.

Não.

Não.

Não.

Os olhos dele nunca me deixam e não consigo desviar. Não consigo nem mesmo me mover. Meu coração pulsa tão rápido que acho que posso desmaiar a qualquer momento.

— Nós tínhamos regras, Edmund.

— Diga-me que não sente nada. — Ed dá um passo em minha direção e eu continuo parada. — Me diga que não sente que cada parte sua é minha, assim como eu sou seu. Me diga que somos apenas um contrato ou que não você sentiu nada quando te beijei no casamento de Logan e Vee. — Outro passo. — Me diga que não me desejou sempre que olhou para o idiota do seu ex-namorado ou que esse não era o motivo de você nunca o levar para as festas dos nossos amigos. — Mais um passo. — Me diga, Melany.

Eu deveria dizer.

Porra, deveria dizer que está completamente enganado.

Deveria mandá-lo embora antes que seja tarde.

Mas não consigo.

— Você foi embora. — São as minhas únicas palavras.

— Eu voltei.

— Não.

— Voltei, Melany. — Outro passo. — Nove semanas. Noventa e oito dias. Duas mil, trezentas e cinquenta e duas horas. Esse foi o tempo que consegui ficar na França. Foi esse o tempo que consegui ficar longe de você. — Ele faz uma pausa, respirando fundo. — E quando voltei para Nova Iorque, você estava saindo de uma festa ao lado do seu namorado, sorrindo para ele como nunca sorriria para mim. Você ia a jogos e festas com ele. Você postava fotos, enquanto eu passava todos os meus dias te desejando. Te querendo para mim. Então nunca diga que não voltei, porque *eu* fiz isso. Eu só não quis estragar a sua felicidade e então retornei para a França por três anos.

— Não me culpe por seguir a minha vida depois de algo que havíamos combinado ser apenas uma noite. — É a minha vez de dar um passo em sua direção. — Nunca me culpe por isso.

— Foi apenas uma noite quando você me deixou te beijar no casamento dos nossos irmãos com o seu namorado perfeito te ligando? — Ele dá mais um passo. — Foi apenas uma noite quando se apresentou com a Julliard em Paris e eu estava lá? Quando você foi espetacular e a sua comemoração foi no *meu* apartamento, deitada na *minha* cama enquanto me deixava te foder?

Meus olhos se fixam nos dele.

Nenhum de nós falamos mais nada.

Sempre soubemos que isso aconteceria, que tocaríamos neste tópico. Sempre soubemos que o que fizemos seria o que nos impediria de seguirmos a nossa vida.

— É por isso? — Levanto meu rosto, encarando seus olhos tempestuosos. — É por isso que nunca se relacionou com mais ninguém? É por isso que voltou outra vez?

É a minha vez de dar um passo à frente.

— Nunca me relacionei *com ninguém*, Melany. Então não havia motivos para buscar um relacionamento se eu sabia que seria a curto prazo. — Ele dá um último passo e nossos corpos estão praticamente colados. — Mas se deseja tanto saber, você foi a minha primeira e vai ser a minha última. Além disso, não brinquei quando disse que você nasceu para ser minha. E, porra, está na hora de finalmente entender isso.

Antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, Edmund sela nossos lábios.

Sem regras.

Sem acordo.

Sem nada.

Somos apenas nós dois aqui.

Minha mão sobe até a sua nuca, puxando-o para mais perto, dando acesso total aos meus lábios.

Edmund, como sempre, me faz perder todo o foco.

Nada mais importa. Ele faz com que todos os meus pensamentos se aquietem.

Sua língua se movimenta contra a minha, me fazendo agarrá-lo e dar alguns passos para trás. O beijo se transforma em algo mais profundo, uma fusão de todas as palavras que trocamos.

É raiva pura.

É ódio enraizado por anos.

Edmund me beija com tanto fervor, como se a mera ideia de não fazer isso o matasse.

E nada mais importa, porque só nós dois existimos nesse momento.

Ele me mostra tudo o que guardou durante esses anos e devolvo mostrando como o desejei escondido. Como imaginei que era ele sempre que beijava ou ia para a cama com alguém. Eu apenas dou a Edmund o último pedaço intacto de mim.

De repente, Blackwell desliza seu nariz pela linha do meu maxilar, e, logo depois, pelo pescoço, deixando

inúmeros beijos enquanto minha mão se fecha nos fios de seus cabelos.

— Cinco minutos — murmura. — Eu só preciso de cinco minutos para te levar até o nosso quarto, ou pode me dizer se quer que eu te coma aqui mesmo, linda.

Eu não deveria aceitar.

Não deveria deixá-lo se aproximar.

Mas sei que preciso disso, preciso dele nesse momento.

— Aqui — sussurro contra seus lábios. — Eu quero aqui.

Sua cabeça se inclina para trás, me permitindo explorar a pele exposta do seu pescoço com a minha língua. E antes que eu possa fazer mais alguma coisa, Ed segura minha cintura, me impulsiona e minhas pernas apertando seu quadril. Assim que me ajeita em seu colo, abaixo meu rosto, deixando pequenas mordidas por ali. Abro um sorriso ao ouvir o som que escapa de seus lábios, quando lambo a extensão de seu pescoço ao mesmo tempo que ele me carrega até o iate.

Não presto muita atenção no que está fazendo porque estou focada na forma como seu corpo rígido é pressionado contra o meu e como me esfrego descaradamente nele, sentindo seu pau ereto contra a minha boceta encharcada.

Poucos minutos depois, adentramos um dos quartos do iate e Ed me coloca sobre a cama com uma vista espetacular do mar aberto.

É perfeito.

Só não é tão perfeito quanto a imagem dele parado entre as minhas pernas vestido apenas com um traje de banho. Um sorriso malicioso toma conta do seu rosto quando ergo uma perna, levando até a borda de seu short e passando-o com suavidade, sentindo os músculos rígidos.

Edmund pega a minha perna e beija o meu tornozelo, subindo até o interior das minhas coxas, onde arrasta a língua, me fazendo ofegar. Edmund se apoia em um joelho e abaixa o rosto até encontrar a minha calcinha.

— Arraste a calcinha para o lado, linda — ordena e sinto o calor do seu hálito contra a minha intimidade. — Me mostre o que deveria ter sido apenas meu desde o início.

Sem deixar de encará-lo, levo minha mão até o tecido, arrastando-o para o lado e dando a visão completa da minha boceta.

Edmund passa a língua por toda a extensão de sua boca antes de se abaixar e arrastar a língua com destreza, fazendo-me arquear e enrolar meus dedos nos lençóis brancos.

— Ed... — Arfo quando lambe de novo.

— Sempre tão deliciosa — ronrona, ficando as unhas em minhas coxas e abrindo-as para ter mais acesso antes de se afastar. — Agora seja uma boa menina e se ajoelhe na cama, quero você nua.

Um pequeno arrepio percorre seu corpo, mas faço o que ordena e me ajoelho na cama, jogando meu cabelo para o lado e levando meus dedos até as alças. Com calma, desamarro a parte de cima do biquíni, aproveitando para apertar meu mamilo erigido, antes de descer minhas mãos com uma lentidão agonizante, até abaixar a calcinha, jogando-a no chão.

O olhar faminto dele se arrasta pelos meus seios fartos e firmes e então para a minha boceta que brilha com a minha umidade.

Edmund não diz nada, apenas abaixa sua bermuda, liberando seu pau duro e me encara maquiavelicamente antes de caminhar até o frigobar.

— Toque-se — ordena, pegando o whisky que acaba de servir. — Deixe-me ver o que você fez durante todo

esse tempo que não pude te tocar como merece.

Os olhos de Edmund brilham e seus punhos se fecham quando morde meu lábio inferior e dedilho minha pele, enquanto acaricio meus seios, apertando e beliscando os mamilos antes de uma das minhas mãos deslizarem entre as minhas pernas.

— Diga-me o que eu fazia contigo nos seus pensamentos enquanto você fode com seus dedos, amor. — Fecho meus olhos quando sua voz baixa atinge meus ouvidos. — Me diga como eu fodia a sua boceta e te tratava como a vadia que ama ser tratada na cama.

Afundo dois dedos em mim, arqueando-me quando sinto que se aproxima outra vez. Minha boca se entreabre e minha respiração fica rasa enquanto esfrego meu clitóris e toco minha boceta.

Sinto os olhos de Edmund me devorarem como um predador observando a sua presa antes do ataque.

É feroz. Voraz. Destrutivo.

Projeto minha língua para fora enquanto rebolo, imaginando tudo o que desejo dele. A forma como ele me chupa, me fode e até mesmo como fala coisas que me levam ao delírio. Levanto uma das minhas pernas, adicionando outro dedo quando começo a aumentar a velocidade das penetradas ao passo que meu polegar acaricia meu clitóris e jogo minha cabeça para trás.

— Edmund — grito, tentando fechar minhas pernas quando sinto meu orgasmo chegando, mas ele segura meus joelhos, me impedindo. — Por favor...

— Continue — vocifera. — Eu quero te ver gozando para mim antes de afundar meu pau nessa boceta gostosa.

*Jesus Cristo.*

A forma como ele diz.

A maneira como Edmund me observa.

Tudo.

Meus movimentos aceleram quando os olhos dele recaem em minha boceta e na forma como meus dedos entram e saem. Ele arrasta a língua pelo lábio inferior e leva a mão até seu pau, bombeando-o. Meu olhar recai em sua ereção e um sorriso nasce em meus lábios, ao perceber o pré-sêmen vazando da ponta.

A lembrança de seu gosto salpicado toma conta das minhas memórias.

Fecho meus olhos, levando minha outra mão até meu rosto e enfio dois dedos em meus lábios, chupando-os como se fossem seu pau. Minha língua desliza pela extensão dos meus dedos, molhando-os enquanto imagino que seja seu esperma escorrendo por eles e quando volto a abri-los, Edmund está me encarando como se estivesse a um passo de perder o controle.

Sabendo que não tenho muito tempo, volto a estocar mais uma vez e sinto minhas pernas começarem a tremer pelo orgasmo iminente.

Então, não aguentando mais, entrego tudo a ele.

Meu corpo.

Meu controle.

Minha alma.

Cada parte é dele.

Com um grito, o orgasmo toma conta de meu corpo ao mesmo tempo que Edmund sorri, coloca seus joelhos em cada lado do meu corpo e me encara com um sorriso perverso. Antes que eu possa entender o que ele está prestes a fazer, sua mão escorrega pela minha boceta molhada, antes de levar até o vale dos meus seios, espalhando a lubrificação e me encarando com um brilho faminto nos olhos.

— Pressione seus seios juntos, wildcat — manda e abro um enorme sorriso quando percebo o que ele irá fazer. — Você é uma verdadeira safada, não é?

Passo a língua pelo meu lábio inferior, levantando rapidamente as mãos e junto meus seios com uma

sensualidade que faz as pupilas de Edmund se dilatarem.

Maldição.

Ele é perfeito.

Edmund segura seu membro, acariciando-o com calma e meus olhos se recaem na ponta pintada pelo pré-sêmen. Antes que eu possa dizer algo, ele o arrasta pelo vale dos meus mamilos, molhando-os mais e agarra meu cabelo com uma mão, inclinando minha cabeça para trás, a fim de que eu consiga olhar dentro dos seus olhos.

— Oh, Deus — grunho quando empurra seu pau entre meus seios, como se fosse a minha boceta. Aproveito para pressionar minhas mãos neles, ajudando-o. — Isso é tão bom.

— Eu sei, linda. Nós dois somos bons juntos.

Ele não desvia o olhar enquanto fode meus seios com destreza e percebo que amo cada segundo disso. Amo como ele deixa tudo promíscuo. Os seus movimentos me fazem esfregar as pernas uma na outra atrás de um alívio que apenas ele poderia conceder.

Edmund derrama mais pré-sêmen neles, jogando seus quadris para frente e estocando com mais força. Ele me olha quando abro as minhas pernas, tentando esfregar no colchão em busca de atrito, de algo que me faça gozar o mais rápido porque apenas a visão dele está me deixando maluca.

Pegando-me de surpresa, Ed me obriga a soltar meus seios com agilidade e abre as minhas pernas. Sua mão se move em direção à minha boceta que pinga de necessidade e, então, leva seus dedos ao meu clitóris, deixando uma pressão que me obriga a entreabrir os lábios e minha cabeça tomba para trás enquanto meu corpo arqueia em sua direção.

— Edmund... — sopro, mordendo o lábio. — Eu preciso de você. Agora.

Ele se abaixa, beijando meu pescoço com suavidade, enquanto sua mão desliza para a mesinha ao

lado da cama. Sem interromper o contato, ele abre a gaveta, pegando a camisinha e rola o látex pelo seu pau.

— Eu sei, linda — sussurra. — Isso é uma das coisas que mais adoro em você.

De repente, ele me preenche, fazendo um gemido alto escapar dos nossos lábios.

É meu paraíso.

O topo do mundo.

— Porra — grunho em seu pescoço.

Fecho meus olhos quando minha boceta engole seu pau e sinto como se Edmund estivesse me destruindo para qualquer um. Não há como compará-lo a ninguém. Ele é tudo o que desejo. Ele me tem de todas as formas que nem mesmo imaginava que era possível.

— Abra os olhos, amor. Olhe para mim e veja como você é completamente minha. — Ele estoca com mais força. — Seus gemidos. Sua boceta. Seu corpo. Seu coração. Tudo é meu, Melany.

E eu acredito.

Não há como negar mais.

Não é nem mesmo preciso de mais dias para ele tentar me convencer.

Porque assim como constatou mais cedo, tudo é dele.

Assim como sei que cada parte dele é minha.

Seu olhar cruza com o meu e não desviamos, nunca quebramos a conexão.

— Eu sou sua — sussurro. — Irrevogavelmente.

Edmund, por um momento, estagna.

Um sorriso toma conta dos meus lábios.

— Diga de novo — pede, voltando a se mexer dentro de mim.

Sorrio, erguendo minha mão até seu rosto.

Paz.

Calmaria.

Casa.

— Eu sou sua, Edmund Blackwell. — Ele deixa um beijo em minha mão — Corpo. Alma. Coração. Tudo é seu, nerd.

Edmund sorri.

Nada mais pode me abalar.

O medo agora é apenas um resquício.

Eu o tenho e isso basta.

— Corpo. Alma. Coração, wildcat. — Estoca mais uma vez, reivindicando tudo. — Tudo é seu.

Uma das suas mãos desce até meu clitóris, massageando-o e rebolo contra ele.

— Eu vou... — praticamente grito.

— Eu sei, querida.

Edmund me beija no mesmo instante que minhas unhas se arrastam pela extensão de suas costas, marcando-o como meu. Como se dissesse a ele que não há mais volta e Edmund entende, porque o orgasmo vem para nós dois em uma explosão.

Sua cabeça se afunda em meu pescoço e jogo a minha para trás, ofegante, sentindo todo o meu corpo estremecer.

Eu nunca liguei sexo a sentimento.

Nunca achei que poderia me sentir conectada a alguém, que poderia confiar meus segredos e anseios a uma segunda pessoa. Sempre construí muros para me proteger, sabendo que a guerra aconteceria dentro deles e estava disposta a enfrentá-la sozinha.

No entanto, agora, enquanto ouço a respiração descompassada de Ed e noto como seu corpo se encaixa perfeitamente ao meu, tenho a certeza de que já não preciso mais estar sozinha contra a minha própria mente.

Ele está aqui.

Por mim.

Pelo tempo que eu necessitar.

E apenas preciso ser corajosa o suficiente para lhe dizer um dos meus finitos segredos.

— Edmund... — Suspiro em meu ombro. — Antes de tudo, preciso que saiba de uma coisa.

Ele se afasta, encarando meu rosto.

Eu dei tudo a ele.

Mas preciso dizer para ele algo que ninguém sabe, porque perdê-lo pode me destruir da mesma forma que destruiu o meu pai quando perdeu a minha mãe e não posso passar por isso. Não posso me intoxicar com esse veneno sem ter a certeza de que ele me dará o antídoto se caso um dia eu precisar.

— Qualquer coisa que seja, não irei te soltar.

Respiro fundo.

Uma.

Duas.

Três vezes.

— Eu fui a responsável pela morte da minha mãe, Edmund. — Meus olhos se fixam nos seus e ele não demonstra nada. — Você ainda me quer sabendo que *matei* a minha própria mãe?



## POR TER ME ESCOLHIDO

*Eu vejo os pais com suas garotinhas  
E me pergunto o que eu fiz para merecer isso  
Como você pôde machucar uma criancinha?  
Eu não consigo esquecer, eu não consigo te perdoar  
Porque agora tenho medo de que todos que amo me  
deixem*

**Family Line | Conan Grey**

*Melany Underwood*

Edmund apenas me encara por alguns segundos.  
Nenhum de nós dois consegue falar nada.

Talvez tenha sido um momento horrível para confessar algo tão importante enquanto ele ainda estava literalmente dentro de mim, mas sabia que se não fizesse isso naquele momento, me arrependeria para sempre. Sentia que, se não fosse ali, nada mais poderia me fazer contar que, mesmo sem intenção, eu matei a minha mãe.

Eu nunca conseguiria derramar todos os segredos que estou prestes a lhe dizer.

— Você está bem? — indaga, depois de um longo tempo.

Arqueio minha sobancelha, observando-o se levantar, descartar o preservativo no lixo antes de colocar sua bermuda e ir até um armário na lateral do quarto, pegando uma camiseta preta antes de voltar até onde ainda estou parada e encarando-o como se fosse uma anomalia.

— É isso que deseja saber?

— Não, eu quero saber *tudo* o que quiser me contar. Mas, no momento, saber como você está se sentindo é o que importa. — Ele para na minha frente e me ajuda a vestir a peça. — E, sinceramente? Não me importo com o que você teve que fazer para sobreviver, com as consequências disso ou qualquer outra coisa. Contanto que você esteja bem, eu posso lidar com tudo.

— Com tudo?

— Sim. — Ele dá de ombros. — Então, novamente, você está bem?

Inclino minha cabeça para o lado, pensativa.

Sempre tive dificuldade em demonstrar meus sentimentos.

Sempre mostrei a todos que estava bem quando, na verdade, não estava.

Para ser sincera, as únicas vezes que realmente deixo transparecer o que sinto é quando estou dançando. Porque a dança faz isso por mim, ela mostra as nuances que mantenho escondidas.

Ela me transporta para um lugar seguro, onde não preciso me preocupar se as noites serão longas, se as luzes irão se apagar, se sou como a minha mãe ou se alguém virá me encontrar.

A dança sempre foi a minha válvula de escape mesmo quando eu achava que não precisava. Ela me salvou quando eu gritava para o vazio. Ela apaziguou as vozes de Laura e me deu um motivo para lutar.

Mas, agora, enquanto o encaro, sinto como se pudesse confiar todos os meus segredos, como se ele

também pudesse ser o meu alicerce.

Fecho meus olhos, respirando fundo e sabendo que não há mais volta, que mesmo que eu tente dizer que estou bem, ele nunca acreditaria. Edmund sabe ler as minhas entrelinhas. Sabe quando estou mentindo ou tentando me proteger do que estou sentindo.

Ele presta atenção nos mínimos detalhes.

— Não — murmuro, mordendo o lábio inferior. — Acho que nunca ficarei bem, na verdade. E para ser sincera, na maioria dos dias, me sinto como se fosse uma peça danificada, igual ao meu pingente.

Edmund dá um passo à frente assim que abro os olhos de novo.

— Você não é danificada, amor. Você é perfeita. — Suas mãos se fecham em meu rosto, erguendo-o com delicadeza. — Cada parte sua é perfeita. E, porra, de todas as pessoas que já conheci no mundo, você é a mais deslumbrante, a mais forte. Você sorri mesmo quando seu mundo desaba. Você, Melany Underwood, é estonteante.

Sinto as lágrimas encherem as bordas dos meus olhos.

Saber como ele me enxerga, como a vida parece mais leve quando me encara, alivia um pouco a dor que ameaça romper meu coração pelo que estou prestes a fazer.

— Você não pode dizer essas coisas.

— Eu posso. — Ed se abaixa, deixando um beijo em meu queixo. — Eu vou fazer qualquer coisa para te ver bem. *Qualquer coisa.*

Minhas mãos se fecham em seu rosto e nada mais poderia me afastar.

— Há coisas que você não pode resolver, Edmund — sussurro, ouvindo as ondas baterem contra o iate. — Mesmo com sua inteligência e todo seu dinheiro, ainda há coisas que estão fora do seu alcance.

— Eu sei, mas isso não significa que não irei fazer o possível e o impossível para te ver bem, linda. — Seu dedo traça meu rosto com delicadeza. — Mesmo que você não acredite, ainda há esperanças, ok?

— Ok.

— Agora, você está pronta para falar sobre isso?

Edmund me encara como se a sua única preocupação fosse realmente o meu bem-estar, sem medo. Por isso, acredito em cada uma das suas palavras.

Seus olhos estudam meu rosto com afinco, atrás de algo, qualquer resquício de que perderei o controle ou o afastarei como sempre faço quando o medo toma conta de mim. Quando não sei lidar com os sentimentos que correm minha psique.

— Sim. — Abro um pequeno sorriso, mas sei que ele não é verdadeiro. — Mas acho que irei precisar de uma bebida forte para conseguir contar tudo.

— Ok. — Ed meneia a cabeça e me puxa. — Vamos para casa.

Não tenho tempo para discordar, porque Edmund me pega no colo, levando-me para fora do iate. Durante todo o caminho, ele não diz nada e agradeço por isso, por não me forçar a falar, por não me pressionar como todos ao meu redor sempre fazem.

Ele não me encara amedrontado como Audrey.

Decepcionado como Aidan.

Ou preocupado como Logan.

Edmund não me faz sentir como um cristal quebrado que precisa de proteção vinte e quatro horas, que vai surtar a qualquer momento. E isso me permite respirar levemente, pela primeira vez em anos, enquanto encosto minha cabeça em seu ombro, deixando-o me levar.

Assim que chegamos ao batente da porta, ao invés de subirmos, Ed me conduz até o corredor e, poucos

segundos depois, estamos adentrando um lugar diferente do que esperava.

— Por que estamos na cozinha?

— Porque você mal comeu hoje e antes de começar a beber, você vai me esperar fazer algo para que possa jantar — explica, me deixando sentada na bancada. — Algo especial?

— Qualquer coisa que você preparar está ótimo — peço, baixinho.

Ele se aproxima, beija a minha testa e volta a andar pelo enorme local. Por minutos, apenas observo-o. Apenas me questiono o motivo pelo qual nunca percebi que Edmund era assim.

Porque perdi tanto tempo odiando-o quando podia...

Meu corpo enrijece.

A constatação dos meus sentimentos chega antes mesmo da minha próxima respiração.

Nada poderia me preparar para isso, para compreender que todas as vezes que meu coração acelerava, minhas mãos suavam e nada mais parecia interessante do que apenas encará-lo, não era aversão, era o sentimento que prometi nunca sentir.

Era o que destruiu o casamento dos meus pais.

Arrancou a felicidade de Aidan.

Deixou Logan no escuro por tanto tempo.

Engulo em seco, sabendo que não poderia dizer a ele agora. Não quando acabei de jogar uma bomba em seu colo sem prepará-lo ou quando tenho inúmeras cartas escondidas na minha bolsa. Eu ainda preciso entender toda a minha bagunça.

— Mel?

— Ela me deixou cartas — finalmente digo algo, levantando meu rosto. — Foi por isso que não consegui ficar na minha antiga casa. Não podia ficar perto das

lembranças sabendo que havia uma parte dela ainda desconhecida.

Ed se escora no armário à minha frente e me encara.

— Você quer lê-las?

Mordo meu lábio, olhando para baixo.

— Não sei. — Faço uma pausa, tentando colocar meus pensamentos em ordem. — Eu não quero ler, mas, ao mesmo tempo, não consigo tirar da cabeça que a minha mãe tinha algo a dizer e que preciso saber. Na verdade, acho que é por isso que as trouxe comigo, porque eu sei que preciso ser corajosa para ler, mas não consigo.

— Minha mãe costuma dizer que quando não sabemos qual atitude tomar, é porque já tomamos a decisão — murmura e encaro-o. — Nós apenas temos medo dela.

— Há uma grande chance dela me machucar ainda mais.

— Talvez.

— E não acho que desejo isso. Minha mãe já me machucou o suficiente, Ed. — Mordo meu lábio, encarando-o. — Mas eu também não quero viver nessa dúvida. Não quero saber se vou me culpar pela morte dela para sempre.

Ed atravessa a cozinha, segura o meu rosto e me encara.

— Me diga o que aconteceu, wildcat. — Percebo a súplica em seu olhar. — Me diga como posso te ajudar.

Pisco com calma, sentindo lágrimas nublarem meus olhos.

— Minha mãe tinha depressão psicótica — finalmente conto algo que nunca consegui dizer a ninguém. — Não sei como começou, nem quando. Mas sempre que tinha algum episódio, perdia a noção da realidade. Laura me machucava e nem mesmo se

lembrava disso quando voltava à realidade. Eu olhava para a mulher que deveria me amar e sentia medo, Ed. Tinha medo de acordar e vê-la ao lado da minha cama me encarando como aconteceu algumas vezes, tinha medo de sair do meu quarto e ela me prender no sótão com a desculpa de que estava me protegendo. — Percebo todo o meu coração doer. — Eu tinha tanto medo, que passei a esconder de todos.

— Mel...

— Se ela me deixava no escuro, eu fingia que estávamos brincando de esconde-esconde. Se me obrigava a pintar, eu dizia que estava passando um tempo com ela. Se eu beliscava o interior do meu braço, era para me convencer que não estava presa. — Mordo meu lábio, segurando o choro. — Se me deixava com os ratos, eu me lembrava que a Cinderela também ficou com eles e ela conseguiu seu final feliz. E se me batia, eu a consolava mesmo que eu estivesse sangrando... — Faço uma pausa, sentido a minha garganta fechar. — Eu dava desculpas, Ed. Achava que se criasse uma realidade paralela, uma parte de mim acreditaria que aquilo não era verdade. Se eu fosse perfeita, Laura seria uma boa mãe. Eu só precisava ser boa em algo, só precisava fazer que ela me visse como a sua princesa de novo.

Percebo que meu rosto está molhado.

Lágrimas que nunca permiti rolares pelo meu rosto.

*Após anos, estou me deixando quebrar.*

*Ela me machucou.*

*Ela estava doente.*

*Ela não está mais aqui.*

*E meu pai não me protegeu.*

*Ele se transformou em outra pessoa.*

*Me culpou, me xingou e me deixou ir embora.*

Uma dor irrompe meu peito quando tudo o que sempre desejei esconder, me atinge. Deixo que as

lágrimas desçam pelo meu rosto e apenas soluço quando cada memória volta à minha mente, quando sinto o cheiro do sangue dela, o olhar atravessado, da sua voz calma, do meu medo. Tudo. Eu sinto tudo.

Eu passei seis horas no escuro.

Eu escutei os trovões naquela noite.

Eu girei o volante.

*Eu.*

*Eu sou a culpada.*

Doeu tanto.

Durante anos, vivi com essa dor.

Durante anos, menti para todos que estava bem.

— Olhe para mim, amor — Ed murmura e falho em afastar todos os pensamentos. — Respire. — Faço o que pede e mesmo assim não adianta. — Faça de novo.

E eu faço.

Incontáveis vezes.

No entanto, ainda sou uma bagunça.

— Eu estou aqui, lembra?

Mas ele não deveria.

Ninguém deveria estar ao meu lado.

— Até quando, Ed? — murmuro.

*Vá embora antes que tudo exploda.*

*Antes que eu te machuque.*

*Apenas vá, por favor.*

Grito em minha mente enquanto me perco nas lágrimas.

— Até quando você permitir.

Não há espaço para dúvidas em seu tom de voz.

Ele está convicto de sua decisão, mas não posso.

Não posso machucá-lo.

— Anthony também estava lá para ela — sussurro, deixando mais lágrimas descerem pelo meu rosto. — Ele também prometeu nunca a abandonar. E isso o destruiu, Ed. A doença da minha mãe destruiu o meu pai. Pouco a pouco. Eles começaram como um casal feliz, depois

tiveram discussões sobre dinheiro e então passaram a se odiar. — Dizer essas palavras doem tanto. — Meu pai prometeu estar lá por ela e morreu se culpando, *me* culpando pela morte da mulher que amava.

— Você não é ela, Mel. — Edmund aproxima seu rosto do meu. — Você. Não. É. Ela. — Seus olhos encontram os meus. — E eu não sou igual ao seu pai.

Ergo meu rosto.

Dor está escancarada em suas pupilas.

Medo nas minhas.

— Mas eu posso ter herdado. Posso ter a mesma doença. — Suspiro fundo. — E não posso te destruir, Edmund. Não posso te transformar no mesmo homem que o meu pai se transformou depois de descobrir o que ela tinha.

— Não me peça para me afastar. — Ele leva as mãos até os cabelos.

Fecho meus olhos.

Eu não posso.

Não com ele.

Não com a única pessoa que me ajudou a sentir algo.

— Eu posso te esquecer a qualquer momento, Edmund. — Minha voz sobe um decibel. — Posso perder a noção da realidade. Posso nunca mais voltar para ela. Eu posso te machucar. Posso destruir o que temos. Eu sou uma bomba-relógio. Você não entende?

— Eu entendo e mesmo assim estou te escolhendo. — Ele não desvia o olhar do meu. — Sou herdeiro de uma das maiores famílias do estado. Minha cunhada é médica. Meu irmão tem um maldito hospital. Eu posso comprar qualquer outra unidade hospitalar do mundo. Eu vou até o fim para te ajudar, linda. Faço qualquer coisa, mas nunca me peça para te deixar. Eu vou estar ao seu lado, mesmo que não deseje.

Outra lágrima desce pelo meu rosto.

*Você é igual a ela.*

*Você vai matar todos.*

*Todas as mulheres Underwood são uma desgraça.*

A voz de papai ecoa em minha mente. E meu coração dói.

Anthony estava certo. Ela o destruiu. Destruiu a todos que amávamos.

— Não faça isso, por favor.

Ed ergue meu rosto, segurando-o enquanto percebo que seus dedos tremem.

— Eu esperei três anos. Assisti suas apresentações de longe. Hackeei câmeras apenas para te ver — suas palavras são baixas. — Eu quebrei as minhas regras por você. Assinei um contrato idiota e me apaixonei incontáveis vezes pelas suas fotos enquanto você amava outra pessoa. E não pretendo me torturar agora que finalmente te tenho, Melany. — Ele solta um suspiro. — Você e eu somos para sempre. E aconselho que aceite isso logo, porque não estou disposto a te soltar.

Fecho meus olhos por um momento.

— Eu vou te machucar, Ed...

— Posso suportar qualquer tipo de dor, o que não posso é lidar com a mera ideia de te perder de novo — contrapõe com um olhar inabalável. — Vou fazer pesquisas, encontrar os melhores médicos e te provar que você não será como Laura. E mesmo se acontecesse, eu descobriria como te ajudar. Faria qualquer coisa para te manter segura. Para você nunca desistir como ela.

— Isso pode custar a sua felicidade.

— A minha felicidade é você, wildcat. — Sua mão acaricia o meu rosto. — Se você não está bem, eu não estou. Se está longe, eu te procuro de qualquer forma. Nada faz sentido sem você, linda. *Eu não faço sentido.* E sei que nunca poderei confiar em mim mesmo quando estou longe de você, porque você tem todo o controle aqui. Qualquer coisa que desejar, eu farei.

— Mas?

— Mas nunca me peça para ficar longe. — Ele suspira fundo. — Ainda mais agora. Então, esteja ciente que invadirei todas as câmeras de segurança, irei contra todas as regras que criamos e queimarei a porra do mundo todo se isso significar que você estará bem, estará segura.

Fecho meus olhos por um instante.

Confiança é uma via de mão dupla. Sempre foi algo que roguei por toda a minha vida e raramente dei a alguém.

Mas eu confiei em Edmund quando fui a Paris me apresentar, sabia que apenas desejava vê-lo. Confiei nele quando o beijei, mesmo sabendo que teria armas para me destruir. Eu sempre estou procurando formas de confiar nele e, agora, percebo que não preciso mais. Não quando ele finalmente é meu, quando sabemos que não adianta fugir do que sentimos.

— Minha mãe morreu porque ela teve um episódio enquanto dirigia até Atlanta comigo no banco do passageiro. — Fecho meus olhos, me lembrando de tudo. — E eu virei o volante quando chegamos a uma curva. E quando ela gritou, soube que era o nosso fim. Mas eu queria que o fim chegasse, queria que todo o sofrimento da minha família acabasse ali.

Edmund beija a minha testa.

— Foi um acidente, amor.

— Não foi, Edmund. — Uma nova lágrima desce pelo meu rosto. — Percebi que ela estava tendo uma crise, e a esperei voltar para mim. Esperei que fosse rápido, como das outras vezes, mas não foi. Então, quando percebi que iríamos nos machucar, eu virei o volante e nos joguei para fora da pista. — O peso de anos sai dos meus ombros. — E sei que deveria me arrepender, sei que é cruel me sentir aliviada. Mas eu sabia que se não fizesse aquilo, ela me machucaria mais.

Laura esqueceria de mim e do que aconteceu, sem remorsos. Prefiro lidar com a dor da culpa, do que com a dor de tudo o que ela me causou.

Ed não diz nada.

Por um momento, acho que irá sentir repulsa por mim. Que irá se afastar. Mas ele me pega desprevenida, se aproximando e beija a minha testa, segurando meu rosto com carinho enquanto encara meus olhos calmamente.

— Você fez o que era necessário.

Entreabro meus lábios, surpresa pela naturalidade que ele profere suas palavras.

— Você não se enoja? Depois de tudo o que lhe disse, não me quer longe?

— Nunca poderia. — Ele me dá um pequeno sorriso. — Poucas coisas nessa vida me assustam e a única coisa que me assustou em tudo o que me disse, foi a possibilidade de que você poderia não ter sobrevivido. — Ele se aproxima, beijando-me de leve. — Você é o que me importa. É a minha prioridade, Melany. E pode me dizer que matou a rainha da Inglaterra que eu estaria pronto para te defender, porque posso viver em um mundo que eles não existam, porém não posso viver em um mundo onde *você* não exista.

Meus olhos encontram os dele e finalmente tudo parece fazer sentido.

Eu não estou mais sozinha.

Edmund me provou isso tantas vezes e entendo apenas agora.

Ele me provocou por anos, se afastou, me teve quando ninguém mais imaginava. Edmund foi, para mim, algo que nunca deveria desejar, mas agora percebo que é o único que poderia me ajudar a salvar o resto da minha alma.

Mesmo que a nossa história tenha começado com acordos e mentiras, agora é diferente. Somos mais do

que isso. Somos uma força que não pode ser quebrada, um relicário cheio de memórias, uma confiança inabalável.

— Obrigada.

Uma última lágrima desce pelo meu rosto.

— Pelo quê?

— Por ter me escolhido.

Ed se aproxima, beijando meu queixo e então meus lábios.

— Eu te escolheria em qualquer universo, linda.

E sei que é verdade.

Sei que faria isso por mim, sei que onde quer que estivermos, Edmund Blackwell pertence a mim assim como eu pertenco a ele.

— Estou pronta para ler as cartas dela. — Fecho meus olhos por um instante. — Mas preciso fazer isso sozinha.

Ed não discorda, ele apenas dá um passo para trás e me ajuda a descer do balcão.

E cada passo que dou em direção ao nosso quarto, sinto que posso estar prestes a me prender para sempre ou finalmente ser livre de todos os males que ela me causou.



## MINHA BAILARINA

*Nenhuma palavra surge diante de mim no final  
As lágrimas salgadas escorrem dos meus olhos e entram  
nos meus ouvidos*

*Cada coisa que eu toco fica doente de tristeza  
Porque está tudo acabado agora, tudo no mar  
Adeus, adeus, adeus*

*Você era maior que todo o céu  
Você era mais do que um curto período de tempo*

**Bigger Than The Whole Sky | Taylor Swift**

*Melany Underwood*

Logan dizia que a adrenalina das corridas o salvou da sua mente.

Que quando estava atrás de um volante nada mais existia.

Por anos, eu o entendi. Por anos, sabia exatamente o que meu irmão sentia porque todas as vezes que colocava as minhas sapatilhas e pisava em um palco, uma parte de mim tinha a convicção de que nada me afetaria.

Contudo, agora que caminho até a varanda do quarto, segurando uma pequena caixa nas mãos, me

questiono se realmente o ballet poderia salvar a minha mente nesse momento. Se ele me faria conseguir ler todas essas cartas sem perder o controle.

Fecho meus olhos, por um momento, antes de puxar o meu celular e discar o número da única pessoa que preciso conversar antes de enfrentar tudo o que está nessa caixa.

— Oi — minha voz suave ecoa quando Andrew atende.

— *Qual voo devo pegar?* — indaga, rouco.

— Nenhum. — Ajeito meu corpo no assento, encolhendo-me. — Mas estou prestes a fazer algo e queria que estivesse aqui.

— *Ok.* — Ouço um barulho e ergo uma sobrancelha. — *Você está tendo um dia ruim?*

— Eu tenho dias ruins há anos — brinco, mordendo o lábio inferior. — Ela me deixou cartas. Aidan me entregou quando fui visitá-los e eu... Estou prestes a lê-las, estou prestes a trazê-la de volta para a minha vida e só precisava ouvir a sua voz, saber que se algo der errado, ainda vou ter o meu melhor amigo.

— *Eu prometi sempre estar com você, Mel.*

— Por que os meus problemas são os seus problemas?

— *Porque os seus problemas são os meus problemas* — refuta e percebo o sorriso em meus lábios.

— *Você quer companhia?*

Olho para a caixinha em minhas mãos.

— Não, preciso fazer isso sozinha. Preciso enfrentar o que quer que esteja nessas cartas. Não posso mais deixar Laura me machucar — decido, sabendo que é o certo. Preciso seguir em frente. — Eu te amo, Andi.

— *Eu te amo, Mel.* — Sua voz é suave. — *Em qualquer lugar do mundo.*

— Em qualquer lugar do mundo.

Solto um longo suspiro assim que a ligação se encerra e me aconchego na cadeira, tomando coragem para abrir. Tiro a trava da caixa e levanto a tampa com cuidado, o cheiro de madeira antiga misturado ao perfume suave de rosas que minha mãe sempre usava me envolve.

Dói.

Tudo que o cheiro me relembra, dói

Dentro, uma confusão de papéis, fotos desbotadas e cartas atadas com fitas delicadas me espera. Meus dedos tremem quando passo o dedo de leve pela primeira. No entanto, algo capta minha atenção.

Pintada à mão, uma réplica de uma das pinturas favoritas de Laura está eternizada ali. “O Jardim das Delícias Terrenas” de Hieronymus Bosch<sup>[14]</sup> ocupa todo o fundo da caixa.

Mas não é a versão caótica do painel que me surpreende. É a pintura lateral que me instiga a passar os dedos com calma, observando como ela retratou um jardim exuberante, cheio de flores, frutas, e figuras humanas em harmonia com a natureza.

Me lembra quando ela ainda amava a pintura. Quando me fazia sorrir e quando tentava ser a mãe perfeita, mesmo que às vezes passasse um pouco do limite e me obrigava a participar de aulas que odiava.

Meu peito dói.

Lágrimas voltam a descer pelo meu rosto.

Cada elemento na pintura reflete a busca pela felicidade e a forma como amava tudo ao seu redor, como as cores ainda faziam sentido para ela. Com calma, pego a primeira carta e retiro a fita vermelha que o adorna.

Hesitante, desdobro o papel amarelado, passando meus dedos pelas letras delicadas que um dia

pertenceram a ela. Com um suspiro e um pequeno ato de coragem, leio suas palavras:

*“Minha linda bailarina,*

*Você provavelmente não verá essa carta tão cedo. Porque você precisa aprender mais do mundo antes de finalmente achar a minha caixinha de surpresas, como seu pai apelidou.*

*Por isso, espero que a encontre apenas quando achar que não há mais solução. Quando a dor já não for grande o suficiente para ofuscar esse brilho lindo que carrega consigo desde o primeiro dia em que veio ao mundo.*

*Minha Mel, você é a melhor parte de mim.*

*Você é o meu sonho realizado. Meu amuleto.*

*Eu sabia disso no instante em que te peguei no colo. Sabia que você era a realização de todos os nossos sonhos. Eu vi Logan morrer de ciúmes quando qualquer outra pessoa te pegava e, ali, soube que seu irmão faria qualquer coisa para te proteger.*

*Ele sempre será a sua metade, querida. Nunca duvide disso.*

*E enquanto te escrevo, você está colorindo um lindo sol ao lado dele, que te ensina tudo sobre as cores e sorri sempre que você tenta colorir o círculo de azul e diz a ele que é o seu mundo e nele há apenas as suas regras. Mas ele nem mesmo imagina que você nasceu para ser assim, para mostrar ao mundo o quão forte é.*

*Mel, você chegou quando o meu mundo não parecia mais ter essas tonalidades.*

*Você foi o meu sonho desde o início. Seu sorriso para mim parecia colocar todas as coisas nos eixos. Admirava seus lindos olhos azuis e eu sabia que a pessoa que se apaixonasse por você no futuro teria a melhor parte dele. Seu sorriso se fazia presente quando eu*

*chorava e me mostrou a felicidade na sua forma mais genuína.*

*E sinto muito por não conseguir te devolver toda a alegria e orgulho que me deu. Sinto muito por não ser aquilo que merece.*

*Querida, descobri há poucos dias que estou doente. Não é uma doença como a de seu avô que o levou inesperadamente. Essa é uma que vai me levar aos poucos, vai apagar o que sempre amei ser e vai me deixar irreconhecível.*

*E eu não quero que isso aconteça, Mel.*

*Não quero que tenha medo de mim, que me odeie. Que seu pai deixe de me amar. Ou que seus irmãos fiquem desamparados. Eu quero ser a sua mãe, quero te ver comemorar aniversários, quero chorar quando você se formar, se casar, tiver filhos.*

*Eu queria tanto estar presente nos melhores momentos da sua vida, querida.*

*Mas sei que será impossível. Sei que o meu tempo com você será pouco e sei que me odiará, mas saiba que eu te amo com todas as minhas forças. Que nunca terei a intenção de te machucar. De te fazer desacreditar de si mesma.*

*Você sempre será a minha princesa, o meu maior sonho.*

*A minha pintura mais linda.*

*E sei que para te fazer forte, eu irei errar. Sei que tomarei atitudes que não irão te agradar, mas isso é porque sei que você merece conquistar o mundo. Por ora, apenas peço desculpas por qualquer coisa que eu fizer, por qualquer atitude que tomar por conta da minha doença.*

*Eu te amo, Mel.  
Sempre e para sempre.  
Mamãe.”*

Sinto as lágrimas escorregarem pela minha bochecha enquanto desdubro um desenho que está anexado a carta. Um pequeno sorriso nasce em meus lábios quando percebo que é o sol pintado de azul ao redor de várias nuvens amarelas. Abaixo a minha assinatura e a de Logan.

Uma risada me escapa, sabendo que esse desenho é claramente algo que eu desenharia hoje em dia apenas para provocar meu irmão. Mas a dor de saber que ela o guardou apenas para se lembrar dos momentos felizes toma conta do meu coração.

Secando as lágrimas, pego outra, agora mais calma por saber que encontrarei tudo o que preciso.

*“Minha querida bailarina.*

*É Natal!!!! E descobri que você odeia essa data porque está nevando e não pode sair para brincar.*

*Seu pai me disse que você amaria receber um novo collant. Mas sabia que se eu lhe desse, você iria parar de frequentar as aulas de natação e tênis. Por isso paguei o viciado da esquina para se vestir de papai-noel e entregar a roupa que você está correndo pela casa nesse momento.*

*Está linda de bailarina, meu amor.*

*E nem mesmo imagina como eu estou orgulhosa.*

*Nós duas assistimos a um filme neste sábado. Era sobre uma mulher que precisava aprender a viver depois que acordou no futuro e não sabia como agir. Acho que parando para pensar, eu gostaria de ter tido essa experiência. Gostaria de saber que, na realidade em que vivemos, eu não seria a melhor mãe do mundo. Isso me ajudaria a mudar. A aprender a ser melhor por você e seus irmãos, Mel.*

*Mas como não posso, quero dizer que tentarei ao máximo ser uma versão melhor. Por isso quando você me disse que gostaria de fazer dos sábados os nossos dias,*

*eu prometi a mim mesma que lutarei contra tudo para te dar esse dia, amor. Eu vou ver filmes com você. Vou fazer desse dia os nossos dias mais especiais. Eu vou ser a melhor mãe do mundo mesmo que eu precise tomar remédios que me deixam sonolenta.*

*Mas, também há algo que quero que saiba, eu tive um episódio esses dias. Foi de madrugada, ninguém estava acordado além de mim e seu pai e acho que fiz algo com ele, porque a sua mão estava machucada. Eu estou me tornando um perigo para a minha família, querida.*

*E cada vez mais penso em como poderei me livrar de tudo isso.*

*Eu vou melhorar.*

*Eu preciso.*

*Por você, Logan, Aidan e Tony.*

*Com amor,  
mamãe.”*

*Mordo meu lábio inferior, pegando outra e tirando rapidamente o lacre, antes de arrastar meus olhos pelas suas palavras e sentir meu peito doer.*

*“Mel,*

*Não foi um bom dia.*

*Na verdade, não foram boas semanas.*

*Eu mal consigo levantar da cama e quando levanto sinto como se tivesse apanhado com tanta força que apenas desejo voltar a dormir. Eu realmente não sei o que está acontecendo, mas sei que estou perdendo nossos dias juntas e sei que há marcas pelo meu corpo. Marcas de unhas, roxos e tenho medo de saber o que aconteceu.*

*Eu também sinto que sair do meu quarto é um erro e sinto vontade de chorar a todo instante. Porque sei que algo está errado. Sei que fiz alguma coisa.*

*Ninguém me disse nada.*

*Mas eu te vi me encarando pela fresta da porta e vi como seus olhos brilhavam com lágrimas não derramadas. Eu também te vi se esquivando sempre que seus irmãos tentam te trazer para perto de mim, como se tivesse medo de chegar até onde estou. Você não diz, mas seu corpo luta sem nem mesmo perceber.*

*Mel, você chorou quando cheguei perto de você.*

*Você se tremeu quando te chamei para pintar comigo.*

*Você gritou quando apaguei as luzes para dormirmos.*

*Você pediu para Logan dormir ao seu lado.*

*O que aconteceu, querida?*

*O que fizeram contigo?*

*O que eu te fiz?*

*Eu te machuquei?*

*Me diga.*

*Me diga.*

*Me diga.*

*Me diga.*

*Por favor.*

*Mamãe.”*

Meus soluços ecoam pelo ambiente vazio e não me importo.

Laura me amava, eu a amava.

Mas ela também me machucou.

E Anthony sabia disso. Ele viu o que a sua doença fazia comigo e preferiu salvar a memória da mulher que amava do que salvar a filha que dizia que era a sua princesa.

Meu pai era o meu herói, até não ser mais.

Ele se transformou em alguém que eu gostaria de esquecer.

*“Minha querida bailarina,  
Nós assistimos dez filmes. Dez filmes!!*

*Ok, eu não deveria estar feliz porque você passou a madrugada acordada comigo e Aidan. Mas você estava feliz. Você me deixou te abraçar. Me mostrou um passo da sua nova coreografia e vi que estava com medo de que eu te xingasse por ter seguido com as aulas do ballet. Mas estou orgulhosa. Tão orgulhosa. Às vezes sei que sou um pouco exigente com a sua educação, mas é porque não desejo que tenha a vida que eu tive, Mel. Eu quero que tenha as melhores oportunidades.*

*Querida, mesmo com a sua felicidade, você ainda chorou quando apaguei as luzes, mas ainda não sei o que aconteceu.*

*Eu fiz algo, não fiz?*

*Eu te machuquei?*

*Me desculpe.*

*Me desculpe.*

*Eu vou melhorar, vou fazer de tudo para isso acontecer.*

*Mamãe.”*

*“Mel,*

*Eu queria muito que você fosse mais feliz.*

*Queria que você não precisasse lidar com a minha doença.*

*Nem com os gritos constantes que ecoam em nossa casa.*

*Eu sei que fiz errado em mandar Logan e Aidan para longe.*

*Eu sei que errei em tantos quesitos.*

*E descobri que seu pai não contou a eles sobre a minha doença. Mas contarei, prometo que assim que eles voltarem de viagem, eu contarei. E eles irão te proteger,*

*vou implorar por isso. Para que te levem para longe sempre que eu não estiver bem.*

*Porque, querida, não posso fazer mais isso, me perder na minha própria mente e te machucar. Eu preciso aprender como me curar e não desejo esconder de vocês que seu pai bebe cada dia mais. Que esses dias quase me deu um tapa porque não o reconheci.*

*Espero que você nunca vivencie isso. Nunca veja a pessoa que ama te agredir porque não consegue lidar com a própria mente. E, se caso acontecer, fuja. Não deixe um amor acabar porque a sua doença é incurável. Você não precisa aceitar um amor que te machuca. Porque o amor, ele não é dor, Mel. Ao contrário, o amor deve ser bonito. Deve ser o sentimento que te acalenta. Te protege quando você achar que não consegue fazer isso sozinha.*

*Às vezes também penso como seria se eu abandonasse a todos, se eu pulasse de algum lugar e tirasse a minha vida. Mas aí me lembro que você ficaria sozinha, que eu não estaria aqui para cuidar da minha menina, mesmo que eu ache que você não me deseja por perto.*

*Eu não quero te perder, minha bailarina.  
Eu não posso.*

*Com amor,  
Mamãe.”*

*Ela não contou para eles.  
Ela nunca teve a chance.  
Ela me amava e mesmo assim, eu...*

*“Minha querida bailarina.  
Nós vamos viajar esse final de semana.  
Apenas você e eu.*

*Minha médica disse que as crises são menos recorrentes e que uma viagem pode me fazer melhorar. Eu estou ficando melhor, querida!! Vou voltar a ser a mãe*

*que sempre desejei. Então nós vamos para a Atlanta. Você e eu. E irei levar todos os filmes que amamos. Vamos assistir “Como perder um homem em 10 dias” quando chegarmos lá. Sei que você amou esse e quero que seja o melhor final de semana da sua vida.*

*Eu vou comprar um presente pra você.*

*Vou comprar chocolates em formato de corações.*

*Tudo que você ama.*

*Depois que voltarmos, irei te contar que consegui sua vaga na academia mais famosa de Saint Vincent. Você vai ser uma bailarina profissional, meu amor.*

*Você vai ser a melhor e eu te pintarei dançando e aplaudirei na primeira fila.*

*Com muito amor,  
Mãe.”*

Fecho meus olhos, sentindo todo o meu rosto encharcado por lágrimas.

As palavras dela.

A dor dela.

Tudo.

Meu coração dói por saber de todas essas coisas, que ela escreveu para mim sempre que estava bem. Que mesmo nos seus piores dias, Laura nunca deixou de escrever para mim, para me mostrar que mesmo doente, ainda estava ali para mim.

— Linda? — A voz de Edmund não tem efeito em mim.

Laura desejava melhorar.

Ela queria.

A minha mãe ainda tinha esperança e eu apenas tinha medo.

Finalmente eu ergo o meu rosto e encaro Edmund.

— Se ela não tivesse tido uma crise naquele carro, eu teria conseguido nos salvar — sussurro, é tão baixo. —

Se tivéssemos chegado a Atlanta, ela teria finalmente contado a Logan e Aidan que estava doente.

A compreensão me destroi.

O mundo parece parar de girar.

Ela teria ficado bem?

Ela teria me amado?

São tantas perguntas que nunca terei respostas.



## ÚLTIMO ATO - PARTE I

*Porque você me atraiu (você deveria ter)  
E me feriu (você deveria ter)  
E me ensinou*

*Você me enjaulou, então me chamou de louca  
Sou o que sou porque você me treinou  
Então, quem é que tem medo de mim?*

**Who's Afraid of Little Old Me? | Taylor Swift**

*Melany Underwood*

### PASSADO

Eu sempre sinto umas coisas estranhas antes de algo acontecer.

Não sei porquê, mas desde sempre sabia quando algo estava errado.

É como se meu estômago soubesse de coisas antes de mim.

Tipo uma sensação de quando algo bom acontecerá, mesmo sabendo que precisarei esperar só mais um pouquinho. Só que, às vezes, esse pressentimento é como se o céu estivesse nublado e

soubesse que vai chover, mesmo sem ouvir os trovões ainda.

Papai disse que isso é algo bom.

Que eu posso me livrar de certas coisas que não seriam boas.

Mas, hoje pela manhã, quando disse para ele que esse era um dos momentos, ele não acreditou. Na verdade, papai estava alegre demais que mamãe sorria para ele como antes para perceber que eu não estava feliz. Agora, enquanto ela acelera pela estrada rumo à casa de tia Audrey e cantarola a sua música preferida, me pergunto se meu estômago estava certo ou se era só minha imaginação.

— Você está quieta, querida — ela afirma, abrindo um novo sorriso. — Você não gosta da música?

*Não.*

É isso que quero responder a ela.

Não gosto, porque ela ouviu essa mesma música da última vez que me fez sentar ao seu lado enquanto pintava uma floresta escura e dizia que tudo ia ficar bem, que o mundo ia se acertar.

— Eu adoro. — Abro um pequeno sorriso, tentando não demonstrar que estou com medo. — Por que saímos mais cedo?

Ela balança a cabeça, fechando os olhos por um momento ao mesmo tempo que um relâmpago clareia o céu.

— Porque seu pai estava me pedindo para ficar — ela diz e viro meu rosto em sua direção, confusa. — Ele disse que nós dois deveríamos aproveitar que estou bem e termos um momento. Mas eu não entendi o porquê ele desejava que eu ficasse em casa.

— Porque vai chover, mamãe — sussurro, observando o tempo pela janela. — Você não gosta de chuvas, lembra?

Viro meu rosto em sua direção e percebo que ela aperta o volante.

O sorriso ainda está em seu rosto mas ele não é mais verdadeiro. Desejo que ela perceba isso, que volte para casa e aproveitemos o seu bom dia vendo filmes, que ela entenda que precisa de ajuda, porque se fizer isso, tudo será diferente.

Seu sorriso será mais vibrante.

Seu olhar mais gentil.

Sua voz mais suave.

E suas atitudes não me machucarão.

Eu estarei segura.

Logan e Aidan saberão da verdade.

Eu penso muito nisso, penso muito em como tudo seria se ela estivesse bem. Mas uma parte de mim sabe que é apenas um desejo bobo, que isso não vai acontecer mesmo que ainda exista dias bons. Que exista dias em que ela vai olhar para mim e não vai me reconhecer, que ela vai pintar quadros assustadores e ninguém vai estar lá para me proteger.

— Eu posso te contar um segredo, querida?

Ajusto o cinto de segurança e me viro para ela.

— Sempre.

— Você dança bem — ela murmura e meus olhos se arregalam. — Eu sei que fui uma péssima mãe tentando te privar da dança, mas era porque eu queria que tivesse um futuro diferente do meu e tinha medo do seu amor pelo ballet sumisse porque ele viraria uma obrigação.

Não entendo muito bem o significado das suas palavras, mas sinto como se tivesse algo oculto nas entrelinhas.

— Você perdeu o amor pela pintura, mamãe?

Ela volta a apertar o volante e sinto que todo o seu corpo enrijece.

Eu conheço os sinais. Eu sei o que está acontecendo.

Encolho os ombros, respirando fundo e sabendo que sua voz está mais agitada do que o normal. Sua respiração lenta, seus movimentos mais letárgicos. Tudo está errado. Meu olhar vagueia pelo carro atrás de seu celular, mas não tenho sucesso.

Sei que não é bom.

Não quando não estamos em casa.

Não quando sei que ela pode perder o controle do carro a qualquer momento.

— Seu pai o tirou de mim, meu amor.

Meu rosto se vira para o lado e percebo que está começando a escurecer e a chuva está dando os primeiros sinais.

*Não.*

*Não.*

*Não.*

— Mamãe, eu estou com medo.

Mas ela não percebe. Ela não me escuta.

Seu olhar se torna perdido, seu foco é apenas na estrada vazia.

Mesmo que eu tentasse dizer algo, ela não me responderia. Ela não faria nada.

E apenas por olhar nos seu rosto tenho a certeza de que ela nunca vai se recuperar.

Ela não vai ser a mãe que sonho.

Laura nunca vai ser como as mães dos meus amigos, porque a preocupação delas é deixarem seus filhos felizes enquanto a da minha mãe é de como ela acordará amanhã. Se vai ser a versão rude que quer que eu seja perfeita ou a versão perdida em seus pensamentos que não saberá diferenciar nada.

Ela nunca me verá dançar, nunca me verá formar na escola.

Ela sempre vai estar perdida, porque não aceita que está doente.

Mesmo que eu já saiba disso há muito tempo, a dor que essa constatação trás é absurda. É como se fosse um machucado necrosado que vai doer para sempre, uma lembrança que vai ficar marcada em minha mente por anos assim como os machucados internos que ela me causou.

Meus olhos se nublam com lágrimas, minhas mãos começam a tremer e meu queixo a bater, porque nesse momento as gotas de chuva caem mais forte e o aperto dela no volante aumenta, fazendo o medo que cresce dentro de mim ser algo que me apavora.

Não deveria ser assim.

Não deveria.

— Mamãe?

— Está tudo bem, querida. — Ela sorri. — Mamãe está bem.

Mas ela não está.

Ela nunca esteve.

Mesmo com o esforço de não demonstrar que estou assustada, me viro em sua direção, percebendo que ela soltou o cinto de segurança e se senta de forma imprópria para dirigir.

— Mamãe... — A chuva aumenta e todo o meu peito dói. — Por favor, coloque o cinto.

Porém ela não faz isso, ela nem mesmo se move.

Seu olhar está fixo na estrada molhada e na escuridão que está lá fora.

Em tudo, menos em mim.

— Vamos fazer uma brincadeira, ok? — questiona.  
— É a brincadeira do silêncio. Nenhuma de nós duas podemos falar até chegarmos, ok?

Não.

Não.

Não.

— Por quê?

— Porque eu preciso de silêncio, Melany! — Sua voz aumenta. — Preciso de silêncio para que ele fale comigo. Preciso entender o que ele quer para voltar para mim.

Suas palavras não fazem sentido.

Nada faz e isso me assusta.

— Mamãe...

— Silêncio, porra!

Suas palavras ecoam em minha mente.

Então percebo que cruzo meus braços, beliscando o interior deles até a ponta das minhas unhas perfurarem minha pele, por conta da força que aplico.

O medo que sinto é visceral.

A forma como ela inclina a cabeça para o lado me aterroriza.

Então, pela primeira vez, percebo que não há mais esperança, nem vontade de fazê-la melhorar, de se curar. Porque mesmo que eu deseje isso, mesmo que eu queira que ela me ame, não há como eu consertar uma pessoa. Não posso fazer isso.

Viro meu rosto, percebendo da maneira mais dolorosa possível, que todas as tentativas de ajudar a mamãe em sua melhora, em nos amar, foram em vão. Aprendi do pior jeito possível que mesmo o ser humano tendo a tendência de sempre querer consertar as coisas, ninguém pode fazer isso sozinho.

E mesmo que a ame com todo o meu coração, não posso mais aceitar o que ela me dá.

Não posso mais continuar aceitando que me quebre e me deixe exposta, com a ferida aberta sangrando e não tendo o mínimo de cuidado de fazer um curativo.

— Melany! — o grito dela me faz desviar o olhar e prender a respiração.

De repente, o carro gira na pista e me inclino para frente, virando o volante quando ela o solta, tentando, a todo custo, nos manter na pista, mas falho. Porque no

momento que o seguro, giro para o lado errado e o carro sai da pista.

Tudo acontece tão rápido que mal consigo pensar.

O som da chuva martelando o para-brisa de repente fica muito mais alto, quase ensurdecedor. Os olhos dela se arregalam quando percebe o que acabei de fazer e me arrependo instantaneamente.

Papai nunca vai me perdoar.

Logan vai me odiar.

Aidan vai ter repulsa de mim.

— Está tudo bem, querida — ela diz quando o carro dá um último giro. — Não é sua culpa.

Mas é.

Eu girei o volante.

Eu causei isso.

De repente, sinto as rodas do carro perdendo o contato com o asfalto, a direção gira sem controle nas mãos dela. Olho de relance, percebendo que o mundo lá fora se transforma num borrão cinza, e meu coração dispara, martelando no peito.

Eu não quero morrer.

Não posso.

Não.

Não.

Não.

— Feche os olhos, querida.

Meus braços estão tensos, tentando desesperadamente respirar de forma controlada. O cinto de segurança me firma no banco, mas parece que o carro tem vida própria.

Ele gira incontáveis vezes.

*Logan, você é um bundão mas é o meu melhor amigo.*

Tudo fica de cabeça para baixo por um segundo que parece eterno.

*Aidan, eu te amo, mesmo que você me irrite.*

A sensação de que estou flutuando, de que o chão sumiu debaixo de mim, é assustadora. Sinto o peso do carro se inclinando, um lado subindo mais alto que o outro. É nesse instante que percebo que estamos prestes a capotar.

Não há mais volta.

É o nosso fim.

Eu causei isso.

Eu. Mais ninguém.

O vidro embaçado, a chuva batendo forte, e o som do metal raspando no asfalto misturam-se com meu grito que parece engasgar-se na garganta. O carro dá um salto, e por um segundo tudo fica em silêncio.

Minha respiração se torna inquieta e sinto algo cortando a minha pele.

*Vamos brincar de pique-esconde, ok?*

*Logan onde você está?*

*Aidan, eu tenho medo de ficar sozinha.*

*Papai, você me trouxe um collant?*

Todas as lembranças tomam conta da minha mente. Toda a saudade que sempre me acompanhou faz meu coração doer. Eu os perdi. Eu não tenho mais meus irmãos, eles não estão aqui.

*Não.*

*Não.*

*Não.*

*Por favor.*

*Eu quero meus irmãos.*

*Eu quero Logan e Aidan.*

A gravidade puxa meu corpo de um jeito estranho, como se estivesse me lançando para fora do banco. Então, tudo gira mais uma vez, como uma montanha-russa descontrolada.

Fecho os olhos, meu coração pulsa descontroladamente. O impacto é como um soco seco que atravessa todo o meu corpo. O carro atinge o chão

com uma força brutal, e o som do metal amassando é ensurdecedor.

— Mamãe! — grito, quando sinto o ar ser expulso dos meus pulmões.

A força me empurra contra o cinto, que marca minha pele e um grito ecoa no carro ao mesmo tempo que sinto tudo virar de cabeça para baixo outra vez. Os vidros estouram ao meu lado, fragmentos brilhantes voam de encontro com a minha pele, cortando-a e mordo meu lábio quando sinto a dor irromper meu corpo.

Enquanto o carro capota mais uma vez, sinto o teto esmagando o espaço acima de mim. Cada golpe é uma pancada surda que reverbera pelo meu corpo.

Tudo dói.

Cada parte do meu corpo.

E sei que é o meu fim.

O cheiro de borracha queimada e metal quente preenche o ar, misturado com o gosto amargo do medo na minha boca.

Finalmente, o carro para, inclinado de lado, e o silêncio volta, pesado e opressivo.

Tudo ainda está girando na minha cabeça, o mundo parece longe e a dor começa a pulsar em cada parte do meu corpo. Respirar se torna insuportável, meu braço dói e sinto o sangue correndo quente pela minha testa, escorrendo devagar.

— Mamãe — chamo, baixinho quando percebo o silêncio.

Mas não há resposta.

Não há nada.

Viro meu rosto, assustada, procurando por qualquer sinal dela. Por qualquer resquício de que ela está viva. De que não a matei. De que podemos chamar um socorro.

Mas não há nada.

Ela não está aqui.

— Mãe, por favor — grito, rouca sentindo a minha garganta arranhar. — Não me deixe sozinha.

Eu não posso.

Não posso ficar sozinha.

Não posso ficar sem ela.

Olho ao redor, mas não há nada além de fumaça, escuridão e chuva.

Ela não está aqui.

Mesmo com toda a dor, solto o cinto de segurança com dificuldade e vejo que ele me machucou na lateral do corpo. Mesmo assim, não paro. Faço o possível para abrir a porta, mas não consigo. Então, mesmo sabendo que posso me machucar, me ergo apoiando a mão no vidro quebrado e forço-me para cima, gritando quando meu braço apoia no metal.

Tudo queima e mesmo assim não paro.

Subo no capô e rolo até que caio no chão sentada e as lágrimas descem pelo meu rosto quando a dor se torna alucinante. Nem mesmo consigo me mexer por minutos que parecem horas, não quando sei que preciso me recuperar.

— Mel? — a voz baixa da mamãe ecoa.

Olho para o lado, não a encontrando.

— Mamãe...

Mas não há ninguém.

A chuva cai sobre mim e dificulta a minha visão.

Todo o meu corpo dói. Tudo parece queimar.

— Eu estou aqui, querida — ela chama de novo. — Siga a minha voz, ok?

Eu me arrasto pelo chão, sentindo a água fria pelo meu corpo e a escuridão se tornar mais assustadora.

É frio.

Doloroso.

Amedrontador.

— Mamãe...

— Você está indo bem, meu amor — ela chora, quase sem voz. — Você é tão corajosa.

Percebo que está com dificuldade para falar e, mesmo com dor, continuo.

Mesmo que meu corpo me peça para parar, eu continuo.

Nada me fará parar.

Quando finalmente avisto-a, mais lágrimas descem pelo meu rosto. Seu cabelo escuro está todo molhado, cortes estão por todo o seu corpo e sangue escorre pela sua barriga. Mesmo assim, mamãe me dá um pequeno sorriso quando chego perto dela.

Com cuidado, coloco a cabeça dela em minha perna, que apenas então noto que está machucada, mas que não sinto doer. Não sinto nada doendo. Limpo seu rosto, tirando o excesso de água. Seus olhos, idênticos aos meus, brilham, e sinto tudo em mim romper.

— Desculpa. Desculpa. Desculpa — murmuro, passando a mão pelo seu rosto. — Eu não quis...

— Eu sei, querida. — Ela leva a sua mão até a minha com dificuldade. — Eu já tinha perdido o controle do carro, nada é culpa sua. Nunca foi culpa sua, amor.

Mas é minha culpa.

Se eu tivesse ficado quieta.

Se eu fosse perfeita.

Se eu estivesse ajudando-a mais.

— Olhe para mim, Mel — ordena, e faço. — Você não teve culpa.

— Mamãe...

— Repita... comigo, meu amor — Sua voz falha. — *Você não teve culpa de nada.*

Mas eu tive.

Eu sempre vou ter.

— Eu não tive culpa de nada. — Dói dizer essas palavras.

Dói porque são mentiras.

Dói porque sei o motivo pelo qual fiz o que fiz.

— Você é a minha esperança. — Uma lágrima desce pelo seu rosto. — E você merecia mais, Mel. Você merecia uma mãe melhor do que eu e sinto muito por isso. Sinto muito por você ter recebido a pior parte de mim, querida.

Papai um dia me disse que as pessoas sabem quando estão morrendo.

Por isso, quase sempre pedem desculpas nesse momento.

— Eu te amo — sussurro. — Então não me abandone, ok? Nós podemos lidar com isso, nós podemos.

Mamãe sorri, é tão triste. Tão doloroso.

— Eu estou cansada, querida — ela sussurra. — Tão cansada.

— Tudo bem — murmuro, voltando a limpar seu rosto. — Está tudo bem, eles vão chegar logo e nos ajudar, apenas fique comigo, ok? Por favor, mamãe..

Ela me dá um sorriso.

É verdadeiro. Mesmo com dor ela ainda sorri para mim, como sorria quando ainda éramos felizes, quando não tínhamos tantas dores para lidar.

Seu olhar recai no colar que papai me deu e percebo que agora há uma rachadura exatamente na metade do pingente. Agora é um coração quebrado, exatamente como representa o meu nesse momento.

— Mamãe precisa que você seja forte, ok? — ela sussurra, quase sem voz. — Preciso que você respire fundo enquanto eles não chegam. — Há dificuldade em sua fala. — Você é perfeita, Melany. Cada partezinha de você, meu amor. Nunca deixem que te digam ao contrário. *Nunca*, querida.

— Eu te amo, mamãe — choro, sentindo as lágrimas descerem pelo meu rosto.

Eu amo mesmo que sua doença tenha te tirado de mim.

Mesmo com os machucados.

Mesmo com tudo.

— Dance, Mel. — pede, baixinho. — Nunca pare de dançar porque você é tão boa fazendo isso. Você é incrível quando está dançando. Então, nunca deixe que te tirem o amor pelo ballet. Nunca deixe que outras pessoas te tirem aquilo que te faz viva.

Meneio a cabeça, concordando e sentindo meu corpo começar a doer.

No entanto, a dor em meu coração é pior do que qualquer dor física que o acidente causou.

Mamãe pisca, tentando se manter acordada mesmo que precise se esforçar para isso.

— Eu prometo — sussurro, deixando mais lágrimas rolarem pelo meu rosto.

Ela volta a sorrir.

É doloroso.

Machuca.

Porque sei que esse é o último sorriso dela que irei presenciar.

Sei que ela nunca mais estará lá.

Sei que nunca esquecerei o que aconteceu hoje.

— Diga a eles que sinto muito. Diga a eles que eu os amava. Diga ao seu pai que ele merecia mais — ela pede, quase sem voz. — Diga para si mesma que eu te amei. E sempre se lembre que nunca quis te machucar, querida.

— Eu direi, mamãe.

— Eu sei, querida.

Então seus olhos se fecham lentamente.

*Não.*

*Não.*

*Não.*

— Mamãe? — chamo, mas não há nada. — Mamãe, abra os olhos... Por favor, mamãe. Não me deixe sozinha. — Minha voz aumenta. — Mamãe!

Mas ela não o faz.

Laura não me escuta.

Não respira.

Nada.

— *Não. Não. Não* — grito.

Minha única reação é continuar gritando.

Ela não me responde.

Não se mexe.

Nada.

E por isso grito seu nome de novo.

Grito por ser a culpada.

Grito porque não consegui salvá-la.

Eu grito tanto que apenas paro quando minha garganta está machucada.

Quando a escuridão é a minha única companhia.

Quando a chuva cessa horas depois me deixando sozinha com seu corpo.



Seis horas.

Esse foi o tempo que fiquei segurando-a em meus braços.

Eu senti o seu corpo esfriar.

Senti seu coração dar a última batida.

Senti o cheiro de sangue em nossas roupas.

Dizem que, quando sofremos um acidente, nosso corpo entra em choque para nos proteger. Agora entendo o que isso significa. Porque, enquanto estou aqui, sentada, com o corpo dela ainda em meu colo, tudo ao meu redor parece desfocado, distante, como se eu estivesse vendo tudo através de um vidro sujo.

Meu coração martela forte, e minha respiração sai em pequenos arfados.

Ouçoo pessoas falando ao meu redor, sinto alguém tocar meu ombro e me encolho.

— *Você precisa soltá-la, querida* — alguém diz.

Mas não posso.

Nunca poderia.

Aqui ela está segura, ela não pode machucar ninguém.

Não pode se machucar.

— *Precisamos tirá-la daí, há sangue pelo seu corpo. Ela está machucada.* — Acho que é um homem que fala, mas não conheço a voz. — *Nós precisamos cuidar dela agora!*

Todos falam ao mesmo tempo, mas ninguém diz algo sobre salvá-la.

Sei que não há mais tempo.

Sei que a perdemos.

Ela conseguiu.

Agora ela está livre.

Mamãe finalmente está livre.

— Querida? — uma voz desconhecida chama.

Não respondo.

Não posso.

Não consigo.

Tudo dói.

Minha mente não pensa direito.

Eu só penso que a matei.

Eu matei a minha mãe.

— *Coração?* — a voz de papai ecoa de algum lugar.

Ele não deveria estar aqui.

Ele vai me odiar.

— *Você vai me odiar, papai* — murmuro mesmo que minha garganta doa.

Posso senti-lo se abaixar na minha frente, mas ele não tenta tirar o corpo dela do meu colo. Ninguém ousa

tirá-la de mim, porque sabem que se fizerem isso eu não vou sobreviver.

Ninguém pode tirá-la daqui.

Mamãe está segura aqui.

— Nunca poderia odiá-la, meu amor.

Ele não sabe do que está falando.

Ele não sabe o que eu fiz.

Não sabe que quando beber a dor será pior.

Ele. Não. Sabe.

— Nós precisamos levá-la ao hospital, Sr. Underwood — alguém diz a papai. — A adrenalina dela baixará a qualquer momento e ela sentirá dor.

Eles não sabem que mamãe não pode mais sentir dor?

Não sabem que ela não pode mais escutá-la?

Não sabem que...

— Mel... — Meus olhos se erguem e vejo desolação em seus lindos olhos. — Você precisa deixá-la ir querida. Você precisa soltá-la.

Mas eu não acho que poderia.

Não.

Ela está segura aqui.

— Eu não posso me mover, papai. — Dizer isso dói.

*Não posso.*

*Não posso.*

— Por que, querida?

— Porque enquanto eu não me mover não vai ser real, papai. — Uma última lágrima desce pelo meu rosto. — E não quero que seja, porque enquanto eu estou aqui, ela ainda não me deixou. — Mais lágrimas descem pelo meu rosto. — Então me deixa aqui, por favor. Me deixa com a mamãe para sempre.

Vejo uma lágrima descer pelo seu rosto.

Ele também se quebrou.

Ele também sente isso.

De repente, ele acena para alguém e sinto uma agulha em meu braço. Em poucos segundos, todo o meu mundo escurece.

Eu sinto que nada mais vai ser como antes.

Sinto que a pequena Mel morreu junto com a sua mãe.

Que ela estava certa quando disse que o amor era veneno.

E percebo que preciso ser forte, preciso lutar por mim.

Eu vou sobreviver a isso como sobrevivi a tudo.

Mesmo que isso signifique não acreditar em um sentimento tão lindo.



## PROMETE?

*Você pode dizer o que quiser, porque, veja, eu morreria  
por você, é*

*Estou de joelhos e preciso que você seja o meu deus*

*Seja minha ajuda, seja um salvador que possa*

*Remendar o que foi quebrado*

*Desdizer estas palavras ditas*

*Encontrar esperança na falta de esperança*

*Me tirar desse desastre*

**Train Wreck | James Arthur**

*Edmund Blackwell*

Eu sempre soube como lidar com situações difíceis.  
Gerenciar crises sempre foi algo que a minha  
família aprendeu desde cedo.

No entanto, ninguém me preparou para a  
desolação no olhar de Melany. Para como ela ficou  
letárgica depois que leu as cartas da mãe e me contou  
exatamente o que aconteceu no dia em que a perdeu.

Eu senti a dor da minha garota.

Eu vi como ela deixou o brilho para se tornar  
apenas uma faísca.

— Você não comeu nada — murmuro, observando-a se enrolar no cobertor. — E você precisa comer, linda.

Seu olhar se desvia do meu até a televisão onde um filme está passando. Do lado de fora, percebo que o tempo se tornou nublado como se estivesse acompanhando o humor de Mel.

E isso me preocupa.

Vê-la desta forma me preocupa.

— Não estou com fome — murmura. — Não temos que voltar hoje?

— Apenas se você quiser. — Sento-me ao seu lado, colocando uma mecha atrás da sua orelha. — Se quiser ficar na ilha, nós ficaremos. Você quem decide, wildcat.

— Eu não sei se desejo voltar.

— Por quê?

— Porque ir embora daqui significa voltar à nossa vida real. — Ela encolhe os ombros. — E não sei se desejo voltar para ela ainda.

— Em qualquer lugar onde estivermos ainda seremos reais, wildcat.

Mel ergue o rosto, fitando-me com calma.

— Ainda seremos reais — devolve, baixo.

— Isso, linda. Agora fique aqui que buscarei algo para você comer.

Mel meneia a cabeça, voltando a encarar a televisão. Observo-a por alguns segundos sabendo que ela não dirá nada, apenas ficará deitada vendo seus filmes até que finalmente consiga se recuperar e voltar a ser a mulher que não deixa que nada a quebre.

Sabendo disso, deixo um beijo em sua testa e me levanto e sigo até a cozinha.

Assim que estou no ambiente vazio, apoio minhas mãos no balcão e respiro fundo compreendendo que não posso deixar que qualquer coisa a atinja. Que nada do que fiz no passado pode vir à tona, mesmo que isso

signifique fazer Liam O'Brien sumir do mapa até que ela esteja bem outra vez.

Pego meu celular e ligo para a única pessoa que poderia me ajudar mesmo que eu odeie pedir por isso.

— *Me diga que você não fez alguma merda* — a voz nada gentil de Jonathan ecoa do outro lado da linha. — *Ou que precisarei te tirar da prisão.*

— Por que você acha que eu seria preso?

— *Porque está agindo como um merdinha imprudente pela primeira vez na sua vida* — grunhe e percebo que ele odiou que eu tenha o acordado. — *Fale o que quer, Edmund.*

Viro-me, observando o mar agitado e suspiro fundo.

— Por que não me surpreendo com a sua hostilidade?

— *Porque nunca me preocupei em ser gentil.* — Tédio está escancarado em suas palavras. — *Agora você vai dizer o que quer ou ainda preciso responder às suas perguntas sem fundamento?*

— Se eu vazar dados para abaixar os ativos de uma empresa e a comprar por um preço baixo, o que você me diria? — Vou direto ao ponto. — Seria uma aquisição arriscada mas que colocaria o nosso nome nos principais meios de comunicação.

— *Eu diria que isso seria antiético* — afirma e ouço a voz da minha mãe ao fundo.

— Como se você se importasse com a ética profissional.

Pego um suco, apoiando o telefone em meu ouvido.

— *Eu disse que seria, não que eu não faria o que for preciso para ter o que quero* — posso ouvir o tom de orgulho em sua voz. — *Qual empresa você levará à falência agora?*

— A O'Brien Enterprise — digo pegando alguns chocolates e frutas. — Haverá um vazamento que virá dos computadores da empresa e o mercado de ações

entrará em colapso. Então, após uma queda significativa das ações durante a noite, eu irei adquirir a empresa até o dia seguinte e exterminar o sobrenome deles do mercado.

Ele fica em silêncio por longos minutos.

— *Você não precisa de um aval.*

— Nunca foi a minha intenção pedir. — Abro um sorriso. — Estava apenas te comunicando para que possa se preparar para as próximas semanas.

— *Faça o que tiver que ser feito* — ele afirma. — *Apenas diga à sua irmã logo.*

— Sobre a compra?

— *Não, sobre o motivo pelo qual você está comprando uma empresa que não é nossa concorrente direta.* — Não há espaço para discussões. — *Você pode enganar a todos, mas ainda é meu filho e os olhares que você deu para a irmã de Logan não foram amigáveis ou de alguém que a odeia. E pelo que me lembro, ela namorava o herdeiro dessa companhia, então se você está disposto a destruir uma empresa por ela, tenha pelo menos a decência de dizer à sua irmã o motivo pelo qual fará isso.*

Aperto o telefone, sabendo que ele está certo.

Que não posso mais esconder isso.

— Eu irei.

— *Ótimo.* — Seu tom é brando. — *Agora faça o que for preciso e me deixe em paz.*

Sem esperar por uma resposta, ele desliga. Uma atitude que não me surpreende nenhum pouco.

Abro o aplicativo de mensagens outra vez e digito algo breve.

***itsedmundblackwell:*** volte para Nova Iorque.

***itsandrewwright:*** ela está bem?

**itsedmundblackwell:** *sim, mas ela precisará de você.*

Sem esperar por uma resposta, deixo o celular na bancada e volto a organizar tudo o que vim buscar. Pego um dos sucos favoritos de Mel junto com seus chocolates favoritos e as frutas que sempre está comendo antes de voltar até a suíte principal.

Puxo o edredom, sentando-me do meu lado da cama e me ajeito.

— Sente-se — de relance, percebo que ela me observa com uma sobrancelha erguida —, *por favor.*

— Por que sinto que essa é a primeira vez que pede por favor para algo?

Solto um pequeno sorriso.

— Porque talvez seja. — Dou de ombros. — Agora sente e coma enquanto me explica o que diabos é esse filme.

— Você não vai desistir, né? — questiona, se sentando e pegando a bandeja.

— Não.

— Você não precisa cuidar de mim, Ed.

— Eu sei, mas quero.

— E nem me tratar como uma princesa.

— Não ousaria. — Inclino minha cabeça para o lado.

— Eu te trato como uma rainha.

Melany revira os olhos, mas o alívio toma conta de todo o meu corpo, quando ela se ajeita levando um pedaço de fruta até os lábios e volta a encarar a TV.

— Então? — Pego o notebook reserva na mesa de cabeceira, prestes a fazer o que desejo enquanto ela continua comendo. — Sobre o que é esse filme estranho?

Mel divide a sua atenção entre as frutas e o filme. Um pequeno sorriso toma conta dos meus lábios quando percebo que todo o seu corpo relaxa e nossos braços se encostam.

— Ela é uma princesa que descobre que é a herdeira ao trono de um pequeno reino europeu chamado Genovia — ela afirma dando de ombros. — Não faça essa cara, ele é bom.

— Não tenho tanta certeza disso.

— Qual filme você gostaria de assistir, então? — questiona, erguendo uma sobrancelha. — Um documentário científico?

— Uma reprise das suas apresentações. — Roubo uma das suas frutas. — É o meu entretenimento favorito.

Melany tomba a cabeça para trás soltando uma gargalhada como se eu estivesse brincando. Essa cena me deixa mais aliviado porque seu sorriso é lindo e ela parece estar mais relaxada.

A naturalidade na forma como a cama parece ser o lugar certo para estarmos, é como se eu pudesse me acostumar com essa visão todos os dias ao lado dela.

Acho que nunca pensei em dividir a minha vida com alguém, nunca desejei ter uma pessoa me esperando em casa, dormindo na minha cama, vendo as dezenas de coisas que guardo. Nem dizendo a ela que todos os *HQs*, livros e jogos são parte de mim.

Na verdade, nunca achei alguém que me entenderia.

Até que Melany chegou.

Ela expulsou toda a calma, me fez questionar meus desejos, me desafiou quando a morte de Sophie me fez acreditar que não era mais capaz de sentir algo bom. Mel pegou toda a escuridão que fez morada em minha alma e a expulsou sem nem mesmo saber. E eu tentei lutar contra isso, tentei me manter afastado e tentei acreditar que estava melhor sem esse sentimento.

Mas a cada vez que lutava contra ele, mais eu a desejava.

Cada vez que a encarava, eu sentia o abismo em meu peito se fechar.

Eu queria estar na sua mente, no seu coração. Em todos os malditos lugares. Da mesma forma que ela sempre esteve no meu, porque Melany foi e continua sendo o sentimento mais arrebatador que eu fui capaz de sentir.

Ela me fez acreditar que meu coração pulsava em meu peito com algum propósito. No entanto, percebi que isso só acontecia quando ela estava por perto, quando olhava para mim e até mesmo me xingava ou apenas revirava seus lindos olhos cristalinos para demonstrar o quanto me odiava.

Mas o que Melany Underwood não fazia ideia era que quanto mais ela sentia isso por mim, mais eu a amava.

Porque não existe um maldito dia sequer que eu me lembre de não ter sido apaixonado por ela. Não desde que ela entrou na igreja vestida num vestido azul e segurando uma flor. Ou quando sorriu assim que Dylan deslizou a aliança no dedo de Hazel, me fazendo desejar fazer o mesmo com ela.

Melany me destruiu para qualquer outra pessoa.

*Ela* pegou meu coração e gravou seu nome de forma irrevogável.

— Você escutou algo do que falei? — sua voz indaga, me tirando dos devaneios.

— Não, sinto muito, querida. — Deixo o notebook de lado, inclinando minha cabeça em sua direção e pego seu queixo, acariciando sua pele. — Você pode me socar se isso compensar a minha falta de atenção.

— É uma proposta tentadora.

Umedeço meus lábios, sorrindo.

— Você gosta de me bater, Melany Underwood?

Ela solta uma risada deliciosa e automaticamente meus lábios se erguem.

Nossos olhos brilham.

Nada mais importa agora.

Ela está bem. O seu brilho está voltando.

A minha garota está voltando para mim.

— Tanto quanto você gosta de apanhar, Edmund Blackwell.

Minha risada aumenta e ela tomba a cabeça em meu peito enquanto afago suas costas.

— Você está bem? — sussurro, continuando as carícias.

— Eu vou ficar — afirma, dando um beijo em minha pele. — Só preciso de um pouco mais de tempo para processar tudo, mas sinto como se finalmente o peso do que aconteceu estivesse saindo dos meus ombros. — Sua voz é tão baixa e sei que não preciso pedir para que continue. — Mesmo que eu saiba que a dor da perda nunca vai embora de verdade, eu posso finalmente entender que nem todas as consequências de suas ações são perpétuas.

— Eu fico feliz em saber disso, linda. — Beijo o topo da sua cabeça.

— Como foi? — indaga e ergo uma sobrancelha. — Como foi para você superar a morte da sua irmã?

— Eu não superei, eu resignifiquei — digo, sabendo que ela é a única, além dos meus irmãos que me permito falar sobre isso. — Sophie fez mal aos meus irmãos. E se eu parar para ser sincero, ela também me fez mal. Mas ela ainda era minha irmã, minha melhor amiga, então eu continuava a amando. No entanto, não deixei que ela me machucasse tão profundamente como fez com Vee e Logan.

— Às vezes eu queria que fosse mais fácil, sabe?

Mel desenha círculos na minha pele.

— Poderia ser — murmuro. — Nós podemos fazer diferente.

— E se não pudermos?

— Como assim?

— Eu tenho medo de que as gerações futuras da minha família tenham o mesmo que a minha mãe. — Percebo que há vulnerabilidade em seu tom. — Logan e Vee estão prestes a serem pais e nem mesmo imaginam que seus filhos podem herdar os genes da minha mãe. Os *meus* futuros filhos podem ter isso.

Ajeito-me na cama, puxando-a para o meu colo e seguro o seu rosto entre as mãos.

Ela morde o lábio, segurando o choro.

— Tudo é uma probabilidade. Nossos sobrinhos e filhos — elevo as sobrancelhas, sugestionando o que meu coração pede desde sempre e Mel apenas solta uma leve risada. — podem ter o seu histórico familiar ou o meu, que diga-se de passagem também não é perfeito — profiro, olhando nos seus olhos. — Não podemos prever o futuro, Mel. Mas eu posso lhe dizer que essas crianças terão o melhor apoio familiar sempre. Nós teremos os melhores recursos e faremos o possível e impossível para protegê-los de qualquer coisa.

E me pego levando minha mão até sua bochecha, acariciando-a.

— Nós precisamos dizer a Vee e Logan — afirmo, de repente. — Sobre nós.

Os olhos de Melany recaem nos meus e sinto seu corpo enrijecer.

— Você quer dizer a eles?

Vejo a hesitação em seu olhar. Eu a entendo perfeitamente, mas não posso mais continuar fingindo que somos apenas um mero caso quando jamais seremos isso. Não posso mais viver com regras, quando ela é tudo o que desejo.

— Eu não vejo a hora do mundo todo saber que você é minha. — Sua mão se apoia no meu ombro. — Não posso continuar mentindo, não quero que você seja um segredo sujo, Melany. Você merece ser adorada, merece que o mundo todo saiba que é a minha rainha e

não quero e nem desejo tê-la apenas entre quatro paredes.

Ela estuda meu rosto por alguns segundos antes de morder o lábio inferior.

— Ok. — Sua mão sobe até meu rosto. — E se eles não gostarem?

— Então seremos você e eu contra todo o universo, linda.

— Promete?

— Com todo o meu coração.

Melany sorri antes de aproximar seu rosto do meu e selar nossos lábios.

Seu cabelo cai de lado, me dando todo o espaço para fechar minha mão em sua garganta, sentindo a sua pulsação enquanto aprofundo o beijo, sentindo o mundo todo se aquietar e seu gosto tomar conta de toda a minha boca.

Sua mão sobe até os fios do meu cabelo, apertando-os e inclino minha cabeça para trás, dando mais espaço para que dite o ritmo do nosso beijo.

Ele se torna intenso.

Pecaminoso.

Indescritível.

Tudo o que representamos.

Mel se afasta por um instante, sorrindo antes de lambe meu lábio inferior e se prepara para tirar a minha camiseta que está vestindo desde ontem quando saímos do banho. No entanto, quando meus dedos se fecham na borda do tecido para ajudá-la, seu telefone começa a tocar incansavelmente.

Nossos olhos se fixam um no outro e ela tateia até achar o seu e quando volta a se sentar em meu colo, percebo o nome de Logan estampado no visor.

Meu corpo todo enrijece.

Ele não poderia saber.

Não quando tenho todos os alertas no meu telefone.

Quando sei exatamente o que está acontecendo.

Contudo, arrasto meu olhar atrás do meu próprio celular e percebo que o esqueci na cozinha.

— Oi, Logan — ela diz quando atende e coloca no viva voz.

— *Onde diabos você está, Mel?* — Hesitação preenche seu rosto e massageio sua cintura, tentando acalmá-la. — *Eu estou tentando falar com você há horas.*

A mão dela treme e custa tudo de mim para não puxá-la e segurá-la contra mim.

— Eu precisei viajar para uma apresentação. — Percebo o quão culpada se sente por mentir para ele e meu aperto aumenta, mostrando que estou ao seu lado. — Aconteceu algo?

*Diga que não.*

*Diga que não.*

— *É Verônica* — ele finalmente fala e todo o meu corpo paralisa. Medo percorre minhas veias. — *Houve uma complicação no parto e ela precisará fazer uma cesariana de emergência.*

Nós dois nos encaramos.

Parto.

Verônica.

Nossos sobrinhos.

— Eu irei pegar o primeiro voo, Logan — anuncia, já saindo do meu colo. — Sinto muito.

Não escuto o restante de suas palavras.

Estou focado em me levantar e pegar meu celular para ligar para minha família.

Para saber o que caralhos está acontecendo com a minha irmã.

Medo toma conta de todo o meu corpo.

Medo que quase nunca sinto.

Porque, desde que Sophie morreu, perder Verônica sempre foi o meu pior pesadelo. Nunca poderia aceitar isso e muito menos agora que menti por semanas sobre algo que a machucaria.

— Ed?

— Vee precisa estar bem, Mel. — Viro-me para ela que já segura as poucas coisas que trouxemos. — Eu não posso perdê-la.

Ela deixa as coisas no balcão e vem até mim, segurando meu rosto.

— Você não vai. — Suas palavras são baixas, há dor em casa sílaba. — Você não vai perder a sua irmã e eu não vou perder a minha melhor amiga. Os três ficarão bem.

# 35

## VENENO

*Uma mulher mais forte não imploraria, mas eu olhei para  
o céu e disse*

*Por favor, tenho estado de joelhos, mude a profecia  
Não quero dinheiro, só alguém que queira a minha  
companhia*

*Deixe ser eu uma vez na vida, com quem preciso falar  
Pra ver se podem reescrever a profecia?*

**The Prophecy | Taylor Swift**

*Melany Underwood*

Eu não prestei atenção quando o helicóptero da Blackwell Enterprise pousou na ilha.

Nem quando embarcamos.

Muito menos quando chegamos a Saint Vincent depois de algumas horas.

Minha mente é um turbilhão de pensamentos desde a ligação de Logan.

Edmund, que está ao meu lado, parece ser a mesma bagunça que eu.

Nós dois não nos falamos durante o voo. Acho que nem mesmo olhamos um para o outro. Nosso

pensamento era apenas nas pessoas que daríamos a vida se necessário.

Agora, enquanto sobrevoamos a cidade, apenas desejo chegar logo ao hospital. Apenas preciso saber que Verônica está bem, que Logan não está quebrando tudo no hospital e que meus sobrinhos estão a salvo. Preciso de qualquer informação que acalme meus pensamentos.

Assim que pousamos, ouço Edmund falando algo ao telefone com seus pais. Jonathan e Amber embarcaram pouco depois de nós e estarão aqui o mais rápido possível.

Mesmo assim não consigo parar de pensar.

Não consigo compreender o medo que corre pelas minhas veias.

Eles precisam estar bem.

— Mel?

Viro-me para Ed, que para ao meu lado na saída do aeroporto.

— Sim?

— Não acho que seja uma boa ideia chegarmos juntos no hospital — diz e o entendo. Seria estranho, já que eu disse que estava viajando. — Mas...

— Não, está tudo bem. Você está certo — digo, ainda aérea. — Eu posso pegar um táxi.

Ele se aproxima, segura meu rosto com carinho e me beija rapidamente antes de dar um passo para trás e sinto como se todo o ar voltasse para os meus pulmões depois que me tocou.

Como se o estupor das últimas notícias finalmente estivesse se acalmando e meu corpo relaxasse aos poucos.

— Vá com o motorista da minha família — ordena, abrindo a porta do carro. — Eu já chamei um táxi.

Sabendo que não adianta discutir, apenas meneio a cabeça e me preparo para adentrar no automóvel.

— Não demore.

Ele sorri, mas a tensão é perceptível em seus olhos.

— Jamais. — Ed se inclina, deixando um beijo na minha testa. — Estou logo atrás de você.

Abrindo um pequeno sorriso, finalmente entro no carro e o motorista dá partida.

Fecho meus olhos, por um instante, pensando em como tudo pode mudar do dia para a noite. Em como ontem tudo parecia estar bem e, de repente, parece que o mundo está prestes a sair do eixo.

Às vezes eu tenho a sensação de que quando estou perto da felicidade, algo sempre a tira de mim. Parece que nunca sou merecedora de tal sentimento. E estou tão exaurida disso, estou tão cansada de todas as vezes ter que perder algo para o mundo.

Eu nunca tenho o que desejo.

Nunca sou aquela que tem o seu final feliz.

Eu sempre sou a telespectadora da minha própria vida.

Às vezes, sinto como se estivesse à deriva em um mar de emoções confusas. Quando me olho no espelho, me questiono se realmente sou boa o suficiente. Se tudo o que eu faço é apenas para suprir a falta que meus pais fizeram ou se sou apenas um pedaço disfuncional de um casamento fracassado.

Anseio tanto pelo dia em que poderei abraçar minhas imperfeições, me entender e aceitar cada fragmento da minha alma ferida.

De repente, meu telefone começa a tocar e, pensando que é meu irmão, apenas levo o aparelho até meu ouvido.

— *Mel?*

Ergo uma sobrancelha quando sou recebida por outra voz.

— Não é um bom momento, Liam — grunho, jogando a minha cabeça para trás. — Outra hora você pode tirar toda a minha paciência, mas agora não.

Ele não responde de imediato.

Liam arranha a garganta e suspira fundo e, se eu o conhecesse direito, diria até que ele hesita em dizer algo.

— *Aconteceu algo grave?* — Sua pergunta me pega de surpresa. — *Digo, você está bem?*

— Liam...

— *Eu só estou preocupado com você, ok?* — me interrompe antes que eu tenha a oportunidade de continuar. — *Você pode não acreditar, mas eu me importo com você, Mel. Sempre me importei.*

Respiro fundo, sabendo que ele não é o motivo pelo qual estou assim, mas estou tão cansada que apenas relaxo meus ombros.

— Verônica está em trabalho de parto — digo, massageando minha têmpora. — Então seja lá o que você queira me dizer, pode esperar?

Ele fica em silêncio outra vez.

Algo que me surpreende.

— *Na verdade, não.* — Ergo uma sobrancelha. — *É sobre Edmund e isso pode afetar a sua família. Na verdade, poderá afetar principalmente você.*

Meu corpo todo tensiona e um longo suspiro salta dos meus lábios.

— Não seja baixo em se meter em algo que não te diz respeito apenas porque não aceitei o seu pedido de casamento, Liam. — Minha voz é tão fria que me surpreendo. — Não...

— *Eu estou em Saint Vincent* — ele me interrompe e todo o meu corpo enrijece.

— Por quê?

— *Você não retornava as minhas mensagens e eu realmente preciso falar com você.* — Suspiro fundo sabendo que ele não irá desistir. — *É algo sério.*

— Se você tentar alguma merda, juro que te assassino e te jogo para os porcos — ameaço quando percebo que estou chegando. — Estamos entendidos?

— *Eu estava com saudade do seu jeito peculiar* — ele diz e reviro meus olhos. — *Irei até você, Mel.*

Sem lhe dar uma resposta, desligo e saio do carro assim que o motorista estaciona. Não penso muito, corro até a ala privada do hospital que Logan e Dylan reservaram. Respiro fundo apenas quando o elevador volta a se abrir e vejo toda a minha família parada na recepção.

Não encontro Logan, mas noto Analu, Hazel e Summer se levantarem e caminharem até mim. Hazel ajeita o seu jaleco e percebo que está em um dos seus longos plantões. Summer, por outro lado, apoia a mão na barriga pouco aparente e me dá um pequeno sorriso que não alcança os olhos. Enquanto Analu, massageia a têmpora, indicando-me o quão cansada está.

Do outro lado da sala, estão todos os amigos do meu irmão. Nenhum deles parece estar bem e a culpa me corroi por não estar aqui antes.

— Como ela está? — murmuro.

— Agora está bem — Hazel diz, deixando os ombros caírem. — Vee teve um sangramento e quando chegaram, descobriram que um dos bebês estava com a frequência cardíaca alterada, indicando sofrimento fetal. A cesariana ocorreu bem e agora ela está se recuperando enquanto Atena e Noah estão recebendo toda a atenção médica necessária.

Mordo meu lábio, imaginando o sofrimento de Logan. E não estive aqui para ajudá-lo a passar por isso.

— E meu irmão?

— Está lá dentro com ela — informa, cruzando os braços. — Ele não sairá de lá tão cedo. Acho que nunca o vi tão preocupado como hoje.

— Eu vou...

— Não. — Analu me corta e encontro o seu olhar afiado. — Você deveria ir para casa descansar.

Ergo uma sobrelanceira, levantando minha cabeça.

— Como é que é?

— Mel... — Sum começa.

— Você e Edmund estão nos maiores sites de entretenimento, Mel. — Analu a corta e suas palavras são frias. — Todos os veículos de comunicação estão falando sobre vocês. A notícia foi postada poucos minutos atrás, mas está em todos os lugares. Já havia rumores, mas eram infundados e agora há fotos, vídeos e até mesmo...

— Até mesmo o quê? O que está acontecendo? Que notícias são essas?

— Estão falando que você e Edmund foram os culpados pelo estado de saúde de Verônica — Hazel fala, colocando as mãos no bolso do jaleco. — Há também especulações de que você não aceitou o pedido de Liam porque tinha um caso com Edmund. Há algo que precisamos saber, Mel?

Não acho que posso respirar.

Todo o meu corpo parece tenso.

Não.

Não.

Não.

Não era dessa forma que eu queria que eles soubessem.

Não era desta forma que desejava que a minha vida tivesse uma derrocada.

Eu não...

— Respire. Foque na sua respiração. Inspira pelo nariz e expira pela boca, devagar. — A voz de Summer faz meus pensamentos acalmarem um pouco. — Isso, agora faça de novo. — Faço o que ordena. — Está tudo bem, Mel. Nós estamos aqui. O que quer que seja, nós estamos com você.

O barulho da porta se abrindo me faz virar a cabeça, para onde Edmund sai do elevador, ajeitando o pulôver no corpo. Ele paralisa quando seus olhos recaem

em mim e pela forma como me olha, sei que já sabe o que está acontecendo.

— Analu...

— Vocês não nos devem explicações, Mel. Tanto você quanto Edmund são adultos. — Ela dá de ombros. — Mas Logan e Vee não precisam de mais uma preocupação agora. Não depois desse parto difícil. Então, apenas vá para a casa, descanse e me deixe cuidar de tudo.

— Eu não queria machucá-los — acabo dizendo. — Não queria...

— Eu sei. — Ela inclina a cabeça para o lado e me dá um pequeno sorriso. — Levi e eu já desconfiávamos. Estava explícito no olhar de vocês. Nas desculpas... — Ela respira fundo. — Na verdade, vocês sempre se encaravam diferente, mesmo que ninguém quisesse assumir, estava lá. E Logan vai entender, só que ele não está no seu melhor estado agora, não depois de quase ter socado um médico por notícias da sua esposa.

— Ele...

— Vai ficar tudo bem — Summer afirma. — Analu e Levi já estão tomando as devidas providências. Hazel está monitorando Vee e os gêmeos. Apenas me deixe te levar para casa para que possa descansar e assim que Vee puder receber visitas, eu te trarei.

— Não, eu posso ir sozinha. — Suspiro fundo. — Eu *preciso* ir sozinha.

— Você tem certeza?

— Sim. — Mordo meu lábio, segurando as lágrimas. — Me mantenha informada, ok?

— Claro — Hazel responde com um sorriso gentil. — Vou pedir ao nosso motorista para te levar para casa, ok?

— Não é necessário. — Olho para Hazel. — Você pode me emprestar o seu carro?

Ela me encara por alguns segundos, mas sei que sempre vem dirigindo mesmo que Dylan odeie.

— Não acho...

— Eu estou bem, Haz — afirmo. — Já passei por isso antes e sei como funciona, mas preciso muito de um tempo sozinha antes de dizer para o meu irmão o que fiz durante essas semanas.

Elas se entreolham e mesmo hesitante, Hazel se vira, vai até Dylan e pega as chaves do carro antes de voltar e estender em minha direção. Com um suspiro, agradeço com um aceno antes de me virar e começar a andar em direção ao elevador.

Agora todas as pessoas que amo já sabem.

Como fui tão idiota por não ter tomado cuidado quanto a isso? Como, apenas como eu me tornei essa mulher que engana as pessoas que sempre me amaram? Como pude esquecer todos os meus objetivos? Apenas como?

— Mel?

— Agora, não — digo quando Edmund me intercepta no caminho. — *Por favor.*

— Me deixe cuidar de tudo, linda.

Mas Ed não tem culpa. Ele é tão vítima quanto eu.

Mesmo assim, ele me encara por alguns segundos, sabendo que não deve me tocar.

— Me deixe ir com você — pede, mas percebo que soa mais como uma súplica. — Você não está bem, linda.

Inclino minha cabeça em sua direção.

— Não. — Respiro fundo. — Olha o que estamos fazendo. Olhe o que está acontecendo ao nosso redor. — Minhas palavras são confusas até mesmo para mim. — Apenas, não, Ed...

Vejo um lampejo de decepção em suas pupilas e mesmo que tudo dentro de mim doa, sigo em direção ao elevador.

Logan foi o meu melhor amigo.

Ele se sentou na cama do hospital após o acidente e não saiu até que eu comesse.

Ele não deixou que os pesadelos me atingissem.  
Nem que papai descontasse a sua raiva em mim.  
Logan foi tudo na minha vida.  
E quando ele mais precisou, eu não estava aqui.  
Eu...

— Mel?

Sequer consigo perceber quando saio do elevador e vou para o estacionamento, me dou conta de tudo ao redor apenas quando uma voz indesejada se faz presente.

Não.

Não.

Agora não.

— Não é um bom momento.

Não quando há fotógrafos apontando câmeras para mim.

Não quando meu nome está estampado em todos os lugares.

Não quando estou à beira de perder meu controle.

— É importante, Melany.

Como pode algo ser mais importante do que o que está acontecendo?

— O que caralhos você tanto quer comigo, Liam? — Viro-me, gritando em sua direção. — O que não pode esperar nem mesmo até que minha família esteja bem?

Ele dá um passo à frente e não reteio.

— Porque eu sei o motivo pelo qual sua vida está prestes a desmoronar.

Franzo o cenho confusa.

Ele só pode estar brincando.

É a única explicação.

— Não seja um filho da puta. — Fecho meus olhos. — Eu realmente entendo que você tenha ficado chateado, mas saia daqui antes que eu perca o resto da minha paciência, Liam.

Ele leva a mão aos cabelos, bagunçando-os.

Seu olhar recai em meu rosto e ele suspira fundo.

— Eu nunca dei uma entrevista dizendo que você me traiu, Mel.

— O quê?

— Eu não fiz isso. Não seria idiota de fazer isso com a irmã de um dos maiores jogadores da NFL, muito menos com a mulher que eu sou apaixonado há anos. E meus pais me matariam se eu fizesse algo que manchasse a reputação deles. — Mais um passo. — Antes que me pergunte, eu também não estou por trás das fotos suas e de Edmund vazadas. Nunca faria essa atrocidade com você.

Medo toma conta do meu corpo.

Ele me encara como sempre me encarou.

— Não invente mentiras.

— Não são.

— Pare. — Aponto um dedo em sua direção. — *Apenas pare.*

— Me diga, Melany. — Ele dá mais outro passo. — Você sabia que seu apartamento estava rodeado de repórteres por que seu endereço foi vazado? Você sabia que o meu time foi ameaçado de perder praticamente todo o patrocínio se não concordassem com o que as notícias falavam e eu fosse mandado para outro time distante de todos? Você também sabia que o teatro que você tanto ama foi comprado depois que anunciaram que o espetáculo seria cancelado? Você sabia que a empresa da minha família está sofrendo vazamento de dados?

— Não continue...

— Me diga se você sabia, Mel. — Sua voz aumenta. — Ou melhor, me diga que você sabe quem fez isso. Me diga que você, que sempre foi inteligente o suficiente e amou sua independência, não caiu no jogo sujo dele. Me diga que você não foi para a cama com ele...

— Cale a boca, Liam — grito. — Não continue.

— E o melhor de tudo, você sabia que o maldito filho da puta que está te fodendo deu entrada na aquisição da empresa da minha família porque sabia que estou tentando te contatar desde o baile? — Ele dá um passo à frente. — E que ele deu uma quantia exorbitante para o meu pai me manter longe de você, porque eu nunca estive disposto a desistir de nós dois?

*Você sempre foi minha.*

*Você nasceu para ser uma Blackwell.*

*Me dê quatro dias.*

*Veja como você é completamente minha.*

*Eu não vou te deixar ir.*

*Não posso te deixar.*

Não.

Não.

*Não confie em ninguém.*

*Não seja estúpida.*

*O amor tira tudo de nós, querida.*

Meus pensamentos se sobrepõem um ao outro.  
Nada faz sentido.

Medo toma conta de mim. Meu coração pulsa tão rápido que nem mesmo consigo controlar a minha respiração.

— Melany?

E tudo paralisa ao meu redor.

Dessa vez, não é algo bom que fagulha dentro de mim quando ouço a sua voz.

Pelo contrário.

*Ele mentiu para mim durante todo esse tempo ?*

Eu confiei nele.

Eu dei tudo de mim.

Eu fui tão ingênua.

Tão patética.

*Eu esperei três anos por você.*

*Eu assisti às suas apresentações de longe.*

*Eu quebrei as minhas regras por você.*

*Você e eu somos para sempre.*

— Diga-me que é mentira.

*Diga-me.*

*Diga-me.*

*Por favor.*

O olhar de Edmund vagueia até Liam, que o encara ferozmente, e ele sabe.

Edmund maldito Blackwell sabe do que estou falando.

— Não posso.

*Como você pôde ter feito isso comigo?*

*Como pôde me machucar?*

*Como pôde mentir para mim?*

Dizem que conseguimos escutar o momento exato em que o nosso coração se quebra.

Dizem também que a dor é insuportável.

Sempre achei isso patético.

Até agora.

Até ver que Edmund me quebrou completamente.

Como o dia em que Aidan quebrou Sophie Blackwell. Como o dia em que a minha família destruiu uma das famílias mais poderosas dessa cidade. E eu deveria saber que nem toda relação seria como a de Verônica e Logan ou a dos nossos amigos. Deveria saber que apenas eles conseguiriam sobreviver às ruínas do que sobraram.

Eu não.

Porque ele me quebrou enquanto me adorava.

Ele me beijou enquanto mentia.

Ele...

— Linda...

— Não me chame assim. — Dou um passo em sua direção. — Nunca mais me chame assim. Nunca mais.

— Me deixe explicar.

— Não chegue perto dela, você já fez o suficiente — Liam intervém, se aproximando de mim. — Venha

comigo, Mel, eu te levo para casa.

— Não ouse tocar nela, porra. — a voz de Edmund é gélida.

— Você não tem nenhum direito sobre ela...

— É a minha mulher e é a minha cidade. Então cale a porra da boca e fique longe. — Seu tom de voz desce um decibel. — Se você ousar dar mais um passo, eu te mato. E isso não é uma ameaça vazia.

— Era. — Uma lágrima cálida desce pelo meu rosto. — Não sou mais nada sua.

— Mel...

— Você mentiu para mim. — Engulo em seco, sentindo minha garganta se fechar. — Enquanto eu te contava tudo, você mentia descaradamente. Você sempre me disse que odiava ser como seu pai, mas no fim foi pior do que ele. Você destruiu a minha vida... Meu Deus, você me prendeu e eu nem mesmo percebi porque estava sendo idiota demais.

Minhas palavras o atingem de forma cruel e eu não gosto disso.

Odeio não apreciar como ele sofre, como o machuco.

Odeio que não tenho coragem de continuar olhando para ele porque meu coração se parte mais.

Odeio tudo isso.

Odeio ainda sentir algo.

— Mel, por favor. — Mais um passo. — Melany, eu te...

— Não ouse completar essa frase.

— Você sabe que é a verdade que eu...

— Obsessão não é amor, Edmund — grito e ele dá um passo para trás como se as minhas palavras tivessem perfurado o seu coração. — E eu prefiro morrer a repetir a história dos meus pais. A continuar sentindo qualquer coisa por você. A olhar para você.

Então antes que eles possam me impedir, eu me viro e corro até o estacionamento, alcanço o Porsche e acelero.

Em cada curva, meu coração dói.

Cada vez que aperto o volante, lágrimas escorrem pela minha bochecha.

Mentiras sempre fizeram parte da minha vida.

Mentiras sempre foram a minha válvula de escape.

Até que a verdade veio à tona.

Agora penso nas palavras da minha mãe, quando dizia que o amor era um veneno.

E eu me recusei a provar dele por anos.

Mas, em algum momento, eu o engoli. Por um momento, me entorpecí dele.

Agora percebo que é tarde demais.

Porque a cada vez que eu me intoxicava dele, o antídoto deixava de fazer efeito.

Foco meu olhar na estrada enquanto acelero, mesmo sabendo que é imprudente. Mesmo que o grito que esteja em minha garganta nunca saia, mesmo que o mundo pareça estar desacelerando ao contrário de mim.

Tudo está errado. Tudo é...

De repente, sinto o volante virar.

De repente, eu grito.

De repente, eu sei o que está acontecendo.

Foi como a primeira vez.

Mas não há alívio.

Há apenas medo. Medo cruel e irredutível.

Medo que percorre as minhas veias e me deixa paralisada.

Então, eu sinto.

O carro gira.

Uma. Duas, Três vezes.

Então, capota.

O cinto me prende no lugar, o *airbag* é acionado e sinto o vidro ao meu redor se estilhaçando.

Todo o meu corpo dói. As lágrimas descem pela  
minha bochecha. O meu coração martela  
desenfreadamente em meu peito e apenas fecho o olho.

Então, há um barulho.

Um estrondo.

E, de repente, escuridão.

# 36

## MEDO

*Você pode me ouvir gritando: Por favor, não me deixe?*

*Espere, eu ainda te quero*

*Volte, eu ainda preciso de você*

*Me deixe pegar a sua mão, eu vou consertar tudo*

*Juro te amar por toda minha vida*

*Espere, eu ainda preciso de você*

**Hold On | Chord Overstreet**

*Edmund Blackwell*

Há uma teoria que diz que, se alguém voltasse no tempo e mudasse algo, não destruiria a linha do tempo original. Ao invés disso, criaria uma nova realidade em um universo paralelo.

Ou seja, se voltássemos ao passado e impedíssemos um evento trágico, não estaríamos apagando a linha do tempo em que o desastre ocorreu. Aquela realidade continuaria existindo. Mas, você não passaria pelo caos que foi gerado. Ele não extinguiria, mas também não iria te perseguir naquele lugar.

Eu gostaria de poder fazer isso agora.

Gostaria de poder voltar no tempo e fazer tudo diferente.

Gostaria de explicar a ela o motivo pelo qual fiz todas as atrocidades para tê-la.

Eu gostaria de fazer qualquer coisa para fazer o tempo parar neste momento.

Quero estar numa realidade onde tudo dá certo. Onde não há os nossos problemas nos impedindo de ficarmos juntos.

— O que você disse a ela? — grito. — Que. Merda. Você. Disse. A. Melany?

Não reconheço a minha voz, não consigo raciocinar. Porra.

Porra.

Ela não está bem para dirigir.

Precisa de qualquer um dos nossos amigos.

Mel só não pode ficar sozinha.

— A verdade. — O babaca relaxa o corpo. — Estava na hora do seu Conto de Fadas acabar.

Eu não penso muito, apenas avanço em sua direção e meu punho vai de encontro com sua mandíbula. Não me importo se há câmeras viradas para nós, se meu nome estará estampado nas revistas ou se o Conselho da Blackwell Enterprise vai querer a minha morte por precisarem lidar com um escândalo causado pelo filho mais controlado.

Não. Me. Importo.

Apenas continuo socando e perdendo o controle pela primeira vez em minha vida.

Faço isso pelas dezenas de vezes que arrumei a bagunça que ele deixou para trás. Pelas vezes que traiu Melany pelas suas costas, pelas centenas de vezes que apenas usou o nome dela para conseguir acessar os melhores lugares.

Liam nem mesmo reage e continuo batendo em seu rosto com toda a raiva que guardei para mim

durante todos esses anos. Pelos anos que ele me manteve afastado dela, pela forma que a fez de idiota, em como conseguiu manipular toda a situação para que eu fosse a pessoa errada quando ele é o grande filho da puta.

— Edmund! — uma voz conhecida me grita.

Mas eu não paro.

Não quando ele a fez perder a confiança em mim. Quando me tirou a única coisa que já amei com toda a minha vida. Que passei semanas tentando conquistar. Que é dona de todos os meus pensamentos. Toda a minha vida.

Quando a enxurrada de sentimentos agora grita em meu peito.

Hematomas tomam conta do seu rosto, sangue escorre pelo seu nariz e mesmo assim não consigo parar.

— Solte-o. — Sinto as mãos me puxando. — Ele não vale o seu tempo. — É a voz de Andrew. É ele quem me puxa, tentando me trazer para a realidade. — Você não a terá de volta assim.

Mas não paro.

Não consigo.

Eu quero que ele pague por qualquer coisa que acontecer com ela.

Quero tanto.

— Porra — Andrew grita, me puxando com força e finalmente me tirando de cima dele com a ajuda de um segurança. Sua frase me atinge tão forte que finalmente solto o idiota e me ergo, meio desnorteado ainda. — Agora que finalmente tenho a sua atenção. Me explique o que *caralhos* estava pensando quando fez isso. E por que a foto da minha melhor amiga está estampada em todos os sites de fofoca?

— Andrew — chamo.

— E por que diabos esse filho da puta está aqui? — Ele aumenta a voz se virando para Liam que é carregado

por alguns seguranças rumo à emergência. — Me diga, Edmund.

Percebo que seus olhos estão assustados enquanto ajeito a manga do meu suéter e limpo minha mão coberta de sangue. Meu olhar vai até onde ele segura a chave de seu carro e apenas o encaro sem demonstrar que estou perdendo o controle.

— Me dê as chaves do seu carro.

Ele ergue uma sobrancelha.

— Você não vai dirigir assim.

— Me dê as chaves, Andrew — suplico e ele finalmente entende o nível do meu desespero. — *Por favor.*

Sem dizer mais nada, ele apenas estende a mão e saio correndo até seu carro.

Todos os meus movimentos são automáticos e percebo que as minhas mãos apertam o volante com tanta força que os nós dos meus dedos estão brancos. Acelero para fora do estacionamento como se estivesse em uma das corridas que a minha irmã participava antigamente.

Nem mesmo o vento batendo contra o meu rosto me acalma.

As luzes da cidade passam borradas pelo vidro, meus olhos estão fixos no asfalto à minha frente, ignorando tudo. O motor ronca alto e sinto a vibração sob meus pés a cada vez que piso no acelerador.

— Onde você está, querida? — murmuro quando o som é abafado pelos batimentos rápidos do meu coração. — Onde...

No entanto, assim que alcanço a estrada perto da ponte que divide a cidade, todo o meu peito aperta. O mundo para ao meu redor quando vejo um carro destruído na beira da estrada. A fumaça sobe em espirais sombrias, misturando-se ao cheiro de gasolina e metal queimado.

*Não é real.*

*Não é real.*

*Não é real.*

As três palavras martelam em minha mente.

Minha respiração fica presa quando piso bruscamente no freio, obrigando o carro a girar e parar próximo a onde o automóvel idêntico ao de Hazel está destruído.

Minhas mãos soam quando abro as portas, sem dar o trabalho de desligar o motor.

*Não é ela.*

*Não pode ser ela.*

*Por favor, não.*

Eu nunca fui uma pessoa religiosa, mas neste momento, eu peço aos céus que isso seja um pesadelo e quando abrir os olhos, Melany estará deitada em meus braços como hoje de manhã, me provocando com seu sorriso lindo e me beijando como se nada mais importasse.

Eu só preciso dela.

Da minha garota.

Minha bailarina.

— Porra — murmuro. — Melany!

Atravesso a pista correndo, sem me importar com nada.

Ela precisa estar bem. É apenas isso que preciso saber. Apenas isso.

Grito o nome dela, incontáveis vezes, mas minha voz sai rouca, fraca, perdida na confusão. Corro até o carro, mas meus pés parecem afundar no asfalto, como se o mundo estivesse tentando me conter.

Quando finalmente chego perto, vejo os airbags estourados, o vidro quebrado espalhado pelo banco, e então... o silêncio.

O pior silêncio que já ouvi.

Assim que me abaixo, sinto como se todo o meu mundo estivesse sendo destruído. Meu corpo treme ao vê-la ali, imóvel.

O sangue escorre por todo o seu rosto lindo.

O seu colar de coração está todo arruinado.

Os olhos que sou completamente apaixonado estão fechados.

A memória de anos atrás, por um instante, me causa pânico.

O medo que senti quando vi Sophie morrendo, gela todas as minhas veias. O medo de perdê-la assim como perdi a minha irmã me paralisa por um instante. Tudo está se repetindo como um ciclo interminável.

*Ela não é Sophie.*

*Ela não morreu.*

*Eu preciso enfrentar meus medos para salvá-la.*

Não deveria ser assim.

Não deveria perdê-la dessa forma.

Tudo dentro de mim se despedaça quando meus olhos estudam o corpo frágil desacordado. Pequenos filetes escarlates escorrem pela sua testa. Sua roupa está completamente manchada e sinto que nunca esquecerei esse momento.

Nunca poderei esquecer o cenário que se materializa na minha frente.

Nunca me perdoarei por isso ter acontecido.

— Mel — chamo-a, sentindo o nó se formar na garganta, apertando a respiração. — Fale comigo, amor. Eu estou aqui, apenas fale comigo.

Mas ela não responde. Não abre os olhos. Nada.

Há apenas o silêncio.

*Não.*

*Não*

*Não.*

— Por favor, querida. — Minha voz aumenta quando finalmente abro a porta e, com cuidado, solto o cinto de

segurança e a retiro do carro com cuidado, pois o cheiro de gasolina dá indícios de um possível incêndio. — Apenas fique comigo. Apenas me deixe saber que você ainda está aqui.

*Por favor.*

*Por favor.*

*Por favor.*

Ela não pode me abandonar.

Não pode desistir assim.

Ela é Melany Underwood. Ela nunca aceita a derrota.

Sento-me no chão, puxando-a para o meu colo e limpo o sangue de seu rosto.

Há tanta fragilidade.

Segurando seu corpo delicado, pego o celular com as mãos trêmulas e ligo para o primeiro número que vejo na tela. Conforme ouço cada toque, uma onda crescente de ansiedade e medo começam a dominar meus pensamentos.

— *O que aconteceu?* — a voz de Dylan ecoa.

— Eu preciso de ajuda, Dy — murmuro. — Eu vou perdê-la. E eu não posso perdê-la, Dylan. Ela é tudo para mim.

Não preciso especificar quem.

Não preciso de mais nada.

— *Me diga onde você está.*

— Perto da divisão da Parte Alta. Eu preciso de uma ambulância, de médicos. Porra, qualquer coisa que possa ajudá-la — conto, torcendo com todas as minhas forças que seus olhos se abram e escuto Dylan gritando com alguém sobre mandarem uma ambulância rápido. — Não demore, Dy. *Por favor.*

Eu nunca imaginei que iria implorar tantas vezes em um só dia.

Nunca imaginei que me sentiria tão desesperado desta forma.

Nunca.

— *Eu estou chegando, ok?* — ele afirma. — *Apenas preciso que você respire fundo. Nós estamos chegando com ajuda, Ed. Nós vamos salvá-la.*

Não respondo.

Não acho que poderia.

Meus olhos estão focados nela. Apenas nela.

— Melany.

Chamo novamente, minha voz quebrada pela angústia, em uma tentativa desesperada de arrancar qualquer resposta do silêncio ao meu redor.

Qualquer som, qualquer sinal de que ela ainda está comigo.

Que ela não me abandonou, não assim, não agora.

Qualquer coisa que me prove que ela ainda está aqui porque eu sei, apenas sei, que não posso existir em um mundo onde ela não esteja.

— Mel, amor, fale comigo. — Puxo-a mais para mim. — Fale comigo, amor. Por favor. Apenas fale comigo. Me deixe saber que você ainda está aqui, linda.

Nada.

Não há nada.

Porra.

Eu não posso perdê-la, não aceito perdê-la.

Não hoje. Não agora.

*Nunca!*

De repente, seus olhos se abrem e Melany tosse. Seu gemido doloroso ecoa pelo ambiente e seus olhos encontram os meus. Há tanta dor refletida neles, tanta agonia que poderia destruir o mundo se isso significasse que ela ficaria bem.

Que a minha mulher não sofreria.

Uma lágrima cálida desce pelo seu rosto e meu mundo termina de desabar.

— Você... está aqui — diz, engolindo em seco.

Dói escutar sua voz frágil.

Dói saber que causei isso a ela.

— Eu vou para qualquer lugar que você estiver, amor — digo, limpando os resquícios de sangue. — Porque eu posso perder tudo, Melany, mas não você. Então não ouse fechar seus lindos olhos. Não ouse me abandonar. Apenas continue comigo, ok?

— Dói, Ed — ela murmura. — Tudo dói.

— Eu sei, querida. Eu sei. — Mordo meu lábio sabendo que preciso ser forte. — Mas só precisamos esperar mais um pouco, ok? — peço, engolindo em seco. — Seja forte só mais um pouco, amor.

Mel respira fundo.

E quando ergue uma mão até meu rosto e percebo que estou chorando.

Algo que não faço há anos. Que não conseguia. Mas por ela, pela mulher que amo com todo o meu coração, eu faço. Lágrimas grossas descem pela minha bochecha quando o pensamento de perdê-la se torna insuportável.

Eu preciso dela.

Constantemente.

Nada se parece com ela. Com a minha bailarina. Com a mulher que me fez rir quando achava que era impossível.

Preciso da mulher que sorri quando beijo sua testa, que ama quando cozinho para ela. Que dança com a alma e é gentil com qualquer pessoa que precise de sua ajuda. Preciso da mulher que ama frutas e odeia carne. Que tem medo do escuro e sempre procura o meu corpo para se sentir segura durante a noite.

Preciso da mulher que me provoca e me tira do eixo.

Da mulher que ama comédias românticas, mas diz odiar o amor.

Que sonha em ter um cachorro e quase roubou Doc para ela.

Que tem uma coleção infinita de vestidos.  
Que ama livros e odeia músicas agitadas.  
Que diz amar festas, mas sei que odeia lugares cheios.

Pela mulher que me conquistou quando me ameaçou.

Eu só não posso perder a mulher que eu amo.

Amo com todo meu ser.

O medo de que ela não sobreviva é algo que nunca sequer pensei em experimentar.

E *eu* prefiro morrer a ter que viver em um mundo que ela não exista.



## SINTO MUITO

*Você disse que nunca mentiria, então por que está mentindo para mim?*

*Eu lhe dei a minha confiança, meu coração e tudo dentro de mim*

*Me diga, como me retribuiu? Você me fez de idiota  
Não consegue ver o que está fazendo? Me deixou em pedaços*

**Lie To Me | Tate McRae feat. Ali Gatie**

*Edmund Blackwell*

Estudiosos dizem que quando nosso corpo entra em modo de autoproteção, ele tende a agir mais devagar.

Nossos movimentos são mais mecânicos. Nossos pensamentos disfuncionais. Nós também sentimos uma onda de adrenalina percorrer nossas veias, acelerando o coração e aguçando os sentidos. É como se nosso corpo decidisse que não há tempo para sentir nada.

É exatamente assim que me sinto enquanto observo a melhor equipe do hospital correr com Melany para o centro de trauma.

Escuto Hazel dizer algo. Dylan e Levi segurarem o meu ombro tentando me puxar para a realidade e me impedindo de seguir com ela. Andrew chora sentado na poltrona e Oliver o ampara.

Eu vejo tudo. Mas não consigo processar nada direito.

Tudo é um borrão.

Tudo parece errado.

— Ed — a voz suave da minha mãe ecoa de algum lugar. — Olhe para mim, querido.

*Quando ela chegou?*

— Fechem toda a ala. — Escuto meu pai gritando. — Eu quero todos os médicos desse maldito hospital focados apenas em Melany, Verônica e em meus netos. — Ele faz uma pausa. — Cuide para que minha filha não saiba de nada até que tenhamos mais notícias.

Escuto Dylan gritar algo, escuto Analu tentar se aproximar. O sangue dela está por toda parte. A voz dela ecoa em meus ouvidos. A imagem de suas lágrimas inundam meu pensamento.

Caio lentamente de joelhos sobre o piso branco e brilhante do hospital.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto de uma maneira irrefreável, mas não me importo. Não me importo que todos estejam me vendo quebrar pela primeira vez na vida, que eu esteja a ponto de fazer qualquer coisa para saber notícias dela.

Eu só preciso saber que ela ficará bem.

Que o mundo não está tirando a única coisa que amo.

— Você precisa se recompor, querido — mamãe volta a falar. — Você precisa ser forte por ela. Então, levante-se e tente ser forte, ela vai precisar de você.

De relance, observo o exato momento em que Logan, Aidan e a tia deles saem do elevador. O olhar deles recaem em mim; de joelhos, destruído e com

minha roupa completamente encharcada do sangue da irmã deles. Audrey solta um grito desesperado quando percebe a gravidade da situação e o som me faz encolher porque sei o que está sentindo.

Meu rosto se ergue até onde Logan está parado, encarando-me com medo.

Raiva estampa a face de Aidan.

Eles sabem, eles simplesmente sabem o que está acontecendo. O porquê estou arruinado desta forma.

Levanto-me, com dificuldade, observando meu cunhado me encarar como se estivesse se perguntando quais problemas ele terá se me socar. Qual mal ele causaria se deixasse toda a sua raiva vir à tona. E acho que não me importaria se me socasse tanto que eu perdesse a consciência, desde que *ela* fique bem.

Acho que não me importaria com nada que acontecesse comigo. Estou muito ocupado pensando que a única coisa realmente importante se encontra em uma sala de cirurgia lutando pela sua sobrevivência.

No entanto, é Aidan que me surpreende quando vem em minha direção e soca a minha mandíbula, me jogando contra a parede mais próxima. Ele segura a gola da minha camisa, batendo em meu corpo e sinto todo o ar fugir do meu pulmão.

*Continue.*

*Faça tudo isso.*

*Eu mereço.*

Outro soco atinge meu rosto e apenas o aceito.

Eu mereço cada um deles.

Cada dor infligida.

— O que você fez com ela? — ele grita contra o meu rosto. — O que você fez com a minha irmã?

Seus olhos são gélidos, perigosos.

Algo que não me surpreende.

Eles são idênticos aos dela.

Alguém o afasta de mim e escuto gritos, mas não consigo dizer nada.

Não consigo pensar em nada além de Melany.

— Parem — Logan grita. — AGORA!

Meu olhar vagueia até ele. Nossos olhos se encontram e vejo a frieza estampada em seu rosto. Vejo o porquê ele foi o rei da SVU por tantos anos, o porquê ninguém o enfrentava nas corridas além da minha irmã.

Eu finalmente o vejo.

E entendo o quanto trai sua confiança.

Ele me pediu apenas uma coisa e eu fiz totalmente o contrário.

Logan deveria estar comemorando o nascimento dos seus filhos, deveria estar com a minha irmã.

Ele deveria...

— Ed? — A voz fraca de Verônica me faz desviar o olhar dele. — É verdade?

Minha garganta se fecha quando a percebo no corredor, vestindo a camisola do hospital e sentada na cadeira de rodas, com lágrimas nos olhos. Lágrimas que eu causei. Vee apoia a mão na barriga e atrás dela, uma enfermeira a ajuda como se soubesse que o que está fazendo é totalmente contra as recomendações médicas, já que passou por uma cirurgia há poucas horas.

Dou um passo em sua direção e Logan se coloca entre nós, impedindo-me de chegar até a minha irmã.

— Você já fez o suficiente — grunhe, feroz, e todo o meu corpo enrijece. — Então fique longe da minha esposa e da minha irmã. E não me faça perder o pouco de respeito que ainda sinto por você, Edmund.

Eu sempre soube que Logan me odiaria quando descobrisse tudo.

Sempre soube que ele nunca mais me olharia como um amigo.

Mas a frieza explícita em seus olhos me faz perceber que não apenas perdi a mulher que amo, mas

também um amigo e até mesmo a minha irmã.

— Eu não quis machucá-la — finalmente digo algo.  
— Nunca quis machucá-la.

— Não é isso que parece — contrapõe, respirando fundo. — E se ainda tem um pingo de bom senso, vai ficar longe dela. Você não vai olhar para Mel novamente, porque você não merece isso. Não merece respirar o mesmo ar que a minha irmã. E eu realmente não faço algo pior com você por respeito a minha esposa e aos meus filhos. Porque mesmo que eu deseje muito isso, você ainda é família e nós não machucamos a nossa família.

Fecho meus olhos por um instante, sabendo que ele está certo.

*Nós não machucamos nossa família.*

Mas eu o fiz.

Por ser um maldito egoísta, eu o fiz.

— Vee? — Meu olhar se desvia para a minha irmã que agora tem Hazel, Analu e Summer ao seu lado. — Eu realmente sinto muito.

*Sinto muito por te machucar.*

*Machucar a pessoa que te salvou.*

*Machucar nossos amigos.*

*Por tudo.*

— Por que você fez isso, Ed? — ela sussurra e percebo que está lutando contra a dor.

— Vee....

— Apenas me diga o porquê. Me diga qualquer coisa, porque não posso acreditar que você faria isso sem uma justificativa. Não acredito que me decepcionaria desta forma, Ed. — Ela engole em seco, apoiando a mão no braço de Hazel. — E eu te amo, *sempre vou te amar*. Você é uma parte fundamental na minha vida. Só que o que O'Brien está dizendo não é algo que você faria. Então, por favor, me diga a verdade. — Ela respira fundo como se lutasse para não chorar. —

Porque eu não consigo entender o motivo pelo qual está mentindo dessa forma?

— Eu não posso te dizer. — Suspiro fundo. — Não sem falar com ela.

— Verônica... — Logan a chama.

— Ele é o meu irmão. É a minha metade e eu não vou ficar contra ele sem saber os seus motivos, sem saber o que caralhos está acontecendo — ela grunhe e Logan dá um passo à sua frente quando percebe que ela está sentindo dor. — E realmente espero que você entenda isso, Logan.

Suas palavras me atingem como um soco.

De todas as coisas que ela me disse, essa doeu de forma inigualável.

De todas as maneiras que Verônica me encarou, essa é a que mais dói.

Ela estava lá por mim quando mais precisei.

Ela me segurou, me apoiou e me abraçou.

Verônica sempre foi a melhor parte da nossa família e no momento em que ela mais precisa de mim, eu consegui magoá-la profundamente.

— Eu só preciso saber como ela está. Só preciso saber que ela vai ficar bem... — Encolho meus ombros. — E eu prometo sumir da vida dela. Prometo nunca mais...

— Você não precisa prometer nada porque *eu* farei o impossível para você não chegar a um metro de distância da minha irmã. Eu farei com que você pague pelo que aconteceu — Aidan intervém, torcendo o nariz em desgosto. — Nem que eu precise te...

— Cuidado com as suas próximas palavras, porque se você ousar tocar em um fio de cabelo do meu filho, quem morre é você — meu pai ameaça, colocando as mãos nos bolsos do terno. — Nunca ameace a minha família. Porque eu não me importaria de foder a sua vida por isso.

— Sua família pode fazer a minha sofrer, mas não podemos revidar? — desdenha, erguendo o queixo.

— Vocês podem fazer o que desejarem, contanto que saibam que haverá consequências — minha mãe afirma, parando ao lado do meu pai. — Logan e Mel sempre terão a nossa proteção, mas você não. Então tome cuidado quando for ameaçar alguém importante para minha família, Underwood.

— Melany nunca precisará de vocês — Audrey goteja. — Logan pode ter superado o que nos causaram. Mas nós, não.

— Você se aproveitou bem do nosso dinheiro quando lhe convinha, então não acho que seus argumentos sejam válidos, Sra. Underwood — Dylan afirma, cruzando os braços.

— Dylan — Hazel intervém. — Não.

Meu olhar vai para Logan que, agora, está do outro lado da recepção, segurando Vee e tenta convencê-la a voltar para o quarto que nem mesmo presta atenção no que está acontecendo aqui.

Nada disso é certo.

Essa rivalidade não é certa.

Isso deveria ter acabado anos atrás, deveria ter sido enterrada junto a Sophie, que foi a causadora de todo o sofrimento entre nossas famílias.

Ela se matou.

Ela nos manipulou.

Foi ela quem nos destruiu.

— CHEGA! — minha voz ecoa na recepção. — Já chega dessa briga. Já chega de vocês insistirem sempre no mesmo assunto. Já chega da memória de Sophie sempre estar presente. Ela morreu. Ela se matou. E o amor da vida dela não era você, Aidan, ou meus irmãos e eu. Era apenas ela mesma. E quanto mais cedo você entender isso, mais cedo poderá se livrar da culpa que carrega. — Respiro fundo, controlando todas as minhas

emoções. — Eu amo a Melany assim como Logan ama a minha irmã. E tudo o que eu fiz foi porque precisava fazer para que ela não acabasse em algo que odiaria. E meu único erro foi não ter contado para ela antes. Foi não ter dito o quanto sou completamente apaixonado por ela e que não me importo se odeiam isso.

Aidan tensiona a sua mandíbula e seu olhar furioso se desvia para mim.

— Se você a amasse como diz não teria a deixado dirigir daquela forma.

Suas mãos se fecham em punho.

Aidan tira conclusões infundadas e desnecessárias para o momento.

— Se eu não a amasse, eu teria a deixado sofrer as manipulações de Liam. Teria deixado se casar com um idiota que está à beira da falência, que a traiu em todas as oportunidades e que se fez de coitado porque sabia que eu o destruiria, Aidan — digo, deixando que meus pensamentos se acalmem por um momento. — Então não ache que me sentiria bem sabendo que a mulher que amo está sofrendo em uma sala de cirurgia por *minha culpa*.

Seus olhos não desviam do meu.

Eu sei que ele quer me socar de novo. E aceitaria a dor, se soubesse que com isso ela estaria bem.

Apenas...

Meu pensamento é cortado quando a porta da sala de espera se abre. Uma mulher de jaleco branco entra com um semblante sério e caminho desesperadamente até ela. A médica olha para todos nós, depois foca o olhar em mim, talvez por perceber que estou à beira de perder o controle.

— Família de Melany Underwood? — pergunta, e apenas aceno com a cabeça, incapaz de encontrar palavras.

Ela dá um pequeno suspiro, como se estivesse se preparando para nos dar a notícia.

*Me diga que ela está bem.*

*Me diga.*

*Por favor.*

— A cirurgia correu bem dentro do possível, mas o acidente foi grave. — Os olhos dela se desviam entre mim e Logan. — Tivemos que colocá-la em coma induzido por algumas horas para garantir a estabilidade. Ela sofreu ferimentos significativos, mas temos confiança de que Melany ficará bem.

Alívio e medo se misturam dentro de mim.

Ela vai ficar bem.

A minha garota vai ficar bem.

Ela... uma lágrima cálida desce pelo meu rosto.

O mundo volta a fazer sentido e minha respiração, por um momento, volta a normalizar.

— Ela vai... — Forço minha voz a sair calma, mesmo que eu não me sinta assim. — Ela vai poder dançar de novo?

É a minha única preocupação.

É tudo com que me importo.

Nada mais.

Dançar é a vida de Melany, é o que a faz brilhar.

Eu não consigo imaginar o que isso significaria para ela se nunca mais pudesse subir em um palco e brilhar. Se ela não puder sorrir sempre que aprende uma nova coreografia. Se ela não puder se sentir livre de todos os seus demônios.

A médica olha para mim com compreensão nos olhos.

— Melany não sofreu nenhuma fratura que prejudicará a carreira dela como bailarina. — Finalmente respiro aliviado. Finalmente compreendo que posso ir embora e deixá-la ser feliz. — No entanto, ela precisará de um tempo para se recuperar. Meses talvez. As lesões

são significativas, e será necessário um afastamento para que ela possa se cuidar.

Meses.

Ela não vai poder se apresentar por meses.

As palavras da doutora caem sobre mim como uma avalanche.

Melany nunca me perdoará.

Ela nunca mais vai conseguir me encarar.

Não quando fui o responsável por mantê-la longe da coisa que ela mais ama em toda a sua vida. Da coisa que a salvou quando nem mesmo acreditava que havia salvação.

Posso ouvir o lamento das melhores amigas dela.

O choro de Andrew.

O meu coração se partindo.

Posso sentir tudo.

E finalmente tenho clareza do que preciso fazer.

Por isso, apenas me viro e sigo até o elevador, deixando todas as pessoas que Mel precisará enquanto me afasto da única mulher que conseguiu me fazer sentir vivo.

Eu a deixo com a única parte do meu coração.

Com tudo o que resta de mim.

Meus pensamentos.

Minha alma.

Minha dor.

Deveria saber que nenhum final feliz chegaria para mim, deveria ter entendido que alegrias violentas têm fins violentos, como Shakespeare já dizia.

E, infelizmente, Melany Underwood foi a minha.



## ATÉ O FIM

*Quando estou cego na minha mente  
Eu juro que eles seriam meu resgate, minha salvação  
Eu não sei o que faria, se eu sobrevivesse  
Meus irmãos e minhas irmãs na minha vida, sim  
Conheço algumas pessoas, elas morreriam por mim  
Nós fugimos juntos, eles são minha família*  
**Family | The Chainsmokers feat. Kygo**

*Melany Underwood*

Meu corpo todo dói.

Até mesmo o mínimo movimento de tentar abrir  
minhas pálpebras.

Piscando com lentidão, sinto a luz suave penetrar  
pelas cortinas e o primeiro som que ouço é o bip  
constante de uma máquina ao meu lado.

Cada músculo, cada articulação, parece queimar,  
como se eu tivesse corrido por milhares de quilômetros.

Tento mexer os dedos, e o leve movimento deles  
me traz um pequeno alívio.

Estou aqui. Estou viva.

Minhas pálpebras pesam e nem mesmo luto para  
mantê-las abertas.

As vozes de Hazel, Summer e Analu ecoam pelo espaço.

Tudo parece estranho. Irreal.

Deveria dizer que acordei, mas não consigo. Não quero que saibam, não quero entender o motivo pelo qual elas estão aqui. O motivo pelo qual não estão com Verônica, já que ela precisava de todas nós.

Não quero dizer que a cada vez que acordo, todas as memórias ficam congestionadas e lágrimas se alojam na borda dos meus olhos. Todo o meu corpo enrijece, sentindo a dor que as últimas, horas, dias, não sei bem, me causaram.

As lembranças.

O sangue.

O carro.

O acidente.

As palavras dele.

A dor que senti.

Os momentos que antecederam.

Tudo me atinge de uma vez. E odeio isso.

— Ela vai acordar. — A voz suave de Hazel me tira dos meus devaneios e percebo que ela segura o meu pulso, checando algo. — Mel vai acordar e saber que está segura. Que estamos aqui por ela.

Minha garganta está seca, meu corpo dolorido.

Tudo parece tão lento, tão distante, como se o mundo estivesse esperando que eu voltasse completamente.

Mas eu não tenho vontade de voltar.

Não quando tenho tantas coisas para lidar.

Eu quero o silêncio. Quero qualquer coisa que não seja a realidade.

— Ela acordou? — Sum indaga, baixinho.

— Está acordando — Haz afirma.

Mas eu não quero.

Eu quero voltar a dormir.

Quero a escuridão acolhedora.

Quero meus sonhos.

Espero que todo o silêncio volte.

Que ninguém me incomode enquanto me perco nas minhas memórias turbulentas.

Apenas... não quero lidar com as consequências das minhas péssimas decisões.

Mas isso não acontece. O silêncio não me atinge, a escuridão não me abraça. Ao contrário, a minha mente parece que está completamente acordada e jorra todos os pensamentos que desejo esquecer.

Penso nas palavras de Liam.

Na forma como Edmund me manipulou.

No desespero dele quando me encontrou.

Tudo.

Lágrimas se alojam na minha garganta e parece que estou novamente naquele carro. Parece que estou capotando incontáveis vezes e que meu fim, de fato, está próximo.

— Ele está perguntando por ela — Analu murmura.

— Analu! — Sum adverte.

— O quê? — Parker suspira. — Alguém vai precisar dizer para ela que *ele* está voltando para Nova Iorque. Que ele passou todos esses quatro dias acampado do lado de fora do quarto dela esperando-a acordar mesmo a contragosto dos irmãos dela. — Há uma pausa. — Alguém precisa dizer que ele não é um vilão aqui, Summer.

Eu sei de quem estão falando.

Uma lágrima ameaça escorrer e, mesmo que eu odeie sentir isso, odeio que ainda me importe com a forma que meu coração idiota ainda pulsa a cada menção a Edmund, deixo que desça.

Deixo que o último resquício do sentimento que nutro por ele, escorregue.

Por anos, me questionei como seria amar alguém. Por anos tentei e falhei em me apaixonar, em deixar as pessoas se aproximarem de mim, porque eu sabia como a maioria das histórias de amor acabavam. Eu usei meu corpo para o prazer achando que isso poderia suprir a falta de sentimentalismo. Eu quebrei mais corações do que alguém consideraria saudável.

Eu fiz *tantas* coisas para me proteger.

De repente, a porta se abre e todas ficam em silêncio. Por um momento me questiono se é ele que está entrando aqui, mas quando o cheiro familiar do perfume de Logan chega até mim, todo o meu corpo relaxa.

Meu irmão está aqui.

Meu porto seguro.

— Como ela está? — ele sussurra.

— Indo e vindo — Hazel diz e percebo que nenhuma delas se aproxima. — Ela não fica acordada mais do que cinco minutos e quando fica, não diz nada. Chamarei a médica responsável por ela, mas estou começando a achar que é a Mel que está lutando para não ficar acordada, Logan.

*Eu estou acordada, Haz.*

*Eu estou aqui.*

*Apenas não consigo enfrentar vocês ainda.*

— Vocês podem ficar com Vee? — pede, relutante.

— Eu cuido dela agora.

Há um longo silêncio antes delas sussurrarem algo baixo o suficiente para que eu não consiga escutar e, então, a porta é fechada. O silêncio preenche o ambiente outra vez. Um silêncio que estava suplicando minutos antes, mas que agora percebo que não o desejo.

Não quando ele vem acompanhado de todas as minhas lembranças.

Não quando...

— Você sabia que desde criança eu sei quando está fingindo que está dormindo? — Logan diz, se sentando

na beirada da cama. — Aidan dizia que eu estava mentindo, mas sempre percebia que você relaxava o rosto, mas havia um tique irritante no canto da sua boca que te entregava. E você está fazendo isso agora, Mel.

Tenho vontade de morder meu lábio pela forma como diz, pela maneira que me lembro das vezes que Logan sempre se deitava ao meu lado na minha cama quando eu gritava para não apagarem as luzes, para não me deixarem sozinha.

— Mas você é teimosa e não aceita que tenho razão, então vou dizer o que quero enquanto você toma coragem para abrir os olhos — continua e medo percorre todo o meu corpo. — Eu estou chateado com você. *Muito*. Mas não é porque se envolveu com o meu cunhado, nem que tenha se apaixonado por ele ou que tenha tomado algumas decisões que não concordo. Estou chateado, porque você não confiou em mim, Mel. Você não me disse nada. E, agora, me pergunto onde errei, onde deixei que acreditasse que deixaria de te apoiar em algo apenas por conta de tudo o que já aconteceu. Me questiono o que mudou na nossa relação para você não confiar mais em mim.

Uma lágrima finalmente desce pelo meu rosto.

Eu fui tão imatura, fui tão...

— Eu prometi te proteger, Mel, e vou fazer isso até o fim das nossas vidas. — Logan engole em seco e percebo sua voz se tornar mais grave, como se estivesse segurando o choro. — Mas, por favor, nunca mais faça o que fez. Nunca dirija daquela maneira e se coloque em risco. Nunca pare de lutar, porque eu não posso te perder, ok? Não posso perder a melhor parte da nossa família. Não posso imaginar estar em um mundo que a minha irmã não esteja. Não posso me questionar se você vai sobreviver ou se algo vai acontecer.

Já não me importo se as lágrimas continuam descendo.

Não me importo se sabe que estou acordada.

Eu só me importo que ele esteja aqui. O meu irmão.  
A minha metade.

Pisco, com calma, abrindo os olhos e encontrando os azuis mais lindos do mundo. O mesmo tom dos meus. Dos da nossa mãe. O azul que representa os Underwood.

— Eu sinto muito, Logan — sussurro, chorando —  
Eu realmente sinto muito.

Ele abre um sorriso contido, se abaixa e beija a minha testa.

— Apenas me prometa uma coisa?

— O quê?

— Nunca mais irá mentir para mim. — Ele respira fundo, cansado. — Se tiver um problema, você vai me procurar e nós vamos solucionar juntos. Se você se sentir sozinha, vai me ligar. Se o seu mundo estiver desabando, vai me dizer para que possa te ajudar a segurá-lo. — Sua voz é embargada. — Apenas me promete que vai me dizer quando estiver precisando de ajuda, porque eu estou aqui por você. Mel. Eu *sempre* vou estar.

Abro um sorriso fraco e ergo o edredom devagar, evitando fazer qualquer movimento brusco, dando espaço para que se deite ao meu lado.

Logan hesita por um instante, mas acaba se deitando com o corpo quase todo para fora da cama e isso me arranca uma risada fraca.

— Como eles são? — sussurro, sabendo que preciso de uma distração. — Como são Atena e Noah?

Os olhos de Logan brilham ao mencionar os filhos.

— Perfeitos. — Um sorriso nasce em seus lábios. — E agitados como a mãe. Mas são perfeitos, Mel. Noah é mais tranquilo. Ele prefere Verônica a mim e não me surpreendo com isso. Mas quando ele me olha, parece que o mundo faz sentido. E ele me lembra muito...

Sua frase morre antes que possa completar e sei o porquê.

Engulo em seco, sabendo que não posso ouvir o nome dele ainda.

Não, até que eu me recupere.

— E Atena? — Mordo meu lábio, odiando não poder ir vê-los ainda.

— Ela se parece com você e Vee. — Há orgulho em suas palavras. — Ela é agitada, mas tão esperta. Tão linda. Às vezes ela me encara como se soubesse que eu serei o seu super-herói. Como se sentisse confiança em mim como você sentia sempre que precisava.

Uma lágrima desce pelo meu rosto.

Eles estão bem.

Meus sobrinhos estão bem.

Verônica está bem.

Apenas isso importa.

— Você merece essa felicidade, Logan — murmuro.

— Você também, Mel — afirma e seus olhos encontram os meus. — Nunca pare, ok?

— De quê?

— De sorrir dessa forma — diz baixinho, quando deito minha cabeça em seu ombro. — De todas as coisas que te pedi, essa é a mais importante. Nunca pare de dançar, Mel. Mesmo quando achar que tudo está perdido, mesmo quando sentir medo, nunca deixe de sorrir e de ver o mundo como você vê. Você é a melhor parte da nossa família.

Ergo uma sobrancelha confusa.

— Por que tem medo disso?

— Porque vou te dizer algo. — Há dor em suas palavras. — E isso pode te machucar.

Meu corpo todo enrijece.

— Mais do que o acidente?

— Sim.

— Ok. — Fecho meus olhos por um momento. — Diga de uma vez.

— Você não poderá dançar por algum tempo.

Todo o meu mundo desaba.

Dançar foi a minha válvula de escape por anos.

Dançar é a única coisa que me mantém inteira.

Perder o ballet é a mesma coisa que me perder por inteira.

— Não. Não. Não — choro, deixando as lágrimas descerem pelo meu rosto. — Me diga que é mentira. Me diga qualquer coisa, Logan. Por favor. Mas não me diga isso.

— Se acalme. Não é definitivo, Melany — meu irmão sussurra. — Não houve fraturas prejudiciais, mas vai ser necessário que se afaste por um tempo para que possa se recuperar completamente. E se não fizer isso, aí sim, você poderá nunca mais dançar.

Cada palavra dói.

Cada verdade por trás me machuca.

— Eu iria estreiar como solista em poucos meses — murmuro. — Eu treinei tanto por isso. Eu... Não posso.

— Eu sei, Mel. Mas vamos fazer tudo ao nosso alcance para você voltar o mais breve possível.

Fecho meus olhos por um momento.

Dançar é a minha vida.

Eu não posso perder isso.

Toda a minha vida, desde que mamãe morreu, foi baseada no ballet.

Os meus horários, minha alimentação, meu ciclo social, a minha vida toda foi organizada em torno das horas de ensaio. E estaria mentindo se dissesse que não amei cada segundo disso.

Os longos dias, os músculos doloridos, o alívio de acertar a coreografia.

Não posso perder isso.

Não posso.

— Eu não sei quem eu sou sem o ballet, Logan — murmuro em um fio de voz.

— Você é quem é, Mel. Minha irmã, uma mulher brilhante e uma amiga sem igual. Você e o ballet estão conectados para sempre, independente do que aconteça. Daremos todo apoio do mundo a você e superaremos todas as suas dores juntos, como família, como amigos. — Suas palavras são baixas. — Mas você não precisa se preocupar com isso. Os médicos já explicaram seu caso. Está tudo bem. E independente do que aconteça, ainda estaria tudo bem, porque você tem a nós.

Ele seca uma das minhas lágrimas e engulo em seco, sabendo o que ele quer dizer com isso.

— Você vai estar ao meu lado?

— Sempre.

Eu acredito nele.

Mas não posso negar que uma parte de mim tem medo. Que uma partezinha está se questionando se ele sabia, se ao menos imagina o que aconteceu para que o ballet se tornasse a minha válvula de escape.

— Mas você não esteve no passado... — digo antes que eu possa me segurar. — Quando mamãe me machucava, você não estava lá.

Seus olhos me encaram com confusão e espanto. Ele realmente não sabe, acho que nem mesmo desconfiava porque papai fez o possível para esconder.

— Ela é o motivo...

— Pelo meu medo de escuro? De tempestades? — Engulo em seco. — Sim, Logan. Mamãe me machucou enquanto a sua doença progredia.

— Que doença, Mel?

— Laura tinha depressão psicótica, Logan — finalmente conto para ele.

— Você está me dizendo quê...

— Papai não te mantinha fora porque ela queria ficar comigo, ele te mantinha fora porque ele não queria que soubesse que ela me machucava sempre que tinha um episódio, Logan. — Respiro aliviada e ele percebe. —

E todas as vezes que eu tentava te contar, ele dizia que iria destruir a nossa família. Ele falava que eu precisava confiar nele e no amor que sentimos pela nossa mãe.

— O que eles fizeram com você, Mel? — sussurra, derrotado. — Confie em mim. Me diga o que ela fez.

Uma nova lágrima desce pelo meu rosto.

Então eu conto a ele.

Todas as vezes que Laura me machucou.

Que Anthony escondeu a verdade.

Todas as vezes que só precisava dele, mas não podia tê-lo ao meu lado.

Digo sobre as cartas, sobre o acidente. Tudo.

Pela primeira vez, me abro completamente para a única pessoa que deveria saber disso desde sempre. Conto para ele como precisei do seu abraço e me negaram isso, quando me escondia em sua cama, porque o medo de acordar e ela estar me encarando era maior do que qualquer outra coisa.

Apenas conto tudo aquilo que nunca tive coragem. Conto sobre os laudos médicos que encontrei depois que saí do hospital, das pesquisas que fiz para entender melhor o diagnóstico dela e o motivo pelo qual não consegui ficar na nossa antiga casa.

E, pela primeira vez, me sinto livre.

Completamente livre.

— Logan... — murmuro.

— Me dê um minuto, Mel — pede e percebo a sua voz embargada. — Apenas um minuto.

E eu dou a ele.

Na verdade, dou vários deles.

Porque sei que ele precisa, sei que é muita coisa para processar.

— Não me odeie — murmuro — Por favor. Eu nunca desejei adiar isso. Sei que é algo que você e a Vee precisavam estar cientes com a vinda dos gêmeos, mas eu não conseguia dizer. Não conseguia contar o que

aconteceu. — Solto uma lufada de ar. — Só agora estou pronta e sei que é importante mantermos Noah e Atena seguros, já que isso está na nossa genética. Eu vi os laudos dela e pesquisei sobre. Só me preocupo com meus sobrinhos.

Meu olhar se ergue até o dele e Logan percebe que, de tudo o que lhe disse, o medo de perdê-lo está acima de qualquer coisa.

— Eu nunca te odiaria, Mel. Isso não acontecerá. Não aconteceu comigo, Aidan e nem você. As crianças estão seguras. — Meu irmão afaga o meu rosto com carinho, encarando-me. — Na verdade, estou *me* odiando no momento por nunca ter percebido que você precisava do seu irmão mais velho para te defender e eu estava preocupado demais tentando lidar com o alcoolismo do nosso pai para perceber que mamãe te machucava. E sinto muito por isso. Eu realmente sinto.

— Você fez o possível.

Os olhos dele não desviam dos meus.

— Mas não foi o suficiente.

— Agora é, Logan. — Respiro aliviada. — Agora tudo é suficiente.

— Eu vou te proteger, ok?

Sorrio, deixando uma última lágrima descer pelo meu rosto.

— Eu sei.

— Até o fim, pirralha.

— Até o fim, Logan.

# 39

## O AMOR NÃO É DOR

*Pegue meu coração, não o quebre  
Me ame profundamente  
Todo esse tempo que desperdicei  
Você estava lá desde o início  
Você e eu admirando as estrelas  
Almas entrelaçadas  
Nunca fomos dois desconhecidos  
Você estava lá desde o início*  
**Stargazing | Myles Smith**

*Melany Underwood*

Eu fiquei internada por vinte e três dias.  
E trancada na enorme mansão Blackwell por um mês e meio.

Algumas vezes, desejei incansavelmente sair daqui. Desejei me isolar em qualquer lugar que não tivesse todas as lembranças do homem que tento, a todo custo, esquecer.

Tentei não olhar para a porta do seu quarto todas as vezes que saí do meu. Tentei não encarar o lugar que sempre se sentava quando estava focado em fazer algo.

Eu tentei tanto não permitir que a saudade do que vivemos tomasse conta de mim.

Eu tentei tanto e falhei em todas as vezes.

Acho que nunca conseguirei ter êxito. Nunca o expulsarei por completo da minha mente ou do meu coração. Ele sempre estará ali, entre as lacunas da minha armadura, tentando fazer morada novamente.

Edmund ainda estará em meus malditos sonhos e anseios.

Mas, agora, enquanto me deito na cama, sinto que preciso sair daqui.

Preciso de ar puro. Preciso apenas parar de desejar a sua presença.

Parar de querer uma explicação do porquê me manipulou daquela forma. Eu apenas preciso de algo, *qualquer coisa*, que me faça parar de me sentir patética por ainda sentir algo quando ele fez tudo aquilo. Por ter me manipulado e me deixado acreditar que era apaixonado por mim.

Quando todo o meu coração estava sendo entregue de bandeja.

Fecho meus olhos, me virando para Andrew que está deitado ao meu lado.

Desde que voltou, meu melhor amigo não saiu de perto de mim. Ele praticamente se mudou para esse quarto e me fez companhia quando apenas desejava ficar sozinha.

— Nós assistimos todos os filmes desse catálogo — resmungo, se virando na cama. — E por mais que ame assisti-los com você, eu realmente não aguento mais.

Dou de ombros, pegando um pouco de pipoca e focando a minha atenção no que está sendo reproduzido.

— Cale a boca e me deixe assistir — devolvo no mesmo tom.

— Você já assistiu incontáveis vezes.

— É o meu favorito — minto.

— Pare de mentir para mim, Melany. — Meu olhar se desvia para ele. — Você apenas está arrumando desculpas para não sair daqui. E por mais que eu ame a sua companhia, sei que já passou da hora.

— Eu saio todos os dias.

— Para as sessões de fisioterapia — adverte. — Não para se divertir.

— Não quero me divertir, Andrew — sussurro, me enrolando no edredom. — Eu quero ficar boa logo para dançar. E quero assistir todos os filmes possíveis e ler todos os livros da biblioteca antes de irmos embora.

— Sua fisioterapeuta já disse que você pode voltar aos ensaios...

— *Aos ensaios leves* — enfatizo, fechando meus olhos. — Não aos meus ensaios normais. Não posso apresentar todos os atos de um repertório quando meu corpo ainda doi. Então, por favor, apenas me deixe comer todos os chocolates disponíveis e assistir filmes idiotas enquanto não posso voltar a dançar.

— Você ao menos falou com a sua antiga treinadora?

— Sim. — Sorrio friamente. — E Camillo conseguiu me substituir rápido.

— Mel... — ele começa, parecendo inseguro em continuar.

Solto uma longa respiração por reconhecer esse tom. Por saber o que vem depois dele.

— Por favor, não.

— Já faz quase dois meses. Você precisa falar sobre isso. Se não comigo, com alguém.

— Eu não posso, Andrew. — Mordo meu lábio. — Não posso.

— Por quê?

— Porque se eu falar sobre ele. Se finalmente pensar sobre o que aconteceu entre mim e... *aquele que não deve ser dito*, vai ser real — murmuro,

dolorosamente. — E então eu irei voltar para o meu ciclo de autodepreciação. Irei voltar para um lugar que não desejo e estou cansada de pensar nele. De pensar em como ele seguiu a sua vida e eu fiquei aqui segurando as nossas memórias, me recuperando para finalmente seguir a minha. Então, por favor, não fale sobre ele. Nunca mais fale dele.

Andrew se aproxima, sentando-se na beirada da cama.

— Você não pode ter certeza disso, Melany. — Há algo oculto em suas palavras. — Você não pode simplesmente agir na base do achismo apenas para se convencer de certas coisas. Eu te amo, *muito*, mas sei o que está fazendo. Sei que a mulher deitada nessa cama não é a minha melhor amiga. Porque a garota que eu conheci naquele corredor anos atrás e disse que não éramos amigos, nunca se sentaria e aceitaria algo de forma tão covarde. Ela não desistiria dos seus sonhos por nada nesse universo.

Meu olhar se ergue até o dele e sei que ele não está brincando.

— Talvez eu só esteja cansada, Andrew.

— Do quê?

— De ver as pessoas que amo me machucando.

Meu amigo se inclina, pegando o meu rosto entre as mãos e me encara.

— Você está cansada disso ou está cansada de esperar que elas façam isso?

Inclino minha cabeça, observando-o.

— Como é?

— Eu te conheço há anos, Mel. — Sua mão vai até a minha, segurando-a. — E sei que sempre espera o pior. Você já espera a saída das pessoas da sua vida, você espera que o mundo te mostre que não é merecedora de algo porque se culpa por coisas que não tem culpa. — Suas palavras saem rápido e parece que cada uma delas

me acertam em cheio. — Mas me deixe te contar um segredo: você, mais do que ninguém, merece o mundo, Mel. Merece amar e ser feliz, então pare de ficar com medo, pare de se fechar para qualquer sentimento.

— É mais fácil falar do que fazer. — Mordo meu lábio inferior, encarando seus olhos. — Porque quando se é machucado, quando o peso das escolhas dos outros recaem sobre nós, machuca. O amor sempre me machucou, Andrew.

— E o amor ainda vai te machucar às vezes. — Ele sorri. — E também vai te fazer querer fugir porque é assustador. Às vezes nem mesmo acreditamos que algo tão poderoso pode ser bonito, mas é. Também vai curar feridas que nem mesmo imaginava que existia, ele vai te ajudar a ser forte. Se você cair, ele estará lá para te ajudar a levantar. O amor sempre terá dois lados. Porque essa é a graça da vida, Mel. É saber que nada é perfeito, nada é cem por cento certo ou errado. — Uma lágrima desce pelo meu rosto. — Mas você precisa deixar esse sentimento entrar mesmo que seja amedrontador. Você precisa entender que você merece amar e ser amada. O amor não é apenas dor, Melany. O amor não é aquilo que a sua mãe te fez acreditar. *O amor não é dor, Mel.*

Andi desliza o polegar pelo meu rosto para secar algumas lágrimas quando enfatiza a última fala.

— E se ele me machucar de novo?

— Então eu estarei aqui para te ajudar a se reerguer outra vez.

— Por que os meus problemas são os seus problemas?

— Porque os seus problemas são os meus problemas.

Fecho os olhos, sentindo o alívio tomar conta do meu coração.

A imagem da única pessoa pela qual deixaria o amor tomar conta do meu coração reflete por toda a

minha mente, me lembrando tudo o que ele fez por mim durante semanas.

Ele me esperou todas as noites e cozinhou para mim. Ele montou quebra-cabeças comigo quando chovia e construiu um estúdio de dança. Ed assistiu noventa e três apresentações minhas, mesmo à distância. Passou a noite em claro criando um sistema de iluminação para que eu não corresse o risco de ficar no escuro lidando com meus medos.

Sorriu para mim quando nunca tinha o visto fazendo isso de forma tão verdadeira.

Ele leu todas as minhas entrelinhas de uma forma que ninguém conseguiu e ficou.

Ele me enxergou.

Edmund Blackwell pegou o meu coração e tatuou seu nome sem nem mesmo pedir.

— Ele me machucou — murmuro a primeira desculpa que vem à mente.

*Mas ele também me amou.*

— Eu sei. — Andi sorri.

*Ele esteve lá desde sempre.*

— Ele mentiu para mim.

*Mas ele também me segurou quando precisei.*

— Eu também sei disso.

— Ele...

— Ele? — instiga, sorrindo.

— Me estragou para qualquer outra pessoa, Andrew.

Uma nova risada salta dos lábios dele, mas antes que eu possa respondê-lo, uma batida na porta o faz virar o rosto em direção ao som e se deparar com Amber Blackwell adentrar o quarto com calma.

A matriarca da família passa a mão pelo macacão bege, me encara por algum tempo, em silêncio, e depois sorri para seu afilhado.

— Você pode me dar um momento a sós com Melany, querido?

Andi olha entre nós duas e relaxa o corpo, se levantando e seguindo até ela, dando um beijo na sua bochecha antes de sair e nos deixar sozinha.

— Você está melhor? — questiona assim que estamos a sós.

— Sim. — Ajeito-me na cama, observando-a. — Obrigada por perguntar.

Ela me dá um pequeno sorriso antes de respirar fundo e me encarar.

— Você pode me acompanhar em um lugar?

Meu olhar se semicerra ao perceber a sua hesitação. Mesmo com um aperto no coração por já imaginar o assunto que ela quer falar comigo, me levanto, ajeitando o pijama de corações e calçando os chinelos antes de acompanhá-la ao primeiro andar.

Automaticamente percebo onde estamos indo e tenho vontade de me virar e voltar para o quarto.

Porque assim que chegamos ao subsolo da mansão e observo o espaço escondido que Edmund me mostrou há alguns dias, novas lágrimas se formam em meus olhos. Amber não diz nada até que estamos no centro do estúdio onde contei a ele mais coisas do que qualquer um já soube sobre mim.

— Ele já te trouxe aqui — ela afirma, sem surpresa alguma.

Não é preciso dizer mais nada.

Eu sei exatamente de quem está se referindo.

Do filho que foi embora na mesma noite que acordei.

Da pessoa que evitou me ver por conta da culpa.

De quem nem mesmo passou tempo com os sobrinhos porque queria fugir para qualquer lugar que não fosse essa cidade.

Mordo meu lábio, passando o olhar pelo espaço que provavelmente será a última vez que visito.

— Sim — afirmo, baixo.

— Eu nunca entendi por que ele mandou que construíssem este estúdio no lugar favorito dele — conta, andando pelo local. — Era o lugar favorito dos meus pais. Foi onde Jonathan me pediu em casamento e era o lugar favorito do meu filho. Então, imagine a minha surpresa quando Ed me disse que estava mandando construir um estúdio de ballet.

Não respondo nada.

Não acho que posso.

— Primeiro, achei que era para a minha filha, mas Verônica nem mesmo vem aqui. Ela não se importa com esse lugar. — Meu olhar vagueia até ela. — Então eu descobri.

— Como? — murmuro.

— Quando ele te encarou no jantar de ensaio de Verônica — conta.

— Nós não...

— Eu sei. — Ela sorri. — Mas eu o conheço a vida toda, eu sei como ele age quando está completamente fascinado por algo. Sei quando tem medo de algo e você o assustou naquele dia. Você o assustou quando o provocou, mesmo sabendo que ele odiava ser o centro das atenções.

— Sempre fizemos isso.

— Ele sempre permitiu que  *você* fizesse isso, Mel. — Há tanta calma em sua voz. — Ninguém mais. Ele nunca deixou ninguém chegar perto o suficiente dele para conhecê-lo por inteiro. Edmund sempre preferiu os bastidores do que estar sob os holofotes que a nossa família atrai. E você o trouxe para o centro do mundo, o fez enxergar que a vida não era apenas aquilo que ele permitia viver.

Uma lágrima desce pelo meu rosto.

Escutar tudo isso doi como nunca antes.

A percepção do quão longe estamos um do outro recai sobre mim.

— Eu...

— Você precisa dele. — Meu coração bate descompassadamente com a sua afirmação abrupta. — E ele também precisa de você.

— Nós não temos mais nada.

— Porque são teimosos — me interrompe. — Mas há algo que ninguém nunca te contou, Mel. O meu filho te ama há mais tempo do que qualquer pessoa poderia perceber. Ele te amou em silêncio enquanto estava do outro lado do mundo. Ele construiu esse lugar para você, te observou de longe, te viu se apaixonar por outro homem e aceitou as migalhas que você deu a ele durante esses anos. Ed, nunca quis te machucar, mas...

— Como você...

— Eu sou a mãe dele, querida. — Seus olhos brilham. — Eu percebo coisas que vocês nem mesmo imaginariam. Eu sabia desde o momento em que ele chegou há três anos na França que havia algo. Havia alguém por trás da sua repentina mudança e precisou apenas de um olhar para vocês dois para que eu entendesse tudo.

— Amber...

— Eu vi como ele a encarou quando você estava do outro lado do altar, eu vi a forma como sorriu para ele. Mas acima de tudo, eu vi quando vocês sumiram da festa não se importando com mais nada.

Engulo em seco, sentindo todas as memórias voltarem para mim.

— Eu nunca o vi tão feliz como naquele dia. — Seu olhar se abaixa. — Mas então quando voltamos para a realidade, você estava namorando com outro. Você estava vivendo a vida que *ele* desejava, mas com outro.

E ele havia voltado para o seu casulo, havia voltado a ser o garoto que odiava qualquer pessoa no universo.

— Não me culpe por isso.

— Nunca poderia te culpar, Melany. — Ela inclina a cabeça para o lado. — E você tem toda a razão de procurar uma estabilidade. Mas precisa decidir se vai sair da vida dele definitivamente. Se você o odeia a ponto de nunca perdoá-lo, esqueça tudo o que tiveram. Mas se o ama, assim como ele te ama, decida logo o que quer. Porque eu não posso me sentar e ver meu filho sofrendo assim, não posso me sentar e vê-lo desmoronar em silêncio.

— Por que diz isso?

— Porque meu filho nunca soube demonstrar algo além da frieza. É assim que um Blackwell é criado desde que recebe esse sobrenome. — Ela desvia o olhar como se odiasse isso. — Nós não sabemos o que é conquistar as coisas porque sempre as tomamos. Essa sempre foi a nossa natureza e não digo que me orgulho disso, mas sei como funciona. Entendo as atitudes dele e espero que você possa, um dia, entendê-las também.

— Entender o quê?

— Que qualquer herdeiro Blackwell nunca, em hipótese alguma, vai deixar de queimar o mundo pela mulher que ama. — Ela ajeita a roupa se preparando para sair. — E se você está pronta para entender isso, espero que também saiba que para eles, nós nunca estamos abaixo de nada. Nós detemos o jogo deles.

— Jonathan fez isso por você?

— Você se surpreenderia em saber tudo o que meu marido fez por mim.

— E você o perdoou?

— Eu sou casada com ele há mais de trinta anos, acho que isso responde muita coisa. — Com isso ela caminha rumo a porta do estúdio, mas se vira antes de

sair. — Logan e Verônica estão indo para Nova Iorque, você deveria ir também.

Aceno com a cabeça, atordoada com as suas palavras enquanto observo Amber sair.

Um dia, Edmund me disse que queimaria o mundo pela pessoa que ele ama.

E ele estava queimando tudo ao nosso redor, mas nunca deixou que eu percebesse isso.

Nunca me mostrou o seu lado feio, porque tinha medo de que me assustasse, mas o que ele não sabia era que assim como fez comigo, eu também me apaixonei por cada nuance dele e, mesmo que eu nunca tivesse coragem para assumir, sei que também queimaria o mundo por ele.



## CADA BATIDA

*Eu quero que você saiba que  
Se eu não posso estar perto de você  
Eu vou me contentar com o seu fantasma  
Eu sinto sua falta mais do que tudo na vida  
E se você não pode estar perto de mim  
Sua memória é êxtase  
Eu sinto sua falta mais do que tudo na vida*  
**Ghost | Justin Bieber**

*Edmund Blackwell*

É estranho como uma mudança pode acontecer tão rapidamente.

Em um momento, tudo está nos eixos.

Nada parece que vai sair do controle.

Até não estar mais. Até que em um segundo, tudo pelo qual lutamos com nossa alma, está escorregando pelas nossas mãos.

O que ninguém diz é que quando isso acontece na vida profissional, nós podemos reverter a situação se formos inteligentes o suficiente e soubermos como gerenciar uma crise. Mas quando acontece na vida

pessoal e tudo o que amamos é tirado de nós sem nenhum aviso prévio? É uma merda.

Eu passei quatro dias sentado do lado de fora do quarto dela no hospital.

Quatro dias escutando o barulho do monitor cardíaco de Melany.

Passei vinte e três dias hackeando os prontuários médicos dela porque Hazel se recusava a me dar informações sigilosas. Amaldiçoei a ética profissional dela e recebi um olhar mortal do meu irmão.

Também trabalhei. *Muito*.

Eu finalizei o protótipo.

Destruí um time de hóquei por se recusarem a demitir O'Brien.

Comprei uma empresa que deixei à beira da falência.

Também retirei todos os seus privilégios. Não há mais bailes, entradas em clubes ou o caralho a quatro. A dinastia de sua família morre com ele.

Mas nada disso foi o suficiente para aplacar o vazio que assolava o meu corpo desde que Mel saiu do hospital e foi para a mansão.

Não permiti nenhuma limpeza na cobertura, porque estava com medo de que o cheiro dela sumisse. Muito menos consegui parar de invadir as câmeras da mansão atrás dela.

Eu a observei tentando dançar.

Vi quando xingou sempre que errava um passo.

E Mel encarava as câmeras como se soubesse que eu estava observando-a.

E a cada vez que seu olhar se erguia e a dor o assolava, sentia meu coração sendo destruído por saber que ela nunca me perdoaria.

— Esse apartamento está fedendo. — A voz de Oliver me faz erguer o olhar do notebook. — Por que ninguém está limpando isso aqui?

Não digo nada, apenas suspiro fundo observando Levi e Josh adentrarem atrás dele.

Levi afrouxa a gravata e sei que está vindo direto do tribunal enquanto meu melhor amigo apenas se joga ao meu lado, suspirando fundo.

E simplesmente sei o que vieram fazer aqui.

É claro que viriam, afinal, eles sempre foram os maiores exemplos de persistência quando o assunto é lutar pelas pessoas que amam.

Johnson conquistou Analu Parker quando ninguém achava que era possível e enfrentou o mundo para ficarem juntos. Levi não se importou que ela fosse considerada a princesa de gelo, nem que estivesse machucada.

Assim como Oliver fez com Summer. Wright passou por cima de tudo, até mesmo da vingança contra seu pai para ficarem juntos.

Eles lutaram pela felicidade e venceram.

Eles tiveram os seus finais felizes.

E eu estou aqui. Me afundando na dor de perdê-la.

— Não é só o apartamento que está fedendo. — Josh torce o nariz. — Você odeia bagunça.

— Não odeio mais. — Fecho a aba do notebook. — O que vocês querem aqui?

— Nós estamos fazendo uma reunião do clube dos homens — meu amigo sorri.

— Leve-a para outro lugar — ordeno. — Não estou com disposição para suportar vocês hoje. Então, *por favor*, saiam.

— Você está nos ignorando há um mês e meio — Levi diz, se sentando do outro lado da sala. — E estou querendo te socar agora por me atrasar para o meu encontro com a minha esposa grávida.

— Não é uma reunião sem todos os presentes. — Dou a primeira desculpa que penso, voltando a mexer no notebook. — Então, *novamente*, saiam.

No entanto, antes que um deles possa dizer algo, escuto um arranhar de garganta e olho para cima, observando Dylan e Logan parados na saída do elevador. Sem dizer nada, meu irmão segue até o aparador, servindo-se de uma bebida enquanto meu olhar ainda permanece preso no meu cunhado, que se mantém inexpressivo.

Ele tem os mesmos olhos que ela.

A mesma forma de se escorar nos lugares quando se sente desconfortável.

Logan é tão parecido com Melany que chega a ser bizarro.

— Agora é — sua voz grave ecoa pela sala espaçosa.

— Ótimo. — Levi dá de ombros. — Agora podemos começar.

— Você está falando como se estivesse prestes a começar um julgamento — digo, torcendo o nariz.

— Visto que talvez sejamos testemunhas do seu assassinato, eu deveria mesmo me preparar para um — ele zomba, se levantando e seguindo até o aparador, também se servindo de uma bebida. — Você precisa parar de se autodepreciar.

— Sim e vocês precisam começar a tomar conta das suas próprias vidas. — Puxo a garrafa de vinho da mesa de centro e a levo até os lábios, não me importando com a falta de decoro. — O que realmente estão fazendo aqui?

Eles se entreolham.

Levi encara a vista chuvosa da cidade enquanto Josh finge prestar atenção em seu telefone e Oliver começa a juntar todas as garrafas espalhadas. Minha feição se torna desconfiada quando Dylan solta um suspiro e entreabre os lábios para responder, mas é impedido por Logan.

— Mel não quer ficar em Nova Iorque. — Suas palavras me pegam de surpresa. — E há uma grande chance de ela não querer voltar para essa cobertura porque acha que precisará dividir o apartamento com você, já que Vee não acha uma boa ideia ela ir para outro lugar.

Melany não vai voltar.

*Ela não vai voltar por minha causa.*

— Ela pode ficar com a cobertura — digo de imediato, recebendo um olhar de Dylan. — Depois do baile anual, eu vou voltar para a França. Então o lugar é todo dela.

— Você vai o quê? — Oliver questiona, surpreso.

— Voltar para a França.

— Por que diabos você faria isso? — Josh esbraveja.

— Você ama o seu trabalho aqui, ama...

— Isso é um problema meu e não espero que entendam — interrompo-o. — Mesmo assim, agradeço a preocupação de vocês. Agora, podem ir? Eu quero voltar a ficar sozinho.

Não digo que não posso ficar aqui com as lembranças dela.

Não digo que não posso ficar tão perto dela e não poder tocá-la.

Apenas não posso me torturar. Não mais.

— Você renunciaria ao cargo na Blackwell Enterprise? — Dylan questiona.

— Sim — afirmo, sem pensar duas vezes.

— Você perderia os seus projetos em andamento, Edmund.

— Eu sei.

Meu irmão grunhe, passando a mão pelos cabelos.

— Porra, você perderia *seus* sonhos.

— Estou ciente disso também. — Levo a garrafa outra vez até os lábios. — Mas eu já perdi o meu sonho principal e nenhum outro é tão importante quanto *ela*.

Então guarde a sua advertência, eu apresentarei minha carta de demissão amanhã.

— Ainda não entendi por que diabos você está fazendo isso — Oliver diz, inconformado.

— Porque prefiro perder a empresa e meus projetos do que fazer mal a ela novamente. — Engulo em eco. — Mel ama a cidade. O problema sou eu. Ela... ama essa cobertura. Então me chame de qualquer coisa, mas estou disposto a abdicar de tudo para que ela possa ser feliz de novo.

Logan não diz nada, apenas observa a minha conversa com meu irmão em silêncio.

— Ed... — Dy suspira.

— Me diga que você não faria isso pela Hazel. Me diga que você não fez o mesmo quando se mudou para cá e deixou tudo para trás — afirmo, me levantando. — Você praticamente deu um ultimato em nosso pai para se tornar o CEO da Blackwell Enterprise porque minha cunhada amava essa cidade. Então não me julgue.

— O que você acha, Logan? — Levi pergunta sem um pinga de brincadeira.

— Eu acho que ele é um idiota. — Underwood arrasta seu olhar até mim. — Melany não quer voltar por você estar aqui, e sim porque acredita que você não a ama. Você nem ao menos lutou por ela, você apenas aceitou a derrota e a deixou.

Pego o meu notebook, abrindo os aplicativos que ficam as imagens da câmera de segurança da mansão.

Todas são sempre direcionadas para os lugares que ela está.

Cada maldito lugar.

Da academia.

Dessa cobertura.

Tudo.

Mesmo que ela não tenha aparecido nelas desde ontem.

Desde que Logan saiu junto com ela e Verônica.

— Eu não lutei por ela porque não queria machucá-la mais do que já fiz — digo, virando o notebook em direção a eles e observando como arregalam os olhos ao perceber que sempre estive protegendo-a de longe.

— Você estava monitorando-a pelas câmeras de segurança? — Levi arregala os olhos.

— Sim. — Meu olhar não desvia do de Logan. — Então, Logan, não diga que não a amo, porque passei um inferno durante esse mês inteiro. Olhei para essas imagens mais vezes do que seria considerado saudável. Eu invadi o sistema do hospital para saber o seu estado de saúde, obriguei todos os empregados a me darem informações. — Respiro fundo. — Estive por trás de qualquer coisa que ela fizesse. Disse para todos naquela casa o que ela amava comer e configurei até mesmo a televisão do quarto onde ela está com seus filmes favoritos, porque sei que precisaria deles. Eu criei um sistema de iluminação para todos os lugares que ela estivesse, para que nunca ficasse no escuro. Eu não pude estar do lado dela, mas não pense que não lutei pelo bem-estar dela, Logan. Porque Melany representa cada batida do meu coração.

Meu cunhado me encara sério e sei que ele tem algo a me falar.

— Eu ainda quero te socar. Porra, eu ainda desejo jogar você daquela sacada — diz, sem nem mesmo hesitar. — Mas estou começando a acreditar que você realmente a ama e também acho que foi a única pessoa capaz de derreter aquele coração. — Ele faz uma pausa, respirando fundo. — No entanto, não consigo esquecer que você a fez chorar ou como tive medo de perdê-la. Mas posso passar por cima de tudo isso se você realmente estiver disposto a reconquistá-la, Edmund, e precisa me garantir que ela nunca mais irá se machucar por qualquer atitude sua.

Não há dúvidas no olhar de Logan.

— Melany significa tudo para mim, Logan — afirmo, sem hesitar. — E entendo o seu medo, porque ela é mais do que um dia chegarei a merecer. Porém, eu a amo há mais tempo do que qualquer um poderia imaginar. Passei todos esses anos tentando me convencer de que não a merecia. E sei que menti, manipulei e omiti muita coisa para que ela fosse minha, para afastá-la de alguém que não a merecia, mas não me arrependo de nada. Faria cada uma dessas coisas se isso significasse que eu a teria de novo, que ela sorriria e me amaria como fez. E se ela me aceitar de volta, eu vou passar a minha vida toda tentando me redimir por tudo o que fiz. Eu vou lutar cada segundo do meu dia para ter a certeza de que ela é a mulher mais feliz do mundo.

Percebo de relance que Oliver segura um sorriso.

— Eu ainda quero te socar — Logan refuta e percebo que sorri. — Mas sei que você vai cuidar dela. E sei que ela te ama mesmo que seja teimosa para assumir isso.

— Até porque se não cuidar, não iremos precisar nos preocupar — Levi diz, seu sorriso aumentando. — Nossas esposas fariam um ótimo serviço para esconder o corpo dele.

— Verônica é a minha irmã. — Franço o cenho.

— Ela seria a pessoa que te esfaquearia primeiro. — Logan dá de ombros. — Até parece que não conhece a sua irmã, ela é superprotetora com as suas melhores amigas.

— Hazel é minha cunhada. — Tento, mesmo sabendo que é em vão.

— Minha esposa é médica, ela sabe matar alguém e fazer parecer ser um acidente — Dylan diz orgulhoso. — Então, não contaria com isso.

— Há Summer.

— Ela ajudou a jogar o carro de Mike Burhan no lago. — Oliver revira os olhos. — Você realmente acredita que ela não se orgulharia de matar alguém por elas?

— Não cite Analu, por favor — Levi intervém. — Minha esposa se orgulharia por conseguir assassinar você e ainda tentaria ser a advogada de defesa.

Encaro meus amigos por um momento, sabendo que mesmo que eu tenha muitas coisas para resolver ainda, tudo ficará bem porque ainda os tenho.

Ainda somos todos contra o mundo.

Somos uma família.

— Aliás, Ed? — Logan chama e meu olhar se ergue até ele.

— Sim?

— Ela está em Nova Iorque.

Meu corpo todo fica tenso e automaticamente desvio meu rosto até a vista da cidade.

O tempo fechado.

A chuva fraca.

Os relâmpagos.

— Onde ela está? — Medo toma conta de mim.

Logan ergue uma sobrancelha.

— Na minha casa.

Antes mesmo que eles entendam o que estou fazendo, calço os meus chinelos e corro em direção à saída. O grito de Logan me faz parar por um momento.

— Há um temporal marcado para essa noite. — Engulo em seco. — E Mel tem medo de chuvas.

É o suficiente para que eles entendam.

É o suficiente para que saibam que nem mesmo se quisessem, poderiam me parar.

Sei que ela não está sozinha na casa do irmão, mas mesmo assim, quero estar lá. Quero que ela saiba que estou disposto a enfrentar todos os medos ao seu lado.

O elevador volta a se fechar e meus olhos fixam no visor que muda rapidamente, indicando-me que o térreo

está próximo. Mesmo desejando pegar um dos inúmeros carros, sei que não conseguiria chegar a tempo.

Não com o trânsito caótico da cidade.

Por saber que a cobertura de Verônica fica a poucas quadras da minha, saio do prédio, desviando das pessoas e não me importando se minha roupa fica completamente encharcada. Apenas corro pelas ruas de Nova Iorque, o coração batendo tão rápido que posso senti-lo na garganta.

Desvio das pessoas que se amontoam sob guarda-chuvas, correndo para escapar da tempestade, mas não me importo com o frio que corta minha pele ou com a água que encharca minhas roupas.

Eu só consigo pensar nela.

Na forma como ela fica quando chove.

Na maneira como ela ama quebra-cabeças.

Como ela confiou em mim.

Tudo.

Cada passo que dou é uma súplica para que esteja bem.

Para que Vee saiba como ela se sente, já que ela deve ser a única na casa.

Sinto a água acumulada nas calçadas salpicar meus tornozelos, e o som dos carros passando nas poças se mistura ao rugido distante dos trovões. Finalmente, vejo a silhueta familiar do prédio surgindo à frente.

Assim que chego à entrada do edifício, quase tropeço na escada, mas não me importo. Passo pelo porteiro que me olha surpreso, e sem pensar duas vezes corro até o elevador, fechando meus olhos enquanto ele sobe.

*Esteja bem.*

*Por favor, esteja bem.*

Quando chego à cobertura, meu peito arde, não só pelo esforço físico, mas pela dor de saber que posso ter

arruinado tudo. Que Melany talvez nem mesmo queira me ver, mas apenas preciso saber que ela está bem.

Qualquer notícia.

Levanto meu rosto no mesmo instante que a porta do elevador volta a se abrir, e eu a vejo parada na base da escada, olhando diretamente para onde estou e com os lábios entreabertos.

Olhos azuis.

Cabelos escuros que caem pelos seus ombros.

Perfeita.

A minha bailarina é perfeita.

— Eu... — começo, mas as palavras falham, presas na garganta.

Melany não diz nada.

Ela apenas me encara como se tivéssemos ficado anos separados.

A saudade aperta o meu peito.

A dor rompe em meus olhos.

Nem mesmo o frio que assola meu corpo consegue me assustar tanto quanto vê-la ao vivo depois de tantos dias.

— Você está aqui — murmura, mas há dor em suas palavras.

Seus olhos não brilham.

Minha presença não a alegra.

— Eu estou.

Dou um passo à frente e ela reteia.

Dói notar isso.

Dói saber que a minha presença a deixa desconfortável.

O rosto dela se ergue e percebo o quanto senti falta de estar no mesmo lugar que ela.

De olhá-la.

De respirar perto dela.

Da existência dela.

— Por quê?

Mais um passo.

— Porque está chovendo.

Seu olhar recai para a minha roupa toda molhada.

— Você correu até aqui? — sussurra, baixinho.

— Sim.

— Por quê?

*Porque eu te amo.*

*Porque não podia deixar você sozinha.*

*Porque sinto a sua falta.*

— Porque você tem medo de ficar sozinha quando está chovendo e os sites meteorológicos constataram que a tempestade pode ser forte o suficiente para as luzes se apagarem e... — Engulo em seco. — E mesmo que você não queira me ver, não suportei saber que você estaria aqui. Com medo do escuro quando prometi que nunca mais passaria por isso sozinha.

Melany pisca e uma lágrima desce pelo seu rosto.

— Você é um idiota.

Dou mais um passo.

— Eu sou.

— E você me machucou.

— E me odeio por isso.

— Mas você veio por mim.

— Eu vou até o fim do mundo por você, wildcat.



## UM NOVO JOGO

*Amar pode curar  
Amar pode consertar a sua alma  
E é a única coisa que eu sei, sei  
Eu juro que vai ficar mais fácil  
Lembre-se disso com cada pedaço seu  
E é a única coisa que levamos quando morremos*

**Photograph | Ed Sheeran**

*Melany Underwood*

Eu sempre achei que era uma pessoa que conseguia esconder bem os sentimentos.

Quando estava com raiva, sabia como gerir tudo.

Quando estava triste, colocava um sorriso no rosto.

Quando eu não desejava conversar, afastava a todos.

Isso foi fácil por anos. Até que o homem parado à minha frente, com a roupa toda molhada, chegou na minha vida e me mostrou a farsa que eu havia me tornado por anos.

Edmund não se importou se eu não gostava dele ou se nossas famílias ainda nutriam um certo rancor. Ele apenas me desejou. Ele destruiu cada uma das minhas

barreiras e aprendeu a me ler como ninguém. Ele não chegou de mansinho como os outros. Não, abalou todas as estruturas do meu coração e me fez entender o que realmente sentia.

Agora, enquanto o observo, compreendo que também aprendi a lê-lo. Sei que a maneira como seus ombros estão caídos, como morde o lábio, engole em seco e como seus olhos não estão brilhantes, me indica o quão quebrado está.

Mesmo assim, neste momento, Edmund é lindo além da razão.

Mesmo que tenha partido meu coração, o homem que tem todas as partes da minha alma é malditamente perfeito. E odeio isso.

Odeio e ainda assim não consigo me afastar. Não consigo nem mesmo me mover.

Apenas continuo encarando-o orando para Verônica ou gêmeos não acordarem. Para que nenhum dos funcionários percebam que ele está aqui ou para que ele diga algo, qualquer coisa, que me faça voltar para o meu quarto e odiá-lo ainda mais.

Isso seria mais fácil.

No entanto, Edmund não diz nada, tampouco eu.

Não há palavras no mundo que poderiam explicar a maneira como nos encaramos.

Silêncio paira entre nós dois.

Silêncio árduo.

— Eu só... — Ele solta uma respiração dolorosa. — Queria saber se você estava bem.

Sua voz é tão rouca.

Tão quebrada que meu coração pulsa tão forte que mal consigo respirar.

— Você correu toda essa distância só para saber se *eu* estava bem?

Ergo uma sobancelha.

*Se vire e volte para o quarto.*

*Seja inteligente.*

*Não dê mais poder a ele.*

A razão grita em minha mente e, mesmo sabendo que eu deveria ouvi-lá, não posso.

— Não, corri toda essa distância porque precisava saber que o escuro não iria te assustar. Precisava saber se não estava sozinha e com medo — diz, seu rosto nunca se desvia dos meus. Há tanto medo refletido ali. — E talvez eu tenha agido no impulso, mas precisava te ver. Saber que estava bem. Eu só precisava...

Meu olhar se abaixa para a sua roupa quando a sua frase morre no meio.

Calça de moletom. Camiseta da SVU surrada. Chinelos. Esse homem à minha frente é apenas um resquício daquele que um dia afirmou com todas as letras sobre nunca quebrar suas regras por ninguém. Do homem que estampou revistas de economia e nunca deixou ninguém se aproximar.

Ele é totalmente o oposto do que Edmund Blackwell sempre foi.

Contudo, aqui está ele, indo contra tudo o que combinamos um dia. Indo contra todo o seu bom senso apenas para saber como estou.

— Eu estou bem — minto.

— Não minta para mim, Lin... — Suas palavras morrem no meio da frase e todo o meu corpo tensiona. — Mel.

Meu coração aperta.

As palavras de Liam ressoam em minha mente.

O momento com Amber também.

O olhar de Aidan e Audrey quando disse que iria ficar com Logan.

Tudo é confuso.

— Por que você realmente está aqui, Edmund?

Ele engole em seco, respira fundo e dá um passo para trás.

Tenho vontade de me virar e correr até meu quarto. De me esconder para não o deixar perceber o quanto a sua presença ainda mexe comigo. Como não consigo odiá-lo mesmo que seja o mais certo a se fazer.

— Porque não posso suportar a ideia de te fazer sofrer.

— Tarde demais. — Inclino minha cabeça para o lado. — Você já fez isso.

Edmund engole em seco e percebo que minhas palavras o acertaram.

Se fosse no passado, eu sorriria para ele. Ele provavelmente devolveria com algo que me afetaria e deixaríamos isso para lá. Também adoraria saber que havia desconcertado a pessoa que me irritava a todo instante.

Mas, depois de tudo o que vivemos, o seu sofrimento não me apetece.

E odeio isso.

Odeio me sentir tão fraca quando se trata dele.

— Você não imagina o quanto sinto muito por isso — diz, baixo, fechando os olhos por um instante. — Se eu pudesse voltar no tempo...

— Mas não pode. Você não pode fazer mais nada — corto-o, mordendo meu lábio. — Então, *por favor*, você pode ao menos me deixar em paz? Você pode esquecer tudo o que chegamos a representar um para o outro? Porque, não sei se entendeu ainda, mas esse é o fim dos nossos acordos, Ed.

Dor intrínseca toma conta do meu corpo a cada palavra proferida.

— Linda...

O apelido dói como se estivesse enfiando uma adaga em meu peito.

Dou um passo para o lado, precisando de espaço e observo a cidade de relance.

Ed toma isso como um convite, tentando se aproximar e encarando-me como se quisesse me puxar para um beijo. E, por Deus, isso é tudo o que desejo. Tudo o que está na minha cabeça desde que o vi parado no elevador com o olhar assombrado.

— Você deveria ir embora.

— Mel...

— Não faça isso. Não me machuque mais. Não me quebre mais do que você já fez, Ed. Isso nem mesmo é um pedido, é uma súplica. — Suspiro, cansada. — Porque não vou aguentar, não suporto mais ser machucada. Não por você, nunca mais por você. Então, por favor, Edmund me deixe em paz. Me deixe superar tudo o que passei. Me deixe ao menos ter a esperança de que *posso* superar isso.

Ele dá um passo à frente e, outra vez, reteio.

Seus olhos se tornam mais dolorosos e tudo em mim desaba.

— Mel...

— Você não imagina como está sendo a minha vida. Você não imagina o que aquele acidente causou. Eu passei quase um mês tentando superá-lo. Eu não podia dançar, Edmund. — Fecho meus olhos por um momento. — Eu tinha medo de andar e cair. Tinha *tanto* medo e você nem mesmo estava lá. Você fugiu e me deixou. Você não foi aquilo que prometeu e isso me dói mais do que qualquer outra dor que possa ter me infligido.

Minhas palavras doem tanto, mas não como o olhar em seu rosto.

— Não me encare assim, por favor — pede.

— Assim como?

— Como se não me conhecesse.

— Eu não te conheço, Edmund — digo, fechando os olhos por um minuto. — E isso é o que me dói mais, porque me apaixonei por uma versão sua que nem mesmo sei se existe.

— Você conhece cada parte de mim — ele dá mais um passo. — Você, melhor do que ninguém, sabe todas as coisas que me compõe. Então, nunca diga ou pense que não me conhece, Mel. Nunca ouse dizer que não fomos verdadeiros um com o outro. *Nunca diga isso.*

Lágrimas se alojam nas bordas dos meus olhos.

Tudo dói.

Respirar dói.

Encará-lo dói.

É apenas dor, apenas a mais crua e dolorosa dor.

— Então por que fez tudo aquilo? — Minha voz sobe um decibel. — Por que me machucou? Por que mentiu dessa forma? Por que você me quebrou tanto, Ed?

— Porque eu te amo mais do que qualquer pessoa poderia entender. Mais do que *eu* poderia entender. — Frustrado, ele leva as mãos até os cabelos úmidos, bagunçando-os. — E, por isso, não consegui ser racional como sempre, não pensei em uma boa forma de te explicar tudo com antecedência. Não menti por querer te manipular, apenas agi por impulso. Encontrei uma forma de te proteger e fiz, independente da distância e das consequências. Não pensei em absolutamente nada. Pela primeira vez na vida os meus sentimentos se sobressaíram à minha inteligência. E isso me doeria, se não fosse tão gratificante te amar.

Uma risada amarga salta dos meus lábios.

É dolorosa, cruel.

Cruel num nível que nunca percebi que poderia chegar.

— Você me expôs para o mundo. — Minha voz aumenta e nem mesmo me importo mais se posso acordar todos. — Você estampou o meu nome nas maiores manchetes da cidade. Você soltou a porra de uma notícia falsa sobre uma traição quando sabia que isso poderia acabar comigo. Você entregou o meu endereço de bandeja para a mídia e me fez mudar toda a

minha vida por isso. Então me diga como alguém que ama faz isso, Edmund? Como alguém que ama não pensaria que isso poderia destruir a *minha* vida? A minha carreira? Machucaria todas as pessoas ao meu redor?

Ergo o rosto mesmo que encará-lo me machuque.

Observo-o tão derrotado e cada palavra que salta dos meus lábios queima a minha garganta.

Não deveria ser assim.

Não deveria.

Ele não deveria me machucar dessa forma.

— Eu expus o seu *namorado*. Eu joguei as notícias na mídia porque sabia que assim ele sairia do seu caminho e a família dele teria que recuar. Vazei seu endereço porque sabia que Verônica te colocaria na cobertura e que lá teria a melhor segurança para que ele nunca mais pudesse chegar perto de você. Eu fiz tudo isso pensando no melhor para você, Melany, mesmo que você nunca tenha percebido o quão canalha ele era. — Sua voz endurece. — Liam pode não ter dado uma entrevista, mas enviou fotos e vídeos comprometedores seus para o time e precisei hackear todos os aparelhos para excluí-los. Eu passei noites atrás de tudo o que podia comprometer a sua carreira.

Edmund dá um passo à frente e absorvo suas próximas palavras.

— Ele não vazou nossas fotos, Melany, mas deu todas as informações necessárias para todos os repórteres validarem a sua narrativa mentirosa. Ele disse sobre como suspeitava que tínhamos algo antes mesmo que eu voltasse da França, porque ele via como ficávamos sempre que estávamos no mesmo ambiente. — Mais um passo e acho que nem consigo respirar. — Sobre morarmos juntos, sobre quando se separaram, as vezes que o ameacei e subornei seu pai para mantê-lo longe de você. *Ele deu todos os detalhes, Mel.*

— O que você quer dizer com isso? — Minhas palavras soam confusas.

— Ele não te machucou, mas usou qualquer oportunidade para te manter longe de tudo o que ama. E você sabe disso, sabe que ele nunca despertaria em você o que eu te faço sentir e por isso negou o pedido. Por isso nunca o apresentou para os nossos amigos.

Suas palavras ecoam em looping na minha mente.

— Eu fiz o possível para te manter longe da pessoa que só queria te usar como uma boneca bonita — Edmund continua quando apenas fico em silêncio, escutando todas as suas malditas coisas. — Eu destruí a família dele, porque sabia que apenas queriam usar o meu sobrenome, através da minha irmã, para poderem subir na hierarquia novamente. Eu retirei todos os patrocínios porque ele não merecia ter sucesso quando estava sendo construído a base do seu nome. Ele não merece nem mesmo respirar o mesmo ar que você. — Ed dá um longo suspiro. — Liam não é quem você acha, Melany. Ele te traiu incontáveis vezes, te manipulou, te usou e te fez acreditar que eu era a pessoa errada. Mas eu não sou, *amor*. Então, *por favor*, confie em mim.

— Não preciso que você cuide de mim.

— Eu sei, mas sempre vou cuidar. — Ele respira fundo. — Você me amando ou odiando. Vou destruir quem quer que tente te machucar. Porque a minha prioridade sempre vai ser você, Melany Underwood.

Seus olhos estão nos meus.

Nada poderia mudar isso.

Nada poderia impedi-lo.

— Ed...

— Eu sou completamente e irrevogavelmente apaixonado por você, Linda. — Ele me dá um sorriso fraco, repetindo as mesmas palavras do iate. — Não sei em qual momento me apaixonei. Não sei quando consegui capturar meu coração e apagar a existência

de qualquer outro sentimento referente a você. Não tenho ideia de quando começou, mas, em um momento, eu queria te esganar por ser tão irritante e cheia de si. Eu queria você longe da minha família, queria que parasse de estar em todos os lugares. — Faz uma pausa. — No outro, eu estava obcecado, não conseguia mais parar de pensar em você. De te desejar. De ser uma pessoa completamente patética apenas para ter você. Em algum momento, toda a minha obsessão, possessividade e qualquer outro sentimento assustador foi transformado em uma enxurrada de sentimentos que eu não conseguia compreender. Você trouxe cores para a minha vida, me fez apreciar de novo o ballet. Encheu a minha cobertura de corações e alegria. Me fez construir um estúdio no meu lugar favorito, pedir à minha mãe para desenhar vestidos e assistir filmes idiotas apenas porque você ama.

Uma lágrima desce pelo meu rosto.

— Você coloriu a minha vida, Melany Underwood, quando eu achava que amava o preto e branco. Você me mostrou que havia mais vida além daquela que me acostumei. — Mais um passo. — Você é o motivo pelo qual passei noites lendo sobre sistemas de iluminação, sobre a doença da sua mãe, sobre ballet. Você é o motivo pelo qual invadi câmeras para te ver, porque sabia que não desejava a minha presença. Você é o motivo pelo qual eu faço qualquer coisa e que irei continuar fazendo. Porque eu amo você, Melany. Corpo. Alma. Coração.

Uma lágrima desce pelo rosto de Edmund.

O observo completamente fascinada.

Nada poderia ser diferente quando se trata de nós dois.

Ed lutou. Ele esteve lá, mesmo que em silêncio, me ajudou a superar as minhas dores e percebo que o ajudei a fazer isso também.

Nós sempre estivemos destinados um ao outro.

Sempre nos pertencemos.

E talvez tenha começado naquela queda na piscina.  
Nas provocações.

Não sei.

Apenas sei que, em algum momento até aqui, Edmund Blackwell atravessou todas as minhas barreiras e reivindicou o meu coração para ele. Ele não foi a minha parada no meio do caminho, mas sim, o meu destino final.

O meu final feliz.

— Eu sempre tive medo do amor. — Dou um passo em sua direção. — Sempre tive medo de repetir o ciclo que meus pais tiveram. E nunca me encaixei na vida de ninguém, nunca tentei pertencer a algo porque sempre achei que estava bem sozinha. Achava que ninguém entenderia toda a minha bagagem. E nunca deixei alguém se aproximar de mim, porque sempre acreditei que ninguém se interessaria por ficar na minha vida. Eu sempre estava fugindo de mim mesma e de quem ousasse me amar. — Respiro fundo. — Sempre achei que eu tinha algo de errado, que não merecia o amor. E sempre quis fugir... Até conhecer você, Edmund Blackwell. Você chegou na minha vida quando eu não desejava algo, quando tinha acabado de negar um noivado. E mesmo assim, ficou, me mostrou que eu podia acreditar no amor para mim. E isso me fez entender uma coisa.

— Entender o que, linda?

— Que você e eu somos destinados. Você é a minha arte, é a minha dança favorita. — Seguro seu rosto sentindo as lágrimas nublar meu olhar. — Você é a minha casa. É o meu coração, nerd. Eu sou completamente e irrevogavelmente apaixonada por você, Edmund. E ainda quero te bater por ter sido um filho da puta, por ter mentido para mim e tudo mais. E acredite, eu ainda vou jogar isso muitas vezes na sua

cara quando me deixar nervosa. Porém, não posso mais ficar mais longe. Não posso mais fingir que eu não te amo. Porque eu amo você, seu idiota.

— Você ainda me ama?

— Com cada batida do meu coração.

— Deus, eu esperei anos por isso. — Ele se aproxima, segurando meu rosto.

Edmund sorri.

É perfeito.

Inigualável.

Sem esperar por mais, ele me beija.

E tudo ao nosso redor parece não ter mais importância.

Somos apenas ele e eu.

Blackwell e Underwood.

Rivais.

Amantes.

Pertencentes.

O universo todo reside nesse momento.

Nós somos inatingíveis.

— Linda?

— Sim?

— Eu fiz algo. — Ele resvala seus lábios nos meus.

— Contanto que não nos afete, *de novo*, posso lidar com isso — murmuro, abrindo um pequeno sorriso. Em paz. Finalmente, estou em paz.

Edmund solta uma risada e percebo que juntos somos constelações ainda não descobertas. Nós somos o tipo de estrelas que nunca sumirão e que mesmo quando morrermos, os átomos dele e os meus se encontrarão.

— Eu criei um jogo... — ele murmura contra meus lábios. — Na verdade, passei três anos criando-o e finalmente terminei.

Ergo uma sobancelha.

— E sobre o que é?

— Sobre a história que eu sempre quis ter com você, wildcat. — Há tanta calma em suas palavras que um novo sorriso nasce em meus lábios. — E agora posso dizer que encontrei um final perfeito para ele.

— E qual seria, Ed?

— Um onde nós dois terminamos juntos, linda.



## BAILE ANUAL

*E eu disse: Romeu, me leve a um lugar onde possamos  
ficar sozinhos*

*Eu esperarei, tudo o que nos resta fazer é fugir*

*Você será o príncipe e eu serei a princesa*

*É uma história de amor, meu bem, apenas diga sim*

*Então eu escapei para o jardim para ver você*

*Nós ficamos quietos, porque nos matariam se soubessem*

**Love Story | Taylor Swift**

*Edmund Blackwell*

Certa vez, me questionaram o motivo do porquê nunca quis dançar no Baile Anual da minha família.

Eu sempre achei que era porque preferia ficar nos bastidores a precisar lidar com toda a mídia que nos cercava. Até que me abri por completo com Mel. E entendi o único motivo: esse momento era destinado apenas aos casais da minha família.

Por décadas, nós mantemos a tradição.

E, por anos, observei meus irmãos e pais usarem desse momento para mostrar ao mundo como fazemos de tudo pela família.

Eu observei Dylan e Hazel. Logan e Verônica e até mesmo Jonathan e Amber.

Eu os vi na sua maneira mais intrínseca.

Vi o amor na forma mais intensa e verdadeira.

E achei que nunca poderia vivenciar isso, que sempre seria apenas o telespectador. Tinha aceitado que contanto que meus irmãos e amigos achassem os seus amores, eu poderia ficar bem. Poderia construir a minha vida apenas através da minha carreira com os meus jogos.

Mas isso até eu vê-la naquele vestido de madrinha, três anos atrás.

Até observá-la dançar com Andrew.

Até que desejei ser o seu par.

Agora enquanto ajusto meu *smoking*, em frente ao espelho, penso que finalmente tenho o que desejo desde aquele dia.

Meus dedos deslizam pelo colarinho, certificando-se de que está tudo em ordem. Respiro fundo, quando ouço a porta do quarto se abrir suavemente. Meus olhos encontram os dela pelo reflexo no espelho, e por um momento, o tempo parece parar.

— Nós vamos nos atrasar, nerd.

Umedeço meus lábios, contemplando a visão perfeita que tenho de Melany.

O penteado elaborado deixa as madeixas escuras caírem pelas suas costas, destacando o vestido preto elegante, com um caimento perfeito, que se molda ao seu corpo de uma forma que faz o ar ficar mais denso ao meu redor. A saia volumosa com a barra mais curta na frente revela os sapatos de salto alto e a cada passo que dá até onde estou, seu sorriso aumenta.

— Fascinante — murmuro, terminando de ajeitar a minha gravata. — Eu poderia ilustrá-la nesse momento.

Meus olhos seguem cada movimento suave enquanto ela caminha até mim. Pelo espelho, vejo o

sorriso que se forma em seus lábios e não preciso dizer uma palavra; o reflexo dela ao meu lado é tudo o que preciso para saber que essa noite será inesquecível.

— Estou começando a achar que não haverá espaço para mais quadros.

Ela para atrás de mim, seus dedos tocando meu ombro de leve e o calor do toque dela atravessa o tecido do *smoking*, acendendo todo o meu corpo.

— É a minha intenção. — Sorrio. — Você está bem? Está sentindo alguma dor?

— Já faz quase quatro meses desde o acidente, Edmund, você não precisa se preocupar a todo instante.

— Ela revira seus lindos olhos. — Você, Aidan e Logan precisam parar de me questionar isso o tempo todo.

— Impossível. — Viro-me para ela, pegando seu rosto entre as mãos. — Eu vou querer saber sobre seu estado de saúde vinte e quatro horas por dia.

— Colocando dessa forma, você parece que hackeou os meus prontuários. — Desvio meu olhar, mas não rápido o suficiente. — Edmund!

— Eu precisava saber como você estava.

— Perguntar para nossos amigos não era o suficiente?

— Não, eu precisava de *todos* os detalhes. — Dou de ombros. — E não tenho culpa se o hospital tinha um péssimo sistema de segurança.

— É o hospital da *sua* família.

— Nossa, wildcat. — Aproximo-me deixando um beijo em seus lábios. — Tudo o que é meu é seu. Assim como tudo o que é da minha família também te pertence.

— Me pertence?

Ela inclina a cabeça para o lado, sorrindo.

— Achei que já tinha ficado claro, mas parece que não. — Abaixo-me, deixando um beijo em seu queixo. — Você e eu, querida, somos para sempre. — Outro beijo,

agora em seu pescoço. — Até o nosso último suspiro. E, mesmo após ele, ainda vou encontrar uma forma de te achar no pós-vida. Porque não há universo, tempo ou circunstância que me faça não te achar, não me faça amar você com tudo o que tenho.

As mãos dela sobem até o meu rosto, afagando-o e solta um enorme sorriso.

Se felicidade fosse uma imagem, ela, com certeza, seria uma fotografia desse momento. Porque sinto como se o mundo todo estivesse nos eixos e finalmente está onde deveria estar.

— Eu amo você, nerd — ela murmura. — Corpo. Alma. Coração.

Beijo seus lábios rapidamente.

— E eu amo você, wildcat — devolvo no mesmo tom. — Corpo. Alma. Coração.

Eu a beijo, sabendo que posso respirar tranquilamente.

É um beijo totalmente diferente.

Não há raiva como os nossos primeiros.

Não há segredos.

Nem mentiras.

É completamente verdadeiro.

É um beijo que contém amor, paz e promessas.

Promessas que sussurramos desde quando nossos olhos se encontraram pela primeira vez, mas nunca tivemos a coragem de assumirmos.

No entanto, agora é diferente. Melany me traz a certeza de que somos um encaixe perfeito. Um amontoado de sonhos que realizaremos juntos.

Um reflexo do mais puro e verdadeiro amor.

Mel me deu motivos para lutar.

Ela me fez querer algo que estava acima da fortuna.

Ela foi o meu primeiro amor. Meu primeiro desejo.

A minha primeira em tudo.

E será a última.

Porque o que temos é eterno.

Um arranhar de garganta me faz afastar um pouco dela a contragosto e encarar Logan parado na porta com uma careta e um pequeno ser embrulhado em uma manta rosa nos braços.

Melany nem mesmo hesita antes de se afastar de mim e correr até seu irmão e sobrinha. Por um instante, apenas observo a felicidade que esbanja ao pegar Atena no colo e sorrir pela forma como os olhos azuis da pequena integrante da família se abrem.

— Oi, Tena — ela murmura. — Eu sei que você prefere o colo do seu avô ranzinza, mas tente fingir que gosta do meu também, ok? Ou terei que dizer a Noah que ele é meu sobrinho favorito.

Logan revira os olhos pelo drama da irmã e aproveito para me aproximar calmamente, observando-a com a neném e, por um instante, me questiono se ela deseja filhos. Se ela quer construir uma família ao meu lado. Porque desejo o mundo inteiro com Melany e se, porventura, ela desejar carregar o meu filho, vou ser o homem mais feliz de todo o universo.

— Ela está feliz — diz, encarando-a se afastar de nós e seguir até a varanda do quarto.

Coloco a mão nos bolsos da minha calça e levo o meu olhar até Mel.

— Ela está. — Meneio a cabeça. — Às vezes ela ainda acorda assustada, mas começou a frequentar a terapia.

— E você nunca a deixou.

— E nunca a deixarei — afirmo sem hesitar. — Eu não menti quando disse que Melany representa toda a minha vida, Logan, assim como Verônica representa a sua. E mesmo que saiba que você ainda tem receio, posso te afirmar que vou amá-la até o meu último suspiro.

— Eu sei. — Ele me dá um aceno conciso. — E sinto muito pela forma como te tratei no hospital. Foi muita coisa para processar. Vee tinha entrado em uma cirurgia de emergência, Mel tinha sofrido um acidente e o nome de vocês estava em todas as manchetes. Foi muito para processar e acabei descontando na pessoa errada.

— Eu sei e não o julgo — digo, sincero. — Você pode fazer companhia para Mel durante um tempo?

Logan ergue uma sobrancelha, confuso.

— Por quê?

— Porque há uma pessoa que preciso falar antes desse baile. — conto, dando um passo para trás. — E é realmente importante.

Ele dá um passo para trás, acenando antes de andar até Melany.

Dou uma última olhada para ela parada com a pequena no colo e sigo até o outro lado da mansão, onde Verônica está. Hesito um pouco antes de bater na porta, de leve, e encontrá-la parada ao lado do berço de Noah. Seu olhar brilha para o filho, que dorme pacificamente.

— Eu posso sentir o seu olhar em mim, Ed — diz ainda encarando a criança.

Entro com calma em seu quarto e caminho até ela, que se vira em minha direção.

Verônica parece forte e confiante, um reflexo escancarado da nossa mãe.

— Eu queria saber se você estava bem — digo uma meia-verdade.

Ela me dá um sorriso singelo.

— Cansada, com sono na maioria dos dias e querendo socar o meu marido por ter me dado dois filhos ao mesmo tempo. — Há toque de humor em suas palavras. — Mas eu também me sinto a pessoa mais feliz do mundo sempre que olho para eles e percebo que eles são a minha vida agora.

— Eu fico contente em saber disso.

— E como você está, Ed? — Ela entrelaça os dedos em frente ao corpo.

— Às vezes sinto medo por estar feliz demais — conto e ela dá um passo à frente. — Eu também sinto a sua falta e sinto que não posso mais fingir que não te decepcionei.

Verônica para à minha frente, sorrindo.

— Você não me decepcionou, Ed. Porque eu também fui dura com você — profere, baixinho. — Você e Mel são adultos, sabiam o que estavam fazendo e sinto muito por ter reagido daquela maneira. — Me aproximo dando um beijo em sua testa. — Apenas não minta mais para mim, não esconda nada. Se precisar de algo, quero que saiba que sempre vou estar aqui por você.

— Eu te amo, Vee.

— Eu te amo mais, Ed.

— E eu ainda quebrarei todas as regras por você.

— E eu sempre destruirei impérios por você, Ed.

Me aproximo, dando mais um beijo em sua testa.

Tudo está bem.

Tudo é real.



— Por que não podemos fugir desse baile?

A voz de Levi me faz desviar o olhar dos convidados.

— Porque eu me sentiria como um maldito universitário de novo — Josh resmunga ao meu lado. — E mesmo odiando tudo isso, prefiro fingir que somos adultos responsáveis.

— Nós somos adultos responsáveis — Oliver contrapõe.

— Não é isso que está parecendo — resmungo, levando a taça ao meu lábio. — Já que estamos evitando todos os convidados e fugindo de qualquer possível empresário que tente nos interceptar.

— Minha maturidade vai até certo ponto — Dylan grunhe ao lado de Logan. — Onde está minha esposa? Ela sabe controlar esse caos melhor do que eu.

— Provavelmente está obrigando Analu a ficar parada. — Levi suspira. — Já que a minha esposa, mesmo grávida, não consegue se manter quieta.

— E Melany? — Logan questiona.

— Com o irmão de vocês — Aponto com o queixo para onde minha bailarina está sorrindo para o irmão que odeia estar aqui.

— Como fizeram Aidan comparecer a um baile dos Blackwell?

— Não fizemos — afirmo, sem tirar os olhos dela. — Ele ama Melany o suficiente para colocar a felicidade dela acima de qualquer rancor que sinta pela minha família.

Todos observam por um instante o Underwood mais velho.

— Então acabou?

*A rivalidade.*

*As brigas.*

*O ódio.*

— Acabou — Logan e eu respondemos em uníssono.

— Aidan finalmente vai poder encontrar a felicidade que merece sem que essa briga esteja sobre nossas cabeças — meu cunhado diz, relaxando os ombros. — Nós finalmente estamos livres do passado.

*Nós estamos livres do passado.*

Logan e Verônica não precisam mais se lastimar pelo que aconteceu.

Oliver e Summer não precisam esconder as suas cicatrizes.

Levi e Analu podem seguir em frente depois de anos afundados no luto.

Dylan e Hazel superaram a perda do seu filho.

E Melany e eu superamos a perda daqueles que nos machucaram.

Nenhum de nós precisamos nos importar mais com o passado.

Assim como toda a nossa família.

Finalmente podemos ser felizes.

Nada mais pode nos tirar isso.

— Com licença — peço, me afastando e indo até Mel.

Desvio de todos os convidados até escutar a sua risada fraca e, por um momento, apenas aprecio como ela está relaxada e como Aidan tem um pequeno sorriso no rosto.

Ele me encara por cima dos ombros e indica a Melany que estou me aproximando. Minha garota nem mesmo escuta o restante da frase, porque se vira ainda sorrindo para mim e percebo seus olhos brilharem.

— Você está linda — digo, não me importando com mais nada. — Aidan.

— Edmund — ele devolve.

— Aidan está indo para Califórnia — Mel conta, sorrindo. — Chris o contratou para supervisionar a construção do novo clube.

Coloco as mãos na cintura de Melany.

— Não sabia que você e Christian eram amigos — afirmo.

— Nós estudamos juntos — diz, conciso.

Melany se vira, deixando um beijo em minha bochecha e se afasta um pouco.

— Preciso falar com Summer, já volto.

Antes que eu possa dizer algo, ela some entre os convidados e sei que apenas fez isso para dar a mim e ao seu irmão um tempo a sós, mesmo que o desconforto seja palpável.

— Você vai cuidar dela? — Sua pergunta me faz encará-lo. — Estou indo embora definitivamente. Mas não posso embarcar amanhã com essa dúvida.

Aidan ama Melany acima de qualquer coisa. Ele esteve ao seu lado em toda a sua recuperação, mesmo distante.

— Eu vou cuidar e amá-la até o fim da minha vida, Aidan — afirmo sem hesitar. — Mesmo que ainda tenha seus receios, posso prometer que Mel nunca mais vai sofrer e se isso vier a acontecer, vou machucar qualquer um e isso me inclui. Ela é tudo para mim. E a amo com toda a minha alma.

Ele fica em silêncio por um momento.

— Acredito em você. — Ele dá um aceno breve. — E realmente sei que ela será feliz ao seu lado. Mas saiba que não me importaria de voltar a Saint Vincent apenas para te socar caso ela se machuque de novo.

Dou-lhe um pequeno sorriso sem mostrar os dentes.

— Eu sei — concordo. — Vi perfeitamente o que você é capaz de fazer quando deseja protegê-la.

— Bom. — Ele meneia a cabeça, com calma. — Agora preciso fazer uma ligação e vou aproveitar a bebida que estão servindo antes de ir embora.

Sem esperar por uma resposta, ele se vira e caminha até o bar, e o analiso de longe, saudoso com todo o momento.

A memória de Sophie não pode mais nos machucar.

Ela já não pode mais nos prender.

Todos nós estamos livres.

Com um suspiro, me viro e sigo até Melany, que conversa com a minha mãe do outro lado do salão.

Amber sorri amplamente para a mulher que amo e percebo o quanto as duas se aproximaram desde o acidente. O quanto mamãe ama e aprecia a sua companhia.

— Você demorou para achá-la — Amber afirma.

No entanto, apenas dou de ombro e volto minha atenção para Mel.

— Não pretendo cometer um erro desses novamente, mãe. — Sorrio para elas.

Melany revira os olhos, mas percebo a sugestão de sorriso em seus lábios ao mesmo tempo que minha mãe solta uma risada fraca e começa a se afastar rumo a Jonathan que a encara a todo instante.

— Você não consegue ficar longe de mim, não é?

— Nem mesmo por um minuto. — Me aproximo beijando-a de leve. — Ficar longe de você me deixa fora de órbita.

Mel tomba a cabeça para trás, soltando uma risada deliciosa, e aproveito para me aproximar mais um pouco, segurando a sua cintura e puxando-a para mim.

— Meu Deus, você ainda é péssimo com cantadas.

Umedeço meus lábios, abrindo um longo sorriso.

— Se eu te convidasse, você dançaria comigo?

Sua cabeça se inclina para o lado lembrando de quando fiz a mesma pergunta.

— No baile anual?

Solto uma risada, me aproximando mais dela.

— Em qualquer lugar, wildcat.

Sua mão se ergue até meu ombro e morde o lábio inferior.

— Sim — sussurra, engolindo em seco. — Eu dançaria com você em qualquer lugar do mundo, nerd.

Sem mais nenhuma outra palavra, eu a levo para o centro do salão.

Assim que nos posicionamos, a melodia lenta de *Infinity* de James Young preenche o salão. Essa versão é

diferente da original, mais suave e delicada. Minha mão desliza até a cintura de Mel enquanto a outra se entrelaça com a dela. Ela agarra meu ombro com firmeza, e então, começamos a dançar.

Rodopiamos pelo salão em uma sincronia que me surpreende. Nossos olhares se encontram quando giramos e sinto tudo mais leve.

Somos apenas nós dois, mesmo em um lugar cheio de pessoas.

Melany não vacila em nenhum momento.

Ela segura minha mão de um jeito que me faz sentir sua confiança nos meus passos e me deixa conduzir a dança.

Somos o começo, meio e fim.

Um capítulo que sempre esperei.

Nesse instante, nada nos separa. Nenhuma distância.

*Querida, este amor, eu nunca vou deixar morrer  
Não pode ser tocado por ninguém, eu gostaria de  
vê-los tentar*

*Eu sou louco pelo seu toque  
Menina, eu perdi o controle  
Eu vou fazer isso durar para sempre  
Não me diga que é impossível*

Melany sorri quando sussurro a letra em sua direção e suas pupilas nunca deixam as minhas.

Ela é minha.

Eu sou dela.

Melany Underwood é a minha arte favorita.

O amor que estive anos esperando e que agora percebo que chegou no momento certo. Chegou quando já tínhamos lutado por tudo e precisávamos apenas de paz.

O amor que poucos acreditam.

Incomparável.  
Destemido.  
Completamente nosso.

*Porque eu te amo até o infinito (oh, oh, oh)*  
*Eu te amo até o infinito (oh, oh, oh)*  
*Porque eu te amo até o infinito (oh, oh, oh)*  
*Eu te amo até o infinito (oh, oh, oh)*

Giramos novamente e percebo que todos os nossos amigos agora rodopiam ao nosso entorno, mas todos os olhares estão em nós dois. No casal que ninguém imaginava que se formaria. No casal que nasceu de uma aversão recíproca.

Mel me encara e sorri abertamente.  
Ela sabe que eu a amo e isso basta.  
Nós dois bastamos.

— Uma vez, meu pai me disse que todos os corações do universo eram meus. — Seus olhos se enchem de lágrimas. — Mas agora percebo que não preciso de todos eles.

— Por quê?

— Porque eu finalmente tenho o coração que passei três anos desejando.

— Obrigado, Mel.

— Pelo quê?

— Por ter continuado dançando...

— Mesmo quando não havia música, nerd — ela complementa.

Um novo sorriso nasce em meus lábios.

É tão verdadeiro.

Tão real.

Eu sei, *simplesmente sei*, que pode acontecer qualquer coisa no futuro, mas nós dois sempre estaremos juntos. Porque não existe nenhuma possibilidade no universo onde Underwood e Blackwell não se pertençam.

*Fim.*

# EPÍLOGO I

*Você e eu pertencemos um ao outro  
Igual chá gelado e um clima mais quente  
Onde ficamos deitados até tarde sob os pinheiros  
E nos divertimos mesmo quando o Sol não brilha  
Você e eu pertencemos um ao outro o tempo todo*

**Belong Together | Mark Ambor**

*Melany Underwood*

Desisto de lutar contra as lágrimas quando Ollie e Sum trocam as alianças de casamento após um dos discursos mais lindos que já ouvi em minha vida. Não me surpreendi quando Wright fez referências à Marvel que apenas eles entenderam.

Nem quando chorou.

Ou quando Jayden e Theo entregaram as alianças.

Foi a cena mais linda em toda a minha existência.

Sinto um beijo estalado em minha bochecha e percebo que Ed está quase fazendo malabarismos ao meu lado para segurar Atena, inclinada sobre mim. O sorriso no rosto dele me indica que mesmo que não tenha jeito com crianças, elas ainda o amam.

— Oi, meu amor. — Seguro-a, devolvendo o beijo em sua bochecha.

Tena solta uma pequena risada quando faço carinho em sua barriga e meus olhos brilham ao perceber que ela, cada vez mais, se parece com Logan. Os cabelos escuros, os olhos azuis. No entanto, ele realmente estava certo quando disse que ela herdou todo o temperamento de Verônica.

— É incrível que eu faça de tudo por essa garota e ela sempre escolha Jonathan ou você — Ed diz, fingindo estar chateado com a garotinha em meus braços que sorri para ele, como se estivesse se desculpando.

— Não sinta ciúmes, nerd — provoco-o, sentindo sua mão em minha cintura. — Não tenho culpa se sou a tia favorita de todos.

— E qual é a sua desculpa para Jonathan?

— Ela é a minha neta, ela sempre vai ser a minha princesa. — Jonathan aparece ao meu lado, brincando com as mãozinhas. — Aliás, tratem de me dar mais uma para que eu possa dizer a sua mãe que elas me preferem.

— Você quer mais netas para disputar com Amber?  
— questiono.

— Claro! Minha esposa odeia perder. — Ele dá de ombros, indiferente. — Ela tem o amor de Noah e Jayden só para ela. Preciso estar em vantagem. Então tratem de me darem mais netas.

Arregalo os olhos e apenas observo-o pegar a minha sobrinha e se afastar. Me viro para Edmund que segura uma risada.

— Seu pai sempre consegue transformar tudo em uma competição?

— Você se surpreenderá em ver como ele gosta de jogar com a minha mãe. — Ele revira os olhos. — Isso me faz questionar se um dia teremos os nossos próprios bebês.

— Você quer? — questiono, encarando-o. — Pequenos humanos que irão testar as nossas paciências até o limite?

Ed sorri, se aproximando e segura a minha cintura.

— Não seria de todo ruim.

— Mesmo se um deles conseguir acabar com toda a sua paciência?

Edmund ri.

— Se eles tiverem os seus olhos e sua generosidade, wildcat, podem fazer qualquer coisa que ainda irei amá-los incondicionalmente.

Suspiro, dramatizando minha resposta a seguir.

— Bem, se você diz, podemos pensar nessa possibilidade daqui a um tempo. Depois que eu voltar a dançar — afirmo.

— Depois que você voltar a dançar, amor. — Ele se aproxima, deixando um beijo na minha testa. — E depois que eu colocar a aliança da minha avó em seu dedo e você estiver usando meu sobrenome.

Ergo o rosto, encontrando um sorriso brilhante.

— Melany Underwood-Blackwell? — digo, baixinho.  
— Eu gosto disso.

Ele solta uma risada.

— Eu te amo, wildcat — Ed diz, me dando um dos seus sorrisos que sempre parece ser o mais bonito do mundo. — Corpo. Alma. Coração.

— Corpo. Alma. Coração, nerd — repito, lhe dando um selinho. — Eu te amarei em todos os universos existentes.

Porque é isso.

Nós somos tudo.

Rivais.

Amantes.

Melhores amigos.

Confidentes.

Ele é meu maior incentivador e eu sou a sua maior fã.

Um dia fomos a nossa mentira favorita.

Hoje, somos a verdade mais bela.

Pertencentes.

Únicos.



Estou nervosa como estive poucas vezes na vida.

Faz mais de oito meses que não me apresento para tantas pessoas.

Faz meses que apenas assisti apresentações da primeira fila.

Tentei voltar a dançar desde o acidente. Mesmo com a dor alucinante correndo em minhas veias e o pedido de todos ao meu redor para que eu descansasse, eu tentei. Eu passei incontáveis horas treinando, discutindo quando Ed tentava me fazer parar um pouco.

Apesar de saber que estava certo, era difícil deixar que meu corpo descansasse quando algo em mim gritava para continuar. Para não parar, não me abater e não deixar que aquele acidente tirasse de mim uma das coisas mais preciosas que tenho.

No fim, Edmund me convenceu a, pelo menos, diminuir o ritmo de ensaios e treinos. O que aconteceu de forma muito moderada — e com a supervisão do meu namorado — até que fui liberada pelos médicos e fisioterapeutas a voltar ao ritmo de antes.

Até que o medo de não ser a mesma me pegou.

Foi difícil me convencer de que estava pronta. Foi mais difícil ainda tentar lutar contra a minha mente quando ela tentava me manter estagnada. Mas até que esse momento acontecesse, confesso que dei um pouco de dor de cabeça ao meu nerd favorito, que, por sinal, está me encarando nesse momento como se soubesse exatamente o que se passa em minha cabeça.

Ele cruza os braços frente ao corpo e se encosta na penteadeira, encarando-me com um olhar conhecedor.

— Já fez isso centenas de vezes, wildcat — diz, se aproximando e abraçando-me por trás. — Vai dar conta

dessa também.

Normalmente, eu não teria uma companhia no camarim. Mas não pude negar ao dono do teatro, que, por coincidência, é o mesmo que tem o título de meu namorado.

É a mesma pessoa que cancelou a apresentação que ensaiei por anos até que eu estivesse bem o suficiente para estrear como solista, mesmo que isso tenha acabado em uma discussão onde ele precisou de uma noite toda para me convencer a desculpá-lo.

— É diferente, você sabe disso — respondo-o com o nervosismo escorrendo em minha voz. — Faz meses, nerd.

— E você continua sendo a melhor no que faz.

— Você diz isso para absolutamente todas as coisas que faço.

— E continuo tendo razão. — Seu sorriso aumenta. — Você não precisa se preocupar com nada. É a sua noite. Aproveite, linda. E quando acabar, saiba que estarei te aplaudindo de pé.

Sorrio, sabendo que ele está certo.

Que mesmo que aconteça qualquer coisa, ele estará comigo.

Porque Edmund Blackwell esteve lá por mim em todos os momentos. Ele se sentou na lateral do meu estúdio e me viu treinar por horas. Ele também sorriu quando finalizei a minha coreografia sem dor alguma.

Ed esteve lá. Em todos os momentos, assim como prometeu.

Quando anunciam que é a minha vez, respiro fundo, jogando toda a preocupação para lá, dou um beijo leve nos lábios de Ed e caminho para fora do camarim, fazendo o trajeto que faço há anos.

Eu fui a melhor bailarina por anos.

Me encontrei nos palcos.

Na dança.

E agora saber que finalmente irei continuar, faz meu coração todo se sentir mais leve. E assim que começou a subir as escadas, o nervosismo inteiro se esvai.

Mordo meu lábio tentando segurar as lágrimas quando abaixo o olhar e encontro os dele, agora na primeira fila, antes mesmo que tenha o trabalho de procurá-lo. O sorriso de Edmund consegue exterminar todo o meu medo de falhar.

Porque sei que, se acontecer, ainda o terei para me ajudar.

Se eu falhar, ele ainda estará comigo.

Ao seu lado, minha família inteira está ocupando os assentos. Aidan segura um pequeno buquê de flores. Verônica sorri, segurando Noah, enquanto Logan tenta fazer Atena ficar parada. Jayden tem uma flor nas mãos e Levi entrega uma caixa de chocolates a Theo antes de me lançar um sorriso. Meu sorriso aumenta quando percebo Analu com a pequena Ariella nos braços e Sum afagar a barriga que daqui a poucos dias se despedirá.

Hazel, por outro lado, está emocionada demais e se escora em Dylan que lhe entrega um lenço, antes mesmo da apresentação começar. Josh ergue os polegares, demonstrando-me apoio.

Então meus olhos recaem no meu melhor amigo. Na pessoa que esteve comigo desde que me mudei para cá.

— *Continue dançando* — murmura.

E faço isso.

Seguro a mão do meu parceiro e começo a dançar.

Cada passo ensaiado, cada vez que meus pés deslizam com maestria, como se nunca tivesse parado, eu me sinto mais forte. Me sinto mais confiante.

E relembro.

Que nasci para esse lugar.

Para ser aplaudida.

Para sempre estar dançando.

Eu lutei por isso em todos os instantes que pude e não pude.

Chorei, sorri e me encontrei nesse lugar. A dança sempre vai ser parte de mim, até mesmo quando eu não acreditar que mereço. Até mesmo quando o mundo me fizer acreditar que não sou forte o suficiente.

Os aplausos implodem em meus ouvidos ao final da apresentação, mas não são eles que fazem meu coração se aquecer. São as lágrimas nos olhos das minhas melhores amigas, das mulheres que lutaram pela sua própria felicidade e me ensinaram a fazer o mesmo com a minha. Que me seguraram quando eu quis desistir, que passaram dias em um hospital comigo e me apoiaram em todas decisões.

É o sorriso orgulhoso dos meus irmãos, que amo incondicionalmente.

São os sorrisos de Ollie, Levi e Dylan, Josh e Andrew.

É a forma com que Jay e Theo disputam quem grita o meu nome mais alto, sendo que aposto que sequer entendem o quanto isso significa para mim.

E são os olhos de Ed. A forma como sua boca se move, me fazendo entender o que diz: *eu falei que conseguiria*, e o modo como não hesita em mostrar para todos o quanto esse momento o deixa orgulhoso.

Eles me aplaudem tão forte que sequer consigo focar em outra coisa.

Eles me mostram que são a minha família. A minha força.

O elo mais forte que Saint Vincent me deu.

Desço do palco com calma, assim que o espetáculo acaba e sinto todo o meu corpo leve. Assim que entro em meu camarim, fito cada um dos meus amigos e vejo Edmund vir até mim, abrindo um longo sorriso.

— Eu disse que conseguiria, wildcat — ele refuta em meu ouvido, beijando minha pele enquanto o abraço com força, sem me envergonhar das lágrimas que deixo cair. — Você foi perfeita.

— Eu consegui, Ed — sussurrou. — Eu voltei a dançar.

Dizer as palavras em voz alta faz todo o meu peito explodir de felicidade.

— Eu sei, amor. — Ele afasta segurando o meu rosto. — Você foi impressionante.

Fecho meus olhos, absorvendo as suas palavras e quando os abro novamente, observo Dylan, Hazel, Summer, Oliver, Josh, Andrew, Analu e Levi parados em volta de mim, sorrindo, como se estivessem ali tempo suficiente. Um pouco atrás, Verônica sorri amplamente para mim e Logan se aproxima, me puxando para um abraço junto a Aidan.

Casa.

Lar.

É isso que eles representam para mim.

— Eu estou tão orgulhoso — Logan murmura.

— Você merece isso demais, Mel — Aidan complementa.

— Eu consegui — digo assim que me afasto deles. — Eu voltei a dançar.

— Você nunca parou, querida — Logan sussurra, sorrindo abertamente.

Eles sorriem e sinto que também estou sorrindo.

Nada mais pode me machucar.

É real.

Eles estão aqui.

E é isso que importa.

— Foi perfeito, Mel — Sum elogia, segurando a minha mão.

— Foi a apresentação mais linda que já vi — Hazel reafirma.

— Estamos muito orgulhosas de você, Melany —  
Analu declara.

— Por quê?

Elas sorriem juntas e Verônica responde, com  
lágrimas nos olhos.

— Por continuar dançando mesmo quando não  
havia música, querida.

# EPÍLOGO II

*E se nós reescrevermos as estrelas?  
Diga que você foi feita pra ser minha  
Nada poderia nos manter separados  
Você será aquela que eu deveria encontrar  
Você que decide, e eu que decido  
Ninguém pode dizer o que nós podemos ser  
Então, por que não reescrevemos as estrelas?*

**Rewrite The Stars | James Arthur feat. Anne-Marie**

*Edmund Blackwell*

— Pode, por favor, parar de agir como se fosse o único pai da face da Terra? — Jayden, indaga, rabugento de forma que lembra a mim na sua idade. — Estou começando a ficar tonto com o tanto que está andando.

— Está realmente começando a estressar todo mundo — Theo resmunga, tão entediado quanto o primo. — Tia Mel e Bea estão bem. Lia está dormindo como a princesa que é.

Olho para os dois adolescentes que se escoram na poltrona do outro lado da sala. Jay mesmo seus doze anos e Theo com quatorze, nunca deixam de acompanhar a família, embora isso signifique reclamar de qualquer coisa.

— Não podem reclamar sobre isso — resmungo, lhe lançando um olhar atravessado, mas que não deve servir de nada devido ao tamanho das minhas olheiras. — Na vez de vocês, irão me entender.

— Passo — Theo responde tão rápido quanto termino de dizer. — Prefiro lidar com minhas pesquisas do que com crianças.

— Não comece a rogar pragas para nós — Jayden diz, ultrajado. — Adoramos nossos irmãos e primos, mas esse é um trabalho muito complicado.

— Você me disse que achou aquela menina bonita — Theo afirma.

— Quem? — questiono, intrigado.

— A herdeira Conway-McLaughlin. — Meus olhos se arregalam pela confissão de Theo. — Ele disse que era a joia mais bonita do mundo.

Jayden dá um longo suspiro.

— Sim, eu disse a mesma coisa para a herdeira Allister e nem por isso significava que eu a queria. — Meu sobrinho se levanta. — Na verdade, digo muito isso para as meninas.

Dylan solta um riso nasalado, provavelmente rindo internamente do filho.

— Não deixe a sua mãe escutar isso, por favor — ele ordena para Jay. — Ela provavelmente dirá que a culpa é minha.

— Voltando ao assunto principal, esse discurso sobre ter filhos era o que metade de nós tínhamos — Oliver diz, tão irônico quanto o meu irmão.

— E veja como está esse andar — Levi completa.

— Cheio de *trabalhos complicados* — Logan debocha.

Jayden e Theo torcem o nariz com a nossa realidade.

Vee, Sum, Analu e Hazel estão na sala com Melany, que, assim como eu, deve estar ansiosa para vermos se Bea está bem depois que a minha esposa ficou quase oito horas em trabalho de parto.

O que significa que em um andar reservado apenas para a nossa família, há sete homens e dois adolescentes

cuidando de tantas crianças, que já perdi a conta. Da próxima vez, com certeza, pagarei para que todas as babás nos acompanhem.

Estas crianças estão *destruindo* um hospital que tem o sobrenome de metade delas, enquanto a Lia dorme tranquilamente no colo de Dy, que está sentado a poucos metros.

Melany deu à luz à nossa segunda filha há pouco mais de duas horas.

E eu estou nervoso, porque ela sentiu mais dores que o normal.

De repente, a porta de acesso aos quartos se abre e as mulheres da nossa família entram na recepção com um sorriso no rosto. Levanto-me, desviando de Noah que encara a sua mãe com um pequeno sorriso. O pirralho, mesmo com quatro anos, sabe como atrair a atenção de todos, ainda mais quando a única coisa que deseja é estar com a sua mãe.

— Ela está bem? — questiono.

— Melhor impossível. — Hazel sorri, colocando as mãos no bolso do jaleco. — Ela está no quarto e está pedindo para vê-lo. Tente não perguntar se ela está bem, de novo, ou será você quem estará internado.

— Não poderei evitar — digo.

— Parabéns, Ed. — Vee dá um passo à frente. — Ela é linda.

Analú diz algo antes de caminhar até Ariella que, tendo quase seus quatro anos também, está com Atena e Summer que me dá um abraço rápido. Viro-me, observando que Lia está acordada e caminho até a minha menina, me abaixando e sorrindo para ela.

— Oi, princesa.

— Oi, papai — chama, coçando os olhos. — Já podemos ver a mamãe e a minha irmãzinha?

Pego-a do colo do meu irmão com cuidado, segurando-a como o bem precioso que é.

Lia Underwood-Blackwell nasceu poucos meses depois do nosso casamento, dois anos atrás. Quando ela abriu os enormes olhos azuis, idênticos aos da mãe, eu soube que meu mundo faria mais sentido.

Ela se apaixonou por ballet antes mesmo de começar a andar, adorou tudo o que mamãe desenhava e é a garotinha mais esperta do mundo. Ela foi a alegria que faltava em nossa vida e agora entendo que terá alguém com quem compartilhar esse mundo louco.

— Sim, querida — confirmo, enquanto ela se aconchega em mim. — Vamos ver a mamãe e a Bea.

— Como ela é, papai? — pergunta, os olhinhos brilhando quando o assunto é a irmã. — Você acha que ela irá gostar de mim?

Por um segundo, encaro as pessoas ao meu redor. No entanto, meus olhos focam em Verônica e Dylan, que me encaram orgulhosos. Minha irmã pega Atena no colo com um sorriso e meneia a cabeça.

Ajeito-a no meu colo, observando a garotinha que tem meu coração, e sorrio.

— Tenho certeza que Beatrice te amará mais que tudo — sussurro, colocando uma mecha do seu cabelo atrás da orelha.

— Mais que você e a mamãe?

— Um dia, querida, vai aprender que o amor de irmãos pode ser maior do que qualquer coisa no mundo. — Meu olhar vai até Dylan. — Você vai entender que quando o mundo quiser te machucar, ela vai ser a pessoa que estará ao seu lado. E quando vocês duas precisarem, a sua família sempre vai estar aqui por vocês.

Verônica funga e Dylan pisca algumas vezes. Minha irmã escora em Dy enquanto tenta lutar contra as lágrimas.

— Meu Deus, Dy, ele está tão crescido — ela resmunga, a voz trêmula.

— Ele cresceu, Vee — meu irmão brinca. — E eu estou orgulhoso de quem se tornou.

Reviro os olhos ao mesmo tempo que Summer se aproxima.

— E você, querida, está gostando de ser a irmã mais velha? — sussurra.

— Sim, agora eu sou como a tia Verônica!

— Deus, não! — Dy a repreende, nos surpreendendo. — Nunca pense em entrar em um carro e dirigir acima da velocidade permitida, ouviu bem, Lia?

— Eu posso fazer isso, mamãe? — Atena questiona, risonha.

— Não! — todos nós dizemos em uníssono.

— Estão me ofendendo — nossa irmã resmunga, saindo de perto de Dylan para se sentar ao lado de Logan. — Não se esqueça que se não fosse por mim, seu pirralho ingrato, você não estaria vivendo esse momento.

— Não se engane, querida, eu teria encontrado Mel de qualquer forma.

— Anote isso na nossa lista, Jay — Theo comanda, atraindo a atenção para ele. — Nunca se apaixonar a ponto de parecer um bobão.

Jayden ri para ele e o Underwood mirim levanta a mão, batendo na dele.

Merдинhas.

— Quem deu a ideia de trazer dois adolescentes idiotas para um momento como esse?

— Meu pai! — Jayden chama pelo meu irmão.

— Lu! — Theo o imita, invocando a irmã.

— Babacas mimados! — resmungo.

— O que significa mimados? — minha filha questiona.

— Algo que você é desde o primeiro dia, pirralha — Jay a responde.

— Não sou uma pirralha — ela resmunga, com um biquinho. — Diz para ele, papai.

— Não a chame assim. — Faço o que a minha bebê pede, semicerrando os olhos na direção de Jayden.

— Adicione isso também — Theo diz baixo para o outro. — Nunca deixar uma menina mandar em você.

— Amaldiçoarei vocês eternamente por terem trazido esses dois para cá — suspiro fundo.

— Tia Mel me adora — Jay se gaba. — Não perderia esse momento por nada.

— E eu sou o favorito dela. — Theo faz o mesmo. — É claro que ela irá querer me ver assim que se cansar da sua cara, nerd.

— E eles são cópias perfeitas de Dylan e Oliver — murmura Levi, encarando os dois com incredulidade.

Logan geme recebendo o olhar de repreensão de Ollie e Dy, antes de acrescentar:

— Isso só pode ser a porra de um pesadelo.

— Palavra feia! — Ariella aponta, encarando o tio com os olhos cerrados. — Cem dólares.

Meu cunhado retira a carteira, pagando a ela.

— Eu te odeio, Levi Johnson, por ensinar isso a sua filha.

— Dê o crédito a mim — Analu afirma. — Eu a ensinei como conseguir extorquir vocês sem precisar de muito.

— Vou tirar minha filha de perto de vocês antes que a contaminem — resmungo.

Me viro com Lia, começando a caminhar em direção ao quarto em que Mel está. Assim que abro a porta, minha mulher lança um largo sorriso para a nossa garotinha.

— Oi, meu amor.

— Ela está falando comigo ou com você? — pergunta baixinho, me fazendo rir.

— Com você, querida — respondo-a, vendo ela abrir um sorriso tão grande quanto o da mãe.

— Oi, *mamãe!* — ela cumprimenta, ficando quietinha quando a coloco na cama, no espaço que Mel abre especialmente para ela. — *Você tá bem?*

— Muito dolorida e feliz, filha — responde.

— Posso te dar *beijinhos* para sarar rápido — confia a nossa filha.

Mel arregala os olhos, fingindo estar surpresa.

— Você tem esse poder?

Um sorriso nasce em meus lábios.

Perfeitas.

As minhas meninas são perfeitas.

— Sim, mamãe — afirma. — Tenho o poder de curar todos os corações do mundo.

— Bem, isso é verdade — a mãe confirma, abraçando-a de lado. — Está pronta para conhecer a nossa menina?

— Sim!

Aproximo-me com Beatrice no colo e um sorriso enorme estampa seu rosto.

Beatrice, de repente, pisca e todo o meu coração parece parar.

As únicas vezes que senti essa mesma emoção foram quando Mel disse sim para mim no altar e quando Lia nasceu. Agora, percebo que sou o homem mais feliz do mundo.

Porque eu as tenho. Completamente.

Bea abre os olhos e uma lágrima desce pelo meu rosto quando lindos âmbares me encaram. Ela é a minha cópia completa, enquanto Lia é a de Melany.

— Diga olá para sua irmãzinha, Lia — sussurro. — A sua amiga. Irmã. Sua metade.

Minha filha se inclina e a ajudo, até que esteja sentada e Mel coloca a irmã no colo dela com cuidado.

— Oi, Beatrice — Lia a cumprimenta, segurando-a com tanto carinho que faz meu peito se comprimir de amor. — Eu sou a sua irmã. Estou ansiosa para ser a sua

dupla, porque você já é a minha pessoa favorita. Eu prometo que vou te proteger assim como o tio Logan protege a mamãe e a tia Verônica protege o papai. Eu vou estar com você sempre, tá bom?

Meu olhar se encontra com o de Mel e a nossa conexão diz mais do que podemos expressar em palavras.

— Meu Deus, o quanto esse dia pode me fazer chorar mais? — ela sussurra para mim e sorrio.

— Nós conseguimos, linda.

— Nós conseguimos, nerd.

É isso.

O mundo é nosso e apenas isso importa.

É aqui que acaba a história da família mais caótica de Saint Vincent.

Que nos despedimos de todos os corações partidos.

Que vencemos todas as guerras.

Que nos desprendemos de todas as máscaras.

É aqui que nossas ruínas desaparecem.

E também é aqui que as nossas mentiras se encerram.

Com a nossa família completa, feliz e pronta para qualquer outro caos que venha a acontecer.

# AGRADECIMENTOS

Todas as vezes que cheguei nesse momento, estava pronta para anunciar um novo livro da série, para dizer o porquê de estar escrevendo sobre eles. No entanto, dessa vez é diferente. Dessa vez, apenas irei agradecer.

Agradecer a tudo o que passei para que Saint Vincent tenha se tornado o que é hoje.

Quando baixei um aplicativo laranja, anos atrás, no intuito de ler uma *fanfic*, nunca imaginaria que a minha vida daria um giro de trezentos e sessenta graus. Nunca imaginaria que o mundo me mostraria que uma pergunta que fiz quando tinha doze anos viria a fazer sentido apenas anos depois.

Eu perguntei a um professor se um dia eu poderia me tornar escritora, já que amava palavras de uma forma que eu não poderia compreender. Ele me disse que sim, que tudo era possível. Que meus sonhos eram possíveis. E que se eu quisesse, deveria correr atrás disso.

Então, pequena Annie, aqui está a sua resposta:  *você poderia, sim, se tornar escritora. Você é uma escritora hoje. Você dá voz a personagens quebrados, caóticos e amados. Criou uma cidade, um universo todo! Você conseguiu e não poderia estar mais orgulhosa.*

Não foi fácil, ok? Nós passamos por longos processos até chegarmos aqui. Nós decepcionamos pessoas e também fomos decepcionadas. Você ainda tem medo do mundo. Você ainda é a mesma garota que queria apenas ser amada depois de um abandono paternal. Mas diferente daquela menina, você é mais forte. Mais resiliente.

E aquele sonho de ser médica? Se transformou no da Hazel. Bailarina? Melany. O de ser psicóloga? Summer. Advogada? Analu. E o de ser entendida e amada? Da

nossa primogênita, Verônica. Cada partezinha nossa se transformou nelas. Nas nossas melhores partes. Nos nossos melhores anseios.

Mas eu vou te contar algo: você se formou. Não foi Medicina, mas você é uma publicitária. Você amou incontáveis vezes, mas aprendeu; quebrou corações também, mas, aprendeu a se amar em primeiro lugar. Você tem uma irmã mais nova e um cachorro que te ama e afilhadas que são seus xodós. Você ainda tem medo de filmes de terror e ama pizza. Ainda chora lendo livros e não consegue ficar parada por muito tempo.

Você ainda continua sendo a melhor parte de todas as que nos compõem.

Tudo valeu a pena, Annie. A nossa vida agora tem muitas cores e você ama cada uma delas. Hoje não somos mais a *naninha*, nós somos a *Annie Belmont* e, acredite, é uma honra ser ela e ter centenas de leitores nos apoiando. Obrigada por ter feito aquela pergunta, obrigada por ter mudado de estado. Obrigada por me deixar contar algumas das nossas histórias.

Agora, preciso falar sobre o que foi a aventura de escrever não só *Lies Of Hearts*. Mas toda a série *Saint Vincent*. Não foi fácil, confesso. Eu chorei dezenas de vezes por achar que não conseguiria. Desisti na mesma proporção e duvidei de mim, deles e do que estava construindo. Eu entrei em vários bloqueios que me frustraram e, no fim, descobri que eles estavam apenas me ensinando a ser forte, assim como se tornaram.

E, novamente, nunca estive sozinha. Para escrever essa série, eu tive pessoas extraordinárias ao meu lado que surtaram, apoiaram e seguraram a minha mão durante todo o trajeto. Por isso, *por elas*, eu estou escrevendo esses agradecimentos agora.

Em primeiro lugar, *eu quero agradecer a Deus*. Ele não me deixou desistir em nenhum momento. Ele me ouviu chorar quando, muita das vezes, tudo ao meu redor

estava ruindo. Ele me ouviu pedir por força. Me ouviu suplicar para entender o que eu realmente estava fazendo e Ele esteve comigo sempre, assim como escutou meus sussurros nas madrugadas cansativas e me abraçou quando precisei.

*À minha mãe*, ao meu mundo, meu braço direito, minha melhor amiga. Acho que nunca conseguirei expressar o quanto ela é importante para mim. Na verdade, eu sinto que sempre digo a mesma coisa, mas ela é a mulher que me inspira. Que me ensina o certo e o errado. Que me criou para ser tão forte quanto ela. Que me pediu para nunca deixar o amor me quebrar. Ela também me disse que carregaria o meu mundo nas costas. E o fez. Incontáveis vezes. Ela é a pessoa que me lembra que sou humana e posso errar, aprender e evoluir. Ela sorri quando digo que estou escrevendo mais uma vez a palavra *FIM*. Ela se orgulha. Me ama e me ajuda. Mãe, é uma dádiva ter você como mãe e melhor amiga. Você é o motivo pelo qual eu ainda continuo dançando e não pretendo parar. Eu te amo, obrigada por ser o meu maior apoio.

*À minha irmã, Maria Júlia*. Maju. Eu não sei como começar a agradecer você por ter me salvado. Por ter chegado quando meu mundo desabou. Você não sabe, mas eu chorei quando você nasceu por achar que não merecia algo tão especial. Você também está crescendo e percebo a cada vez que a minha menina está se preparando para desbravar o mundo. Nunca vou superar que você diz para todas as suas amiguinhas que sua "*mana*" é a sua escritora favorita. Obrigada por ser a inspiração das relações de todos os irmãos de Saint Vincent. *Eu te amo, até a lua, ida e volta.*

*Ao meu cachorro, Luke*. Você nunca vai saber que está aqui, mas nunca poderia deixar de agradecer por algo. Eu vi o Luke por uma janela, quando passava em uma rua. Ele me olhou e parecia que o mundo tinha

finalmente sentido. Eu gosto de dizer que ele foi o meu encontro de almas. Ele é mais que um cachorro para mim. Ele é o meu melhor amigo. Quem está comigo todos os dias e que me acalma quando eu acho que tudo dará errado. Ele me escuta chorar e traz um brinquedo. Ele me irrita às vezes, mas depois vem até mim como se soubesse que não posso viver sem ele. Obrigada por entrar na minha vida, Luke. Tudo ficou mais fácil depois da sua chegada.

À *L. Júpiter*, a minha melhor amiga, o meu meme ambulante, a pessoa que eu nunca imaginei que precisava até que estava ao meu lado. A Júpiter me achava metida e eu não gostava dela. Não sabemos o porquê já que somos como um casamento sem divórcio agora. Você chegou no meio de uma tempestade e... ficou. Você se sentou do meu lado e disse que o mundo poderia ser difícil, mas a gente daria um jeito. A gente passou por muita coisa, mas, no fim, entendo o verdadeiro significado de amizade.

Nós conseguimos, nós finalizamos mais um livro juntas e eu me sinto tão honrada em saber que você é a minha dupla. Que eu posso te gritar a qualquer momento que você vai estar lá por mim. Quando dizemos “não vamos conseguir”, mas jogamos um desafio e no fim fazemos o nosso melhor trabalho. Nossa amizade é assim. E como um vídeo no Tiktok diz: *eu sempre vou te aplaudir tão alto que você nem vai perceber quem não aplaudiu*. É clichê dizer, mas é isso que somos. Então, obrigada por me acalmar quando achei que não daria conta. Por estar lá sempre, por me xingar quando estou errada e por me auxiliar quando acho que não há saída. Obrigada por tantas coisas que quase ninguém imagina. Você é o meu encontro de alma. É a pessoa que poderia me ligar a qualquer momento que eu estaria pronta para ajudar. Você é a minha pessoa. E quero que saiba que você é especial para mim, mesmo que me humilhe vinte e

quatro horas por dia e suporte o meu humor sombrio mesmo quando tudo o que deseja é silêncio. Você é família e mesmo que o mundo desabe, mesmo que se encontre em um labirinto, saiba que estarei aqui. *Eu amo você pra caralho!*

À minha *tia Laisa*, que se tornou uma segunda mãe para mim, me apoiou e sorriu em todas as minhas conquistas. Que segurou a minha mão e me ajudou a correr atrás dos meus sonhos. Que gritou quando recebi meu diploma e topa tudo ao meu lado. *Você é incrível e eu te amo para sempre.*

À minha assessora, revisora e amiga, *Camille Gomes*, que enquanto eu escrevia este livro, lidava com o resto. Que me acalmou quando disse que precisava mudar datas e que sempre me ajuda a suportar o caos que o Anniverso é. Amiga, acho que nunca serei capaz de agradecê-la por tanto. Obrigada por me ajudar, me acalmar e escutar meus áudios que gabaritaram o código penal quando quero surtar e tudo mais. *Você é incrível. Eu te amo e obrigada por tudo!*

À minha assessora e amiga, *Ana Laura Maniá*, por cuidar do meu grupo de leitoras, da minha memória louca e por surtar comigo sempre que eu apronto algo. Amo você, Ana, mesmo que você ameace tomar o Levi da Analu às vezes.

À *Isamara Gomes*, que me ajudou tanto nesse livro que jamais serei capaz de agradecer. Amiga, obrigada por topa uma ideia maluca que tive do nada. obrigada por me ajudar a criá-los de forma responsável e puxou minha orelha sempre que eu dizia que precisava aumentar os capítulos. Obrigada por ter estado ao meu lado, amiga. *Você foi incrível.*

À *Duda Modesto*, um dos maiores presentes que o mundo literário me deu. Que chegou do nada e conquistou meu coração de uma forma inexplicável. Amiga, obrigada por lotar o meu WhatsApp, por me

ajudar e por ser inigualável. Você, sem dúvidas, foi um dos melhores presentes que Saint Vincent me deu. Eu te amo.

Ao meu time de betas; *Ana Laura Maniá, Camilla Carneiro, Duda Modesto, Eduarda S. Francisco, Isabella Martins, Karolyne Gonçalves, Larissa Lago, Maria E. Klazer, Marina Maria, Tatiane Brandão, Thiffany Amarante, Tan Wenjun, Thais Souza e Yasmin Horácio* que foram mais do que uma equipe para mim. Vocês seguraram a minha mão em cada percurso, entenderam quando eu disse que estava entrando em dezenas de bloqueios e me escutaram xingar, chorar e surtar. Vocês se tornaram uma família que agora não me vejo sem. Ao lado de vocês, a jornada de escrever todos os meus livros ficou mais leve. Obrigada por terem tido paciência, terem me ajudado a cada capítulo e por estarem comigo. A ajuda e o apoio de vocês foram essenciais. E amo cada uma de vocês. *Obrigada por serem a minha equipe perfeita!*

À *Larissa*, minha melhor amiga. Às vezes eu me pergunto como podemos ser melhores amigas quando somos o oposto uma da outra. Me questiono como somos um encaixe perfeito. Larissa, nossa amizade acumula mais de vinte anos e nesse percurso, nós passamos tanta coisa que ninguém entenderia. Nossa amizade se tornou irmandade a muito tempo e sou grata por saber que você pode estar a milhas de distância, mas sempre vai me ouvir. Sempre vai me apoiar. *Eu te amo!*

À minha equipe de designer, revisão e leitura crítica. *Ariadne Pinheiro, Karen Valentino, Isa Relmo e Duda Rodrigues* que embarcaram nesse mundinho que é Saint Vincent e me ajudaram em todos os aspectos. Serei eternamente grata por tudo. *Vocês foram extraordinárias.*

À *Iara Braga*, que me mostrou que não sabemos conversar civilizadamente. Na nossa conversa só existe

caixa alta. Obrigada por ser um dos melhores presentes que o mundo literário poderia me dar.

Às *minhas parceiras de lançamento*, que criaram conteúdos incríveis e que fizeram LOH chegar até vocês. Obrigada a cada uma. Vocês foram extraordinárias. *Obrigada por tudo!*

Ao meu grupo de leitoras do *Whatsapp* que, humildemente, me apelidaram de “*a pessoa mais cancelada*”. Que deixam claro que me amam e me odeiam ao mesmo tempo. Que não perdem uma oportunidade de me humilhar e criar figurinhas com as minhas fotos. Mas também que se uniram para esse lançamento e se tornaram um *found family* que sempre sonhei. Obrigada. Obrigada por me lembrarem o motivo pelo qual eu amo escrever e o porquê me tornei escritora.

Por último, e não menos importante, *a vocês, leitores*, que me acompanharam até aqui. Que são o motivo pelo qual ainda continuo dançando. O apoio que me dão me incentiva a continuar a criar novas histórias, mesmo quando tudo o que desejo é correr no sentido contrário.

Saint Vincent e todas as histórias presentes nela só existem devido a vocês!

Não é o fim, ok? É apenas o começo de uma nova etapa.

Com amor,  
*Annie Belmont.*

[NOTAS DA AUTORA](#)  
[AVISO DE GATILHOS](#)  
[PLAYLIST](#)  
[PRÓLOGO](#)  
[PREFÁCIO | O CASAMENTO](#)  
[01 | TRÊS ANOS](#)  
[02 | FELIZ VINTE E DOIS ANOS](#)  
[03 | MENTIRAS CONTADAS](#)  
[04 | DE VOLTA A NOVA IORQUE](#)  
[05 | NOVO COLEGA DE QUARTO](#)  
[06 | EU AINDA QUEBRARIA TODAS AS REGRAS](#)  
[07 | REGRAS DE CONVIVÊNCIA](#)  
[08 | INATINGÍVEL](#)  
[09 | VOCÊ NÃO É CONFIÁVEL](#)  
[10 | PROMESSA](#)  
[11 | ATO I - PASSADO](#)  
[12 | INCOMPARÁVEL](#)  
[13 | ALMAS GÊMEAS](#)  
[14 | QUALQUER COISA](#)  
[15 | ERRO COLOSSAL](#)  
[16 | NÃO POSSO PROMETER NADA](#)  
[17 | ATO II - PASSADO](#)  
[18 | CONVITE INESPERADO](#)  
[19 | MINHA RUÍNA](#)  
[20 | INIMIGOS COM BENEFÍCIOS](#)  
[21 | SAINT VINCENT - PARTE I](#)  
[22 | SAINT VINCENT - PARTE II](#)  
[23 | IGUALARIA A VOCÊ](#)  
[24 | SÓ DESSA VEZ](#)  
[25 | MEU MAIOR TRIUNFO](#)  
[26 | VOCÊ ME VÊ ASSIM?](#)  
[27 | ALGUMAS DORES SÃO INCURÁVEIS](#)  
[28 | QUATRO DIAS](#)  
[29 | ME CONTE ALGO](#)  
[30 | CORPO. ALMA. CORAÇÃO.](#)  
[31 | POR TER ME ESCOLHIDO](#)  
[32 | MINHA BAILARINA](#)  
[33 | O ÚLTIMO ATO](#)  
[34 | PROMETE](#)

[35 | VENENO](#)

[36 | MEDO](#)

[37 | SINTO MUITO](#)

[38 | ATÉ O FIM](#)

[39 | O AMOR NÃO É DOR](#)

[40 | CADA BATIDA](#)

[41 | UM NOVO JOGO](#)

[42 | BAILE ANUAL](#)

[EPÍLOGO I](#)

[EPÍLOGO II](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

---

[1] Lista emitida pela revista Forbes que destaca jovens inovadores, empreendedores e líderes em várias áreas, como tecnologia, finanças, arte e esportes, todos com menos de 30 anos de idade.

[2] A NFL, sigla para National Football League em inglês, é a liga norte-americana de futebol americano. É a principal liga da modalidade no mundo e reúne 32 equipes divididas igualmente em duas conferências, a Nacional e a Americana.

[3] People é uma das maiores revistas estadunidenses de celebridades.

[4] TMZ é um site e programa de televisão americano que trata de celebridades e entretenimento.

[5] Cartão de crédito.

[6] Chief Operating Officer - Diretor de Operações.

[7] O Aeroporto Internacional John F. Kennedy (JFK) é um dos aeroportos mais movimentados do mundo, localizado no distrito de Queens, na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos.

[8] Protagonistas da comédia romântica "A Proposta" que estreou em 2009.

[9] O role play, ou encenação sexual, é uma espécie de jogo em que os envolvidos colocam em prática comportamentos de desejo, fantasias e até mesmo um artifício para criar formas de excitação.

[10] Piotr Ilitch Tchaikovski foi um compositor russo do período romântico, cujas obras estão entre as mais populares do repertório clássico.

[11] O arabesque é um movimento do ballet clássico que tem origem nos arabescos (árabe). Neste movimento, o bailarino cria uma linha alongada o

máximo possível desde os dedos dos pés até os dedos da mão enquanto fica apoiado em uma das pernas, mantendo a esticada na vertical ou em plié.

[12] Odette é uma das personagens principais no balé "O Lago dos Cisnes", composto por Piotr Ilitch Tchaikovsky. Ela é uma princesa transformada em um cisne pelo malvado feiticeiro Von Rothbart. Odette só pode reassumir sua forma humana durante a noite.

[13] "Uma Linda Mulher" (1990), dirigido por Garry Marshall, é uma comédia romântica estrelada por Richard Gere e Julia Roberts. O filme narra o relacionamento entre um empresário rico e uma prostituta, destacando-se pela química entre os protagonistas e pelo sucesso comercial que impulsionou a carreira de Roberts.

[14] Jeroen van Aeken, cujo pseudónimo é Hieronymus Bosch, e também conhecido como Jeroen Bosch Hertogenbosch, foi um pintor e gravador holandês dos séculos XV e XVI. Muitos dos seus trabalhos retratam cenas de pecado e tentação, recorrendo à utilização de figuras simbólicas complexas, originais, imaginativas e caricaturais, muitas das quais eram obscuras mesmo no seu tempo.